

Sempre te Encontrarei

Megan Maxwell

Série - As Guerreiras Maxwell - 03

Lorde Kieran O'Hara e seus guerreiros são atacados por vilões enquanto pernoitam no bosque próximo ao castelo do Caerlaveroch, mas um misterioso bando de encapuzados liderados por uma mulher, a que os aldeãos chamam "Fada", consegue salva-los.

Angela é a menor das filhas do lorde Kubrat Ferguson. Todo mundo acredita que é uma moça débil, temerosa de cavalos e que treme diante da espada. Quando Kieran a conhece, a atitude tímida da jovem, sua estupidez e seu sentido do pudor diante seu cavalheirismo e bravura chamam sua atenção, sem saber que aquela é a encapuzada a que anda buscando.

Juntos conseguirão desmascarar ao ambicioso cunhado de Angela, Cedric Steward, quem tramou um plano terrível que mudará para sempre o futuro dos habitantes do castelo do Caerlaveroch.

Uma história vibrante, com personagens que lhe apaixonarão e lhe farão sorrir enquanto desfruta de suas aventuras pelas Highlands escocesas.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Traduzido e Revisado Espanhol

Envio do arquivo: *Δίκη*

Revisão Inicial: *Faby*

Revisão Final e formatação: *Cleusa*

Imagem*: Elica*

Talionis

Ser uma Guerreira Maxwell é não deixar-se vencer
pelas adversidades. É saber levantar-se e lutar
pelo que se quer, mesmo tendo perdido alguma batalha.
Guerreiras são as melhores.

MEGAN

Comentário Faby: Dizer que é um enorme prazer poder trabalhar um texto de Megan Maxwell é pura redundância. Está certo que muitos vão alegar o quão previsível ela é, contudo, a sensibilidade da autora é o seu ponto forte. Assim como eu, você leitor, também irá apaixonar-se por mais essa guerreira: Angela. Ela é mimosa, chorona, queixosa, muito torpe, delicada, assombrosa, valorosa, descarada, apaixonada, forte, teimosa e guerreira. Defender aos seus é seu lema: ninguém toca o que é dela, e a família é o ponto principal de toda a sua vida. Nesta história, a autora nos mostra até onde chegamos por nossa família. Por amor aos nossos, superamos tudo, até a mais infinita dor, por mais infinita que lhe pareça. Desfrute.

Comentário Cleusa: Este é meu primeiro contato com Megan Maxwell. Mas adorei o livro, tanto que vou ler os livros anteriores desse série. É uma história muito triste. E em várias passagem lágrimas escorreram por minha face. Em vários momento me deu vontade de esmurrar Kieran. Um homem bruto, sem tato com a esposa. Angela é tudo que a Faby disse, e eu acrescentaria paciente. Porque tem que ter muita paciência e amor para suporta um homem com Kieran

Prólogo

Castelo do Caerlaverock, 1312.

No castelo do Caerlaverock, próximo ao condado do Dumfries, seus habitantes tristes e desolados choram a terrível desgraça que atingiu o clã Ferguson. No dia anterior, em uma das covas do bosque apareceram os corpos sem vida dos filhos do lorde Kubrat Ferguson, Felipe e Kendrick, de treze e quatorze anos respectivamente, e os de sua amada e doce esposa Julia com a pequena Jane.

Saíram a dar um passeio pelo bonito bosque no dia do aniversário de Angela, outra das filhas, mas pouco depois foram atacados, o que encheu de desolação a todos os habitantes do castelo. A única que se salvou desse cruel ataque foi precisamente a pequena Angela.

No momento em que ocorreu o ataque, a esperta menina tinha saída para procurar ervas medicinais que sua mãe lhe pediu, para curar a tosse de seu pai. Quando retornou, ao não encontrar a sua família aonde os deixou, buscou-os até dar com eles.

Sem entender o que tinha ocorrido, correu para sua mãe, que, tendida no chão, movia-se estranhamente, e, ajoelhando-se a seu lado com os olhos alagados em lágrimas, a pequena Angela chamou:

— Mamãe... Mamãe...

Ao ouvi-la, a mulher tossiu e uma baforada de sangue saiu de entre seus lábios.

— Tem que ser forte, meu amor... — sussurrou, agarrando a sua filha.

— Mamãe... Levante...

— Tem que ser valente, Angela. — insistiu ela — Cuida de seu pai e suas irmãs e, quando for uma mulher crescida, te apaixone e me prometa que desfrutará do amor.

— Mamãe... Mamãe, vamos, te levante — gemeu a menina entre lágrimas.

Julia, sua mãe, estremeceu-se e, com um fio de voz, disse:

— Mamãe ama a todos vocês. Procura papai e lhe diga que o espero.

E, sem mais, fechou os olhos e deixou de respirar. Angela, sem saber o que fazer, permaneceu vários minutos abraçada a ela. Chamou-a, sacudiu-a a espera que lhe dissesse algo mais, mas sua mãe nunca mais falou.

Sem parar de chorar, aproximou-se de seus irmãos. Sacudiu-os também, mas eles tampouco reagiram. Ao final, horrorizada e com as mãos cheias do sangue dos seus, correu ao

castelo em busca de ajuda.

Essa noite, depois de recuperar os cadáveres, falou-se de um ataque selvagem dos lobos. Mas quem viu aqueles corpos e os cortes que tinham, compreenderam que aquilo só podia ter sido feito por espadas de malfeitores e vilões.

Com gesto sombrio, lorde Kubrat Ferguson escutava o canto fúnebre do padre Godo por sua família, enquanto suas outras filhas, Davinia, de quinze anos, Mai, de doze, e a pequena Angela, de dez, choravam desconsoladas. Não podiam acreditar no que ocorreu. Sua encantadora mãe e seus irmãos já não voltariam com elas nunca mais.

Enquanto o padre Godo continuava com a oração, o lorde olhou as suas filhas, aquelas três damas às que amava com todo seu coração, e apertou os dentes para não chorar. Ele não podia, não devia fazê-lo, tinha que demonstrar integridade.

Voltou a olhar a suas filhas e reprimiu as lágrimas. Nunca esqueceria o gesto de terror e incredulidade da pequena Angela ao chegar ao castelo. Ela viu o que nenhum menino deveria ver nunca: a morte mais impactante. Afundado em seu tormento, voltou a fixar a vista nos tartán que cobriam os corpos sem vida de sua mulher e seus filhos. Pensar em Julia, no seu sorriso, sua valentia e sua doçura, lhe rompeu o coração, e de repente recordou a promessa que o fazia cada vez que nascia um de seus filhos. Uma promessa que sabia que no futuro poderia lhe trazer problemas, mas que ia respeitar, embora fora quão último fizesse por sua esposa.

Angela, ainda emocionada pelo ocorrido, olhou a seu pai e, ficando nas pontas dos pés, aproximou a boca a seu ouvido e, surpreendendo-o, sussurrou a meia voz:

— Mamãe disse que tinha que ser valente e cuidar de ti e de minhas irmãs.

Ao ouvir isso, o lorde esboçou um triste sorriso e, levantando-a do chão, abraçou-a e disse:

— Não se preocupe minha menina. Papai lhes cuidará.

Três dias mais tarde, o clã apanhou uns dos vilões com os pertences dos falecidos. Lorde Kubrat Ferguson os matou um a um sem piedade, olhando-os aos olhos e amaldiçoando suas almas para toda a eternidade, enquanto murmurava:

— Morte por morte.

Essa noite, depois de vingar a sua família com toda a raiva do mundo, deu-lhes um beijo de boa noite a suas três queridas filhas e, quando chegou a seus aposentos, deu rédea solta a sua angústia, sua amargura e sua dor. Desesperado como nunca em sua vida, chorou aos pés de seu leito conjugal vazio, enquanto repetia uma e outra vez:

— Meu céu não pode viver sem ti. Meu céu me espere...

Não era consciente de que a pequena Angela o observava como um rato assustado por

detrás da porta entreaberta, murmurando:

— Não chore papai. Eu serei valente e lhes cuidarei.

A partir desse dia, a vida de todos os moradores do castelo do Caerlaverock e arredores mudaram. Nada voltou a ser como antes, porque lorde Ferguson nunca deixou de sofrer por amor.

Capítulo 1

Escócia, condado do Dumfries, 1325.

Lorde Kieran O'Hara retornava, esgotado, junto a seu exército de highlanders e sua amada mãe, depois de cavalgar durante dias até a abadia do Dundrennan desde seu lar, o castelo do Kildrummy. Levava meses procurando a seu irmão James, apelidado James O'Hara o Mau por suas maldades, e lhe haviam chegado notícias de que podia estar naquela abadia, ferido gravemente.

Mas a viagem não deu fruto. O moribundo que lá estava não era James e, o carrancudo, Kieran decidiu retornar ao Kildrummy, perto do Aberdeen.

— O que pensa? — perguntou-lhe o jovem Zac.

— No James — respondeu Kieran, observando a sua mãe.

Seu irmão James levava quase de dois anos sem dar sinais de vida e isso angustiava a Edwina, a mãe dos O'Hara. Desolado, Kieran não podia esquecer as tristes palavras da mulher ao abandonar a abadia do Dundrennan:

— Não sinto ao James, Kieran. Estranhamente, já não o sinto.

O'Hara, com o coração encolhido, olhou de novo a sua mãe e disse ao Zac:

— O dia que encontrar ao James, eu mesmo o matarei pelo sofrimento que está causando a minha pobre mãe.

O jovem suspirou. Não guardava muito boa lembrança do James O'Hara. Tinha-o conhecido vagamente quando era pequeno e sua irmã Megan, junto com o Kieran, teve que conseguir para solucionar um problema com ele, antes que se tornasse algo irreparável.

— Entendo-te, Kieran. Mas se fizer isso, sua mãe...

— Minha mãe... — cortou-o ele, esboçando um frio sorriso —. Ela é a única que guarda uma bonita lembrança dele.

— Eu também — interveio Louis, que cavalgava ao seu lado —. Ainda recordo o dia em

que um cavalo lhe deu um coice na entreperna e uivou de dor. Nunca ri tanto em minha vida.

Kieran soltou uma amarga gargalhada.

— O idiota de meu irmão deveria recordar que tem uma mãe que sofre por ele. — disse — Sua ausência a angustia mais, a cada dia que passa, e eu já não sei o que fazer para que sorria.

—Te case — sugeriu Zac.

Louis soltou uma gargalhada. Kieran e ele eram bons amigos e estavam acostumados a ir frequentemente vagabundear com as empregadas. Com um sorriso divertido, Zac continuou:

— Conforme pude ver com meus próprios olhos, quando estive em Kildrummy, a bonita lady Susan Sinclair bebe os ventos por ti, e a sua mãe não parece lhe desagradar.

— Bom... isso não é quão eu mesmo penso — Riu Louis.

Zac, sem escutar o que havia dito, acrescentou:

— Só tem que ver as vezes que essa jovem e sua mãe estão convidadas em sua casa, para passar longos fins de semana, para intuir que entre vós há algo mais.

Sem apartar a vista de sua mãe, que ia a um vagão olhando à frente, Kieran sorriu e expôs:

— Minha mãe e a sua são amigas, e Susan é uma boa moça, além de toda uma beleza, não acham?

Louis assentiu; entretanto, Zac respondeu:

— É uma beleza, mas há algo nela de que não gosto.

Esse comentário chamou a atenção de Kieran, que, uma vez que o olhava, perguntou:

— Por que diz isso?

— Segundo minha irmã Megan, Susan é simples e aborrecida — respondeu Zac.

— Megan! Como não? — protestou Kieran com carinho, ao pensar naquela mulher a quem tinha tanto apreço.

Louis soltou uma gargalhada.

— Estou de acordo com a irmã de Zac — disse.

— Esquecem de que eu gosto de todas as mulheres! — replicou Kieran divertido.

— E se tiverem grandes peitos, gosta mais! — mofou-se Louis.

Kieran sorriu. Susan era uma beleza que chamava a atenção aonde for, mas nunca se mostrava em desacordo com ele em nada. Era muito dócil e conformista.

Louis olhou ao jovem Zac Phillips e disse:

— Faz uns meses, Kieran esteve a ponto de pedir a Susan em matrimônio.

— Fá-lo-ia por minha mãe — grunhiu Kieran.

— A sério lhe foste pedir matrimônio?

Ele não respondeu, mas Louis o fez em seu lugar.

— Se não fosse pela noite anterior, que bebemos até quase cair mortos, acredito que este parvo agora estaria casado com ela.

Irritado pelo jeito como aqueles dois falavam de sua vida, Kieran os olhou carrancudo. Casar-se não era prioritário para ele, mas sua mãe queria vê-lo com uma esposa e sabia que cedo ou tarde teria que expor-lhe. Mas desejoso de abandonar já o assunto, vaiou:

— Querem deixar de falar de minha vida como se eu não estivesse aqui? Parecem dois alcoviteiros. Além disso, só falta que minha mãe lhes ouça, para que volte a insistir com o tema.

— É certo o que há dito Louis? — perguntou Zac divertido.

Kieran O'Hara assentiu e, consciente de que sua mãe não o podia ouvir, explicou:

— Essa noite bebemos até cair derrotados. E embora nunca quisesse pensá-lo muito, acredito que chegou o momento de que procure uma mulher para o Kildrummy, e que uns meninos corram por meu lar. Além disso, minha mãe envelhece, e já que o idiota de meu irmão só a faz chorar, ao menos eu quero vê-la sorrir. Possivelmente quando retornar desta viagem...

— Susan não é a mulher que você necessita, e lady Edwina também, sabe — protestou Louis.

Kieran sorriu e olhou a sua mãe. Para ela, não havia nenhuma que a agradasse para ele.

— Recorda, Louis, que serei eu quem carrega com minha esposa, não minha mãe.

Seu amigo se encolheu de ombros, mas Zac perguntou:

— E estaria disposto a perder sua liberdade por uma mulher a que não ama?

Kieran riu, cruzando um olhar com o Louis.

— Que me despose com a Susan não mudará minha vida. Eu não caio na magia do amor e das palavras melosas, como Duncan, Lolach ou Niall. Segundo eles, encontraram à mulher que os complementa, mas se eu me casar, não será pelos mesmos motivos. Digamos que minhas bodas serão algo prático, que me permitirá continuar com minha vida fora de meu lar, como sempre.

— Seria capaz de te casar sem amor?

Louis e Kieran se olharam um momento antes de responder e, finalmente, este último disse:

— Sem lugar a dúvidas.

— Seguro? — insistiu Zac.

— Muito seguro — afirmaram ao uníssono os dois amigos, soltando uma gargalhada.

Susan Sinclair era uma das belezas das Highlands. Vivia em uma estupenda mansão no Aberdeen, com seus pais. Era uma delicada e sensual mulher de cabelo claro como o sol e olhos da

cor do mar, e embora muitos a cortejassem, Kieran tinha claro que só o aceitaria a ele. Possivelmente tinha chegado o momento de lançar-se.

— Bom... tal como o expõe, Susan será uma boa companhia para sua mãe — concluiu Zac.

— Não acredito — repôs Louis, que conhecia bem a Edwina.

Sem lhe fazer caso, o jovem prosseguiu:

— Elas poderão costurar, cozinhar, cuidar das flores. Embora, bom, sei por minha irmã que...

— Outra vez Megan? — Riu Kieran, pensando naquela beleza de olhos escuros. — Vejamos o que te há dito agora essa maldita bruxa morena.

— Segundo ela, necessita uma mulher que te baixe o ego e que saiba te dizer não a muitas coisas. Ela acredita que só isso te fará feliz.

— Sua irmã é um autêntico demônio — respondeu ele divertido.

— Também diz que as mulheres lhe põem isso muito fácil, quando lhes sorri, e que só alimentam sua vaidade. Que lhe esquentam a cama, mas não o coração.

— Dizer que é um demônio é muito pouco — exclamou Kieran, rindo de novo.

— Por que escolher uma quando há tantas dispostas a nos agradar? — perguntou Louis, sorrindo.

— Sim, segundo Duncan — prosseguiu Zac — paixão e mulheres não lhes faltam e são felizes com o que elas lhes dão.

— Duncan sim que nos conhece, e sabe do que precisamos — assentiu Kieran divertido, olhando a um risonho Louis.

Ao anoitecer chegaram aos arredores do Dumfries. Ali, lorde O'Hara procurou uma estalagem decente para que sua mãe Edwina e a dama de companhia, Aila, passassem a noite. Dormir ao relento, não era o que mais gostavam nenhuma das duas.

Assim que Kieran as deixou no lugar, junto a vários highlanders para que as protegessem, partiu com seus guerreiros a um bordel próximo para refrescar a garganta.

De madrugada, cansados e um pouco bêbados, alguns O'Hara decidiram entrar no denso bosque de carvalhos para dormir um momento, apesar da chuva e desobedecendo as advertências do hospedeiro, que lhes disse que esse bosque estava encantado.

Dentro do mesmo encontraram umas covas, procuraram lenha seca e fizeram um bom fogo. Depois desenrolaram suas ásperas mantas e tartán e, depois de deixar ao Arthur como sentinela, o resto se arrumou no chão, e se dispuseram a dormir.

Mas o que esperavam que fosse um breve descanso, logo se converteu em uma loucura.

Estavam-nos atacando!

Alertado pelos gritos, Kieran se levantou e saiu da cova com os homens que estavam com ele. A chuva lhe deu na cara e se sentiu enjoado. Com a vista imprecisa, pôde ver como Zac e Louis se levantavam com estupidez.

Instantes depois viu cair ao Louis e, depois dele, ao Zac. Quando Kieran ia ajudá-los, um forte golpe na cabeça o derrubou.

O sangue que lhe corria pela face, a chuva, o enjoo e a comoção do golpe lhe impedia de mover-se.

Impotente, começou a amaldiçoar e a jurar que mataria a quão bastardos os tinham atacado. Ele, um highlander curtido em centenas de batalhas, gravemente ferido em várias ocasiões e temido por muitos exércitos, sentia-se um autêntico inútil e uma presa fácil em seu estado.

Finalmente conseguiu sentar-se, mas uma patada no peito o voltou a tombar no chão. Enquanto um pé o pisava com força e sentia a ponta de uma arma no queixo, ouviu que lhe diziam:

— Serei rápido em lhes matar, em troca, ficarei com seus cavalos.

A cada instante mais zangado, Kieran bramou, ainda sem ver com claridade:

— Retornarei de minha tumba para te matar!

O outro homem gargalhou, enquanto apertava ainda com mais força o pé contra seu peito. Sem dar-se por vencido, Kieran olhou a seu redor em busca de sua espada, mas antes que a pudesse alcançar, um assobio fez que o vilão olhasse para sua direita, justo antes de desabar-se.

Por sorte, Kieran foi rápido e inclinou o corpo. Se não o tivesse feito, aquele indesejável lhe teria enfiado a espada na garganta em sua queda.

Com rapidez, pôde agarrar por fim sua arma, mas, ao levantar-se, deu um tropeção que o fez cair de novo para trás.

Maldição!

A cada instante se encontrava pior. Tentou levantar-se de novo, mas foi impossível. Precisava limpar-se e ir ver como estavam seus homens, em especial Zac. Se ocorresse algo ao menino, sua amiga Megan o mataria por não havê-lo protegido.

De repente, seu olhar impreciso enfocou a vários encapuzados que, com uma destreza assombrosa, reduziam os malfeitores. Viu-os atacar, saltar de árvore em árvore e dizimaram aos bandidos com uma agilidade e uma destreza que o impressionaram. Quem seriam?

Depois de um caos tremendo, minutos após a calma chegou ao bosque. Os olhos lhe nublavam e era incapaz de enfocar a vista com claridade. O que lhe ocorria? A seu redor tudo estava impreciso, confuso, mas pôde espionar quando os encapuzados se aproximavam dele.

Rapidamente, levantou o aço, mas um golpe certeiro na mão lhe tirou a espada.

— O que querem? — bramou.

Vários deles se agacharam e uma doce voz respondeu:

— Te tranquilize, viemos lhes ajudar.

Enjoado e sem poder fixar a vista em nada nem em ninguém, Kieran se precaveu de que vários dos desconhecidos se moviam a seu redor. Falavam muito baixo para que não pudesse ouvir o que diziam e, quando pôde, perguntou:

— Quem são?

— Isso não importa agora — respondeu um homem.

Então, outra voz tão doce como a primeira que lhe tinha falado, disse:

— Tragam-me a saca. Este homem está ferido.

"Ferido?" Quem estava ferido? pensou Kieran.

Entre os murmúrios, distinguiu várias vozes de mulher. Tinha vontade de vomitar. Não sabia o que lhe ocorria, até que uma voz aguda e forte disse:

— Este é lorde Kieran O'Hara e seus homens.

Ao ouvir seu nome, Kieran se moveu e disse:

— Você me conhece?

Ninguém respondeu a sua pergunta, mas uma das mulheres propôs:

— Bebam isto. Fará que o veneno desapareça de seu corpo.

— Veneno?

Uma doce risada soou perto de seu ouvido.

— Eles jogaram veneno nas bebidas para lhes atordoar, lhes roubar e lhes matar. Por sorte de vós, um de meus homens estava também no bordel e se precaveu do que ocorria. Mas, fique tranquilo, com a beberagem que lhes estamos dando, todos sararão rapidamente.

Kieran bramou. Mataria a quem tinha feito aquilo. Com certa dificuldade, alargou a mão e, depois de agarrar com força o braço da mulher que lhe tinha falado, perguntou:

— É uma mulher, verdade?

Ela sorriu, ainda com o capuz posto, e, conhecedora dos efeitos daquele veneno e de que ele a via imprecisa, limpou-lhe o sangue da cara e respondeu:

— Acaso importa isso?

Desesperado ao sentir-se tão diminuído, Kieran sussurrou:

— Me diga como te chama.

A mulher o olhou. O ferido era um homem loiro de olhos claros, corpulento e de aparência

agradável. Sem dúvida alguma, um habitante das temidas Highlands, e, lhe curando a ferida que tinha na frente, respondeu:

— Só deveria te importar que lhe salvamos a vida e também a de seus homens, e agora, se estiver quieto, terminarei com este feio golpe que tem na cabeça.

— Como te chama? — insistiu ele.

— Psiuuu... Nenhuma palavra mais ou me zangarei.

Os encapuzados se olharam entre si e sorriram.

Enquanto um grupo levava os corpos dos assaltantes para fazê-los desaparecer, as mulheres atendiam aos feridos e a que cuidava do Kieran cantarolava:

No bosque encantado

eu te encontrei

ferido e assustado

por...

— Não estou assustado — protestou ele.

De novo aquela formosa risada encheu seus ouvidos.

— Isso diz a canção, não digo eu.

— Não estou assustado, estou furioso! — resmungou.

— Bom — sorriu a jovem. — Visto que sua vaidade é muita, até em um momento assim, cantarei outra que diz:

Das Highlands chegaste

valoroso e zangado

mas você não me dá medo

embora seja um homem feroz.

Kieran sorriu sem forças para ouvi-la, mas disse:

— Pois deveria me temer, e mais com a zanga que estou.

Sem o menor sinal de medo, ela aproximou sua boca ao ouvido dele e sussurrou:

— Eu não temo a nada nem a ninguém.

— E à morte?

— Menos ainda.

Apesar de ferido como se encontrava, Kieran teve vontades de sorrir pela loucura e determinação daquela mulher. Sem dúvida, além de mãos suaves, era valorosa e tinha uma bonita voz.

Nesse instante, ela olhou a jovem que, a seu lado, estava atendendo a outro dos

highlanders e lhe perguntou surpreendida:

— O que está fazendo?

Depois de soltar uma quase inaudível risada, a outra encapuzada se tocou os lábios, pôs ao Zac uma flor de cor laranja sobre a orelha e murmurou:

— Oh... Beije-o, mas ninguém saberá. Não pude resistir.

— Amanhece. Devemos partir — disse a voz de um homem com firmeza.

— Me dê uns instantes e em seguida termino — respondeu a que atendia ao Kieran.

Quando acabou, se afastou, mas Kieran, ao notar que o abandonava, agarrou-a pela mão e puxou-a fazendo-a retroceder.

— Me diga quem é — insistiu, antes de quase desmaiar.

— Sua salvadora — sussurrou ela, olhando-o aos olhos.

Sem soltá-la, ele murmurou a meia voz:

— Joga com vantagem. Diga-me quem é, eu... eu... Quando estiver melhor te bus... Procurarei e poderei dar... Dar-te as grac...

Não pôde acabar a frase.

A jovem sorriu tranquila, sabia que estava bem, apesar de estar desacordado. Tocou-lhe com delicadeza o loiro cabelo e, embora adorasse voltar a ver aquele homem, e deixar-se cortejar por ele, não podia revelar sua verdadeira identidade. Entretanto, antes de partir, quando viu que sua gente se afastava, aproximou seus lábios aos seus e o beijou com delicadeza, murmurando perto de sua boca.

Do bosque encantado,
uma fada te salvou,
e em um momento inesperado
um beijo te roubou.

Capítulo 2

Quando Kieran despertou, não sabia quanto tempo havia passado. Abriu os olhos e o primeiro que viu foi o rosto angustiado da dama de companhia de sua mãe.

— Já volta a si, minha senhora, volta a si!

Atordoado, moveu-se para ela, mas nesse momento, ouviu sua mãe gritar:

— Filho, que susto! Mas o que ocorreu?

Ainda enjoado, viu que o bosque escuro e chuvoso da noite anterior agora era um bosque cheio de luz e de alegres cantos de pássaros.

Sentia-se como se lhe tivessem picando mil espadas na cabeça.

— Como não vinham à estalagem — explicou sua mãe, — ordenei a nossos homens que saíssem para lhes buscar e oh, Deus... Que susto nós levamos! O que ocorreu, filho? — perguntou de novo.

Sem poder responder a aquilo, porque ele mesmo não sabia, disse:

— Tranquilize mãe, estou bem.

Com gesto pesaroso e preocupado, ela se aproximou e, lhe acariciando o cabelo, replicou:

— Bem? Bem? Como pode dizer isso com o olhar que tem? Oh, tem uma ferida na testa e sangue no pescoço.

— Mamãe...

— Quem te curou? Quem lhes atacou? Pelo amor de Deus, você e seu irmão vão matar-me de desgostos.

Zangado por como se encontrava e pelas contínuas perguntas e recriminações de sua mãe, foi protestar, quando ela, trocando de tom, murmurou:

— Meu *tesouro*..., temo que te aconteça algo.

Kieran se levantou como pôde e, aproximando-se dela, cochichou em seu ouvido:

— Mãe, pedi-te milhares de vezes que não me chame “tesouro” diante de meus homens.

— Por que?

— Pelo amor de Deus. Sou lorde O’Hara. O que vão pensar?

— Já sabe que, o que pensam outros, nunca me importou. — Kieran assentiu, sem dúvida era certo, e a mulher acrescentou: — Por muito lorde O’Hara que seja, eu sou sua mãe e você é meu tesouro, e ninguém vai impedir que lhe chame assim quando eu queira, entendido?

— Mãe...

— Me diga tesouro?

Ele pôs os olhos em branco e decidiu desistir. Às vezes era impossível raciocinar com ela.

Ao ver o gesto de seu filho, Edwina sorriu. Kieran era um amor. Era carinhoso, atento, detalhista, mas quando se zangava ou teimava em algo, era impossível raciocinar com ele.

Pouco depois, quando ele conseguiu convencê-la para que, junto com sua dama de companhia, esperasse no vagão, aproximou-se de seus homens um pouco mais recuperado.

— Está bem, Kieran? — perguntou-lhe Louis.

Ele assentiu e viu que o aspecto de seu amigo não era muito melhor que o dele.

— Por são Drustan, que dor de cabeça! — exclamou Zac nesse momento.

O jovem tocava a cabeça, apoiado em uma árvore.

Com a boca pastosa, Kieran agarrou o odre de água que lhe oferecia um de seus guerreiros e bebeu. Estava sedento. Em sua mente só havia um único pensamento: deviam procurar a quão ousados os tinham atacado, mas também a quem os tinha salvado.

Lorde Kieran O'Hara era considerado um highlander de bom aspecto, que poucas vezes se zangava. Tinha um caráter afável, conciliador com sua gente e sedutor com as mulheres. Mas nesse instante não era nada disso. Um clima sombrio se apoderou dele e só queria dar com seus atacantes e lhes fazer pagar o ocorrido.

Ainda aturdido, virou-se para devolver o odre ao guerreiro, perguntou:

— Estão todos bem?

Todos assentiram com um murmúrio, mas quando Zac perguntou o que havia passado, Kieran não pôde lhe dar uma resposta.

— Ainda não sei... mas encontrarei, matarei, degolarei e esquartejarei aos infames que ousaram nos fazer isto — resmungou.

— Kieran, pelo amor de Deus! — gritou sua mãe horrorizada, ao ouvi-lo.

— Mamãe, volta para carro.

— Preciso estirar as pernas, filho — respondeu ela rapidamente.

Ao ver que se afastava, Kieran, ofuscado, vaiou:

— Maldita seja. Malditos vilões.

O jovem Zac suspirou e Louis meneou a cabeça. Ver seu lorde nesse estado não era algo que gostassem.

— Meu senhor — interveio então um dos highlanders — acredito que deveríamos retornar a nossas terras e...

— Eu opino como Gindar. Deveríamos retornar ao Kildrummy. — atravessou Edwina, já de volta, sem lhe importar o intenso olhar de seu filho lhe pedindo silencio.

— Nem pensar. Primeiro tenho que saber o que ocorreu — disse Kieran então.

— Filho, Por Deus...

Mas ao ver o sombrio olhar de seu filho, calou-se e assentiu. Depois que retornou ao carro, Zac se aproximou de seu amigo e, com um sorriso zombador, murmurou:

— Não esperava menos de ti. — E segurando a flor laranja que tinha nas mãos, acrescentou: — Eu também quero saber quem foi o ousado que me utilizou de vaso e fazê-lo pagar.

— Roubaram cavalos ou algo? — perguntou Kieran.

— Não.

— Nada? Não levaram nada? — insistiu surpreso.

— Absolutamente nada. Nenhuma moeda, nenhuma espada... Não falta nada. — respondeu Louis — Há sinais de luta, mas nenhum morto nem ferido. E estão nossas feridas, curadas. Mas quem esteve aqui?

A voz da desconhecida alagou o cérebro do Kieran, que franziu o nevoeiro.

— Só recordo as vozes de umas mulheres que... — começou.

— Umas mulheres? — interrompeu-o Zac, tocando a flor laranja.

Kieran assentiu.

— Um grupo de mulheres e homens nos ajudaram, mas não sei mais.

— Por estas terras há mulheres tão valorosas?

— Parece ser que sim — replicou Kieran e sorriu pela primeira vez.

Zac sorrindo também, murmurou:

— Isso eu gosto.

Tocando a testa com cuidado, Kieran acrescentou:

— Antes que eu perdesse a consciência, uma das mulheres disse que os atacantes nos envenenaram no bordel. — E com gesto sério, vaiou, olhando a seus homens — Retornaremos ali e esclareceremos as coisas.

Todos recolheram suas armas e se prepararam para partir. Kieran estava tentando recordar algo mais quando Louis se aproximou dele.

— Possivelmente seja certo que este bosque é encantado.

Ao ouvi-lo, Kieran parou em seco e recordou uma canção que falava sobre um bosque encantado e, sem saber por que, tocou-se os lábios e estremeceu.

Montou em seu corcel negro, olhou a seus homens e, depois de dar a ordem, retornaram ao bordel em busca de explicações, enquanto seguia se perguntou quem era a mulher que o tinha auxiliado.

Capítulo 3

Quando Kieran e seus highlanders entraram no bordel, as pessoas que estavam ali os

olharam receosas, pois seus aspectos eram sinistros.

— O que lhes ocorreu? — perguntou-lhes o dono, aproximando-se.

Kieran o agarrou pelo pescoço e, empurrando-o, furioso:

— Isso mesmo que vim a averiguar!

Assustado e espremido contra a parede, o hospedeiro tentou escapar, até que se ouviu um grito de mulher.

— Filho, vai mata-lo! — disse Edwina.

— Mãe, sai daqui.

— Não até que solte a esse homem.

Kieran afrouxou a pressão de sua mão em seu pescoço e o outro, assustado, murmurou:

— Senhor... eu... eu não sei nada. O juro pela vida de meus filhos. Se perguntei é porque sei que ontem não tinham esse feio golpe na testa.

— E por que tenho que te acreditar?

— Pelo amor de Deus! — gritou de repente a rechonchuda esposa do hospedeiro, saindo em sua ajuda. — Soltem a meu marido. Está-lhes dizendo a verdade, senhor.

Ao ver o medo nos olhos dela, Kieran o soltou. “Com segurança lhe havia dito a verdade”, pensou, olhando-o enquanto abraçava a sua mulher.

— Ontem, enquanto estávamos aqui, alguém... — começou Kieran.

— Aqui? — gritou Edwina horrorizada — Esteve neste bordel?

— Louis — o chamou, irado — tira a minha mãe daqui.

Ao ouvir a ordem, sem importar as queixa da mulher, o guerreiro a tirou com urgência do lugar. Uma vez fora, Kieran olhou ao homem e prosseguiu:

— Alguém jogou ontem uma beberagem nas nossas bebidas com a intenção de nos roubar depois. Exijo saber quem foi.

O hospedeiro, assustado, depois de olhar a sua mulher murmurou:

— Asseguro-lhe, senhor, que não sei. Não vi ninguém lhes jogar nada e...

— Fomos atacados no bosque — cortou Kieran — embora obrigado a admitir que alguém foi em nossa ajuda, esses malfeitores não conseguiram seu propósito.

Ao dizê-lo, deu-se conta de que os homens e mulheres presentes se olhavam entre si e perguntou:

— Alguém sabe dos quais falo?

Ninguém respondeu. Todos pareciam aterrorizados e, sem lhes dar uma pausa, o highlander perguntou de novo:

— A que te referia ontem com isso de que o bosque é encantado?

Com melhor cor na face, o homem trêmulo explicou:

— Senhor, há anos se diz que o bosque é encantado. A gente foge de suas imediações e não se aventura a entrar nele por medo a não sair vivo. Como está próximo à fronteira com a Inglaterra, muitos ladrões e bandidos sem pátria se escondem nele e matam a todos quão incautos encontram, fala-se inclusive de fantasmas. Só se sai vivo dali se o grupo dos encapuzados chega a tempo.

— O grupo dos encapuzados? — repetiu Zac, dando um passo à frente.

— Sim — assentiu a mulher. — Há uns anos, um grupo de gente encapuçada, liderados por uma valorosa mulher, guarda o bosque tentando proteger aos desavisados.

— Uma mulher? — perguntou Kieran, atraído por aquela notícia.

— Sim.

— Que mulher? — interveio Louis, que entrava nesse momento.

— Ninguém sabe quem é. Chamam-na de Fada pela magia que trouxe para o bosque. Inclusive há canções de ninar e trovas com seu nome.

A mente do Kieran começou a funcionar com mais rapidez e então recordou.

De um bosque encantado
uma fada te salvou
e em um momento inesperado
um beijo te roubou.

Fada? Aquela mulher se referiu a si mesma ao cantar aquela canção.

— Alguém tem que saber quem é ela e sua gente. Alguém deve conhecê-los.

Os aldeãos negaram com a cabeça com gesto assustado.

— Creia-me, senhor. — disse a mulher do dono. — Ninguém os conhece. Só se sabe que atuam e que, a maioria das vezes consegue que não ocorra um infortúnio. Embora os falatórios apontem que vivam em algumas das covas do bosque e que são fantasmas.

— Fantasmas? — mofou-se Zac, tocando a flor que levava no bolso da calça.

Ao ouvir isso, Kieran esboçou um sorriso. Ele não temia a bosques encantados nem fantasmas e estava disposto a encontrar aquela mulher. Louis, ao ver que ficava pensativo, aproximou-se e lhe perguntou:

— O que quer que façamos?

— Sem dúvida, procurar a quem atacou, e também a essa mulher. — Respondeu ele. — Não o tinha previsto, mas passaremos para visitar lorde Kubrat Ferguson, que vive no castelo do

Caerlaverock. Possivelmente ele nos possa dizer algo mais que esta gente.

Depois olhou a quem os rodeava, seguro de que as palavras que ia dizer chegariam a seu destino, e acrescentou:

— Estaremos por aqui uns dias e pernoitaremos de novo no bosque. Encontrarei aos que ousaram nos atacar e os matarei. E, é obvio, darei com esses encapuzados para lhes agradecer o que fizeram por nós.

E dito isto, abandonaram a todos no bordel, enquanto os pressentes cochichavam sobre o ocorrido e um deles, terminava sua cerveja e reprimia um sorriso.

Capítulo 4

O ocorrido à noite anterior no bosque chegou aos ouvidos do lorde Kubrat Ferguson, que amaldiçoou ao inteirar-se. Os contínuos assaltos naquele maldito lugar se multiplicavam, e viver no castelo do Caerlaverock, que confinava com o bosque, cada dia era mais perigoso.

Após a trágica morte de sua mulher, sua liderança enfraqueceu. Nunca superou a falta de Julia e ano após ano seu clã diminuiu até ficar reduzido a um grupo de pessoas que viviam no castelo.

Sem perder tempo, enviou alguns de seus homens em busca de possíveis feridos, como teria feito sua mulher Julia. Devia ajudar aos necessitados.

Se encontraram no caminho com os ferozes guerreiros O'Hara. Kieran, seu chefe, ao ver aproximar-se daquela pequena e limitada comitiva, ordenou aos seus a parar. Ao escutar a mensagem do lorde, assentiu e aceitou o convite. Ao fim e ao cabo, ele mesmo decidiu ir ver o Ferguson.

Quando por fim deixaram para trás o espesso bosque, Kieran se assombrou ao encontrar-se com uma pequena aldeia de casas de pedra escura e telhados de palha. Tinha um aspecto sombrio e desolador e, ao passar junto a ela, observou que estava abandonada.

O que ocorreu ali?

Ia imerso em seus pensamentos, quando viu ao fundo um velho castelo de forma triangular, com torres arredondadas em cada esquina, aonde ondeavam os danificados estandartes dos Ferguson. O lugar era bonito e o castelo estava rodeado por um fosso de águas verdes, embora muito suja para seu gosto.

Viu vários guerreiros que nada tinham que ver com os que os foram receber no caminho. Estava claro que eram de outro clã e, rapidamente, Kieran os identificou como do clã de Cedric Steward. Um homem insuportável e vaidoso com o que, no passado, Duncan e ele tiveram mais de um problema.

Ao passar por seu lado, Kieran os observou com seriedade. Aquele ramo do clã Steward não era santo de sua devoção, nada tinham que ver com os homens do Jesse Steward, irmão do Cedric.

Assim que chegaram ante a pequena ponte de madeira que dava passo ao castelo, os homens do Ferguson ficaram de fora, junto aos homens de Steward, e deixaram que entrassem somente os O'Hara. Estes atravessaram a enorme porta de entrada em arco, e chegaram a um pátio interno, onde, com gesto impaciente, esperava-os um homem ruivo que sorriu ao vê-los.

Com curiosidade, Kieran viu que os presentes ali eram homens e mulheres de certa idade. Não havia entre eles guerreiros jovens, embora sim algumas moças. Os homens de Kieran seguiram então a seu chefe. Eram gente das Highlands, sua roupa, seu gesto orgulhoso e a dureza de seu olhar os delatava. Kieran levantou a mão direita e todos pararam, mas ninguém desmontou.

— Vá, de momento vejo pouca gente — sussurrou Zac.

— E pouca mulher — acrescentou Louis, piscando os olhos a uma empregada que lhe sorria.

— E vários arcos nos apontando — apostou Kieran, depois de olhar de esguelha as torres das almenas.

Angela estava junto a suas irmãs detrás de seu pai, observando aos recém-chegados, e ao ver Kieran o coração começou a lhe pulsar com força. Mas um estremecimento de preocupação a alagou ao olhar seu gesto feroz e selvagem. Tê-los em seu lar a inquietou. O que faziam ali afinal?

Mas a curiosidade pôde mais e contemplou com deleite ao homem que liderava o grupo. Aquele gigante de semblante sério era de aparência muito agradável e resultava fascinante. Levava o cabelo loiro sujeito em um maltratado rabo de cavalo, que o fazia parecer ainda mais feroz. Seus olhos, azuis como o céu, viam-se observadores e inteligentes e a pele de suas mãos estava tão bronzeada como a de seu rosto e seu pescoço. Teria todo o corpo igual?

Logo viu que as mulheres do castelo, em especial as mais jovens, revolucionavam-se. Todas cochichavam e riam, olhando aos recém-chegados. Sem dúvida alguma, a chegada daqueles rudes homens, tão diferentes dos que ali viviam, não deixava a ninguém indiferente.

Kieran, ao sentir-se observado por tantos olhos, contemplou-os a todos desafiante e quando Angela sentiu seu olhar sobre ela, um estranho calor lhe percorreu o corpo e suspirou acalorada,

embora dissimulasse.

Depois de um silêncio muito prolongado, lorde Ferguson baixou os degraus e, aproximando-se de Kieran disse:

— Bem-vindo a minhas terras e a meu castelo, O'Hara.

Nesse momento ouviu-se o chiar do portão principal, ao fechar-se e todos do clã O'Hara, levaram a mão à espada ante um possível ataque, mas com um movimento de cabeça, Kieran lhes indicou que se tranquilizassem e, devolvendo de novo sua atenção ao homem que tinha a sua frente, desceu-se do cavalo seguido por Zac e Louis e, depois de dar dois passos para o outro lorde, respondeu:

— É um prazer, Ferguson. — E, com um sorriso, apresentou a seus tenentes. — Este é Zac Phillips, cunhado do Duncan McRae, e à direita Louis McAllan, meus homens de confiança.

Os dois highlanders assentiram e saudaram o velho ruivo, barbudo e bonachão.

Após lhe estreitar a mão, Kieran se aproximou mais ao Ferguson e murmurou:

— Agradecer-te-ia que ordenasse aos dos torreões que deixassem de nos apontar os arcos. Eu não gosto de me sentir a ponto de ser atacado e a meus homens asseguro menos ainda.

Ao ouvir isso, o lorde soltou uma gargalhada e, fazendo um gesto com a mão, todos baixaram seus arcos. Depois, assinalando ao Kieran a ferida da cabeça, perguntou:

— Está bem, O'Hara?

— Tão bem como se pode estar — respondeu ele, olhando a uma mulher bastante alta que lhe sorria. Piscou-lhe um olho com gesto cativante.

Ferguson ao vê-lo, esboçou um sorriso, mas insistiu:

— Informaram-me o ocorrido na passada noite, seguro que estão todos bem?

— Por sorte, sim, embora o susto não nos tira isso — respondeu nesse momento Edwina.

Kieran amaldiçoou, sua mãe não mudaria nunca. E, voltando-se para olhá-la, estendeu-lhe a mão, e disse ao lorde:

— Esta é minha mãe, Edwina O'Hara.

Com galanteria, Ferguson lhe beijou a mão.

— Encantado, senhora. É um prazer tê-la em meu humilde lar.

Ela sorriu e Kieran, depois de olhá-la para que permanecesse calada, disse:

— Não sei quem nos atacou, mas te asseguro que antes de ir de suas terras o averiguarei. Encontrarei a esses vilões e lhes arrancarei a pele.

— Kieran, pelo amor de Deus — sussurrou sua mãe, mas o olhar intimidador dele bastou para que não dissesse nada mais.

Ferguson, voltando-se para algumas das mulheres que os observavam, ordenou:

— Preparem bebida e comida. Lorde O'Hara, sua encantadora mãe e seus homens são nossos convidados. Tratemo-los como merecem.

Rapidamente, várias das mulheres entraram no castelo, enquanto o lorde, voltando-se para os que estavam atrás dele, acrescentou:

— O'Hara, quero te apresentar a meu homem de confiança, William Shepard e seus dois valorosos filhos Aston e George. Pode-se dizer que eles são quem mantém a ordem no castelo e seus arredores.

— São uns moços de aparência muito agradável — comentou Edwina olhando ao pai dos jovens, que a olhou agradado.

Kieran, por sua parte, surpreendeu-se diante as palavras do Ferguson. Só aqueles três cumpriam essa função? Ao estreitar a mão do William Shepard e seus filhos, cravou sua vista em outro homem, um ao que não lhe tinha muita avaliação.

— Este é meu genro, Cedric Steward. É o marido de minha filha mais velha, Davinia. Estão de visita no castelo — explicou Ferguson, enquanto uma mulher ruiva que levava um bebê de poucos meses nos braços assentia com a cabeça. — A seu lado está minha outra filha, Mai, que como veem é religiosa, e junto a ela minha pequena Angela e Sandra, seu amiga, que também está de visita.

— Você tem umas filhas muito bonitas, lorde Ferguson, e, por isso deduzo, alguma solteira e em idade de casar, verdade?

Ao ouvir isso, Kieran voltou a olhar a sua mãe com aborrecimento, mas ela, sem dar-se por vencida, desculpou-se com graça:

— Irei ver como está minha dama de companhia.

Kieran olhou ao genro do Ferguson muito sério. Conheciam-se, mas não se apreciavam. Cedric, com soberba, não fez o menor gesto de saudação até que Kieran lhe estendeu a mão com fria cordialidade.

Depois de estreitar lhe voltou-se para as filhas do lorde e disse:

— Tem umas filhas realmente muito belas, Ferguson. — E as olhando com galanteria, acrescentou: — Encantado em lhes conhecer, miladies. Sem dúvida é uma bênção para a vista.

Elas, sorridentes, assentiram com graça com a cabeça em sinal de agradecimento e instantes depois desapareceram no interior do castelo.

— Vamos refrescar-nos um pouco a garganta, enquanto me conta detalhadamente o ocorrido — propôs Ferguson.

Uma vez dentro, dirigiram-se para um grande salão. Kieran olhou a seu redor com curiosidade. O lugar estava limpo, mas se via empobrecido, desgastado, e não duvidou de que em outros tempos teria tido melhor aspecto que o atual.

Edwina pensou o mesmo, mas não disse nada. Cada qual conhecia suas circunstâncias e seus problemas.

— Viesla — chamou lorde Ferguson. E, assinalando à mãe do Kieran, disse: — Acompanha à senhora e a sua dama a uma das habitações. Certamente quererão descansar.

Edwina assentiu e, seguindo à mulher, desapareceu com a Aila, sua dama de companhia.

Pouco depois, os homens, sentados ao redor de uma mesa, bebiam cerveja enquanto falavam com seriedade.

Capítulo 5

Ao mesmo tempo, na planta superior do castelo, Angela falava com sua amiga Sandra sentadas sobre o leito.

— Tranquilize não nos reconhecerão.

Sandra, encantada de ter visto o jovem ao que beijou, disse:

— Esse Zac Phillips é um adonis... Viu que olhos dele?

Angela não respondeu. Para ela um adonis era Kieran O'Hara. Ainda recordava o beijo que lhe roubou estando ele meio inconsciente e, sorrindo, murmurou:

— Sim, Zac tem olhos muito bonitos.

De repente, alguém bateu na porta e Viesla entrou com uma missiva que entregou a Sandra. Logo partiu, fechando a porta atrás dela. A jovem olhou a carta e Angela perguntou:

— Não a vais abrir?

Já não tão sorridente como momentos antes, Sandra o fez e, depois de ler o que punha, a entregou para que a lesse e pôs-se a chorar.

Angela suspirou. Sandra devia partir para o Carlisle e, tentando consolá-la, disse:

— Seguro que sua mãe encontra uma solução para que lhes possam ficar vivendo no Traquair House. Seu pai lhes levou a viver ali e...

— Duvido-o — a cortou a jovem de suaves cabelos ondulados. — Meus avós maternos se empenharam em que retornemos ao Carlisle e, como vê, já o conseguiram. Malditos... Malditos!

— Sandra... Te acalme.

— Segundo eles, depois da morte de meu pai, mamãe e eu não devemos seguir vivendo na Escócia, a mercê do que eles consideram bárbaros sangrentos. — Ambas puseram os olhos em branco. — Já sabe que nunca estiveram de acordo em que minha mãe consentisse em viver na Escócia e agora, nós gostemos ou não, arrastam-nos à Inglaterra de novo.

— Mas vamos Sandra, sua mãe por que não se nega? Ela tem seu lar no Traquair e...

— Minha mãe é muito boa e sempre quer contentá-los a todos. Em seu momento o fez com meu pai, vindo a Escócia, e agora quer agradar a seus pais. Mas a diferença é que eu cresci aqui, sinto-me escocesa e não quero ir. Não desejo viver com eles, nem com seus estirados amigos. Além disso, estou segura de que sua legião de criados passará o dia inteiro me vigiando, se por acaso roubo algo.

A situação da Sandra e sua mãe era delicada. Depois da morte do Gilfred Murray, seus avós tinham se empenhado em que fossem viver com eles à cidade inglesa de Carlisle e, ante a falta de personalidade da mãe da moça, tinham-no conseguido.

— Me escute, Sandra, se quiser, esta noite podemos procurar uma solução. Possivelmente se falarmos com o William...

— Não, Angela. — Sorriu com tristeza.

— Pois então falaremos com os Murray. Eles são seu clã e...

— Não. Não vamos fazer nada que possa pôr em perigo a ninguém e menos ao William ou aos Murray. Os dias que restam desfrutarei de sua companhia e quando mamãe venha me buscar, irei com ela a Carlisle. — Embora, entreabrindo seus olhos castanhos, acrescentou: — Mas que fique claro que voltarei. Sou uma Murray e retornarei a Escócia para viver onde sempre quis fazê-lo. Juro-o por minha vida, embora seja quão último faça.

E juntaram seus dedos mindinhos e fecharam os olhos, um gesto que repetiam desde fazia anos. Era seu pacto particular. E as promessas que selavam com ele nunca se rompiam.

Nesse momento, a porta da habitação se abriu de novo. Era Davinia, a irmã mais velha de Angela, que as apressavam para que descessem para comer. As duas jovens estavam famintas e pouco depois, sem se atrasar, saíram da habitação e, depois de descer a escada, entraram no desgastado comilão.

Angela se aproximou de seu pai e, apoiando o queixo em seu ombro, perguntou:

— Tudo bem, papai?

O homem assentiu com um carinhoso sorriso. Sua pequena, sempre tão dependente dele.

— Sim, minha vida. Vamos, sente-se e comer.

Edwina, ao ver a cena, comentou:

— Que alegria ver uma filha tão atenta e um pai tão carinhoso.

— Minhas filhas são a luz de minha vida — respondeu Ferguson sorrindo.

Angela lhe deu um beijo na bochecha e depois se sentou junto a sua amiga Sandra e sua irmã Davinia, que atendia com carinho a seu pequeno e às revoltosas gêmeas de uma sobrinha da Evangelina, a cozinheira. Duas meninas órfãs de apenas três anos, às que todos adoravam e mimavam.

Effie, uma delas, ao ver que Edwina a observava, levantou-se, caminhou para ela e a assinalou com algo na mão.

— Quer batata? — perguntou.

Edwina, enternecida por aquele gesto tão bonito e infantil, abriu a boca e a menina lhe deu a batata.

— Effie, pelo amor de Deus — a repreendeu Davinia — Não incomode à senhora.

Ao ouvi-la, Edwina tragou e rapidamente esclareceu:

— Não me incomoda... Não me incomoda.

Angela se levantou divertida, agachou-se junto à pequena e disse:

— Uma senhorita tem que sentar-se à mesa para comer, não o recorda?

Depois de olhar a Edwina e esta lhe piscar um olho, a menina correu a seu lugar.

— Tem umas sobrinhas preciosas — disse Edwina a Angela — São filhas de sua irmã maior?

Ela respondeu com um sorriso:

— Effie e Leslie são filhas de uma sobrinha da cozinheira do castelo. Os pais das pequenas morreram de febre em Edimburgo e, ao ficarem órfãs, papai ordenou que as trouxessem para viver conosco.

— Que bonito — comentou Edwina.

— As pequenas formam parte de nossa família — respondeu Angela — Papai nos ensinou que o sangue não é quão único une às pessoas e às famílias. O que verdadeiramente as une são os sentimentos e o autêntico amor.

Encantada com as palavras da jovem, Edwina assentiu e, ao ouvir rir às meninas, acrescentou:

— Não há nada mais bonito que a risada de uma criança, verdade? Eu tive dois varões, Kieran e James, e aguardei ansiosa uma menina. Meus dois meninos brutos e briguentos me encheram de felicidade, mas não vejo o momento de que algum deles me dê uma neta como Effie

ou Leslie, farei que lhe confeccionem bonitos vestidos e, se me permitirem isso, lhe pôr o nome da Nathaira.

— Nathaira, que bonito! — exclamou Angela.

— Era o nome de minha avó. Sempre disse que se tivesse uma filha se chamaria assim, mas ao não tê-la, espero que seja o nome de alguma de minhas netas.

Angela sorriu por aquela confidência e, olhando ao bonito lorde O'Hara com doçura, e afirmou:

— Sem dúvida, algum dia terá preciosas netas e netos.

Ao ver como olhava a seu filho, a mulher cochichou:

— Só espero que seja antes que meu corpo esteja em baixo da terra.

— Não diga isso, senhora, por favor, — lhe disse Angela, rindo.

Nesse instante, Kieran olhou para onde elas duas estavam falando e a jovem, intimidada, despediu-se da dama e retornou a seu lugar. Ali tirou a Davinia ao pequeno John dos braços e o embalou enquanto Effie e Leslie se levantavam e corriam pelo salão.

— Come Angela, antes que esfrie! — apressou-a Mai, lhe tirando o bebê dos braços, enquanto se levantava para ajudar a sua irmã mais velha com as revoltosas meninas.

Angela jogou uma porção de veado no prato.

— Hoje parecem mais ferozes que ontem — lhe sussurrou sua amiga Sandra.

Ambas sorriram. Angela, depois de ver que ninguém as pudesse ouvir, respondeu:

— Ontem estavam sob os efeitos do belenho branco.

E as duas soltaram uma gargalhada.

— Graças a seu atordoamento pude beijá-lo — acrescentou Sandra, olhando ao Zac.

— Psiuuu — a advertiu Angela.

Mas a outra jovem, com um pícaro sorriso, cochichou:

— Oh, Deus, que lábios tão doces!

— Sandra, cala! Desde quando é tão descarada? — espetou-lhe Angela, olhando ao Kieran, que falava com seu pai.

Sua amiga sorriu com picardia.

— Acaso crê que não vi como beijava a seu chefe?

O garfo de Angela lhe caiu contra o prato, fazendo que todos deixassem de falar e a olhassem. Ficou vermelha como um tomate e, desculpando-se, agarrou o garfo e começou a comer, sob o atento olhar da Edwina. O olhar desta era tão intenso como a de seu filho e a punha nervosa.

Sobressaltada, acalorada e inquieta olhou para outro lado e quando todos retomaram suas

conversações, Sandra, aproximando-se, insistiu:

— Beijou-o.

— Silêncio! — disse ela para fazê-la calar.

—Vi com meus olhos.

— Va, o beijei — reconheceu finalmente, com um fio de voz — Mas te recordo que você também o fez.

Sandra olhou ao jovem que atraía toda sua atenção e murmurou:

— Mmmm... E não me importaria voltar a fazê-lo.

Angela grunhiu.

— Não dissimule — insistiu sua amiga — Percebi-me em como olhas ao lorde O'Hara. Sem dúvida, esse highlander te impressionou. Nunca te vi olhar assim a ninguém. Nem sequer ao bonito do Bercas O'Callahan antes que partisse.

Sem responder, Angela olhou ao lorde com dissimulação e suspirou ao ver como ele brincava com uma criada.

— De acordo, é muito arrumado. Além disso...

— Além, sua aparência selvagem é arrebatador, verdade? — completou Sandra a frase, cruzando um olhar com o Zac, que lhe fez uma piscada.

Davinia, a mais velha das irmãs Ferguson, de novo com seu pequeno nos braços, sentou-se junto a ela e perguntou:

— O que é arrebatador?

— Sua cor de cabelo, Davinia — respondeu rapidamente Sandra — Angela o adora.

Surpreendida, Davinia disse:

— Mas é vermelho, como o dela.

— Mas o teu é mais brilhante — esclareceu Sandra sorridente.

Angela, divertida pela cara de sua irmã ao olhar o cabelo, assentiu com a cabeça e pôs uma parte de carne na boca. Minutos depois, e com fingida dissimulação, observou como Kieran O'Hara falava com seu pai, embora também se precaveu dos sorrisos que cruzava com qualquer mulher da sala. Sem dúvida, era todo um conquistador. Gostava de seus bonitos olhos e seu cabelo claro. Tinha, além disso, um bonito sorriso e parecia um homem que o usava muito frequentemente, não como o marido da Davinia, com sua cara de amargurado. Esse sorriso, unido a sua altura, seu porte, seus largos ombros e sua voz varonil, sem lugar a dúvidas era uma boa reclamação para as mulheres. Só tinha que ver como as poucas, que havia no castelo, morriam por lhe atender e encher sua caneca de bebida.

Estava absorvida observando-o, quando de repente seus olhos se encontraram. Ao ver que o olhava, Kieran lhe sorriu com cavalheirismo. Angela, sobressaltada, sentiu que se esticava e as bochechas lhe acendiam.

Nervosa, apartou a vista e suspirou. Se ele soubesse.

Mai chegou à mesa com Leslie e Effie, que, junto ao pequeno John, eram a alegria do castelo. Esta se sentou rapidamente com Angela, que a abraçou com carinho.

Davinia, que estava junto a sua irmã e Sandra com o pequeno John nos braços, ao ver tão contentes às jovens, disse com curiosidade:

— Vejo-lhes muito sorridentes, o que é o que lhes faz tanta graça?

— Se lhe dissermos isso, escandalizara-te — respondeu Sandra.

Ao ouvi-la, Angela a olhou, lhe pedindo precaução em silêncio, mas a moça continuou:

— Não lhe parecem cativantes estes highlanders?

— Sandra! — exclamou Davinia.

— Esse Zac é tão bonito..., verdade? — prosseguiu a impetuosa jovem.

— Por todos os Santos, Sandra! É uma senhorita e o primeiro que deve recordar é sua educação. O que é isso de falar dele com esse descaramento?

— Davinia, não exagere — interveio Angela — Sandra só dizia que Zac...

— Angela! — grunhiu de novo sua irmã — Recorda as normas e a educação que lhes demos durante anos. — E ao ver como elas se olhavam, acrescentou: — Pelo amor de Deus, meninas, cuidem de suas línguas e se portem como as damas que são! Não envergonhem ao pai flertando com homens aos que não conhecem. Comportem-se com decoro.

"Malditas regras", pensou Angela, mas calou.

Se algo recordava de sua mãe era que dizia essa mesma frase muitas vezes ao dia.

Todas calaram, até que Sandra, incapaz de seguir mais em silêncio, perguntou:

— Quando soube que Cedric era seu homem?

Davinia se ruborizou, baixou a cabeça e murmurou:

— Quando o vi.

Angela olhou a seu cunhado. Era o homem mais idiota que tinha conhecido e, embora sua irmã não dissesse nada, todo o castelo intuía que não era feliz. Só tinha que ver como a tratava em ocasiões para se dar conta de que Cedric não era um homem carinhoso nem com ela nem com seu bebê.

Ninguém entendeu a decisão de Davinia de se casar com aquele caipira. Durante anos, a jovem foi cortejada pelo Jesse Steward, um moço que se esforçava por ela, mas quando Cedric

retornou de uma comprida viajem e a conheceu, as coisas mudaram rapidamente e Davinia se casou com ele, deixando ao Jesse Steward desolado e desconcertando às pessoas do castelo. Quando lhe perguntaram o porquê dessa decisão, Davinia só disse que o fazia por amor.

— E já quase dois anos de matrimônio segue lhe querendo como o primeiro dia? — interessou-se Sandra.

Davinia se arranhou o pescoço com desconforto, o que chamou a atenção da Angela, mas finalmente, ao ver que esperavam sua resposta, disse:

— É obvio que sim. Amo ao Cedric como ele me ama.

— E crê que daria a vida por ti? — perguntou Angela.

Davinia olhou a seu marido e, baixando a vista, afirmou:

— Tanto como eu por ele.

— Oh que bonito! — mofou-se Sandra e, aproximando-se dela, cochichou: — Uma mulher casada e experimentada como você não deveria se irritar por nossa curiosidade. É normal que sendo solteiras nos atraia a intimidade com um homem e inclusive dizer seus nomes...

— Sandra! — interrompeu-a Davinia escandalizada e, olhando às meninas, acrescentou: — Leslie, Effie, saiam ao pátio para brincar. Vamos!

Angela deu uma patada a Sandra por debaixo da mesa. Que fazia falando de tudo aquilo?

Mai, que até o momento se manteve a margem, uma vez que as meninas partiram, resmungou:

— Irão ao purgatório por esta pecaminosa conversação. São donzelas e não conhecem varão. Calem e comam.

Rapidamente, Angela se fez o sinal da cruz e trocando de tom, murmurou com seriedade:

— Mai... só brincávamos!

Após da refeição, lady Edwina e sua dama de companhia se retiraram para descansar. Cedric, o marido da Davinia, aproximou-se desta e Angela notou que sua irmã se esticou. Quando ele partiu, viu como sua tensão diminuía.

— Entendo sua curiosidade em relação aos homens — disse então Davinia — mas devem ser comedidas e não esquece que são donzelas e respeitáveis e, sobretudo, devem guardar o decoro com eles. Deveriam ter visto como lhes observava a mãe do lorde O'Hara. Se não o fizerem, acreditarão que são prostitutas que não se fazem respeitar.

As duas jovens se ruborizaram. Davinia, ao ser mais velha, tinha sido como uma mãe para elas em muitas coisas. Agora, ao ver as caras das moças, acrescentou:

— Vá. Entendo que esses homens, tão diferentes aos nossos, eles atraíram e...

— Davinia — protestou Mai — Agora você?

Com um cândido sorriso, sua irmã a olhou e respondeu:

— Mai, embora agora seja religiosa, no passado esteve prometida e sabe do que falamos.

Esta, ao escutá-la, calou, mas sorriu, e Davinia acrescentou:

— Que você escolhesse um amor espiritual depois do ocorrido com o Robert não quer dizer que as demais devam fazê-lo e por isso acredito que...

Mas sem lhe deixar terminar a frase, Mai se levantou e se foi. Recordar ao Robert ainda doía e não queria escutar nada mais.

— Não tinha que ter mencionado ao Robert. Por que fez? — protestou Angela.

Davinia sussurrou:

— Sinto muito... Não me dei conta.

— Ainda sofre por ele — murmurou Angela, olhando partir a sua irmã.

Davinia assentiu. Desde que estava casada com o Cedric, em ocasiões não media bem suas palavras e conveio:

— Tem razão. Logo falarei com ela.

Mas depois de um tenso silêncio, Davinia voltou para a carga.

— Como irmã mais velha e mulher casada, quero lhes perguntar se lhes atrai algum homem do clã Steward.

— Não. — respondeu Angela.

Enquanto que Sandra, com seu particular senso de humor, disse:

— Se tivesse que escolher a algum Steward, sem dúvida escolheria ao Jesse. É um homem atrativo e sem dúvida, muito cavalheiresco.

Angela tampou a boca para não rir. A cara de sua irmã era todo um poema. Como dizia seu pai, onde houve fogo ficam rescaldos, e sem dúvida Davinia seguia sentindo algo pelo Jesse Steward, embora tentasse ocultá-lo.

— Você lhe rechaçou e ele segue solteiro, não sei por que me olha assim — se defendeu Sandra.

Davinia trocou rapidamente de expressão e, esboçando um sorriso e respondeu:

— Simplesmente me senti saudosa. Mas, me digam, algum rude homem das Highlands lhes chamou a atenção?

Angela, que sabia quão casamenteira era sua irmã, calou-se, mas Sandra disse:

— Há um muito bonito.

Davinia olhou a aqueles bárbaros tão pouco parecidos com os homens do clã de seu marido

e aos que viviam no Caerlaverock e respondeu:

— Os filhos do Shepard, Aston e George, também são agraciados e...

— Irmã — a cortou Angela, — Aston e George são como nossos irmãos, de que falas?

Mas sem dar-se por vencida, Davinia insistiu:

— Vá... Vá... Mas então, qual desses bárbaros lhes chama a atenção?

Com dissimulação, Sandra olhou ao Zac e Davinia esboçou um sorriso, mas depois inquiriu:

— Angela, você, não gosta de nenhum?

— Não.

— Mentirosa! — exclamou Sandra. E antes que pudesse fazê-la calar, respondeu: — Lorde Kieran O'Hara.

— Sandra! — protestou Angela.

— O lorde? — repetiu Davinia surpreendida.

Sem lugar a dúvidas, aquele homem estava fora do alcance da Angela. Sua irmã não era uma moça que destacasse por nada. Era bonita, mas se empenhava em não tirar-se partido e já a tinham tachado por impossível. Além disso, era tímida e muito torpe, algo que por norma não atraía aos homens, por isso Davinia sorriu e disse com ternura:

— Minha pequena Angela, entendo que lorde O'Hara te tenha chamado a atenção, é um homem muito arrumado e galante, mas deveria te fixar mas bem nos homens de meu marido, ou nos que acompanham a O'Hara. Pensa que Kieran O'Hara é um homem poderoso e acredito que está acima de suas possibilidades.

Angela teve vontade de sorrir. Se sua irmã soubesse que o beijou, morreria do susto. Baixou a vista e não disse nada, mas Sandra, incapaz de calar, perguntou:

— E por que crê que um homem assim, alguma vez, não se fixaria em Angela?

Davinia fez uma careta. Pensou que não se expressou bem e se justificou:

— Um homem como ele pode escolher entre centenas de belezas e...

— Está chamando Angela de feia? — saltou Sandra molesta.

— Não! — respondeu Davinia — Angela é uma preciosa jovem que não tem nada que lhe invejar a ninguém. Mas sou uma mulher adulta e intuo que não é o tipo de mulher em que um homem como ele se fixaria. Ela...

— Angela é filha de um lorde tão rico como o é esse tal O'Hara — vaiou Sandra zangada. — De modo que pode aspirar a ele tanto como qualquer outra.

Ao escutá-la, Davinia torceu o gesto e, com pesar, respondeu:

— Nosso pai era um lorde poderoso antigamente. Hoje não tem nem exército, nem povo, nem recursos. Isso é suficiente para que Angela não possa fixar-se em um homem como esse O'Hara.

— Por que não esquece o tema? — protestou a mencionada.

Mas sua irmã, sentindo pena pela má interpretação de suas palavras, seguiu com o assunto:

— É obvio que Angela pode aspirar a apaixonar a qualquer um, mas os homens são muito complexos e há coisas que os voltam loucos, como a coragem. — E baixando a voz, acrescentou: — E já não falemos de uns grandes peitos, uma beleza deliciosa e...

— E como eu não tenho nada disso, posso dar é obvio que ele não vai se fixar em mim, verdade, irmã? — mofou-se Angela.

— Você tem coisas melhores. Coisas que um homem como ele seguro que não saberia valorar, como o decoro, a dignidade, sua delicadeza — apontou Davinia.

Sandra, de caráter bastante rebelde, quis protestar, mas ao ver a expressão de Angela preferiu calar. Sua amiga não queria chamar a atenção em nada. Era sua decisão e como tal devia respeitá-la.

Davinia, ao ver a cara triste de sua irmã, acariciou-a com a mão e sussurrou:

— Cedric acredita que Otto Steward ou Rory Steward poderiam ser uns bons candidatos para ti. Está pensando em falar com pai para...

— Diga a seu marido que não se incomode. Não aceitarei nem ao Otto nem ao Rory. Que horror! — replicou Angela, olhando-os com repugnância.

Davinia a repreendeu por suas maneiras e, quando Angela soprou, prosseguiu, adoçando um pouco a voz:

— Papai envelhece e não pode seguir velando por sua segurança. Está em idade de te casar e é uma carga para ele, não te dá conta?

— Posso escolher. Por sorte, papai me permite isso, como permitiu isso a ti.

Angela olhou a seu adorado pai. Meses atrás, tinha rechaçado uma oferta de matrimônio de um homem do Irvine. Um parvo que a teria feito infeliz. Mas o tempo passava e devia desposar-se.

— Deve encontrar marido ou ingressar em uma abadia, como Mai — insistiu sua irmã.

— Eu religiosa!? — mofou-se Angela — Davinia, por favorrrrrr.

Sandra sorriu para ouvi-la.

— Cedric acredita que necessita um marido que te proteja — continuou a irmã, olhando o chão.

As duas jovens se olharam e tiveram que segurar a risada. De verdade necessitavam um

homem para que as protegessem?

Angela pôs os olhos em branco: Davinia era uma inocente.

Ninguém, à exceção da Sandra e outras três pessoas, conhecia sua verdadeira personalidade. Durante anos tinha escondido seu caráter impetuoso, louco e batalhador, para mostrar-se só como uma doce e assustadiça dama.

Anos depois da morte de sua mãe e irmãos, Angela seguiu uma tarde ao Shepard, o melhor guerreiro de seu pai, e aos filhos de este a uma clareira no bosque. Ali, o homem começou a treinar a seus gêmeos Aston e George na arte da luta. Os primeiros dias, ela aprendeu da distância movimentos que logo praticava na solidão de seu quarto com um pau.

Ao princípio era lenta e inexperiente e os machucados que ela mesma se fazia lhe salpicavam braços e pernas, hematomas que todos atribuíam a sua estupidez.

Quando Sandra ia visitar a, ou vice-versa, praticavam o que Angela tinha aprendido e assim sua amiga aprendia também. Com o tempo, Angela começou a treinar às escondidas com os filhos do Shepard no bosque. Aston e George se converteram em dois bons amigos e aliados dela que lhe guardaram o segredo e lhe mostraram todas as artes de combate que seu pai lhes ensinava.

À medida que passaram os anos, Angela floresceu como mulher e como guerreira, embora esta segunda faceta seguisse escondida.

Enquanto Davinia continuava falando da virtude e o comportamento que deviam ter as jovens, Angela se apoiou na mesa e começou a recordar o dia em que decidiu lhe ensinar ao Shepard o que tinha aprendido. Como cada tarde, seguiu-os a um claro de bosque, a ele e a seus filhos.

— Angela, sei que está aí — grunhiu Shepard — Te acabo de ver. Sai agora mesmo.

Ao ver-se descoberta, não o duvidou e, apesar de que tremia, plantou-se diante dele.

— O que faz escondida atrás dos arbustos? — perguntou-lhe o homem.

— Lhes observo — respondeu.

— Moça, não deve estar sozinha neste maldito bosque — disse ele. — Se seu pai se inteira, me mata.

— O bosque não me dá medo, William — respondeu Angela — Quem tem de nos dar medo são a gente má que acampam por ele.

— Tem razão — assentiu o homem, sorrindo. — Mas não acredito que seja bom que esteja aqui. Retornaremos todos ao castelo.

— Não, William. Não retornaremos — afirmou ela, surpreendendo-o.

Os filhos do Shepard se olharam com cumplicidade e George disse:

— Pai, acredito que deveríamos lhe dizer que...

— Agora não. —cortou o homem, preocupado. — Devemos retornar antes que alguém sinta falta e o castelo se alarme.

Depois de olhar a seus amigos, Angela tirou com decisão uma espada de debaixo de sua capa e, tragando o nó de emoções que tinha na garganta, disse:

— William, luta comigo!

— Por são Drustan, moça, solta isso agora mesmo antes que te faça mal! — gritou ele ao vê-la.

— Não. — respondeu Angela.

Cada vez mais incrédulo de que aquela doce e tímida menina lhe desobedecesse, insistiu:

— É uma jovenzinha delicada. Não tem força nem empenho para fazer coisas que só os homens devem levar a cabo e...

— William Shepard — o cortou ela, levantando a voz, enquanto se desatava a saia. Esta caiu a seus pés e ficou vestida com umas masculinas calças de couro marrons — Luta comigo!

Boquiaberto, o homem foi protestar, mas seu filho George interveio:

— Vamos, pai, lhe faça caso.

Finalmente, diante de tanta insistência, o guerreiro agarrou sua espada e ficou frente a Angela. O primeiro que lhe chamou a atenção foi ver que segurava a espada com força e como plantava com segurança os pés no chão, procurando seu ponto de apoio. Isso lhe deu a entender que sabia mais do que ele esperava.

Ao ver que William era incapaz de brandir sua espada contra ela, Angela tomou a iniciativa e, levantando seu aço, deu-lhe uma manobra de revés. Rapidamente, Shepard o parou gritando:

— Moça, o que faz? Em nome de Deus!

Ela soltou uma gargalhada e aplaudiu. Aquilo a divertia e muito.

Logo sorriu e, sem pressa, mas sem pausa, lançou uma nova manobra e esta vez Shepard respondeu. Durante o que ao homem lhe pareceu uma eternidade, lutou com aquela impetuosa jovenzinha e se surpreendeu de quão bem dirigia a espada. Sem lhe dar tempo a pensar, lhe lançou ataques pela direita e a esquerda e comprovou que reagiam com precisão.

Ao finalizar, Shepard baixou sua arma e, olhando-a ainda incrédulo, ofegou com um sorriso:

— Surpreendeste-me muito gratamente. Quem te ensinou a lutar?

— Você, William — respondeu ela acalorada.

— Eu?

— Observava..., você — afirmou Angela — Depois do que ocorreu a minha mãe e a meus irmãos, decidi aprender a me defender se por acaso, chegado o caso, minha família ou eu mesma o necessitávamos. O pedi a meu pai, mas se negou, e um dia, faz anos, vi que ensinava ao Aston e George a dirigir o aço e não o duvidei. Por certo, minha amiga Sandra também aprendeu. Espero que algum dia a veja lutar.

A cada instante mais surpreso, o homem murmurou:

— Nunca imaginei que...

— Sei... Sei o que vais dizer — o interrompeu Angela sorrindo e retirando o cabelo do rosto — Não foi fácil lhe ocultar minha impetuosidade a todo mundo, incluídos meu pai e minhas irmãs, mas sabia que se não o fazia me buscaria problemas. Por isso no castelo me mostro como uma jovem delicada e algo torpe. Com esse caráter, ninguém suspeitará de minhas verdadeiras intenções.

— Mas o lorde ficará furioso se se inteira de que...

— Nunca se inteirará. Prometo-lhe isso, Shepard.

Ele assentiu e, enquanto começava a chover, seu filho Aston disse:

— É boa com o aço, pai, e Sandra também. Em várias ocasiões desarmaram ao George e a mim.

Angela sorriu. Escutar aquilo de um jovem ao que ela considerava um excelente guerreiro a fazia feliz.

— Ter sua própria espada lhes deu segurança — comentou George.

— Sua própria espada? — repetiu Shepard.

Os dois irmãos se olharam e George esclareceu:

— Recorda a última viagem que fizemos ao Stirling? — O homem assentiu — Ali lhes compramos as espadas. Tinham que as ver dando manobras e...

— Filho... com o que vi já posso fazer uma ideia — respondeu seu pai e, sorrindo, pôs-se a andar para refugiar-se da chuva sob umas árvores.

Durante um momento seguiram conversando do assunto e quando a chuva começou a cair com mais força, cobriram-se com os capuzes.

— Durante estes anos pratiquei com o Aston e com o George sem que ninguém soubesse — explicou Angela. — Me custou convencê-los, mas uma vez se deram conta de que minhas intenções eram sérias, não o duvidaram e me ensinaram tudo o que você lhes ensinava. Surpreenderam-me dando de presente esta espada — concluiu com orgulho.

O homem olhou a seus filhos e sorriu, Angela prosseguiu:

— O melhor de tudo isto, foi ver que posso confiar neles e que guardaram meu grande segredo, que espero que siga oculto como até o dia de hoje.

Shepard ia responder, quando o chiado angustiado de uma mulher, proveniente do interior do bosque, alertou-os.

— Não te mova daqui. Nós iremos ver o que ocorre — lhe advertiu William a jovem.

Angela não se moveu, mas quando viu que os três se perdiam na imensidão do bosque e ouviu outro grito, esta vez de um menino, não duvidou e correu atrás deles. Encontrou ao Shepard e seus filhos lutando contra vários homens. Sem pensar duas vezes, e com sua identidade oculta sob o capuz, a pequena Ferguson pôs em prática com ferocidade o que levava anos praticando. Essa foi a primeira vez que, unidos, ajudaram a alguém e após, começou a se falar do bando dos encapuzados.

Todas essas lembranças fizeram sorrir a Angela, e Davinia, que continuava com seu discurso, perguntou:

— Por que sorri agora?

Encolhendo-se de ombros, a jovem suspirou e, dedicando a sua irmã o mais cândido de seus olhares, respondeu:

— Estou contente porque sei que sempre me protegerá.

Ao ouvir isso, Davinia teve vontades de chorar. Sem dúvida, nos planos de seu marido não entrava proteger a sua irmã, mas em um arranque de carinho, aproximou os lábios à têmpora da Angela e a beijou, precavendo-se de que seu marido as observava. Isso a pôs tensa.

Capítulo 6

Ao cair da noite, lorde Ferguson convidou a Edwina e aos guerreiros a pernoitar no castelo. Tudo era singelo, mas estava limpo e asseado. Entretanto, Kieran, depois de despedir-se de sua mãe, declinou o oferecimento e retornou ao bosque.

— Não me convencem grunhiu Louis.

— Quais? — perguntou Kieran.

— Esse Cedric Steward e seus homens.

Kieran sabia ao que se referia, mas disse:

— Estamos nas terras do Ferguson e sua filha está casada com um deles...

— Kieran — o interrompeu Zac, aproximando-se deles sobre seu cavalo — esses Steward me dão igual, mas me incomoda que não tenha aceitado o leito quente que Ferguson nos oferecia.

Rindo, Kieran aproximou seu cavalo ao de seu bom amigo e esclareceu:

— Rechacei-o pela mesma singela razão que ontem à noite preferimos dormir aqui e não na estalagem. Além disso, prefiro que minha mãe esteja tranquila, sem ouvir meus homens brincar de correr depois das poucas mulheres que havia.

— É certo, logo que havia bonitas donzelas. Todas eram muito velhas, exceto as filhas do Ferguson — se queixou Zac.

Kieran, divertido, olhou-os aos dois e comentou:

— Quando retornarmos aos nossos lares já teremos mulheres jovens e bonitas. De momento, vamos dormir ao relento e...

— E, de vez em quando, uma cama quente não vem mal — replicou Zac.

— E se nessa cama de armar, há uma bonita jovem, melhor! — afirmou Louis.

Quando chegaram à cova onde pernoitaram a noite anterior, tomaram posições, mas nesta ocasião ninguém dormiu. Estiveram horas com os olhos bem abertos, mas ali não apareceu ninguém.

Já muito entrada a noite, o esgotamento fez que alguns daqueles highlanders caíssem em um sonho profundo, e nesse instante de maior quietude, Kieran ouviu o som de uns ramos ao mover-se. Ao ver que ninguém se aproximava, decidiu levantar-se e ir olhar, ante a atenta vigilância do Zac. Quando chegou às ramagens, olhou, mas ali não havia ninguém. Tampouco havia rastros no chão. Depois de explorar um momento com curiosidade, retornou a sua manta, em que se enroscou, disposto a descansar.

De madrugada, algo alertou ao Kieran de novo. Levantou-se e caminhou para um lateral do bosque, mas ali não havia ninguém. Entretanto, quando foi dar meia volta, ouviu:

— Alegra-me ver que está melhor.

Rapidamente, Kieran se voltou e se encontrou com uma figura encapuçada. Mas quando foi dar um passo para ela, esta, levantando a espada, advertiu-lhe:

— Não te aproxime ou terei que te matar.

Reconheceu a voz como a da mulher que lhe tinha falado a noite do ataque e, parando em seco, observou-a. Não era muito alta. Ia vestida com uma calça de couro marrom que remarcava sua estilizada e bonita figura, umas botas altas e uma capa com capuz que lhe impedia de ver seu rosto e seu cabelo. Fixou-se em suas mãos, cobertas com umas luvas da mesma cor que as calças. Não pôde ver nem um ápice de carne.

— Matar-me-ia? — perguntou-lhe sorrindo.

— Aham...

— Sério mulher?

— Sem duvidá-lo.

Isso fez sorrir ainda mais ao Kieran e, tentando ganhar tempo, perguntou:

— Então, por que me salvou e curou?

— Porque tenho piedade dos fracos — respondeu sem titubear.

A ele lhe torceu o gesto ao reconhecer que tinha razão e vaiou:

— Sério?

— Muito... Muito... a sério — afirmou ela.

Kieran deu outro passo adiante. Adorava seu jeito ousado ao falar sem frescura. A mulher não se moveu e ele perguntou:

—Tanta força e arrojo?

— Aham... — repetiu.

Essa nova afirmação com tanta petulância o fez voltar a sorrir, mas então a encapuçada acrescentou:

— Não subestime o poder de uma mulher com um aço na mão. Sem dúvida te surpreenderia, lorde O'Hara.

Essa advertência o fez deter-se. Conhecia mulheres como Megan ou Gillian que, com uma arma na mão, eram tão feras como seus maridos, e respondeu:

— De acordo, convenceste-me. Não me moverei.

— Sábia escolha.

— Mas, em troca, eu gostaria de ver seu rosto para poder te dar obrigado pelo que fez por mim e por meus homens.

Ela se moveu e disse:

— O obrigado me pode dar sem ver meu rosto, não crê?

Entretanto, desejoso de contemplá-la, insistiu:

— É obvio, mas...

— Não insista.

Kieran, acostumado a que as mulheres caíssem em seus braços após lhes dizer duas lindezas, provou-o com ela:

— Se seu rosto for tão bonito como sua voz, deve ser uma preciosa mulher.

— Adulador, lisonjeador, bajulador... Vá... Vá...

Sem deixar-se vencer por sua reticência, ele continuou:

— Valorosa, enigmática, graciosa... Deixe-me ver-te.

Ao ouvi-lo, Angela baixou a espada. Nunca um homem tinha ousado lhe falar com tanta doçura, mas sem mover-se de seu lugar, respondeu:

— Possivelmente leve o capuz precisamente por ser feia e disforme, não crê?

— Duvido-o — respondeu Kieran — O duvido muito. Preciosa, te mostre para mim.

— Preciosa?

— Sem dúvida o é.

— Que adulador — se mofou ela.

Entretanto, seu coração pulsava a toda máxima. Nenhum homem lhe havia dito tais lindezas. Sem dúvida, aquele era todo um conquistador, mas redobrando seu empenho, manteve-se firme:

— Não. Não deixarei que me veja.

— Por que?

— Porque não.

— Sem dúvida, ao mesmo tempo em que bonita é interessante é obstinada e teimosa.

Angela soltou uma gargalhada e ele voltou para ataque.

— Preciso ver seu rosto.

— Não.

Aquela negativa tão terminante o açulou. Nunca nenhuma mulher lhe tinha negado nenhum capricho e, depois de um curto silêncio, disse:

— Sigo esperando que troque de opinião, Fada!

A jovem, oculta sob sua capa ao ouvir esse nome sorriu e respondeu com tranquilidade:

— Pode esperar sentado O'Hara.

Kieran levantou as sobrancelhas surpreso, mas daquela teimosia gostou e, estremecendo, ele perguntou:

— A que vieste então?

— Este é meu bosque, meu lar, estou em minha casa.

— Isso quer dizer que meus homens e eu a incomodamos.

Angela esboçou um sorriso sob seu capuz. Nunca havia sentido tanta curiosidade por um homem, embora, sem dúvida, aquele lhe provocava algo mais que curiosidade.

— Deve partir destas terras — disse em resposta — Não é bom que passem a noite no bosque. Não é um lugar seguro para ninguém.

— Para ti o é? — perguntou Kieran, dando outro passo à frente.

Angela, ao vê-lo, voltou a levantar a espada.

— Hei dito que este é meu lar e como tal o reclamo.

No momento, outro encapuzado se moveu por sua direita e, ao olhar Kieran, ela desapareceu com uma rapidez que o deixou boquiaberto. Onde se tinha metido? Procurou durante vários minutos a aquela mulher e a seu acompanhante, mas parecia que os tivesse tragado a terra.

Quem era? Onde podia encontrá-la?

Ainda aniquilado, retornou ao acampamento, onde ao vê-lo chegar Louis perguntou:

— Ocorre algo?

Ele negou com a cabeça, mas já não pôde deixar de pensar naquela enigmática mulher.

Capítulo 7

Quando amanheceu, Kieran, junto com seus homens, retornaram ao castelo. Surpreendeu-se ao encontrar-se com o Jesse Steward. Saudaram-se com afabilidade, sempre se tinham respeitado e levado bem. Jesse lhes disse que ia ao castelo dos Ferguson para lhe levar uma carta de sua mãe a seu irmão Cedric, por isso retomaram o caminho todos juntos.

Uma vez no Caerlaverock, Kieran se precaveu de como o semblante do Jesse mudara ao entrar no pátio do castelo. Supôs que encontrar-se com seu irmão não era o que mais gostava, mas não perguntou. Jesse se despediu deles e se foi direto ao salão. Tinha pressa.

Kieran ficou olhando ao redor. Tudo parecia muito tranquilo. Desmontou de seu imponente corcel e então um cavalo velho e assustado apareceu diante deles. Atrás dele ia um ancião com cara de apuro e atrás do homem, Kieran reconheceu a uma das filhas do lorde Ferguson. Sem poder evitar ficou olhando a cena.

— Patt — soluçou a jovem —, este horrível cavalo não me quer.

O velho, desesperado, agarrou ao cavalo e respondeu:

— Milady, este cavalo não pode ser mais manso.

Angela, com o cabelo cheio de palha e fazendo uma panela, caminhou para o homem e, aproximando-se, protestou:

— Quase me mata. Não o viu?

O ancião cabeceou, soprou e finalmente disse:

— Sinto lhes dizer que o que vi é que, ao montar, deste-lhe uma grande patada, o animal se moveu e você terminaste sobre o feno.

Nesse instante, apareceu Sandra. Ao ver sua amiga, foi consola-la e, quando o cavalo se aproximou, chiou e se separou dele. Patt soprou. Ainda lhe custava entender quão assustadiças eram aquelas duas jovens em relação com os cavalos.

Zac, que observava a cena junto ao Kieran, esboçou um sorriso, caminhou para o grupo e, aproximando a mão ao focinho do animal, deixou que este o cheirasse e logo o acariciou.

— Deixem que o animal lhes cheire — lhe indicou — Que reconheça seu aroma. Lhe fale com carinho, sem gritos, e lhes asseguro, miladies, que em menos do que pensam o cavalo lhes respeitará e se comportará bem.

Sandra, ao ver o highlander, soltou a sua amiga e, aproximando-se dele, alargou a mão. O cavalo se moveu e ela a retirou assustada. Zac, divertido, agarrou-a e levou a cabeça do animal para que o tocasse.

— Tranquila — murmurou — Não permitirei que lhe faça nada.

Com gesto delicado, Sandra permitiu que o jovem lhe agarrasse a mão e a ajudasse a acariciar ao animal. Suas calosas Palmas a fizeram vibrar e, emocionada pelo contato, sussurrou:

— É muito suave.

— Tão suave como sua pele, milady — respondeu o highlander.

Seu tom tão íntimo acalorou a Sandra e, tentando conter o impulso que sentia de aproximar-se mais a ele, disse:

— Seguro que não me morderá?

— Cuidado, Sandra! — exclamou Angela divertida.

Zac sorriu e, olhando a quão jovem tinha agarrada da mão, respondeu:

— Asseguro-lhes isso. Não lhes fará nada, estando eu presente.

Durante vários minutos, Sandra deixou que lhe sujeitasse a mão e a passasse pela cabeça do cavalo, até que o animal fez um movimento brusco e, assustada, soltou-se dele.

— Hão dito que não me morderia — protestou.

— E não o tem feito — respondeu Zac alucinado.

— Sim. Mordeu-me — afirmou Sandra.

Boquiaberto, o jovem se aproximou dela e insistiu:

— Não, não lhes mordeu. Só se moveu.

Angela, ao ver a expressão de consternação de sua amiga ante a reação do cavalo, aproximou-se dela, agarrou-lhe a mão e, olhando-lhe exclamou, seguindo o jogo:

— Oh... Querida Sandra. Tem a palma avermelhada. Oh... Por Deus... Oh, por Deusssss. Este animal te poderia ter arrancado a mão — concluiu.

— Foi sua culpa — disse Sandra assinalando ao Zac enquanto fazia um beicinho.

— Como?

— O que ouve — insistiu ela — Foi sua culpa.

Ele, incrédulo, olhou-as, as duas sem entender nada.

Kieran viu que sua mãe saía pela porta principal com sua dama de companhia e foi saudá-la.

— Bom dia, mãe.

A mulher sorriu e, aproximando-se dele, cochichou:

— E meu beijo, meu tesouro?

Kieran amaldiçoou. Por que gostava tanto de envergonhá-lo diante de seus homens?

Os carinhos e as palavras adoçadas não eram dignos de um highlander como ele. Isso lhe subtraía ferocidade ante seus guerreiros. Mas quando foi protestar, viu o sorriso de sua mãe e sorriu também. Depois de beijá-la na bochecha, murmurou:

— Lisonjeadora.

Edwina, encantada, lhe piscou um olho e, assinalando a quão jovens estavam com o Zac, comentou:

— São bonitas as moças, verdade, filho?

— Sim, mãe. Muito — respondeu ele, as olhando.

— Pelo visto, a pequena dos Ferguson está solteira — lhe sussurrou Edwina ao ouvido — e, por isso pude comprovar ontem, é uma moça carinhosa e afável, uma moça que...

— Mãe...

— Filho, deve procurar uma boa mulher.

Soprando por aquela conversação que tanto o curvava, Kieran resmungou:

— Pelo amor de Deus, mãe, não comece outra vez!

Ao ver seu gesto sério, a mulher negou com a cabeça e grunhiu:

— Maldito cabeça dura!

— Alguma vez te cansa de me buscar esposa? —perguntou ele divertido.

— Não. Até que encontre a ideal para ti.

— E qual seria a ideal para mim, se a todas encontra defeitos?

Edwina, que conhecia bem a seu filho, olhou-o e disse:

— A mulher ideal para ti será a que saiba te fazer feliz e te faça sorrir como um bobo.

Kieran foi dizer algo, mas sua mãe acrescentou:

— Celine McDuhan era tola e aborrecida. Ofelia Sherman, dizia sim a tudo o que você propunha. Julieta McDourman só sabia aparar o cabelo. Augusta Pickman, Oh, essa jovenzinha era insofrível! Belinda Cardigan unicamente pensava em comer Rose Dirmakr...

— E Susan Sinclair?

Edwina negou com a cabeça e logo respondeu:

— Já sabe que me parece agradável e bonita, mas fria e uma queixosa, além de pesada e aborrecida.

— Mãe — Riu ele.

— E se a isso somamos à fofoqueira e entremetida de sua mãe, tem-no tudo, não? — Mas ao ver como a olhava, acrescentou: — Embora se ela for a escolhida, eu a aceitarei com tal de que seja feliz.

Kieran suspirou. Sua mãe era mais exigente ainda que ele e não querendo falar mais do tema, olhou ao Zac, que parecia desesperado com aquelas jovens. Desculpou-se com sua mãe e, aproximando-se deles, perguntou:

— O que ocorre, Zac?

Ele foi responder, mas Angela, com o rosto congestionado pela risada contida, respondeu em seu lugar:

— Este homem obrigou a minha amiga a tocar o maldito cavalo e...

— Que eu a obriguei?

— Agarraste-me a mão — assentiu Sandra — e... e...

Ao ver que choramingava, Kieran disse com galanteria para tranquilizá-las:

— Me desculpe, belas damas, mas eu só vi que Zac tentava lhe ensinar a... — Ao dar-se conta de que não recordava seus nomes, perguntou: — Como se chamam?

— Sandra e Angela — respondeu a primeira, deixando de chorar.

Patt, que sujeitava o cavalo, olhou aos dois homens e pôs os olhos em branco. Os três se entenderam com esse simples gesto e Angela, ao vê-los, perguntou:

— O que querem dizer com essas olhadas? — Todos calaram e ela, depois de um gemido lastimoso, murmurou com um fio de voz: — Querem dizer que somos tooorpes e tooontas.

— Não, milady — esclareceu Patt pesaroso.

Mas Angela, representando seu papel de jovem tonta, continuou e, forçando a voz, gritou:

— Por culpa de um de seus homens, minha quase irmã esteve a ponto de perder uma mão!

— Como? — protestou Zac.

Sandra, estendendo-a, assentiu:

— Totalmente... Totalmente. Oh, quase irmã, o que teria feito eu sem minha mão?

Sem dar crédito, Zac balbuciou:

— Miladies, não estão exagerando?

Angela, ao ouvi-lo, agarrou a sua amiga e protestou com voz de apito:

— Oh, meu Deus, creem que exageramos?

Kieran, que não podia continuar calado, respondeu:

— Sem dúvida alguma.

As duas se olharam e, ante ao assombro dos homens, começaram a choramingar enquanto falavam a toda velocidade e soltavam mil lamentações, a qual mais lastimosa. Bloqueado pelo que estava vendo, Zac olhou ao Kieran e murmurou:

— Sei apaziguar a um cavalo, mas a uma dama destas não.

Isso fez rir ao Kieran, que, olhando às jovens, disse:

— Nos desculpem moças, mas se continuam chorando assim, seus rostos se...

— Estão-nos chamando de feias? — saltou Angela.

— Não — respondeu Kieran molesto — É só que...

Levando uma mão à frente, Angela soluçou:

— Chamaram-nos feias. Oh, Deus... Oh, Deus... Que humilhação!

Kieran e Zac se olharam sem entender. Mas o que acontecia com aquelas duas garotas?

Ao final, cansados de suas lamentações, decidiram dá-la volta e as deixar ali chorando, mas então Sandra agarrou ao Zac para retê-lo.

— Temo-lhes pânico dos cavalos, mas devemos aprender a montar. E não queremos subir a um animal tão alto. Dá-nos medo.

Nesse momento, o cavalo se moveu e ambas deram um chiado e procuraram o amparo dos highlanders. Abraçadas a eles, ambas se olharam com brincadeira, enquanto eles intercambiavam um olhar e tentavam tirar-lhe de cima.

— Milady está me pisando — protestou Kieran, olhando a Angela.

— O cavalo não lhes fará nada, pelo amor de Deus — grunhiu Zac.

Kieran, com o corpo da garota pego ao dele, aspirou seu aroma. Era agradável, muito agradável, mas como pôde, separou-se dela e, olhando a de frente, perguntou:

— A sério lhes dá tanto medo o cavalo?

Angela assentiu e Patt, acostumado a elas, murmurou:

— E os cães e os coelhos e os esquilos e...

— Patt, não exagere! — arreganhou-o Angela.

— Exagerar? — respondeu o ancião e Kieran sorriu.

Instantes depois, o chefe dos O'Hara agarrou a mão da chorona e disse:

— Se me permitirem isso, subir-lhes-ei a meu cavalo e poderão ver que...

— Ah... — gritou Angela decomposta — Não... Não... Não.

E, sem mais, deu-lhe um empurrão e saiu correndo esbaforida para a entrada do castelo. Edwina, que estava ali, olhou-a surpreendida. O que lhe ocorria? Sandra, ao vê-la, voltou a fazer outro beicinho e, depois de olhar ao Zac, que não entendia nada, correu atrás de sua amiga.

Quando elas desapareceram, os highlanders ficaram olhando-se alucinados e Louis, que saía nesse instante, perguntou:

— Mas o que lhes hão dito a essas damas?

Patt, que ainda seguia com o cavalo pego das rédeas, disse:

— Essas jovenzinhas temem a tudo, senhor... A tudo!

Edwina se aproximou de seu filho e inquiriu:

— O que ocorreu à pequena Ferguson?

— Nada, mãe. Só temente aos cavalos.

Incrédula, a mulher franziu o cenho e lhe expôs:

— E por isso chorava assim? —Kieran assentiu e sua mãe exclamou: — Que pena. Agradável que me pareceu ontem à noite e quão assustadiça resultou ser hoje...

Zac e Kieran puseram-se a rir. Aquela jovem não duraria nem dois dias nas Highlands.

— Vou estirar um pouco as pernas com a Aila — comentou então Edwina.

— Não te afaste muito, mãe — lhe pediu Kieran, enquanto com a cabeça indicava a dois de seus guerreiros que as seguissem a distância.

Logo, Kieran e outros entraram no castelo. Ao chegar ao salão, viram lorde Ferguson falando em um lateral com seu genro Cedric e suas filhas Mai e Davinia.

Depois de cruzar um nada afável olhar com o Cedric, para não interromper sua conversa, Kieran decidiu sentar-se à larga mesa de madeira do outro lado do salão, junto ao Jesse Steward, que o recebeu com um grato sorriso. Começaram a falar, mas sem dúvida a ambos chamava a atenção à conversa daqueles.

— Sei de dois homens do Hermitague, com boa situação, que estão interessados na Angela. Inclusive meu irmão Jesse, Otto ou Rory, — expôs Cedric — estariam encantados de aceitá-la como esposa.

— Não. — respondeu lorde.

William Shepard, que os escutava sentado sobre um tronco, olhou-os, mas não disse nada. Preferia calar e observar o que ocorria.

Cedric, dando um tapa na pequena mesa que tinha ao lado, disse, levantando a voz:

— Senhor, deve entrar em razão. Sua filha tem que desposar-se já!

Para ouvi-lo, o lorde olhou ao marido de sua filha e vaiou com voz trêmula de fúria contida:

— Não volte a me falar assim em toda sua vida. E tratando-se de minha filha, você não opina, não ordena e não decide, entendido, Cedric?

O homem assentiu com olhos irados, mas logo olhou a sua mulher e, depois de lhe fazer um gesto com a cabeça, ela interveio com um fio de voz:

— Pai, eu me desposei com o Cedric quando...

— Assim o quis, filha. Acaso o esqueceste? — replicou seu pai, esculpindo um pau de madeira ainda com gesto de aborrecimento.

Cedric e Davinia se olharam e esta, acalorada, insistiu:

— Pai, dentro de uns dias, retornarei a meu lar no Merrick, com meu marido e seus homens e...

— E ficaremos vivendo tranquilamente aqui — sentenciou o lorde.

Mai costurava sentada em uma cadeira, e observava, sem dizer nada, a insistência de seu cunhado. Por que teria tanto interesse nas bodas da Angela? Olhou ao Cedric, um indivíduo frio e desagradável. Nada que ver com o Robert Chatman, o homem que ela amou, que seu pai adorava e suas irmãs queriam, mas que por desgraça morreu em combate.

Cedric olhava o fogo em busca das palavras corretas, quando Ferguson sussurrou:

— Angela é a luz de minha vida.

— E eu não o sou, pai? — queixou-se Davinia.

O lorde cruzou um significativo olhar com seu bom amigo Shepard e, sorrindo, respondeu:

— Claro que sim, minha filha, e também o é Mai. Mas igual a vocês escolhestes seu caminho, quero que Angela escolha o dela. O dia que nasceram prometi a sua mãe que unicamente lhes desposariam por amor e assim tem que ser.

Mai, ao escutar a seu pai, esboçou um sorriso com dissimulação. Era um romântico que adorava, como sabia que ele adorava a suas três filhas.

— Isso é um engano, senhor — disse Cedric —. Angela é uma mulher e como tal tem que obedecer e acatar o que lhe imponha. Poder-se-ia casar com meu irmão Jesse e partir a Glasgow. Está em idade de contrair matrimônio e suas bodas poderia beneficiar a...

— Cedric, com minha filha não negocio. Fiz-lhe uma promessa a sua mãe e a cumprirei — sentenciou o homem com tranquilidade.

A fúria de seu genro cresceu visivelmente e Davinia, ao vê-lo, depois de olhar ao Jesse com dissimulação, insistiu de novo:

— Pai, sede razoável. Angela aqui é vulnerável, necessita a alguém que a proteja e sabe.

William sorriu ao ouvir isso. Se algum dos assistentes conhecesse a verdadeira Angela ficaria boquiaberto. Ferguson, acariciando com carinho a cara de sua filha maior, respondeu:

— Sei que pensa que eu não sou capaz de defendê-la, mas daria a vida por ela. Só quero que conheça o verdadeiro amor, como lhes dei oportunidade de conhecê-lo vocês, e espero que algum dia seu homem a chame "meu céu", como eu chamava a sua mãe.

Cedric disse algo desafortunado em referência a esse apelativo carinhoso e Ferguson protestou.

Kieran, que, como Jesse Steward, escutava de longe, olhou a este e lhe perguntou:

— Procura esposa?

Com gesto áspero, ele negou e respondeu com um amargo sorriso:

— Não, mas ao parecer o idiota de meu irmão a busca para mim.

— Não cabe dúvida de que te quer desposar — se mofou Louis.

— Quão último faria seria aceitar uma ordem dele — grunhiu Jesse zangado.

Louis e Kieran intercambiaram um olhar, mas não disseram nada. Sem dúvida, Jesse pensava quão mesmo eles do idiota de seu irmão. Seguiram bebendo em silêncio enquanto escutavam. Kieran entendia o que Davinia e Cedric queriam dizer. Sem dúvida, aquela moça temerosa era peculiar e necessitaria que alguém a protegesse quando seu pai faltasse. Mas por outro lado também compreendia que se Ferguson lhe tinha dado sua palavra a sua mulher a respeitaria.

— Senhor, me permita lhe dizer — insistiu Cedric — que com esse caráter tímido que tem nunca vai encontrar um marido a sua medida. O melhor é desposá-la com um homem que conheçamos e...

— Fará, encontrará. Sei — concluiu o lorde olhando a seu amigo William.

— Mas, pai, Angela é...

Cansado de lhes escutar, Ferguson grunhiu e, atirando o pau de madeira que estava esculpindo, olhou a sua filha e ao marido e vaiou:

— Angela é uma Ferguson e além disso tem o sangue espanhol de sua mãe, estou seguro de que sairá adiante, com ou sem marido.

Kieran e Louis se olharam sorrindo.

Sangue espanhol?

Quão espanholas eles tinham conhecido em algum de suas viagens pouco tinham que ver com aquela assustadiça mulher. A jovem tinha de espanhola o que eles de ingleses.

— Pai — interveio Mai para tranquilizá-los, — se crê que o melhor é que venha à abadia comigo, posso falar com a madre abadessa e...

— Nem te ocorra voltar a mencioná-lo! — ouviu-se de repente.

Todos olharam para a porta e ali estava Angela. Kieran a observou com curiosidade. De repente, a tímida chorona tinha uma expressão de aborrecimento e determinação que lhe fez graça. A moça apertou os punhos e, sem lhe importar quem estivessem ali bebendo cerveja, aproximou-se de sua família e em voz baixa e contida, implorou:

— Querem deixar de me buscar marido ou abadia?

Olhando-a, o marido da Davinia replicou:

— Fazemo-lo por seu bem, embora agora não o crê. Conheço vários homens que...

— Não! Não me interessam!

Cedric, zangado por seu descaramento, baixou a voz e disse:

— Seu pai morrerá antes que você, é lei da vida, e...

— Cedric! — gritaram molestas Angela e Mai, enquanto Davinia se tampava a boca.

— Por são Drustan, já me estão enterrando!

— Não, pai — respondeu Davinia rapidamente — Espero que Deus o guarde muitos anos, mas Angela...

— Acaso teme como seu marido que eu seja uma carga para ele? — Sua irmã não respondeu e Angela, molesta, prosseguiu: — Eu não senti o chamado de Deus, como Mai depois da morte do Robert, nem encontrei a um homem com o que queria viver, como você. Papai só cumpre a promessa que fez a mamãe e nem você nem ninguém obterá que eu faça o que não desejo fazer.

Ao escutá-la, Ferguson sorriu, para desespero do Cedric. Angela era a única de suas filhas que o chamava “papai” e com a que sempre mantinha largos bate-papos à luz da lua ou ante o lar. Essa confiança entre eles sempre lhe tinha gostado e ainda não queria renunciar a isso. Sua pequena filha era a mais parecida com sua mãe, acreditasse ela ou não.

— Se sua mãe vivesse, estaria de acordo comigo — lhe espetou Cedric.

— Duvido-o — se mofou o lorde, ganhando um sorriso da Angela. — Sua mãe rechaçou a muitos pretendentes até que cheguei, porque seu pai assim o permitiu, e isso mesmo é o que ela queria para suas filhas. Minha amada Julia dizia que, quando me conheceu, sentiu que o coração lhe desbocava e isso era o que ela queria para suas crias. Um coração desbocado. Umas bodas por

amor. Minha filha Davinia a teve. Mai também, com Deus. Agora Angela decidirá, como o fizeram suas irmãs.

— Senhor, essa absurda promessa lhe vai trazer problemas. Nenhum homem de sua posição permite que suas filhas tomem estas decisões — teimou Cedric — É uma mulher e...

— Oh, Cedric, que pentelho é! — protestou a jovem.

— Angela! — reportou-lhe Mai.

Cedric, molesto, aproximou-se da jovem com atitude de lhe intimidar, mas ela vaiou em tom baixo:

— Cuidado com o que vais fazer. Está em minhas terras.

— Angela! — exclamou Davinia ao ver sua irmã tão respondona. O que lhe ocorria?

Com um sorriso nos lábios, lorde Ferguson disse, para resolver o assunto:

— Enquanto eu viva no Caerlaverock, ela estará segura e protegida.

Aproximando-se de seu pai, Angela o abraçou com carinho e murmurou para que só ele a ouvisse:

— Obrigada, papai. Quero-te.

Comovido pelo carinho que sua pequena sempre lhe demonstrava, agarrou-lhe o queixo e respondeu:

— Eu te quero mais, *minha querida*.

Ambos sorriram sem lhes importar quem os olhasse e Kieran, que observava a cena, esboçou também um sorriso. Sem dúvida, aquele homem e sua filha tinham uma conexão muito especial.

Então, Ferguson agarrou a sua filha pelo braço e se encaminhou para onde estavam seus convidados. Em seu caminho, recolheu o pau que estava esculpindo e que tinha atirado ao chão e uma vez chegou à mesa, deixou-o sobre esta.

Jesse piscou um olho a Angela e ela sorriu divertida. Por que Davinia não se casou com aquele irmão?

Kubrat Ferguson pediu algo de beber a uma das mulheres e se acomodou frente a Kieran e junto a sua filha.

— Tivestes boa noite no bosque, O'Hara?

Angela se voltou para olhar a suas irmãs. Mai seguia costurando enquanto observava como Davinia, empurrada por seu marido com dissimulação, desaparecia pela porta do fundo. Esse gesto não gostou, mas não disse nada. Se Davinia o consentia, era seu problema. Instantes depois, William Shepard se uniu e se sentou à mesa com eles.

— Foi uma noite tranquila — respondeu Kieran, enquanto observava a jovem filha do lorde com curiosidade. Tinha um rosto bonito, fino e delicado. Sem dúvida tão delicado como a doce dama que era.

Depois de um silêncio, lorde Ferguson tocou a testa e confessou entre dentes angustiado:

— Dou graças ao céu por que não tenha ocorrido nada... Maldito bosque. Desde que levou a minha mulher e meus filhos não faz mais que me dar desgostos e problemas.

— Meu senhor... — sussurrou William ao lhe escutar.

— Kubrat... — disse Jesse, ao ver sua expressão.

Angela o olhou e viu que os olhos lhe umedeciam, por isso lhe agarrou a mão e, apoiando a cabeça em seu ombro, murmurou com carinho:

— Papai, não quero ver-te chorar, vá?

Ele assentiu, secou-se os olhos e murmurou, ainda emocionado:

— Sinto muito... Não queria incomodar a ninguém.

Kieran, depois de cruzar um olhar com o Jesse e Angela e esta lhe pedir ajuda em silêncio, disse:

— Não passa nada, Ferguson. Tranquilize. Todos perdemos a seres queridos e entendo sua dor.

Depois de uns segundos em silêncio, durante os quais o homem se repôs, Kieran acrescentou:

— Por sorte para todos, nem esta noite nem a anterior ocorreu nada no bosque. Embora obrigado, deveríamos dar a esse bando de encapuzados os créditos. A não ser por eles e sua eficácia assegura-te que hoje teria um verdadeiro problema.

O lorde assentiu e, suspirando, exclamou:

— Por são Drustan. Levo anos tentando saber algo dessa gente, mas tudo é inútil. Ninguém os conhece. Ninguém os viu. Só sei deles porque chegam a meus ouvidos suas boas ações.

Surpreso, Kieran insistiu:

— Estas são suas terras, como não sabe quem são?

— Tentei-o tudo. Tudo! Verdade, William?

— Sim, meu senhor.

— Mas minhas incursões noturnas nunca deram fruto — prosseguiu Ferguson. — Esse bando de encapuzados parece me ler o pensamento. Adiantam-se a meus movimentos e sabem esconder-se muito bem.

— E não pensaste que possa ser sua própria gente? — perguntou Kieran.

Ferguson soltou uma gargalhada e respondeu:

— Ninguém de meu entorno é' tão louco, nem faria isso em troca de nada.

"Ai, papai... Se você soubesse...", suspirou Angela com um meio sorriso que rapidamente apagou ao ver que Kieran a observava.

— Como terá comprovado por ti mesmo — prosseguiu Ferguson — neste castelo fica pouca gente.

Kieran assentiu. Tinha-lhe chamado a atenção que o lorde não tivesse exército que liderar, mas quando foi perguntar, o homem continuou:

— Todo mundo partiu daqui. Só ficamos os que veem.

— E quem cultiva os campos?

— Os que vivemos no castelo — respondeu Angela — Todos trabalhamos nele para poder subsistir.

— Pedi-lhes centenas de vezes que lhes deveis viver em Glasgow — disse Jesse — Ali há lugar para vós e...

— Obrigado, filho, mas não — o cortou Kubrat — Nestas terras morreu minha amada Julia e nelas espero morrer eu também.

Surpreso pelas palavras da jovem, Kieran lhe agarrou uma mão e lhe olhou a palma. Tinha razão, não eram as mãos delicadas de uma rapariga.

— Não sabia que as coisas fossem tão mal, Ferguson — comentou.

O lorde assentiu com tristeza e, olhando as mãos de sua filha pequena, sussurrou:

— Só espero que Angela seja preparada, encontre um bom marido e parta daqui assim que possa.

— Papai... — protestou a jovem.

Kieran, que ainda não lhe tinha soltado a mão, ao lhe ver uma cicatriz na palma, perguntou, tocando-lhe com um dedo:

— Isto do que é, milady?

Nervosa pelo contato e molesta por que não a soltasse, Angela respondeu baixinho, depois de cruzar um rápido olhar com o Shepard:

— Cortei-me...

Nesse instante, Sandra entrou no salão e Angela aproveitou para retirar a mão, que baixou rapidamente da mesa. Zac, ao ver a jovem, sorriu-lhe. Era uma morena com uma cara preciosa. Mas ao ver o gesto sério do Louis, apartou a vista. A moça se sentou à mesa frente a Jesse, que a saudou com um alegre sorriso e, depois de um movimento de cabeça de Angela, limitou-se a escutar e

calar.

— Quanto ao que falávamos — insistiu Kieran — pude comprovar por mim mesmo que é um grupo liderado por uma mulher...

— Fada! — assentiu Ferguson — Sim. Também ouvi falar dela.

— E quem não? — cochichou William, ganhando uma mirada de Angela.

— Sabe quem é? — perguntou Kieran interessado.

O lorde negou com a cabeça.

— Não.

— Adoraria conhecê-la — disse Jesse — Sem dúvida, deve ser uma mulher fora do comum.

— Papai — interveio Angela — de verdade crê que uma mulher pode ser tão valente e ousada para fazer o que toda a gente diz?

Kieran soltou uma gargalhada que a Angela lhe tornou aditiva e mais quando afirmou:

— Asseguro-lhes, milady, que, de onde eu venho, há mulheres capazes dessa valentia. E mais, as irmãs do Zac são tão mãos direitas no manejo da espada e o rastreamento como eu mesmo.

—Seriamente? —perguntou Angela, encantada, apesar de seu gesto circunspeto.

Kieran cravou seus claros olhos nela e Zac respondeu:

— Minhas irmãs Megan e Shelma são grandes Guerreiras. Em especial Megan. Ela nos cuidou sempre e, embora sua impetuosidade lhe traz contínuos problemas com meu cunhado Duncan, é...

— Duncan está encantado com como é sua esposa — o cortou Kieran — E não cabe dúvida de que ela e Gillian, a mulher do irmão do Duncan, são duas mulheres a pegar em armas.

— São tão valentes? — perguntou Sandra.

— Conheci-as e posso afirmá-lo — sorriu Jesse, cruzando um divertido olhar com o Kieran.

— Conhece-as? — inquiriu Zac, surpreso.

Jesse Steward respondeu sorridente:

— Ao Duncan e ao Niall os conheço como a Kieran, de ter coincidido em batalhas. A elas as conheci na reunião de clãs do Stirling. Não se intimidam ante ninguém.

Kieran pôs-se a rir ao recordar do que falava e disse:

— Zac, recorda o aborrecimento dos McRae, quando Megan e Gillian desafiaram a alguns highlanders a competir com o arco e a espada e saíram vitoriosas?

Zac soltou uma gargalhada.

— Como poderia esquecê-lo?

Durante um momento, falaram da mestria do Megan e Gillian lutando ou montando a cavalo, enquanto Angela os escutava em silêncio. Sem dúvida alguma aquelas mulheres eram como ela, a diferença era que em seu caso não o podia manifestar em público e elas sim. Finalmente, olhando-a, Zac disse:

— Para horror e alegria de meu cunhado Duncan, minhas sobrinhas estão seguindo o mesmo caminho que sua mãe. — E, com mofa, acrescentou: — O dia que eu me despose, espero que minha mulher não me dê tantos problemas como minha irmã dá a meu cunhado.

Todos riram a gargalhadas até que Kieran reconduziu a conversação para voltar a falar daquela misteriosa mulher e seu grupo de encapuzados. Isso fez graça a Angela, que ouviu dizer a seu pai:

— Há quem diz que é o espírito errante de minha amada mulher, e quem a acompanha, meus filhos.

Todos conheciam a triste história daquela família e o silêncio se apoderou do salão. Angela acariciou a mão de seu pai, que já ia se desmoronar, e Kieran, ao ver o gesto, interveio:

— Ontem à noite voltei a me encontrar com ela no bosque e lhes asseguro que um espírito não é. É uma mulher de carne e osso e, pelo pouco que pude ver dela, bastante atrevida e ousada.

Louis e Zac perguntaram ao uníssono:

— Viu-a?!

Sandra e William olharam a Angela com dissimulação. Tinha ido ao bosque sem eles?

A jovem, ao sentir seus olhares, deu-lhes uma patada por debaixo da mesa para que dissimulassem, enquanto Kieran se vangloriava:

— Veio a me visitar de madrugada. Já sabem o efeito que causo nas mulheres.

Ao ouvir isso, Angela levantou uma sobrancelha e Jesse Steward inquiriu:

— E como é? É bonita?

Kieran pensou um momento a resposta.

— Não sei. Só pude ver que era uma mulher de estatura média, como muitas das que nós podemos encontrar, e ia muito tampada para meu gosto. Espero que volte a me visitar e me dê a ocasião de despi-la, não só o rosto.

“Fanfarrão”, pensou Angela, justo no momento em que Edwina entrava no salão de seu passeio.

Molesta pelos comentários de O’Hara e as gargalhadas dos homens, moveu o pau de madeira esculpida que seu pai tinha deixado sobre a mesa e, de um golpe seco, atirou a espada do

Kieran, em sua queda se levou por diante também sua jarra de cerveja.

— Ai, desculpe — se desculpou, levantando-se.

Edwina, ao ver aquele desastre, murmurou aproximando-se:

— Bendito seja Deus, filho, como te puseste!

Ao ver-se empapado de cerveja, Kieran amaldiçoou em silêncio. Angela se agachou a recolher a espada ao mesmo tempo em que ele e, ao levantar-se, deram-se uma cabeçada.

— Augggh — protestaram os dois.

— E agora uma cabeçada — sorriu Edwina.

Jesse soltou uma gargalhada e Kieran, depois de ouvir sua mãe, olhou a jovem com o cenho franzido.

— Ai, meu Deus, sinto-o outra vez — sussurrou ela assustada — Sou tão torpe!

Seguindo com sua representação, Angela foi recolher por fim a espada do chão, agarrando-a pela folha, mas Kieran a deteve.

— Não desejo que lhes cortem as mãos. Se a agarrarem daí lhes farão mal. Não sabe isso, moça?

Entreabrindo os olhos, ela se fez de tímida, enquanto via que Edwina a observava com gesto sério. Soltou a espada com cuidado para não se cortar e a arma caiu direta sobre o pé do Kieran, que saltou de dor. Com fingido horror, Angela se tampou a boca, enquanto continha a risada e voltava a repetir tremente:

— Ai... Sinto muito... Sinto muito... Sinto muito...

— Filha de minha vida, tome cuidado — interveio Edwina, incrédula ante tanta estupidez.

Sandra aguentou a risada, algo que Louis, Zac, Jesse, William e lorde Ferguson não fizeram.

Kieran deu um passo atrás e vaiou:

— As armas se agarram pelo punho. — E ao ver seu gesto tímido, perguntou: — Alguma vez agarrastes uma espada?

— Deus me libere — respondeu ela, levando uma mão à garganta.

Surpreso de que aquela jovem pudesse trabalhar no campo, tendeu-lhe a espada e ordenou:

— Agarre!

— Não, filho, não a aproxime, não te vá fazer mal.

— Mãe, poderia te calar um segundo... Por favor? — vaiou Kieran.

— Kieran O'Hara — protestou a mulher — Não me fale assim.

Divertida, Angela observou como aquela mulher gesticulava e lhe plantava cara a seu

filho. Finalmente, levantando as mãos para o céu, Edwina disse:

— De acordo, aclarei-me, *tesouro*, aclarei-me.

— Mãe... — suspirou ele para ouvir que outra vez o chamava “tesouro”.

Angela olhou a seu pai, que assentiu com um sorriso. Devia obedecer e agarrar a maldita espada. Aproximando-se de O’Hara, pisou-lhe no pé prejudicado e Kieran, agarrando-a pelo braço, aproximou-a dele e exclamou:

— Nunca conheci a ninguém tão torpe como você.

Edwina assentiu. Ela tampouco, mas se calou.

Angela, com os olhos a escassos centímetros dos dele, sentiu-se desfalecer e, de repente, todos os sons desapareceram, para ficar só o batimento de seu coração. Isso a fez pensar em sua mãe.

Isso foi o que sempre disse que lhe havia passado ao conhecer seu pai!

Extasiada por seu descobrimento, durante uns segundos manteve o olhar fixo no do highlander e só reagiu quando o ouviu dizer:

— Milady, agarre a maldita espada.

Com premeditação e traição foi agarrar de novo mal a arma, mas detendo-a, ele grunhiu com desespero:

— Acabo-lhe de dizer que da folha não se agarra.

Ferguson sorriu e, olhando a uma deslocada Edwina, cochichou:

— Minha preciosa e delicada menina nunca empunhou um aço.

A mulher negou com a cabeça e Kieran disse com ironia:

— Não faz falta que me diga isso, Ferguson, eu mesmo o vejo.

Cada vez mais molesta pela atitude arrogante que ele mostrava, Angela agarrou a espada pelo punho com as duas mãos, embora o fez sem muita força e o peso da arma fez que caísse aos pés, lhe cortando a saia do vestido pela metade.

— Ai, Senhor — gritou Edwina horrorizada. E, olhando a seu filho, acrescentou: — Kieran, exijo-te que tire a esta moça sua espada das mãos agora mesmo, antes que ocorra algo pior.

Angela se moveu, arrastando com ela a arma. Todos gritaram assustados ao ver como o aço passava a escassos centímetros do tornozelo do Kieran, que deu um salto.

Este, olhando a delicada perna que aparecia entre o talho da saia, esboçou um meio sorriso e lhe tirou a espada.

— Está visto que o seu valor não são as armas milady.

De boa vontade, Angela o teria demonstrado e lhe teria dado seu castigo, mas não devia

fazê-lo. Seu pai, ao ver sua expressão compungida, disse, aproximando-se dela com carinho:

— Va a sua habitação a descanse até a hora da refeição, minha vida.

Como um coelhinho assustado e com a saia do vestido cortado, Angela assentiu e, sem olhar para trás, saiu do salão, seguida por Sandra.

Quando entraram na habitação e fecharam a porta, as duas jovens começaram a rir. Estava claro que Angela os tinha enganado muito bem a todos. Incluído a esse convencido Kieran O'Hara.

Capítulo 8

Dois dias depois, Kieran continuava no castelo. Sua desculpa era que queria encontrar a quem os atacou, mas a quem realmente desejava ver era à misteriosa mulher que os ajudou.

Edwina não saía de seu assombro.

Como era possível que a pequena dos Ferguson fosse tão torpe e chorasse tanto?

Em alguns momentos, quando se sentava a falar com ela, Angela lhe mostrava uma maneira de ser que adorava. Era graciosa, amável, simpática e lhe podia falar de algo. Mas quando menos o esperava, aparecia a moça chorona, queixosa e torpe e tudo o que Edwina tinha pensado anteriormente dela ficava apagado.

Essa noite, disse a seu filho que queria partir para Edimburgo.

— Mãe, não pode esperar?

A mulher negou com a cabeça, justo no instante em que viu a Angela passar chorando, seguida por uma das criadas.

— Se passar um segundo mais com essa insofrível jovenzinha, asseguro-te que minha visita a Caerlaverock não vai acabar bem.

— É muito sensível — se mofou Kieran.

— O que é, é uma chorona insuportável — replicou sua mãe.

— O que te pareceria como senhora O'Hara? — perguntou ele divertido.

Edwina o olhou e, depois de lhe beliscar o braço, vaiou:

— Se o fizer, Mato você!

Depois de soltar ambos uma gargalhada, a mulher acrescentou:

— Acredito que a ausência de uma mãe a tem feito tão débil e dependente. — E ao ver que seu filho se encolhia de ombros, perguntou: — É certo o que se diz do Kubrat Ferguson?

— O que?

— Que desde que faleceu sua mulher sua vida se derrubou.

Kieran, ao recordar o episódio de fazia uns dias, quando Angela teve que consolar a seu pai, assentiu.

— Sim, mãe. Pude-o ver com meus próprios olhos e já vê o lamentável estado no que vivem.

— Sim. É verdadeiramente penoso — conveio a mulher, olhando a seu redor.

— Embora há de se dizer em sua defesa — prosseguiu Kieran — que perder a sua mulher e a três de seus filhos em um dia não deve ser nada fácil.

— Deve ser terrível... Terrível! — E, pesarosa, acrescentou: — Quando morreu seu pai, eu quis morrer com ele, mas James e você me fizeram ver que tinha que seguir vivendo. Não quero nem pensar se vós dois tivessem morrido também.

Kieran sorriu e, abraçando-a, disse:

— O que teria sido de nós sem nossa doce, bela e encantadora mãe?

Esquecendo-se da tristeza, Edwina lhe devolveu o sorriso e murmurou:

— Lisonjeador.

Ambos riram de novo e Kieran, aproveitando o momento, disse:

— Em referência ao James, seguiremos procurando, mãe. E quando encontrar a esse verme dar-lhe-ei seu castigo por não dar sinais de vida durante tanto tempo.

A mulher assentiu e, olhando-o com os olhos alagados de lágrimas, confessou:

— É estranho, filho, mas o coração me diz que ocorreu algo a seu irmão. Não o sinto e isso me preocupa.

Kieran, querendo lhe tirar importância a sua preocupação, aproximou-se de sua mãe, beijou-a com carinho e cochichou:

— Encontrarmo-lo. Prometo-lhe isso.

Nesse preciso instante, um grito chamou sua atenção e ao olhar para a estadia viram que Angela, apontando um dedo, chorava saltitando:

— Cravei-me... Cravei-me com a agulha de costurar.

Sua irmã Davinia, abraçou-a rapidamente para consolá-la, e Edwina, olhando a seu filho, murmurou:

— Se não for logo daqui, acredito que matarei a essa muito torpe e chorosa jovem.

— De acordo, mãe — respondeu ele divertido — partirá na alvorada para o Edimburgo. Vários de meus homens lhe escoltarão até a casa de sua amiga Rose O'Callahan e ali esperará até

que eu chegue, para ir contigo ao Kildrummy.

— Recorda que Rose tem uma sobrinha chamada Siarda?

— Mãe... Não.

A mulher sorriu e calou. Depois, aplaudiu contente. Adorava ao Rose. Conheciam-se desde jovens e encontrar-se com ela sempre era motivo de felicidade.

— Por certo, filho, aproxima-se a festa dos clãs no castelo do Stirling.

— Sim, falta pouco mais de um mês.

— Que tal se nos encontramos ali?

Ainda ficava tempo para aquilo, mas sem vontades de discutir com sua mãe, Kieran assentiu.

À alvorada, depois de despedir-se dos Ferguson, Edwina, junto com sua dama de companhia, partiu feliz para o Edimburgo, enquanto observava a Angela, ainda sem entender a facilidade da garota para passar de encantada a insuportável.

Os dias passaram e Kieran seguiu procurando à mulher que lhe tinha salvado a vida, mas não conseguia averiguar nada dela nem de seu bando. Em certos momentos, e requerido pelo Kubrat Ferguson, ia ao castelo do Caerlaverock para falar com o homem. Mas assim que caía a noite, partia ao bosque para não estar perto do Cedric. Não o suportava e menos depois de havê-lo visto pressionar a sua mulher como o tinha feito.

De madrugada, no meio do silêncio do lugar, Louis ouviu um ruído e despertou ao Kieran. Ambos escutaram com atenção, mas quando se convenceram de que não era nada, voltaram-se a deitar.

Entretanto, a intranquilidade de ser atacados de novo não deixava dormir ao Kieran e em uma das ocasiões em que se deu a volta, pareceu-lhe ver que na entrada de uma das covas havia alguém meio escondido. Levantou-se sem duvidá-lo, agarrou sua espada e caminhou para lá com decisão.

Dentro da cova estava escuro. A luz da lua não entrava até ali, mas pouco a pouco seus olhos se foram acostumando e então ouviu:

— Olá de novo, O'Hara.

Rapidamente olhou para a direita e se encontrou com o que ansiava ver. Ali, estava a mulher que o obcecava. Voltou-se com um sorriso e, aproximando-se dela, respondeu:

— Levo dias te esperando, por que não vieste antes?

Movendo-se com cautela, ela respondeu:

— Tenho outras coisas que fazer. Não só lhes vigio a vós.

— Vigia-nos?

— Aham...

Encantado por voltar a estar com ela, perguntou:

— Como chegaste até aqui sem que nenhum de meus homens te tenha visto?

— Já lhe disse isso, este bosque é minha casa e sei como me mover.

— Vive na cova?

A jovem não respondeu e quando Kieran se moveu, ela também o fez. Com os olhos cada vez mais adaptados à escuridão, ele a seguiu com o olhar e quando viu que se apoiava contra a parede, aproximou-se lentamente e levantou as mãos para lhe tirar o capuz, mas lhe advertiu:

— Eu se fosse você não faria isso.

— O que me impede isso? — perguntou Kieran com voz íntima.

Não fez falta que respondesse, a ponta de uma adaga nas costelas lhe fez saber a resposta. Com um sorriso, Kieran baixou as mãos e sussurrou:

— Cedo ou tarde saberei quem é.

Ela sorriu. Quando atuava como Fada era atrevida e descarada, por isso aproximando-se perigosamente a sua boca respondeu:

— Duvido-o.

Esse claro convite de beijá-la fez entender que a jovem o desejava e, em tom baixo, murmurou:

— Buscar-te-ei e te encontrarei, queira-o ou não.

— Repito, duvido — murmurou Angela divertida.

Foi se mover, mas Kieran a parou com um rápido movimento. Tinha a respiração acelerada e ela também. Aquela mulher lhe tornou muito apetecível e, sem duvidá-lo, perguntou, aproximando seus lábios aos seus:

— Se te beijar, cavara-me a adaga?

Angela, nervosa, não soube o que responder. Sua ousadia a tinha levado a aquele complicado momento, mas enfeitiçada pelo magnetismo do homem, e em especial pelo que sua cercania a fazia sentir, não se moveu e disse:

— Só saberá se o faz.

Às escuras no interior da cova, Kieran se esforçava por lhe ver a cara, mas era impossível. Entre a escuridão e o capuz não havia maneira de vislumbrar nada. Bloqueado pelo que o fazia sentir, ofegou como um principiante para ouvir sua resposta.

Aquela cercania, até sem tocar-se, era o mais maravilhoso que tinha experimentado em

toda sua vida e, atraído como um ímã pela entrecortada respiração da mulher, posou as mãos nos redondos quadris dela e murmurou:

— Sem dúvida, acredito que merecerá a pena provar.

E, sem mais, equilibrou-se sobre sua boca, que devorou sem pudor.

Em um princípio Angela não soube o que fazer. Nunca antes a tinham beijado e menos com aquela intimidade. Mas ao sentir que a língua dele se introduzia entre seus lábios, abriu-os e, quando intuiu o que teria que fazer, colocou também a sua na boca do homem e o desfrutou.

Ao ver-se aceito por ela, agarrou-lhe com mais força os quadris e a apertou contra seu membro. Para ouvir o gemido que escapou de seus lábios, interpretou o que lhe resultava prazeroso e grunhiu de satisfação.

A jovem era doce e irresistível e, pela maneira em que tinha respondido a seu beijo, sem dúvida estava cheia de paixão.

Quando por fim suas bocas se separaram, Angela sentiu que lhe faltava o ar. Não podia ver com claridade o rosto dele, mas a julgar por sua fatigante respiração, pôde saber que estava igual a ela.

Kieran aproximou a mão até aqueles apetecíveis lábios e ao tocar soube que estavam vermelhos, inchados e dispostos de novo para ele. Mas antes que pudesse mover, foi ela quem lhe jogou em cima e o beijou com devoção.

Esta vez o beijo foi tão apaixonado como o primeiro, com a diferença de que era a jovem a que se apertava contra seu corpo, tremendo de desejo. Desejoso de seguir com aquilo, Kieran a agarrou com gesto possessivo, disposto a despi-la e fazê-la sua. Era uma mulher cálida, brava, e ambas as coisas gostava. Um rouco gemido dela o voltou louco.

Entretanto, quando ele tentou lhe baixar a calça, Angela se assustou, separou-o de um empurrão e vaiou com voz trêmula:

— Não seja tão ousado.

— Deseja-me, preciosa Fada, não o negue. Desejas estar entre meus braços e sentir o prazer carnal que sabe que te posso oferecer.

— É um presunçoso, O'Hara, sabia?

Kieran, com o coração acelerado e não só no momento que estavam vivendo, não se moveu, mas grunhiu:

— Oferece-te para mim e agora diz que sim.

Aterrorizada pelo que podia ocorrer se não o detinha, Angela tremeu, mas tentando manter a voz firme, respondeu:

— Beija muito bem, O'Hara, mas isso não quer dizer que eu queira mais de ti.

Ele, aturdido, excitado e furioso pelo rechaço, foi aproximar se dela de novo, quando um golpe na cabeça o fez cair de bruços.

Ao vê-lo, Angela se tampou a boca para não gritar, e então ouviu dizer:

— Sabia que te encontraria aqui.

Ela se tirou o capuz e grunhiu ao reconhecer a voz da Sandra.

— Por que lhe deste tão forte?

Sua amiga, ao ver que se agachava para atendê-lo, disse:

— Pelo amor de Deus, Angela, se não o tivesse feito, acredito que esse bárbaro te haveria possuído ante meus olhos.

Ela assentiu. Ainda tinha os lábios úmidos e inchados pelo apaixonado beijo. Comprovou que o lorde respirava e se tranquilizou. Pobre, miúdo golpe na cabeça que lhe tinha dado sua amiga. Uma vez se certificou de que estava bem, levantou-se.

— Como posso fazer para atrair ao Zac até aqui? — sussurrou então Sandra, aparecendo à entrada da cova.

Angela a agarrou por cotovelo e atirou dela para dentro.

— Pretende que agora eu seja a que golpeie na cabeça ao outro bárbaro?

Sandra lhe piscou um olho, divertida e, ao lhe ver a cara, perguntou:

— O que há sentido quando te beijou dessa maneira?

Ainda acalorada, ela se retirou uma mecha de cabelo dos olhos e murmurou:

— Calor e um prazer até agora desconhecido.

— Oh, meu Deus, eu quero senti-lo também!

— Tornaste-te louca? — murmurou Angela.

— É egoísta, sabia? — respondeu Sandra com gesto reprovador.

— Vamos, antes que desperte!

Sua amiga soltou uma breve gargalhada e caminhou para a greta que tinha aparecido.

— De acordo, vamos.

Quando Kieran despertou, estava atirado de barriga para baixo na cova. Dolorido, tocou-se a cabeça e olhou ao redor. De repente o recordou tudo. A mulher, seu beijo e o golpe.

— Maldita seja — murmurou.

Tocando-a cabeça com cuidado, levantou-se e viu a luz da alvorada que entrava pela boca da cova. Sem dúvida tinha estado ali mais tempo de que pensava.

Depois de olhar ao redor e não encontrar o que procurava, saiu e viu seus homens ainda dormindo. Saudou com a cabeça ao Efren, que estava de guarda, e caminhou para sua manta. Ao sentar-se nela, pensou na mulher e em sua boca. Inconscientemente, tocou-se os lábios e sorriu. A desconhecida era doce e fogosa.

— Dormiste bem? — perguntou-lhe Louis.

Kieran olhou a seu amigo. Não pensava lhe contar nada do ocorrido ou se mofaria dele, de modo que assentiu e, levantando-se presunçoso, disse:

— Vamos, devemos levantar o acampamento e retornar ao castelo.

Zac, que nesse instante se aproximava deles, saudou-os.

— Acredito que deveríamos ir ao Edimburgo, recolher a sua mãe e retornar ao Kildrummy —sugeriu Louis — Intuo que não vamos encontrar os vilões que nos assaltaram e...

— Louis... — cortou-o Kieran — é que não quer encontrá-los?

— Tanto como você — respondeu seu amigo — embora algo me faz pensar que a quem procura em realidade é à mulher que comanda aos encapuzados, equivoco-me?

Kieran não respondeu e Louis murmurou:

— Essa tal Fada não te convém.

— De que falas? — replicou ele, molesto.

— Falo de que no Kildrummy te espera Susan Sinclair e...

— Louis, basta!

Mas sem nenhum temor, este prosseguiu:

— Essa tal Fada considera este bosque seu lar e duvido que você queira ficar nesta zona da Escócia a viver, verdade?

Kieran não respondeu, mas Louis tinha razão.

Mesmo assim, olhou-o e sentenciou:

— Retornaremos dentro de uns dias.

Capítulo 9

Aquela manhã, antes de chegar ao castelo, Kieran viu praticar com a espada aos Stewards. Com curiosidade, observou ao Cedric dar ordens e lhes gritar aos seus, para depois olhar ao Otto, Harper e Rory, seus homens de confiança, e cochichar algo com eles. Afastado de seu

irmão e de sua gente, Jesse praticava com seus próprios homens e lhes falava com calma quando tinha que se dirigir a eles. Seu olhar se cruzou com o de Kieran e, depois de sorrir-se, este prosseguiu seu caminho para o Caerlaverock.

Ao chegar às imediações do castelo, Zac viu a jovem Sandra, que caminhava junto a uma mulher e umas meninas pequenas entre as cabanas abandonadas.

— Louis, me acompanhe — pediu Zac.

Ao olhar e ver o que se referia, seu amigo brincou:

— Moço, o sinto, mas acompanhar a essa moça não gosto nada.

Kieran sorriu para ouvi-lo e Zac insistiu:

— Dever-te-ei uma. Vai, quero conhecer essa jovem e te necessito.

Suspirando mas divertido, Louis finalmente o acompanhou, enquanto Kieran prosseguia jocoso seu caminho.

Zac apertou o passo até chegar onde estavam as mulheres. Sandra ao vê-lo esboçou um sorriso. O highlander desceu de seu cavalo, saudou as pequenas e à mulher e depois agarrou uma flor do chão e, ficando ante a Sandra, disse:

— Uma flor para outra flor.

Encantada, a jovem a agarrou e Evangelina, a mulher que a acompanhava, exclamou encantada:

— Oh, que galante!

Desejoso de ganhar, Zac agarrou outras flores e, entregando-lhe a ela e às meninas, acrescentou:

— E, é obvio, mais flores para outras flores.

Louis sorriu. Zac tinha tido bons professores e era todo enganador. Sem perder tempo, Louis se baixou também do cavalo e se aproximou da Evangelina e as pequenas e começou a falar com elas. Sabia que a mulher era a cozinheira do castelo e começou a elogiar suas comidas, enquanto as meninas corriam a seu redor.

Uma vez chegaram a uns bancos de madeira, Zac convidou a Sandra a sentar-se em um deles, enquanto Louis e as demais se separaram uns metros para arrancar umas ervas aromáticas. Para lhes dar intimidade aos jovens, o highlander reteve a Evangelina lhe perguntando pelos benefícios daquelas ervas e a mulher explicou-os encantada.

Enquanto, Zac se sentou junto à Sandra e, quando foi falar, a jovem lhe tendeu também uma flor e disse:

— Obrigada por seu presente, como eu não tenho nada melhor que lhes dar de presente,

tomem outra flor; esta laranja, minha cor preferida.

Com um sorriso, ele a agarrou e, depois de cheirá-la e ver que cheirava a bosque e a liberdade, guardou-a no bolso da camisa enquanto perguntava:

— Vêm muito a visitar os Ferguson?

— Sempre que posso. Embora, bom..., logo deixarei de fazê-lo.

— Por quê?

Sandra soprou e, encolhendo-se de ombros, respondeu:

— Meu pai morreu e a mãe de minha mãe se empenha em que retornemos a...

De repente se calou. Ante ela tinha a um feroz homem das Highlands e seguro que o que ia dizer o escandalizaria, por isso concluiu vagamente:

— Bom... longe daqui.

Zac, divertido pela loquacidade da jovem, insistiu:

— Onde é longe daqui?

— Longe — repetiu ela, apartando uma mosca que a incomodava.

— Se me disser onde, possivelmente possa ir visitar lhes — sussurrou.

Isso fez sorrir a Sandra, que, olhando-o, repôs:

— Duvido-o.

— Por que o dúvida? Diga-me onde é.

Sabia que lhe dizer aonde ia faria que aquele jovem a olhasse após com gesto estranho, mas cansada de ocultar sempre sua procedência, disse:

— Ao Carlisle. Vou a Carlisle.

Zac a olhou boquiaberto e perguntou:

— Há dito Carlisle?

— Sim — afirmou ela, pondo os olhos em branco ao ver sua reação.

— E o que perdeu no Carlisle?

— Nada — soprou a jovem e, incapaz de reprimir sua vivacidade, em especial quando se falava daquele tema, acrescentou, levantando do banco: — Minha mãe é inglesa, algo que objetar?

Surpreso por esse arranque, Zac respondeu, a cada instante mais interessado:

— Não.

Sandra fez gesto de ir-se de seu lado, mas ele a agarrou pela mão. Ela o olhou e, ofuscada e passando a olhá-lo, espetou-lhe:

— Então, se não tem nada que objetar, por que me olha assim?

Enfeitiçado por aqueles olhos amendoados, Zac se levantou para estar mais perto dela e

anunciou:

— Meu nome é Zac Phillips. Meu pai era inglês, algo que objetar?

A expressão da Sandra trocou e abriu a boca, surpreendida.

— Sério? Diz a sério?

O jovem highlander assentiu com um sorriso e lhe agarrou a mão.

— Totalmente a sério — respondeu. Ao ver que ela se voltava a sentar no banco de madeira, fez o mesmo e prosseguiu: — Não posso evitar que parte de meu sangue é inglês, mas me criei com escocês e escocês me sinto. Portanto, sei do que falas e como se sente. Minhas irmãs e eu sofremos esse desprezo toda nossa vida.

Encantada com essa revelação, Sandra relaxou e, sem soltar-se de sua mão, expôs-lhe:

— Viveste alguma vez na Inglaterra?

— Nasci no Durham e passei ali meus primeiros meses de vida. Pouco depois, meus pais morreram e nós fomos acolhidos na casa da irmã de meu pai, Margaret, mas ela e seu marido, Albert Lynch, não estavam muito contentes de ter a uns meninos escoceses em sua casa, e ao final minha irmã Megan teve que fugir comigo e com minha irmã Shelma ao castelo do Dunstaffnage, onde nos acolheram com carinho e onde meu avô Angus, do Atholl, deu-nos proteção e amor. Com o tempo, minhas irmãs se casaram, Megan com lorde Duncan McRae e Shelma com lorde Lolach McKenna, e atualmente eu sou o que vê: um homem das Highlands orgulhoso de sê-lo.

Sandra, totalmente absorvida pelo que lhe tinha contado, assentiu e sorriu. Sem dúvida, aquele jovem lhe resultava agora mais interessante que antes.

— Orgulha-me sentir seu orgulho — disse.

Zac esboçou um sorriso e se levou a mão dela à boca para lhe beijar os nódulos.

— E eu adoro estar aqui com uma preciosa dama como você — respondeu.

Ficaram olhando-se aos olhos e, antes que Sandra pudesse mover-se, Zac se aproximou mais e a beijou nos lábios. Assombrada, ela não se moveu e ele, encantado no beijo, agarrou-a pela nuca enquanto com a língua lhe abria a boca. Quando viu que o aceitava, aprofundou o beijo.

Durante uns segundos, Sandra se deixou levar. Ninguém a tinha beijado nunca assim, mas quando sentiu que Zac começava a apartar-se de sua boca, retirou-se com os lábios inchados e, com a mesma celeridade com que ele a tinha assaltado, lhe deu um bofetão.

Sem separar-se dela e com a respiração entrecortada, igual à da Sandra, Zac franziu o nevoeiro e perguntou:

— Por que tem feito isso?

Levantando do banco com celeridade, ela respondeu:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Quem te deu permissão para me beijar?

Nesse instante, aproximaram-se Louis, Evangelina e as meninas, que tinham ouvido o bofetão, e, antes que Zac pudesse responder, Sandra se agarrou do braço da mulher, que olhava ao jovem com recriminação, e, dando meia volta, disse:

— É um descarado, Zac Phillips.

Logo se afastou com urgência, sem deixar ver seu sorriso, enquanto Louis, ante o gesto de desconcerto do moço, sentou-se junto a ele e, mofando-se, comentou:

— Bonita marca a de sua cara. Espero que ao menos tenha merecido a pena.

Zac, soltando uma gargalhada, olhou-o e afirmou:

— Sem dúvida alguma, mereceu-a.

Capítulo 10

Kieran O'Hara prosseguiu seu caminho para o castelo e, ao chegar, deixou a seus homens acampados fora, e ele entrou no pátio. Sorriu ao ver as gêmeas brincando com a Angela e os filhos do Shepard. Sem dúvida alguma, aqueles moços adoravam a jovem ruiva, pois cada vez que a via, quase sempre ia acompanhada deles. Pareciam seus guardas pessoais. Sem desmontar, observou ao grupo uns instantes. Pareciam passá-lo bem e as gargalhadas das pequenas lhe encheram o coração. Não havia nada mais bonito que o som da risada dos meninos.

Com curiosidade, olhou a Angela, com seu vestido bordô e o cabelo recolhido na nuca. Levava os olhos tampados e se movia com soltura, procurando as meninas enquanto sorria. Kieran desceu do cavalo e, aproximando-se, fez-lhes um gesto às gêmeas e aos filhos do Shepard para que não dissessem nada. Depois se ajoelhou para estar à altura das pequenas e ficou diante da Angela.

Esta lhe tocou a cabeça e, abraçando-o com força, exclamou:

— Peguei-te!

Angela pensou que se tratava do Aston ou do George, mas então ouviu Effie dizer:

— Galinha cega, agora tem que adivinhar quem é.

Divertida, ela sorriu, sem dar-se conta de que Kieran a olhava com deleite.

Que bonita boca tinha... e seus dentes eram perfeitos!

Angela lhe tocou os ombros e disse:

— Sem dúvida é um homem forte e valoroso, verdade, meninas?

— Sim — gritaram ao uníssono as pequenas, enquanto Aston e George observavam com gesto incômodo.

— E é bonito?

— Muito bonito — gritaram as crianças, animadas pelo Kieran.

Angela continuou lhe tocando o peito e as costas, e então algo não se encaixou. Nem Aston nem George, levavam aljava[1], e quando lhe tocou a cabeça e ele se encolheu dolorido, soube: era Kieran.

Rapidamente se tirou a atadura dos olhos e, ao vê-lo, murmurou envergonhada:

— Oh, meu Deus.

Divertido, ele se levantou do chão e, olhando-a desde sua imponente altura, disse:

— Vá... sim, sou eu.

— É bonito, verdade, Angela? — comentou Effie.

Ela, depois de olhar ao Aston e George, que a contemplavam divertidos, enrugou o nariz e não respondeu.

— Tão feio sou, para fazeres essa cara de horror, milady? — lamentou-se Kieran — Qualquer um que te visse pensaria que acabo de lhe beijar.

As meninas soltaram uma gargalhada e Angela não se moveu.

Se ele soubesse...!

Ato seguido, Aston soltou um grunhido para assustar às pequenas e elas saíram correndo, rindo, enquanto os dois irmãos as perseguiam. Angela os olhou, aborrecida por não a avisarem. Ao ficar a sós com Kieran, viu que este tocava o galo que tinha na cabeça, e lhe perguntou curiosa:

— Ocorre-lhe algo?

Ele sorriu e, olhando-a, respondeu:

— Não. Só me coçava.

Angela assentiu e evitou sorrir.

— Os filhos de William Shepard são seus cuidadores, milady? — acrescentou ele.

Surpreendida pela pergunta, olhou-o e perguntou:

— Por que?

Olhando para onde estavam os dois jovens, Kieran viu que a observavam e explicou:

— Sempre estão com você, eles a protegem de algo?

Angela sorriu e, olhando a seus amigos, respondeu:

[1] Aljava – um tipo de sacola que se carrega nas costas, para guardar as flechas.

— Sem dúvida me cuidam de vilões, selvagens e malfeitores. Nunca se sabe o perto que estes podem estar.

— Considera-me um perigo, milady? — perguntou Kieran divertido.

Angela pensou que sem dúvida era o maior perigo com o qual se encontrou em toda sua vida, mas com voz suave respondeu:

— Tendo ao Aston e ao George a meu lado, ninguém é perigoso.

— Nem sequer eu?

— Nem sequer você.

Ele, aborrecido ao ver a consideração que tinha a aqueles jovenzinhos, lhe piscou um olho, deu a volta e se encaminhou para o salão.

Assim que partiu, os dois irmãos Shepard se aproximaram dela, Aston disse:

— Espero que esse O'Hara se vá logo.

— Por que? — saltou George.

— Porque me incomoda que esteja aqui. É... é... prepotente e presunçoso.

— Segundo Viesla e alguma outra mulher, é muito bonito e viril — afirmou Aston.

— Lhes parece bonito qualquer homem que apareça por aqui — replicou Angela.

— Hão-lhe dito que seu pai organizou uma festa para esta noite? — quis saber Aston.

Ela o olhou surpreendida e ele, divertido, assentiu.

— Te anime, esta noite poderemos dançar!

Isso a fez sorrir. Sempre gostou dos bailes, mas o sorriso lhe cortou de repente quando o jovem acrescentou:

— Sabe? Lorde O'Hara sim me parece um bom pretendente para ti e não os homens que propõe Cedric. Informei-me e não tem mulher, nem prometida, e, pelo jeito como a olha, sem dúvida ele não te desagrada.

— Aston! — exclamou a jovem.

— É valoroso, intrépido e forte como você.

— E? — grunhiu Angela.

George, ao ver seu desconcerto, prosseguiu:

— Porque você só te fixa em alguém a quem admira. Não como esses homens desdentados e sujos que te busca seu cunhado Cedric.

Angela olhou a seus amigos e, ao ver seus tolos sorrisos, resmungou enquanto se afastava:

— Oh, meu Deus, são uns alcoviteiros.

— Angela... velamos por ti — se mofou Aston.

Ela se voltou e, levantando um dedo, vaiou:

— Nenhuma palavra mais.

Os dois irmãos se olharam e soltaram uma gargalhada. Pela primeira vez desde que conhecia a Angela, um homem a punha nervosa, embora se negasse a reconhecê-lo.

Quando ela entrou no castelo, sua irmã Davinia a informou do jantar com baile que seu pai organizou para a noite. Aquela repentina festa deixou Angela curiosa, e foi em busca de seu pai.

Encontrou-o em seguida, estava em sua habitação, como sempre. Quando ela abriu a porta, seu pai lhe sorriu e, com um movimento da mão, convidou-a a passar. Angela se sentou em uma cadeira diante de seu pai e perguntou:

— Por que organizaste uma festa?

— Temos convidados e temos que tratá-los como merecem — disse ele.

Sua resposta a surpreendeu.

— Papai, eu acredito que...

Mas sem deixá-la terminar, seu pai perguntou:

— Sabe o que fazia sua mãe quando vinha um grupo de valentes guerreiros a Caerlaverock? — Ela, apesar de saber, negou com a cabeça e lhe explicou: — Preparava uma boa comida, seguida de uma bonita festa, e todos ficavam contentes. Segundo minha Julia, a hospitalidade era algo muito importante, e, além disso, nesses momentos íntimos, podia-se chegar a acordos.

— Acordos? Que acordos quer com esse O'Hara?

O homem olhou a sua pequena e, pegando-a pela mão, respondeu:

— Não procuro nenhum acordo, mas possivelmente possa conhecer algum desses homens e...

—Papáaaai... —protestou ela, cortando-o.

— Escuta, carinho — disse ele, — embora nunca vou obrigar-lhe a nada, Cedric tem razão. Não correm bons tempos e deveria te desposar e te afastar deste lugar.

— Mas o que está dizendo?

— Digo, o que acredito que é o melhor para ti, minha menina. Deve procurar seu próprio clã...

— Meu clã é este, papai. Mas por que diz isso?

O homem acariciou o rosto de sua filha com carinho e respondeu:

— Sei que em seu coração sempre será uma Ferguson, mas deve encontrar seu caminho

que não consiste em ficar neste lugar cheio de velhos, de penúrias e de perigo. Caerlaverock não é lar para uma jovem cheia de vida como você.

— Papai...

— Me escute, filha. Sei que não tenho feito as coisas bem desde que sua mãe morreu, e que por minha culpa perdemos tudo...

— Papai, não...

— Angela, por favor, me deixe falar — disse ele, e a jovem se calou — Não fica nada. Não temos riquezas, nem povo, nem exército, e em várias épocas do ano sabe que até escasseia a comida. Todo isso não me preocupou até agora, quando só fica você aqui.

Angela o olhou com tristeza. Ferguson sabia que suas palavras lhe faziam mal, mas continuou:

— Esses Stewards não lhe chamaram a atenção, verdade?

— Não, papai. Nenhum deles. E menos os desdentados e sujos com o que Cedric se empenha em que me case. Que asco, Por Deus!

Seu pai soltou uma gargalhada.

— Alegra-me sabê-lo, filha, todos são uns caipiras, exceto Jesse. Ainda não entendo como sua irmã não se casou com ele em vez de com o Cedric. Esse homem cada dia eu gosto menos.

— Eu tampouco a entendo, papai. Acredito que com o Jesse tivesse sido mais feliz, mas, ao fim e ao cabo, foi Davinia quem escolheu.

— Exato, foi ela quem o escolheu. E antes que diga algo, me deixe te dizer que você seria uma excelente mulher para o Kieran O'Hara.

— Papáaaai!

— Eu adoro como me diz isso. Papáaaai!

Ambos riram e ele prosseguiu:

— É um homem poderoso, como eu em meus tempos, e por isso observei, é gentil e bom com as pessoas, e sua mãe também me pareceu assim. Vi como se diverte com Effie e Leslie e brinca com elas; sinal de que gosta de crianças e que tem bom coração. Ainda não vi nenhuma só vez Cedric fazendo uma bajulação a seu filho, como a fazem Jesse ou Kieran. Esse homem é...

— Não, papai, não siga.

— Não te peço nada. Só que pense o que digo. O'Hara é um homem que estou seguro que te protegerá e cuidará bem, não como Cedric a sua irmã.

Angela fechou os olhos. Sem dúvida, seu pai tinha a mesma ideia dela que Cedric.

— É jovem, bonita e intuo que tem mais habilidades das que você gosta de mostrar —

continuou o homem — Por favor, pensa por uma vez em ti e deixa de pensar em mim. Parte deste inóspito lugar e sorria. Seja feliz por sua mãe e por mim. Por favor, me ouça.

— Nunca partirei de seu lado, papai, nunca!

Sem dar-se por vencido, Ferguson insistiu:

— Me prometa que pensará no que te disse. É importante para eu ver-te feliz.

Finalmente, ela assentiu e seu pai, sorrindo, acrescentou:

— Sua mãe dizia que fazer com que um convidado se sinta como em sua própria casa propiciava que sempre retornasse de bom aspecto e com boas novas. Tratemos a esse O'Hara como merece.

Angela se rendeu, o romântico de seu pai não tinha remédio. Depois de falar com ele um momento mais e lhe prometer que tentaria passá-lo bem na festa, partiu. Devia ajudar no campo.

Quando chegou, encontrou-se com sua irmã Mai, com Sandra e com alguns mais do castelo. Davinia não podia ajudá-los, porque seu marido não o permitia.

Durante horas, recolheram batatas que logo levaram a cozinha para que Evangelina as cozinhasse junto ao veado que caçaram.

Pela tarde, Angela se foi com a Sandra a banhar-se. Queriam estar bonitas e cheirar bem para a festa. Nos arredores do castelo, escondido entre umas frondosas árvores, corria um pequeno riacho que utilizavam para esse fim.

—Tenho que te contar uma coisa — anunciou Sandra.

— Diga!

A jovem de olhos amendoados sorriu e, retirando o cabelo dos olhos, confessou cantarolando:

— Hoje me beijaram.

Angela a olhou surpreendida e ela prosseguiu:

— Enquanto passeava com a Evangelina e as meninas pelo campo em busca de algumas ervas para cozinhar, se aproximaram Zac Phillips e o homem de confiança do Kieran O'Hara...

Abrindo desmesuradamente os olhos, sua amiga sussurrou:

— Não posso acreditar isso.

— Pois acredite nisso Angela — respondeu ela, divertida — Isso sim, depois lhe dei um bom bofetão por sua tremenda ousadia.

— Sandra!

— Foi um descarado, o que queria que fizesse? Além disso, não quero que pense que sou

uma prostituta, dessas às que deve estar acostumado.

Meteram-se no rio e Sandra exclamou:

— Que fresca está a água!

— Sempre está fria — disse Angela sorrindo, enquanto flutuava nua.

— Crê que seria muito escandaloso que esta noite eu tirasse para dançar a esse bonito highlander?

— Sandra! Mas se acaba de me dizer que lhe deste um bofetão. Além disso, claro que seria escandaloso. Imagina a cara da Davinia ou do idiota de seu marido se vir seu atrevimento.

Ambas riram e Angela continuou:

— Deve esperar a que ele te convide e seguir o protocolo. Ou acaso crê que não te tirará a dançar depois do ocorrido?

Encolhendo-se de ombros, Sandra a olhou e afirmou, segura de si mesma:

— Fará.

Capítulo 11

Essa noite, depois de colocar seus melhores ornamentos, entraram as duas no salão, e todos os homens as olharam com outros olhos. Deixavam de serem umas camponesas, para converterem-se em damas belas e perfumadas. Sandra usava um vestido granada que fazia ressaltar seu bonito cabelo e seu incrível sorriso. Zac a olhou e, assanhado, murmurou ao Louis:

— Sem dúvida é a jovem mais bonita que já vi.

Louis soltou uma gargalhada que fez rir ao Kieran, que, por sua parte, contemplava Angela boquiaberto. A moça usava um vestido verde que realçava sua delicada figura e sua tez clara. Em vez de levar o cabelo recolhido, como sempre, o tinha deixado solto e na cabeça luzia uma bonita coroa de flores.

Estava muito bela, e mais quando viu seu pai e este lhe sorriu. Sem dúvida, a mais nova dos Ferguson tinha um sorriso fascinante.

— É a viva imagem de meu céu — sussurrou Ferguson, lhe agarrando a mão.

Angela esboçou um sorriso e disse:

— Papai, mamãe era morena, como Mai, e eu sou ruiva, como você, como a avó Rose e como Davinia.

— Mas esses olhos verdes, o sorriso e seu porte, são dela, minha vida.

Ambos sorriram, tirando do bolso da camisa um bracelete de ouro com uma pedra verde, o entregou dizendo:

— Ponha-o. A sua mãe gostaria.

— Papai — sussurrou ela, emocionada ao vê-lo.

— Esta era sua joia preferida e sabe que é tua. Davinia tem um anel, Mai o crucifixo e...

— E eu quero que você me guarde este bracelete — concluiu Angela, olhando-o.

Sua pequena tinha um caráter tão parecido ao de sua mulher, que adorava e, embora se empenhasse em ocultá-lo, ele melhor que ninguém sabia que o possuía.

— Esta noite quero vê-la usando-o. Dê-me esse capricho, minha filha.

Aquele bracelete tinha para ele um incalculável valor emocional. Segundo Ferguson, a pedra verde era da mesma cor dos olhos da Julia. De seu amor. Foi seu presente de bodas. O entregou a primeira noite que dormiram juntos e ela nunca o tirou, até o dia de sua morte, quando os vilões que a mataram o roubaram. Ao lhes caçar, o lorde o recuperou e então nunca se separava dele, sempre o levava consigo. Tê-lo perto, dizia, o fazia sentir que ela seguia com ele.

Angela agarrou o bracelete que seu pai lhe estendia, tocou a pedra verde com carinho, beijou-a e o pôs no pulso. Kieran os observava, comovido pela ternura que via neles. Sem dúvida, aquele homem tinha debilidade por sua filha pequena, e vice-versa.

Com deleite, passeou o olhar pela jovem Angela. Era uma dama muito bela, embora em outros momentos, tremendamente insuportável.

— A Sinclair é muito fina e está muito chorona — sussurrou Louis a seu lado.

— E muito torpe — afirmou Kieran, ao ver que dava um tropeção.

Ambos riram e Zac acrescentou:

— Louis, esta noite não mencionou à enigmática Fada! Acredito que ao Kieran, essa sim, que o impressionou, verdade?

Os três riram, mas Kieran não respondeu. Estava muito ocupado contemplando à pequena dos Ferguson. Aquele cabelo selvagem e vermelho comprido até a cintura, seus olhos verdes, sua bonita boca e aquele nariz arrebitado, chamavam sua atenção. Sem dúvida, a filha de Kubrat, quando não choramingava, até com aquele gasto vestido, era uma jovem muito desejável e bonita. Só tinha que ver como a observavam seus homens, ou os do Steward, para entender que não era uma mulher que, engalanada, passasse despercebida.

O jantar foi muito bom. A cozinheira do castelo trabalhou em excesso, preparando algo delicioso com os ingredientes que tinha e sem dúvida o conseguiu.

Todos desfrutavam do momento e Kieran sorriu a todas as damas do lugar exceto a Angela, que não se dignou olhá-lo nenhuma só vez. Isso o incomodava. Ele era um homem que não passava inadvertido às mulheres, e ver que não lhe prestava atenção, nem sequer quando lhe falava, incomodou-o. O que Kieran não sabia era que a jovem o observava com dissimulação.

Acabado o jantar, vários homens começaram a tocar as gaitas de fole. As sobrinhas de Evangelina foram as primeiras, a sair a dançar e Jesse dançou com elas. Pouco depois, fizeram-no algumas mulheres do castelo, convidadas por seus maridos, pelos Stewards ou pelos guerreiros de Kieran que se animaram a dançar.

Zac observou como alguns Stewards tiravam Sandra a dançar. Isso lhe chateou. E, quando não pôde mais, aproximou-se daquela jovem que tanto lhe chamava a atenção e a convidou também. Ela não duvidou e, com um encantador sorriso que o deslumbrou por completo, aceitou.

Sentada junto a seu pai, Angela o via sorrir enquanto as pessoas se divertiam. Poucas vezes o rosto lhe iluminava de felicidade e desfrutou do momento.

Riu ao ver Evangelina dançar com seu marido Olrach e as gêmeas. Encantada, Angela batia palmas junto a seu pai para acompanhar a música, quando este lhe perguntou:

— Não dança, filha?

— Mas não estou parada, papai — disse.

Entretanto, disposta a que seu pai conservasse aquele incrível sorriso o máximo de tempo possível, Angela olhou a seu amigo Aston e, depois de lhe fazer um gesto, este a convidou a dançar.

Aceitou com paquera e elegância e começou a dançar com ele. Angela era mão direita no baile e se movia com soltura enquanto sorria e desfrutava. Depois daquela peça, a seguinte a dançou com o Jesse Steward e logo seguiu dançando com uns e outros. Pouco depois, com a extremidade do olho viu que Kieran e Louis dançavam com o Effie e Leslie. As pequenas, ao se sentirem observadas, não paravam de sorrir e Angela olhava-as encantada.

Em um dado momento, seus olhos se encontraram com os de seu pai e, ao ver seu gesto, olhou ao Cedric, que, sentado em um lateral do salão junto ao Otto e Rory, não tinha dançado com ninguém e Davinia tampouco. Pobre Davinia. Só lhe permitia estar sentada atrás dele, acompanhada de seu filho.

A festa continuou e Angela viu que Kieran convidava Viesla a dançar, uma das mulheres mais jovens do castelo. Não podia parar de olhá-lo e pôde ver, como dizia seu pai, seu sorriso perpétuo e seu cavalheirismo.

Durante um bom momento, o salão do castelo do Caerlaverock se encheu de risadas, magia e música e todos ficaram felizes.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Esgotada pelo baile e acalorada, quando Angela parou de dançar foi falar com Sandra, mas ao vê-la entretida em uma conversa com o Zac, dirigiu-se para uma das mesas de bebidas. Agarrou uma jarra de cerveja e ouviu que Cedric lhe dizia:

— Angela, quero te apresentar Otto e Rory Steward. Ambos desejam te conhecer e, se possível, te cortejar.

Depois de dedicar a seu cunhado um olhar de recriminação, olhou aos dois homens. Se de longe davam medo, de perto era pior. Ver suas bocas trincadas e cheirar seu fôlego rançoso lhe revolveu o estômago e, afastando-se sem lhe importar o que pensassem, disse:

— Me desculpem, me chama meu pai.

E saiu espavorida ao terraço traseiro do salão, para tomar ar.

Olhou o precioso céu coalhado de estrelas e isso a fez esquecer as intenções de seu cunhado. Levantou sua caneca de cerveja e sussurrou sorrindo:

— Por ti, mamãe.

Bebeu um sorvo e ouviu uns passos atrás dela. Ao voltar-se, viu que se tratava do tal Otto, que se aproximou e perguntou:

— O que faz aqui tão sozinha?

— Precisava respirar ar fresco.

O homem sorriu, deu um passo mais para aproximar-se dela e sussurrou:

— Isso é você, um doce e tentador sopro de ar fresco.

Angela, incômoda por como a olhava, moveu-se para afastar-se.

— Já volto para dentro.

Mas ele, estendendo uma mão e cotou-lhe o passo.

— Acredito que seu cunhado comentou minhas intenções com respeito a você.

— Sinto lhe dizer que as minhas não são as mesmas — replicou, disposta a deixar as coisas claras.

— Rechaça-me?

— Sim. Agradeço-lhe seu interesse, mas não aceitarei.

— Deveria pensar em minha proposição ou...

— Ou o que?

Molesto por seu descaramento, o homem lhe deu um empurrão que a fez embutir-se contra a parede, e então se ouviu uma voz que dizia:

— Steward, aparta suas mãos sujas dela imediatamente.

Kieran estava de pé frente a eles. Otto, face ao olhar furioso do outro, não se moveu, e o

highlander insistiu com calma:

— Não repito as coisas duas vezes.

Otto, ao ver que tinha a mão no punho da espada, separou-se dela sem dizer nada e, depois de olhá-la com recriminação, retornou imediatamente à festa.

Uma vez sozinhos, Angela respirou e Kieran lhe perguntou, aproximando-se:

— Está bem?

— Sim... sim...

— Não deveria estar aqui sozinha, sabe, verdade?

— Estou em minha casa e me sinto protegida — replicou ela.

— Protegida? —mofou-se Kieran.

Enojadíssima levantou o queixo e respondeu:

— Sem dúvida, teria sabido me tirar de cima a esse homem.

Kieran soltou uma gargalhada pelo valente que se mostrava nesse momento, e ela inquiriu:

— O que lhe resulta tão divertido?

Aproximando-se embora sem tocá-la, sussurrou no seu rosto:

— Você é quem me diverte, quando não vê o perigo.

Angela, mais tranquila com sua presença, pensou em choramingar para assustá-lo, mas aquele jogo dele e em especial sua cercania, estava gostando e respondeu:

— Possivelmente o perigo, aqui e agora, é você e seus homens, não crê?

Com gesto arrogante, Kieran sorriu e, querendo lhe demonstrar sua força e superioridade, agarrou-a pela cintura e, lhe tirando a caneca de cerveja das mãos, aproximou-a de seu corpo e murmurou:

— Não me parecia tão tagarela.

Angela tentou apartar-se dele com um empurrão, mas era como lutar com um gigante e, ao não consegui-lo, levantou o queixo para olhá-lo aos olhos e vaiou, contendo sua fúria:

— Me solte imediatamente!

— Milady, não o negue, morre por meus cuidados.

Zangada e sem poder tirar a adaga que levava na bota, Angela gemeu enquanto dizia:

— É um pretensioso presunçoso.

Kieran soltou uma gargalhada e, ao ver que ia começar a chorar, espetou:

— E você uma chorona, uma torpe e uma insofrível moléstia.

Ela abriu a boca, disposta a lhe dizer coisas terríveis, mas logo pensou, apertou os dentes e choramingou:

— Me soltem, estou dizendo.

Kieran estava gostando, daquele jogo, mais do que nunca acreditou possível e respondeu:

— Não.

Angela soprou, contendo sua fúria.

— O'Hara, se não me soltar, lamentará.

Kieran se inclinou para ficar mais perto e, em num tom baixo que a fez ofegar, sussurrou:

— Chore, é o que melhor sabe fazer.

Angela foi protestar, mas ele a soltou, entregou a caneca de cerveja, deu a volta e partiu.

Sobressaltada pelo ocorrido, voltou-se e bebeu de sua caneca, enquanto as mãos lhe tremiam e ainda sentia junto a seu corpo a posse e masculinidade daquele homem.

Capítulo 12

À manhã seguinte, depois de uma noite em que Angela despertou, empapada em suor, pelos pesadelos que sofria desde menina, esgotada, decidiu seguir dormindo. Necessitava-o.

Sandra, que dormia com ela, sabia que a abraçando e lhe falando com carinho se tranquilizava. Consciente da má noite que sua amiga havia passado, quando se levantou procurou não fazer ruído e, em silêncio vestiu-se e saiu da habitação. Quando Angela despertou já era a hora da refeição. Levantou-se e se asseou, mas ao aparecer à janela viu Kieran com seus homens e de repente o coração lhe bateu as asas.

O que lhe ocorria?

Estava desconcertada, assimilando esse sentimento, quando abriu a porta e apareceu Davinia, que, ao vê-la, disse:

— Não tem boa cara. Sandra me disse que não passou boa noite, é verdade? — Quando ela assentiu, sua irmã acrescentou: — Ordenarei que lhe traga uma bandeja com sopa e guisado. Come algo e logo dorme entendido?

Ela assentiu, mas ao Davinia levantou-se, agarrou-a pelo braço e lhe sorriu agradecida, entretanto, ao tocá-la, ela fez um gesto de dor.

— O que te ocorre? — perguntou-lhe.

Recompondo-se rapidamente, Davinia negou com a cabeça e, agarrando o braço direito, respondeu:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Nada.

Sem lhe fazer caso, Angela lhe apartou a mão e, ao subir a manga do vestido, viu um enorme hematoma.

— Como te fez isto? — inquiriu.

Davinia não soube o que responder e sua irmã, horrorizada, insistiu:

— Cedric lhe feito isso?

— Não... Oh, não... Mas que coisas diz! — Não obstante, os olhos lhe encheram de lágrimas.

— Não te acredito, foi ele, verdade?

Finalmente, Davinia assentiu, mas baixando-se rapidamente a manga do vestido, explicou:

— Foi sem querer. Estávamos falando e...

— Isso não se faz sem querer, Davinia.

Esta quis partir, mas Angela, sujeitando-a pela saia, murmurou:

— Sei que não é feliz com o Cedric. Nunca te diz palavras carinhosas, nem você a ele, e vi como olha ao Jesse. O que está ocorrendo aqui?

— Nada...

Angela cravou o olhar nela e murmurou:

— Nunca me disse por que te casou com Cedric em lugar do Jesse. Sei que estava muito apaixonada por este e nunca entendi sua mudança de última hora.

Sua irmã negou com a cabeça e simplesmente respondeu:

— Devo a meu marido. Ele é meu senhor...

— Davinia, o que ocorre?

Sem querer seguir falando, esta saiu da habitação, deixando a Angela assustada.

Um bom momento depois, sentada no batente de sua janela, Angela comia enquanto observava o bosque, seu bosque. Um lugar que adorava e odiava ao mesmo tempo. Observou treinar aos Stewards do Jesse. Sem dúvida eram bons. De repente viu a Sandra caminhar pelo pátio do castelo em companhia do Zac, enquanto lhe sorria com paquera.

Outra vez com ele?

Mas que fazia aquela insensata?

Quis baixar para lhe dizer algo, mas não devia.

Quando dobraram a esquina do pátio, deixou de vê-los, mas então apareceu Kieran O'Hara caminhando sozinho e com decisão. Aproximou-se até seu negro e impressionante cavalo e, depois de lhes dar dois tapinhas afetuosos no pescoço, aproximou a cabeça a do animal, para lhe dizer algo.

Esse gesto tão íntimo agradou-a. Era o mesmo que ela fazia com sua égua Briosgaid. Uma bonita égua cor canela escuro, que seu bom amigo William Shepard lhe comprou anos atrás e que ele cuidava como se fora dele.

Da janela, observou também como lorde O'Hara, depois de deixar a seu cavalo, brincava de correr com as pequenas gêmeas. Seu pai tinha razão: seu gesto terno e como lhes sorria demonstravam que gostava de crianças.

Davinia se aproximou com o pequeno John. Falaram uns instantes e, de repente, Kieran agarrou ao bebê. Seu cândido sorriso ao olhá-lo, agradou-a, e a fez sorrir. Pouco depois, sua irmã agarrou ao John e partiu e então Kieran se voltou e olhou para sua janela.

Ao ver-se descoberta ficou sem fôlego e se agachou rapidamente, mas ao fazê-lo se deu um golpe na testa. O golpe a impulsionou para trás e acabou sentada no chão.

— Maldita seja!

Como foi tão torpe?

Quando conseguiu levantar-se, apareceu com tato de novo à janela e viu que O'Hara e seu cavalo já não estavam no pátio do castelo.

Angela se deitou na cama e decidiu dormir. Necessitava-o.

Quando despertou, depois de espreguiçar-se pensou em ir ao riacho a refrescar-se e, sem dizer nada a ninguém, saiu de seu aposento, logo do castelo e se encaminhou para o lugar. Ali não havia perigo.

Ao chegar, viu que ninguém a seguiu e que não tinha ninguém rondando pelos arredores. Aquele lugar era seu pequeno paraíso, aonde ia desde menina com suas irmãs para banhar-se. Encantada, sorriu enquanto se despia.

Instantes depois, uma exclamação de prazer saiu de sua boca ao inundar-se na água. Sua mãe lhes tinha ensinado a nadar, a todos os irmãos, desde muito pequenos e desfrutou da sensação de liberdade, que aquele momento lhe oferecia. Contente, começou a cantarolar.

Minha mente se nubla
se me olhar e escutas
e meu coração bate as asas
quando vai e afasta.
Chama-me, meu céu
sorrio e te beijo
você foi minha vida

e eu sabia.
E cada manhã
sua flor nunca falta
e ansiosa a espero
e desejo seu beijo.

Durante um bom momento esteve cantando as canções que haviam tocado a noite anterior na festa. As que falavam de amor eram suas preferidas e, embora esse sentimento era novo para ela, a aparição do Kieran O'Hara a fazia as entender.

Era vê-lo e nublar-se a mente, como dizia a letra. Era cheirá-lo e tremer. Era ouvi-lo e o coração lhe batia as asas. Sem dúvida, as canções agora a faziam ver coisas, que antes nunca tinha visto, e isso gostava ao tempo que a inquietava. Por que aquele homem a fazia se sentir assim?

Quando se deu por satisfeita e foi sair da água, ficou gelada ao ver aparecer o cavalo do Kieran O'Hara. O animal sem cavaleiro se aproximou da água e começou a beber junto a sua roupa.

Que fazia ali aquele animal? E seu dono?

Duvidou se saia ou não e decidiu esperar que o cavalo partisse. Mas seu desespero foi total quando de repente viu aparecer ao bonito highlander de cabelo claro e sorriso intrépido, que se sentou no chão junto a sua roupa.

Kieran, sabendo que ela estava ali, depois de localizá-la semi escondida entre a vegetação, disse-lhe:

— Siga cantando, milady tem uma bonita voz.

Horrorizada, Angela não respondeu e ele insistiu:

— É sua esta roupa?

Incomodada por sua impertinente pergunta, respondeu, controlando a irritação de sua voz:

— Acaso o dúvida?

Ao ouvi-la, Kieran esboçou um sorriso. Tinha-a visto sair do castelo e decidiu segui-la. Nunca imaginou que ia ver o espetáculo que a jovem lhe ofereceu. Escondido entre uns matagais, tinha-a visto despir-se, nadar e cantar. Angela era uma preciosa e desejável mulher e, depois de vê-la nua, isso era ainda mais claro.

Ao princípio pensou em partir, mas ante o temor de que pudesse lhe ocorrer algo, decidiu esperá-la. Entretanto, sua impaciência cresceu ao perdê-la de vista na água e decidiu ir até a borda. Desejava que soubesse que se ele a tinha visto, qualquer outro poderia fazê-lo.

— Saia da água ou pegará uma pneumonia.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Nua e nervosa, Angela gemeu.

— Não... não... Oh, Meu Deus!

Kieran comentou:

— Nunca conheci ninguém que dissesse tanto “OH, Meu Deus!” como você. Não te cansa de repeti-lo?

Ela sorriu, mas no mesmo tom de voz, exclamou:

— Oh, meu Deus, não!

Divertido, ele perguntou:

— O que fazes aqui sozinha?

— Estava me banhando.

— Não ficou claro ontem à noite que não deves andar sozinha? — Ela não respondeu e Kieran insistiu: — Acaso Aston e George não lhe protegem em um momento tão íntimo?

— Hoje não.

— Hoje? — perguntou ele, franzindo o cenho — Acaso outros dias sim estão aqui?

Pensando rapidamente, Angela disse:

— Como você vira, eles são meus fiéis acompanhantes...

— E vão com você a todos os lados, embora esteja nua como agora? — grunhiu, levantando a voz.

— Não lhe interessa — replicou, incômoda com a conversação. — Mas quem acredita que é para perguntar isso?

Durante vários segundos, ambos permaneceram calados, enquanto Kieran repreendeu-se a si mesmo. A moça tinha razão, que fazia perguntando aquilo? Ao final, preocupado que pudesse pegar gripe, disse:

— Vamos, Ángela, sai da água.

Gostou de ouvir seu nome em sua boca. Era agradável como o dizia, mas então gritou:

— É escandaloso que me fales com esta liberdade. Como diria minha irmã Davinia, é indecoroso e não se atem às normas.

Sua risada lhe chegou ao ouvido, e logo o ouviu dizer:

— De acordo, milady, obedeçamos às normas. Saia da água.

Em um tom de voz baixo, ela respondeu:

— Faça o favor de dar a volta se quiser que o faça.

— E me privar de contemplar seus encantos?

— Oh, meu Deus! Faça o favor de não ser tão descarado e indecoroso.

A cada segundo mais divertido, Kieran se deu conta de que adorava brincar com ela e perguntou:

— por que diz isso, milady?

— Porque estou nua, pelo amor de Deus.

Ele soltou uma gargalhada e esteve tentado a lhe dizer que já a tinha visto nua, mas finalmente se calou.

— Vos vale se me tampar os olhos com as mãos?

— Oh, meu Deus, não!

O highlander voltou a rir. Sem dúvida, ele estava passando bem e Angela, em tom lastimoso, disse:

— De acordo, senhor. Morrerei congelada e sobre sua consciência cairá minha terrível e angustiada morte.

— Oh, meu Deus! — mofou-se Kieran, fazendo-a rir.

Divertido, apressou-a:

— Saia sem medo, milady. Vi os encantos de muitas mulheres nuas. Não acredito que me vá assustar ver você.

Surpreendida por sua pouca vergonha, respondeu engrossando a voz:

— Lorde O'Hara, meu pai se zangará muito se o conto o que acaba de me propor, e mais depois do ocorrido ontem à noite com você. O que insinua é imoral. É mais, seguro que se Aston ou George se inteiram de suas desonestas palavras, eles o matarão.

— Pelo amor de Deus, não me assuste — disse ele, morto de risada e, incapaz de não acrescentá-lo, disse: — Mas saiba que ninguém levanta sua espada contra mim sem sair prejudicado.

— Oh... Pelo que eu saiba, eles o assaltaram no bosque e vocês não pode levantar a espada contra ninguém, ou me equivoco?

Molesto por suas palavras, foi responder, quando ela, divertida, prosseguiu:

— Se mal não recorda, foi o bando de encapuzados a que lhes salvou, verdade?

Com o cenho franzido pelo que ela insinuava, Kieran respondeu:

— Seus amigos são muito jovens para que eu os tema, milady.

Angela, divertida ao ver que não respondeu ao que ela insinuou, replicou:

— São muito bons com o aço.

— Melhor que eu?

Ao escutar seu tom de voz, replicou algo molesta:

— A você não vi, mas sim vi ao Aston e George, e são valentes e rápidos. Sem dúvida os melhores do castelo.

Kieran sorriu e mordeu a língua para não ser sarcástico. Naquele castelo só havia mulheres e homens muito velhos para lutar, à exceção dos dois jovens aos que a jovem se referia. De repente, levantou-se e, dando a volta, disse:

— De acordo, convenceste-me da destreza desses dois moços. Mas para solucionar o problema que agora corresponde a ambos, só lhe direi um curto espaço de tempo para sair da água antes que me arrependa de meu ato cavalheiresco e me dê a volta. Você decide se sai ou não.

Ao comprovar que, em efeito, não estava olhando, Angela correu para a borda, onde, controlando os movimentos dele, começou a vestir-se enquanto murmurava para lhe fazer ver quão assustada estava:

— Oh, meu Deus... Oh, Meu Deus...

Kieran soltou uma gargalhada. Em realidade, era muito respeitoso com as mulheres, embora aquela jovem acreditasse o contrário e ele ainda não entendesse sua reação com ela a noite anterior. Assim esperou com paciência até que, de repente, ouviu um golpe e, ao voltar-se, viu-a sentada no chão, mas vestida.

Agarrando um pé, Angela olhou um de seus dedos e resmungou:

— Acabo de pisa numa pedra, que dor!

Kieran se agachou e viu que tinha o dedo pequeno de cor vermelha e palpitante. Ver seu rosto enrugado e como se queixava, o fez sorrir e, sem dizer nada, pegou-a nos braços. Angela protestou, mas não lhe fez caso e a levou até uma zona onde ainda batia sol. Quando a soltou sobre a erva, disse:

— Na sombra se esfriarão. Aqui, no sol, secará o cabelo e o corpo. Está molhada e tiritando.

Angela gostou dessa galanteria. Sem dúvida, era um autêntico cavalheiro quando o propunha, e em sua mente, cruzou sua atitude possessiva da noite anterior. Isso a fez acalorar-se. E pensar em como a tinha beijado na cova, e apertado contra ele, a fez soltar um inaudível gemido de prazer.

Sem precaver-se do que lhe passava pela cabeça, Kieran se sentou a seu lado e, lhe olhando o pé, perguntou:

— Segue te incomodando o dedo?

Angela o olhou e, quando foi responder, ele, contemplando-a, sussurrou:

— Miúdo golpe te deste na testa. — Ela sorriu e Kieran acrescentou: — A sério é tão torpe

sempre?

Angela pensou fazer um beicinho e tornar-se a chorar, era o que certamente ele esperava, mas gostava de conversar com aquele homem, antes de voltar a ser a atordoada filha pequena do Ferguson, por isso, encolhendo-se de ombros, respondeu:

— Sim, frequentemente sou muito... muito torpe.

Sem saber por que, Kieran alargou uma mão e, com delicadeza, tocou-lhe os lábios. Angela, assustada, não se moveu. Tê-la-ia reconhecido? Deixou-lhe fazer enquanto desfrutava daquela estranha intimidade entre eles, até que, passados uns segundos, ele retirou a mão.

— Por que segue tremendo? Dou-lhe medo? —perguntou Kieran em voz baixa.

A pergunta a pegou de surpresa. Não era medo precisamente o que sentia e, como pôde, murmurou:

— Tenho frio.

Enfeitiçado pelos olhos claros dela, Kieran disse:

— Abraçar-te-ia para lhe dar calor, mas temo que você considere isso algo impudico.

Fascinada por sua cercania e pelo que seu corpo lhe estava pedindo, Angela assentiu.

— Ao mesmo tempo desonesto e atrevido — sussurrou.

Para ouvi-la, o highlander soltou uma gargalhada que teve sabor de glória e, inconscientemente, Kieran lhe revolveu o cabelo vermelho com tal naturalidade, que a Angela não incomodou.

A ternura que aquela jovem despertava transbordava e, olhando sua boca que tanto o tentava, esboçou um sorriso. Mas se separou dela antes de cometer uma tolice. Aquela moça não era como as mulheres que ele frequentava e não devia tratá-la como tal.

— Alegra-me ter uma conversa sem que chore.

Angela sorriu enquanto retirava o cabelo do rosto, mas não disse nada.

— A sério devemos seguir com estes formalismos, milady? — perguntou Kieran — Você sabe que me chamo Kieran e eu sei que se chamam Angela, por que não deixamos os títulos?

— Por decoro.

— Malditas regras! — resmungou ele.

A Angela fez graça ouvi-lo. Aquilo era o que sua mãe dizia sempre e perguntou:

— O que disse?

— Simplesmente disse “Malditas regras!” De onde eu venho, a gente não se trata com tantas frescuras. Ali, ao ser uma jovem solteira, seria Angela sem mais, mas já vejo que aqui é...

— Angela — respondeu ela, cortando-o.

Kieran a olhou e assentiu divertido e então murmurou:

— Oh, meu Deus! — Ambos se se puseram a rir e ele, encantado, acrescentou: — Será um prazer que me chame por meu nome, de acordo?

— Aham...

Aquela rápida e calma resposta fez que Kieran a olhasse. Só outra mulher que conheceu respondia daquela maneira. Ao dar-se conta de seu olhar e do que havia dito, Angela rapidamente soltou com voz de tonta:

—Só nos chamaremos durante este momento, uma vez retornemos ao castelo, devemos ter decoro e decência.

Kieran sorriu. Sem dúvida alguma, à mulher em que pensava o decoro e a decência não lhe importava e, olhando a doce jovem que tinha diante, respondeu:

— De acordo. Uma vez cheguemos ao castelo, tudo será como quer.

Sem dizer nada mais, Angela se deixou cair sobre a erva, disposta a tomar sol e secar-se. O coração lhe pulsava desbocado. A força e virilidade daquele homem a anulavam, quando o ouviu dizer:

— Sabe que tem uma bonita voz?

Isso a tirou de seus pensamentos e ele continuou:

— Antes cantava uma canção que eu gosto, uma que diz algo sobre o coração que bate as asas, poderia cantar isso de novo?

— Não.

Kieran sorriu ante sua cortante resposta e, contemplando-a com o olhar que sucumbiam todas as mulheres, insistiu em voz baixa e sensual:

— Por favor, bela entre as belas, faria me muito feliz se a cantasse.

Incapaz de resistir a suas adulações, Angela, olhando-o, cantarolou:

Minha mente se nubla
se me olhar e escutas
e meu coração bate as asas
quando vai e afasta.
Chama-me, meu céu
sorrio e te beijo
você foi minha vida
e eu sabia.

E cada manhã
sua flor nunca falta
e ansiosa a espero
e desejo seu beijo.

Assim que terminou, Angela calou e Kieran aplaudiu.

— Que bonita canção, e com sua voz é preciosa.

— Obrigada.

— Quem lhe ensinou isso?

— Minha mãe. Ela nos ensinou esta canção e outras.

Com dissimulação, olhou-o com a extremidade do olho e viu que ele a olhava. Inquieta, observou como seu olhar começava em seu rosto, prosseguia por seu pescoço, seus peitos e continuava seu percurso até seus pés. Isso a excitou. Acalorou-a.

Mordeu-se o lábio inferior para reprimir um gemido que brotou sem querer e, pouco depois, ouviu que se deixava cair a seu lado e dizia:

— Tenho que me desculpar por meu rude comportamento de ontem à noite durante a festa. Não estou acostumado a ser assim com as mulheres, e menos com as bonitas e encantadoras.

— Está desculpado.

Com o coração martelando no peito, tomou coragem e perguntou:

— É verdade que em suas terras abundam as mulheres valentes?

Kieran pegou uma fibra de erva, a pôs entre os lábios e, com as mãos debaixo da cabeça a modo de travesseiro, assentiu.

— Não tantas como gostaríamos, mas as que hão são autênticas Guerreiras.

Angela sorriu. Adoraria visitar aquelas terras e, ao recordar algo, disse:

— Kieran... — Ao pronunciar seu nome, o coração lhe desbocou, mas conseguiu continuar: — Te ouvi falar da irmã do Zac, Megan era seu nome, verdade?

— Sim.

E, disposta a averiguar o que necessitava, perguntou:

— É tão guerreira como dizem?

— Mais ainda — Riu Kieran ao pensar em sua boa amiga — É uma mulher forte e valorosa, que protege aos seus com sua própria vida.

— Cortejou-a?

O highlander soltou uma gargalhada ante suas palavras e, depois de negar com a cabeça,

respondeu:

— Quando a conheci já era a mulher do lorde Duncan McRae. Mas não duvido de que se a tivesse conhecido antes, a teria cortejado. Megan é uma mulher muito especial.

Aborrecida por aquela intimidade ao referir-se a essa mulher, recostou-se sobre o quadril para olhá-lo.

— Por suas palavras parece que sente algo por ela.

Surpreso, Kieran a olhou e, ficando ele também de flanco para estar frente a ela, disse, enquanto observava como o sol iluminava sua pele:

— Sabe? Não é a primeira pessoa que pensa isso. Mas não é assim absolutamente. O que sinto por ela é um grande afeto e uma grande admiração. Megan é uma boa mulher que soube ganhar o carinho e o respeito de todos, e nunca me ocorreria imaginar coisas não de acordo com nossas posições. Se há algo que dou valor nesta vida é a amizade, e ela é a esposa de meu bom amigo Duncan e nunca faria nada que pudesse incomodar a nenhum dos dois. Também sinto uma grande admiração por Gillian, a mulher do Niall McRae. — E, sorrindo, cochichou: — Ambas são boas amigas e, embora me colocaram em alguma confusão, por ajuda-las em alguns momentos pontuais de suas vidas, reconheço que o faria um milhão de vezes mais.

— Tão excepcionais são?

— Nem imagina.

E ao ver que ele sorria após lhe responder, replicou:

— Do que te ri?

Kieran estava imaginando a cara de suas amigas se se encontrassem com a delicada jovem que tinha diante, e respondeu com sinceridade:

— De que você e elas não têm nada que ver. Elas são mulheres valentes e guerreiras e você uma dama chorona e torpe. Se te conhecessem, não duvido que lhe apertariam para que não chorasse tanto e aprendesse a dirigir o aço.

— Deus me libere — respondeu ela.

Mas interiormente, Angela se congratulou. Quanto gostaria de lhe demonstrar que ela era como essas mulheres que acabava de descrever, mas se conteve. Seu segredo devia seguir sendo secreto.

Entre brincadeiras, falaram um bom momento e quando o sol começou a ocultar-se, Angela suspirou. Não podia deixar de lhe olhar os lábios. Ansiava beijá-lo e, tentando saber mais dele, disse, com um fio de voz:

— Posso te perguntar algo sem que me considere indiscreta?

— Pode — sorriu Kieran.

— É algo muito pessoal.

— Faça-o.

Disposta a tudo, Angela tomou ar e disse:

— Alguma mulher especial te espera em Kildrummy?

Surpreso pela pergunta, pensou na Susan Sinclair. Sem dúvida, ela esperava vê-lo com mais ânsia que ele a ela, e respondeu:

— Sim.

A desilusão a alagou, mas não disposta a deixar-se intimidar, insistiu:

— E é também uma brava guerreira, como as mulheres de seus amigos?

Kieran soltou uma gargalhada. Susan não tinha nada que ver com Megan e Gillian.

— Embora seja uma boa amazona e tem outras qualidades, como a beleza e o saber se portar, não tem nada de guerreira — respondeu.

Angela gostou dessa elucidação e seguiu perguntando:

— Como se chama essa mulher que vos espera?

— Susan Sinclair.

— E a ama?

Um pouco desconcertado por tantas perguntas, Kieran torceu o nariz e replicou:

— Eu só conheço o amor que sinto por minha mãe. Não procuro mais.

— Não dize carinhosas palavras de amor?

— Como você faz com seu pai?

Molesta pela mofa que viu em seu olhar, repôs:

— Meu pai é um homem carinhoso, que se dirige a nós com palavras cheias de amor e afeto. Como ele diz, são palavras que saem do coração, e eu o ratifico.

— Vá... — Riu Kieran, ao pensar que isso mesmo dizia sua mãe e, divertido, acrescentou: — As palavras adoçadas como “carinho”, “céu”, “minha vida”, “meu amor” não vão comigo e minha condição de guerreiro.

— E com sua apaixonada?

Ao pensar na Susan e em sua frieza, que era famosa entre sua mãe e seus amigos, respondeu:

— Susan é uma bonita mulher cheia de qualidades, a que não lhe faz falta me dizer palavras adoçadas. Estou convencido de que ela pensa como eu nisso e outros assuntos.

— Não te parece insensível pensar assim? — inquiriu Angela, atônita.

Kieran negou com a cabeça.

— Não. Simplesmente sou prático. Quando nos casarmos, minha vida não mudará em nada, exceto em que haverá outra mulher me esperando em Kildrummy, além de minha mãe e, certamente, alguns meninos.

Ambos permaneceram em silencio durante uns segundos, até que ela voltou para a carga.

— Posso perguntar algo mais?

— Se não mencionar isso que você chama “amor”, é obvio.

Essa resposta a fez sorrir.

— Por que você e seus homens estavam acampados no bosque a noite que lhes assaltaram?

Com um encantador sorriso, explicou-lhe:

— Retornava da abadia de Dundrennan. Por desejo rápido de minha mãe, levo meses procurando a meu irmão James e nos avisaram de que ali havia um homem ferido...

— Era ele?

Kieran negou com a cabeça.

— Não, não era ele. — E ao ver como a jovem o olhava, acrescentou: — Minha relação com o James não é tão boa como a tua com suas irmãs. Digamos que James decidiu seguir o mau caminho, e que não estou de acordo nem com ele nem com suas maldades.

— O... Sinto-o — murmurou Angela, ao ver que seu sorriso desaparecia e franzia o cenho.

Mas depois de uns segundos em silêncio, voltou com as perguntas.

— Crê que a mulher do bosque é valente?

— Fada?!

Angela ia dizer “Aham!”, mas se conteve e só assentiu. Ao recordá-la, Kieran se tocou o galo da cabeça, tombou-se de barriga para cima e respondeu com voz mais íntima:

— Sem lugar a dúvidas. Seu arrojo, sua ousadia e seu valor assim me fizeram saber isso. Só espero voltar a vê-la antes de retornar ao Kildrummy.

Ela sorriu com dissimulação e, embora sua iminente afirmação a causou pena, afirmou:

— Faz bem retornando a seu lar.

Não muito convencido, Kieran respondeu:

—Sim, os homens estão impacientes por retornar e ver suas famílias.

— E você não está impaciente por ver a Susan?

— Quer saber a verdade?

— Sempre — assentiu Angela.

Kieran suspirou e, meneando a cabeça, disse:

— Quando estou com ela, desfruto de seus bonitos olhos, de seus delicados gestos e de seu precioso sorriso, mas sabe? Minha mãe acredita que é uma mulher fria, insensível com as pessoas de seu redor, mimada e consentida por seus pais.

— E você pensa como lady Edwina?

— Sim. Estou totalmente de acordo.

— E pensando assim te vais casar com ela?

— Certamente. — E ao ver sua cara de desconcerto, acrescentou: — É uma mulher muito bela e sem dúvida serei a inveja de muitos guerreiros.

Angela ficou pensativa. Ela não quereria ter um marido assim.

Kieran a olhou à espera de outra pergunta, mas Angela permaneceu calada. Assim estiveram uns minutos, até que ela anunciou:

— Tenho que retornar ao castelo.

Levantando-se, Kieran a agarrou pelo braço.

— Permite que te leve em meus arreios. Vamos ao mesmo lugar.

Angela olhou o cavalo. Morria por montar nele. Era formoso e enorme, mas adotando uma atitude temerosa, balbuciou:

— Não... me... melhor não.

Sem lhe soltar o braço, Kieran insistiu:

— Vamos, confia em mim.

— Não.

Lhe dando um suave puxão, agachou-se um pouco para ficar a sua altura e sussurrou:

— Sou maior e mais forte que você. Acaso ontem à noite não ficou claro? Além disso, posso te obrigar.

Disso não cabia a menor dúvida. Angela era miúda e delicada, e lhe tirava uma cabeça. Fazendo-se tímida, tentou afastar-se, mas ao fazê-lo deu um tropeção. Kieran a agarrou para que não caísse e ela acabou com seu nariz enterrado no peito dele. Notou sua risada e levantou os olhos para vê-lo.

— Vamos, não seja criança. Disse que te levarei.

— Não sou uma menina, sou uma mulher.

Kieran soltou uma gargalhada.

— Sinto te dizer que se te comparar com a classe de mulheres às que eu estou acostumado, você para mim é um tenro bebê.

Aborrecida por esse comentário, tentou escapar de seu braço, mas foi inútil.

— Por que te zanga? — perguntou-lhe ele — Acaso não é uma doce e tímida dama? — Angela não disse nada e ele esclareceu: — Se disser que para mim, ou para muitos homens, é um tenro bebê, é porque intuo que é inexperiente nas lidas do amor e o desejo, verdade?

Acalorada pelo que lhe dizia, abanou-se com a mão e, com gesto divertido, Kieran se mofou:

— Agradecer-te-ia que não dissesse "OH, Meu Deus!" e que não chorasse.

Essas palavras a fizeram sorrir e, retirando o cabelo do rosto, respondeu:

— Não tenho experiência no que diz, mas...

— Beijaste alguma vez?

Boquiaberta ante a pergunta, afirmou:

— É obvio. Tenho uma família a que eu adoro beijar.

— Não falo desses beijos, Angela — sussurrou ele em um tom íntimo de voz — Falo de outros beijos diferentes. De beijos de paixão, quentes e possessivos.

Enfeitiçada por aquela conversa que lhe estava fazendo sentir algo entre as pernas que nunca antes havia sentido, negou com a cabeça e mentiu ao recordar os beijos que se deram.

— Essa classe de beijo, ainda não.

Kieran gostou dessa elucidação e, lhe tocando com afeto a ponta do nariz, disse:

— Me faça caso e guarda esse outro tipo de beijos para quem você deseje.

— Você os guardas para a Susan Sinclair?

Surpreso por essa pergunta tão descarada, olhou-a e respondeu:

— Não. Mas você procura não sucumbir aos homens como eu...

— Tão mal é?

Kieran negou com a cabeça e, divertido, explicou:

— Não sou mau. Só um homem perito que gosta das mulheres e que satisfazem meus desejos e os da fêmea quando nesse momento esteja comigo. — E ao ver como o olhava, acrescentou: — Os homens como eu, quando beijamos, sabemos muito bem o que queremos fazer e dar em troca.

— Seguro que desejas quão mesmo ontem à noite desejava Otto Steward, verdade?

Kieran se esticou.

— Me comparar com esse caipira não é agradável, mas sim, Angela, há certas coisas que você não sabe e que sem dúvida qualquer homem, seja Steward ou O'Hara, desejaria de ti.

Acalorada por aquela conversação tão íntima com um quase desconhecido, sentiu que a respiração lhe acelerava. O que ela sentia cada vez que o olhava certamente era desejo, fogosidade,

aquecimento e, deixando-se levar por isso, perguntou:

— Posso te perguntar algo mais?

— É muito questionadora, verdade? — observou ele divertido.

Angela sorriu e, deixando-o totalmente deslocado, expôs:

— Acaba de dizer que seus beijos possessivos não os guardas para a Susan Sinclair, não é isso?

— Sim.

Consciente da loucura que ia dizer, fechou os olhos e soltou rapidamente:

— Então, se eu te pedisse um, dar-me-ia isso?

Kieran a olhou surpreso. Aquela tímida moça o estava tentando? Lhe estava oferecendo?

Com deleite, olhou aqueles lábios que de princípio lhe tinham chamado a atenção, depois seus doces olhos e, depois de convencer-se de que não devia fazer o que seu membro lhe pedia, passou-lhe a mão pelo cabelo e respondeu:

— Não.

— Por que?

Surpreso por sua insistência, torceu o nariz e disse:

— Angela, pensa no decoro. É uma inocente donzela...

— E se eu lhe peço isso para aprender?

Incrédulo, que a doce e terna Angela queria continuar com aquela conversa, sussurrou:

— Agora sou eu quem diz: Oh, Meu Deus!

Divertida ao vê-lo pela primeira vez, tão desarmado, ela deu um passo adiante e, disposta a conseguir seu propósito, disse:

— Sei que esta conversa é indecorosa e o que te peço também, mas nunca dei um beijo apaixonado a um homem. E já que você é um perito em mulheres e eu gosto...

— Você gosta?

Ao ver seu sorriso de conquistador ante esse descobrimento, Angela pôs os olhos em branco e respondeu:

— Sabe de sobra que é um homem muito arrumado e que gosta às mulheres. Não seja néscio e impertinente!

Kieran soltou uma gargalhada e ela insistiu:

— Acabo de te pedir um beijo. De acordo, o que te acabo de propor é pecaminoso, ao mesmo tempo em que terrivelmente descarado, indecente e atrevido, mas seria algo que ficaria entre você e eu. Ninguém teria por que sabê-lo, nem sequer Susan.

Incrédulo, ele a olhou. Era uma jovem desejável, apesar de suas tolas choramingões. Mas o que lhe pedia não devia fazê-lo. Sem lugar a dúvidas, aquela moça merecia um bonito beijo de amor que recordasse toda sua vida e ele não podiam dar-lhe

— Não, Angela. Sinto muito, mas não.

— Tão pouco desejável sou para ti? — Fez um beicinho.

— Não, não é isso. E não te ocorra choramingar.

Com mestria, ela fez que lhe tremesse o queixo e assentiu com a cabeça.

— Vá... Rechaçaste-me.

Apesar dos impulsos que sentia ante sua insistência, ele se manteve firme e respondeu:

— Toma-o como quer.

— Não levo muito bem o rechaço.

— Pois vê, aprendendo que nesta vida nem tudo pode ter.

Angela o olhou. Se alguém sabia que na vida nem tudo podia ter, essa era ela.

— Acaba de me fazer sentir feia, horrorosa, pouco desejável, imperfeita, desagradável...

— Mas o que está dizendo, mulher? — grunhiu ele ao escutá-la — Eu não disse nada disso.

— Isso é o que me faz sentir seu rechaço.

Desesperada por voltar a sentir seus lábios, ao ver que a olhava, o provocou com raiva:

— Seguro que um Steward não desperdiçaria esta oportunidade.

Essas palavras o incomodaram e, depois de olhá-la com gesto sério, vaiou:

— Deveria lhe dar seu primeiro beijo o homem que no futuro seja o dono de seu corpo e sua paixão.

Ouvir isso a esquentou ainda mais. Angela não sabia o que era a paixão, nem o que lhe ocorria, mas sim sabia que ansiava ser beijada por aquele homem, porque gostava e muito. E em um afã desesperado por chamar sua atenção, apertou os punhos e resmungou, sem deixar-se levar pela fúria que sentia:

— Se eu fosse a mulher do bosque, essa tal Fada, beijar-me-ia?

— Sim — afirmou Kieran sem duvidá-lo.

— Por quê?

— Porque ela não é você.

Ofuscada por aquilo, foi protestar quando ele acrescentou, olhando-a aos olhos:

— Escuta Angela. Fada é uma guerreira e, pelo pouco que sei dela, intuo que é uma mulher experimentada nas lidas do amor, acostumada a dar e receber prazer, e você é justamente o

contrário. Deve guardar sua virtude, seus beijos e seu amor para o homem que se case contigo.

— Então, crê que essa mulher não tem virtude, e que seus beijos e seu amor os entregam a qualquer.

Cada vez mais confuso por aquela estranha conversa, respondeu:

— É inexperiente e por isso não me entende. Possivelmente o dia que...

— Kieran... me beije — lhe exigiu, cravando os olhos nele.

Surpreso por seu tom de voz, seu olhar e sua ordem, o highlander murmurou:

— É uma descarada, Angela Ferguson.

Ela sorriu.

— Sei.

Esse sorriso lhe acelerou o coração. Cativou-o. Enfeitiçou-o. E soube que seu corpo e sua vontade fraquejavam.

Esse "Kieran, me beije" e o "Sei", com aquela voz íntima o voltaram louco. Fechou os olhos e tentou voltar a recuperar seu autocontrole, quando sentiu que ela dava um passo e se aproximava ainda mais.

Aquilo era uma loucura. Não devia beijar a aquela jovem. Era muito inocente para saber o que estava lhe pedindo. Mas quando abriu os olhos e a viu, só pôde murmurar:

— Está segura, Angela?

Embriagada como nunca em sua vida por seu magnetismo, e sumida em uma borbulha de luxúria, respondeu com um fio de voz, deixando-se levar:

— Sim... *Carinho*.

Kieran a advertiu com voz rouca:

— Não sou seu carinho. Não me chame assim.

Consciente de sua gafe, Angela assentiu.

— Ui... Perdão, no que estaria eu pensando?

Sem apartar a vista dela, ele perguntou:

— Segue querendo que te beije?

Esquecendo-se do que estava bem ou mau, Angela assentiu e Kieran, lhe rodeando a cintura com os braços, apertou-a com possessividade contra ele. Ela deu um grito e, ao ouvi-lo, Kieran sussurrou:

— Um beijo quente, possessivo e apaixonado, compõe-se de três partes, minha querida Angela. A primeira, aproximar os lábios e sentir sua suavidade. A segunda, abri-los para receber ao que está desejoso de te beijar. E a terceira, deixar que o desejo te embargue. Entendeste-o? —

Angela, acalorada como nunca em sua vida, assentiu e ele prosseguiu: — Um beijo como o que vou dar é para dar e receber prazer. Ainda deseja que siga adiante?

Sem duvidá-lo, Angela assentiu e, ficando nas pontas dos pés, aproximou seus lábios aos dele e os roçou com delicadeza enquanto murmurava:

— A primeira parte é assim, verdade?

Ao senti-lo, Kieran fechou os olhos. O que estava fazendo aquela descarada?

Mas sem poder deter o que desejava e seu corpo lhe pedia, ao roçar sua boca afirmou com voz rouca e cheia de luxúria:

— Sim, *meu céu*.

Ao ouvi-lo chamá-la assim, Angela sentiu os pelos da nuca arrepiar.

Sem dar-se conta, havia-lhe dito esse termo tão carinhoso e que tanto significava para ela. Ela adorou, embora ele não pareceu dar-se conta.

O roce, a fricção, deu passo à segunda parte do beijo e, quando viu que ela abria os lábios, convidando-o a tomá-los, introduziu lhe a língua com delicadeza e a moveu até que Angela gemeu. Enlouquecido, não parou e aproveitou para degustar seu maravilhoso sabor. Um novo gemido lhe voltou louco e, sem fechar os olhos, observou a jovem.

Vê-la totalmente entregue lhe provocou tal excitação que após tirar a língua de sua boca sussurrou:

— Isso, minha querida Angela. Agora introduz sua língua em minha boca.

Sem abrir os olhos e totalmente imersa no momento, ela o fez. Ainda recordava o beijo que lhe tinha dado na cova. Esse foi seu primeiro beijo de paixão com um homem e, embora soube desfrutá-lo, o de agora, ia desfrutar muito mais.

O contato lhe tinha provocado um estranho ardor interior que a fazia querer mais e mais.

Só esperava que Kieran não se desse conta, de que aquela era a mesma boca, a mesma língua e o mesmo sabor da mulher de cova. De Fada.

Extasiada e desejosa, colocou a língua em sua boca e, depois de soltar um gemido do mais prazenteiro pelo calor que a alagou, procurou a língua dele, que, alterado por sua fogosidade, sem duvidá-lo aprofundou em seu beijo enquanto a apertava mais contra seu corpo e a içava entre seus braços para beijá-la com mais comodidade.

A paixão bulia entre os dois e Angela, esquecendo-se do decoro, agarrou-se a seu pescoço e se entregou totalmente.

Durante vários minutos se beijaram sem reservas, sem barreiras. Kieran, com ela entre seus braços, baixou as mãos até seu traseiro para sujeitá-la e o apertou. Aquela nova intimidade fez que a

boca da Angela tremesse depois de um gemido assustado e então ele parou. Não devia prosseguir.

Deixando-a no chão, deu um passo atrás, enquanto ela o olhava com a respiração entrecortada. Não cabia dúvida de que aquilo era totalmente novo para a jovem. Tentando não deixar-se levar pelo que seus desejos mais carnais lhe gritavam, sussurrou olhando-a:

— Isto é um beijo quente, possessivo e apaixonado, Angela.

Ainda incrédula pelo que acabava de fazer, desejou prosseguir. Kieran o leu em seu olhar e negou com a cabeça enquanto ela respirava agitadamente. Com integridade, conteve-se de lhe arrancar a roupa, atirá-la sobre a erva e fazê-la sua com ferocidade. Seu membro latente o pedia, mas sua cabeça o alertava de que não devia continuar.

Finalmente, decidiu fazer caso a sua cabeça. Não podia, não devia prosseguir com aquilo. Ele era um homem de honra e nunca defloraria a uma jovem tão delicada como aquela e menos pela força.

Se algo havia algo que Kieran gostava, eram as mulheres. Desfrutava delas com verdadeira paixão, mas sempre quando lhe ofereciam e estavam de acordo. Odiava os homens que as forçavam a fazer o que não queriam. Ele não era assim e nunca o seria.

Os dois se olhavam aos olhos com a respiração entrecortada. Ambos sabiam o que queriam seus corpos, mas Kieran negou com a cabeça.

— Não, Angela, não vou continuar.

E para finalizar aquele momento, montou com agilidade em seu cavalo, inclinou-se e, como se fora uma pluma, sentou-a diante dele.

Angela, ainda emocionada pelo beijo e pelo que seu corpo pedia a gritos, piscou e, quando se viu sobre o cavalo, a pesar do regozijo que sentia, murmurou:

— Oh, meu Deus... Oh, Meu Deus...

Ao ouvi-la, Kieran relaxou. Deviam esquecer o ocorrido. E, aproximando-se dela, disse-lhe:

— Me escute e relaxe.

— Oh, meu Deus...

Obrigando-a que o olhasse, explicou-lhe, enquanto continha seus desejos mais selvagens:

— Há duas formas de montar a cavalo, escarranchado, como estou eu, ou inclinado, como está você, como prefere?

— Não... Não... Apodreci-me... Posso mover.

Divertido, disse com decisão:

— Muito bem, inclinada pois. Eu te sujeitarei.

E, sem mais, passou os braços ao redor da cintura dela, agarrou as rédeas do cavalo e lhe sussurrou ao ouvido:

— Tranquila. Não permitirei que caia.

Com o coração lhe pulsando com força e com seu sabor ainda na boca, Angela suspirou e, desejosa de tocar suas calosas mãos, pôs as suas em cima das dele. Precisava tocá-lo. Sua pele era tão cálida como sua boca. Isso gostou. Então o cavalo começou a se mover.

— Calma —repetiu Kieran — Confia em mim e no Caraid.

— Caraid?!

Enquanto o animal avançava com docilidade, lhe explicou:

— Caraid é meu fiel cavalo e, como seu nome indica em gaélico, meu amigo.

Angela assentiu e, com voz tremente, perguntou:

— Tanto confia nele?

— Confio no Caraid tanto como ele confia em mim.

Ainda acalorada, Angela sorriu. Sem dúvida, o ocorrido lhe deixaria uma bonita lembrança do Kieran O'Hara, embora também sabia que seu coração teria saudades quando retornasse a suas terras.

O que tinha começado como um encontro no rio, algo incômodo, converteu-se em algo prazeroso para ela. Havia o tornado a beijar e ele não se deu conta de que era a mesma mulher da cova.

Os movimentos do cavalo os fazia topar uma e outra vez e Angela pôde notar a fortaleza de seu corpo e desfrutar de seu amparo. Sem dúvida, era um homem apaixonado e desejou conhecer algo mais dele, embora depois se culpou por pensar isso. O que estava fazendo? Quando chegasse ao Kildrummy, ele ia se casar com tal Susan Sinclair.

Por sua parte, Kieran, surpreso pelo ocorrido, não podia deixar de pensar naquele beijo. Seu sabor, seu aroma, sua entrega. Era deliciosa, suave, tentadora. Nada que ver com a frieza da Susan, apesar de que esta a superava em beleza.

Fora um beijo delicioso, incrível, espetacular, e lhe parecera notar nela algo familiar que não conseguia entender o que era. Enquanto cavalgavam, deu-se conta de que gostava de tê-la sentada diante dele, rodeada com seus braços. Sacudiu a cabeça, confuso. Angela era doce, suave sem dúvida, e embora não parecesse com suas contínuas choramingões, podia entregar-se a um homem com paixão. De repente, passou a ser algo mais que a tímida moça que parecia, e isso o excitou e a quis possuir.

Mas o que estava pensando?

Cada vez que seus corpos se roçavam, ele notava que seu membro se endurecia. Seus quentes pensamentos, o que tinha ocorrido e a presença dela o estavam voltando louco. Para que a jovem não notasse o que lhe passava, agarrou o tartán verde de seu clã, que estava no arreio do cavalo, e o colocou entre os dois. Não queria assustá-la e que caísse da cela. Conhecendo-a, se precavia daquilo, atirar-se-ia aterrorizada.

Angela não podia deixar de pensar no ocorrido. Kieran tinha uma mulher esperando-o, o que estava fazendo? Mas seu corpo inteiro estremecia ao recordar a suavidade de seus lábios, de sua língua e, em particular, sua atitude possessiva. Oh Deus, foi o mais excitante que fez em toda sua vida.

Desejou repeti-lo. Mas pedi-lo de novo lhe parecia muito descarado. Ao final, decidiu utilizar um truque que a sua irmã Davinia lhe escapou um dia, de como roubou um beijo ao Jesse sendo este seu pretendente.

Sem duvidá-lo, Angela esperou a que Kieran lhe falasse ao ouvido e, quando o sentiu perto, voltou-se repentinamente para trás e seus lábios se encontraram de novo.

Kieran conhecia esse truque das damas, que tanto utilizava Susan quando a visitava em Aberdeen, mas desejoso de possuir de novo seus lábios, agarrou-a com cuidado do queixo e, detendo o cavalo, moveu-a para ter melhor acesso e voltou a beija-la.

Com uma mão em sua nuca, devorou-a como um lobo faminto enquanto lhe rodeava o pescoço com os braços e devorava também a ele. Suas bocas abertas se arrasavam e o que tinha começado sendo um tímido beijo, converteu-se em um apaixonado e demente beijo.

Kieran a sujeitou com força para que não caísse, enquanto pensava em baixá-la do cavalo e continuar no chão aquela loucura. Sem dúvida, estava lhe fazendo perder a prudência e desejou lhe beijar os seios, tocar-lhe, desfrutá-los, mas tudo se acabou quando, involuntariamente, ela posou a mão em seu membro e notou o que Kieran levava até o momento ocultando.

Com os olhos abertos como pratos, separou sua boca da dele e, ao supor o que era aquilo, murmurou:

— Oh, meu Deus...

— Exato, Angela, Oh, Meu Deus! — sussurrou ele, olhando-a. E, sem deixar que se apartasse, sussurrou sobre sua boca — Isto é o resultado do desejo que provoca um beijo assim, e se segue me beijando como o faz, terminarei te baixando do cavalo para te fazer coisas que uma doce jovem como você jamais chegou a imaginar.

A cara dela se contraiu e de repente Kieran se precaveu de seus olhos assustados e seus lábios trementes. Sem dúvida, a magia se esfumou. Assim retomando o controle de seu corpo e de

sua mente, voltou a senta-la como estava segundos antes e acrescentou:

— Mas, fique calma Angela. Sou um homem que sabe quando parar. E este é o momento de fazê-lo, antes que nós dois nos tenhamos que se arrepender.

E dito isto, açulou o cavalo, que se pôs a andar de novo a um passo mais rápido. Sem dúvida, Kieran queria chegar o quanto antes. Angela não se voltou mais, mas quando avistaram o castelo, a decepção se apoderou dela. Que raiva, já chegaram!

Ao alcançar os arredores, observou como vários dos Steward se voltavam a olhá-la com gesto sombrio. Entre eles vislumbrou ao Otto junto a seu cunhado Cedric e ao amigo deste chamado Rory. Quando entrou no pátio, a gente do castelo a olhou. Ela em um cavalo?

Angela, ao ver suas expressões desconcertadas, enrugou a testa e pôs cara de desgosto, mas quase se pôs a rir quando viu a Sandra, ao Aston e ao George. Estes, ao vê-la sobre aquele enorme animal, em companhia do lorde Kieran O'Hara, rapidamente se encaminharam para ela.

— Já vem sua quase irmã e seus guardiões a te salvar de mim.

Aquilo fez graça a Angela. Quando Kieran falava de Aston e George o fazia em um tom molesto que gostava. Mas disposta a alargar aquele íntimo momento um pouco mais, apertando-se contra seu peito lhe pediu:

— Me sujeita, Por Deus.

Kieran sorriu e a sujeitou com força. Não podia negar que o fazia graça sua inocência. Quando o cavalo parou, lhe sussurrou ao ouvido:

— Como te tinha prometido, Caraid e eu lhe trouxemos sã e salva. Agora não te mova até que lhe diga isso. Desmontarei e logo te ajudarei a baixar com delicadeza.

Kieran desmontou de um salto. Olhou-a de baixo e, antes que lhe dissesse nada, ela se lançou a seus braços e suas cabeças chocaram. A pesar do golpe, ele a agarrou com força contra seu peito e, com sua boca a escassos centímetros da dela, protestou:

— Hei-te dito que não te movesse Angela.

— Sei — gemeu enfeitiçada, sem mover-se.

Durante uns instantes, ambos se olharam aos olhos. O que havia passado entre eles estava latente. Angela pôde aspirar ao fôlego dele e vice-versa e quando estava a ponto de beijá-lo de novo, Kieran a deixou no chão e, marcando de novo as distâncias, disse:

— Milady, já está em sua casa sã e salva.

Nesse instante, Sandra exclamou:

— Pelo amor de Deus, está bem?

— Estávamos preocupados contigo — comentou George.

Sem poder apartar o olhar de Kieran, que seguia observando-a, ela fez um beicinho e lhe piscou um olho com gesto divertido. Isso a fez reagir e, com uma choramingação, levou-se as mãos à boca e soluçou dramaticamente:

— Foi horrível ir a lombos desse infernal cavalo com esse homem.

Kieran a olhou desconcertado. Por que dizia isso, quando ele acreditava que foi justamente o contrário? Sandra ocultou seu sorriso e, olhando ao highlander, vaiou:

— Acaso não sabe que teme aos cavalos?

Zac, que nesse momento se aproximou deles, para ouvi-la, replicou:

— Acaso crê que temos que sabê-lo tudo?

— Oh, Angela... — abraçou a sua amiga — Está muito pálida.

Com mãos trementes, ela levou a mão à testa e murmurou, enquanto se afastava acompanhada de seus dois guardiões:

— Preciso descansar. Acredito... Acredito que vou vomitar.

Kieran, surpreso por seu melodrama, olhou-a se afastar. Como podia ser aquela tremente dama, a mesma apaixonada jovem, a que beijou e fez perder momentaneamente a razão?

Louis se aproximou dele e lhe perguntou divertido:

— Como te ocorre fazer algo assim?

Kieran agarrando as rédeas de seu cavalo grunhiu e disse:

— Sinceramente, ainda não sei.

Essa noite, quando Kieran retornou ao bosque para dormir, esperou durante horas a chegada da mulher encapuzada, enquanto pensava no acontecido com a Angela, sem saber que as duas eram uma mesma pessoa. Enquanto, ela olhava para o bosque da janela do castelo, tentando acalmar seu malucado coração.

Capítulo 13

Ao amanhecer do dia seguinte, apareceram os Murray escoltando a mãe da Sandra. Ao vê-los chegar, a jovem se desesperou. Devia partir a Carlisle com eles imediatamente.

Desconsolada, chorava sobre a cama de sua amiga Angela, quando esta, abraçando-a, murmurou:

— Calma. Estou segura de que...

— Meus avós nos farão a vida impossível e... e...

Angela só podia abraçá-la. Não podia fazer nada ante sua iminente partida, salvo preparar a bagagem e aproveitar os últimos momentos que ficavam juntas.

Depois da comida, Angela se despedia dela às portas do castelo, enquanto os moços carregavam o baú com sua roupa.

Kieran, Zac e Louis, que nesse instante saíam com seus cavalos, olharam para as jovens e Zac deteve seus arreios.

— Continuemos Zac — disse Kieran.

Mas o jovem não fez conta, e Louis cochichou:

— Conforme ouvi, reclamaram-na seus avós ingleses e se vai viver no Carlisle. Suponho que acabará casada com um fino e pestilento inglês como ela.

— Embora me incomode dizê-lo, eu também sou meio inglês, Louis — interveio Zac — Não o esqueça.

E, dito isto, dirigiu seu cavalo para as jovens a passo lento. Quando chegou até elas, sem desmontar, anunciou com voz séria:

— Sandra, venho te desejar uma boa viagem.

Esta, olhando-o com os olhos inchados de tanto chorar, tentou sorrir, mas foi impossível: um soluço lhe encolheu o corpo e uma lágrima caiu pela bochecha. Essa dor tão íntima, tão delicada, tão sofrida da moça, tocou no coração do Zac e, desmontando, aproximou-se dela ante o assombro da Angela e, lhe enxugando com o polegar a lágrima, pediu-lhe em voz baixa:

— Não chore, por favor.

Sandra assentiu com sinceridade.

— Não quero fazê-lo, mas... Mas não posso parar.

Zac esboçou um sorriso e cravando seus olhos nela, acrescentou:

— Quero que saiba, Sandra Murray, que me encantaria te conhecer em outras circunstâncias.

Ela, tragando o nó de emoções que tinha na garganta, assentiu e respondeu com um fio de voz:

— O mesmo te digo, Zac Phillips.

O jovem, comovido por seu triste tom, tão diferente do alegre e vivaz de outras ocasiões, ao ver na lateral do castelo um maço de flores, olhou a Angela e perguntou:

— Posso?

Ela, ao entender o que queria fazer, assentiu e depois cruzou um olhar com o Kieran. Este

lhe fez uma piscada. Zac foi até as flores, olhou-as e arrancou uma. Sem perder tempo, e ante o atento olhar de mais pessoas das que lhe teria gostado, retornou junto à jovem e, entregando-lhe afirmou:

— Uma flor para outra flor.

Sandra o olhou. Era o mesmo que lhe havia dito dias antes, quando lhe saiu ao encontro no campo.

Zac, sem deixar de olhá-la, murmurou:

— Sorria, é de cor laranja, sua preferida.

Sandra desejou chorar mais e mais, mas Angela, olhando-a, disse:

— É um bonito detalhe que se lembre de sua cor preferida, não crê?

A jovem assentiu e, quando foi pegar a flor, Zac reteve sua mão junto à sua e sussurrou:

— Farei todo o possível para que nossos destinos se voltem a encontrar. — E em um tom íntimo, olhando-a aos olhos, acrescentou: — Não me esquecerei de ti.

Dito isto, levou a mão dela à boca e lhe beijou os nódulos com delicadeza e cavalheirismo. Justo como seu cunhado Duncan sempre lhe havia dito que devia fazê-lo com uma jovem que lhe interessasse. Depois, de olhá-la uns segundos, cravou a vista em Angela, montou em seu cavalo e partiu.

Kieran e Louis sorriram ao vê-lo. Sem dúvida aquela moça tinha impressionado ao jovem guerreiro mais do que eles se precaveram. Pouco depois, depois de mil beijos e abraços, a comitiva que escoltava a Sandra e sua mãe saiu pelas portas do castelo, e a desolação pela partida de sua amiga fez que Angela chorasse e esta vez de verdade.

Essa noite, antes de subir a sua habitação, Angela olhou a seu bom amigo Aston e, depois de um gesto, ele soube o que queria dizer. Nos aposentos da jovem, que fora os de seus pais antigamente, havia uma porta secreta no chão da lateral. Quando lorde Ferguson decidiu trocar de aposentos depois da morte de sua mulher, ordenou que essa comporta de saída do castelo se selasse. E assim esteve durante anos, até que um dia, William comentou com a Angela, que, ajudada por eles, voltou a abri-la.

Dava a um túnel escuro e sujo que cruzava por debaixo do fosso que rodeava o castelo e levava a uma das covas do bosque. Por ali era por onde sempre saía Angela para reunir-se com os Shepard.

Quando a meia lua estava no alto da segunda torre, Aston a viu sair da cova e perguntou:

— O que ocorre?

Ela, tirando a saia que levava sobre as calças de couro, ao ver seu cavalo preparado, sussurrou:

— Simplesmente quero passear. Tenho saudades de Sandra.

— Tornaste-te louca? Os Steward e os O'Hara estão no bosque, acaso quer que lhe descubram?

— Não o farão — afirmou ela.

Aston, tentando lhe tirar a ideia da cabeça, insistiu:

— A noite é muito escura para que ande a cavalo, não crê Angela?

Ela negou com a cabeça e respondeu melancólica:

— São as melhores para que ninguém me veja.

O jovem assentiu. Tinha razão e, olhando-a, comentou:

— Angela, queria falar contigo de uma coisa.

Desejosa de montar em sua égua e cavalgar, perguntou:

— Não pode esperar a minha volta?

Depois de pensá-lo, Aston assentiu e lhe entregou as rédeas da égua.

Ela tirou a capa das alforjas e a pôs.

— Olá, Briosgaid — saudou o animal — senti falta de ti, bonita.

A égua moveu a cabeça a modo de saudação e Angela sorriu. Logo montou com destreza e, olhando ao Aston, que a observava, disse:

— Necessito um pouco de solidão. Espere-me aqui, logo retornarei.

Preocupado por ela, murmurou:

— Não deveria ir sozinha. Se meu pai se inteira de que te deixei fazê-lo se zangará...

— Seu pai não se inteirará.

Depois de dar-se por vencido, o moço se sentou em uma rocha disposto a esperá-la. Angela açulou a sua égua e entrou no bosque, longe dos Stewards. Inconscientemente, aproximou-se para onde seu coração a guiava, para o Kieran O'Hara.

Oculta na escuridão, viu-o falar com seus homens ao redor do fogo. Durante um bom momento esperou a que se afastasse deles e, quando o fez, ela caminhou com sigilo para onde ele se dirigia para descansar. Quando viu que se sentava e apoiava as costas em um tronco, Angela, que conhecia o bosque muito bem, aproximou-se por detrás e murmurou:

— O'Hara, deve partir.

Ao ouvir aquela voz, ele esboçou um sorriso. Ela tinha ido buscá-lo e, sem mover-se, respondeu:

— Não sem antes saber quem é.

Ouviu-a rir docemente.

— Por que não te dá por vencido?

Voltando-se para a sombra encapuzada, respondeu:

— Porque sempre consigo o que quero.

— Sempre?

— Sempre — afirmou ele.

A determinação de seu olhar e sua voz a pôs alerta e, dando um passo atrás, disse:

— Adeus, O'Hara.

— Espera não vá — pediu ele, levantando-se com rapidez.

Louis, ao ouvi-lo e ver aquele rápido movimento, aproximou-se dele e perguntou:

— O que ocorre?

Kieran lhe ordenou calar. Queria escutar para onde se dirigiam os passos dela. E quando ouviu os cascos de um cavalo, murmurou apressado:

— Em seguida volto.

— É ela?

— Sim — respondeu.

— Kieran, tome cuidado — lhe pediu Louis.

Ele assentiu e, montando em seu cavalo, açulou-o para segui-la apesar de a escuridão dificultar. Não conhecia o bosque como ela e, embora ouvisse os bufos de seus arreios e o repico dos cascos do animal ao dar no chão, não conseguia alcançá-la.

Angela, ao ver que a seguia, deu um rodeio pelo bosque para despistá-lo, mas foi impossível. Tentou pensar com rapidez e ao final decidiu retornar onde estava Aston. Com um pouco de sorte, dar-lhe-ia tempo a fazer o que tinha pensado.

Animando a Briosgaid a que acelerasse o passo, saltou um riacho como uma perita amazona, serpenteou entre várias árvores e pôde comprovar que por fim deixava atrás ao highlander. Isso a fez sorrir e, apertando as coxas contra sua égua, sussurrou:

— Vamos, Briosgaid. Parece que lhe tiramos vantagem.

Aston, sentado em uma rocha, ouviu o galope do cavalo e se levantou alertado.

— O que ocorre? — perguntou ao vê-la chegar.

Baixando-se da égua a toda pressa, Angela tirou a capa, ocultou-a depois da enorme pedra onde tinha escondido antes a saia e, agarrando esta, a passou pelos pés e a atou como pôde à cintura, no mesmo momento em que se ouvia chegar a outro cavalo ao galope. Logo, olhando ao Aston,

disse:

— Me abrace.

— O que? — exclamou o moço.

Mas sem lhe dar tempo a mais, ela se atirou a seus braços, dando uma cabeçada e desequilibrando-o. Ambos caíram ao chão, onde rodaram justo no momento em que um cavalo parava a seu lado.

Kieran, ao ver aquele cabelo vermelho e reconhecer aos dois que estavam abraçados no chão, vaiou:

— Pelo amor de Deus, o que estão fazendo?

Aston e Angela se separaram com a respiração entrecortada e olharam com surpresa ao recém-chegado, que os esquadrinhava com gesto de aborrecimento. Ela, alterada pela carreira, para fazer mais real seu papel de dama assustada, murmurou:

— Oh, meu Deus!

Confuso por ter encontrado a inocente Angela nessa atitude, Kieran murmurou:

— Vá...vá... a senhorita "Oh, Meu Deus!" — E, com gesto molesto, acrescentou: — Vejo que já estão pondo em prática meus ensinos, ou possivelmente devo supor que não é tão virginal como aparenta.

Aston a olhou. A que ensinos se referiam aquele homem?

Kieran, furioso por ter perdido a Fada e havê-la encontrado naquela indigna situação, resmungou:

— E é você a que fala da compostura e a pureza...

Não disposta a lhe responder, Angela calou e Aston, tocando a cabeça, viu-se obrigado a intervir:

— Senhor, acredito que...

— Não estou falando contigo — grunhiu Kieran, sossegando ao moço.

Um incômodo silêncio se fez entre os três até que Kieran viu um cavalo bebendo em um pequeno riacho e perguntou:

— De quem é esse animal?

— Meu, por quê? — afirmou rapidamente Aston.

Kieran observou ao cavalo. Era majestoso e um bom animal, mas ainda confuso pelo ocorrido, deixou o tema e perguntou:

— Viram passar a alguém por aqui?

Angela levou a mão ao peito e, com voz esganiçada e temerosa, sussurrou:

— Há alguém mais por aqui além de você e de nós?

Aston se levantou rapidamente e se levou a mão à espada, preparado para um possível ataque. Kieran olhando a Angela disse:

— Retornem ao interior do castelo. Estarão mais seguros ali, e me deixem lhes recordar que os Stewards não lhes agradam. — Mas antes de partir, vaiou: — Está claro, milady, que as aparências enganam. Boa noite.

Dito isto, ofuscado e molesto pela libertinagem da jovem, esporeou o cavalo e partiu. Não só tinha perdido à encapuzada, mas também, se encontrou com algo que nunca imaginou.

Quando se afastou, Aston olhou a Angela e sussurrou:

— Tornaste-te louca?

— Não. Oh, Deus, que cabeçada nós demos! Justo em cima do golpe que já tinha — se lamentou, tocando-a testa, enquanto Aston se esfregava a têmpora.

— A que se referia com isso dos ensinos?

— A nada que te cabe.

—Mas, Angela, quase te descobre! E agora, ainda por cima, acredita que você e eu...

— O que pense me dá igual — respondeu zangada e, ajustando a saia, acrescentou, antes de recolher a capa: — O importante é que não se precaveu que a quem perseguia era a mim.

E dito isto, despediu-se de sua égua lhe dando um beijo no focinho e retornou a sua habitação pelo mesmo caminho pelo que saiu, enquanto Kieran voltava para seu acampamento, zangado pelo que descobriu.

Capítulo 14

Ao dia seguinte, Angela amanheceu abatida e com outro bom galo. Outra noite em que os pesadelos não a tinham deixado descansar.

Quando entrou no salão, onde todos estavam tomando o café da manhã, saudou seu pai, que se interessou pelo que lhe tinha ocorrido na testa, mas lhe tirou importância e foi sentar-se junto a sua irmã Mai.

O golpe atraía a atenção de todos. Que má sorte!

Com dissimulação, olhou ao Kieran. Morria por que lhe dedicasse um de seus reconfortantes sorrisos, mas viu que em lugar de lhe sorrir a olhava com gesto sério. Ao tê-la

encontrado em atitude carinhosa com o Aston o tinha feito trocar de opinião respeito a ela. Isso a incomodou, mas se zangou de verdade quando observou que ele, ao ver a Viesla, uma das poucas mulheres jovens do castelo, mudava de expressão e lhe sorria.

Mai lhe perguntou com carinho:

— O que te ocorreu na testa?

— Dei-me um golpe sem querer.

Sua irmã negou com a cabeça e sussurrou:

— Angela, deve ter mais cuidado. Sempre está cheia de hematomas e machucados.

Ela sorriu. As marcas que em ocasiões levava-se, as faziam as noites em que saía com os Shepard para afugentar a malfeitores e vilões, mas não disse nada.

— Tiveste pesadelos esta noite? — perguntou então sua irmã em voz baixa.

Angela assentiu e Mai, abraçando-a, disse:

— Anda, come algo e vá descansar. Necessita-o.

Angela lhe deu um beijo e começou a comer.

— Amanhã partirei para a abadia — disse Mai então.

Ela deixou de comer para olhá-la e sua irmã continuou:

— Esta manhã recebi uma missiva da madre abadessa. Pelo visto, várias das noviças adoeceram e duas morreram: necessitam minha ajuda.

— Oh, que tristeza! — murmurou Angela.

Mai assentiu e, com os olhos alagados em lágrimas, conveio:

— Sim, é muito triste... Muito triste.

Ferguson, ao olhar a suas filhas e ver a pena em seus olhares, anunciou:

— Mai, acabo de falar com O'Hara e ele, junto com o William e seus filhos, escoltarão lhe até a abadia. Não correm bons tempos e quanto mais amparo tenha, melhor.

— Obrigada, pai — acessou a jovem religiosa e, olhando ao Kieran, acrescentou: — Obrigada, lorde O'Hara.

Ele assentiu com seriedade e Ferguson perguntou:

— Angela, minha vida, os acompanhará você também, como sempre?

Ela, ao ver-se convertida no centro dos olhares, respondeu rapidamente:

— Não.

Seu pai observou preocupado:

— Não tem boa cara, filha, o que ocorre?

— Pai..., esta noite teve pesadelos — esclareceu Mai.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Angela, ao ver o gesto doído do homem, tentou sorrir.

— Estou bem, papai. Prometo-lhe isso.

Ao Kieran chamou isso atenção dos pesadelos.

— Angela — disse então Mai — sempre vem comigo até a abadia, por que esta vez não quer me acompanhar?

Sem querer olhar ao Kieran, que a observava com gesto carrancudo, respondeu:

— Esta vez leva mais escolta que nunca. Não me necessita e aqui estão Davinia e o bebê.

— Sempre te preciso — insistiu sua irmã — Eu gosto de sua companhia, porque me alegra e me faz sorrir. Por que me quer privar dela nesta ocasião? Por favor, me acompanhe. Além disso, Davinia partirá para o Merrick amanhã depois do almoço.

Ao olhá-la e ver seus olhos implorantes, ao final Angela consentiu:

— De acordo. Acompanhar-te-ei.

Ferguson olhou ao Kieran pedindo sua aprovação. No início, este pensou em dizer não. Não devia estar perto daquela jovem, mas sem dar-se conta, assentiu, e o pai das moças disse:

— Muito bem, O'Hara, deixo meus maiores tesouros a seu cargo. Leva Mai até a abadia e depois devolve a Angela sã e salva a seu lar.

Ele assentiu. Aquilo só lhe suporia entre quatro e cinco dias. Uma vez retornasse dessa viagem, iria pegar sua mãe em Edimburgo e retornaria a Kildrummy.

Continuaram com o café da manhã, enquanto as mulheres que serviam no castelo foram e vinham felizes da cozinha, trazendo comida para tratar com atenção os varonis convidados, que lhes sorriam como bobos.

Com dissimulação, Angela observou que Kieran seguia brincando com Viesla. Sem dúvida alguma, já sabia com quem passara a noite lorde O'Hara e isso a desesperou.

Estava experimentando por si mesma o ciúme. Ver como Viesla se aproximava do Kieran e como este a olhava com desejo a estava pondo doente. Notou que lhe suavam as palmas das mãos e que o coração lhe pulsava com força, mas, sobretudo, desejava matar a Viesla e ao descarado que paquerava com ela.

De repente, abriu-se a porta do salão e apareceu sua irmã Davinia com seu bebê, depois de seu marido Cedric, Otto e Rory, e diante deles passaram correndo as pequenas sobrinhas da cozinheira. Estas saudaram todos, mas, em seu caminho, Kieran as deteve e elas, divertidas, riram a grandes gargalhadas enquanto ele e Louis lhes faziam cócegas. Sem dúvida aqueles ferozes highlanders gostavam de crianças.

Cedric se aproximou de seu irmão e, sem trocar seu gesto áspero e distante, entregou-lhe

uma carta que Jesse agarrou e guardou sem olhá-la.

Davinia, depois de lhe dar um beijo a seu pai, caminhou com o olhar grudado onde estavam suas irmãs e ao sentar-se com o pequeno John nos braços lhes sorriu.

— Está bem, Davinia? — perguntou Mai ao ver sua atitude apagada.

A jovem assentiu e, depois de cruzar um olhar com a Angela, disse:

— Tenho fome. Isso é tudo.

Angela rapidamente agarrou ao pequeno e começou a beijá-lo, enquanto suas irmãs falavam.

Sem querer as escutar, ela se centrou no John. Era uma preciosidade de bebê. Só tinha uns meses, mas era gordinho e ruivo, como sua mãe e Angela. O menino lhe agarrou a cara e lhe babou o queixo. Ela esboçou um sorriso sem precaver-se de que Kieran a observava.

— O que te ocorreu na testa, Angela? — inquiriu Davinia.

Tirando-lhe importância, respondeu molesta:

— Ontem me dei um golpe sem querer. — E logo, para trocar de tema, comentou: — É certo que amanhã retorna a Merrick?

— Sim — afirmou Davinia sem nenhuma ilusão.

— Por que? Acaso não ias ficar um tempo em Caerlaverock?

— Cedric assim o dispôs, Angela, e não se fala mais.

A determinação de suas palavras fez que suas duas irmãs se olhassem, mas não comentaram nada. Davinia era fechada em todo o referente a seu matrimônio, e o café da manhã continuou em paz.

— Que triste saber que vai de novo, Mai — se lamentou de repente Davinia, enquanto olhava no dedo o anel de sua mãe —. Sentir-te-ei falta...

Com um cândido sorriso, a jovem religiosa a animou:

— Dentro de uns meses retornarei. Já sabe que não posso viver sem lhes ver, a todos, frequentemente.

— Preocupa-me essa enfermidade das noviças da abadia — continuou Davinia — E se a pegar você?

Com voz comedida, Mai respondeu:

—Irmã, se eu estivesse doente, essas jovens me cuidariam. Não crê que é justo que eu também o faça por elas?

Davinia assentiu.

— Vendo-o assim, é obvio.

Angela, agarrando a suas irmãs do braço, cochichou:

— Davinia, por que não vem comigo a acompanhar a Mai até a abadia? Possivelmente se vir que essas noviças não estão tão doentes fique mais tranquila. Além disso, assim poderemos estar um tempo juntas as três.

Sua irmã sorriu. Nada gostaria mais no mundo, mas respondeu:

— Cedric não o permitirá. Além disso, quer que nos partamos daqui o quanto antes. Segundo ele, não é seguro continuar no castelo.

— Por que não é seguro?

— Ao parecer, hão-lhe dito que viram rondando pelo bosque a vários homens que...

— Que homens? — interrompeu-a Angela alerta.

— Não sei. — Davinia se encolheu de ombros — Só sei que meu marido quer que partamos todos os Stewards amanhã não muito tarde.

Isso inquietou a Angela. Nem ela nem os Shepard tinham visto aqueles intrusos. Se havia gente estranha rondando pelo bosque, não deveriam se afastar do castelo, assim, olhando ao Mai, disse:

— Mai, acredito que deveria atrasar sua marcha.

A jovem religiosa negou com a cabeça e Angela soube que tinha a batalha perdida. Se ela era cabeçuda, Mai o era muito mais, por isso desistiu. Acompanharia a sua irmã até a abadia e a sua volta se encarregaria de averiguar quem eram esses indivíduos que andavam por seu bosque.

Acabado o café da manhã, ao sair ao exterior se encontrou com o Jesse falando com seus homens. Estava-lhes dando ordens. Ao ouvi-lo, Angela correu para ele e perguntou:

— Parte-te?

Ele cravou seus escuros olhos nela e respondeu:

— Sim. Tenho que levar a mãe a resposta do Cedric e depois certamente parta para Inverness.

— De verdade que só vieste em qualidade de mensageiro?

Jesse olhou aquela pequena ruiva. Sempre tinha sentido adoração por ela e, aproximando-se, esclareceu:

— Mãe não queria que ninguém entregasse sua missiva exceto eu. Por isso vim até aqui. Não imagine coisas que não são.

— Jesse...

— Não, Angela — cortou ele.

Ambos se olharam uns segundos entendendo-se perfeitamente, até que Jesse disse:

— Tomem cuidado com o Cedric, já sabe que não confio nele.

— Nós tampouco — respondeu Angela. Mas desejosa de lhe dizer algo mais, agarrou-o por braço e murmurou: — Jesse, Davinia não é feliz e...

— Ela escolheu — respondeu com um semblante mudado — Não quero saber mais.

— Mas, Jesse...

— Angela, por favor, não! — insistiu ele, olhando-a dolorido.

Nesse instante, Davinia saiu pela porta do castelo com o pequeno John nos braços e os viu. Não se moveu de onde estava e, depois de um olhar carregado de tristeza, sem dizer nada se deu a volta e voltou a entrar no castelo. Angela olhou ao Jesse e ao ver como apertava a mandíbula, murmurou:

— Que tenha uma boa viagem, Jesse.

Ele assentiu e, depois de lhe beijar a mão com carinho, subiu a seu cavalo e saiu do pátio do castelo sem olhar atrás, seguido de seus homens.

Quando ficou sozinha, Angela procurou o Aston e George. Precisava lhes contar o que Davinia lhe tinha comentado durante o café da manhã. Eles prometeram dar uma volta pelo bosque antes de partir para a abadia.

Pouco depois, enquanto Aston ia procurar os cavalos, George ficou com a Angela e lhe revelou:

— Aston me comentou o que ocorreu ontem à noite com O'Hara.

Ela se encolheu de ombros e ele acrescentou:

— Isso tem que terminar Angela, ou ao final descobrirão a todos.

Sem vontades de receber uma nova reprimenda, ela o olhou, piscou e, lhe dando um casto beijo na bochecha, respondeu:

— Se acalme isso não ocorrerá.

A tosse de alguém os fez se voltarem e encontraram o olhar sério do Kieran, que disse:

— George, necessito que vás falar com o Louis e lhe indique o caminho que estão acostumado a seguir até a abadia.

O jovem assentiu e, antes de se separar de Angela, lhe perguntou:

— Estará bem?

Kieran, ao ouvi-lo, afirmou molesto:

— É obvio que estará bem. Eu não como ninguém.

Depois de cruzar um olhar com a Angela, George sorriu e partiu. Quando ficaram

sozinhos, Kieran a olhou e disse:

— Que surpresa, nunca imaginei que uma torpe e chorona dama como você, tão cheia de Oh, Meu Deus!" e de decência, repartisse-se entre o amor de dois irmãos e me exigisse beijos apaixonados. Não crê que isso é escandaloso?

Sem deixar-se intimidar por seu tom de voz, Angela repôs:

— E isso me diz um promíscuo...

Irritado pelo que aquela jovem o fazia sentir, resmungou:

— Eu não sou santo e inocente como você, milady.

Ela quis lhe responder com determinação, mas sabia que não era o momento nem o lugar, de modo que levou a mão à boca e, depois de fazer um beicinho que desesperou a Kieran, murmurou soluçando:

— É cruel, muito cruel.

— Tudo se arruma com prantos?

Ela então mugiu e ele assentiu desesperado.

— Sem dúvida, assim é.

Contendo a risada, Angela pestanejou para que as lágrimas não deixassem de sair de seus olhos e choramingou:

— Seguro que se eu fosse essa tal Fada a quem tanto admira não me falariam com tanta dureza.

— Se fosse a tal Fada — replicou ele subindo o tom de voz — ter-me-ia encarado e não se poria a chorar por minhas palavras como uma menina tola. Essa é uma das grandes diferenças entre você e ela, entre outras muitas coisas.

E, sem mais, Kieran deu a volta e partiu. Aquela jovem, que em certos momentos o atraía, com seus prantos e tolices, ele desesperava.

Angela, com as bochechas molhadas de falsas lágrimas, observou-o partir a grandes pernadas. Sem poder evitá-lo, esboçou um sorriso. O despachado e preparado highlander Kieran O'Hara não imaginava que ela era Fada.

Essa noite, depois de retornar Aston e George do bosque e lhe informar de que encontrou a alguns Murray, Angela relaxou, e quando subiu a sua habitação, estava tão cansada que, assim que caiu sobre o leito, dormiu.

Ainda era de noite quando Davinia entrou a despertá-la. Se ia acompanhar Mai, devia levantar-se ou a comitiva iria sem ela. Rapidamente, Angela se arrumou e em uma bolsa guardou

quatro coisas para seu asseio pessoal. Certamente, William levaria em seu cavalo uma bolsa com suas botas e a capa. Sempre que ia com ele e seus filhos a acompanhar a Mai à abadia, à volta adorava montar em sua égua durante quase um dia inteiro com total liberdade.

Quando chegou ao salão, parou-se ao ver Kieran e a alguns de seus homens à mesa, comendo. Ele torceu o nariz ao vê-la, e ela não o saudou ao passar a seu lado. Quando se sentou junto a suas irmãs, Davinia lhe encheu uma tigela com leite e, apressando-a, disse:

— Vamos, come algo antes de partir.

Angela sorriu. Davinia era toda uma mãezona, que, sem descanso, obrigou ao Mai e a ela a comer vários pães-doces. Logo meteu em uma cesta outros pães-doces recém-feitos para o caminho.

Aproximando-se de suas filhas, Ferguson se sentou frente a elas e pôs a palma da mão para cima. Como em outras ocasiões, as três puseram as suas em cima e, emocionado, o homem confessou:

— Já estou desejando que todas retornem a meu lado. Sou um velho que não pode viver sem seus três tesouros.

— E nós não podemos viver sem ti — responderam elas.

Esse ritual se repetia sempre desde que Davinia se casou e partiu do castelo. Todas sabiam que seu pai era um homem que, apesar de sua envergadura, era fraco de sentimentos e coração.

Angela, a mais mimosa das três, levantou-se, rodeou a mesa e o abraçou. Adorava a seu pai e tinha chegado a entender sua fraqueza e debilidade. Enquanto o abraçava, seus olhos se encontraram com os do Kieran, quem, a diferença de minutos antes, suavizou seu gesto, Angela o agradeceu com um sorriso.

— Pai — disse Davinia — espero poder retornar em três meses. Os Natais chegam logo e tanto Mai como eu queremos as passar contigo.

— Prepararemos bolos com a Evangelina e decoraremos a casa como mãe nos ensinou, celebraremos o Natal com o pequeno John e as meninas — afirmou Mai.

Angela sorriu. Sentada nas pernas de seu pai, se agarrou contra seu pescoço e o escutou falar e rir com suas irmãs, enquanto já desejava que fora Natal.

Capítulo 15

Quando a comitiva partiu, Angela ia sentada junto a sua irmã em um carro. Odiava viajar assim, mas devia fazê-lo se quisesse acompanhá-la. Da enorme porta do castelo, seu pai, junto à Davinia e o pequeno John, atirou-lhes um beijo com a mão e tanto Mai quanto Angela fizeram gesto de agarrá-lo e logo levaram a mão ao coração. Aquela despedida era algo muito deles. Algo que seu pai fazia desde que eram pequenas. Em seguida, as duas jovens lhes mandaram também um beijo e esta vez foram Davinia e seu pai quem os agarrou e os levaram ao coração.

Quando os perderam de vista, observou que William tinha amarrado sua égua ao carro. Desejava aproximar-se dela e lhe sussurrar ao ouvido quanto a queria, mas estando Mai perto dela não podia. Deveria esperar outro momento.

Kieran, ao ver aquele animal que já tinha visto anteriormente, perguntou ao William:

— E essa égua?

O homem, sem saber nada do ocorrido, olhou-o e respondeu sem lhe dar maior importância:

— Sempre levamos um cavalo de reserva se por acaso necessitarmos.

O'Hara assentiu, enquanto via como os irmãos Shepard o observavam e cochichavam. O que ocorria com eles?

— Davinia não está bem, Mai, algo lhe ocorre — disse Angela a sua irmã.

— Sei. Tentei falar com ela, mas já sabe como é.

— Sim, já sei como é — afirmou Angela e, com pena, acrescentou: — Ontem, quando Jesse Steward se foi com seus homens, Davinia saiu à porta com o menino para despedir-se dele. Sofre por amor. Sei sem que ela me diga isso.

Mai assentiu com a cabeça.

— Teria que haver-se casado com ele e não com seu irmão. Estou convencida de que esse Cedric não lhe dá boa vida.

— O outro dia descobri um tremendo hematoma no braço — explicou Angela — e foi Cedric, embora o desculpou.

— O que? — perguntou Mai, surpreendida.

— O que ouve.

— Deus santo! — sussurrou sua irmã, horrorizada.

Depois de um breve silêncio cheio de preocupação, Angela perguntou:

— Davinia se justificou contigo e te disse por que se casou com esse animal?

Mai negou com a cabeça e respondeu:

— Tentei falar com ela mil vezes, como todos, mas se limita a dizer que o fez por amor.

— Por amor!

Mai assentiu e sua irmã caçula murmurou:

— Por amor se sofre. Como papai e como você. Sem dúvida, o amor é sofrimento.

— Não diga isso, Angela — replicou Mai — O amor é um sentimento bonito e maravilhoso que alegra seus dias e...

— E que quando falta ou não é correspondido te arruína a vida — concluiu Angela.

Com um cândido sorriso, Mai acariciou o rosto de sua irmã e disse:

— O amor foi o que fez que nossos pais se unissem, vivessem felizes em Caerlaverock e, posteriormente, nascemos. Não duvido que papai leva anos sofrendo por esse sentimento, mas o amor também lhe deu três filhas que o querem e o idolatram.

— O amor fez sofrer a ti também quando...

Sem deixá-la acabar, Mai respondeu:

— O amor me deixou bonitas lembranças de Robert que guardarei até que eu morra e, embora não o crê, voltaria a repetir minha história com ele mil vezes mais, só para experimentar o que me fez sentir quando estávamos juntos.

Ambas se abraçaram com tristeza e, quando se separaram, olharam o majestoso castelo do Caerlaverock, agora visível de longe. Visto desta forma, parecia poderoso, mas outra coisa era quando se entrava nele. Embora estivesse limpo, estava vazio e muito maltratado.

Quando o perderam de vista de novo, ambas as irmãs se acomodaram no carro, onde dormiram até a hora do almoço, quando William as despertou.

Com sua ajuda, desceram do carro e se sentaram no chão sobre um tartán. Kieran e seus highlanders tomaram assento frente a elas e começaram a comer e brincar.

Angela os observou, divertida. Nunca tinha estado a sós com aqueles bárbaros e logo pôde comprovar suas más maneiras e a rudeza com que se tratavam. Nada a ver com os homens de seu castelo.

Em várias ocasiões, os olhares de Kieran e dela coincidiram, mas ambos desviaram a vista rapidamente. Mai, que os observava dissimuladamente, depois de uma conversa que manteve com seu pai sobre aqueles dois, inquietou-se. Ocorrera algo entre o highlander e sua irmã?

O comportamento deles lhe recordava seu início com o Robert e, depois de vários olhares furtivos por parte deles, Mai sorriu. Oxalá seu pai tivesse razão e aquele poderoso lorde se fixasse em sua irmã.

Acabada a refeição, ela retornou ao carro para rezar suas orações. Angela preferiu não

acompanhá-la e decidiu dar um passeio com Aston e George. Como toda moça, agarrou a cada um de um braço e, ao passar junto ao Kieran, observou que este a olhava com gesto de recriminação. Saudou-o com um assentimento de cabeça e ele fez o mesmo.

Quando se afastaram o suficiente como para não serem ouvidos, Angela disse:

— Deveríamos retornar o mais rápido possível e procurar fazer com que O'Hara se vá. Eu não gosto que esses Murray, e nem nenhum outro andem pelo bosque.

— Calma Angela — a acalmou George. Os Murray são amigos, ou acaso esquece que é o clã de sua boa amiga Sandra?

— Disseram-lhe se ela chegou bem?

Enquanto Aston vigiava a que ninguém se aproximasse, George respondeu:

— Sim. Josh Murray me contou que estava triste, mas bem.

— Pobre... — sussurrou Angela. E, olhando para onde estavam os O'Hara, perguntou: — O que pensam desses bárbaros?

Divertido, Aston se inclinou para ela e disse:

— O que eu gostaria de saber é o que pensa O'Hara de nós.

Os três sorriram e Angela cochichou:

— Acredita que sou uma promíscua e que tenho uma relação amorosa com os dois.

Os dois irmãos soltaram uma gargalhada que Kieran ouviu de onde estava. Não podia apartar a vista deles e desejou saber do que riam. George, ao ver que os observava, afirmou:

— O que está claro é que algo de ti lhe atrai. Não para de olhar.

Angela o observou com dissimulação e logo respondeu:

— Quem lhe atrai é a Fada. Desfaz-se em adulações ao falar dela. Tinham que ouvir.

— E por que não lhe diz que é você?

Ela o olhou, boquiaberta e Aston acrescentou:

— Um marido como esse é o que necessita Angela. Não o pensaste?

Aborrecida, pôs as mãos na cintura e replicou:

— Aston Shepard, acaso bebeste?

Os dois irmãos sorriram e ela grunhiu:

— Mas o que lhes passa?

— Não nos passa nada — respondeu George. — Simplesmente, como amigos teus que somos, dizemos-lhe o que pensamos. E o que pensamos faz tempo é que deverias sair de Caerlaverock e começar uma nova vida. Outro dia, papai nos comentou que seu pai lhe disse que gostaria de ver-te longe do castelo. Cada dia é mais perigoso viver nele...

— Oh, meu Deus... Papai me disse o mesmo.

— Angela — insistiu George — seu pai é consciente da deterioração de tudo e do perigo que corre cada dia que passas ali. As pessoas teme viver onde vivemos e partem. Não pode seguir trabalhando no campo como o faz. É uma loucura! Deve partir de Caerlaverock e criar seu lar.

— Meu lar é Caerlaverock.

Ambos negaram com a cabeça e George repôs:

— Caerlaverock não é um lar Angela. Foi o de seus pais e dos meus, mas por desgraça nunca será nem o teu nem o nosso. Todos devemos partir dali...

— Tornastes loucos?

Os jovens se olharam e Aston murmurou:

— Estamos e os encapuzados, tem que acabar. Até o momento tivemos sorte, mas...

— Não digam tolices — protestou a jovem — Devemos seguir defendendo o que é nosso. Se retrocedermos em nosso empenho o bosque se encherá de vilões e...

— Angela — a cortou Aston — George e eu temos que te dizer algo.

Sem saber do que se tratava, por seus gestos o intuiu e, olhando-os aos olhos, murmurou, levando a mão à boca:

— Não... Não... Vós não, por favor.

— Escuta Angela...

— Não... Não quero lhes escutar...! Não!

Sem poder evitar, pôs-se a chorar e Aston a abraçou para consolá-la. Kieran os viu de longe, e ficou surpreendido com tanta intimidade em público. O que significavam esses abraços? Sem tirar-lhe os olhos de cima, aproximou-se uns metros e viu como primeiro um irmão e logo o outro abraçavam a jovem.

Finalmente, deixando de chorar, Angela se separou deles e sussurrou:

— Vá... Vá... Já passou.

Eles a olharam com tristeza e George disse:

— Sentimos, Angela, mas em Caerlaverock não há mais nada para nós.

Ela tentou compreendê-los. Tinham razão: ali não havia trabalho, nem mulheres, nem nada que os animasse a continuar; respondeu:

— Entendo-os... Entendo-os.

Assentiu com calma, embora quisesse chorar. Mugir. Gritar. Era desesperador o que ocorria com sua gente. Todos partiam em busca de novas oportunidades fora de suas terras. Ela mesma o faria de boa vontade, mas não podia deixar seu pai nem suas irmãs: eram eles que a unia a

aquela terra. Perguntou:

— Quando partirão?

— Passado o Natal. Falamos o com pai e ele compreende e nos anima a ir a Edimburgo.

De novo voltou a assentir. Ela também o entendia e, tentando sorrir, disse:

— Necessito uns minutos a sós, importa-lhes?

Os dois jovens assentiram, mas antes de afastar-se, Aston sussurrou:

— Sinto muito, Angela. Espero que nos perdoe.

Emocionada, ela se lançou a seus braços e respondeu:

— Não há nada que perdoar, mas me prometam que quando forem para Edimburgo, nos veremos e seguiremos com nossa boa amizade.

Eles sorriram e, depois de lhes dar um casto beijo na bochecha, Angela se afastou. Necessitava uns minutos de paz.

Sem olhar atrás, caminhou uns metros e, quando viu uma rocha grande, rodeou-a, sentou-se no chão e apoiou as costas nela. Nesse instante, os olhos voltaram a se encher de lágrimas, mas esta vez de verdade e, encolhendo as pernas, posou a cabeça sobre os joelhos e chorou. O fez com vontade, com necessidade. A fúria lhe revolveu o estômago. Nada saia nunca bem. Todo mundo partia e isso a consumia.

— Chorando? Que novidade! — ouviu de repente.

Não olhou nem se moveu. Sabia de quem era aquela voz.

— O que te ocorre? — perguntou Kieran.

— Nada.

— Vamos, menina torpe — murmurou ele com carinho — O que acontece?

Angela levantou a cabeça e vaiou:

— Va embora! Saia. Quero ficar sozinha...

Ele não se moveu do lugar, mas sim ficou de joelhos ante ela e murmurou:

— Por que chora com tanta pena?

— Porque sou uma chora e uma torpe, já sabe!

Kieran esboçou um sorriso. Sem dúvida era o que ela dizia, mas a pena, que era evidente que sentia, devia ter um por que e queria sabê-lo.

Com carinho, segurou-lhe no queixo para olhá-la e viu seu galo. Sorriu. Tinha os olhos avermelhados pelo pranto. Era preciosa quando chorava e, tentando fazê-la sorrir, disse:

— Anda, sorria. Está mais bonita quando o faz, apesar desse galo.

Ao escutá-lo, o semblante lhe contraiu e voltou a chorar. Não podia parar. Boquiaberto,

Kieran a olhou. Como podia chorar depois receber um galanteio?

Ela ocultou a cara contra as pernas. Era humilhante chorar assim diante daquele homem. Mostrar sua verdadeira debilidade era algo que nunca gostou e nesse instante o fazia.

Durante vários segundos, um desconcertado Kieran não soube o que fazer, até que decidiu tomar o assunto em suas mãos, sentou-se a seu lado e, passando os braços ao redor do corpo dela, içou-a e a sentou sobre suas pernas.

— Me solte — exigiu Angela entre soluços.

— Não. Não até que deixe de chorar.

Quis resistir, mas ao ver que era inútil lutar contra sua força, desistiu.

— Me conte o que passa — insistiu ele em seu ouvido, com voz rouca.

Limpando-as lágrimas com as mangas do vestido, respondeu, tentando entender aquele seu momento de tola debilidade:

— Não me passa nada.

— Mente preciosa. Seus apaixonados disseram ou fizeram algo que te incomodou?

— Não são meus apaixonados — replicou Angela — Aston e George são dois bons amigos, nada mais.

E, de um ágil salto, que surpreendeu ao Kieran, levantou-se e se afastou a grandes passos.

Não queria falar nem com ele nem com ninguém.

Capítulo 16

Quando pararam de novo para passar a noite, Angela se precaveu de que Kieran a seguia com os olhos, procurando que o olhasse. Ela não quis inteirar-se e dissimulou. Envergonhava-se de chorar como uma parva, e com tanto sentimento, diante dele.

Depois de falar com os três Shepard e lhes deixar claro que entendia sua decisão, decidiu retornar ao carro junto a Mai, que ao vê-la chegar, perguntou:

— O que tem você com esse O'Hara?

— Como diz? — perguntou surpreendida.

— Tenho olhos, irmãzinha, e vejo como se olham — respondeu Mai.

— Pois seus olhos te informam mal.

Sua irmã soltou uma gargalhada e respondeu:

— Se você o diz... — E ao ver que Angela não pensava dizer nada, acrescentou: — Quero que saiba que papai o gosta para ti e que não me desagrada. É um homem galante, educado e cavalheiresco, que sem dúvida poderia te dar uma boa vida se você quisesse e...

— Oh, Mai... Te cale!

Zangada porque todo mundo parecia querer uni-la com ele, desceu do carro a toda pressa. Com cuidado para não ser vista, e em especial, não correr nenhum perigo, afastou-se do acampamento com necessidade de ficar sozinha, e quando se sentiu suficientemente afastada de todos, sentou-se num enorme tronco de uma árvore e, dobrando as pernas, voltou a ocultar o rosto.

Durante um momento pensou sobre seu futuro. Quando Aston e George partissem, não poderia arrastar William ao bosque para defender suas terras. Aquela época em que foi uma valorosa guerreira sem dúvida acabou para ela. O problema era como prescindir da sensação de liberdade, que produziam esses momentos, nos que soltava seu espírito combativo.

As lágrimas escapavam novamente de seus olhos quando ouviu que alguém se aproximava e ao olhar com a extremidade do olho soube que era ele, O'Hara. Secando-se rapidamente, esperou sua chegada.

Quando chegou, Kieran a olhou à espera que dissesse algo e, como não o fez, sentou-se de novo a seu lado.

— Outra vez chorando?

Angela não respondeu e ele acrescentou:

— Minha mãe se foi, pensando que é uma grande chorona.

Ela o olhou e, depois de soltar um berro angustiante, Kieran acrescentou para tentar consolá-la:

— Mas também pensava que é uma jovem bonita e amável.

Suas palavras não a consolaram e um bom momento mais tarde, cansado de ouvi-la soluçar, insistiu:

— Quer me contar de uma vez o que ocorreu?

— Não.

— E se te digo uma palavra adoçada como "carinho" ou "minha vida"?

Angela o olhou e, aborrecida, vaiou:

— Va pro inferno, O'Hara.

Ele sorriu ao escutá-la.

— Pelo amor de Deus, Angela Ferguson acaba de blasfemar.

Ela não respondeu e, sem querer dar-se por vencido, Kieran disse:

— Preocupa-me. O que ocorre?

— Nada.

A cada instante mais desconcertado pelo desconsolo dela, desesperou-se. O que devia fazer em um caso assim? Abraçá-la? Repreende-la? Naqueles anos viu chorar Megan, Gillian, a sua mãe, mas a face da Angela e seus olhos avermelhados acabaram com ele.

Como tinha feito ao meio dia, sentou-a sobre ele. Esta vez ela não resistiu. Necessitava mimos e Kieran os deram. Beijando-lhe a cabeça, sussurrou:

— Seja o que for, pode me contar isso e tentarei te ajudar.

A delicadeza e o afeto, ao lhe falar, a fizeram sentir-se pequena e se deixou embalar. Só se deixava abraçar assim por seu pai, mas deixando cair a cabeça sobre o ombro dele, disse:

— É difícil explicar...

Seu doce tom de voz pôs em Kieran os pelos arrepiados e não se moveu. Sentir o corpo quente sobre o seu, lhe fez experimentar centenas de sensações. Nunca compartilhou aquele tipo de intimidade casta e recatada com nenhuma mulher. Os momentos íntimos que compartilhava com outras eram basicamente sexuais, mas com a Angela era diferente e, apesar de desfrutar, inquietou-o. Durante um momento não disseram nada, até que ela levantou a cabeça e murmurou:

— Obrigada, Kieran.

Ele a olhou emocionado. Ouvir seu nome em sua boca lhe soou encantador.

— Por que? —perguntou.

— Por me consolar apesar do que sua mãe e você pensam de mim.

— Sabe? — disse ele divertido — alegra-me ver que sigo sendo Kieran quando estamos a sós. Isso me faz pensar que confia em mim.

— Embora não possa te chamar "*carinho*" — se mofou ela.

— Não... Não sou seu carinho. Portanto, melhor que não o faça.

Ela o olhou com um triste sorriso e, secando os olhos, respondeu:

— Mas já sabe, quando retornarmos...

— Sei — a cortou — Deverei te chamar como exigem as normas do decoro, milady.

Durante uns segundos se olharam aos olhos de uma maneira que aos dois os fez estremecer. Era indubitável que se atraíam. Ao ver que não ia poder evitar beijá-la, para romper o feitiço exigiu:

— Quero saber o que te tem feito chorar.

Apartando a vista de sua boca, desesperada pela cruel realidade, explicou:

— Minha melhor amiga, Sandra, foi-se para viver em Carlisle. Meu cunhado se empenha em me casar com homens que me repugnam. Minha irmã Mai retorna à abadia. Minha irmã Davinia a seu lar, e Aston e George, meus grandes amigos, acabam de me dizer que depois do Natal abandonarão o castelo para irem viver em Edimburgo, e meu pai deseja que também eu abandone Caerlaverock, busque-me um novo clã e tente ser feliz, mas não posso, não posso abandoná-lo! — Abrindo as mãos em um gesto desesperado, acrescentou: — Todo mundo parte para começar uma nova vida e eu me encontro presa em um lar cada vez mais frio, ruído, solitário e difícil de recuperar. Vejo ante mim um futuro incerto, no qual finalmente terei que desposar com alguém a quem aborrecerei, mas... mas logo está meu pai, que adoro e por quem daria a vida, que me diz que procure o amor para ser feliz como foi ele com mamãe até sua morte. E eu... eu estou confusa.

Sua sensatez ao falar foi o que terminou de desarmar o Kieran. Aquela jovem, insuportável e queixosa em ocasiões, abriu o seu coração de tal maneira que desejou poder lhe dar uma solução a suas penas, mas não pôde. Não soube o que lhe dizer, salvo abraçá-la e consolá-la.

Depois de um momento de silêncio, no que Kieran se permitiu lhe acariciar o braço e as costas, por cima do vestido, com muita intimidade, retirou-lhe, com carinho, uma mecha de cabelo do rosto e perguntou:

— Aston ou George são muito especiais para ti?

— Sim, mas não nos termos que você insinua. Junto a seu pai, William, desde pequena, esteve o meu lado. Protegeram a mim e a minhas irmãs quando papai, sumia em seu desespero, passava dias sem sair de seus aposentos, e lhes sou agradecida. E embora me doa sua partida, entendo sua decisão. Eles têm que viver suas vidas, conhecer mulheres das que apaixonar-se, desposar-se, ter filhos e serem terrivelmente felizes e isso, em Caerlaverock, nunca o farão.

— Por suas palavras intuo que é muito romântica.

Com um triste sorriso, ela respondeu:

— Tive ao melhor professor a meu lado toda a vida: meu pai. Mas a vida me ensinou que, assim como te faz feliz, o amor pode te destruir. Papai sofre pelo que sente. Mai entrou na abadia por amor e minha irmã Davinia padece por amor.

Kieran, surpreso por essa revelação, murmurou:

— Mas, mesmo assim, você crê no amor, verdade?

Ela se acalorou. Que fazia falando daquilo com ele? Mas ao sentir como o sangue bulia em suas veias, esqueceu-se de ser a doce Angela e do decoro que lhe tinham ensinado desde pequena, levantou o queixo e, num jeito Fada, respondeu:

— Sim.

— E por que ainda crê nele depois do que comentaste?

Olhando-o aos olhos, sorriu. Pensou no que sua mãe sempre lhe contou, que sentiu quando viu pela primeira vez a seu pai e, esquecendo-se das normas, da moderação, da compostura e da vergonha, respondeu:

— Porque quando te vi pela primeira vez, fiquei sem fôlego. — o semblante do Kieran mudou e ela acrescentou: — E estou segura de que se você me conhecesse, se soubesse realmente como sou, apaixonar-te-ia por mim.

Ao acabar de dizer aquilo e ver o rosto dele, amaldiçoou sua larga língua e ficou vermelha como um tomate.

Mas o que havia dito?

Incrédulo e divertido ao mesmo tempo por seu despacho, Kieran perguntou:

— E por que crê que se te conhecesse me apaixonaria por ti?

— Esquece-o. Hei dito uma tolice — repô-la, olhando o chão.

— Interessa-me que me esclareça essa tolice — insistiu ele.

Angela amaldiçoou. Por que saltava sempre as regras? Por que não podia ser como Davinia, que passasse o que passasse, sabia calar e silenciar? Olhou ao homem que, frente a ela, esperava uma elucidação e tomou ar. Dizia-se que era Fada sabia que seu interesse se redobraria, mas respondeu:

— O que disse não é decoroso. E começo a me envergonhar de minha língua tão solta.

Aquela sinceridade o fez sorrir. Gostava que Angela fosse assim com ele, e ao sentir seu sobressalto pelo que havia dito, Kieran lhe olhou a testa e disse:

— Segue tendo um bom galo.

— Sei.

Seus olhares se encontraram e, depois de um estranho silêncio, no que ele interpretou seu olhar, murmurou:

— Uma dama casta e decente nunca reclamaria um beijo.

— Consta-me, como agora consta a ti que, além de chorona, sou bastante indecente. — E então perguntou: — Susan não reclama seus beijos?

— Sou um cavalheiro e nunca falarei de uma mulher ante outra — respondeu Kieran.

Mas seu aroma... Sua cercania... Sua doçura... Sua petição... Sua falta de vergonha, tudo isso misturado com o momento, fizeram que o valoroso Kieran derrubasse suas defesas e sussurrasse ao roçar seus lábios:

— Angela...

Fazendo caso omisso de sua advertência, ela tirou a ponta da língua e, passando-lhe com descaramento pelos lábios, murmurou, enquanto o calor que o corpo dele irradiava a consumia de desejo:

— Não quero te ouvir.

— Seu arrojo me provoca.

— Sei — disse ela, sorrindo.

Kieran roçou seu nariz com o dela, em tom íntimo, murmurou:

— Cada vez que diz isso de "Sei", deixa-me indefeso.

Angela sorriu e respondeu:

— Sei.

Sua fragrância o embriagava, sua boca o anulava e sua voz o enlouquecia. O que lhe fazia aquela mulher?

Incapaz de negar-se, colocou uma mão no pescoço dela e outra em sua cintura e, introduzindo a ardente língua em sua boca, devorou-a sem descanso.

Sem forças, Angela se deixou levar e desfrutou da paixão que lhe demonstrava. Então se deu conta de que estava tombada no chão, com aquele homem movendo-se sobre seu corpo.

O erótico contato lhe endureceu os mamilos e ofegou. Kieran, ao precaver-se disso, passeou sua mão por cima do sutiã do velho vestido e murmurou:

— Angela, a paixão por te possuir me consome. Não deveríamos continuar.

— Sei...

— E sabe por que me provoca?

— Não sei.

Sua resposta e seu gesto excitado o fizeram sorrir e, sem lhe dar trégua, agarrou-a pelo cabelo e a aproximou dele. O beijo foi selvagem por parte dos dois. Sem dúvida, ambos se desejavam e Kieran, embrutecido e perdendo totalmente o controle de seus atos, colocou as mãos pelo interior de seu decote e lhe tocou os endurecidos mamilos.

— Oh, Deus... — ofegou Angela ao sentir aquele íntimo contato.

Até então, nenhum homem lhe tinha roçado nenhuma parte do corpo, e menos tão íntimo. Kieran o intuía, imaginava, mas não parou. Cheio dessa paixão da que falava ela, continuou com aquela loucura e, superexcitado, sussurrou sobre sua boca:

— Você gosta de meu toque?

— Sim — respondeu extasiada.

Embriagado por sua rápida e sincera resposta, Kieran passeou sua ardente boca por seu

delicado pescoço e, quando subiu até sua orelha, sentiu que se estremecia. Isso o voltou louco.

— É doce, suave, apaixonada e tremendamente tentadora, Angela Ferguson — disse — e acredito que tem razão.

— No que? — perguntou, embriagada de desejo.

Sem separar-se dela, em um tom íntimo que lhe pôs os pelos arrepiados, Kieran murmurou:

— Acredito que se te conhecesse mais, possivelmente poderia me apaixonar por ti.

Excitada por suas palavras, moveu-se sob seu corpo. O contato de suas mãos sobre sua pele a fez tremer, enquanto sentia como lhe espremia os seios e lhe dizia palavras ardentes e sedutoras ao ouvido, que a incitavam a querer continuar com o que estavam fazendo.

Enlouquecido pela resposta do corpo da Angela, moveu-se sobre ela com atitude possessiva e arrogante, para lhe fazer sentir a força de sua virilidade. Queria que soubesse quanto à desejava e quão excitado estava pelo que faziam.

Angela, ao notar que apertava seus quadris contra seu corpo e consciente do que era aquilo, ofegou olhando-o aos olhos, mas em lugar de intimidar-se, arqueou-se para ele e Kieran lhe respondeu lhe dando um incrível, ardoroso e ofegante beijo, enquanto todo ele tremia, contendo-se para não submetê-la a seus caprichos ali e nesse instante.

Quando finalizou o beijo, sem lhe dar tempo a pensar, baixou sua boca até um de seus seios. Eram suaves, brancos e tentadores. O beijou. Mimou-o enquanto ela se estremecia sob seu corpo e, finalmente, sugou-lhe o mamilo com deleite, enquanto Angela se apertava contra ele, disposta a desfrutar daquele momento. Desfalecida de luxúria, afundou os dedos no cabelo do Kieran enquanto fechava os olhos e o sujeitava contra seu peito para que não parasse.

Ao sentir como lhe entregava, Kieran lhe subiu rapidamente a saia e, quando colocou uma mão dentro de suas meias e lhe tocou o ventre plano, ouviu-a ofegar. Louco de desejo, soltou-lhe o mamilo que tinha pegado em sua boca e murmurou:

— Não sei o que quer de mim, mas isto é o que eu desejo de ti. — E, com um seco e contundente movimento de quadril, mostrou-lhe de novo seu esplendor e dureza.

Angela gemeu ao senti-lo e, de repente, com um rude movimento, Kieran lhe separou as pernas.

— Oh, meu Deus!

— Exato, meu céu — disse ele sorrindo — Oh, Meu Deus! Estou seguro de que está úmida Angela. Muito úmida. E sei que é por mim, e isso me volta louco de paixão e de desejo. Tão louco, que o único que desejo neste instante é te fazer minha. Afundar-me em ti como um selvagem para te ouvir gritar meu nome.

Consciente de aonde tinham chegado, Angela gemeu assustada. O que estava fazendo? Não devia continuar com aquilo. Devia parar o quanto antes, mas seu corpo se negava a obedecê-la.

— Esta é uma pequena parte da doce tortura a que me submete com sua contínua desfaçatez a que chama "paixão". Mas sou um homem de honra e sei que não devo continuar, embora seu corpo e o meu gritem que não me detenha.

— Tem razão... Para... Para...

Essa vez, o sentido comum do Kieran prevaleceu. Olhou-a e, ao vê-la debaixo de seu corpo, com os peitos desnudos e entregas ao desejo, de repente tomou consciência do que estava fazendo.

Apesar de ser uma descarada que o enfeitiçava, Angela era uma jovem dama casta e virgem. Não uma das mulheres que ele costumava frequentar. Beijou-a na boca e se sentou escarranchado sobre ela à luz da lua. Precisava respirar e recuperar o controle de seu corpo e, em especial, de seus pensamentos. Quando o conseguiu, olhou-a de novo e sussurrou:

— Nem imagina o esforço que estou fazendo por não te fazer minha, agora mesmo, sem pensar em nada mais.

— Kieran... — murmurou assustada.

— Apesar de seu descaramento é virgem, verdade? — Ela assentiu e ele vaiou entre dentes — Isso me faz não dar a meu corpo o que me demanda; mas, se não fosse virgem, asseguro-te que não pararia, e mais quando seu corpo, sua boca e seus olhos me pedem que continue.

Agarrando-lhe uma mão, levou-a até sua dura ereção e, posando-a sobre ela, murmurou:

— Aqui estão o ardor e a paixão com os que eu fico. Não volte a me provocar, doce Angela, ou a próxima vez nada me poderá deter, entendido?

Alarmada e com a respiração acelerada, assentiu, retirando a mão de seu membro duro. Não lhe cabia a menor dúvida de que, se ele quisesse, tendo-a como a tinha, poderia lhe roubar a virtude sem que ninguém se inteirasse.

Com frieza, Kieran lhe guardou os seios no interior do vestido, ante o atento olhar dela, que respirava com dificuldade. Ao terminou, ficou em pé e, segurando-a pela mão, levantou-a do chão.

Quando estiveram de pé, um frente ao outro, Kieran passou com pesar a mão por seu loiro cabelo. Depois a olhou e, ante sua expressão confusa, disse:

— Desconcerta-me. Às vezes parece uma doce e tímida dama e outras uma mulher disposta a perder a cabeça e a virtude entre meus braços. E, sabe? Eu sou um mulherengo, mas não roubo a virtude de nenhuma virgem se posso evitá-lo. Portanto, a partir de agora tenta te manter

afastada de mim para evitar tentações, entendido?

— Aham... — murmurou.

Ofuscado, reprimido e furioso pelo que aquela mulher podia fazer com ele, deu a volta e se afastou a grandes pernadas, deixando-a sozinha, acalorada e totalmente desconcertada.

O que esteve a ponto de fazer?

Passado uns minutos, quando se recompôs e se penteou como pôde, Angela retornou onde estavam todos. William e seus filhos a olharam preocupados, mas ela se aproximou deles sorrindo para lhes fazer saber que estava bem.

Com curiosidade, olhou a sua volta em busca do homem que desejava. Viu-o sentado com as costas apoiada em uma árvore, observando-a com pesar. Isso lhe produziu um calor interno que a turvou.

Sem dúvida, Kieran estava despertando nela esse fogo de que tinha ouvido falar com algumas mulheres. Por isso, despedindo-se dos Shepard, retornou ao carro junto a sua irmã, que estava dormindo, e não se separou dela a partir desse instante.

Capítulo 17

O estalo continuado do carro a despertou e, surpreendida, viu que tinham reatado a marcha sem despertá-la. Quando William viu que se movia, aproximou-se montado em seu cavalo e comentou:

— Parece que O'Hara tem pressa.

Angela assentiu, mas não disse nada. Depois do ocorrido, Kieran certamente quereria finalizar o quanto antes aquela viagem. Alegrou-se. Isso aceleraria a volta ao castelo.

Durante todo o dia não se aproximaram um do outro. Olhavam-se, desejavam-se, mas ambos sabiam que não deviam prosseguir com esse perigoso jogo. Essa noite, Angela não se moveu do lado dos Shepard. Jantou junto a eles e sua irmã e quando esta partiu a dormir, decidiu ficar ante o fogo com três. Procurou não olhar para onde sabia que estava Kieran, observando-a, e quando não pôde mais e o calor alagou de novo seu corpo, partiu ao carro a dormir junto a Mai. Era o melhor.

Ao terceiro dia, chegaram à abadia Sweetheart na hora do almoço. Ali, William, seus filhos e Angela, acompanharam Mai, depois de despedir-se, com cordialidade, do Kieran O'Hara e seus homens.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Mas ninguém podia entrar na abadia, por isso, depois de beijar e abraçar a sua irmã, Mai se encaminhou sozinha para a enorme porta de madeira maciça, voltou-se e, a modo de despedida, atirou um beijo que Angela agarrou. Depois, ela repetiu o ato e sua irmã, depois de apanhá-lo, sorriu.

Quando desapareceu dentro da abadia, ao ver o rosto da Angela, William disse:

— Sabe que estará bem. Mai aqui encontrou sua felicidade.

O homem tinha razão e, tentando sorrir, ela assentiu até que se encontrou com o olhar do Kieran e disse:

— Devemos retornar ao Caerlaverock.

William, que como o resto foi testemunha do estranho comportamento da moça e o chefe dos O'Hara, perguntou:

— O que te ocorre?

Encolhendo-se de ombros ao ver que os Shepard a olhavam esperando uma resposta, respondeu:

— Nada. Só que quero retornar ao castelo e perder de vista a estes bárbaros.

Seus três amigos sorriram e Aston cochichou divertido:

— Pai, George e eu acreditamos que Kieran O'Hara seria um bom marido para a Angela, embora ela o considere um bárbaro. Você o que opina?

— Aston! — protestou ela, lhe dando um murro.

William sorriu e, desesperando-a, afirmou:

— Isso mesmo, pensamos Kubrat e eu. — E antes que ela pudesse dizer algo, acrescentou — Sim, moça, seu pai e eu o falamos. Esse O'Hara e você fariam muito bom casal. Ele é um homem forte e valoroso e você também é, não esqueça!

Angela ia responder, mas ao ver a cara de brincadeira dos três, deu uma patada ao chão e, sem dizer nada, encaminhou-se ao carro.

A partir desse momento, só desceu do carro para comer e estirar as pernas. Kieran o agradeceu. Quanto menos a visse, melhor. Ainda não entendia por que aquela descarada ruiva se converteu para ele em uma tentação tão grande.

Mas essa noite, depois de horas sem vê-la, mesmo tendo-a tão perto, seu humor mudou. Desejava contemplar seu rosto, seus gestos, escutar sua voz, desfrutar de seu sorriso, e passou mil vezes perto do carro, mas Angela não saiu.

Entrada a noite, e sem poder conciliar o sonho, O'Hara se levantou inquieto e passou de novo junto ao carro onde ela dormia. Pareceu-lhe ouvir um gemido. Reduzindo o passo, olhou ao

redor, mas não viu ninguém. Tudo estava calmo. Continuou lentamente seu caminho até que outra vez voltou a ouvir o gemido e esta vez soube de onde vinha. Saltou por cima dos Shepard, que dormiam aos pés do carro, abriu o tecido e viu Angela mover-se angustiada e suando; soube que estava tendo um pesadelo.

— Não a toque — disse de repente a voz do Aston.

Mas Kieran já lhe tinha posto uma mão no ombro e a sacudia para despertá-la. A jovem deu um salto e se encolheu assustada como um animal ferido, enquanto tremia.

Aston, apartando ao Kieran com um tapa, subiu ao carro e, aproximando-se de sua amiga, abraçou-a com carinho e lhe sussurrou ao ouvido até que voltou a tomba-la de costas e ela relaxou.

Kieran, sem entender nada, olhou ao George em busca de uma explicação, mas este se limitou a dizer:

— Senhor, é melhor que vá descansar.

Sem responder, afastou-se totalmente desconcertado. Recordar seus olhos assustados o martirizava. O que ocorria a aquela jovem?

Pouco depois, estava sentado junto ao fogo sumido em seus pensamentos, quando William, o pai do Aston e George, se aproximou e, agachando-se, contou-lhe:

— Angela tem pesadelos às vezes.

Era a segunda vez que ouvia aquilo e, interessado, perguntou:

— Por quê? O que lhe ocorre?

Servindo uma caneca do caldo que havia ao fogo, o homem respondeu:

— Essa pobre moça, quando menina viu seus entes queridos destroçados, ensanguentados, despedaçados, e desde então, pouco pode dormir.

Kieran assentiu horrorizado. Em combate, ele viu coisas como essa e, apesar de ser um homem curtido pelas batalhas, nunca as esquecia. Pensar que Angela viu um pouco disso, em sua infância e com seus entes queridos, lhe destroçou o coração. Quando ia dizer algo, William prosseguiu:

— Há noites em que os pesadelos não a abandonam. Outras não dorme por medo de sonhar e outras está esgotada e dorme tão profundamente que nos angustia até que acorde. Sem dúvida, o que viu em seu momento lhe criou tal confusão e medo que é incapaz de descansar.

Nesse momento, Kieran viu que ela saía do carro, abanando-se com a mão. Tinha o cabelo revolto e a via cansada. Imediatamente, Aston e George lhe passaram um braço pelos ombros com atitude protetora e se afastaram com ela.

William, ao vê-los, levantou-se também e, antes de ir atrás deles, disse:

— Meus filhos e eu protegemos sempre a essa jovem enquanto ela sempre protegeu a sua família. Pode-se dizer que Angela é a debilidade de seu pai e a nossa. E, embora não a conheça, só lhe direi, lorde O'Hara, que é incrível como mulher e como pessoa e que merece ser feliz. Espero, que algum dia, alguém saiba valorar a valentia, e o coração de minha preciosa Angela.

À manhã seguinte, quando Angela despertou depois da acidentada noite, ninguém tinha se movido do acampamento. Ao descer do carro e olhar o dia nublado, perguntou ao George:

— Por que não nos pusemos em caminho?

O jovem, que estava sentado no chão, entregou-lhe uma caneca com água fresca e disse:

— Porque O'Hara não deixou que ninguém se movesse nem fizesse ruído até que você despertasse.

Ao ouvi-lo, ela se surpreendeu. Por que teria feito isso?

Depois de ir acompanhada por seus dois amigos a um lago próximo para assear-se, Kieran se aproximou dela a sua volta e, com uma amabilidade que a deixou sem fala, perguntou:

— Como se encontram hoje?

Sem entender a que se devia sua atitude e, em especial aquela aproximação, piscou e respondeu prosseguindo seu caminho com o Aston e George:

— Bem.

Quando se afastaram o suficiente, olhou a seus dois amigos e viu que sorriam e, antes que pudesse perguntar, Aston disse:

— Ontem à noite te viu durante um de seus pesadelos.

Horrorizada e envergonhada por que a tivesse visto em um momento tão íntimo e espantoso, olhou para trás e se encontrou com o olhar do Kieran, que a seguia. Isso a inquietou.

Poucos minutos depois, reataram o caminho e começou a chover com força. No interior do carro, Angela estava resguardada, mas se aborrecia. Não sabia o que fazer! Não podia montar sua égua ou outros a veriam e, esgotada, tombou-se, fez-se um novelo sobre o tartán e, antes do que imaginava, com estalo continuado do carro, dormiu.

Essa noite, quando acamparam, por causa da chuva, decidiram montar várias barracas para proteger-se. No carro se colocou uma barraca que se atou a uma árvore. Quando Angela saiu e viu quão enlameado estava o chão, amaldiçoou em voz baixa. Isso os atrasaria, especialmente pelo carro.

Com gesto aborrecido, sentou-se junto ao George, enquanto Aston ajudava a seu pai a esticar a barraca. Olhou a seu redor com curiosidade e encontrou o que procurava: ao Kieran, que,

sob outra barraca, falava com o Zac e com o Louis.

— Já deixaste que te esconder de O'Hara? — perguntou George, provocando-a.

— Não me escondo — replicou ela molesta.

— Não, parecia muito assustada dele a outra noite — continuou o menino.

Angela o olhou, horrorizada e exclamou:

— Maldito seja, George Shepard, a que te refere?

Soltando uma gargalhada, ele sussurrou:

— Vi-o caminhar em sua direção, segui-o e vi como te sentava em suas pernas e falavam.

— Só viu isso?

Ficando sério, George perguntou:

— O que se supõe que não vi, Angela?

Acalorada mas mais tranquila ao saber que não a tinha visto em seu momento luxurioso, respondeu:

— Nada... Nada.

George levantou as sobrancelhas surpreso, justo quando seu irmão se sentava ao outro lado de Angela, e esta tirava uma pequena adaga da bota.

Sua resposta e desconcerto lhe fez saber que ocorreu algo entre sua amiga e o highlander, mas sua prudência o fez calar, embora ao olhar O'Hara o viu com os olhos fixos neles.

Kieran, que estava falando com o Louis e Zac, ao ver que Angela saía do carro, já não se concentrou em outra coisa. A jovem tomou muito a sério, não cruzar-se em seu caminho, algo que lhe agradecia, mas ao mesmo tempo lhe incomodava. Observou como ria com familiaridade com um dos moços e quando o outro se sentou junto a eles, pôde comprovar a boa camaradagem que havia entre os três.

— Segue olhando a essa dama com muito interesse — comentou Louis.

Apartando a vista, ele tossiu e respondeu:

— É a filha do Ferguson e a deixou a meu cargo. Tenho que cuidá-la, não crê?

Louis e Zac soltaram uma gargalhada e este último cochichou:

— Pois a miras com olhos de...

— Zac! O que se supõe que está insinuando? — E ao ver o gesto divertido deste, acrescentou, suavizando a voz: — Não vejo a hora de pular com uma mulher de grandes peitos e me desafogar com ela, esta jovem não é o que eu desejo.

Os três highlanders estavam rindo, quando Kieran viu algo que lhe chamou a atenção: com gesto distraído, Angela tirou da bota uma pequena adaga e, depois de segurar um pedaço de

madeira, começou a esculpir sem medo de cortar-se.

— Há um povoado não muito longe daqui — informou Louis — Seguro que há um bordel cheio de lindas mulheres de peitos grandes e coxas carnudas.

Zac, encantado de ouvir isso, disse:

— Os homens se podem ficar aqui com ela para protegê-la e nós poderíamos visitar essas mulheres, o que diz, Kieran?

Mas ele seguia olhando a jovem e se voltou a se surpreender quando viu que cravava a adaga com força perto do pé do Aston e os três riam sem medo.

— Kieran, nos está escutando? — perguntou Louis.

Ele assentiu e, olhando-os por fim, respondeu:

— Está chovendo e o caminho está muito enlameado. Logo chegaremos ao Caerlaverock. Até então, prefiro não perdê-la de vista.

Capítulo 18

Essa noite, quando todo o acampamento dormia, Kieran estava alerta se por acaso Angela voltava a ter algum de seus pesadelos, mas, por sorte, essa noite dormiu.

Ao amanhecer continuava chovendo quando retomaram o caminho e, de repente, um aroma estranho alagou o ambiente. Do interior do carro, Angela o notou e pondo a cabeça entre o tecido, perguntou ao Aston, que cavalgava a seu lado:

— Não cheira estranho?

O jovem assentiu com gesto sério.

— Será algum animal morto.

Ela assentiu e, sem querer molhar-se mais, voltou a meter-se dentro. As horas passaram e a chuva não cessava, mas o aroma era cada vez mais forte. Quando pararam, desceu do carro e, aproximando-se do William e Kieran, que estavam falando, inquiriu:

— Não cheiram a queimado?

Eles assentiram, todos se precaveram daquele forte aroma. De repente apareceu a galope um dos homens do Kieran e, desmontando apressado, disse:

— Meu senhor, o bosque, se queimou.

A Angela lhe arrepiou a nuca no ato ao escutá-lo. O bosque? Seu bosque?

A respiração lhe começou a acelerar, enquanto centenas de imagens grotescas passavam por sua mente, quando William, que a conhecia melhor que ninguém, agarrou-a do cotovelo e murmurou:

— Calma Angela. — Logo, olhando ao Kieran, acrescentou: — Devemos partir quanto antes para ver o ocorrido.

O highlander assentiu. Sem dúvida alguma deviam fazê-lo.

— Milady — falou a seguir — devemos abandonar aqui o carro. Se continuarmos com ele nos atrasará e...

— De acordo... De acordo — respondeu ela, apartando uma mecha dos olhos.

Sua rápida afirmação surpreendeu ao Kieran. Acaso já não temia aos cavalos? Mas sem querer pensar nisso, reuniu a seus homens e Angela viu que quatro deles montavam e se afastavam a galope.

William deu um assobio para chamar o Aston e George. Se separado do resto, Kieran observou como o homem falava com seus filhos e com a Angela. A via nervosa, muito nervosa, e o surpreendeu não vê-la chorar.

Aston tirou as coisas da Angela do carro e, quando desenganchou à égua, William a olhou e lhe aconselhou:

— Não, moça. Não deve fazê-lo.

Angela se desesperou. Queria montar em sua égua, afundar os talões e chegar quanto antes ao castelo, mas após olhar aos highlanders, George sussurrou:

— Irá com um de nós.

Ela se negou e os quatro começaram a discutir. Ao vê-lo, Kieran se aproximou, mas só ouviu queixar-se a jovem por montar em um dos cavalos. Sem vontades de seguir perdendo o tempo, dispôs para fazê-la calar:

— Ela irá comigo.

Para ouvi-lo, Angela se voltou para protestar, mas William lhe adiantou dizendo:

— Acredito que será o melhor.

— Não. Irei com o Aston ou com o George.

— É minha responsabilidade — respondeu Kieran, levantando uma sobrancelha — Seu pai lhe deixou a meu cargo e irá comigo.

De mau humor, Angela olhou ao chuvoso céu, mas consciente de que não era momento de dramas, assentiu e, agarrando a mão que O'Hara lhe tendia desde seu imponente cavalo, deixou-se içar e, com uma agilidade que o alucinou, sentou-se escarranchada e disse:

— Muito bem, O'Hara... Vamos a busca de minha gente.

Este, boquiaberto, perguntou:

— Onde deixastes o medo aos cavalos?

Sem vontades de brincar e sem olhá-lo, respondeu:

— Estando minha família em perigo, não há medo que valha.

A seriedade de sua resposta lhe fez saber quanto temia que lhes houvesse passado algo e, levantando a mão, todos partiram apressados para o castelo do Caerlaverock.

Kieran agarrou a Angela com firmeza todo o tempo que cavalgaram e, ao chegar ao final do bosque, pararam. Ao ver a paisagem negra e desolada ela sussurrou, levando as mãos à boca:

— Oh, meu Deus...!

E começou a tremer. Kieran a apertou contra ele para lhe dar calor e lhe disse ao ouvido:

— Calma, Angela... calma.

Aston e George seguiram adiante junto a outros homens do Kieran e ela pediu:

— Continuemos, por favor... Não podemos parar aqui.

William ficou ao lado do cavalo do Kieran, e os dois homens se olharam sem dizer nada. Aquilo não pintava nada bem.

A chuva era incessante, o que tinha ajudado a apagar o fogo. Angela tossiu por causa da fumaça e, rapidamente, Kieran tirou um lenço que lhe atou sobre o nariz.

O resto dos homens, incluídos William e Kieran, tamparam-se também o nariz e a boca com lenços, e a comitiva continuou. A paisagem era desoladora: onde até fazia poucos dias havia um bosque infestado de vegetação, árvores milenárias, pássaros, veados, esquilos e insetos, agora havia uma massa escura e queimada. Todo rastro de vida desapareceu. Mas Angela queria cavalgar depressa e chegar ao castelo, e assim o pediu, de fato, exigiu-o, mas nem William nem Kieran fizeram conta.

Apesar de seus contínuos bufos de indignação, decidiram parar em uma clareira do bosque queimada. Negavam-se a continuar até ter notícias dos que se adiantaram.

Desesperada, afastou-se deles enquanto pensava o que podia fazer para chegar ao castelo. Estava indignada e morta de medo.

Olhou sua égua, que estava atada ao cavalo do William e quando este se deu conta de suas intenções, com um brusco movimento de cabeça lhe disse que não.

Estava a ponto de espernear, gritar, blasfemar, quando o som do galope de uns cavalos ao se aproximar a alertou. Pouco depois, entre a fumaça apareceram os homens do Kieran junto ao Aston.

Passando junto a ela, foram falar com seu chefe e com o William, mas Angela soube o que ocorria, apenas vendo o olhar do Aston. Leu a amargura e a raiva em seu olhar e, com os olhos alagados de lágrimas, murmurou, aproximando-se dele:

— Me diga que estão bem.

O jovem a olhou e, alargando uma mão, atraiu-a para ele e a abraçou, enquanto sua própria respiração acelerada o dizia tudo. Mas Angela, lhe dando um empurrão, gritou:

— Disse que me diga que estão bem!

Seu grito fez que todos a olhassem. Seu pesadelo mais terrível se fazia realidade. Kieran e William caminharam para ela quando a tensão extrapolou e ela se derrubou. Aston, assustado, agarrou-a, mas segundos depois alguém a arrancou dos braços. Era Kieran O'Hara, que, olhando aos homens, ordenou:

— Levantem uma barraca. Uma vez, lady Angela esteja resguardada da água, que quatro homens partam à abadia do Sweetheart para informar a lady Mai Ferguson do ocorrido.

— Eu irei com eles — se ofereceu Zac.

Kieran assentiu e indicou:

— Escolta-a até aqui. Outros quatro homens que se dirijam ao Merrick para avisar a Davinia e ao Cedric. Lady Angela ficará aqui com dois homens, enquanto o resto, vamos ao castelo do Caerlaverock.

Capítulo 19

Quando Angela despertou, estava no interior de uma barraca. O aroma de queimado era cansativo e rapidamente recordou o acontecido. Os olhos lhe encheram de lágrimas. Devia sair dali e ir a busca de sua família. Com cuidado, aproximou-se da abertura da barraca. Viu postados dois homens, mas a ninguém mais.

Tirou-se a adaga que levava na bota e a cravou em uma das paredes de tecido. Devagar e sem fazer ruído, fez uma abertura por onde saiu sigilosamente. Instantes depois, viu sua égua atada a um tronco, foi até ela e agarrou a bolsa onde guardava suas coisas. Entrou de novo na barraca, tirou a saia e rapidamente pôs as calças de couro e as botas altas. Quando terminou, ajustou a espada à cintura e a aljava às costas, e cobriu-se com a capa e o capuz para voltar a sair.

Fez pelo mesmo lugar e, sem fazer ruído, chegou até sua égua. Desatou-a do tronco e,

caminhando, desapareceu na escuridão da noite.

Quando estava bastante longe do acampamento, montou e, lhe dando uns golpes com os joelhos, murmurou:

— Retornemos a casa, Briosgaid.

Cavalgou sem descanso durante o que lhe pareceu uma eternidade, pelo bosque queimado e, quando saiu dele, o coração parou. Ante ela estava seu lar, o lugar onde se criou, mas soube que nada era como antes.

Havia um estranho silêncio e, cravando de novo os joelhos na égua, lançou-se ao galope em busca de sua família. Quando chegou ao princípio da ponte, os homens do Kieran lhe ordenaram parar. Como uma flecha e sem lhes fazer caso, Angela passou ante eles e atravessou a ponte de madeira.

Ao entrar no pátio do castelo, viu o Kieran e William. Sem lhe importar, atiçou sua égua até chegar a escadaria da porta de entrada e, com agilidade, desmontou e correu ao interior.

— Fada — murmurou Kieran surpreso.

— Meu Deus, moça — sussurrou William ao vê-la.

Ambos puseram-se a andar apressados para o interior do castelo, onde ela desapareceu, e então Kieran viu que a jovem tirava o capuz da capa, deixando ao descoberto uma cabeleira vermelha e brilhante. Bloqueado, parou-se e, quando ela se deu a volta, agarrou o cotovelo do homem que estava junto a ele.

— Sim, O'Hara, o que vê é certo — disse William.

Confuso como nunca em sua vida, Kieran murmurou:

— Angela é...?

— Sim — afirmou William — Angela e Fada são a mesma pessoa.

Totalmente pasmo, incrédulo e desconcertado, ficou parado na porta de entrada, enquanto ela chamava:

— Papai... Papai, onde está?

Ninguém respondeu e Angela olhou a seu redor. O pouco que tinham estava pelo chão, quebrado e voltou a gritar:

— Patt, Evangelina, Viesla, Effie, Leslie... Respondam!

— Angela — a chamou William.

— Papai... Papai... Responde, por favor.

Nesse momento deu a volta e viu os dois homens. William se aproximou dela e a abraçou, enquanto Kieran a olhava totalmente deslocado. Ainda não podia acreditar que ela era a Fada.

— Papai! — chiou ela, soltando do abraço do William.

— Angela... — chamou-a entre dentes este.

— Onde está? Diga-me onde está.

— Me escute, moça... Olhe-me...

Kieran a observava aturdido, enquanto ela resmungava com agonia:

— Papai... Papai, por favor, outra vez não... Outra vez não!

Aproximando-se dela, William lhe pediu de novo:

— Angela, me olhe.

— Não. Não quero te olhar. Não quero falar. Tenho que encontrar papai. Papai!

Nesse instante, Aston e George, com os olhos vermelhos, apareceram levando dois pequenos corpos inertes em seus braços. Angela, ao vê-los, tampou-se a boca e, com um fio de voz, gritou:

— Não... Não, por favor... Nãoooooo...

Horrorizada, correu para as pequenas sobrinhas da Evangelina, Effie e Leslie. Chorou e gritou ao céu com desespero.

Kieran, acostumado a essa dor pelas batalhas nas que participou, esquecendo-se de tudo, aproximou-se dela e, apartando-a das meninas, disse-lhe com firmeza, lhe sujeitando o rosto delicadamente:

— Me olhe... Angela, me olhe!

Ao ouvir sua ordem, ela o olhou e, ao obter sua atenção, Kieran lhe assegurou:

— Encontrarei a quem tem feito isto e o pagará, juro-lhe isso!

As pernas lhe dobraram e, sujeitando-a com força, ele a abraçou e murmurou, consciente da dor que sentia naquele instante:

— Sinto muito, Angela... Sinto muito.

Ela chorou com verdadeira agonia, enquanto Aston e George, com a dor exposta no rosto, saíam do salão levando às pequenas sem vida.

Com o coração a ponto de sair do peito, Angela ia dizer algo, quando Kieran, sem soltá-la, lhe adiantou:

— Me acompanhe e te mostrarei onde estão todos.

Como se tratasse de um de seus horrorosos pesadelos, ela o seguiu segurando a sua mão. Kieran saiu do salão do castelo e se dirigiu até o que eram os estábulos. A seu passo, os homens olhavam a jovem e baixavam a cabeça em sinal de respeito.

Ao entrar nas cavalariças, Angela acreditou morrer. Ali estavam os corpos sem vida de

todas as pessoas que adorava, que necessitava para viver. Todos. Ninguém sobreviveu ao terrível ataque. Os habitantes do Caerlaverock morreram.

Ele, ao ver que lhe alterava a respiração, expôs sem soltá-la:

— Reunimo-los aqui para lhes sepultura. Meus homens estão cavando nos subúrbios do castelo e...

— Papai! — chiou ao vê-lo.

E soltando-se dele, correu a abraçar o homem que adorava. Arrojando-se literalmente sobre ele, beijou-o e lhe pediu com maior carinho e o amor mais esmigalhado que despertasse. Rogou-lhe que abrisse os olhos, que a beijasse, que sorrisse, mas seu pai não o fez.

Angela sujou as mãos, o rosto, toda ela de sangue, mas não se importou. Só queria estar com ele e não separar-se nunca. Seus gritos agônicos, rasgavam a todos. Sua angústia era terrível.

Kieran a observava junto ao resto dos homens. A imagem da jovem era de pura derrota e desolação, e todos sofreram com ela. O que ocorreu não era justo.

De repente, a angústia que lhe provocava vê-la naquela situação o inquietou e, aproximando-se dela, tentou consolá-la. Tentou aparta-la de seu pai, mas ela não o permitiu. Resistiu com unhas e dentes e teve que deixá-la.

De madrugada, vendo que Angela seguia ali, chorando, Kieran não pôde mais e, aproximando-se de novo, disse:

— Vamos, me acompanhe.

— Não! — gritou ela.

— Angela... Sinto muito, mas...

— Matarei a quem o tem feito, matá-los-ei! — chiou desesperada.

Kieran, ainda não acostumado a esse tipo de ferocidade nela, assentiu. Entendia perfeitamente o que podia sentir nesse momento.

Ao final, decidiu utilizar a força para afastá-la dali. E, apesar de suas patadas e chiados, a levou sem lhe importar as coisas que lhe dizia.

Uma vez no salão do devastado castelo, Kieran a sacudiu para fazê-la voltar a si, até que ela se foi aplacando e, quando o fez, ele se agachou para olhá-la aos inchados olhos e murmurou:

— Tem que te tranquilizar.

— Outra vez não... É meu pai, Kieran... É papai! — gemeu quase sem voz.

— Sei, Angela... Sei, *minha vida* — conveio com ternura. Provocava-lhe esse sentimento até então desconhecido, e prosseguiu: — enviei ao Zac com alguns de meus homens à abadia para avisar a sua irmã Mai e outros foram dar a notícia também a Davinia. Pensei esperar a que cheguem

para sepultura a seu pai, parece-te bem?

Totalmente sobressaltada, ela assentiu e, com gesto triste, perguntou:

— Por que? Por que teve que ocorrer isto? Por que todas as pessoas que me querem têm que morrer e me deixar?

Sem saber o que lhe dizer, Kieran a olhou e, com carinho, retirou-lhe o cabelo do rosto.

— Não sei Angela. Não tenho resposta para isso.

A jovem o abraçou. Afundou-se em seus braços e se deixou consolar por ele, enquanto Kieran reprimia a fúria e a raiva que sentia pelo que ali ocorreu.

William, ao vê-la mais tranquila, se aproximou e, separando-a de Kieran, levou-a para a escada, sujeitando-a com força, subiu com ela até sua habitação e a obrigou a tombar-se na cama.

Desconsolada, Angela resistiu, não queria dormir, queria justiça, até que William lhe disse:

— Seu pai não gostaria de ver-te assim. — E quando viu que o olhava, acrescentou: — Deve ser forte por ele, Angela. Deve viver por ele. Kubrat o quereria assim.

— Oh, Deus, William... Papai morreu, morreu! O que eu vou fazer agora sem ele?

O bom amigo de seu pai a olhou. Ele também sentia muitíssimo aquela perda, mas respondeu:

— Deve viver Angela. É forte, valente, como te pediu sua mãe. — E ao ver que o olhava, adicionou: — Ele, igual a sua mãe, sempre soube a guerreira que há em ti. Sabia que você era a Fada que todo mundo falava. Eu mesmo o disse faz anos.

Boquiaberta, foi dizer algo, mas William prosseguiu:

— Kubrat Ferguson foi meu senhor e meu bom amigo. Ele me encomendou te proteger e isso tentei fazer e, ao ter depositada toda sua confiança em mim, eu não podia lhe mentir...

— Papai sabia que nós somos os encapuzados?

William assentiu e, com um triste sorriso, disse:

— Sempre esteve orgulhoso de ti.

Angela tampou o rosto soluçou. Agora entendia certas palavras que em ocasiões lhe dizia. Seu pai sabia, conhecia seu segredo, mas mesmo assim calou e a deixou acreditar que o enganava. Agora entendia por que sempre lhe dizia que era tão valente como sua mãe, apesar da aparência de estupidez que tentava dar ante os olhos de todos.

William lhe acariciou o cabelo com carinho e continuou:

— Gostava que eu lhe falasse de seu arrojo e valentia ao nos encontrar com alguns vilões e faz tempo me fez lhe prometer que o dia que ele se reunisse com sua amada Julia, eu devia fazer que partisse daqui. Não queria que ficasse vivendo neste castelo tão cheio de tristes lembranças.

— Não posso partir de meu lar — murmurou desconsolada — É o único lugar que conheço...

— Deve fazê-lo, moça, e não vou retroceder em meu empenho até que o consiga. Seu lugar não é aqui.

— E aonde é? — perguntou desesperada.

O homem se encolheu de ombros e, olhando à moça que adorava, sussurrou:

— Não sei, mas o encontraremos. Prometo-lhe isso.

Encolhida na cama, Angela se fez um novelo e o esgotamento a fez cair em um profundo sono.

Capítulo 20

Na planta de baixo do castelo, Louis, ao ver seu lorde de pé no centro daquele desolado salão, com aquele gesto de desconcerto, aproximou-se dele.

— Nunca imaginei que essa delicada dama pudesse ser a encapuzada.

Incrédulo ainda pelo descobrimento, Kieran respondeu:

— Nem eu, Louis... Nem eu.

— O que fazemos Kieran? — perguntou, ao vê-lo olhar confuso a seu redor.

— De momento, dizer a nossos homens que recomponham na medida do possível este lugar. Logo, esperar que retornem os que foram levar a notícia. Depois já veremos.

Louis assentiu. Sem dúvida, o que acabava de ocorrer, apesar de serem guerreiros, muito experimentados, resultava-lhes inexplicável.

— Como você diga Kieran — disse, lhe apertando o ombro.

Um bom momento depois, quando William estava ante o enorme salão, sumido em seus pensamentos, Kieran se aproximou e, sentando-se a seu lado, perguntou:

— Os acompanhantes encapuzados de Angela foram você e seus filhos?

O homem assentiu.

— Sim. Animados por essa jovenzinha, tentamos afastar aos malfeitores do Caerlaverock, mas como vê, foi inútil. — E olhando-o aos olhos, acrescentou: — Dos homens que assaltaram a ti e a seus homens já encarregamo-nos.

— O que fizeram com eles?

— Se algo aprendi, nos anos em que combati, é que quem vem te matar tem duas opções: matar ou morrer. A meus filhos e a Angela ensinei o que aprendi, e te asseguro que o que se aproxima com más intenções, não vive para contá-lo.

A cada instante mais surpreso, que aquela ruiva fora tão letal como o homem lhe descrevia, inquiriu:

— Seu pai conhecia seu segredo?

— Sim. Faz anos que Ferguson sabia. Eu o disse. Não podia lhe ocultar o que sua filha estava fazendo e só recordo que esboçou um sorriso e disse: "É como sua mãe!". Logo me pediu que cuidasse dela como ele não sabia fazê-lo e isso é o que tento.

— Mas como uma moça como Angela se meteu em algo assim?

Shepard sorriu e disse:

— A pergunta seria como meus dois filhos e eu nos deixamos enganar por ela. Angela aprendeu a dirigir a espada sozinha. Primeiro observava a meus filhos e a mim e logo convenceu Astro e George para que praticassem com ela. Passado o tempo também me convenceu e, bom, o resto, já pode imaginar. Asseguro-te que é uma perita guerreira, com um instinto nato para a luta e incrivelmente habilidosa para muitas coisas mais. Ah, e quanto a seus prantos e sua estupidez, o fazia para ocultar sua verdadeira forma de ser. Nunca quis que ninguém soubesse que ela era Fada. Temia que a proibissem. — E, olhando ao Kieran, acrescentou: — O'Hara, recentemente te disse que essa jovem era incrível, e agora você mesmo o pudeste comprovar. Já não há nada que ocultar.

Ele assentiu. Sem dúvida tinha razão, mas perguntou:

— A noite que nos ajudaram no bosque, ouvi a voz de outra mulher, quem era?

— Sandra, a amiga da Angela. — E soltando uma gargalhada murmurou: — Essas duas jovenzinhas são umas Guerreiras incríveis.

Kieran assentiu. Esteve totalmente cego pelo que elas lhe fizeram acreditar, e o enganaram muito bem.

Angela, em sua habitação, dormia inquieta. Perturbadores sonhos a assediavam, mas se tranquilizou quando viu seu pai. Este lhe dizia que queria vê-la sorrir, que ele era feliz porque estava com sua adorada Julia e que agora ela devia continuar sua vida e partir do Caerlaverock.

Sobressaltada despertou e chorou com desespero ao pensar no acontecido, embora algo em seu interior lhe dizia que, por fim, seu pai era feliz. Sorriu. Isso era o que lhe pedia no sonho, mas seu sorriso se converteu em fúria e frustração.

Rapidamente, levantou-se da cama, atou-se a espada e abriu a tampa oculta que havia na

estadia para ir procurar sua própria vingança.

Caminhou pelo passadiço com decisão, mas antes de chegar ao final do mesmo, ouviu vozes. Aston e George estavam ali. Anteciparam-na. Tão bem a conheciam!

Frustrada, deu-se a volta e retornou a sua habitação. Uma vez ali, saiu de sua estadia e, com cautela, baixou até o primeiro andar, onde viu William e Kieran no salão, conversando. Com sigilo, chegou às cozinhas e, decidida, foi até onde sabia que Evangelina guardava suas ervas.

Sem tempo que perder, agarrou umas poucas e um punhado de açúcar, saiu pela janela da cozinha e foi até onde estavam todos os cavalos. Com cuidado, deu-lhes um pouco da mescla a cada um, mas não a sua égua, e esperou a que lhes fizesse efeito. Essas ervas os atordoariam durante um bom momento e assim seus donos não poderiam segui-la. Quando viu que as patas dos animais se dobravam, montou e, esporeando a sua égua com os joelhos, a fez cruzar o pátio do castelo.

Os guerreiros gritaram ao vê-la partir e, apressados, Kieran e William saíram à porta ao ouvi-los. Sem olhá-los, a jovem cruzou a ponte de madeira.

— Moça, para! — gritou William, correndo para os cavalos.

— Maldita seja! — grunhiu Kieran.

Mas quando chegaram a suas montarias, encontraram-nas tombadas ou sentadas sobre seus quartos traseiros. Tentaram as levantar, mas os animais não podiam e Kieran perguntou angustiado:

— O que lhes ocorre?

Negando com a cabeça, William respondeu:

— Foi Angela.

—O que fez? — perguntou Kieran incrédulo.

William teve vontade de rir, apesar da desgraça que os rodeava e, tocando o focinho de seu cavalo, notou o açúcar e cheirou as ervas.

— Tentou que não a sigamos — explicou — Mas, dentro de um momento os cavalos estarão bem. Tragam água para que bebam — pediu aos homens.

Louis olhou a seu chefe sem dar crédito e vaiou:

— Maldita mulher.

Kieran blasfemou. Não suportava que o tomassem por tolo e, sem lugar a dúvidas, aquela mulher havia tornado a jogar.

Capítulo 21

Angela cavalgou sem descanso e, quando saiu o sol já estava bastante longe do castelo. Tinha que encontrar os malfeitores que lhe causava aquela dor. E quando os encontrasse, matá-los-ia com suas próprias mãos.

Quando parou em um riacho para que Briosgaid bebesse, desmontou para estirar as pernas. Não sabia aonde ia, mas sim sabia o que faria quando tivesse diante dos que procurava.

De repente, ouviu o som do aço ao chocar e vozes. Alarmada, correu para a direção de onde provinha e viu dois homens, um pouco desajeitados, atacando a uma jovem. Sem duvidá-lo, tirou a espada do cinto e os enfrentou. Com a raiva que levava em seu interior, atacou-os com ferocidade, dureza e extrema brutalidade. Uma vez que os derrubou, junto com a jovem os atou os pés e mãos com umas cordas.

Uma vez acabara Angela olhou ao desconhecido para falar com ele, mas ao ver em seu rosto uma delicadeza que não esperava, surpreendida perguntou:

— É uma mulher?

A outra assentiu e, tocando-a curta juba, disse:

— Sim, e muito obrigada por sua ajuda. Só seria mais difícil reduzir a estes idiotas.

Ainda incrédula por seu descobrimento, Angela a interrogou:

— Sabe quem são?

A moça, morena e de cabelo escuro, vestida com calças, como ela, encolheu-se de ombros.

— Não sei. É a primeira vez que os vejo por aqui.

Angela os olhou. Tinha que averiguar se eles estiveram no Caerlaverock e, dando um chute com o pé, perguntou:

— De onde vêm?

— Alfred — disse o outro — disse-te que a do cabelo curto era uma mulher. Vi-a lavar-se no arroio e...

— Perguntei-te de onde vêm — insistiu Angela.

O tal Alfred a olhou e adicionou:

— Agora são duas mulheres, John. Passaremos bem.

A jovem morena lhe deu com um pau na cabeça, surpreendendo a Angela, e quando o homem perdeu a consciência, olhando ao outro, disse:

— Responde o que te perguntou.

Angela o interrogou durante um bom momento e logo viu que não tinham nada a ver com o ocorrido em seu lar. Rebuscou entre suas coisas e não encontrou nada que os culpasse. Sem

dúvida, de Caerlaverock não vinham.

A moça, que a observou todo o momento, encontrou um cavalo e perguntou:

— É tua esta preciosidade?

— É minha égua Briosgaid — respondeu Angela, aproximando-se e acariciando-a.

A outra jovem sorriu e, acariciando o focinho ao animal, murmurou:

— Olá, bonita. É uma preciosidade.

A égua moveu a cabeça como assentindo, e elas duas riram.

— Cavalga sozinha? — perguntou-lhe a desconhecida.

— Sim.

Angela olhou a seu redor em busca de mais gente e quando não viu ninguém, perguntou a ela:

— E você está aqui sozinha?

A jovem morena assentiu e, atando os arreios da égua a um ramo, respondeu:

— Melhor só que mal acompanhada. Vem a minha casa, posso-te dar algo de beber.

Angela a seguiu e se surpreendeu ao ver que chegavam a uma pequena e desmantelada palhoça, construída com pedras entre umas árvores. Entrou com a garota no que esta considerava sua casa, e viu uma pequena cama de armar no chão, um fogão, vários troncos de madeira e, sobre um deles, umas flores frescas.

— Vive aqui?

A outra assentiu e, encolhendo-se de ombros, disse:

— Não é grande coisa, mas é meu lar.

Havia um pequeno e descascado caldeirão ao fogo de que saía um aroma muito bom.

— Comeste? — perguntou a moça. Angela negou com a cabeça e, com um sorriso, a outra disse: — me permita então que te convide a comer, em agradecimento pela ajuda que me deste. Não é muito, sopa com um pouco de coelho, mas está muito rica, asseguro-lhe isso.

Ela assentiu. A jovem tirou então uma espécie de prato de louça que sem dúvida conheceu tempos melhores e, pondo a sua frente, o encheu de sopa.

— Come — indicou — Verá que está boa.

— E você não come?

Ela, com um encantador sorriso, respondeu:

— Minha baixela se compõe de um só prato. Quando você terminar, comerei eu. Vamos, prova minha sopa. Por certo, não me apresentei. Meu nome é Iolanda. Iolanda Graham.

— Angela Ferguson — se apresentou ela a sua vez.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Ao ouvir seu nome, a jovem perdeu seu sorriso e começou a tremer.

— O que te ocorre? — perguntou-lhe Angela ao vê-lo.

Com voz trêmula, Iolanda juntou as mãos e suplicou:

— Por favor, Angela, sei que estou na terra dos Ferguson, mas não me delate, ou o lorde destas terras me obrigará a ir daqui e não saberia aonde ir.

— Não... Acalme-se. Claro que não direi nada — respondeu ela, consternada por sua reação.

Ainda preocupada e retorcendo as mãos, a jovem acrescentou:

— Sei que com o que te estou pedindo estou te metendo em uma confusão com seu senhor, mas me acredite, Angela, se me pegarem os Ferguson, nunca te delatarei. Não direi que sabe, nem sequer que te conheço. Prometo-lhe isso.

Isso fez sorrir a Angela com tristeza. O senhor daquelas terras morreu, mas sem querer pensar nisso para não tornar a chorar, inquiriu curiosa:

— O que aconteceu a seu cabelo?

Iolanda se tocou a cabeça e, suspirando, disse:

— Tive que cortar. Uma mulher não pode andar sozinha pelos caminhos e assim me ajuda a parecer um homem.

Angela assentiu. Sem dúvida era uma boa decisão e, olhando o prato, perguntou:

— Isto é o que utiliza como colher?

— Sim — afirmou com um sorriso a garota, olhando o pau esculpido como uma colher — O sinto, mas como vê, minhas limitações são muitas. Mas te asseguro que a comida está muito boa. Come.

Angela, levantando-se, agarrou outro pau esculpido e, pondo-o sobre o tronco que fazia as vezes de mesa, afirmou:

— Só comerei se você o faz comigo.

— Mas se só tenho um prato.

— Suficiente para as duas, não crê?

Iolanda esboçou um sorriso sincero que encheu o coração de Angela.

Além de gente má, como a que tinha provocado todo o desastre no Caerlaverock, havia gente boa no mundo e aquela moça sem dúvida o era. Estava lhe dando tudo o que tinha em troca de nada.

— Mmmm..., isto está muito bom — exclamou, tomando uma colherada de sopa.

— Obrigada — sorriu Iolanda baixando a vista — Era a receita de minha mãe.

Ao ouvir esse “era”, Angela compreendeu melhor sua situação e se interessou:

— Quanto tempo leva aqui?

— Este inverno será o segundo — respondeu a garota.

— Viveste aqui todo este tempo?

— Sim.

— E no inverno também?

Ela assentiu e baixou a vista.

— Mas Iolanda, isso deve ser terrível para ti. O inverno é espantosamente frio e...

— Asseguro-te, Angela —cortou-a com um sorriso — que estar aqui, a pesar do frio ou da fome, foi minha única alternativa. Por sorte, de menina meu pai ensinou a meu irmão e a mim a caçar e pescar e isso facilitou meu dia a dia.

De novo Angela se deu conta de que falava de seu pai em passado e, sem poder evitá-lo, perguntou:

— Tão terrível era sua vida para estar melhor aqui?

Iolanda perdeu seu jovial sorriso.

— Sim.

De repente, ouviu-se um assobio e a voz de um dos homens que estavam fora amarrados. Elas levantaram o tecido que servia de porta da cabana e, horrorizadas, viram vários desconhecidos, com muito más pintas, que as olhavam. Estiveram tão absortas em sua conversa que não se precaveram de nada.

— Bom dia, senhoritas — saudou com mofa um daqueles vilões.

Levando a mão ao cinto, ambas saíram do barraco desembainhando suas espadas e ficaram à defensiva. Os homens as rodearam. Eram cinco mais os dois amarrados. Um daqueles adiantou seu aço, deu-lhe um golpe ao prato que havia sobre o tronco e este caiu ao chão e se fez pedacinhos.

Iolanda, ao vê-lo, resmungou com voz zangada:

— Acaba de me romper à baixela, maldito verme.

O homem soltou uma gargalhada e ela, furiosa, lançou-lhe um golpe que quase lhe corta a garganta.

Conscientes do perigo que corriam, as duas jovens se olharam e, sem acovardar-se, lançaram-se à luta. Como puderam, defenderam-se com suas armas, mas quando um dos homens desatou aos dois que estavam atados, já eram sete. Muitas espadas para elas sozinhas. Entretanto, quando acreditavam que tudo tinha acabado, ouviu-se o assobio de umas flechas e um a um todos aqueles vilões caíram de bruços, ante suas caras de assombro.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

As jovens se juntaram, dispostas a continuar a luta com quem lhes pusesse por diante, quando Angela viu aparecer ao Kieran e ao William junto a alguns de seus homens. Isso a tranquilizou, mas apesar de sua alegria por fazer ato de presença naquele momento, amaldiçoou. Tinham-na achado.

Kieran, com o semblante mudado pela raiva, aproximou-se dela e, enquanto seus homens se encarregavam daqueles fedorentos vilões, agarrou-a pelo braço e, aproximando seu rosto ao dela, disse:

— Aonde se supõe que vai, Angela?

— Me solte! — replicou ela.

Mal-humorado, ele insistiu:

— Me diga, aonde vai?

— Você o que crê? — respondeu-lhe, dando um puxão para que lhe soltasse o braço.

Mas sem apartar-se de seu lado, Kieran disse:

— Não sei e por isso lhe pergunto.

Com uma bravata, que até esse momento, ele não tinha visto, na doce e chorona Angela, esta respondeu:

— Acaso tenho que te dar explicações? Desde quando? Desde quando eu tenho que render contas a ti?

— Desde que seu pai me pediu que te levasse sã e salva a seu lar — respondeu Kieran.

— Maldito seja! — vaiou furiosa. E logo, sem intimidar-se, acrescentou: — Já o fez, O'Hara. Levou-me de retorno a Caerlaverock. Portanto, fica isento de minha guarda e custódia.

— Equivoca-te e sabe — replicou Kieran zangado.

Angela levantou as sobrancelhas e sentenciou:

— Não me equivoco. E agora que sabe quem sou, tenha por seguro que não necessito sua ajuda, nem a de ninguém. Com a minha própria me basto.

Ao voltar-se, encontrou-se com o Aston e George, que sorriam ante o desespero de O'Hara e, sem poder evitar, ela também sorriu. Já não havia nada que ocultar. Agora todos sabiam que era Fada.

Iolanda, ao ver que aqueles homens conheciam a jovem, tranquilizou-se e baixou a espada.

— Estão bem os cavalos? — perguntou então Angela.

William assentiu, e ela, olhando ao carrancudo O'Hara, insistiu:

— Caraid também?

Kieran, surpreso de que se lembrasse do nome de seu cavalo, assentiu a sua vez e Angela,

em um tom de voz mais calmo, acrescentou:

— Sinto havê-lo feito, mas não podia permanecer tombada em meu quarto como uma parva, sem que ninguém fizesse nada, enquanto os assassinos de meu pai e de minha gente estão livres. Acaso não entende?

— Quem te disse que nós não estamos fazendo nada, e menos ainda que não o entenda? — replicou Kieran.

— Quero encontrá-los. Quero matá-los. Quero que sofram pelo que têm feito e quero ver com meus próprios olhos e fazê-lo com minhas próprias mãos.

Essa impetuosidade, força e coragem recordaram a Kieran das esposas de seus amigos McRae e, embora lhe agradasse seu valor, disse:

— Vários de meus guerreiros estão procurando a quem matou aos teus, ou crê que o ocorrido vai ficar impune?

— Por minha parte não. — asseverou decidida.

— E pela minha tampouco — afirmou Kieran.

Entre ambos saltavam faíscas e, finalmente, depois de apartar a vista e olhar ao William, ela comentou compungida:

— Eu acreditava que...

— Pelo amor de Deus, Angela —grunhiu Kieran — Seu pai era um bom homem, e deixou sob mina guarda, como não vou me preocupar contigo e pelo ocorrido em Caerlaverock?

Ao pensar em seu pai, lhe abrandou o semblante e, voltando a ser a carinhosa Angela, lançou-se a seus braços e, deslocando-o por completo, murmurou:

— Obrigada, Kieran... Obrigada... Obrigada...

Ele olhou ao William surpreso. Aquela jovem queria voltá-lo louco? E ao ver que o homem sorria, pensou que aquela velha raposa estava desfrutando com seu total desconcerto.

Quando a apartou e olhou seu rosto, causou pena se ao ver seus olhos avermelhados. Isso o fez baixar suas defesas a uns níveis que nunca imaginou, mas sem querer perder a compostura, vaiou:

— Enquanto estiver sob minha guarda, não volte a sair sem avisar, entendido?

— Já não estou sob sua guarda.

— Sim o está — afirmou Kieran.

Depois de soltar um mais que evidente suspiro, Angela assentiu:

— De acordo. Estou-o.

Contente por ver que parecia entrar em razão, acrescentou, levantando a voz:

— Se voltar a fazê-lo, juro que te encontrarei...!

— Não grite, O'Hara, que não sou surda — pediu molesta.

— Que não te grite? — repetiu ele, incrédulo ante sua ousadia.

— Exato. Estou a um palmo de ti, por que gritas?

Seus homens os observavam e Kieran, ao ser consciente disso, grunhiu:

— Porque lhe merece isso. — E baixando a voz, adicionou: — Meus guerreiros estão nos olhando. Faz o favor de deixar de protestar e te comporte.

Angela olhou com dissimulação e, com mofa, começou:

— Bem...

William compreendeu a atitude do Kieran ante seus homens e sussurrou:

— Moça, deveria te calar e ceder.

— Você também com isso? — Mas ao entender o que lhe dizia, murmurou: — De acordo, calar-me-ei.

Agradecido pela ajuda, Kieran olhou ao William e este disse:

— Ele tem razão, seu pai nos pediu que velássemos por ti, moça.

— É certo, Angela! — interrompeu-a Kieran, levantando de novo a voz — Sabe que assim é!

— Não me grite, O'Hara! — gritou-lhe ela a sua vez e, zangada, fez gesto de partir, mas ele a impediu de sujeitando-a no braço — Solte-me, maldito seja! — ordenou zangada.

Vários dos guerreiros O'Hara resmungaram, protestando. Que fazia aquela malcriada falando assim a seu senhor? Kieran, ou ouvi-los, vaiou com gesto feroz:

— Ou muda de atitude ou te asseguro que o vais lamentar. — E logo acrescentou: — Recorda, Angela, está sob minha responsabilidade e...

— E?

Aquela provocação contínua o estava tirando do sério e respondeu:

— Que me respeitará e não me gritará. E, embora te parta, deve saber que, vá aonde vá, sempre te encontrarei.

Ela piscou. Nem seu pai tinha lhe falado assim, nunca. Ia responder, mas Iolanda, que ouviu os cochichos e comentários dos guerreiros, ao ver a tensão ali acumulada, entremeteu-se para chamar a atenção da jovem e exclamou:

— Pelo amor de Deus, Angela, como não me disse? Mataram a seu pai e a sua gente? — E, sem lhe dar tempo a responder, abraçou-a e afirmou, deixando a todos pasmados ao precaver-se então de que era uma mulher — Eu te cuidarei. Não te deixarei sozinha e minha casa será sua casa.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

A partir de agora, tem-me para tudo o que necessite, de acordo?

Kieran olhou à moça de cabelo curto. Quem era?

Angela sorriu e assentiu com a cabeça. Realmente, estava tão cansada que o último que queria era discutir, assim abraçou a aquela quase desconhecida e, agradecida, disse:

— Obrigada, Iolanda, mas tenho que retornar a meu lar.

Permaneceram abraçadas uns instantes, até que Angela se separou e caminhou para o William, que a consolou e a mimou como levava anos fazendo-o.

Kieran, receoso por não ser ele quem a consolava, e só levava suas más respostas, observou invejoso aquele gesto entre os dois.

Enquanto, Iolanda contemplava com tristeza como aquela jovem se afastava e ela ficava de novo sozinha.

Deu meia volta, olhou seu pequeno e desmantelado lar e caminhou para ele resignada. Ao chegar, agachou-se e recolheu com pena os pedaços de seu único prato, enquanto lhe escapava uma lágrima. Nesse momento, ouviu perguntar detrás dela:

— O que é isso que cheira tão bem?

— Sopa com coelho — respondeu sem voltar-se — mas o sinto, não o posso convidar. Toda minha baixela parece em pedacinhos.

Louis, aproximando-se, viu as partes que tinha nas mãos e se burlou:

— Isso é sua baixela, moço?

Iolanda se voltou com fúria e, dando um empurrão ao gigante que tinha atrás, gritou fora de si, com lágrimas nos olhos:

— Sim, idiota. Isto era toda minha baixela e não sou um moço, sou uma mulher.

Confuso por não haver se dado conta desse detalhe, viu as lágrimas em seus olhos e perguntou:

— E por que chora? O que te ocorre?

Com a sensibilidade a flor de pele, lhe amostrou a louça rota que tinha nas mãos e respondeu:

— Esta era a única lembrança que tinha de minha mãe e agora está... Está quebrada.

Louis, penalizado por sua tristeza, aproximou-se mais, levantou-lhe o queixo com um dedo para que o olhasse e se desculpou:

—Sinto te fazer chorar. Não era essa minha intenção.

Iolanda secou as lágrimas e, dando um passo atrás para afastar-se, do moreno e bonito highlander, murmurou:

— Você não me tem fez chorar.

Enquanto, Kieran observava ao William e seus filhos falarem com a Angela. Pareciam discutir. Deviam fazê-la entrar em razão ou ele tomaria conta no assunto. Mas por sorte viu que o conseguiam e Aston, aproximando-se dele, disse:

— Voltará para o Caerlaverock conosco e esperará que cheguem suas irmãs.

Kieran assentiu. Aquilo era o mais razoável.

Sem poder apartar a vista dela, percorreu seu corpo com certa luxúria. Ante ele tinha a Fada, a mulher que ocupou a maioria de seus pensamentos durante os últimos dias. Encantado, olhou aquelas calças de couro marrom, que ressaltavam suas bonitas pernas e seu sensual movimento ao caminhar. Notava-se que levava aquela roupa com total naturalidade e sorriu ao ver a capa verde. A capa que sempre ocultava à verdadeira mulher, que não era nem mais nem menos que a doce e torpe Angela.

Então viu esta dirigir-se para a Iolanda, que, sentada em um tronco, falava com o Louis. Ao chegar frente a ela, ordenou-lhe:

— Iolanda, recolhe suas coisas, vem-te comigo.

— Como?

— Não te deixarei aqui sozinha. Nego-me. Virá te comigo ao castelo do Caerlaverock.

A jovem a olhou, surpreendida, e foi dizer algo, mas Angela lhe esclareceu:

— Meu pai era lorde Kubrat Ferguson, dono destas terras, e eu, como filha dele, não permitirei, que passe outro inverno de frio e solidão.

— Passou o inverno aqui? — perguntou Louis surpreso, assinalando a cabana.

Coibida de repente ao saber quem era Angela, a jovem inclinou a cabeça e com atitude total e olhando ao chão, murmurou:

— Senhora, lhes dou as grac...

— Iolanda, por favor, me olhe aos olhos — a cortou Angela.

Quando o fez, lhe esclareceu:

— Odeio as malditas regras e quero que me chame por meu nome. Por favor, não mude sua atitude comigo.

Sobressaltada, a garota a olhou aos olhos e, emocionada, murmurou:

— Está segura de que me quer a seu lado?

Angela esboçou um sorriso e, intuindo que encontrou nela, a uma excelente amiga, assentiu e afirmou com carinho:

— Totalmente segura, Iolanda.

Emocionada, a garota a abraçou e, quando a soltou, olhou ao Louis, que lhe sorriu. Nervosa, entrou na cabana, agarrou uma surrada bolsa e, quando saiu dali, informou:

— Já está, Angela. Aqui está tudo o que tem algum valor para mim.

— Iolanda irá contigo em seu cavalo — disse Angela ao George.

—Não, irá comigo — se apressou a dizer Louis.

Ao ouvi-lo, Iolanda se ruborizou e respondeu:

— Se me derem um cavalo, posso ir sozinha.

— Não há mais cavalos — respondeu Louis — Virá comigo.

Então, sem olhar ao Kieran, Angela passou ao seu lado em busca de sua égua, mas ele a agarrou pelo braço e dispôs:

— Você virá comigo.

Ela tentou soltar-se e, assinalando a sua égua com a cabeça, respondeu:

— Já viu que sei montar a cavalo e que não sou a doce e tímida dama que acreditava. Não necessito que ninguém me leve. Sei cavalgar sozinha.

Sem vontade de discutir, Kieran olhou ao William e lhe indicou:

— Ata a égua a seu cavalo. Angela irá comigo.

— Mas...

— Disse que vem comigo e faz o favor de fechar essa boca de uma vez — espetou ele com voz rouca.

Ninguém, à exceção de sua mãe, conseguia tira-lo do sério como o fazia aquela garota.

Instantes depois, Kieran montou com galhardia em seu enorme e bonito cavalo e, inclinando-se, içou a Angela. Ela, resignada, sentou-se escarranchada sobre o negro animal e a comitiva empreendeu a volta.

Ao princípio, nem Kieran nem Angela falavam. Ambos estavam ocupados, pondo em ordem seus pensamentos, até que, aproximando a boca à orelha dela, ele perguntou:

— Como prefere que te chame, Angela ou Fada?

— Angela — respondeu ela.

— Por que me ocultou isso?

— Ninguém devia sabê-lo.

— Por isso me disse que se te conhecesse um pouco mais me apaixonaria por ti?

Sobressaltada por isso, Angela não respondeu e o lorde calou. Quanta razão ela tinha!

Então, Kieran esporeou seu cavalo e cavalgou com a jovem entre seus braços até chegar ao castelo do Caerlaverock.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Capítulo 22

No dia seguinte, depois de uma noite em que ninguém pôde descansar, Angela, acompanhada da Iolanda, baixou ao salão, abatida, e se surpreendeu ao ver que haviam recolocado todo, e agradeceu.

— Louis e lorde O'Hara me ajudaram a ordenar um pouco o desastre — explicou Iolanda — Mais ou menos se lembravam de como estava tudo antes, embora pouco pudemos fazer com os móveis que quebraram.

— Obrigada, Iolanda — respondeu ela sorrindo com gratidão.

Se Caerlaverock antes daquilo era penoso, agora não tinha nome, mas sem dúvida era melhor vê-lo assim como o encontraram.

— Agradeça a eles dois também — disse Iolanda, piscando um olho — Eram eles que queriam que visse isto em melhores condições.

Angela assentiu. Deveria fazê-lo.

Kieran a seguia com o olhar e viu que se dirigia para onde estavam os corpos dos falecidos, de modo que foi atrás dela a grande pernada, agarrou-lhe a mão e lhe impediu de continuar.

— Não o faça, Angela. Não vá.

— Por que?

Kieran, que havia visto muitos cadáveres em sua vida, sem soltá-la, respondeu:

— É melhor recordá-los como eram, que como estão agora.

Sem dúvida ele tinha razão. Era o melhor. E, sem soltar-se de sua mão, caminhou para a larga mesa e se sentou. Depois de um tenso silêncio, olhou ao homem que tinha diante e disse:

— Obrigada por arrumar este lugar.

Comovido por suas palavras, Kieran sorriu.

— Não tem nada que agradecer.

— Onde estão William, Aston e George?

— Fora, com meus homens.

Angela assentiu e Iolanda, ao ver que estavam tranquilos sentados à mesa, baixou às cozinhas. Olhou a seu redor. Tudo era um caos, mas procurou até encontrar algo para tomar o café da manhã e, quando ia preparar, ouviu:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Você não descansa nenhuma vez?

Ao reconhecer a voz sorriu. Era Louis. Deu-se a volta e o viu apoiado no gonzo da porta.

— Queria preparar algo para o café da manhã para a Angela — se justificou.

Quando viu que ele se aproximava com cuidado, de não pisar em nada do que havia no chão, Iolanda retrocedeu. Esse gesto, apesar do sorriso que a jovem tinha nos lábios, chamou a atenção do Louis, que parou. Sentou-se em uma das cadeiras que ficavam junto a uma destroçada mesa e perguntou:

— O que fazia no bosque, sozinha?

Iolanda mordeu o lábio inferior um momento e logo respondeu:

— Se não te importar, prefiro não falar disso.

Louis, que era bastante pormenorizado e paciente, assentiu e, tentando não voltar a tocar nesse tema, esboçou um sorriso e, assinalando a cadeira em frente dele.

— Por que não se senta e descansa um pouco? Consta-me que não paraste e tem que estar esgotada.

Com um grato sorriso, a jovem fez o que lhe pedia e pouco depois os ouviu rir divertidos.

No salão principal, Kieran, que falava com a Angela, fixou-se nas olheiras desta e isso o causou pena.

— Acredito que deveria dormir um pouco mais, não tem bom aspecto — disse.

— Está-me chamando de feia? — mofou-se Angela, com um bonito sorriso.

Kieran sorriu ao recordar um momento parecido a esse, com eles dois, Sandra e Zac, mas antes que ele respondesse, Angela acrescentou:

— Não me olhe assim, O'Hara, sei que não queria dizer isso.

— Alegra-me sabê-lo — respondeu Kieran, sorrindo.

Angela retirou o cabelo do rosto e o recolheu com uma cinta de couro, enquanto ele olhava seu fino pescoço com veneração.

Tossiu para recuperar a compostura e anunciou:

— Suas irmãs certamente chegarão logo.

Mais calma que no dia anterior, Angela se tocou a testa. Não se encontrava bem. Fechou os olhos uns instantes e, quando os abriu, com gesto cansado murmurou:

— Lorde O'Hara, sinto que o acontecido lhes esteja atrasando. Sem dúvida, sua mãe e sua prometida lhes sentem a falta...

— Angela — cortou ele — Sou Kieran. Esqueça-te das normas, por favor.

— Desculpa — respondeu ela — Estou tão cansada e confusa por tudo o que está passando

que já não sei nem o que digo...

Kieran assentiu e, lhe agarrando a mão por cima da mesa, a beijou.

— Não se preocupe. Faço-me cargo.

Com sua mão entrelaçada com a dele, Angela o olhou. O calor que aquele homem irradiava era o que necessitava e seu coração se desbocou. Sentir seu fôlego sobre sua mão era um bálsamo para suas feridas e, enfeitiçada, murmurou:

— Obrigada, Kieran.

Não gostou de ouvir sua voz derrotada, desejoso de lhe fazer esquecer a agonia que estava sofrendo, confessou:

— As coisas que estou descobrindo de ti me surpreendem.

Angela sorriu, mas se manteve em silêncio.

— Nunca imaginei que uma torpe e chorona mulherzinha como você, pudesse ser tão hábil com a espada e o arco — disse ele, lhe soltando a mão.

Ela enrugou o nariz com gesto divertido e respondeu:

— E eu nunca imaginei que um homem curtido em guerras, em mulheres e em armas como você fora tão fácil de enganar.

— Se meus amigos os McRae ou suas mulheres se inteiram de como me enganaste, não deixarão de rir de mim em anos — reconheceu-o, sorrindo.

— Você crê?

— Acredito sem dúvida nenhuma.

Nesse instante, entraram dois dos guerreiros do Kieran. Falaram com ele sobre algo e quando partiram deixando-os de novo sozinhos, Angela disse:

— Seus homens devem estar desejando retornar a seus lares. Sua mãe lhes espera em Edimburgo...

— Minha mãe esperará minha chegada e meus homens farão o que eu lhes diga.

— Sei, mas será compreensível que queiram partir.

Kieran ia responder, mas nesse instante apareceram no salão Iolanda e Louis muito sorridentes, levando uns copos, um pouco de leite e uma espécie de bolachas. A conversa se interrompeu.

Angela agarrou uma daquelas bolachas e, ao olhá-la, se encheram os olhos de lágrimas.

— Pobre Evangelina, tão maravilhosa e boa que era, quanto medo teve que suportar. E as meninas... Minhas bonitas e queridas Effie e Leslie. — Soluçou — Como alguém pôde matá-las?

Com gesto compungido, Iolanda olhou ao Kieran. O highlander tinha o olhar cravado na

Angela, mas não se movia. Assim, levantando os braços, a jovem lhe fez um gesto para que fora a consolá-la. Ao vê-la gesticular, Kieran se levantou, sentou-se junto à Angela e a abraçou.

Angela, sem se importar quem lhe abraçava, cobriu-se naqueles fortes braços enquanto chorava aquelas terríveis mortes e Kieran, inconscientemente, beijou-lhe a cabeça enquanto lhe murmurava palavras de consolo. Acomodou-se no banco de madeira e, sentando-a sobre suas pernas, começou a lhe acariciar a cabeça com carinho, para relaxá-la, até que, de repente, ela dormiu. Estava rendida.

William, que nesse momento entrava com seu filho Aston no salão, ao ver aquela imagem comentou com um triste sorriso:

— Deveria leva-la a sua habitação.

— Não sei qual é — disse Kieran.

— Acima, segunda porta à direita. Deve estar esgotada. Além disso, quanto mais durma, menos pensará no ocorrido.

Totalmente de acordo, Kieran se levantou com cuidado e, com ela nos braços, subiu até a estadia da jovem. Ao entrar nela, pôde ver quão nu estava tudo. A cama era simples, de madeira com um colchão de lã. Além disso, só havia a lareira.

Olhou a seu redor surpreso, tentando entender como Kubrat Ferguson perdeu tanto a cabeça, para chegar a viver assim e como, com seu abandono, arrastou as suas filhas a viver com aquela precariedade.

Com cuidado, deixou Angela sobre o colchão e a olhou. Ainda não podia acreditar que aquela delicada jovem de cabelos vermelho fogo, era a Fada. Agora entendia que as marcas que havia em suas mãos e em seus braços, não só eram de trabalhar no campo, e esteve seguro de que, no corpo teria muitas mais. Segurou-lhe uma mão e a observou. O profundo corte que tinha na palma, teve que lhe doeu. Olhou-o e, baixando sua boca até a ferida, a beijou com cuidado.

Uma vez lhe deixou a mão sobre a cama, olhou seus lábios. Eram carnudos e desejáveis. Desejou tombar-se a seu lado para olhá-la e consolá-la se despertasse, mas depois de pensá-lo com frieza, soube que não era boa ideia.

Que o fazia se preocupar tanto por aquela jovem?

Acaso era certo que podia apaixonar-se por ela?

Ao final, cobriu-a com um velho tartán que encontrou e se encaminhou para a porta para sair da habitação. Era o mais prudente para os dois.

Quando o fez e fechou atrás dele, a sensação de solidão que o embargou o deixou sem fala. Seu instinto protetor lhe gritava que não a deixasse, que retornasse a ela, mas resistiu e recordou

algo que lhe havia dito Duncan, de quando conheceu Megan. As palavras exatas foram “Megan me desconcertou, desesperou-me e me cativou de tal forma que já não podia viver sem ela”.

Arrasado, abriu de novo a porta, olhou-a dormir sobre a cama e murmurou:

— O que está me fazendo, Angela Ferguson?

Depois de fechar de novo, baixou ao salão e, ao entrar no mesmo, viu ali ao William. Caminhou até ele, sentou-se à mesa e, agarrando uma jarra de cerveja, bebeu de um gole. Ao deixá-la, perguntou ao homem que o observava:

— Por que sorri?

William o olhou e disse:

— Kubrat estará feliz ao ver como se preocupa por sua menina.

— Preocupo-me como se preocupa você e...

— Deu-lhe sua palavra de que a cuidaria, não o esqueça.

— Você também — vaiou Kieran.

— Sei — respondeu William — Mas não esqueça que você foi o último que lhe prometeu cuidar de sua filha e traze-la de volta sã e salva. Acredito que não tenho que te recordar que a palavra de um highlander é sagrada. Eu, por minha parte, cumprirei a minha, agora só espero que você cumpra a tua.

Ofuscado pelo que o homem lhe estava dando a entender, Kieran se levantou e saiu do salão. Precisava pensar o que fazer para solucionar rapidamente aquilo.

No pátio de armas viu Louis conversando com a Iolanda. Olhou-os de longe. Sem lugar a dúvidas, aquela jovem, tão distinta das mulheres às que seu amigo estava acostumado, chamou a atenção deste. Só tinha que ver como lhe sorria e se pavoneava ante ela.

Quando Louis o viu, despediu-se da Iolanda com um encantador sorriso, que devolveu a sua vez.

— Angela está dormindo? — perguntou Louis ao Kieran.

— Sim.

— Crê que está melhor?

Preocupado sem saber realmente por que, ele respondeu:

— Não sei.

Durante uns instantes, ficou olhando ao chão: não podia deixar de pensar na Angela. Louis lhe perguntou:

— O que te ocorre?

Ao ver que não havia ninguém ao redor que o pudesse ouvir, Kieran respondeu:

— Essa mulher me desconcerta. Desejo estar perto dela em todo momento, mas ao mesmo tempo penso que não tenho que fazê-lo.

— você gosta mais da Angela Ferguson que da Susan Sinclair?

Ele o pensou um momento e finalmente disse:

— Não sei. É diferente e...

— Né... Né... Liam! — gritou Louis de repente, cortando a seu amigo — Deixa à senhorita tranquila e continua com o que estava fazendo.

Kieran, ao olhar e ver o jovem que estava junto à Iolanda, cochichou:

— Por que afasta ao Liam da moça?

— Porque é um chato — respondeu Louis tossindo — Seguro que a incomodaria.

— Duvido-o. Liam é um moço sensato e, agora que o penso, certamente são da mesma idade.

Louis olhou a seu amigo e, finalmente, ambos soltaram uma gargalhada.

Sua visita ao Caerlaverock estava começando a ocasionar mais de um quebra-cabeça.

Capítulo 23

Angela dormiu grande parte do dia.

Kieran, preocupado, visitou-a em várias ocasiões para ver se estava bem, sob o atento olhar do William e seus filhos.

Era bom dormir tanto? Perguntou-se.

William, ao ver seu desconcerto, disse-lhe que não se alarmasse. O sono da Angela era assim, ou não pegava olho ou, quando o fazia, estava tão esgotada que dormia profundamente.

Kieran assentiu. Se ela estava bem, ele o estava também.

Intranquilo, deu um passeio sem afastar-se das imediações do castelo. Não podia deixar de pensar na jovem. Em seus olhos, em seu cabelo, em sua tristeza e naquele sorriso que lhe iluminava o rosto. Necessitava que se sentisse tranquila e feliz. Isso se converteu em sua máxima prioridade.

De noite, depois de falar com seus homens, retornou ao interior do Caerlaverock com a esperança de que Angela estivesse desperta. Mas seguia dormindo. Subiu outra vez a vê-la, nesta ocasião levando um tartán para ele.

Quando abriu a porta, viu que alguém tinha acendido o fogo. Isso o agradou. E,

aproximando-se da cama, acariciou-lhe o cabelo com ternura; logo, sentando-se no chão, apoiou-se na parede e murmurou:

— Descansarei a seu lado se por acaso necessita.

À manhã seguinte, quando Angela despertou, todas as lembranças foram a sua mente. A morte de seu pai, sua escapada, Iolanda, a volta a Caerlaverock.

Sentando-se na cama, olhou a seu redor. Estava sozinha e o fogo estava quase apagado. Levantou-se, penteou-se e recolheu o cabelo na nuca. Depois colocou um de seus velhos vestidos, que encontrou sobre uma cadeira, e baixou ao salão com outro vestido para a Iolanda.

A moça, que estava sentada em uma cadeira, levantou-se ao vê-la entrar e a abraçou.

— Encontra-te melhor?

— Sim — respondeu Angela.

— Va, que maneira de dormir — mofou Iolanda — Nunca tinha conhecido a ninguém que dormisse como um urso.

Esse comentário fez sorrir a Angela e, lhe estendendo o vestido que levava nas mãos, comentou:

— Somos mais ou menos da mesma altura, acredito que irá bem. Ponha-o

Olhando aquele velho vestido como se fora o mais bonito do mundo, a garota sorriu encantada e disse:

— Obrigada... Obrigada... Vestirei agora mesmo e, quando tiver tempo, arrumá-lo-ei e ficará perfeito.

— Sabe costurar? — perguntou Angela surpreendida.

Iolanda assentiu e esclareceu:

— Minha mãe era costureira e me ensinou. — E, sem vontades de dar mais explicações, apressou-a — Anda, sente-se à mesa, trar-te-ei algo de comer.

— Não tenho fome.

— Dá-me igual — replicou Iolanda — Deve comer algo e não se fale mais.

E dito isto, saiu correndo para a cozinha.

Só no salão, Angela olhou a seu redor. Aquele era o lugar onde nasceu e onde se criou. Onde riu e chorou. Onde dançou e cantou junto a sua família, mas agora, só e sem nenhum de seus seres queridos por perto, deu-se conta de quão difícil seria viver ali.

Possivelmente seu pai tinha razão, ao referir-se a que se devia partir. Mas só de pensá-lo partia o coração.

— Bom dia — ouviu dizer atrás dela.

Ao voltar-se, encontrou-se com azulado olhar do muito bonito Kieran e, com um sorriso caloroso, devolveu-lhe a saudação:

— Bom dia.

Lorde dos O'Hara caminhou para ela, feliz de que por fim se despertou. Levava horas esperando-o. Desejou abraçá-la, beijá-la, mas em vez disso, sentou-se frente a ela na mesa e perguntou:

— Dormiste bem?

Ela respondeu com um gracioso gesto e ele comentou:

— Nunca tinha conhecido a ninguém que caísse em um sonho tão profundo como você.

Divertida por esse comentário tão habitual entre os que a conheciam, disse:

— Faz um momento, Iolanda me há dito que durmo como um urso, justo o que papai me dizia sempre.

Ambos sorriram no momento em que a moça entrava com um tigela de leite e bolachas. Deixou-o ante a Angela e esboçou um sorriso. Com aquele pobre vestido granada a via muito feminina e Kieran, com cavalheirismo, disse:

— Está muito bonita esta manhã, Iolanda.

Encantada, a jovem deu uma volta ante eles, para depois agarrar as mãos da Angela e dizer:

— Obrigada... Obrigada por este detalhe. Levava quase dois anos sem me pôr um vestido.

— Está preciosa e fica muito bem — asseverou-a.

Louis entrava nesse instante no salão e, ao vê-la, ficou parado na porta. Sem dúvida, era um anjo o que viam seus olhos. Quando Iolanda o viu, olhou-o esperando que lhe dissesse algo bonito, que não demorou ouvir.

— Iolanda, vestida assim é uma linda moça.

— Obrigada — sorriu ela com paquera. E um pouco sobressaltada por como a olhava ele, desculpou-se: — Tenho que ir por água. Desculpem-me.

— Acompanhar-te-ei se por acaso necessita ajuda — se ofereceu Louis após pigarrear.

Kieran e Angela intercambiaram um olhar de entendimento e ambos sorriram.

— Come algo — lhe indicou ele — O necessita.

Angela assentiu. Tinha muita fome e comeu sob seu atento olhar. Uma vez terminou, sorriu satisfeita.

— Angela, devemos falar — disse ele então.

— Diga.

— Quando tudo termine e suas irmãs retornem a seus lares, o que quererá fazer?

Surpreendida por aquela questão em que até o momento ela se negou a pensar, respondeu:

— Suponho que ficarei aqui. Não conheço nada mais e...

— Aqui não se pode viver — a cortou ele — Quando todos formos, só ficarão Iolanda, William com seus filhos e você. Mas te recordo que Aston e George têm pensado partir a Edimburgo depois do Natal.

Ela assentiu. A cruel realidade era cansativa e, murmurou, enquanto arranhava uma sobrancelha com o polegar:

— Minha situação é bastante confusa e meu futuro ainda mais. — E, com um triste sorriso que ao Kieran rompeu o coração, acrescentou: — Papai sempre pensou que eu...

Nesse instante se ouviram cascos de cavalos. Levantando-se da mesa, Angela saiu do salão, seguida do Kieran. Cedric e Davinia, junto aos guerreiros Steward, entravam no pátio do castelo.

Ao ver sua irmã, Davinia desmontou e correu para ela. Ambas se abraçaram e Angela murmurou sem chorar:

— Davinia, papai... Todos estão mortos.

Com os olhos exagerados, a jovem olhou ao Kieran e posteriormente ao William, que se aproximou delas e assentiu.

Essa tarde chegou Mai e a partir desse instante todo foi uma loucura e uma grande tristeza para as Ferguson.

Capítulo 24

Ao anoitecer, Jesse Steward chegou também ao castelo com seu exército. Angustiado, quis aproximar-se da Davinia ou a suas irmãs para lhes dar suas condolências, mas seu irmão Cedric e seus homens o impediram, por isso, sem fazer ruído, ficou junto ao Kieran e o resto dos guerreiros.

À alvorada, Zac, incrédulo pelo que lhe tinham contado, perguntou ao Louis:

— A Angela é a Fada?

Seu amigo assentiu e respondeu:

— E sua delicada Sandra outra das encapuzadas.

— Como?

— O que ouve amigo... O que ouve.

Atônito, o jovem olhou ao Kieran, que não muito longe deles falava com o Jesse. Rapidamente, de uma bolsa que pendurava de sua cintura, Zac tirou a flor seca que a encapuçada lhe deixou no cabelo e ao ver que era de cor laranja e exatamente igual à que lhe entregou Sandra no dia que se conheceram, sorriu.

De um discreto segundo plano, Iolanda observava preocupada com a Angela. A jovem apenas se movia nem falava com ninguém, só olhava a tumba de seu pai quase sem pestanejar. Levantando-se, procurou o Louis e, aproximando-se do grandalhão, comentou-lhe:

— Louis, estou preocupada com a Angela. Acredito que vou aproximar-me dela e...

— Não, Iolanda — a cortou ele — Fique onde está. Não confio nesses Stewards.

— Mas não vê que...?

O paciente Louis a sujeitou do braço com doçura e disse:

— Vejo tudo o que você vê, mas, por favor, não te aproxime desses homens, não são de confiança.

Iolanda assentiu e sorriu. Gostava daquele homem de olhos rasgados e sonhadores, assim em vez de voltar onde estava, sentou-se a seu lado.

Zac, ao ver a cara de panaca de seu amigo ao olhá-la, se aproximou e, discretamente, perguntou:

— E esta jovem quem é?

— É Iolanda — lhe informou Louis e, baixando a voz, contou-lhe: — Quando Angela escapou, buscamo-la e a encontramos com ela. Ao parecer, a pobre levava vivendo no bosque perto de dois anos, só...

— A pobre? — Riu Zac.

Louis, ao ver que levantava a voz, aproximou-se dele e vaiou molesto:

— Baixa a voz ou te ouvirá.

O outro obedeceu rapidamente e, olhando à moça com dissimulação, murmurou:

— Sem dúvida, não tem bigode como...

— Zac! — cortou-o Louis — Respeito pela pobre mulher, que morreu.

Consciente de que tinha razão, o jovem assentiu:

— Tem razão. Meu comentário foi desafortunado.

Depois de um silêncio no que Zac observou, seu amigo não apartava a vista da jovem de cabelo curto, cochichou:

— Você gosta da Iolanda?

— Não.

— Pois seu sorriso de bobo não diz o mesmo.

— Disse que eu não gosto, não ouviste bem? — vaiou Louis.

— Seguro? — insistiu Zac divertido.

— Pretende me zangar? — replicou Louis molesto e franzindo o cenho.

Ao ver sua reação, Zac sorriu.

—Tem um sorriso muito bonito e uns olhos cativantes. E com um vestido mais novo que o que leva, melhoraria muito sua aparência, não crê?

Louis, removendo-se nervoso, respondeu:

— Não duvido do que diz, mas eu gosto das mulheres de cabeleiras largas e com classe. Não mulheres da rua como esta jovem. Simplesmente, estamos sendo cordiais com ela. Ajudamo-la e lhe damos proteção por pena. Para não deixá-la sozinha.

— Sério? — perguntou Zac, surpreso porque o que via não era o que seu amigo lhe dizia.

— Zac, por favor, quem se fixaria em alguém como ela? Com esse cabelo? Acaso é comparável a alguma das belezas com as que eu estou acostumado a estar?

— Não. Sinceramente não.

Com atitude de machos dominantes ambos riram, sem precaver-se de que Iolanda o estava ouvindo tudo, mas apesar de que aquilo lhe partiu o coração, sem alterar-se continuou olhando à frente.

As três irmãs Ferguson deram sepultura aos corpos sem vida das pessoas que sempre as tinham cuidado e querido.

Sua tristeza e desconsolo eram insuportáveis. Perderam tudo o que elas consideravam família.

Em que pese a sua atitude fria, Cedric esteve junto a sua mulher durante o responso e, uma vez finalizado, não pôde fazer nada quando seu irmão Jesse, apartando ao Royce, aproximou-se da Davinia e a abraçou com carinho.

Mai e Angela se precaveram de que Cedric amaldiçoava enquanto seu irmão dava os pêsames a Davinia.

Kieran, que da distância olhava tudo com olhos curiosos, recordou o que Angela lhe contou em relação a bodas de sua irmã com o Cedric. Sem lugar a dúvidas, e inclusive sem falar com o Jesse, pôde precaver-se do muito que este queria a jovem. Só tinham que ver como ambos se olhavam em busca de consolo quando estavam separados.

Alertado por isso, observou movimentos estranhos e ocultos, enfrentamentos entre os

guerreiros do Cedric e os do Jesse Steward, e disse a seus homens que se mantivessem à margem. Não queria inimizar-se com nenhum dos clãs, mas se tivesse que escolher a quem apoiar, sem dúvida escolheria ao Jesse Steward.

Terminado o funeral, os homens se afastaram, deixando sozinhas às três mulheres ante a tumba do lorde Kubrat Ferguson, e Kieran foi testemunha então de uma violenta disputa entre os irmãos Steward.

— Quero-te fora de minhas terras — vaiou Cedric.

— Suas terras? — mofou-se Jesse — Dirá as terras dos Ferguson.

— Agora são minhas. Pertencem-me por direito, como tudo o que há nelas.

— Mãe me disse que em sua carta que não foste seguir vivendo no Merrick e que lhe proibia que voltasse a dirigir-se a ti, por que? — perguntou Jesse, aproximando-se de seu irmão.

— Porque não necessito sua compaixão. E ao fim e ao cabo ela não é minha mãe.

— É um ingrato, Cedric. Mãe te quer tanto como a mim e...

— Minha mãe morreu quando eu era pequeno. Nunca tive outra mãe. E em relação às migalhas do Merrick...

— Migalhas? Viver na mansão do Merrick, para ti são migalhas?

Cedric levantando o queixo respondeu altivo:

— Comparado com o castelo do Glasgow onde vive você, sim. Acaso eu não posso querer ter uma fortaleza, como você?

A cada instante mais esquentava a conversa, Jesse foi responder quando Cedric acrescentou:

— Agora tenho meu próprio castelo e, para seu desgosto, minha própria mulher. Uma mulher que desejas, mas que é minha, e você nunca possuirá.

Ao ouvir isso, Jesse levou a mão ao punho da espada, mas Kieran, interpondo-se entre os dois, impediu o que todos temiam.

Cedric sorriu ao vê-lo e se afastou com um maquiavélico sorriso, enquanto Jesse e Kieran o olhavam com aversão.

Depois de falar com o Jesse e acalmá-lo, Kieran tentou aproximar-se das mulheres. Precisava falar com a Angela e saber que estava bem, mas para sua surpresa, os homens do Cedric não o permitiram.

Com o semblante mudado, empurrou a vários Steward para abrir-se passo. Ninguém lhe impediria de aproximar-se dela. Quando por fim chegou perto da jovem, viu-a depositar umas flores sobre a tumba de seu pai e dizer:

— Papai, vou sentir sua falta, mas agora desfruta como sempre quiseste, ao lado de mamãe. Quero-lhes e sempre lhes levarei em meu coração. — Ato seguido, lançou-lhe um beijo e pôs-se a chorar ao não receber a resposta de sempre.

Mai a abraçou e Kieran não se moveu.

Logo, as três irmãs retornaram ao castelo agarradas da mão. Estavam desoladas. Não havia mais do que as olhar para ver a tristeza que as embargava. Kieran não tirava o olho da Angela, que tinha o olhar perdido. Não chorava, não falava, só olhava ao chão com uma grande tristeza, com atitude derrotada.

Iolanda, que tentou aproximar-se da Angela para lhe dar seu carinho e consolá-la, foi empurrada com brutalidade por um dos Stewards e acabou no chão depois de tropeçar com seu vestido. Sem nenhum temor, a jovem se levantou, caminhou para o bruto que a tinha empurrado e, a não ser por que Louis foi rápido e parou sua estocada com uma espada, aquele bruto a teria ferido gravemente.

— Está bem, Iolanda? — perguntou-lhe preocupado.

Ela, dolorida pelo golpe que se deu ao cair ao chão, assentiu e, afastando-se para que não vissem suas lágrimas de dor, sussurrou:

— Sim.

Louis, molesto por aquela brutalidade, sem olhar a Iolanda repreendeu a aquele Steward e este lhe respondeu. Instantes depois, a discussão prosseguia e Kieran teve que mediar. Os Stewards do Cedric estavam ávidos de brigas, mas ele não ia consentir e gritou:

— Cedric, controla a seus homens se não quiser problemas.

— Problemas eu? — Riu ele com superioridade e, com um gesto que ao Kieran não gostou, acrescentou: — te aparte da Angela. Não é ninguém para te aproximar dela.

— Como diz? — bramou ele ao ouvi-lo.

— Agora ela forma parte de meu clã — respondeu Cedric — E eu escolherei quem lhe aproxima ou não.

— Se esquece de que seu pai a deixou a meu cargo? — vaiou Kieran molesto.

Cedric soltou uma gargalhada e respondeu:

— Trouxe-a de volta ao Caerlaverоch. Sua responsabilidade terminou.

Kieran foi responder-lhe, quando Jesse Steward se aproximou de seu irmão e disse:

— Pelo amor de Deus, Cedric, o que está fazendo?

Encolhendo-se de ombros, ele respondeu:

— Meus homens seguem minhas ordens. Agora quem dita as normas no Caerlaverock sou

eu.

Aston, preocupado por sua amiga, tentou aproximar-se da Angela, mas os homens do Cedric tampouco o permitiram. Molesto por isso, o jovem se encarou com eles e a animação voltou a começar.

Angela era como uma irmã para ele e ninguém o separaria dela. De novo Kieran, ajudado por uns ofuscados Zac e Louis, frearam aquilo.

William Shepard ao ver o enfrentamento, depois de apartar a seu filho, gritou ao Cedric, molesto:

— Angela é como minha própria filha, acaso não sabe, Cedric?

Mas este repôs:

— Pois vai te esquecendo dela, porque já não o é. A partir de hoje, eu sou o senhor destas terras e minhas normas sobressairão ante o que...

— Cedric, mas o que está fazendo...? — repetiu Jesse ao lhe escutar.

Mas o outro olhou a seu irmão pequeno e vaiou:

— Querido Jesse, que tal se te parte por aonde vieste antes que te tenha que matar? Não te necessito, nem a ti nem a seu exército. Não te quero ver perto de minha mulher nem de meu castelo nunca mais.

— Sua ânsia de poder te destruirá, irmão — gritou Jesse furioso.

— Parta de minhas terras!

Os dois irmãos se olharam com ódio e Jesse respondeu, disposto a tudo:

— Partir-me-ei quando o for pertinente e não volte a me falar assim nunca mais ou vais lamentá-lo.

Dito isto, depois de olhar às mulheres, que alheias a tudo se consolavam umas a outras, Jesse deu a volta e caminhou para seus homens.

William Shepard, depois de cruzar um significativo olhar com o Kieran O'Hara, que lhe pediu calma, bramou:

— Exijo falar com a Angela.

— Você aqui já não exige nem ordena nada, William — lhe espetou Cedric — Sou o marido da Davinia, a primogênita do homem ao que acabamos de dar sepultura, e lhes peço amavelmente a todos que abandonem minhas terras.

Ao ouvi-lo, vários dos homens do Cedric sorriram com malícia. William foi responder, mas Kieran, agarrando-o pelo braço, disse, entremetendo-se:

— Tem muita pressa por que vamos daqui, Cedric, por algum motivo especial?

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

O novo senhor do castelo do Caerlaverock respondeu com gesto sério:

— O'Hara, acaso tenho que lhes dar um motivo para querer que lhes partam de minhas terras?

— Nos expulsa? — perguntou ele com uma estranha calma.

Cedric, com um sorriso que não gostou nada, disse enquanto observava ao longe a seu irmão falar com o Royce, um de seus homens:

— Ao amanhecer lhes quero longe daqui ou o lamentarão.

Kieran viu que junto à Angela, que seguia olhando o chão enquanto caminhava, estava Otto Steward, o homem que tentou ultrapassar-se com ela o dia da festa e isso o pôs doente. Via como a olhava, soube que nada bom esperava a jovem.

Cedric, rodeado de seus homens, olhou ao William Shepard e, antes de partir, disse:

— A partir deste instante, a jovem Angela é para ti e seus filhos lady Angela. Acabou-se a familiaridade entre vós. E, quanto a vê-la, não lhes permito isso.

E, depois de dizer isso, deu-se a volta, ao tempo que William e seus filhos se levavam a mão a suas espadas. Mas Zac e Louis os frearam com dissimulação, enquanto Kieran se interpunha em seu caminho e dizia:

— Calma, assim não ides resolver nada.

Sem dúvida tinha razão e, causar pena, William observou como a pequena a que seus filhos e ele adoravam, desaparecia como um fantasma, acompanhada de suas irmãs, depois dos muros do Caerlaverock.

Kieran, não disposto a obedecer ao que aquele idiota do Cedric lhe ordenou, decidiu esperar uns dias.

Só vendo a angústia do Jesse, soube que ali algo não ia bem. O que ocorria? Por isso, e a diferença das outras noites, decidiu que aquela pernoitariam à porta do castelo, junto aos guerreiros do Jesse Steward.

Ali estavam, quando Kieran viu um movimento depois de uma árvore. Rapidamente comprovou que se tratava da Iolanda e caminhou para ela. Ao chegar, precaveu-se de que a jovem tinha lágrimas nos olhos e que se movia inquieta. Preocupado, perguntou-lhe:

—O que te ocorre, Iolanda?

Ela, apoiando-se na árvore, respondeu, escondendo uma mão atrás de seu corpo:

— Nada, senhor... Nada.

Kieran, ao ver seus olhos avermelhados, aproximou-se e lhe disse com afeto:

— Não me engane. Vamos, Iolanda, o que te ocorre?

Ela, incapaz de conter mais a dor, tirou a mão de detrás de suas costas e Kieran exclamou:

— Pelo amor de Deus, moça, como te tem feito isso?

Tinha o dedo anelar em uma posição que não era normal.

— Tenho um médico entre meus homens — a informou Kieran — Veem. Olhará lhe isso.

— Não, obrigada, senhor. Eu o solucionarei.

Surpreso, ele perguntou:

— Como que o solucionará? Necessita que lhe vejam essa mão rapidamente.

— Não... Não...

Cada vez mais sentido falta daquela jovem a que sempre via sorrir, insistiu:

— O que te passa?

— Agradeço-lhe sua ajuda, mas não quero ser uma carga para você e seus homens. Por favor, volte com sua gente. Eu me ocuparei de meu problema.

Sem entender o que lhe ocorria, Kieran a agarrou em braços e disse:

— Disse que me acompanhe e não discuta.

Sem poder parar de chorar pela dor que sentia, finalmente a garota não resistiu e se deixou levar, enquanto ocultava seu rosto no peito dele, que ia dizendo:

— Calma Iolanda...

Através de suas lágrimas, viu que vários dos O'Hara os observavam com curiosidade. Ao chegarem até o Patrick, que assim se chamava o médico, Kieran a deixou no chão e, lhe agarrando o queixo, afirmou com cavalheirismo:

— Nunca permitiria que seguisse sofrendo e tudo o que possa fazer para remediá-lo sempre será pouco.

Essas palavras tão afetuosas a fizeram sorrir e sentir-se um pouco querida.

— O dedo está quebrado — disse Patrick, lhe agarrando a mão — Terei que recoloca-lo e entalá-lo.

— Faça — ordenou Kieran.

Assustada, a jovem os olhou e o médico lhe advertiu:

— Doerá um pouco, mas não há outra forma de curá-lo, mulher.

Kieran viu que ela negava com a cabeça e interveio:

— Iolanda, a única forma de fazê-lo é como Patrick diz. — E, agarrando uma parte de madeira forrada em tecido que o médico lhe entregava, acrescentou: — Morde isto enquanto o faço. Ajudará te a aguentar a dor.

Acovardada, ela negou de novo com a cabeça, justo no momento em que Louis se

aproximava apressado e perguntava:

— O que ocorre a Iolanda?

Ao ouvir sua voz, a jovem ficou tensa. E, sem olhá-lo, rogou:

— Por favor, Louis, te afaste de mim agora mesmo.

— Por que? — perguntou ele, deslocado.

— Va! — gritou ela, decomposta.

— Já ouviste Louis, vá — interveio Kieran.

O semblante sério de seu lorde, fez retroceder ao Louis, mas não partir. Kieran voltou a oferecer a Iolanda o pau forrado, mas ela voltou a rechaçá-lo:

— Não o necessito. Aguentarei a dor.

— É muito doloroso — lhe advertiu Patrick.

— Disse que aguentarei. Não sou uma delicada rapariga e sei resistir — espetou a jovem, surpreendendo aos highlanders.

Kieran olhou ao Louis, que, sem entender nada, encolheu-se de ombros. Não sabia o que ocorria a Iolanda, nem por que reagiu assim. Kieran se sentou a seu lado enquanto o médico manipulava sua mão. Com os olhos exagerados, Iolanda aguentou a dor tremendo e, quando Patrick terminou, entalou-lhe o dedo e lhe deu algo de beber, ela o bebeu de um gole.

Logo, o médico lhe estendeu um saquito e disse:

— Dilui um punhado desta erva em água ao menos quatro vezes ao dia e toma-o. A dor desaparecerá, asseguro-lhe isso.

Iolanda foi agarrar o saquito, mas as mãos lhe tremiam. Rapidamente, Louis se aproximou para ajudá-la, mas ela, com gesto depreciativo, vaiou:

— Não necessito sua ajuda. Mulheres, como eu, sabem se cuidar sozinhas.

De novo, os homens presentes, se olharam. O que ocorria à simpática jovem?

Então, depois de agradecer ao Kieran e ao Patrick sua ajuda, afastou-se sem olhar Louis, que a observava desconcertado.

— O que fez a Iolanda? — perguntou Kieran surpreso.

Sem entender sua fria reação, quando até então sempre foram sorrisos e amabilidade, Louis respondeu:

— Nada que eu recorde.

Kieran a olhou tombar-se sobre uma manta ao lado do fogo e abrigar-se para descansar.

— A valentia desta moça me acaba de deixar sem palavras. Poucas pessoas aguentam a dor como ela acaba de fazê-lo. E te digo uma coisa, não sei o que passou entre vós, mas seja o que for,

sem dúvida Iolanda tem razão.

E dito isto, partiu deixando ao Louis ainda mais desconcertado. Depois de deixar a seu amigo olhando a quão jovem tentava dormir ao lado do fogo, Kieran se encaminhou para o Jesse Steward que, afastado do grupo, olhava o abrasado bosque. Quando chegou a seu lado, perguntou:

— Pode-me dizer o que é o que te atormenta?

Jesse fechou os olhos, envergonhado e respondeu:

— Não quero acreditar o que me diz meu instinto, O'Hara. Mas Cedric é um homem ambicioso e por ter o controle desta propriedade, sei que é capaz de algo.

Atônito pelo que essas palavras davam a entender, Kieran foi dizer algo, mas Jesse continuou:

— Davinia Ferguson foi minha prometida durante anos, mas quando Cedric retornou da Irlanda, depois de uma discussão com nossa mãe pelo castelo do Glasgow, desapareceu e, uma semana depois, retornou com a Davinia convertida em sua esposa. Tentei falar com ela, mas foi inútil. Só sei que Cedric é ambicioso e que sempre ansiou tudo o que, por direito próprio, me correspondia. Queria as terras de minha família e, ao não consegui-las, decidiu roubar meu tesouro mais prezado: Davinia.

Por fim Kieran entendia o que ali ocorria.

— Algo me faz temer que Cedric se voltou para extrapolar — murmurou Jesse.

— Realmente crê que ele pôde...? — perguntou Kieran espantado.

— Sim —cortou Jesse — A ambição de meu irmão não conhece limites.

Ele o olhou boquiaberto. Nunca pensou algo assim e, olhando ao Jesse, disse:

— Se comprovar que é certo, asseguro-te que a morte do Kubrat e sua gente não vai ficar impune.

— Tampouco por minha parte — afirmou Jesse destroçado.

Nesse instante, ouviram as exclamações de vários homens que olhavam para o alto do castelo. Eles dois olharam também para ali e Kieran sussurrou:

— Não me posso acreditar isso.

—A loucura o cegou —murmurou Jesse horrorizado.

Sobressaltados, viram como os homens do Cedric tiravam de maus modos os estandartes da família Ferguson que ondeavam nas almenas do castelo e punham os do clã do Cedric Steward. Um estandarte distinto ao que Jesse e seus homens levavam.

Capítulo 25

Na habitação de Angela, Davinia olhava a suas irmãs com expressão assustada. Ela melhor que ninguém conhecia o Cedric e sabia que a partir desse instante o futuro não lhes proporcionaria nada bom.

O que seu marido estava fazendo não gostava, mas não podia fazer nada.

— Como pode permiti-lo? — disse sua irmã Mai — Como pode permitir que nos roube nosso lar?

Davinia não sabia o que responder.

— Alguém tem que fazer cargo de tudo e Cedric...

Mas Mai a cortou, zangada.

— Nós não morremos! Seguimos sendo Ferguson e esta é nossa casa. Não pode tirar nossos estandartes.

Angela, que após o enterro esteve absorta em seu mundo, ao ouvir aquilo saiu de sua apatia e perguntou:

— Cedric tirou nossos estandartes?

— Sim, Angela — respondeu Mai, sentando-se a seu lado.

Como uma tormenta a ponto de estalar, Angela olhou a sua irmã mais velha e exigiu:

— Quero que seu marido volte a pôr os estandartes de nossa família e remova a dos Steward. Quero que esses homens saiam de nosso lar e se vão ao seu e...

O soluço de Davinia ao entender que suas irmãs tinham razão a interrompeu momentaneamente, até que, agarrando ar, gritou:

— Davinia, como o pudeste permitir? Somos Ferguson. Acaso o esqueceste? — E antes que nenhuma das duas respondesse, perguntou: — Onde estão William, Aston e George? Eles nos ajudarão.

Após muitas lágrimas, Davinia se retorceu as mãos. Ela não podia fazer nada, acaso suas irmãs não se davam conta? Tremente, foi responder, quando Mai lhe adiantou:

— Duvido que eles nos possam ajudar.

— Por que? — inquiriu Angela.

Tocando-a testa com pesar, sua irmã do meio respondeu:

— Porque estão fora do castelo. Cedric lhes proibiu entrar.

— Como?

O grito que soltou foi tão alto e potente que suas irmãs a olharam surpreendidas. Nunca ouviram Angela levantar a voz dessa maneira, mas isso lhe deu igual. Não pensava deixar-se dirigir

pelo idiota do Cedric. Totalmente fora de sério, levantou-se da cama e, dirigindo-se a sua irmã maia velha, repreendeu-a:

— Como o pudeste consentir? William, Aston e George são a única família, que fica. Acaso o esqueceste?

— Não. — sussurrou Davinia e, desesperada, acrescentou: — Eu não consenti nada. Eu não posso fazer nada para evitá-lo, é que não sabem?

— É sua mulher — replicou Angela — Ao menos poderia tentar falar com ele e lhe fazer entrar em razão.

Cansada de ocultar sua dura vida, sua irmã mais se levantou da cama, levantou-se as saias do vestido e, lhes mostrou as coxas e as panturrilhas, disse ante o horror delas:

— Estas marcas e outras que tenho no corpo são o que recebo quando me ocorre dar minha opinião. Crê que Cedric me escutará em um ponto tão importante?

— Oh, meu Deus! — murmurou Mai.

Horrorizadas, suas irmãs a olharam e Angela, abraçando-a, sussurrou:

— Matá-lo-ei!

Ao ouvi-la falar assim, Mai e Davinia se olharam surpreendidas e então Angela perguntou:

— Por que nuca nos disse nada?

— Porque não queria que nem vocês nem papai soubessem. Bastante sofrimento padece eu, para que vós o padeçam também.

Mai, unindo-se ao abraço das três, chorou pelo sofrimento de sua irmã, enquanto Angela, desconcertada, ruminava sem descanso.

Seu pai morreu, sua gente tinha morrido, e não pensava permitir que aquele imbecil continuasse maltratando a sua irmã e a separasse do William, Aston e George. Desesperada, soltou a suas irmãs, levou-se as mãos ao peito e reprimiu sua vontade de chorar. Não devia. Seu pai não quereria vê-la assim e perguntou:

— Sabe se Cedric enviou algum de seus homens em busca de quem cometeu a matança?

Davinia negou com a cabeça e rompeu a chorar. Angela blasfemou, parecia-lhe que ia se voltar louca.

Mai, horrorizada ao ouvi-la, tentou sujeita-la pelos ombros, mas ela escapou, abriu a porta e saiu da habitação. Davinia e ela correram detrás.

— Angela, para! — pediu Mai.

— Não! — respondeu.

— Angela, pelo amor de Deus, o que vais fazer? — perguntou Davinia, chorosa.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Ela, sem parar, respondeu:

— O que prometi a mamãe: cuidar de minhas irmãs.

Tentaram detê-la, mas foi impossível e, quando chegou à entrada do salão e viu seu cunhado bebendo com o Otto, Harper e Rory enquanto riam, lhe revolveram as vísceras. Cedric se comportava como se não tivesse ocorrido nada e, disposta a lutar pelo que era seu, gritou:

— Cedric, o que está fazendo em minha fortaleza?

Ao ouvi-la, eles se deram a volta e a olharam, e Cedric, levantando-se, disse-lhe, aproximando-se:

— Alegra-me ver que já está melhor, Angela.

Sem mover-se e protegida por suas irmãs, ela vaiou:

— Tira agora mesmo seus estandartes de meu lar.

Cedric soltou uma gargalhada. Uma mulher dando ordens a ele? Olhou a seus homens com gesto de superioridade e, olhando-a com gesto áspero, respondeu:

— Sou o marido de sua irmã mais velha e, por direito, quem agora manda aqui.

— Não o vou permitir.

Divertido, aproximou seu rosto ao daquela pequena ruiva e murmurou:

— Quem não vai permitir que te comporte como o está fazendo sou eu.

Angela levantou as sobrancelhas e sem um ápice de medo, espetou:

— E o que vais fazer, me vai pegar como a minha irmã, maldito porco?

Ele olhou a sua mulher e, tão surpreso como todos, por aquela mudança de atitude, da pequena dos Ferguson, com um maquiavélico sorriso respondeu:

— Se for necessário, não o duvide, querida Angela. A partir de agora, terá me respeito e não me voltará a responder desta maneira o...

— Responder-te-ei assim sempre que me dê a vontade — o cortou ela.

Um forte bofetão lhe cruzou a cara fazendo-a cambalear-se e quase cair.

— Deus santo! — gritou Mai, angustiada.

— Disse que não vou consentir esta falta de respeito! — vociferou Cedric.

Angela, cada vez mais zangada e com a bochecha ardendo pelo golpe, bramou:

— Ao respeito nos está faltando você, maldito covarde!

Deu-lhe um novo bofetão que a atirou ao chão. Horrorizada, Davinia chiou:

— Cedric!

Ao ouvir seu nome, olhou a sua mulher e, agarrando-a do braço, o retorceu com raiva.

— Não te dei permissão para falar, silêncio!

— Mas minha irmã...

— Disse que te cale — gritou ele, empurrando-a com fúria contra a parede.

Nesse instante, Royce, um dos Stewards que entrava no salão, ao ver aquilo perguntou:

— O que ocorre, meu senhor?

— Ensino-lhes respeito —grunhiu Cedric — São mulheres e têm que obedecer.

Ao entender o que acontecia, Royce se meteu entre ele e as mulheres e disse:

— Meu senhor, está muito nervoso. Deveria se acalmar.

Cedric o olhou com gesto áspero.

— Crê que não deveria fazer saber a minha mulher e a suas irmãs quem manda aqui? — perguntou.

Sem mover-se de onde estava, Royce respondeu:

— Estou seguro de que todas elas sabem.

Horrorizadas, as três irmãs viram como os guerreiros do Cedric o olhavam com atitude intimidante e que Royce se levava uma mão à cintura. Sem dúvida se estava preparando para defender-se de outros, quando Cedric levantou o queixo e, com gesto prepotente, depois de olhar a seus homens, que estavam detrás dele, comentou:

— Acredito que vou castigar a minha mulherzinha e suas irmãs simplesmente porque quero e gosto. Me deem um pau.

— Não! — chiou Davinia.

Se alguém sabia como gastava daquele animal, essa era ela.

Como uma fera, Angela se levantou e vociferou furiosa, enquanto Mai tentava retê-la:

— Não o vou permitir!

Cedric as olhou insolente e Royce interveio de novo:

— Senhor, as coisas não se fazem assim. Acredito que não é acertado que...

— Royce, te pedi conselho?

O homem não se moveu nem respondeu. Seu olhar se cruzou com a de Davinia e, quando foi dizer algo mais, Cedric o olhou com fúria e vaiou:

— Royce, hoje te vi falando com meu irmão. O que tinha que lhe dizer? — O guerreiro não respondeu e ele continuou: — Diga ao Jesse que se não querer vê-la morta e pendurada na torre, já pode ir-se daqui antes do alvorecer.

As três irmãs se olharam horrorizadas pelo que acabavam de escutar, quando Harper, Rory e Otto, que estavam detrás do Cedric, jogaram se em cima de Royce e o reduziram a murros, deixando-o atirado inconsciente em uma lateral do salão.

Davinia, ao entender que era um infiltrado do Jesse, foi ajuda-lo, mas Cedric a agarrou pelo braço e resmungou com raiva:

— É minha mulher, e se valora a vida desse idiota de meu irmão, de sua mãe ou do pequeno John, ordeno-te que não te mova ou os verá morrer um a um, entendido? — Davinia não respondeu e ele voltou a gritar: — Entendido?

Com medo que lhes fizesse mal a qualquer um deles por sua culpa, Davinia baixou a cabeça e assentiu. Não podia fazer outra coisa. Não podia permitir que acontecesse nada a ninguém ou nunca se perdoaria.

Ao ouvir aquela terrível ameaça, Angela se lançou contra Cedric, mas este, agarrando-a do pescoço, começou a apertar com força, enquanto sussurrava:

— Te matar seria muito fácil, Angela... Não me provoque.

No rosto dele se via que se deleitava ante o sofrimento da jovem, que já não podia respirar. Davinia gritou que a soltasse e Mai o suplicou. Finalmente, Cedric o fez e Angela caiu ao chão. Assustadas, suas irmãs a auxiliaram, enquanto ela tentava respirar e tossia descontrolada.

Ao ver que sua irmã estava bem apesar das marcas do pescoço, Mai se agachou junto ao Royce e comprovou que estava vivo. Isso a tranquilizou, até que ouviu dizer ao Cedric:

— Levem isso e, quando despertar, digam aos homens que o tirem fora do castelo para que meu irmão receba minha mensagem.

Instantes depois, vários daqueles brutos agarraram o corpo inerte do Royce e o tiraram do salão. Angela, furiosa por tudo, assim que se recuperou, arremeteu de novo contra Cedric, mas este, agarrando-a do braço, lançou-a contra a parede. Mai e Davinia correram a ajudá-la, e ele as olhou e disse:

— O clã Ferguson do Caerlaverock se extinguiu. Agora o castelo pertence ao clã do Cedric Steward. — E dirigindo-se a Mai, que o olhava com raiva, acrescentou: — Amanhã, você retornará à abadia e não te quero voltar a vê-la nunca mais por aqui ou sua irmã ou seu angélico sobrinho morrerão. — Davinia soltou um gemido de horror e seu marido continuou: — E você, como minha esposa que é, quero que reorganize este pestilento lugar para convertê-lo em...

— Aqui o único pestilento que há é você — vozeou Angela — Minha irmã Mai retornará a sua casa sempre que quiser, e como toca a Davinia ou a meu sobrinho, quem te matará serei eu.

Cedric, incrédulo, perguntou:

— O que te ocorreu, Angela? O valor te chegou de repente?

— Simplesmente, não tenho tempo de chorar se tiver que defender a meus de infames como você — replicou ela.

Rory, Harper e Otto entraram de novo no salão, esta vez sem o Royce. Cedric, ainda assombrado pelas coisas que lhe havia dito Angela, não tirou a esta a vista de cima. Se antes aquela moça queixosa foi uma moléstia, agora o era ainda mais. Por isso, com um sarcástico sorriso, sentenciou:

— Angela, te casará com o Otto Steward amanhã, e o que acontecer desse instante contigo pouco me importará.

Otto, depois de olhá-la com lascívia, assentiu com a cabeça.

— Desfrutá-la-ei em meu leito — disse — e depois a entregarei ao Rory e ao Harper para que se divirtam com ela também.

— Não! — gritou Davinia horrorizada.

Harper e Rory chocaram as mãos e riram. Aquilo ia ser divertido.

Mai e Davinia se olharam desesperadas, mas Angela asseverou com um fio de voz:

— Nada do que dizem ocorrerá.

— Oh, sim — Riu Rory — Ocorrerá.

— Amanhã se oficiará as bodas — concluiu Cedric.

— Não! — negou Angela.

Otto, desfrutando adiantado do que já imaginava, disse:

— Permita-o ou não, assim será, e não me tente, ruiva, ou agora mesmo, sem bodas nem nada, faço-te minha em qualquer rincão deste sujo castelo. E Cedric não se interporá verdade?

O mencionado sorriu e respondeu com mofa:

— Tenho que ser um bom cunhado. Despose-te e logo faz o que queira com ela.

— Não o vou consentir — vaiou Angela.

Depois de soltar uma gargalhada, Cedric respondeu:

— Seu pai já não está entre nós, por isso a absurda promessa que fez a sua mãe fica no esquecimento, pequena idiota. Agora eu mando em ti e digo que manhã será a mulher do Otto Steward. E está ansioso por te possuir.

— Oh, Deus santo — murmurou Davinia aterrorizada.

— Antes me tiro à vida, que me entregar a quem você deseje — replicou Angela com frieza.

— Angela, pelo amor de Deus! — chiou Mai ao escutá-la.

Davinia soltou um gemido: seu marido se tornou louco de repente.

Otto Steward se aproximou da Angela, agarrou-a pela cintura, apertou-a contra seu peito e sussurrou perto de sua boca:

— Será minha e nada o vai impedir.

Enojada por seu aroma de rançoso e pela repugnância que lhe causavam suas más intenções, sem duvidá-lo, empurrou-o com todas suas forças, tirando-lhe de cima.

Mai, disposta a tirar suas irmãs dali, agarrou-as pela mão e disse:

— Vamos, precisamos descansar.

Capítulo 26

Raivosa e fora de si, Angela desejou ter sua espada para lutar contra aqueles homens, mas seguiu a sua irmã. As três saíram do salão e, sem deter-se, chegaram à habitação.

— Não me vou casar com esse porco repugnante do Otto Steward.

Mai, ao ver aquela fúria e determinação que não conhecia em sua irmã pequena, disse:

— Calma, procuraremos uma solução. — E ao ver as marcas de seu pescoço, murmurou: — meu Deus, Angela, esse bruto esteve a ponto de te estrangular.

— Matá-lo-ei!

— Mas o que te ocorre? — perguntou Mai, sem entender essa mudança de atitude.

Davinia chorava com desconsolo, quando Angela gritou:

— Seu marido é o pior! Sempre o soube e agora o ratifico. — E ao recordar a seu pequeno sobrinho, perguntou: — Onde está John?

— Deixei-o no Merrick, com o ama. — E logo acrescentou com um fio de voz: — Não permitirei que toque a meu menino, nem permitirei que te destroce a vida a ti, como tem feito com o Jesse e comigo.

Mai e Angela a olharam, e ela prosseguiu:

— Cedric me obrigou a me casar com ele, disse-me que se não o fazia mataria ao Jesse e a sua mãe.

— O que?

Nervosa, Davinia se retirou o cabelo do rosto e choramingou:

— Já sabem que Cedric e Jesse são meio-irmãos e que este é filho de segundas núpcias e herdeiro por direito do castelo do Glasgow, propriedade de sua mãe. Quando morreu o pai do Cedric, a mãe do Jesse, lady Ofelia, tentou que ele se sentisse como em sua casa, mas Cedric nunca o pôs fácil. Sempre invejou não ser o herdeiro de tudo. Sabia que à morte de lady Ofelia, Jesse

herdaria o castelo e todos os bens. Por isso, quando retornou de lutar na Irlanda e soube que seu irmão me cortejava, buscou-me e... E... Uma tarde que veio com seus homens a nos visitar, com a desculpa de nos conhecer, quando estava passeando com ele pelo bosque, me... Forçou-me e... E...

— Meu Deus — sussurrou Angela.

Davinia, com os olhos carregados de raiva, murmurou:

— Arrebatou minha virtude como um selvagem e me gritou que eu era sua e não de seu irmão. Logo me advertiu que se dizia algo, matá-los-ia a todos. Obrigou-me a renunciar ao Jesse. Se me casava com ele, lady Ofelia e Jesse, morreriam e, após, só faço o que ele quer para manter ao Jesse e a sua mãe com vida. O... O único bom de tudo isto é meu filho... O pequeno John.

Angela e Mai a olharam, sobressaltadas, e esta última, aproximando-se dela, disse:

— E por que não disse nada, Davinia? Por que ocultou isso e que te agride?

Secando-as lágrimas que derramava a fervuras, gritou:

— Para que lhes ia contar isso? Para que lhes matasse a vocês também, ou a papai? Que exército podia lhes defender? Quem lutaria por vós?

Mai, sentando-se junto a ela, abraçou-a. Sem dúvida, seu calvário foi terrível e, acariciando-a, revelou:

— Agora entendo isso de que te casou com o Cedric por amor. Sem dúvida por amor ao Jesse, verdade?

Sua irmã assentiu e Angela, enojada ao saber o que tinha feito o besta de seu cunhado, abraçou-a para consolá-la. Assim estiveram abraçadas até que, de repente, Angela saltou da cama e afirmou com firmeza:

— Cedric matou papai.

— Angela... Isso não sabe — repôs Mai, olhando-a.

Davinia não disse nada, mas se levou a mão à boca.

— Foi ele — continuou Angela — Sei. Meu instinto me diz isso. — E com tom ameaçador, sussurrou: — O matarei. Juro que o matarei com minhas próprias mãos.

— Oh, meu Deus... Meu Deus — soluçou Davinia.

Mai se sentou na cama e a olhou.

— Calma irmã — lhe disse — Não tiremos conclusões precipitadas. Devemos solucionar isto e...

— Como? Como o solucionaremos? — gritou Angela desesperada — Se tem razão em algo, é que não há ninguém que possa nos ajudar contra esse verme do Cedric. Ninguém!

Respirando com dificuldade, calou-se e apareceu à janela. Dali viu a grande porta da

muralha fechada e aos homens do Cedric Steward custodiando-a. Ao levantar a vista para olhar ao céu, seus olhos distinguiram um dos estandartes Steward e, furiosa, vaiou:

— Não o vou permitir!

Como uma fera, saiu da habitação e subiu os degraus de pedra para as torres. Precisava tirar aqueles estandartes, e que o ar da noite lhe desse totalmente no rosto. Ao chegar, encontrou-se com um homem do Cedric, que se dirigiu a ela em atitude nada amistosa. Angela, sem pensar duas vezes, arrebatou-lhe a espada que ele levava na mão, volteou-a e, agarrando-a com segurança pela lâmina, deu-lhe um golpe com o punho na cabeça. O homem caiu ao chão sem sentido, enquanto Davinia e Mai, que a tinham seguido, davam um grito.

— Como... Como fez isso? — perguntou Davinia impressionada.

Angela amaldiçoou ao olhar a suas irmãs e, soltando a espada, continuou seu caminho até que elas duas, assustadas, sujeitaram-na pela saia do vestido.

— O que faz, Angela? O que vais fazer?

— Preciso pensar. Preciso saber o que fazer e com vocês choramingando não posso.

Mai e Davinia se tranquilizaram. Por um momento pensaram que sua irmã menor ia fazer uma loucura e lançar-se das torres.

— Devemos manter a calma — disse Angela então, voltando-se por volta delas — William sempre diz que, antes de enfrentar um problema, a cabeça deve pensar com frieza.

— Quando disse isso? — perguntou Mai, surpreendida.

Angela não respondeu, mas afirmou:

— Não me vou casar com esse Otto nem com ninguém que queira esse inseto do Cedric.

— É obvio, Angela... Isso não o vamos permitir — voltou a soluçar sua irmã mais velha.

— Quer deixar de chorar de uma vez? — disse ela, pondo os olhos em branco — Chorar não leva a nada. Devemos pensar o que fazer.

Mai e Davinia a olharam com curiosidade. Onde estava a chorona da Angela?

Ao ver como a olhava, ela, cansada de ocultar quem era em realidade, olhou à frente, onde havia um tronco de madeira apoiado no chão, depois se agachou, tirou uma adaga de uma das botas de cano longo e, olhando-as, perguntou, ao ver suas caras de surpresa:

— Veem esse tronco? — Ambas assentiram e prosseguiu: — Vê o nó da madeira, mais escuro, que há no centro, que está manchado de musgo?

De novo ambas assentiram e, sem dizer nada mais, lançou a adaga e a cravou na mancha de musgo.

Davinia e Mai a olharam, atônitas por sua destreza, e Angela, depois de ir até o tronco e

recuperar sua adaga, disse as olhando:

— William, George, Aston, em ocasiões Sandra e eu formamos o bando dos encapuzados faz já uns anos.

— O que? — sussurrou Mai.

— Oh, meu Deus! — balbuciou Davinia incrédula.

— Não sou tão torpe nem tão chorona como lhes quis fazer acreditar durante toda minha vida. Os cortes nas mãos ou os golpes que viram eram o resultado de lutas e treinamentos e...

— Meu Deus... acredito que me vou desmaiar! — balbuciou Davinia.

Sem lhe prestar atenção, Angela prosseguiu:

— Pode-se dizer que viram de mim o que eu aprendi com eles e...

— Mas, Angela, o que está dizendo? — murmurou Davinia ante o gesto de assombro do Mai.

— Lhe estou explicando isso, irmã.

— Mas você é uma dama e...

— E uma guerreira que protege a sua família e aos seus — finalizou ela com firmeza.

Mai, boquiaberta, pelo que estava descobrindo de sua irmãzinha torpe, sorriu e perguntou:

— Fala a sério, Angela? Você é a Fada?

Ela assentiu e, lançando de novo a adaga, voltou a dar no musgo e explicou:

— Sei utilizar a espada como qualquer guerreiro e tenho uma adaptada a minha medida.

— Senhor, que loucura!

— Loucura? — mofou-se Angela — Graças a isso, agora sei me defender melhor que você, e se tiver que... Que...

— Não matará! — exclamou Mai.

Angela a olhou com seriedade e respondeu:

— Como dizia papai, morte por morte. E só lhes digo uma coisa, vocês são as únicas que fica, que ninguém vos toque ou juro que verá comigo.

Suas irmãs se olharam surpreendidas. A segurança que desprendia as estava deixando sem palavras e, finalmente, Mai perguntou:

— Que mais lhe ensinaram os Shepard?

— Sei rastrear, caçar com arco, montar a cavalo e...

— Mas se lhe dão medo os cavalos! — replicou Davinia.

Angela sorriu e Mai, lembrando-se, inquiriu:

— O cavalo que sempre nos acompanhava à abadia por acaso é teu?

— Sim. É minha égua Briosgaid.

Davinia, abanando-se com a mão, exclamou deslocada:

— Angela, mas o que está dizendo?

— Irmã, te mostrei de mim o que queria que visse, igual a você me mostraste de seu matrimônio o que queria que visse. Mas a realidade é a que te estou contando.

Depois de um silêncio das três, Davinia murmurou:

— Vivemos todas enganadas.

Mai assentiu com a cabeça.

— Sim, mas já nunca mais devemos mentir entre nós. Somos irmãs, a única família que temos...

— Sinto muito... Sinto ter metido ao Cedric em nossas vidas. Oh, Deus... sinto-o tanto — soluçou Davinia, sentindo-se culpada de tudo aquilo.

Angela, depois de olhar a Mai e ver que esta olhava a sua irmã com gesto carinhoso, abraçou a Davinia e lhe disse:

— Você não tem culpa de nada. A culpa a tem quem todas sabemos e te asseguro que o que passou não vai ficar impune como é ele o responsável por todo o ocorrido. E quanto ao Jesse, deve lhe contar o mesmo que nos contaste, sem temer que Cedric lhe possa fazer mal ou não. Merece uma explicação e acredito que não saber o que ocorreu o está matando. Entendido?

Davinia assentiu e, com os olhos alagados em lágrimas, afirmou:

— Fá-lo-ei.

Ao ver sua determinação, Angela agarrou as duas da mão e se brindou:

— Eu te ajudarei. Não sei o que terei que fazer, mas esse porco não te vai voltar a tocar o...

— Nem a ti nem a ninguém... — grunhiu Mai.

Pela primeira vez em todo o dia, Davinia esboçou um tímido sorriso e perguntou:

— Mas como? Como faremos para...?

— Não sei — a cortou Angela. — Mas essa vil serpente vai pagar tudo o que tem feito, ele seja o culpado da morte de papai ou não.

As três irmãs se abraçaram e, depois de uns segundos, Davinia insistiu:

— A sério, é a Fada?

Angela ia responder quando um tumulto do exterior chamou sua atenção. Entre vários homens do Cedric levavam ao Royce, ainda inconsciente. Abriram as portas exteriores e o empurraram fora, atirando-o contra o chão de madeira da ponte. Ao vê-lo naquele estado, ensanguentado, rapidamente, os homens do Jesse junto aos de O'Hara foram auxiliá-lo.

— Pobre Royce. Agora entendo por que sempre estava perto de mim — ofegou Davinia ao vê-lo.

Mai, abraçando-a, murmurou:

— Calma essa surra não vai acabar com ele.

Com curiosidade as três seguiram com o olhar o que faziam com o Royce e viram que o levavam ante o Jesse e Kieran O'Hara, que rapidamente o atenderam. Angela, ao ver os O'Hara acampados depois das portas fechadas do Caerlaverock e não no bosque, sorriu. Sem dúvida, Kieran queria as ajudar e não confiava no Cedric.

— Por papai já não posso fazer nada — sussurrou Angela —, mas te juro, Davinia, que farei tudo o que esteja em minha mão para que Cedric não volte a aproximar de ti nem ao pequeno John. Mas de momento tenho que impedir minhas iminentes bodas.

— E como vamos fazê-lo? —expôs sua irmã.

Mai, depois de olhar aos homens de fora do castelo, disse:

— Se te casasse com outro antes de manhã, Cedric não poderia te obrigar a fazê-lo com o Otto Steward, verdade?

— Aham...

— E de onde vamos tirar um marido que enfrente a meu marido? — inquiriu Davinia.

Angela, que estava dando voltas a algo, perguntou com rapidez:

— O que lhes parece O'Hara?

— Kieran? — sussurrou Mai sem muita surpresa.

— Refere-te ao lorde Kieran O'Hara? — perguntou Davinia incrédula.

Angela, disposta a conseguir seu propósito e tentando não escandalizar em excesso a suas irmãs, disse, inventando uma mentira:

— Cortejou-me os dias que esteve no Caerlaverock e quando levamos a Mai à abadia.

— Sério? — exclamou Davinia.

Mai respondeu pensativa:

— Já via eu que te olhavam muito durante a viagem.

Sem tempo a perder, Angela prosseguiu:

— Só ele pode enfrentar-se ao Cedric. Tem valor, exército e coragem para fazê-lo. Se nos casarmos esta noite e me converto na senhora O'Hara...

— Está segura do que diz? — perguntou Mai.

Angela assentiu sem pensá-lo, e seguiu com seu discurso:

— Se o fizer, Cedric não se sairá com a sua e Kieran poderá impedir que Davinia retorne

com ele.

Esperançada pelo que acabava de dizer, Davinia assentiu com a cabeça, deixando de chorar.

— É uma loucura, mas esse O'Hara é nossa única salvação. E o melhor de tudo é que se fixou em ti!

— Oh, sim... Sem dúvida o fez — mentiu Angela.

Mai sorriu a sua irmã pequena e afirmou:

— Papai gostava O'Hara para ti. Disse-me isso uma tarde, falando com ele. Disse que esse guerreiro era valoroso...

— Também me disse — revelou isso Angela, a cada instante mais convencida do que devia tentar.

Ao as escutar, Davinia disse com segurança:

— Agora papai já não está junto a nós. Mas após ouvir suas palavras, algo me faz supor que estaria de acordo em que te desposasse com O'Hara. E como sou a irmã mais velha, insisto em falar com ele.

— Só há um problema — apontou Angela.

— Qual? — perguntou Davinia.

Retirando o cabelo do rosto, ela respondeu:

— Em seu lar o espera uma mulher chamada Susan Sinclair.

— Oh, meu Deus! — exclamou Mai.

— Mas não está solteiro? — perguntou Davinia escandalizada.

— Sim, Davinia, está, mas...

— E ousou cortejar a ti tendo a outra? — protestou ela.

Disposta a inventar a maior mentira do mundo para que suas irmãs não se preocupassem, com um sorriso que a ambas deslocou, Angela explicou:

— Kieran diz que quando me conheceu, deslumbraram-no meus olhos, meu sorriso e minha voz. Diz que sofre quando se separa de mim, que sou a luz de sua vida e... E... Beijou-me... E inclusive me chama "meu céu"!

Ambas gostaram de escutar isso, e Davinia quis saber:

— Não ama a essa outra mulher?

Angela negou com a cabeça.

— Não. Nada de nada.

— Então prossigamos com nosso plano, e mais se te beijou — afirmou Davinia.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Mai, ao vê-la tão resoluta, murmurou:

— Irmã... Não te reconheço.

Com um triste sorriso, Davinia sorriu e disse:

— Se não houver amor, evitar essas bodas não me causa nenhum remorso, e lhe digo isso eu, que me casei sem amar a meu marido. Celebremos como fez Evangelina com seu marido.

— Umas bodas de um ano e um dia? — perguntou Mai.

— Sim — afirmou Davinia — Se passado esse ano, ambos não quiserem renovar seus votos, poderão separar-se e...

Enquanto suas irmãs falavam e falavam, Angela olhou fora do castelo, enquanto se arranhava a sobrancelha com o polegar. Procurou o Kieran entre outros e o localizou perto dos cavalos, falando com o William. Ambos moviam as mãos e pareciam irados, e soube que falavam dela e de sua situação. Sem dúvida, Kieran tinha a força para enfrentar-se ao Cedric se chegava o caso, mas não sabia o que ia responder ante aquela louca proposição.

Mas sendo um momento tão desesperado, como o que estava vivendo, soube que devia tentá-lo. Tinha que arriscar-se e, disposta a fazer o que fora por não casar-se com o Otto Steward, olhou a suas irmãs e disse:

—Vamos, temos que sair do castelo para falar com o Kieran O'Hara.

Ambas a olharam surpreendidas e Davinia grunhiu:

— Por onde pretende que saiamos? Os homens de meu marido estão por toda parte e, assim que nos vejam, pararão nos e...

— Davinia, acabo de lhes dizer que sou a Fada. Sigam-me, sei como sair sem que nos vejam.

Sem dizer nada mais, as duas a seguiram. Na habitação, Angela se despojou da saia que levava, deixando descoberta suas calças de couro.

Davinia, ao vê-la, murmurou:

— Não é apropriado que uma dama se vista como um homem. — E ao ver que sua irmã não fazia caso, insistiu: — Pelo amor de Deus, Angela, não vai ver lorde Kieran O'Hara assim vestida.

— Oh Davinia, te cale! — interveio Mai.

Assim que abriu a tampa que comunicava com o túnel, Angela atirou uma corda e pouco depois apareceu uma bolsa. Dela tirou umas botas altas, que calçou, uma espada, uma aljava e uma capa de cor verde.

Suas irmãs a olhavam mudas, enquanto pensavam como é que nunca souberam daquela

portinhola. Quando Angela terminou, olhou-as e disse:

— Esta sou eu quando luto pelo que quero.

De repente, a porta da habitação se abriu e Rory Steward apareceu. Agarrou com força a Angela pelo braço e, atirando dela, resmungou:

— Vamos divertir-nos, pequena.

Angela, que tinha a adaga na mão, a cravou na coxa e Davinia, agarrando uma lenha da lareira, o estampou na cabeça. O homem caiu desmaiado ante elas.

— Deixa-me sem palavras, irmã — Riu Mai.

Sem tempo a perder, Angela foi até o homem, arrancou-lhe a adaga da coxa ensanguentada e, depois de limpá-la com a camisa dele, a guardou de novo na bota e disse:

— Me sigam, devemos sair daqui.

Sem pigarrear, suas duas irmãs se meteram no túnel e a seguiram. Correram pelo fedorento túnel que as levou até a saída, no meio do queimado bosque, e uma vez ali, Davinia sussurrou aliviada:

— Que peste...

— É um túnel, o que esperava? — espetou-lhe Mai.

E, tirando-as teias que lhes ficaram pegas à roupa, olhou a seu redor e, ainda surpreendida, exclamou:

— Incrível, Angela. Nunca teria podido imaginar isto.

Divertida ao ver suas caras, ela sorriu e respondeu:

— Disso se tratava, irmã, de que nunca imaginassem.

Capítulo 27

Avançaram com cuidado pelo bosque até chegar onde estavam o O'Hara. Iolanda, que olhava o fogo, deitada sobre uma manta, foi primeira em vê-la. Levantou-se de um salto e, correndo para ela, abraçou-a e perguntou:

— Como está, Angela?

— Bem... Bem... — E, ao lhe ver a mão enfaixada, interessou-se: — O que te passou?

— Nada, um golpezinho sem importância — respondeu a garota.

Um pouco mais tranquila, Angela olhou a sua nova amiga e a apresentou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Iolanda, elas são minhas irmãs Davinia e Mai. Irmãs, ela é Iolanda.

Depois de saudar-se, Angela viu que Aston e George se aproximavam correndo. Abraçaram-na também e se preocuparam em como estava.

— Pai há dito que se à alvorada não saísse, entraríamos nós para te buscar pelo túnel.

Angela os abraçou com carinho e também ao William Shepard e, quando se separou dele, disse, ao ver quão tenso estava:

— Estou bem. Asseguro-lhe isso, William, te tranquilize.

— Por são Drustan, moça, o que te ocorreu no pescoço? — inquiriu o homem ao ver os escuros hematomas.

— Nada...

— Foi Cedric, William — interveio Mai.

— Esse mal nascido — resmungou, mas ao ver Davinia, pediu-lhe desculpas: — O sinto.

Ela, a cada instante mais consciente do que seu marido estava fazendo, assentiu e murmurou:

— Não sinta William. Penso como você e espero que pague pelo que acredito que tem feito.

Preocupado por elas, o homem perguntou:

— Onde deixaste ao pequeno John?

— Em nossa casa no Merrick...

— A estas horas já estará com minha mãe em Glasgow — disse Jesse, aproximando-se deles — Ordenei que fossem buscá-lo quando cheguei aqui e vi o que ocorria. Sabe que mamãe o cuidará melhor que ninguém.

Davinia o olhou aliviada e, com um grato sorriso, murmurou:

— Obrigada.

Jesse assentiu com a cabeça e não disse nada mais. Seguia zangado com ela, apesar do muito que a queria.

Instantes depois, apareceu Kieran, acompanhado pelo Louis, Zac e alguns de seus homens e, olhando-a, disse:

— Não vou perguntar por onde saístes, mas...

Não lhe deu tempo a dizer nada mais. Angela se equilibrou sobre ele e, beijando-o na boca diante de todos, exclamou surpreendendo-o:

— Eu também senti tua falta, carinho.

O gesto de assombro foi coletivo. Kieran estava tão surpreso por aquele beijo, que quando

ela o soltou esteve a ponto de pedir uma explicação, mas então, Davinia expôs:

— Lorde O'Hara, tenho que falar com você.

Kieran, ainda com o sabor do beijo nos lábios, olhou a jovem, mas Angela, lhe agarrando o queixo para que olhasse a ela, comentou com graça:

— Vê como te digo isto, carinho.

— Carinho? — repetiu ele, boquiaberto.

Sem olhá-lo para não perder toda sua segurança, Angela continuou:

— Vá, carinho... Vá... Não faz falta que dissimule, minhas irmãs já sabem tudo.

— Angela, pelo amor de Deus, tenha decoro e respeita as formas.

— Davinia, te cale e lhes deixe falar! — interveio Mai.

Kieran piscou sem entender nada. Todos os observavam e Angela falou:

— Sei que o que te vou pedir é uma loucura e se te for sincera, não sei nem como lhe dizer isso sem que pense que perdi a razão. Disse-me que sou a luz de sua vida e as coisas mais bonitas e românticas que nenhum homem me disse em toda minha vida e...

— Mas o que está dizendo? — sussurrou ele ofuscado.

Ao ver que todo seu plano começava a se desmoronar, Angela lhe agarrou uma mão e, olhando-o diretamente aos olhos, prosseguiu com convicção:

— Carinho, não te incomode, até lhes contei que me chama "meu céu"!

— Que lhes disse o que? — perguntou Kieran, a cada instante mais desconcertado.

— Eu vi como se olhavam, lorde O'Hara — afirmou Mai.

Pela primeira vez sem palavras, Kieran olhou a Angela enquanto todos murmuravam a seu redor e, sem entender realmente a que jogava aquela pequena, sorriu e perguntou com tranquilidade:

— O que é o que me quer perguntar... *Meu céu*?

Ela, ao ver que lhe dava uma oportunidade e não a delatava ante suas irmãs, murmurou, olhando às pessoas que formavam redemoinhos a seu redor:

— Estou tão nervosa que não sei nem como lhe dizer isso

Intrigado pelo que estava tramando, Kieran a animou:

— Sem rodeios, Angela. Entre você e eu não há segredos.

— Sem rodeios? — repetiu ela e, ao ver que ele assentia, disse, tragando o nó de emoções que tinha na garganta: — Muito bem, lá vai, *carinho*. Casar-te-ia comigo agora mesmo?

O semblante do Kieran se decompôs, e todos os pressentes, abriram a boca, surpreendidos.

— Como disse? —perguntou Zac.

— Pediu-lhe que se case com ela — esclareceu Iolanda, tão atônita como todos.

— O que? — balbuciou Louis, boquiaberto.

William Shepard, com um sorriso que surpreendeu a Angela, comentou divertido:

— Sempre soube que era diferente, moça, mas nunca imaginei que te veria pedir matrimônio a um homem, e menos a um como lorde O'Hara.

Aston e George, ao ouvir seu pai, puseram-se a rir e Angela pôs os olhos em branco com gesto cômico. Aquilo que estava fazendo era uma loucura. Todos falavam, todos davam seu ponto de vista, menos Kieran, que, ainda estupefato, olhava-a sem dizer nada.

— Acaba-me de pedir matrimônio? — pôde articular por fim.

Angela assentiu com um sorriso.

— Aham... e lhe disse isso sem rodeios, carinho, como você me pediu.

— Oh, meu Deus! — exclamou ele, em certo modo divertido.

Essas palavras a fizeram sorrir, embora não era momento para fazê-lo. Mas todo seu mundo estava ao reverso e, ou sorria, como seu pai sempre lhe pedia, ou se desmoronava.

— Tornaste-te louca? — sussurrou Kieran.

Ela assentiu de novo. Sem dúvida, havia se tornado louca varrida, mas insistiu:

— Pensei que...

— O que pensaste?! — gritou ele, ao ver todo mundo opinando a seu redor.

— Lorde O'Hara — interveio Davinia — se chamou "meu céu" a minha irmã, sem dúvida alguma é porque existe algo entre vós e...

— Só tentamos acelerar o processo — concluiu Mai.

— O processo do que? — perguntou ele, surpreso, ao ver o Jesse sorrir, junto com o Louis e Zac. Sem dúvida, Angela era uma boa descarada, e suas irmãs não ficavam atrás.

Todos começaram a falar de uma vez e, ao final, Kieran a agarrou pelo braço, separou-a de todos os outros e, quando a teve o suficientemente longe, perguntou:

— A que vem o beijo diante de todos, me chamar "carinho" e essa absurda proposta?

— Necessito sua ajuda — respondeu ela, mais tranquila.

— A luz de minha vida? — vaiou — Eu hei dito essa bobagem?

— Va, carinho, exagerei um pouco, mas...

— Não volte a me chamar "carinho"! — replicou ele irritado.

— De acordo. Não o farei.

Incrédulo, Kieran a olhou. Ainda não podia acreditar o que estava passando e se afastou uns passos dela. Deteve-se, voltou a olhar e se aproximou de novo. Cravou nela seu olhar mais feroz e Angela, ao vê-lo, sussurrou:

— Pelo amor de Deus, não me olhe assim.

Kieran soprou, mas ela, consciente do que devia fazer, continuou:

— Sei que o que estou te pedindo é uma loucura, e mais quando você me disse que havia alguém especial esperando a sua volta. Mas necessito sua ajuda e é o único que pode me prestar isso. Se estiver casada contigo, alguém rico e com exército não poderá...

Kieran, levantando uma mão, ordenou-lhe calar. Durante vários segundos, Angela o olhou pensar, enquanto as veias do pescoço, parecia que iam estalar, e quando não pôde mais, acrescentou com acanhamento:

— Suplico-lhe isso pelo que mais queira, Kieran. Seriam só umas bodas de um ano e um dia.

— Um handsfasting?

Ela assentiu e prosseguiu esperançada:

— Prometo não ser um problema para ti.

— Que não vais ser um problema?

— Prometo-lhe isso.

A cada segundo mais atônito, ele a olhou e disse:

— Acredito que o mero feito de me casar contigo já seria um problema. Mas realmente pensaste o que diz? Mas como pode mentir dizendo que te cortejei e... E...? Meu Deus, está louca! Isso!

Mordendo o lábio com desespero ao ver que seu plano falhava, Angela suplicou se desesperada:

— Te case comigo, por favor. Tenho que proteger a minhas irmãs e se você não nos ajuda, estamos perdidas. Cedric obrigará ao Mai a desaparecer de nossas vidas, disse que se retornar ao Caerlaverock a nos visitar, matará a Davinia ou ao pequeno John. Minha irmã, como esposa dele, está submetida a seus caprichos e sofre contínuas surras e abusos desse infame e eu... Eu... Não lhe vou negar isso, estamos totalmente sós e por isso te necessito, Kieran.

— Angela...

— Não te peço que mate ao Cedric, nem que te enfrente com seu clã — insistiu — só necessito que me ajude a afastar a minha irmã Davinia de seu lado e isso unicamente o posso conseguir se te casa comigo. Kieran, se eu tivesse um exército que me respaldasse, não lhe pediria isso, mas não o tenho e por isso te necessito.

Ouvir que o necessitava gostou, mas casar-se com ela era um preço muito alto. Pensou em sua mãe e na Susan e, embora o que pensassem elas não era o mais importante, negou com a

cabeça. Não. Não podia fazê-lo.

Logo que conhecia a ruiva que lhe pedia ser sua mulher e, embora havia coisas dela que o atraíam, e sua aparição depois da angustiada espera o tinha tranquilizado, havia outras muitas que desconhecia e estava seguro de que não gostaria.

Imaginando as dúvidas dele, sem saber por que, Angela disse:

— Além de uma chorona, torpe e descarada, agora viu que também sou mentirosa, mas quero que saiba que só o fiz porque é a única forma de que minhas irmãs não me proibissem que te pedisse para te casar comigo e em especial por não as desgostar. Se elas acreditarem que existe algo especial entre você e eu, não sofrerão tanto como se souberem que entre nós só existe indiferença.

A mente do Kieran trabalhava a toda velocidade e finalmente sorriu. Não. Definitivamente, não se casaria com aquela descarada, nem louco!

Angela intuiu o que pensava, porque, olhando-o aos olhos, insistiu:

— Sei que é egoísta por minha parte te pedir isto. E mais quando tem a alguém te esperando em Kildrummy, mas...

— Sinto muito, mas é impossível. Não posso fazer o que me pede, Angela. — E ao ver como o olhava, concluiu: — Não posso me casar contigo.

O coração dela se rompeu. Levou-se a mão ao rosto com desespero e suspirou. Não podia obrigá-lo e, consciente de que de nada lhe serviria insistir, deu um passo atrás e disse:

— De acordo. Entendo-o, não se preocupe. Mas isso só me deixa três opções: me aguentar com o que há, que vai ser; fugir com minhas irmãs, que é complicado, ou procurar entre os homens que há aqui um marido para tentar burlar ao Cedric.

— Que vais fazer o que? — perguntou Kieran incrédulo.

— O que ouviste.

— Tornaste-te louca?

Com uma risada estranha, ela o olhou e confessou:

— Sinceramente, minha loucura, é o que menos me importa neste instante.

Mas não pôde continuar, porque suas irmãs e o resto dos pressentes se aproximaram deles, falando do enlace. Confuso, Kieran a olhou enquanto ela, arranhando-se com um dedo a sobrancelha, pensava em silêncio. Esse gesto lhe fez supor que não tramava nada bom e, inexplicavelmente, sorriu. De repente, imaginá-la beijando ou entregando-se a outro não gostou.

O que lhe ocorria?

Angela, alheia ao seus pensamentos, aproximou-se de sua irmã Mai e lhe cochichou algo ao ouvido. A religiosa olhou ao Kieran e ele soube que lhe comentou seu rechaço.

Sem poder deixar de olhá-la, percorreu-lhe o corpo de cima abaixo. Vestida com aquelas calças, aquelas botas, a espada à cintura e aquela camisa branca era uma autêntica tentação. Era Fada. A mulher que o tinha enrolado e por quem ele permaneceu naquelas terras, ansioso por encontrá-la.

Agarrando-a juba vermelha, Angela a retirou do pescoço para recolher-lhe com uma cinta de couro. Kieran observou seu fino pescoço, mas ao ver nele uns escuros rastros, trocou seu gesto e, caminhando para ela, perguntou, lhe assinalando as marcas:

— O que te ocorreu?

— Não te importa — respondeu Angela, afastando-se rapidamente.

Ofuscado por sua resposta, ficou olhando e Mai lhe disse:

— Foi Cedric. Tentou estrangulá-la.

Kieran, surpreso, sentiu como uma estranha fúria crescia nele. Se tivesse ao Cedric diante, matá-lo-ia por haver feito aquilo a Angela.

Mai, ao ver como olhava a sua irmã, aproximou-se dele e murmurou o mais dramática que pôde:

— Angela se encarou com o Cedric para nos defender e esse vilão a agarrou pelo pescoço para estrangulá-la, depois de esbofeteá-la e atirá-la ao chão. Esse animal a quer casar com o Otto Steward amanhã e o mesmo Otto há dito que, uma vez que a faça dele, a entregará ao Rory e ao Harper para que a desfrutem também.

— Deus santo — murmurou Kieran horrorizado, ao entender a urgência da jovem.

E, sem mais, Mai partiu atrás de sua irmã, deixando-o pensativo. Angustiado pelo que lhe revelou, sem saber o que fazer, fechou um momento os olhos antes de voltar a olhar a Angela. Sua vista foi até seu delicado pescoço e ao ver as marcas arroxeadas quis morrer.

Como podia lhe fazer isso o animal do Cedric?

Outra, em seu lugar, estaria se lamentando do dano sofrido, mas ela não. Aquela era a Fada que o enlouqueceu e ali estava, com o queixo levantado, procurando uma solução a seu problema sem lhe importar nada mais. Sem dúvida alguma, Angela era das que ocasionavam problemas e isso, sem saber por que, o fez sorrir.

Viu-a caminhar para o Zac, afastá-lo do grupo e falar com ele. Instantes depois, o jovem abriu desmesuradamente os olhos e Kieran sorriu ao imaginar o que lhe acabava de propor.

Sem dúvida, começou a fazer o que havia dito e isso lhe revolveu as tripas. Aproximou-se de novo, agarrou-a pelo braço para atrair sua atenção e disse:

— Vem, temos que falar.

Soltando-se dele com gesto carrancudo, repôs:

— Sinto muito, mas agora não tenho tempo, estou ocupada.

E, sem mais, afastou-se em direção ao Louis, que estava falando com o William. Zac olhou ao Kieran e murmurou:

— Acredito que se tornou louca.

— Acredito que já o estava — respondeu ele divertido.

A grande pernada apanhou-a antes que chegasse ao Louis. Pegou-a nos braços e, quando foi protestar, insistiu:

— Disse que tenho que falar contigo.

Angela soprou e Mai ao ver aquilo sorriu. Sem dúvida, aquele homem sentia algo por sua irmã.

Uma vez Kieran a separou do buliçoso grupo, deixou-a no chão e perguntou:

— O que se supõe que está fazendo?

Retirando o cabelo dos olhos, ela respondeu:

— Já sabe, procuro um marido para me casar urgentemente. Tenho que...

— Casar-me-ei contigo — a cortou.

Boquiaberta e surpreendida pela mudança, Angela sussurrou:

— Sério?

Kieran assentiu e ela rapidamente o abraçou e disse, tremendamente agradecida:

— Obrigada... Obrigada... Obrigada...

Ele, ainda sem saber por que aceitou isso, apartou-a para olhá-la e, tentando não fixar os olhos nos hematomas que tinha no pescoço e que o enervavam, particularizou com voz rouca, enquanto caminhava a seu redor:

— Mas só o farei se aceitar uma condição.

— Você dirá — assentiu interessada.

— Não quero exigências nem recriminações. Comportará te como a senhora O'Hara ante a gente e não me deixará em ridículo ou, se não, terei que te repudiar.

Angela olhou a sua irmã Mai e logo a Davinia, pensou na segurança destas, no que lhe tinha prometido a sua mãe, e assentiu:

— De acordo, farei.

— É obvio, não quero palavras adoçadas o...

— Ante minhas irmãs te rogo que te mostre carinhoso para que não saibam que as enganei e que em realidade não sente nada por mim. Disse-lhes que me chama "meu céu" e...

— Mentiste.

— Sei... Sei... Mas uma vez partam não terá que voltar me para dizer algo assim. Por favor... Rogo-lhe isso... Suplico-lhe isso.

Ao olhar seus olhos, soube o importante que era aquilo para ela e acessou:

— De acordo. Mas só até que se vão. — Aliviada, Angela sorriu e ele disse: — Não preciso dizer que desejo que evite essas palavras comigo.

— E se me escapam?

— Não lhe podem escapar — grunhiu.

— Mas e se me escapam?

— Disse-te que não lhe podem escapar — insistiu.

— E se te apaixona por mim durante este tempo?

Kieran, a cada instante mais surpreso por sua insolência, replicou:

—Pretende me tirar do sério e que não me case contigo?

Ela negou rapidamente com a cabeça e ele acrescentou:

— Não me apaixonarei por ti porque eu gosto das mulheres mais femininas.

Essa matização a incomodou. Tão bruta era? Mas com um fingido sorriso, perguntou:

— A Sinclair é feminina?

— Tremendamente feminina e delicada — afirmou Kieran — É o capricho de qualquer highlander.

Por um instante, Angela esteve a ponto de lhe dar um chute, mas consciente de que o necessitava, afirmou:

— Aceito suas condições.

Kieran assentiu. Sem dúvida estava muito desesperada por cuidar de suas irmãs e o confirmou quando, lançando-se de novo a seus braços, disse:

— Muito obrigada, Kieran... Obrigada por me ajudar a cuidar de minha família.

Suas palavras o cativaram. Aquela miúda jovem de cabelo vermelho era capaz de fazer algo pelo bem-estar de suas irmãs sem pensar nela. Isso lhe demonstrava que não era egoísta e gostou. Abraçou-a com atitude protetora e, com carinho e delicadeza, beijou-a na cabeça. Ao ver que William Shepard se aproximava deles, perguntou-lhe:

— Vai oficiar você o enlace?

O homem assentiu. Sem dúvida, aquela união era o melhor para a Angela. Kieran, depois de desfazer-se dos braços da jovem e ir esta com suas irmãs, olhou a seus surpreendidos guerreiros. Zac lhe soltou:

— Tornaste-te louco?

Kieran pensou um momento e logo afirmou sorrindo:

— Acredito que sim, Zac, completamente louco!

Louis, agarrando-o por braço, espetou-lhe:

— Kieran, está seguro? E Susan Sinclair?

Ao pensar nela, encolheu-se de ombros e respondeu:

— Se me amar, esperará.

Incrédulo por sua resposta, Louis perguntou:

— Ama a Angela Ferguson?

Ele olhou a jovem ruiva, que falava com suas irmãs vestida com aquelas calças e a espada ao cinto e, com um gesto que fez sorrir a seu bom amigo, respondeu:

— Não, mas necessita minha ajuda.

Zac soltou uma gargalhada.

— Já verá quando umas que eu conheço, a conheçam.

O comentário fez sorrir ao Kieran. Não lhe cabia a menor dúvida de que Angela se levaria muito bem com Megan e Gillian. Agora só faltava ver como se levaria com ele durante o tempo que durasse a união.

De repente, deu-se conta de que estava contente e que, sem saber por que, sorria sem parar.

Louis, ao ver sua determinação, deu-lhe uma palmada no ombro e disse:

— Muito bem. Vamos celebrar esse enlace.

Sem tempo a perder, os presentes fizeram um círculo com pedras no chão à luz da lua. Não havia flores, o fogo tinha acabado com quase todas, mas após rebuscar, Angela sorriu ao encontrar uns ramalhetes de urze escocês: a flor preferida de sua mãe.

Depois pensou em utilizar como buquê de noiva. Ao menos um símbolo de feminilidade. Minutos depois, perguntou a suas irmãs:

— Creem que faço bem?

Mai assentiu. Tivesse preferido umas bodas pela Igreja, mas aquele enlace para salva-la do Otto Steward valia a pena. Davinia, emocionada, comentou:

— Seu traje é quão único não vejo bem. Não é o mais adequado para umas bodas, mas...

— Davinia! — protestou Mai ao escutá-la.

Angela esboçou um sorriso. Iolanda se aproximou então a ela e, tirando um pente de sua pequena bolsa, pediu-lhe:

— Me deixe te soltar o cabelo. Sem dúvida estará mais bonita.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Como me vais pentear tendo a mão assim?

— É à esquerda e sou destra — esclareceu a garota, com voz cortante.

Ao ver o gesto de sua amiga e em especial seu tom de voz, Angela perguntou:

— O que te ocorre?

Precisando falar com alguém do que lhe ocorria, aproximou-se dela e murmurou:

— Esse idiota do Louis acredita que sou uma prostituta.

Surpreendida, Angela ia dizer algo, quando Iolanda o contou tudo. Ela a olhou. Logo que conhecia a moça e esta, ao entender seu olhar, esclareceu:

— Encontrou-me no bosque e pôde ver que tinha onde dormir ou o que comer, mas te asseguro que não sou nada do que esse parvo deu a entender.

Angela assentiu. Não tinha por que duvidar dela e afirmou:

— Pois o vais demonstrar com feitos. Esse grandalhão vai tragar suas palavras uma a uma.

Encantada, Iolanda sorriu e, com melhor cara, penteou-a. Quando terminou, Angela se levantou e, cravando seus olhos no Kieran que se aproximava, disse com determinação:

— Muito bem. Já estou preparada.

Kieran a olhou e, com um sorriso cúmplice, respondeu, observando suas calças, suas botas e sua capa.

—Não é a delicada noiva com a que imaginei me casar algum dia — e ao notar o olhar da Davinia, acrescentou: — mas está preciosa... *Meu céu*.

Angela, agradada, aproximou-se dele e murmurou ante o olhar do Mai:

— Eu tampouco imaginei minhas bodas assim... *Carinho*.

Esses comentários os fizeram sorrir a ambos, até que Jesse, que os esteve observando, aproximou-se deles e, depois de olhar a Davinia, perguntou, tendendo o braço a Angela:

— Permite-me te entregar a O'Hara como tivesse feito seu pai?

Angela assentiu com um sorriso, enquanto Kieran, ao olhá-la, sentia uma estranha inquietação. Contemplou a jovem com a que ia se desposar e sentiu que seu coração se acelerava. Surpreso, sorriu, ela o imitou e, sem dizer nada, todos se meteram dentro do círculo de pedras.

William, emocionado, olhou a Angela e, depois de lhe sorrir com carinho, agarrou sua mão e a do Kieran O'Hara e as atou com uma cinta que Davinia lhe entregou. Com decisão e sem tempo a perder, explicou-lhes os términos daquele matrimônio, e quando os noivos aceitaram, retirou-lhes a cinta e perguntou:

— Há anéis para intercambiar?

Depois de olhar-se, Kieran e Angela negaram com a cabeça. Tudo tinha sido tão

precipitado que não tinham nada para entregar-se, e William, assentindo, disse:

— Kieran O'Hara e Angela Ferguson, declaro-lhes marido e mulher por um ano e um dia.

Depois dessas palavras, os noivos se olharam aos olhos sem saber realmente o que fazer, enquanto os que os rodeavam aplaudiam. Angela, ao ver a Davinia olhá-la com estranheza, fez o que sua irmã esperava e, aproximando-se dele, deu-lhe um beijo. Davinia aplaudiu e quando ela foi sair do círculo, Kieran a agarrou pela cintura e, lhe dando a volta, aproximou-a e lhe disse em um tom íntimo:

— Senhora O'Hara, esta vez sou eu quem te exige um beijo possessivo.

E, sem mais, beijou-a apaixonado. Sem lhes importar quem os observasse, ambos desfrutaram daquele doce e terno beijo de uma maneira especial e quando Angela sentiu que não podia respirar e que um calor irrefreável lhe subia pelas vísceras, interrompeu-o.

Kieran quis protestar e exigir mais. Desejou agarrá-la entre seus braços e leva-la longe de todos para fazê-la sua, mas soube que nesse instante não devia fazê-lo. Finalizado o beijo todos aplaudiram e Davinia e Mai, emocionadas, aproximaram-se de sua ruborizada irmã e a abraçaram.

William, Aston e George a felicitaram com carinho quando suas irmãs a soltaram. Com um estranho sorriso, Angela os abraçou. Estava contente porque tinha evitado as bodas com o Otto Steward, mas não podia evitar que agora estava casada com o Kieran O'Hara sem amor. Justo o que seus pais nunca tinham querido para ela.

Louis e Zac felicitaram ao noivo e todos os guerreiros O'Hara lançaram vivas por seu lorde e suas recentes bodas e também o fizeram os guerreiros do Jesse Steward pelos noivos.

Durante o tumulto, Jesse ao ver-se perto da mulher que amava, agarrou-lhe a mão sem duvidá-lo, disposto a lhe pedir às explicações que nunca lhe tinha dado. Davinia ao notar sua mão, agarrou-o com força, disposta a lhe contar toda a verdade. Mai os olhou e, animados por ela, afastaram-se para falar.

Depois das felicitações, Kieran agarrou de novo a mão da Angela e com decisão, aproximou-a até o fogo e, olhando a seus homens, falou:

— Apresento-lhes a sua senhora, lady Angela O'Hara. A partir deste instante a devem proteger, cuidar e respeitar tanto como a mim ou a minha mãe, entendido?

Todos assentiram com decisão levantando suas canecas. Angela sorriu agradecida pelo detalhe e, sem duvidá-lo, agarrou uma caneca, encheu-a de bebida e a levantou a modo de brinde com todos eles. Uma vez bebeu um gole, olhou ao homem que estava a seu lado e que agora era seu marido e murmurou:

— Obrigada, Kieran.

Ele, olhando-a desde sua altura, sem lhe soltar a cintura, suspirou e disse:

— Espero não me arrepender.

— Não te arrependerá. Apenas te dará conta de que existo.

E dito isto, separou-se dele e retornou junto à Iolanda e Mai.

Era o melhor.

Capítulo 28

Louis, ao ficar a sós com o Kieran e ver como este olhava a que era agora sua mulher, com um sorriso lhe expôs:

— Como crê que sentará isto no Kildrummy?

— Não sei.

Zac, aproximando-se deles, deu um golpe ao Kieran no ombro e murmurou:

— Acredito que lady Susan Sinclair não vai fazer muita graça estas bodas.

De repente, as portas da ponte do castelo se abriram e vários guerreiros do Cedric Steward saíram por elas. Com urgência, agarraram Mai e a Angela com a intenção de levá-las ao castelo. As duas jovens se defenderam, mas lhes resultou impossível resistir.

Os O'Hara, ao vê-lo, rapidamente foram com seu lorde até onde eles estavam e Kieran gritou, ao ver o Otto agarrar a Angela pelo cabelo:

— Solta-a imediatamente!

O outro olhou ao Kieran.

— Não te meta em assuntos que não lhe incumbem — disse e, aproximando-se da Angela, vaiou: — Sem dúvida é uma fera a que me vai encantar submeter.

Uma flecha foi cravar-se no ombro do homem, que imediatamente a soltou. Ela, ao sentir-se liberada, deu um forte soco, muito direito, ao que agarrava a sua irmã e, puxando Mai, afastou-se deles.

— Vá... Que bom golpe lhe deu sua mulherzinha a esse Steward — se mofou Louis ao ver o Kieran baixar seu arco, furioso pelo ocorrido.

Segundos depois, Cedric, seguido por vários de seus homens, saiu raivoso e, olhando a Angela e a Mai, gritou:

— O que fazem vocês fora do castelo? Por onde saístes?

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Ninguém respondeu e ao ver o Otto ferido, foi com passo decidido até a Angela, mas quando foi agarra-la pelo braço, Kieran ordenou furioso:

— Não toque a minha esposa, Steward, ou o lamentará.

Cedric parou surpreso.

— Sua esposa?

Com gesto de asco, Angela se retirou dele e Kieran disse, assinalando as pedras que havia no chão:

— Acabamos de oficiar o enlace, portanto, cuidado tocando a minha mulher ou a alguma de suas irmãs, ou terei que te ferir como ao ousado que acaba de lhe pôr as mãos em cima.

Otto ao ouvir isso, amaldiçoou e, com fúria, gritou levantando-se:

— Cedric, o trato era que a ruiva seria minha...

"O trato? Que trato?" pensou Angela.

— Te cale! — bramou Cedric.

Mas o outro, dolorido pela flecha que lhe atravessava o ombro, rugiu zangado:

— É minha. Você disse que...

Kieran, ao ouvir aquilo, ameaçou-o levantando a voz:

— Volta a dizer que minha mulher é tua e a seguinte flecha vai direta ao coração.

Angela sorriu. Ninguém a tinha defendido nunca assim e sem dúvida gostou. Mas Otto, incapaz de calar, continuou:

— Cedric, prometeu me entregar à ruiva. Disse que uma vez acabássemos com seu pai...

— Te cale, Otto! — chiou Cedric e, dando a volta, cravou-lhe a espada, que levava na mão, no estômago. Com os olhos em branco, Otto caiu morto ante todos e algo saiu rodando do bolso de sua camisa.

Horrorizada, Angela viu o bracelete de sua mãe. Paralisada, não pôde mover-se e Kieran se agachou enquanto ela dizia com voz trêmula:

— Te vou matar, Cedric. Juro-o por minha vida.

Kieran a olhou, mas não disposto a deixar que fizesse algo que a atormentaria o resto de seus dias, agarrou-lhe o queixo com os dedos e pediu:

— Angela... Me olhe.

Ela o fez e ele disse:

— Sou seu marido. Casaste-te comigo para que te ajude e lhes proteja a ti e a suas irmãs, e aqui estou, de acordo?

Angela assentiu. Ele tinha razão. Sem dúvida, sua experiência e a dele nada tinham que

ver. Então, Cedric gritou furioso:

— Onde está a ignóbil de minha esposa?

— Cedric Steward — chiou Kieran com voz cheia de cólera — matou ao Kubrat Ferguson?

Ninguém respondeu até que de repente se ouviu o rugido do Jesse. Davinia corria atrás dele, tentando detê-lo, mas ele ia direito para seu irmão com o semblante atordoado, enquanto bramava:

— Como pudeste?

Kieran, depois de pedir a Angela que não se movesse do lado do Louis, interpôs-se no caminho do Jesse, enquanto este gritava toda classe de impropérios, depois de saber o que Davinia lhe tinha contado.

Cedric, ao entender o porquê de seus gritos e ver que aqueles o sujeitavam para que não lhe aproximasse, ordenou com um feroz tom de voz:

— Davinia, veem aqui!

Com rapidez, Angela e Mai ficaram ao lado de sua irmã. Zac, junto ao Aston e George, cobriu-as. Por nada do mundo deixariam que aquela pobre moça retornasse com aquele animal.

Cedric voltou a vociferar:

— Mulher, sou seu dono, veem aqui!

— Não! — gritou ela.

O gesto do Cedric se obscureceu e vaiou:

— Juro que chiará de dor quando te pilhar a sós.

— Antes te matarei — replicou Jesse decomposto.

— Ou o matarei eu — afirmou William, lívido de raiva pelo que estava descobrindo.

Mai, falando em nome de suas irmãs, disse, agarrando a Davinia com força:

— Minha irmã nunca retornará com o assassino de nosso pai e nossa família.

Ao ouvir isso, Jesse olhou ao Kieran e este assentiu, pálido de fúria. Jesse e Davinia olharam a Angela sobressaltados e ela assentiu:

— Sim, irmã. Acabamos de descobrir. Foi ele.

A loucura se apoderou de todos. Os guerreiros do Jesse e Kieran se amontoavam, desejosos de lançar-se à luta, enquanto os do Cedric saíam do castelo.

Nervosa, Davinia retorcia as mãos, assimilando o que suas irmãs lhe acabavam de confirmar. Ouvia o Jesse gritar que não se movesse e a seu marido, que fora junto a ele. O que devia fazer?

— Não te mova de onde está — lhe ordenou então Kieran com voz grave e, voltando-se de novo para o Cedric, disse: — Como marido da Angela Ferguson, repito, mataste você ao Kubrat Ferguson e a todos os que estavam no Caerlaverock?

A tensão se intensificava por segundos. Muitos guerreiros do Cedric, ao ouvir aquilo, baixaram suas armas, horrorizados e se uniram aos guerreiros do Jesse. Eles não tinham participado daquela horrível matança e não queriam saber nada disso.

Cedric, ao vê-los, olhou-os e vaiou:

— Voltem para suas posições e defendam a seu senhor.

Os homens se olharam desconcertados e Royce, saindo de entre a multidão, sentenciou:

— Nenhum deles é um assassino como você. Não sei quando cometeram essa atrocidade, mas sim sei que nem estes homens nem eu participamos dela.

— Não lhes precisei — afirmou Cedric —. Otto, Harper, Rory e eu nos encarregamos sem sua ajuda.

As lágrimas das três irmãs ao ouvir isso se fizeram irrefreáveis. Cedric gritou:

— Caerlaverock necessitava um líder e Kubrat Ferguson não o era.

Angela quis lhe arrancar os olhos ao lhe escutar dizer isso, mas Aston e George a pararam, enquanto Louis sujeitava a Mai e Jesse consolava a Davinia.

Kieran, ainda incrédulo, para evitar mais sofrimento às mulheres, disse:

— Acredito que o mais razoável é que entremos no castelo e falemos do ocorrido, não crê?

— Não tenho nada que falar contigo nem com ninguém. Fora de minhas terras!

— Não são suas terras — gritou Angela — Estas terras são dos Ferguson e assim seguirá sendo, goste a ti ou não, maldito assassino.

— Cedric, vou te matar! — vozeou Jesse fora de sua razão.

Angela o olhou. Sem dúvida entre o que sua irmã lhe tinha contado e o acontecido, o pobre não dava crédito a seus ouvidos. Mas Cedric, em lugar de intimidar-se, sorriu e afirmou:

— Sua bonita Davinia é minha. Minha mulher. Por fim pude ter e desfrutar de algo que desejava antes que você. Inclusive me permiti lhe marcar o corpo para que não esqueça quem manda nela.

Isso voltou mais louco ao Jesse, que, saltando por cima de vários homens, elevou a espada ante seu irmão, justo quando uma flecha vinda detrás do Cedric, dava-lhe totalmente no braço. Jesse caiu ao chão, ferido, ante o horror dos pressente.

Mas com uma rapidez que os deixou a todos perplexos, outra flecha alcançou ao homem que tinha disparado ao Jesse e lhe cravou no coração. O guerreiro caiu ao chão e Royce, com seu

arco na mão, disse:

— Morto Otto, morto Harper, só faltam Rory e você.

Davinia, horrorizada ao ver a flecha atravessar o braço de seu amor, soltou-se de suas irmãs e foi auxilia-lo, enquanto Cedric, encantado de ver seu irmão ferido, vaiou:

— Veem aqui, Davinia ou te prometo que sua vida será um inferno maior do que já conhece.

Ela se levantou do chão para encarar-se com a má sorte de que Cedric se moveu rapidamente e, agarrando-a do cabelo, arrastou-a para ele.

A jovem gritou e suas irmãs também. Angela quis correr para ela, mas Kieran e Aston o impediram. Não devia aproximar-se daquele louco.

Jesse, enquanto seus homens o levavam para um lado, blasfemou horrorizado pelo que ocorria e Cedric, enlouquecido, levantou com brutalidade a sua mulher e, ante todos, disse, lhe pondo a espada no pescoço:

— É uma prostituta digna de trabalhar em um lupanar. Vou-te fatiar o cangote.

— Não! — gritou Mai, horrorizada.

Angela tremia, com a respiração acelerada. Tinha que parar ao Cedric fosse como fosse e, resguardada atrás do Kieran e dois de seus homens, agachou-se e tirou da bota sua pequena adaga. Aston a olhou e assentiu. Sem dúvida, o fator surpresa seria o melhor.

A tensão lhe percorria todo o corpo, mas não estava disposta a abandonar a sua irmã a sua sorte.

Davinia paralisada de terror, sentia como o aço cortava sua fina pele quando ouviu o Jesse suplicar:

— Pelo amor de Deus, Cedric, não o faça!

Seu meio-irmão riu e, sem lhe importar quem o escutasse, disse:

— Será seu pescoço tão frágil como foi o de seu pai e o da cozinheira?

— Cedric... — soluçou Davinia.

Alienado, ele murmurou, enquanto um fino fio de sangue começava a brotar do pescoço da Davinia:

— Nunca me gostaste. Só te queria para amargurar a meu irmão e para me ficar com o Caerlaverock. O último passo era matar a seu pai e, quando chegou o momento, essa velha raposa sorriu ao intuir o que ia fazer. Desejava morrer e não me deu o gosto de lhe ouvir suplicar por sua vida.

Kieran olhou a Angela. Estava pálida, tremia e respirava com dificuldade. Preocupado por

ela, sussurrou, sem tirar a vista de cima ao Cedric:

— Calma Angela... Acalme-se, *meu céu*.

Com os olhos alagados em lágrimas, ela assentiu, e então Kieran disse com voz cortante:

— Cedric, pensa o que vais fazer. Se matares a Davinia, outra morte, além da de seu pai e sua gente recairá sobre ti e...

— Solta-a, por favor! — suplicou Mai, chorando desconsolada.

Mas então Davinia fez algo que conseguiu que Angela reagisse. Com mão tremente, como pôde, levou a boca para lançar um beijo ao ar. Isso fez saber a suas irmãs que estava se despedindo delas e o coração começou a lhe pulsar desbocado.

Não. Não ia permiti-lo.

A tensão era tremenda. Ninguém podia fazer nada. Qualquer movimento acabaria com a vida da Davinia, e todos sabiam. Kieran, com frieza, pensou em como atuar, mas fizesse o que fizesse poderia prejudicar a jovem. Olhou ao Louis e este negou com a cabeça. Ele tampouco o deixava claro. William, apenas sem respirar, olhou a seus filhos e estes lhe indicaram que não se movesse.

De repente, a espada do Cedric caiu ao chão e ele levou as mãos ao pescoço. Davinia, ao sentir-se liberada, correu para sua irmã Mai e logo até o Jesse, que a chamava enquanto o sangue emanava a fervuras do pescoço daquele vilão.

Surpreendidos, todos olharam a jovem Angela. Foi ela era quem arrojou a adaga com precisão e, antes que Kieran a pudesse deter, caminhou para seu cunhado e, agarrando a faca pela punho, com frieza, arrancou do pescoço. Um jorro de sangue brotou e, sem nenhum tipo de piedade, disse:

— Espero que apodreça no inferno mais negro que exista. Você, que levaste a vida de meu pai, e de minha gente, eu, levo a tua, Cedric Steward. Como dizia meu pai, uma morte por outra morte.

Sem dizer nada, o desprezível ser que lhe amargurou a vida a sua irmã e matou a seu pai, pôs os olhos em branco e, depois de convulsionar-se no chão, caiu morto junto ao Otto e Harper.

Kieran olhou ao Louis e, com um movimento de cabeça, indicou-lhe que se ocupasse de tudo. Logo se aproximou da Angela, que, com os olhos velados pela fúria e a tensão, murmurou:

— Vinguei os meus. Cedric merecia morrer.

Rapidamente, Kieran foi ao balde de água e colocando nela as mãos ensanguentadas, as lavou. Depois as secou com o tartán que levava, olhou-a e disse:

— Tudo acabou, de acordo?

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

A jovem assentiu e ele a estreitou com carinho entre seus braços e a beijou na cabeça, enquanto a sentia tremer. Assim estiveram até que Mai se aproximou deles e Kieran a soltou, para que as irmãs pudessem abraçar-se. Instantes depois, Davinia se uniu ao abraço. Definitivamente, todo aquilo tinha acabado.

Capítulo 29

Angela despertou assustada. Malditos pesadelos! Abriu os olhos e se sentou na cama, quando umas mãos a sujeitaram e uma voz lhe sussurrou:

— Calma, está a salvo.

Angela respirou angustiada e viu Kieran sentado na cama de seu quarto, a seu lado. Passou grande parte do dia observando-a enquanto dormia. E pôde ver como os pesadelos não a deixavam descansar.

Preocupado por ela, estendeu-lhe uma caneca com água e quando Angela bebeu, voltou a deixar a caneca sobre a descascada mesinha.

— Um pesadelo? — perguntou-lhe.

Ela assentiu, enquanto notava que seu coração, desbocado pelo medo do que tinha sonhado, acalmava. Fechando os olhos, respirou fundo, como seu pai tinha lhe ensinado e logo sentiu que a tensão de seus ombros desaparecia. Mais da cama, abriu um olho para observar seu marido. Este seguia olhando-a. Voltou a fechar o olho, mas ao fazê-lo, precaveu-se de que só levava uma velha camisola. Rapidamente, tampou-se com o tartán que a cobria e perguntou:

— O que está fazendo aqui?

Kieran sorriu. Sem dúvida, sua mulher era peculiar. Levantando-se da cama, sentou-se na cadeira onde levava horas e disse:

— Velando pelo sono de minha mulher.

Ela assentiu. Assim, não foi um sonho, estava casada com ele, e murmurou:

— Oh, meu Deus, é verdade!

— Sim, Angela. Somos marido e mulher.

Assustada por estar no quarto a sós com ele e meio nua, perguntou:

— E minhas irmãs?

— Imagino que por algum rincão do castelo — respondeu ele com tranquilidade, enquanto

desfrutava da beleza dela ao despertar, despenteada e com os olhos inchados.

— Posso te perguntar algo? — perguntou Kieran. Ela assentiu e ele disse: — O que sonha em seus pesadelos?

Angela fechou os olhos, soprou e finalmente explicou:

— Às vezes recordo, vejo uma e outra vez a minha mãe e meus irmãos desmembrados e cheios de sangue. Vejo-me correndo pelo bosque, assustada, em busca de meu pai. E em outras ocasiões sonho que nos assaltam, não há um exército que nos defenda e vejo meu pai e minhas duas irmãs morrerem ante mim, e eu não posso fazer nada.

Isso deixou muito claro ao Kieran que, acima de tudo, sentia-se desprotegida. Seus sonhos eram uma lembrança do passado e um medo horroroso de perder o único que ficava: sua família.

Angela a cada momento parecia-lhe cada vez mais sedutora. Se ele não a notasse, de repente, esse pensamento desapareceu, e não pode tirar os olhos, nem sua atenção da ruiva, que era sua esposa.

Depois do ocorrido na madrugada anterior, só pôde afastar-se dela uns metros. Não queria que nada, nem ninguém, lhe pudessem fazer mal nem a envenenar. A necessidade que sentia de protegê-la ainda não se explicava. E quando a viu entrar no castelo e subir correndo às torres para tirar os estandartes do Cedric Steward, não soube se a beijava ou se zangava, por sua impaciência.

Assim que desceu das torres, sentou-se a enorme mesa de madeira, a falar com suas irmãs e quando Kieran se deu conta, estava dormindo. Depois de um gesto de Mai, para que a levasse ao quarto, ele a colheu com delicadeza e a levou para que descansasse.

Kieran não dormiu. Passou horas observando-a. Aquela jovem agora era sua mulher e ainda não podia entender, o que o tinha impulsionado a cometer semelhante loucura, que o fazia tão feliz. E, sobretudo, o que ia fazer com ela?

Coibida pela intimidade que compartilhavam naquele quarto, Angela o observava. Kieran, apesar de sua amabilidade, de seu cavalheirismo, de sua generosidade e de sua cordialidade com ela e suas irmãs era um homem forte e perigoso. O poder que irradiava seu olhar, ou seu corpo, era entristecedor, e de repente, foi consciente da confusão em que se colocou, casando-se com ele.

Kieran, ao ver como o olhava, soube o que pensava e, sem mover-se, disse:

— Calma, Angela, não espero nada de ti, se você não quiser.

Ela assentiu. De momento se tranquilizou e ele, levantando-se da cadeira, indicou-lhe:

— Desça ao salão quando estiver preparada. Devemos ter um bate-papo com suas irmãs.

Sem olhar atrás, Kieran saiu do quarto e, quando fechou a porta, apoiou-se na parede e amaldiçoou. O que lhe passava com aquela mulher?

Era um homem adulto, curtido na batalha e ela, uma jovenzinha sem experiência, mas a seu lado se sentia inquieto e desconcertado. Amaldiçoou dando um murro à parede que lhe esfolou os nódulos. A dor o fez voltar para a realidade e desceu ao salão.

Um momento depois, quando Angela também chegou, com seu vestido gasto, encontrou suas irmãs, William, Kieran e Jesse sentados à mesa. Todos a olharam e lhe sorriram. Ela, depois de lhes dedicar um nervoso sorriso, sentou-se junto a suas irmãs e comeu o que Davinia lhe pôs adiante.

De repente, olhando-os, perguntou:

— Onde enterrastes os corpos dos Stewards?

— Meus homens cavaram uma fossa longe daqui — respondeu Kieran.

Angela assentiu e perguntou:

— Também do homem que havia em meu quarto?

Os homens se olharam. Não tinham encontrado ninguém ali e Mai murmurou:

— Então Rory Steward segue vivo. Deve ter escapado pelo túnel.

— Duvido que voltemos a saber algo mais dele. Era um covarde — disse Davinia.

Angela continuou comendo e, quando terminou, Jesse, que estava frente a elas, lamentou-se:

— Sinto muitíssimo o ocorrido. Nunca imaginei algo assim do Cedric. Se soubesse, teria atuado antes.

Nenhuma delas falou e ele prosseguiu:

— Eu, William e Kieran conversamos, e entre os três, acredito que tomamos a melhor decisão a respeito de seu futuro.

— Nosso futuro? — repetiu Angela, levantando-se na defensiva.

— Angela... Moça... Sente-se, por favor — lhe pediu William.

— Ah, não... — insistiu ela — Ninguém voltará a decidir por nós. Não enfrentei o Cedric para que...

— Angela! — cortou-a Mai — Cala e escuta, por favor.

Aborrecida, ela o fez e, depois de ver que todos a observavam, Jesse continuou:

— Não me deste tempo de dizer que só se fará o que vocês quiserem.

Angela assentiu. Sem dúvida tinha se precipitado e Kieran, que estava ao lado do Jesse, acrescentou:

— Mai, imaginamos que você quererá retornar à abadia, verdade? — A jovem assentiu e ele a informou: — No momento que você quiser, vários de meus homens, ou os do Jesse lhe

escoltarão até lá.

— E minhas irmãs? —perguntou ela.

William Shepard esboçou um sorriso e Jesse respondeu:

— Davinia retornará comigo ao Glasgow e, quando passar um tempo, casar-se-á comigo, sempre e quando ela queira.

Angela a olhou e sorriu. Os olhos de Davinia se encheram de lágrimas e, surpreendida, olhou a suas irmãs. Estas assentiram e ela, olhando o amor de sua vida, respondeu com decisão:

— Nada nesse mundo, eu gostaria mais.

William sorriu sentado junto ao Kieran e este último expôs:

— E Angela e eu partiremos para o Kildrummy e...

— Como? Por que? — perguntou ela.

— Angela! — exclamaram Mai e Davinia ao escutá-la.

A jovem ia dizer algo, quando Kieran lhe adiantou:

— Meu céu, agora é minha mulher, não o recorda?

Ela assentiu ao ver que ele estava dissimulando ante suas irmãs, mas murmurou:

— Quero ficar aqui. Em Caerlaverock... *Carinho*.

— Agora é minha mulher, Angela, e não vou deixar-te aqui, exposta a toda classe de penúrias. — E prosseguiu: —William e seus filhos virão conosco a Kildrummy. Eles aceitaram. É o melhor para todos.

— Deve partir com seu marido, Angela — disse Mai — Aqui já não há nada. Não há campos que cultivar, nem gente que os cultive. Não há bosque. Só há um castelo saqueado e...

— Mas é meu lar — sussurrou de causar pena.

— Seu lar agora é Kildrummy... meu céu — asseverou Kieran.

Levantando-se da mesa, rodeou-a e, pegando a Angela pelo braço, tirou-a do salão ante o gesto de surpresa de todos. Uma vez no corredor, olhou-a e disse:

— Recordo-te que se me casei contigo, chamando-me esse ridículo de “meu céu” e te segui na pantomima de que te cortejava, é porque você me pediu, por seu bem-estar e o de suas irmãs. O que está fazendo agora?

Ela assentiu.

— Tem razão — admitiu — mas tudo mudou. Cedric morreu e não quero ser uma carga para ti. Ambos sabemos que tudo é mentira e...

— Não vou permitir que me faça ficar como um mau highlander que abandona a sua mulher em um lugar inóspito para...

— Não quero partir — o cortou ela.

Incrédulo pela rapidez com que trocava de opinião, olhou-a e insistiu:

— Por que não quer me acompanhar?

Com um gesto que, ao Kieran pareceu muito precioso, ela o olhou e murmurou:

— Sinto-me mal. Sinto-me culpada pelo que te fiz fazer por nada. Se eu soubesse deste desenlace, não te teria pedido matrimônio e...

— Mas não o podia saber, Angela.

— Tem razão, mas agora está unido a mim por um ano e um dia e...

— Só fica um ano... O dia já passou.

Ela sorriu e disse:

— Kieran, apenas nos conhecemos. Não sabemos nada um do outro, mas estamos casados...

— Isto é contigo — a cortou ele.

Ao ver o bracelete com a pedra verde de sua mãe, que seu pai guardava, os olhos de Angela se encheram de lágrimas e murmurou, abraçando-o:

— Obrigada... Obrigada por me entregar isso

Kieran, comovido por aquele abraço, contou-lhe, consciente do que lhe entregava:

— Sua irmã me disse que era de sua mãe e agora é teu. — E, pigarreando para não emocionar-se, prosseguiu: — E voltando para o tema que nos ocupa, devemos deixar passar esse ano. Além disso, sempre existe a possibilidade de que me apaixone por ti neste tempo. — Isso fez que ela sorrisse e ele continuou: — E, nunca te deixarei na rua, embora não renovemos os votos...

De repente, ouviram uns gritos procedentes da cozinha do castelo. Kieran e Angela reconheceram a voz da Iolanda e, com rapidez, encaminharam-se para lá. Ao entrar, ouviram a jovem dizer:

— Te afaste de mim, e não volte a te aproximar nunca mais, em toda sua vida.

— Mas o que te ocorre? — perguntou Louis desconcertado.

Iolanda, sem precaver-se de que outros olhos os estavam observando, respondeu:

— O que me ocorre é que pessoas como você têm feito de mim o que sou, e... E... Eu... Não...

Arrasada, sentou-se em uma cadeira com os olhos cheios de lágrimas. Louis foi se aproximar de novo, quando ela, agarrando um prato de cerâmica, ameaçou-o:

— Se te aproximar te rompo isso na cabeça.

Angela entrou na cozinha para deixar-se ver e, olhando ao Louis, fez-lhe um gesto com a

cabeça para que se retirasse.

Logo, com cuidado, aproximou-se de sua amiga e, sentando-se frente a ela, murmurou:

— Veem aqui.

Angela a abraçou com ternura com o bracelete de sua mãe ainda na mão e Iolanda começou a chorar.

— Quero voltar aonde me encontrou — sussurrou — Ali... Ali era feliz a minha maneira e não tinha por que... Por que...

Kieran, sem entender nada, entrou também na cozinha e, olhando a seu amigo, murmurou:

— Pode-se saber o que acontece com vocês dois?

— Não sei, Kieran... Não sei o que lhe passa. Vim vê-la, para perguntar como se encontrava e reagiu como vê.

Com um gesto, Angela lhes ordenou calar e, quando a jovem Iolanda se tranquilizou, lhe enxugando as lágrimas com os dedos, disse:

— Não vais retornar aonde te encontrei, porque esse não é lugar para uma pessoa tão maravilhosa como você e porque a necessito a meu lado.

— Mas...

— Iolanda, me escute — insistiu Angela e, depois de colocar o bracelete de sua mãe, olhou ao Kieran e perguntou: — Quando partimos para Kildrummy?

Surpreso pelo giro que estava tomando a conversa, Kieran olhou ao desconcertado Louis e respondeu:

— Assim que você esteja preparada.

Angela assentiu e acrescentou:

— Iolanda virá conosco em qualidade de dama de companhia.

Kieran assentiu sem duvidá-lo. Ele tampouco pensava deixar a jovem onde a encontraram e quando Angela lhe sorriu agradecida, estremeceu-se, mas com dissimulação sorriu e continuou olhando-a.

Ela, voltando a dirigir-se a sua chorosa amiga, disse com clareza:

— Necessito que venha comigo a Kildrummy. — E olhando-a com uma cara lisonjeira que fez sorrir ao Kieran, murmurou: — Por favor... Por favor... Iolanda, não me diga que você também vai me deixa.

— Mas e o que faço eu em Kildrummy? — perguntou a garota.

Ao ver que eles as olhavam, Angela baixou a voz e respondeu:

—Quão nem mesmo eu sei. Aguentar um ano. Quando passar, nós duas iremos e

poderemos começar de zero.

Iolanda a olhou e ela insistiu:

— Não me negue sua companhia. Necessito-a ao meu lado para poder sobreviver ao ano que me espera.

Ao ouvi-la, Kieran a olhou. Tão terrível era estar casada com ele?

Um bom momento depois, após conseguir que Iolanda aceitasse acompanhá-la, quando Angela saiu da cozinha e passou pelo lado ao Louis, sussurrou:

— Alguém te disse o bocão que é? — Logo olhou a seu marido e acrescentou: — Obrigada por permitir que Iolanda nos acompanhe.

E dito isto, saiu da cozinha e partiu.

— Bocão? — perguntou Louis — Por que me disse isso?

— Você saberá amigo... Você saberá.

Louis, ao ver como olhava a Angela, que se afastava, sorriu e predisse divertido:

— Sem dúvida vai ser um ano interessante.

Capítulo 30

Quatro dias depois, com as coisas esclarecidas entre todos, Mai retornou à abadia acompanhada por vários guerreiros do Jesse Steward. Era o melhor para todos. Quanto antes retomassem suas vidas, mas rápido normalizaria tudo.

Essa noite, Angela e Davinia ficaram conversando até tarde diante a enorme lareira do salão. Sem dúvida, suas vidas tinham mudado e sua irmã mais velha estava animada com o seu futuro. Angela o duvidava, mas preferiu calar.

De madrugada e sem sono, quando Davinia partiu para descansar, Angela subiu às torres: necessitava ar fresco. Ao chegar ali, olhou ao horizonte e suspirou, ao ver a desolação do bosque queimado. Esfregou-se os olhos com tristeza. Tinha chorado tanto que já não ficavam lágrimas. Tinha que se despedir desse lugar, de seu lar e começar uma nova etapa de sua vida.

Com pena, abandonou as torres e foi para seu quarto. Ao entrar e fechar a porta viu a lareira acesa. Isso a surpreendeu, até que ouviu:

— Estava te esperando.

Ao olhar, viu o Kieran convexo na cama. Estava nu da cintura para acima e em décimos de

segundos, seu corpo se esquentou. Era esplêndido, incrível e tentador. Seu torso era musculosos como seus braços, mas rapidamente, Angela apartou a vista e a dirigiu ao teto.

Kieran ao ver seu apuro e seu rubor, sorriu. Sem dúvida, vê-lo sem camisa a intimidava.

— Que olhas com tanta atenção? — perguntou-lhe.

— O teto.

Durante uns segundos, nenhum dos dois disse nada, até que Kieran insistiu:

— É interessante o que vê?

Agora quem sorriu foi ela, mas o sorriso se apagou quando ele a ameaçou:

— Vamos, te dispa e veem te deitar.

Morta de calor pelo que Kieran lhe pedia, murmurou:

— Acredito... Acredito que dormirei vestida.

Ele sorriu, levantou-se e, lhe agarrando a mão, disse:

— Não seja tímida. Sou seu marido.

Enquanto caminhava por trás dele, olhou em suas costas. Mas quantos músculos tinha? Sem poder nem querer evitá-lo, seus olhos se fixaram em várias feridas já sanadas. Sem dúvida, aquilo teve que lhe doído.

Quando Kieran chegou à beira da cama, soltou-a e, assinalando uma velha e puída camisola cinzenta, que estava sobre uma cadeira, afirmou:

— Prometo não olhar.

— Seguro?

— Acabo de lhe prometer isso.

— E tenho que confiar em sua palavra?

— Você o que crê? — incomodou-se ele.

Ela, ao dar-se conta do que estava dizendo, assentiu e respondeu:

— Tem razão. Se não confiar em ti, com o que te está levando comigo, estaria louca.

Kieran esboçou um sorriso e, contendo a vontade que tinha de abraçá-la, comentou:

— Angela, estou cansado e quero dormir, mas não vou consentir se dorme vestida. Tem duas opções: ou te despe você ou te dispo eu.

— Oh, meu Deus.

— Exato. Vamos, te troque.

— Seria capaz de fazê-lo? — E ao ver seu olhar, rapidamente respondeu ela mesma. — De acordo. Eu... Eu o farei.

Sem mais, Kieran se deu a volta com galanteria, e com um sorriso na boca.

Não podia acreditar que ele estivesse fazendo aquilo. Sem tempo a perder, Angela tirou o vestido, depois dele a regata e, quando colocou a camisola, anunciou:

— Terminei.

Ele virou e a olhou. Era preciosa. Incrivelmente bonita. Sorriu e, contendo o instinto que o impulsionava a tomá-la, disse:

— Agora deve descansar. Deite-te.

Ela o fez sem pigarrear e voltou a olhar o teto. Kieran, divertido, caminhou para o outro lado do leito e se deitou a seu lado. Angela esteve, durante um bom momento, rígida como uma estaca, até que ele lhe perguntou, com voz cansada:

— Assusto-te?

— Não.

— Seguro? — insistiu, enquanto a olhava.

— Sim. — E ao notar seu olhar, acrescentou, sem apartar a vista do teto — É só que me é estranho compartilhar esta intimidade contigo.

— Me olhe quando te falo, por favor — lhe pediu ele.

Ela fez o que lhe pedia e quando seus olhos se encontraram, perguntou:

— Tanto te incomoda me ter em sua cama?

Seu rosto o dizia tudo e lhe rogou:

— Me diga a verdade, por favor.

Angela, depois de olhá-lo em silêncio, murmurou:

— É meu marido e não sei que esperas de mim.

— Já lhe disse isso — esclareceu molesto — Não espero nada que você não deseje.

— E por que está aqui em vez de com seus homens?

Essa pergunta em certo modo o pegou de surpresa. Ninguém o obrigou a ir a aquele quarto, mas ali estava e, depois de pensar, respondeu com tranquilidade:

— É minha mulher. Estamos recém-casados e, se não dormir contigo, começarão os falatórios...

— Entendo-o — o cortou.

O silêncio voltou a encher a habitação e Kieran esboçou um sorriso.

Ele, que era desejado pelas mais formosas mulheres da Escócia, que morriam por colocá-lo em seus leitos, diante de sua esposa, não sabia como proceder.

Angela era sua mulher, tinha pleno direito sobre ela, mas nunca faria nada que pudesse resultar desagradável para os dois. Seu corpo a desejava e lhe pedia que a possuísse, mas sua cabeça

insistia a não perder a razão. Quando seus olhares se voltaram a encontrar, não pôde mais e fez o gesto de levantar-se. Sentou-se na cama e Angela o interrogou:

— Aonde vai?

Sem querer olhá-la, respondeu:

— Acredito que o melhor será que vá com meus homens, embora murmurem.

Desconcertada pelo que o fazia sentir, agarrou-lhe uma mão. Ele a olhou e ela falou, convidando-o a deitar-se:

— Vamos, deite. Você também precisa descansar.

Esgotado pelos dias que levava dormindo ao relento, deixou-se cair de novo sobre o leito e, olhando-a, disse em tom grave e sedutor:

— Obrigado.

Angela sorriu. Não sabia por que, mas Kieran lhe dava tranquilidade e segurança. Ele, ao ver seu gesto, inquiriu surpreso:

— Por que sorri agora?

Com um gesto íntimo que o apaixonou, a jovem deu a volta na cama, para o olhar de frente e respondeu:

— Faz-me graça pensar que por minha indecência e impaciência estou casada contigo.

Ele sorriu também e Angela perguntou curiosa:

— Como crê que ficará Susan Sinclair? — E, sem poder evitá-lo, acrescentou: — O capricho de qualquer highlander.

Kieran se apoiou em um cotovelo e, depois de olhá-la durante um momento que a ele deixou curioso, murmurou:

— Imagino que feliz não a fará. Terei que falar com ela.

— Pedirá que te espere até que acabe nosso enlace?

— Possivelmente — respondeu com sinceridade.

Um estranho mal-estar se apoderou de Angela, mas sem querer pensá-lo, voltou a perguntar:

— E sua mãe? O que dirá ela?

— Terá que esperar e ver — respondeu Kieran — A ideia que levou de ti é que era chorona e insuportável.

Angela começou a rir e ele, divertido, murmurou:

— Não ria.

Sem poder parar, ela disse:

— Sua mãe me dá pena. Pobrezinha, o susto que vai levar quando me ver e souber que sou sua mulher.

Kieran riu também. Rir com ela era fácil e ao ver que o olhava, expôs-lhe:

— Você gosta do que vê?

— É um presunçoso e pretensioso, sabia? — respondeu.

Ele soltou uma gargalhada e, tomando ar, disse:

— Sou consciente do muito que atraio às mulheres. Nunca nenhuma se foi descontente de meu leito nem de meu lado.

— Somo ao anteriormente digo vaidoso e presunçoso.

Retirando-lhe uma mecha que lhe caía sobre os olhos, com voz íntima, Kieran particularizou:

— Digo a verdade, Angela. Sou um homem que sabe satisfazer às mulheres nos prazeres carnais.

Ao ouvir isso, o rosto dela ficou vermelho como um tomate. Divertido ao vê-la, ele quis saber:

— Incomoda-te meu torso nu?

Angela, consciente de como a observava, reconheceu:

— Não me incomoda, mas...

— Mas?

— Põe-me nervosa. É só isso.

— E por que fica nervosa?

Receosa pela pergunta, ela o olhou.

— Porque nunca compartilhei, meio nua, meu leito com nenhum homem. Por isso me põe nervosa. Possivelmente, se fosse uma mulher experimentada, estaria te olhando, como você me faz, em lugar de estar tremendo como uma boba.

— Estou te olhando?

— Sem dúvida alguma — afirmou Angela.

Kieran riu divertido.

— Eu adoro sua suavidade e sinceridade. Não as perca nunca.

Isso a fez sorrir e o coração do Kieran deu um tombo emocionado. Seu sorriso era perfeito, incrível e seu olhar, sedutor. Para ele aquilo também era novo. Era a primeira vez que levava um momento em uma cama com uma mulher, meio nua, e a sós, e ainda não a tinha feito dele.

— Eu também quero ser sincero contigo, e tenho que te dizer que, ou deixa de me olhar,

com a intensidade com que o faz, e deixa de morder o lábio, ou no fim vou desejar fazer algo mais que estar deitado a seu lado.

— Estou te olhando?

Kieran sorriu e disse:

— Desde meu ponto de vista, sim.

Ela, de novo voltou a ruborizar-se, e ele, soltando uma gargalhada, sussurrou:

— Tranquilize Angela, e não me tenha medo, de acordo?

Sobressaltada, acalorada e alterada pelo que seu corpo lhe exigia, respondeu:

— Aham...

Ao escutá-la, Kieran se deixou cair de novo na cama para não olhá-la. Esse "Aham" era muito da Fada. Cruzou suas mãos sob a cabeça e, olhando o teto, para desse modo esfriar seus pensamentos, propôs:

— Durmamos. Será o melhor.

Angela ficou também de barriga para cima, como ele, fechou os olhos e tentou dormir, mas foi impossível. Nunca compartilhou o leito com um homem, e embora tentasse não rodar para o lado em que estava Kieran, era impossível. Devia sujeitar-se na borda da cama se não quisesse terminar sobre ele.

Quando a respiração do highlander se normalizou, e ela intuiu que estava dormido, moveu-se. Olhou-o e observou com atenção, enquanto com o dedo indicador se arranhava a sobrancelha. Sem dúvida alguma, casou-se com um homem muito bonito. Mas realmente não sabia nada dele. Não sabia nem sua idade.

Atraída como um ímã levantou uma mão. Desejava tocá-lo, sentir seu calor, o tato de sua pele, mas tentou resistir. O problema era que a tentação, era muito forte, e que o tinha muito perto. Muito.

Olhou seus lábios, aqueles lábios sedutores que beijou em outras ocasiões, e sentiu que lhe faltava o ar. Acalorada, se abanou com as mãos e se voltou a tombar.

Por que Kieran a fazia acalorar-se assim?

Mas voltou a olhá-lo, e sua mão se dirigiu para seu torso duro e fibroso. Com cuidado de não despertá-lo, tocou-o com um dedo e se assombrou da calidez e textura de sua pele. Animada ao ver que suas carícias não o despertavam, incorporou-se com cuidado na cama para observa-lo melhor.

Que arrumado era!

Sentiu como seu interior se desfazia e esquentava ao olhá-lo. Com curiosidade, observou

seu largo e musculoso peito e seus fornidos braços, fibrosos pela luta com a espada. Kieran O'Hara vestido era imponente e poderoso, mas semi desnudo como estava nesse instante, era tentador e inquietante.

"Deus santo, mas o que estou pensando?" zangou-se a si mesma.

Emocionada pelo que seu corpo lhe pedia, e sua mente imaginava, levou as mãos à testa. Amaldiçoou em silencio, pelo que não podia parar de desejar e imaginar, e ao final cravou seus curiosos olhos na linha de pelo loiro, que desaparecia pela cintura da calça.

Acalorada, estava soprando, quando o ouviu dizer:

— O que pensa Angela?

Sua voz, como entoava seu nome e, ao sentir-se descoberta, a fez amaldiçoar. Finalmente, olhou-o sem acovardar-se, e se encontrou com os olhos do Kieran que a observavam e, sem mover-se, respondeu:

— Pensava que é um homem forte e imponente.

Ele, que fingiu dormir naquele momento, e a observou conscientemente, todos e cada um de seus movimentos, sorriu. Que ela se arranhasse a sobrancelha, com o polegar, o fazia saber que estava pensando e, lhe acariciando o queixo com carinho; murmurou em tom rouco:

— E você é uma mulher muito bonita, descarada e curiosa.

— E torpe...

— Isso já começo a duvidar, *preciosa*.

Essa última observação a fez sorrir. Kieran, desejoso de pôr em prática o que não devia, resistiu seus impulsos e disse, convidando-a a deitar-se:

— Acredito que deveria descansar.

Ela negou com a cabeça.

— Não posso... Agora não.

Ao recordar seus pesadelos, Kieran a entendeu.

— Estarei a seu lado se tiver um pesadelo.

— Não é pelos pesadelos — repôs em tom baixo.

Sem mover-se, ele a observou e, quando falou, Angela confessou:

— Kieran, minha parte desavergonhada e descarada, me faz querer saber como satisfaz às mulheres, nos prazeres carnais.

Ele, como sempre, surpreendeu-se. Sem dúvida, Angela era uma mulher apaixonada, mas sem querer cair na tentação, de algo que sabia que poderia sair mal, advertiu-lhe:

— Não me tente ou esta vez, não vou parar.

Disposta a conseguir o que queria, olhou-o.

— Desejava a Fada, e ela sou eu. — E, ao ver como a observava, acrescentou: — Te desejo e sei que me deseja.

— Claro que te desejo — afirmou em voz baixa.

— Não sei o que me ocorre, mas, toda eu, deseja te beijar, te tocar, te saborear. Quero te chamar "carinho"... E desejo que me toque...

— Sente que seu interior arde? — perguntou Kieran.

Sem um ápice de vergonha, ela assentiu.

— Sinto que meu corpo deseja algo que só você pode me dar.

Encantado pelo que lhe dizia, sem mover-se, perguntou:

— O que desejaria neste instante?

Acalorada pelo que suas palavras, seu olhar e seu corpo a faziam sentir, Angela notou que lhe faltava o ar, mas respondeu:

— Desejaria te beijar.

Kieran assentiu, enquanto notava como o calor subia por seu corpo e seu pênis se inchava sob a calça, quando disse:

— Me beije então, mas...

Sem deixá-lo terminar, pôs lhe um dedo nos lábios para que se calasse. Enfeitiçado pelo momento e a sensualidade que ela desprendia, não se moveu. Se o fazia não haveria maneira de pará-lo.

— Sou sua mulher — asseverou Angela — e embora saiba que não reclama meu corpo, desejo-te e sou eu quem reclama o teu. Sou inexperiente. Não sou como as mulheres que ocupam sua cama, cheias de luxúria e experiência, mas até morta de medo, lhe peço isso.

Com carinho, Kieran a beijou. Efetivamente, era inexperiente, mas isso mesmo era o que o apaixonava e, terminado o beijo, murmurou:

— Angela, me volta louco.

Encantada por suas palavras e mais, depois do doce beijo que lhe tinha dado, prosseguiu:

— Sei que é indecoroso, pretensioso, imoral e insolente, o que te peço, e mais quando entre nós não haverá nunca nem exigências nem recriminações, mas prefiro que você seja o primeiro homem que...

Não pôde continuar. Agora foi Kieran quem lhe tampou a boca com um dedo e sussurrou:

— Cala. Não continue.

Imaginar que outro tomasse o corpo que lhe pertencia por direito o encolerizou. Fechou os

olhos. Grande parte dele desejava tomá-la e fazê-la sua, mas sabia que assim que o fizesse, ela exigiria algo mais que certos momentos de risadas e diversão. Com os olhos fechados, procurou seu autocontrole e, quando os abriu, instintivamente agarrou-a pela cintura e a sentou, escarranchada, sobre ele.

O que estava fazendo?

Angela, ao sentir entre suas pernas o ardor e o batimento do coração do que exigia, ofegou e Kieran murmurou louco de desejo:

— Se te possuir, nada mudará entre nós.

— Esse foi o trato por ambas as partes — respondeu ela.

— Nada de exigências e nada de recriminações fora do leito.

— Assim será — conveio, convencida do que dizia.

Levada pelo desejo, não sabia o que estava dizendo, mas sim sabia o que queria experimentar. Então, o calor se fez insustentável e Kieran disse com voz carregada de desejo:

— Vamos, meu céu, me beije!

Fascinada, arrebatada e cativada por seus desejos, e por aquele incrível sedutor, sem duvidá-lo se inclinou e o fez. Aproximou sua boca a dele, que lhe oferecia, e o beijou. O primeiro contato foi tremendamente sensual e fez que ambos ofegassem. Angela, arrebatada, movia-se enquanto seu cabelo vermelho, lhe caía sobre o rosto, e Kieran, desejoso de vê-la, o recolhia sujeitando-o com a mão e lhe dizia:

— Sempre que estiver no leito com o ser desejado, minha preciosa Angela, terá que lhe fazer ver ao outro, quanto você gosta e quanto o deseja, para que, o que está frente a ti se deixe levar pela paixão e deseje a ti com loucura. Terá que deixar a vergonha e as inibições para outro momento, porque o encontro sexual assim o requer, se quiser que a entrega e paixão, seja verdadeira.

— De acordo, recordá-lo-ei — assentiu ela, gravando aquelas palavras em sua mente, enquanto desfrutava dele.

Embriagado, pelo deleite que lhe proporcionava com o beijo, a diferença de outras vezes, deixou-a que marcasse o ritmo. Devia ir pouco a pouco. Angela era virgem, era sua mulher e desejava que fosse um momento especial para ela. O merecia.

Deixou que o beijasse, que o saboreasse, que o voltasse louco. Angela era doce, terna, saborosa e devia tomar cuidado, mas quando ela aprofundou em sua boca e se apertou contra ele, Kieran não pôde mais e, posando as mãos sobre sua velha camisola, agarrou-lhe o traseiro com posse, o apertou e murmurou:

— Segue querendo continuar?

Aquela intimidade, e como a tocava para apertá-la contra ele, por cima da camisola a fez tremer, e, disposta a experimentar aquela primeira vez, murmurou:

— Sim.

A cada instante mais encantado, Kieran se incorporou e se sentou na cama com ela em cima. Com delicadeza, tirou-lhe a camisola pela cabeça e, quando ficou nua sobre ele, olhou-a e murmurou, retirando as mãos que cobria os seios, envergonhada.

— É preciosa.

— Eu gosto de sê-lo para ti, carinho.

Excitada, Angela enredou os dedos no cabelo dele e o atraiu para sua boca. Beijou-o com mimo, enquanto notava como as mãos dele subiam e desciam por suas costas, acariciando cada curva de sua pele.

O prazer era incrível.

Sua boca era viciante.

E o momento, mágico e sensual.

Quando suas mãos, lhe agarraram de novo o traseiro e o espremeram, Angela ofegou, jogou a cabeça para trás e quase chiou, ao sentir como a quente boca dele cobria um de seus mamilos.

Isso lhe ocasionou um prazer intenso e devastador.

Saboreou primeiro um e logo outro, e ela, mimosa, entregou-se a suas carícias e a seus mais ardentes desejos. Kieran a observava extasiado, até que seus olhos toparam com os hematomas que tinha no pescoço. Saber que quem fez foi vilão do Cedric o encolerizou e, aproximando-a com delicadeza para que o olhasse, sussurrou:

— *Meu céu*... Ninguém te voltará a fazer mal.

Ela o olhou com um encantador sorriso e, com um fio de voz, disse:

— Eu gosto muito quando é carinhoso.

Kieran, subjugado, agarrando-a a cintura, levantou-se da cama. A impaciência o consumia. O desejo o queimava. Beijou-a, levou-a até a parede e, quando ela se arqueou ao arranhá-la as, rapidamente a deixou no chão e perguntou preocupado:

— Tenho-te feito mal nas costas?

Angela negou com a cabeça e esboçou um sorriso. Kieran, incapaz já de parar, sem deixar de olhá-la, tirou-se as calças. A respiração dela se acelerou ao ver o que tinha debaixo desse objeto e ele, ao vê-la, murmurou:

— Acalme-se... — E lhe pegando uma mão, aproximou-a de seu ereto pênis e disse: — Toca-o, é suave. Essa suavidade é a que eu quero que você sinta quando estiver contigo.

Com certo pudor, ela fez o que lhe pedia e se surpreendeu gratamente ao notar o suave tato de sua pele, mas quando o escutou gemer, assustada, soltou-o e exclamou:

— Ai, o sinto... Não queria te fazer dano.

Kieran sorriu. Angela, sua doce Angela, tinha tanto que aprender, e, agarrando-a em seus braços, posou-a com delicadeza sobre a cama e murmurou:

— Meu gemido, quando me tocou, era de prazer, não de dor.

Sem deixar de olhá-la aos olhos, colocou-a com lentidão entre suas pernas e, depois de lhe agarrar as nádegas com desejo, apertou-a contra seu membro ereto e ambos ofegaram enquanto ele sussurrava:

— Isto é paixão, luxúria e desejo. O que você sente ao me roçar, é o que eu sinto quando me roço com sua pele. Você gosta?

A ofegante, a resposta lhe fez saber quanto o desejava, e de novo teve que conter-se. Por ele lhe abriria as pernas, e descarregaria nela com força, todo o desejo acumulado, mas não devia fazê-lo. Devia saborear e em especial que ela saboreasse o momento, que iam viver e as íntimas carícias.

Mas Angela estava ansiosa, acalorada, desatada e se movia descontrolada, em busca da satisfação de seu desejo, animando-o a que a seguisse. Entretanto, Kieran se acalmou. Procurou seu controle, para não sucumbir aos desejos de sua apaixonada e virginal esposa, a pesar da terrível dor de seu membro.

Em todos seus anos de correrias, nunca esteve com uma virgem. As mulheres com as quais gozou, eram todas experimentadas nessas lidas, e isso lhe oferecia a possibilidade de deixar-se levar, para cumprir todos e cada um de seus desejos sexuais. Mas com a Angela não podia ser assim. A ela queria mimá-la, cuidá-la naquele incrível instante, e lhe deixar uma bonita lembrança de sua primeira vez.

Para isso, durante um bom momento a beijou com ternura, até que a sentiu ofegar mais relaxada, acariciou-a por toda parte com paixão, até que o pelo lhe arrepiou, e lhe disse todas as coisas bonitas e doces que uma mulher pudesse desejar escutar em um momento assim.

Enfeitiçada, ela desfrutava, encerrada em sua própria borbulha de prazer. Não queria pensar em nada exceto na união de seus corpos. Se pensasse, envergonhar-se-ia do que estava fazendo: uma senhorita não se comportava assim. Mas lhe dava igual, desejava-o, era seu marido e precisava experimentar algo mais que uns simples beijos. Kieran era doce, apaixonado, ardente,

forte e viril, e queria desfrutar dele e de seu pleno direito. Por sua mente passou Davinia: se sua irmã se inteirava de seu indecoroso comportamento, por pouco a encerraria e atiraria a chave.

Com os lábios inchados pela quantidade de beijos que lhe deu, ofegava enlouquecida, quando Kieran baixou sua mão a entreperna dela e a tocou onde ninguém a havia tocado nunca. Angela saltou e, sujeitando-a para que não se movesse, ele murmurou:

— Abre um pouco as pernas e deixa que entre com meu dedo em ti. Isso nos facilitará o caminho depois.

Sem que tivesse que repeti-lo, ela obedeceu e, quando sentiu como seu dedo se afundava em seu interior, arqueou-se e ofegou enquanto Kieran dizia:

— Isso, *meu céu*, desfruta, te umedeça para me receber.

Extasiada pelo que a fazia sentir, fechou os olhos enquanto um prazer até então desconhecido para ela, a enchia por completo, subindo-a degrau a degrau, até um desenlace incrível e extremo. Angela não soube quanto tempo passou, perdida naquelas delirantes sensações, até que, de repente, ele retirou a mão de entre suas pernas, ficou sobre ela e, com o joelho, obrigou-a a abrir-se mais para ele.

— Tranquilize... Tranquilize.

Angela o olhou, assustada, e ao sentir-se pressionada, e de pernas abertas, a sua mercê ficou tensa. Era chegado o momento que tanto ouviu falar as anciãs e que todas catalogavam como doloroso mas satisfatório.

Ao ver como o olhava, com os olhos muito abertos, Kieran a beijou com doçura nos lábios e murmurou:

— Farei o mais suave que possa. Sabe que a primeira vez te doerá, verdade? — Angela assentiu nervosa e ele disse: — Prometo só pensar em ti para mitigar ao máximo essa dor.

Com o coração acelerado, ela sussurrou assustada, enquanto sentia sua dura ereção lhe golpeando as pernas. Sem saber por que, com a mão lhe agarrou o pênis, apertou-o e, ao notar sua grossura, murmurou:

— Kieran... Carinho... Desejo-te, mas...

— Mas?

— Mas... É muito grande e não... Não acredito que entre.

Ele esboçou um sorriso. Com carinho, tocou-lhe o rosto e afirmou, seguro do que dizia:

— Entrará. Você deixe comigo.

— Mas é enorme, gigante! — insistiu, ao ser consciente, por onde tinha que entrar.

Ele soltou uma gargalhada e beijando-a com carinho sussurrou:

— O tamanho é algo que deixa aos homens obcecados, meu céu, e que você me diga isso com tanta convicção, fazem que minha excitação por ti redobre e te deseje ainda mais.

Ela sorriu e Kieran assobiou:

— Tem um sorriso precioso.

— O teu tampouco está mal — repôs Angela, olhando-o.

Durante uns instantes se olharam até que, ofereceu a língua e ela, sem reservas, tomou para jogar. Beijos. Carícias. Palavras quentes e carinhosas. Kieran tentou ser tudo quão cavalheiresco pôde para umedecê-la, até que introduziu a ponta de seu pênis em seu sexo e, lenta e pausadamente, começou-a a penetrar.

— Dou-te prazer?

— Sim... Sim... — ofegou, ao sentir uma prolongação dele.

Fervorosa, pelo muito que estava gostando, Angela começou a mover os quadris para recebê-lo, enquanto lhe cravava as unhas nas costas e lhe oferecia sua língua. A cada instante estava mais dentro dela e isso o estava voltando louco. A estreiteza da jovem, seus gemidos e como se entregava a ele, estava sendo algo incrível, algo que recordaria toda sua vida, até que de repente, todo seu avanço parou ao sentir a barreira do hímen.

— Dói-me, Kieran... Dói-me — se queixou Angela.

Ele parou e disse:

— Sei que te dói, mas essa dor não posso evitar. Se fosse assim, tenha por seguro que o desejaria para mim, não para ti, *meu céu*. Relaxe.

— Não posso — murmurou ansiosa.

Kieran sentiu como a tensão dela aumentava, nesse momento e todo o relaxamento, de segundos antes, desaparecia. Assim, olhando-a aos olhos, sussurrou:

— Sinto muito.

E posando a boca sobre a dela, com um duro e certeiro movimento de quadril, introduziu-se totalmente em seu interior, e quando Angela foi chiar, seu angustiante lamento se perdeu em sua boca.

— Chissss... *Minha vida*... Tranquilize, *meu céu*. É preciosa, a mulher mais bonita que possuí em toda a minha vida, e te prometo que essa dor logo passará.

Angela se moveu desesperada. Quis tira-lo de cima, mas Kieran não se moveu. Imobilizou-a sem sair um ápice dela. Totalmente fundo em seu corpo, olhou-a à espera de ver seu rosto sulcado de lágrimas, mas ante a ausência das mesmas, beijou-a nos olhos e murmurou, desejoso de continuar afundando-se naquele canal estreito, escorregadio e suave.

— Devo estar quieto uns instantes.

— *Carinho*... — ofegou — Me dói...

— Sei, amor, sei — lhe disse com mimo — Te asseguro que a partir de agora, já não te doerá. Proporcionar-te-ei todo o prazer que deseje, e nunca mais voltará a sentir a dor que sentiu agora. Prometo-lhe isso, *meu céu*. Prometo-lhe isso.

Angela o olhava com angústia, enquanto ofegava, à espera que o ar enchesse seus pulmões. Continuava sentindo dor, mas pôde comprovar que ele tinha razão, e que esta começava a ceder. De repente, seus quadris pareciam ter vida própria, e começaram a mover-se.

— Tranquilize... Tranquilize — sorriu Kieran ao ver que voltava a ressurgir.

Angela baixou suas mãos trementes pelas costas dele, tocando seus duros músculos. Ouvir lhe dizer palavras carinhosas era maravilhoso e excitante. Sem pudor, baixou as mãos até o duro traseiro dele e, apertando-lhe exigiu:

— Te mova. Necessito-o.

Divertido por sua insistência, olhou-a e inquiriu:

— Em tudo é igualmente veemente?

— Aham... —afirmou.

Com um sorriso, que encheu a alma da Angela, Kieran começou a mover-se com cuidado. Primeiro lentamente e, quando viu que ela não sofria, os movimentos se voltaram mais secos e contundentes. Entregue, gemeu, cravou-lhe as unhas nas costas e Kieran, retirando-se dela para voltar a afundar-se ainda mais profundamente, perguntou com voz rota pelo desejo:

— Sente prazer?

Angela assentiu, enquanto se deixava dirigir e notava, como a cama se movia descontrolada pela força e os trancos dele. Seu corpo era um torvelinho de prazer e emoções e, desejosa de não parar e continuar com aquilo, pegou-se ao corpo de seu marido, enquanto abria mais as pernas para dar-lhe maior acesso a seu interior.

Enlouquecido pelo que o fazia saber, sem falar, Kieran tentou não perder a prudência. Não queria lhe fazer dano, mas seus movimentos a cada instante, mais profundos e rápidos, lhe faziam saber que Angela desfrutava e procurava mais.

Em um dado momento, Kieran apoiou sua testa sobre a dela e ambos gemeram enlouquecidos. O prazer era incrível, inimitável e inigualável. Sempre desfrutava com as mulheres, mas com a Angela estava sendo especial e único. Como pôde a olhou, que bonita era! E quando a viu morder o lábio inferior, de uma vez que fechava os olhos, e se arqueava para recebê-lo, soube que ia alcançar o orgasmo, por isso, antes que gritasse, e todo o castelo fosse a seu quarto para ver o

que ocorria, beijou-a e absorveu seu grito de prazer, ficando só para ele.

Quando a sentiu enfraquecida, em seus braços, Kieran soube que já podia pensar nele, em seu próprio prazer, e, agarrando-a com posse, deu vários trancos que o levaram ao êxtase e finalmente se deixou ir, depois de um grunhido contido, a um orgasmo incrivelmente intenso.

Quando acabou, esgotado pelo controle que teve que exercer em todo momento, para não danificá-la, deixou-se cair sobre a Angela. Ambos respiravam com dificuldade, até que Kieran, ao dar-se conta de que a estava esmagando, apoiou-se em um braço, para reduzir seu peso e, olhando-a, perguntou com o coração desbocado:

— Te fiz muito dano?

— Não... Não...

Ainda enlouquecida pelo ocorrido, ela seguia em sua própria borbulha de prazer. Foi incrível. Muito melhor do que jamais imaginou, mas soube que se foi assim, era graças a ele, a sua ternura, sua contenção e sua paciência. De novo sua irmã Davinia passou por sua cabeça e o coração lhe doeu, ao recordar que esta lhe tinha contado que Cedric a forçou. Pobrezinha. Viver um momento assim sem delicadeza devia ser terrível.

— Experimentaste o prazer que esperava?

Angela, comovida por tudo o que tinha recebido dele, sem pedir-lhe assentiu e, olhando-o, confessou:

— Nunca lhe agradecerei isso o bastante. Obrigada por sua sensibilidade e por se conter a meu capricho.

Comovido por suas palavras, Kieran a beijou.

Essa madrugada, nenhum dos dois dormiu até a alvorada, enquanto desfrutavam de seus corpos e da paixão.

Capítulo 31

— Desperta, dorminhoca!

Quando Angela ouviu a voz de sua irmã Davinia, despertou sobressaltada.

Esta estava junto à Iolanda, aos pés da cama, e ambas a olhavam com gesto divertido. Sem dizer nada, Angela observou que a luz se filtrava pela janela e se levantou. Ao ver que estava nua, rapidamente se tampou com o tartán que havia sobre os lençóis e, ao fazê-lo, Davinia se levou as

mãos à boca e, emocionada, murmurou:

— Irmã vejo que cumpriste com o dever de agradar a seu marido.

Sem entender a que se referia, olhou para onde olhavam elas e ao ver sangue nos lençóis, ficou vermelha como um tomate e, enquanto colocava a camisola, murmurou:

— Oh, Davinia... Não seja curiosa.

Mas sua irmã queria saber, e insistiu:

— Doeu-te muito?

Sem dizer nada, Iolanda tirou os lençóis de um puxão e saiu da habitação. Esse gesto tão rápido e sério chamou a atenção das duas irmãs, que se olharam, e Davinia a interrogou:

— O que lhe ocorre?

Encolhendo-se de ombros, Angela respondeu surpreendida:

— Não sei.

Quando foi dar um passo, sentiu uma estranha dor entre as pernas, mas antes de poder dizer nada, Davinia a pegou pela mão e, sentando-se sobre o leito, perguntou com curiosidade:

— Kieran foi bom e amável contigo?

Ao recordar o ocorrido, Angela sorriu e sua irmã exclamou aliviada:

— Oh, meu Deus, que feliz me faz sabê-lo.

— Mas se não te disse nada — se mofou Angela.

Davinia soltou uma gargalhada e respondeu:

— Não precisa falar. Seu sorriso e seu olhar falam por si mesmos.

Angela riu. Sua irmã era incrível. Mas ao recordar suas circunstâncias, murmurou:

— Sinto muito, o que você teve que sofrer com o Cedric. Viver esse momento com um homem como ele não deve ter sido fácil nem agradável.

A expressão da Davinia mudou. Recordar aquilo era o que menos gostava, e os olhos se alagaram de lágrimas. Negou com a cabeça e, aproximando-se de sua irmã, disse:

— Foi terrível, não lhe vou negar isso.

— Sinto-o tanto... — insistiu Angela.

— E eu. Mas por ter meu pequeno John o repetiria mil vezes — sussurrou sua irmã, secando os olhos e esboçando um sorriso. E logo acrescentou: — Escuta, Angela, nós não temos que ficar ancoradas no passado, como ocorreu a papai. Eu, particularmente, decidi olhar à frente, seguir vivendo, e te direi que ontem à noite Jesse me fez saber quão bonito é compartilhar o leito com o ser amado.

Incrédula pela ousadia que demonstrava, Angela soltou uma gargalhada, enquanto sua irmã

acrescentava:

— Foi terno...

— Davinia!

— Carinhoso, delicado...

— Davinia! — exclamou Angela.

— Disse-me coisas bonitas, mimou-me...

— Oh, meu Deus, Davinia! Está falando a sério?

— Sim.

— Mas... Mas e sua prudência e pudor?

Sua irmã sorriu e, sem um ápice de decoro, murmurou:

— Desejava-lhe, desejava-me e ocorreu o que tinha que ocorrer. E me alegra saber que a união de dois corpos, é algo prazeroso e indolor, se o fizer com a pessoa adequada.

Ambas riram a gargalhadas, quando de repente a porta se abriu e Kieran, as olhando, perguntou:

— Do que riem as duas irmãs?

Angela, ao vê-lo, morreu de vergonha. Depois do ocorrido a noite anterior, tudo mudou entre eles. Recordar a intimidade que compartilharam, como a tocava, como a tinha chupado, como a possuiu olhando-a aos olhos, a fez ficar vermelha.

Kieran, ao vê-la, decidiu ser cavalheiro e galante ante a Davinia. Assim que se aproximou de sua esposa, agarrou-a pela cintura e, depois de lhe dar um fugaz beijo nos lábios, saudou-a:

— Bom dia, *meu céu*.

Angela o olhou confusa, enquanto Davinia sorria de felicidade e, encantada pelo que via, sussurrou:

— Ao fim William tem razão quando diz que nasceram um para o outro.

— Davinia! — exclamou Angela ao escutá-la.

Horrorizada pelo que sua irmã disse, quando a realidade era totalmente distinta, tentou escapar do braço dele, mas Kieran seguia sujeitando-a pela cintura e disse:

— Esperemos que William não se equivoque.

Querendo deixá-los sozinhos, Davinia se dirigiu à porta e, antes de sair e fechar, comentou com um pícaro sorriso:

— Não demorem em descer. Jesse e eu partiremos hoje para Glasgow e eu gostaria de me despedir de vós.

Quando a porta se fechou, ele a soltou e, afastando-se dela, perguntou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Dormiste bem?

—Sim.

— Está bem pelo ocorrido de ontem à noite?

O rosto começou a lhe arder, ao entender ao que se referia e, como pôde, respondeu:

— Sim.

— Encontra-te dolorida?

Ao ver suas bochechas acesas, e que ela dirigia o olhar para o teto, Kieran, divertido, comentou:

— Começo a te conhecer. Quando algo te incomoda, olhas o teto, verdade?

Angela soltou uma gargalhada. Além de galante, observador. Olhou-o e sorriu ao vê-lo sorrir. Mas sem saber que mais dizer, desviou a vista. Não sabia se tinha que beijá-lo de novo ou não.

O que esperava ele depois do ocorrido a noite anterior?

Kieran, ao entender sua confusão tão parecida com a dele, aproximou-se dela e, lhe pegando a mão, ia falar quando alguém bateu na porta.

— Adiante — disse ele.

Iolanda apareceu na soleira e, olhando ao Kieran, anunciou:

— Senhor, acaba de chegar uma missiva para você.

Surpreso, ele assentiu e, depois de olhar a Angela, que lhe sorriu, encaminhou-se para a porta e desapareceu. Uma vez as duas ficaram sozinhas, ela suspirou e, olhando a Iolanda, perguntou:

— O que ocorre?

A jovem respondeu rapidamente:

— Não sei.

Quando Angela desceu ao salão, Kieran estava falando com o Louis, Jesse e Zac. Angela esperou com paciência junto à Davinia, até que Kieran, ao voltar-se e vê-la se aproximou dela e lhe comunicou:

— Tenho que partir imediatamente.

Angela ia dizer algo, quando Jesse, se aproximou atrás dele o tranquilizou:

— Não se preocupe Kieran, Angela me acompanhará a Glasgow.

Ela olhou ao Kieran, que, ao ler suas perguntas em seu olhar, agarrou-a pelo braço e, separando-a do grupo para ter intimidade, explicou-lhe:

— Na missiva me dizem que há vários feridos no Dunrobin depois de uma cruel

escaramuça e possivelmente um deles possa ser meu irmão James. Tenho que partir e ver se está ali, por minha mãe. O devo a ela e, em certo modo, a ele. Acompanhará ao Jesse a Glasgow e William, seus filhos e Iolanda irão contigo. Esperarão ali a que eu retorne e depois partiremos para Kildrummy.

Sem apartar a vista da dele, Angela murmurou:

— Kieran... recorda que não tem obrigação de...

Pondo-lhe um dedo nos lábios para que não continuasse, respondeu:

— O ocorrido esta noite foi maravilhoso e, se você quiser, desejo repeti-lo outra vez.

— É um descarado, O'Hara — replicou ela sorrindo.

Kieran sorriu e, aproximando-se, cochichou em seu ouvido:

— Tenho uma preciosa, embora às vezes torpe, ingênua.

Angela soltou uma gargalhada, que lhe chegou ao coração. E depois olhá-la uns instantes, para recordar aquele gesto e aquele sorriso que o tinha enfeitiçado, murmurou:

— É minha mulher e retornarei para te buscar.

Um calafrio a percorreu, que deixou de sorrir. Aquela separação tão inesperada não era o que ela desejava, mas não disposta a deixar ver sua tristeza, conveio:

— De acordo, Kieran.

Com delicadeza, lhe acariciou a face. Sem dúvida, aquela ruiva lhe estava ocasionando um desconcerto total, mas ainda não sabia por que. Recompondo-se após daquele íntimo bate-papo, Kieran se deu a volta e, aproximando-se de seus homens, disse:

— Vamos. Devemos partir.

Iolanda olhou ao Louis, que, sem aproximar-se dela, antes de sair pela grande porta lhe sorriu. O coração da jovem bateu as asas, mas aproximando-se da Angela, que ainda olhava ao Kieran, perguntou:

— Retornarão?

— Isso disse Kieran.

Junto a sua irmã Davinia e os que estavam no salão, Angela se aproximou até a porta para despedi-los. Não podia apartar seu olhar do Kieran. Falava com vários homens enquanto sujeitava as rédeas de seu cavalo, que não parava de mover-se nervoso.

— Quanto me anima que venha a Glasgow, irmãzinha. Ali poderemos ficar uns dias juntas, até que Kieran retorne — comentou Davinia.

Angela assentiu, enquanto sua respiração se acelerava por instantes. Kieran partia, afastava-se dela e, sem responder a sua irmã, aproximou-se até onde ele estava. Quando se deu a

volta e se chocou com ela, perguntou:

— O que ocorre?

— Não pensa partir sem me beijar — disse ela.

O rosto dele se iluminou e, lhe rodeando a cintura com um braço, atraiu-a para ele e, sobre sua boca, murmurou:

— É uma descarada, Angela O'Hara.

— Acredito que tenho um estupendo professor.

Com cara de maroto, elevou-a em seus braços, aproximou sua boca a dela e a beijou. Enlouquecido por aquelas novas e bonitas sensações que Angela o fazia sentir, com descaramento, devorou-a diante todos, enquanto seus guerreiros O'Hara os aclamavam encantados.

Quando finalizou aquele ardoroso beijo, Kieran, sem soltá-la, esboçou um sorriso e murmurou:

— Tenho que partir, mas retornarei para te buscar.

Angela sorriu e ele, com ela ainda em braços, levou-a até onde estavam Davinia, Jesse, William e outros e, depois de soltá-la, disse, sem deixar de olhá-la:

— Até minha volta... *meu céu*.

E dito isto, depois de olhar ao William e Jesse e estes assentirem para que partisse tranquilo, montou em seu cavalo e, depois de dar a ordem com a mão, saiu do castelo do Caerlaverock sem precaver-se de que Angela se levava a mão à boca e lhe lançava um beijo que ninguém recolheu.

Capítulo 32

A chegada a Glasgow foi tranquila.

A mãe do Jesse Steward, ao inteirar-se do que seu filho lhe contou, incrédula e chorou. Ela sim queria ao Cedric. Foi seu pequeno, embora ele nunca a quisesse, e lhe doeu saber as atrocidades que cometeu com o clã daquelas encantadoras moças.

Davinia foi rapidamente aceita como o que sempre fora, a prometida de Jesse, e a paz e a harmonia reinaram naquele lugar, embora Angela, pelas noites, sentava-se no batente de sua janela e olhava ao horizonte à espera que Kieran retornasse.

Passadas três semanas, uma madrugada, enquanto dormia, notou que alguém se movia a

seu lado e ao despertar não deu crédito a seus olhos ao ver Kieran dormido junto a ela.

Olhou-o emocionada. Parecia cansado e aquela barba que levava o fazia parecer mais feroz e mais amadurecido. Sem querer despertá-lo, não o tocou. Dedicou-se a observa-lo durante horas, até que ele abriu os olhos e ao ver que ela o olhava, murmurou:

— Olá, muito torpe.

Quando abriu os braços para recebê-la, Angela não o duvidou e se lançou a ele. Assim permaneceram um bom momento, até que ela perguntou:

— Encontrou ao James?

— Não.

Sua resposta foi tão terminante e seca, que decidiu não perguntar mais. Apertando-a contra ele, Kieran reconheceu:

— Desejo-te.

Não fez falta dizer mais. Consumidos pela paixão, despiram-se sobre a cama, dispostos a saciar-se um do outro. A ardente boca do Kieran lhe percorria o corpo, ao mesmo tempo em que suas mãos, enquanto Angela se deixava abraçar, beijar e tocar.

— Me tiveste saudades?

Ela assentiu e ele insistiu:

— Quanto... Me diga quanto.

Enlouquecida por aquele doce momento, Angela o olhou e, depois de lhe retirar o cabelo da face, murmurou:

— Terá que adivinhá-lo... Presunçoso.

Kieran sorriu. Aquilo era o que queria escutar e, lhe separando as coxas com suavidade, deslizou um de seus dedos até introduzi-lo em seu interior e ela gemeu de prazer. Desejoso de tomá-la como ansiou durante aquelas longas três semanas, quando tirou o dedo se colocou sobre ela e a possuiu com paixão.

Extasiada, Angela se arqueou contra ele e, lhe agarrando o traseiro com descaramento, animou-o a acelerar seus ataques, algo que Kieran fez velozmente, enquanto ela levantava os quadris para recebê-lo uma e outra vez.

A loucura se apoderou deles imediatamente e Kieran, olhando-a, soube que chegou ao máximo prazer, por isso, beijando-a até deixá-la sem fôlego enquanto a penetrava com força, deixou ir, depois de soltar um profundo grunhido de satisfação.

Angela o abraçou com força e ele, para não esmagá-la, rodou à cama e, colocando-a em cima, murmurou:

— Alegra-me ser recebido com tanto ardor.

Angela ficou vermelha e respondeu:

— Desejava que retornasse.

Kieran a olhou e, deixando-a de novo sobre a cama, sentou-se e, pondo os pés no chão, disse:

— Recorda Angela, sem recriminações nem exigências.

Aborrecida, ela o olhou, deu-lhe um murro nas costas e vaiou:

— A que vem agora isso?

Uns golpes na porta interromperam sua conversa.

— Cubra-se — pediu Kieran e ela rapidamente se meteu sob os lençóis.

Colocando um tartán ao redor da cintura, ele abriu a porta e vários criados entraram com uma bonita banheira de cobre. Ato seguido, uma legião de homens e mulheres com baldes a encheram e, quando acabaram, Kieran fechou e disse:

— Morro por um banho.

Sem dizer nada mais, tirou-se o tartán e se meteu na banheira de cobre. Angela o observava da cama. Estava zangada por seu último comentário, quando ouviu que lhe dizia:

— O que esperas para te banhar comigo?

Ela o olhou e, aborrecida, respondeu:

— Sem recriminações nem exigências, recorda-o?

Kieran sorriu e murmurou:

— Trezentos e trinta.

Sem entender a que se referia, ia perguntar, mas antes que o fizesse, ele esclareceu:

— Trezentos e trinta dias faltam exatamente para que finalize nossa união.

Aquilo foi muito para Angela. Aquele descarado se metia em sua cama, fazia amor e agora lhe recordava os dias que faltavam para que finalizasse seu enlace.

Indignada, levantou-se da cama e, lhe dando as costas, vestiu-se. Kieran não disse nada e, quando ela terminou e ia partir, vendo seu nível de chateação, advertiu-lhe:

— Não dê portada ao sair.

Ela o olhou, estava com os olhos fechados na banheira, sorrindo com autossuficiência. Agarrou a porta e, com toda a força possível, deu tal portada que até tremeram os alicerces do castelo de Glasgow.

Uma vez sozinho, deixou de sorrir, abriu os olhos e, olhando o teto, murmurou:

— Angela, não posso permitir me apaixonar por ti.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Alterada pelo que a fez sentir, Angela saiu do castelo e se encontrou com os homens de seu marido que, ao vê-la, saudaram-na com afabilidade. Ela lhes sorriu. Ao longe viu Iolanda falando com um dos guerreiros Steward e ao Louis observando-os. Não cabia dúvida de que sua expressão não era de felicidade.

Davinia, que nesse instante saía com o pequeno John em braços, ao vê-la perguntou:

— Aonde vai?

— Às cavalariças.

— Para que?

Angela, parando-se, olhou a sua delicada irmã e respondeu:

— Para dar um passeio com minha égua. Necessito.

— O que te ocorre?

— Nada.

Davinia, sem acreditá-la, respondeu:

— Seu marido chegou de madrugada, consta-me que está em seu quarto tomando um banho, e diz que não te ocorre nada?

— Maldita seja, Davinia! Quer deixar de ser tão fofoqueira?

Sua irmã a olhou surpreendida e replicou:

— Pelo amor de Deus, Angela, que maneira é essa de falar?

Ela fechou os olhos. Davinia não tinha culpa de seu aborrecimento e, suspirando, disse:

— Me desculpe, por favor, não devia te responder assim, mas agora não quero falar. Quero cavalgar e me esclarecer as ideias, de acordo?

Sua irmã assentiu e Angela, lhe dando um beijo na bochecha, murmurou:

— Logo nos vemos.

E, sem mais, deu-se a volta e se dirigiu às cavalariças, onde se encontrou com o William. Este lhe sorriu e ao ver que se aproximava de sua égua, perguntou:

— Aonde vai, moça?

Suspirando pela pergunta, olhou-o irritada, e ele, que a conhecia, limitou-se a acrescentar, dando-a volta:

— Va com cuidado.

Quando William partiu e ficou sozinha, soprou. Seu mal-estar estava incomodando a todos. Montou e saiu do estabulo e, ante centenas de olhos que a observavam, partiu ao galope.

Ao momento de correr, saltar arroios e contornar árvores, Angela se deu conta de que estava gelada de frio e tremeu. Mas continuou sua amalucada carreira, precisava desafogar-se. Ao

chegar junto a umas árvores, cansada, deteve sua égua. Pensou em rodeá-los, mas após olhar a distância, decidiu provar e saltá-los. Retrocedeu metros e, agachando-se sobre o pescoço do Briosgaid, sussurrou:

— Vamos salta-los, o vamos conseguir.

A égua relinchou e Angela, cravando os joelhos nos flancos, lançou-se à carreira e, quando chegou até a pilha de troncos, gritou e o animal saltou. Quando suas patas tocaram o chão, Angela riu e, lhe aplaudindo o pescoço enquanto continuava seu galope, disse:

— Boa garota... Boa garota.

Passado um bom momento, chegaram junto a um arroio e parou para que a égua bebesse. Ela desmontou e se apoiou no tronco de uma árvore. Instantes depois, ouviu os cascos de um cavalo e ao olhar se surpreendeu ao ver que se tratava de Kieran.

Este, aproximando-se, parou, olhou-a e ao ver que ela não o olhava, desceu da sela e ia dizer algo, mas levantando um dedo, Angela o assinalou e vaiou:

— Não esqueci, sem recriminações nem exigências, mas senti tua falta, é mau acaso?

Kieran não respondeu, mas sim se aproximou dela e, com uma imperiosa necessidade de seu contato, beijou-a. Devorou seus lábios com autêntica ferocidade e, quando se separou, murmurou:

— Eu também senti tua falta.

Desconcertada por essa mudança, Angela ia falar, mas ele a ameaçou:

— Se voltar a saltar outro obstáculo como o que saltaste agora, terei que proibir-te que monte a cavalo, entendido?

A ponto de protestar, Angela viu seu gesto brincalhão e o desafiou:

— Te atreva a me proibir isso

Aquele desafio... Aquele olhar... Aquele gesto descarado, o fizeram sorrir e dando-se conta de como tremia de frio, jogou-lhe por cima seu tartán e respondeu:

— Descarada, retornemos ao castelo antes que te dispa e te faça amor aqui mesmo.

Capítulo 33

Depois de uma noite em que se banharam juntos, Angela lhe raspou aquela barba e Kieran foi o homem mais terno, amoroso e insaciável do mundo, ela abriu os olhos pela manhã e o viu acordado a seu lado.

— Bom dia — saudou-o.

Alongando-se sem nenhum tipo de pudor, ela sorriu e disse:

— Bom dia, *carinho*.

Ao ouvi-la, Kieran sorriu também, e pensou lhe dizer algo, pelo uso daquela palavra adoçada, mas consciente de que gostava mais do que queria reconhecer, perguntou abraçando-a:

— Dormiste bem?

Encantada por aquele despertar tão carinhoso, Angela assentiu, e quando sentiu que a mão dele se deslizava por seu ventre nu e seguia baixando, soltou um ofego. Kieran riu ao ouvi-la e, lhe aproximando a boca ao ouvido, sussurrou:

— Seu sabor é delicioso.

Isso fez que lhe ardessem as bochechas.

— E seus ofegos enquanto me deleito em seu doce corpo, maravilhosos.

Ainda recordava quando ele, a noite anterior, beijou-a em sua intimidade e a convenceu para que relaxasse e o deixasse fazer. Aquilo era totalmente pecaminoso, mas o prazer que sentiu foi tão colossal que já estava disposta a repeti-lo.

Kieran, divertido ao vê-la, depois de procurar seus lábios e beijá-la, olhou-a e lhe ordenou:

— Fecha os olhos.

Segura de que pensava fazer o que segundos antes ela estava desejando, murmurou:

— Envergonha-me o que me pede.

— Envergonha-te fechar os olhos? — mofou-se ele.

Sorrindo, ela ia falar, quando Kieran insistiu:

— Fecha os olhos.

Excitada, finalmente o fez. Tremia, estava nervosa. E de repente sentiu que lhe agarrava a mão e, depois de lhe pôr algo no dedo, exclamou:

— Já pode abri-los, maliciosa!

Angela se olhou o dedo e ao ver um anel com uma pedra verde da mesma cor do bracelete de sua mãe, sussurrou:

— É precioso...

— Não podia permitir que minha preciosa mulher não tivesse aliança de casamento — respondeu ele, lhe beijando a mão — Em Inverness havia um mercado e o vi, vi que tinha a mesma cor verde de seus olhos e soube que este anel estava feito para ti.

Angela o olhou encantada e exclamou:

— Obrigada... Obrigada, Kieran.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Beijando-a, ele sorriu e murmurou:

— Sei que pensava que te faria outra coisa quando te pedi que fechasse os olhos, decepcionada?

Angela lhe deu com um travesseiro na cabeça. Durante um momento, ambos jogaram sobre a cama enquanto se beijavam e provocavam, e quando terminaram de fazer amor de novo, Kieran disse:

— Devemos ir ao Caerlaverock.

Ela o olhou com o rosto avermelhado e Kieran acrescentou:

— Antes de retornar ao Kildrummy, devemos falar com os homens que se encarregarão da restauração do castelo.

Pasmada, Angela perguntou:

— Diz a sério?

Com um encantador sorriso, Kieran respondeu:

— O lar de seus pais voltará a ter o esplendor de antigamente e só você os pode assessorar. É meu presente de bodas. Parece-te bem?

Aquilo era mais do que nunca poderia ter imaginado e, emocionada, abraçou-o e afirmou:

— É o melhor que me ocorre, embora conte os dias que faltam para que finalize nosso enlace.

— Trezentos e vinte e nove — sussurrou Kieran antes de beijá-la.

Nesse mesmo dia, retornaram a Caerlaverock. Jesse e Davinia os acompanharam. Ao chegar às imediações do lugar, a tristeza se apoderou da Angela. Ver seu bonito bosque negro e queimado não era agradável, mas mais se desesperou ao ver o castelo.

Depois de estarem em Glasgow durante essas três semanas, e entender o que era viver com certas comodidades, ao entrar no Caerlaverock, e ver seu deplorável estado, pensou como pôde viver toda sua vida ali.

Mas ao reencontrar-se com sua velha cama, sua velha manta e a descascada banheira de seu pai, sorriu e soube que aquele era seu lar.

Poucos dias depois chegaram uns homens. Eram rudes, barbudos e fortes e Kieran falou com eles. Jesse se ofereceu a colaborar nos gastos que todo aquilo suportasse, mas Kieran se negou. Era o presente de bodas para sua esposa e ele se encarregaria de tudo.

Depois de falar com os homens, Kieran chamou Angela e esta foi dizendo o que queria que fizessem com o lugar. Eles assentiam a tudo o que lhes dizia e, quando acabou, Angela perguntou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Se lembrará de tudo o que lhes disse?

Um deles se destacou a cabeça com o dedo e, com um encantador sorriso, respondeu:

— Senhora O'Hara, tenho muito boa memória.

Ela sorriu e Kieran, agarrando-a pela cintura, disse:

— Confia neles e em mim, Angela?

Esta assentiu e, depois de receber um beijo que lhe teve sabor de glória, agarrou-se a sua cintura e não se soltou.

Depois de uma noite em que de novo o muito bonito Kieran O'Hara desfrutou dos prazeres da carne com sua mulher, à manhã seguinte, quando Angela baixou ao salão, viu-o falando com o Louis e Zac e perguntou:

— Ocorre algo?

Kieran lhe mostrou uma carta.

— Sabe ler?

Arqueando as sobrancelhas, Angela grunhiu molesta:

— Você o que crê?

Divertido por sua reação, e ao ver que Davinia os observava, com a missiva nas mãos, respondeu:

— Não sei... *Meu céu*. Logo que sei quase nada de ti.

Ele tinha razão e, em honra da Davinia, que os olhava com atenção, repôs:

— Sei ler, *carinho*, e você?

Louis e Zac sorriram. Sem lugar a dúvidas, aquela pequena ruiva não era das que se calavam.

— É obvio que sim, *preciosa minha* — conveio Kieran sem perder o humor — Toma, lê.

Com curiosidade, Angela agarrou o papel que lhe entregava, leu-o e olhou a Iolanda. Depois olhou a Davinia e soprou. Finalmente, dobrou a carta e, entregando-a ao Kieran, que não lhe tinha tirado olho, disse:

— Não posso ir.

Iolanda se abanou com a mão e Louis, que a observava, deu-se conta de que ela também sabia ler. Isso o surpreendeu.

— Por que não pode ir? — perguntou-lhe Kieran.

Consciente de que todos a olhavam, com um falso sorriso, Angela respondeu:

— Porque não tenho nada elegante e bonito que me pôr para assistir a essa festa dos clãs no castelo do Stirling, e Iolanda tampouco. Parece-te boa desculpa?

Kieran ia responder, quando Iolanda perguntou com um fio de voz:

— Stirling?

Angela assentiu.

— Sim. Na missiva se convoca a todos os lordes a sua festa anual dentro de três semanas e...

— E você, este ano, como minha mulher, acompanhará me — interveio Kieran, que acrescentou: — Eu gosto dessas festas.

— Haverá bonitas mulheres — murmurou Zac.

— Muito bonitas — o secundou Louis, ante o olhar da Iolanda.

Angela negou com a cabeça e protestou:

— Kieran, acaso não escutou o que disse?

— *Carinho meu* — se mofou ele — compraremos um bonito vestido para cada uma. Não te angustie por isso.

— Não é isso, Kieran. Um bonito vestido não arruma tudo — replicou ela.

— Ah, não? — perguntou ele divertido, pensando nas muitas mulheres que conhecia, um bonito vestido lhes alegrava a vida.

— Pensa, pelo amor de Deus. — E, baixando a voz para que Davinia não pudesse ouvi-la, acrescentou: — Não pensaste que ali pode estar Susan Sinclair? Não crê que será embaraçoso para ambas nos encontrarmos ali?

— Boa observação — afirmou Louis — Todos os anos assiste com seu clã e sem dúvida ali estará.

— Será bastante incômodo, não crê? — sussurrou Angela.

— Falarei com ela — a tranquilizou Kieran — Conheço a Susan e, embora a princípio a situação a zangue, não criará nenhum problema. Ela é uma dama, além de bonita, tranquila, e tomará com serenidade.

Suas palavras incomodaram a Angela, que grunhiu:

— Sério? — E ao ver que ele assentia, de novo murmurou: — Isso me surpreende, porque eu, como mulher, se sentir algo por meu prometido e outra mulher me arrebata isso, asseguro-te que não me tomaria com graça e serenidade.

— Nem todas são iguais — se mofou Kieran.

— Graças a Deus — resmungou ela em resposta.

Durante uns minutos, Louis, Zac e Kieran seguiram falando sobre aquilo, sem importar que Angela os escutasse, e, finalmente, Kieran dispôs:

— Iremos todos juntos a esse baile de clãs e o passaremos bem.

— Trezentos e vinte e cinco — vaiou Angela.

Ele, ao ouvi-la, esboçou um sorriso, e, aproximando-se dela, cochichou:

— Eu falarei com a Susan. Não se preocupe.

Angela se desesperou. Já odiava a Sinclair sem conhecê-la, e não duvidava que aquela jovem a odiaria, mas consciente disso, apesar do que sentisse pelo Kieran, devia cumprir o trato, calou.

— Eu... Eu... Não irei — anunciou então Iolanda.

Ao sentir que tinha uma aliada, Angela se apontou:

— Somo a Iolanda. Nenhuma de nós irá.

Kieran, aporrinhado, adotou uma expressão mais séria e, sem deixar-se esgotar, afirmou:

— Ambas irão. Digam o que digam.

— Não... Não pode ser — murmurou Iolanda acalorada.

Louis se aproximou dela e, sorrindo, acalmou-a:

— Tranquila, lhe compraremos também um bonito vestido.

A jovem se retirou de seu lado e, com gesto de desagrado, replicou:

— Não necessito nada de ninguém e menos de ti.

Instantes depois, os dois se encetaram em uma discussão ante os olhos de todos e Angela perguntou a seu marido:

— Não vais fazer nada?

— É Iolanda quem começou — respondeu Kieran.

— Se Louis não tivesse aberto a boca...

— Só disse que lhe compraremos um vestido.

— E por que tem que dizer isso? Acaso o vai comprar ele?

Kieran fechou os olhos. Quando lhe rebatia as coisas com tanto ímpeto o desesperava e, depois de reprimir sua vontade de gritar, repôs:

— Angela, por que te empenha em me desesperar?

— Eu te desespero?

— Continuamente.

Encantada, sorriu sarcástica e, levantando a voz, disse:

— Iolanda, Louis, acabou-se a discussão! — E assinalando Kieran com o dedo, acrescentou: — Me nego a ir a esse baile e lhe direi isso uma e mil vezes embora te desespere.

— Te negue tudo o que queira, mas virá uma e mil vezes — afirmou ele, molesto por

aquele tom de voz —E não se fale mais nisso.

— Mas pelo amor de Deus — insistiu Angela ofuscada — Aos Ferguson nunca convidaram a essa festa e...

— Equivoca-te, irmã — lhe cortou Davinia, aproximando-se — Cada ano recebemos o convite, mas pai, conforme chegava, queimava-o na lareira. Com nossa precária situação, não podíamos pensar em assistir a festas. E faz o favor de não falar assim a seu marido, isso não é bonito nem decoroso.

Angela a olhou, boquiaberta. Seu pai nunca lhe falou daquilo e, quando foi responder, Jesse Steward disse:

— Nós partimos para o Glasgow. Tenho que arrumar ali vários assuntos que requerem minha presença, vós o que ides fazer?

Depois de olhar a Angela, Kieran respondeu:

— Partiremos na alvorada, se é que deixamos de discutir algum dia.

O coração da Angela começou a pulsar com força ao ouvi-lo. Logo partiria do que ela considerava seu lar, rumo a um futuro incerto, mas não disse nada, só se deixou abraçar por sua irmã Davinia e lhe devolveu o abraço.

Depois de despedirem-se as duas, Jesse se aproximou dela e, abraçando-a também, murmurou-lhe ao ouvido:

— Obrigado por tudo, cunhada. E, tranquilize, Kieran O'Hara é um bom homem, mas não esqueça que em Glasgow também está seu lar.

— Cuida da Davinia ou te juro que te buscarei e...

— Comigo sabe que estará bem cuidada. Porque sabe, verdade?

Angela assentiu com um sorriso e Kieran perguntou:

— Veremos lhes na festa de clãs?

Jesse, depois de olhar a Davinia com deleite, negou com a cabeça.

— O ano que vem, seguro, meu amigo. Este, tenho coisas mais importantes que fazer.

Angela, ao ver a felicidade de sua irmã, sorriu. Sem lugar a dúvidas, Jesse era seu amor. Agarrada de seu braço, saiu até o portão principal do castelo. Ali os esperavam os homens do Jesse. Este montou em seu cavalo e, estendendo a Davinia a mão, levantou-a até sentá-la ante ele.

As duas irmãs se olharam. Davinia, que era a que partia, lançou-lhe um beijo com a mão e Angela, emocionada, agarrou-o e o levou a coração e vice-versa. Quando a comitiva saiu do castelo, Angela se voltou para entrar, mas Kieran, agarrando-a do braço, perguntou-lhe:

— Sempre se despedem com esse gesto?

Ela assentiu.

— Era algo que faziam meus pais e quando mamãe morreu, papai começou a fazer conosco; sempre que alguma partia, despedíamo-nos assim.

Kieran assentiu e disse:

— Partimos na alvorada para esse baile.

— Não, eu não irei.

Levantou-lhe o queixo e replicou:

— Irá, *carinho*... Claro que irá.

Capítulo 34

Depois de um dia no que falou mil vezes com os homens que foram restaurar Caerlaverock, Angela entrou de noite em seu aposento e não se surpreendeu ao ver o Kieran ali.

Estava de pé frente a lareira e ao vê-la chegar, sorriu e perguntou:

— Já tem preparado tudo o que queira levar?

Encolhendo-se de ombros, ela olhou a seu redor.

— Como vê, não tenho nem enxoval. E os bonitos vestidos que Davinia me emprestou, deixei-os em Glasgow. Não quero nada que não seja meu.

Com um cândido sorriso, Kieran respondeu:

— Prometo-te que em Edimburgo ou Stirling compraremos tudo o que necessite...

— Não quero que gaste dinheiro comigo. Já me comprou o anel e logo estão os gastos do Caerlaverock e...

— Agora é minha mulher e tenho que cuidar de ti durante trezentos e vinte e quatro dias.

Assombrada ao ouvi-lo, Angela o olhou e disse:

— Pensa levar a conta ao dia?

Kieran, movendo-se com soltura pela habitação, respondeu:

— Sim. — E, desejoso de saber mais, perguntou: — Agora que estamos a sós, me conte a que se deve essa tua reticência a assistir à festa de clãs.

— Já lhe disse. Suponho que Susan estará ali e não será um momento cômodo para mim.

— E eu te disse que falarei com ela e a apaziguarei.

Afligida, Angela se desesperou.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Imagino suas reprovadoras olhadas. E... E... Eu ali estarei sozinha e...

— Eu te cuidarei. Não estará sozinha.

— Estará comigo em todo momento? — perguntou, desejando que assim fora.

— Sempre que puder.

— Então não será em todo momento.

— Tenho assuntos que tratar ali, Angela — explicou ele — Não poderei estar todo o momento junto a ti, como nenhum homem estará em todo momento junto de sua mulher, entende-o, verdade?

Ela se sentou na cama e, com gesto derrotado, murmurou:

— Estou aterrorizada.

— Por que? — replicou Kieran aproximando-se — Comigo não tem que temer a nada. Não permitirei que ninguém te faça mal.

Com um cândido olhar, Angela sorriu e afirmou:

— Não é essa classe de medo.

— Então, a que te refere?

Ela, retirando-se com paquera o cabelo da cara, respondeu:

— Nunca fui a uma festa dessas. Só assisti às que demos no Caerlaverock ou em casa de minha amiga Sandra, com os Murray. Como disse Davinia, por nossa situação, nunca aceitávamos convites e, bom... Eu...

— Não se preocupe, asseguro-te que o passará bem — disse ele, sentando-se a seu lado — Ali estaremos Louis, Zac, Iolanda, meus amigos, eu e todo meu clã. Nunca estará sozinha, sempre haverá alguém a seu lado e, além disso, consta-me que você gosta de dançar e que o faz muito bem. Haverá música e poderá dançar tudo o que queira.

— Contigo? — inquiriu esperançada.

Kieran o pensou e, recordando os anteriores anos e as experiências vividas naquele encontro de clãs com outras mulheres, respondeu:

— Às vezes comigo e, quando eu não estiver, já verá.

Essa resposta não gostou e insistiu:

— E o que fará você quando não estiver comigo?

Kieran, levantando-se rapidamente da cama, espetou-lhe:

— Há coisas que é melhor não falar, Angela. — E ao ver que ela ia dizer algo, acrescentou: — Recorda nosso trato, nada de recriminações nem de obrigações.

Ela quis gritar, zangar-se. O que o fazia imaginar sem dizer-lhe não o fazia a menor graça,

mas calou. Era o melhor e, depois de um lastimoso suspiro que ao Kieran doeu, disse:

— O máximo que me afastei que meu lar foi até a abadia, para acompanhar a Mai. Nunca saí que minhas terras ou das dos Murray e agora tenho que cruzar Escócia para chegar a seu lar, passando por essa ditosa festa dos clãs. Kieran, sempre vivi no mesmo lugar e com a mesma gente, e pensar em que tudo isso se acabou e tenho que começar uma nova vida é complicado e difícil para mim. Por isso tenho medo.

Comovido por suas palavras, agarrou-lhe a mão e a aproximou dele com atitude protetora.

— Não tem que temer nada, *meu céu* — disse.

Essas palavras tão íntimas, tão carinhosas, puseram lhe o pelo arrepiado e, com o coração batendo as asas, murmurou com um sedutor sorriso:

— Agora minha irmã não está e me chamaste "*meu céu*".

Ao dar-se conta, Kieran se surpreendeu. Que fazia dizendo aquilo? E, tentando tirar importância ao assunto, respondeu:

— Sou atento com as mulheres.

— Disse que você não dizia palavras doces — lhe recordou.

Ante sua boa memória, ele sorriu e disse:

— De vez em quando, utilizo-as para agradar. Você mesma me disse que queria que te chamasse mi...

— Nem te ocorra dizê-lo. Agora não — bufou ela, separando-se.

Desejou lhe atirar um lenho de madeira à cabeça, por bruto e insensível. Como podia ser tão presunçoso e idiota?

Sem a menor dúvida, apesar de que em outros momentos assim o fizesse acreditar, Kieran não sentia a mesma atração enlouquecida que ela sentia. Angela suspirou. Devia tirar-se da cabeça as tolas hipóteses que em ocasiões fazia quando lhe sorria. Suas bodas não foram por amor. Seu marido não estava apaixonado por ela, embora a paixão que lhe demonstrava na cama era deliciosa.

Kieran, ao ver seu gesto contrariado, imaginou o que pensava e isso em certo modo lhe doeu. Intuía que lhe estava fazendo mal e, incapaz de não perguntar, expôs-lhe:

— Angela... Não estará se apaixonando por mim?

A ela lhe arrepiou o pelo do corpo. Assustada por que aquele bruto pudesse ver seus sentimentos com tanta facilidade, encolheu-se de ombros e, com um gesto do mais depreciativo, enrugou o nariz e exclamou:

— Não, Por Deus! Uma coisa é que me pareça um homem bonito, embora presunçoso, com o que desfruto na cama e outra é que me apaixone por ti como uma parva. — E, soltando uma

gargalhada do mais convincente, acrescentou: — Tranquilize, O'Hara, não é tão irresistível. — E tentando sair rapidamente daquele atoleiro, disse: — Por certo, queria te perguntar uma coisa, posso?

— Sempre. Já sabe — respondeu ele deslocado.

— É em referência aos homens e aos momentos íntimos — sussurrou —. Se mal não recordo, disse que vocês gostam que se elogiem suas virtudes varonis, verdade? — Kieran a olhou sem entender aonde queria ir e ela prosseguiu sem olhá-lo: — Desculpa minha indecorosa pergunta, mas nos trezentos e vinte e quatro dias que ficam, tenho que aprender tudo o que possa, para, uma vez sozinha, saber me dirigir.

A cada instante mais molesto por suas descaradas palavras, agarrou-a pelo braço e vaiou:

— Você não precisa saber certas coisas.

— Por que?

— Porque é minha mulher.

— Mas deixarei de sê-lo dentro de tresc...

Sem soltá-la do braço, ele espetou cortando-a:

— É minha mulher e me nego a pensar em... em... Pelo amor de Deus, Angela!

Encantada de lhe haver dado a provar seu próprio remédio, soltou-se e disse:

— Recorda, Kieran, nada de recriminações nem de obrigações. Ambos aceitamos o trato, não?

Olharam-se... Desafiaram-se...

Um calor abrasador se apoderou de seus corpos e, finalmente, Angela deu um salto, rodeou-lhe com as pernas a cintura e o beijou com loucura. Kieran a agarrou e a atraiu para ele. Suas línguas se encontraram e a paixão do momento, os fez esquecer-se do ocorrido. Quando acabou aquele tórrido beijo e ela se apartou murmurou:

— Desejava te beijar.

Atordoado pelo que acabava de sentir, ele respondeu:

— Me beije sempre que quiser.

— Você fará também?

— Sim.

— Sempre que quiser?

Kieran a olhou e afirmou, sem solta-la de seus braços:

— Sempre que quiser.

Mimosa e com vontades dele, deu-lhe um beijo no nariz. O coração do Kieran se desbocou.

Como podia ser que um simples beijo no nariz o excitasse tanto?

Consciente do magnetismo que emanava dela, Angela sorriu. Era nova na arte da paixão, mas prendeu bem os conceitos básicos para ser desejada e voltar louco ao que a abraçava.

Como Kieran lhe disse, teria que lhe fazer ver o outro quanto você gostava e quanto o desejava, para que se voltasse louco e te desejasse totalmente. E, é obvio, teria que deixar a vergonha e as inibições para outro momento, para sentir uma verdadeira entrega e paixão.

— Do instante em que te vi no bosque, enjoado e ferido, chamou-me a atenção.

— Ah, sim? — perguntou Kieran divertido.

Angela o admitiu e ele disse:

— Encontrar a Fada também chamou minha atenção, sabe, verdade?

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo.

— Ousada... é muito descarada, senhora O'Hara. — Angela soltou uma gargalhada e ele murmurou: — Lembrança que cantou algo de um...

Do bosque encantado,
uma fada te salvou
e em um momento inesperado
um beijo te roubou.

Esta vez foi Kieran quem, agarrando-a pela nuca, beijou-a introduzindo a língua em sua boca e lhe fazendo amor com ela com autêntica paixão, enquanto suas respirações agitadas ressonavam na habitação.

Kieran a deixou na cama, mas Angela não o soltou. Com movimentos precisos, ele se desabotoou a calça e lhe rasgando as velhas meias que levava, introduziu-se em seu sexo com urgência.

O contato os fez gritar enlouquecidos. Kieran a olhou e ela, com um ofego que lhe fez saber que tudo estava bem, elevou os quadris para introduzi-lo mais e então foi ele quem ofegou.

Incapazes de parar, de despir-se e de dar-se tempo, ambos continuaram com seus respectivos ataques. Kieran a possuía e Angela o possuía a ele. Assim estiveram até que ambos, felizes, agradados e ao uníssono, soltaram um incrível grito de prazer e se deixaram levar pela paixão.

Com seu peso em cima, abraçou-o. Não lhe importava que a esmagasse, só lhe importava estar perto dele. Queria apaixoná-lo, desejava que se apaixonasse por ela, e o ia tentar com todas

suas forças.

Permaneceram abraçados um instante mais, até que Kieran, levantando-se, limpou-se e subiu as calças. Anulado totalmente pelo influxo dela, não pôde dizer nada. Fada ou Angela eram a mesma pessoa e a ambas gostava. O que não entendia era o que estava ocorrendo, a ele.

Olhou-a com deleite e a admirou. Sentia-a poderosa e proprietária de seu corpo, e quando ela se levantou, atraiu-a para ele e a voltou a beijar com posse. Encantada por aquele gesto tão arrebatador, Angela se deixou levar. Queria o ter para ela. Desejava-o. Desejava-o.

Kieran, confuso, apertou-a contra seu corpo, desejoso de fundir-se com ela. Não lhe cabia a menor dúvida de que aquela pequena ruiva estava transtornando sua vida de uma maneira que não acertava a entender, quando de repente a ouviu perguntar:

— Tem cócegas?

Antes que pudesse responder, lhe apertou a cintura e Kieran soltou uma gargalhada. Imediatamente, foi ele quem a agarrou pela cintura e começou a mover os dedos em busca de suas cócegas até fazê-la retorcer-se de risos.

Durante um bom momento, ambos jogaram sobre a cama até que, de repente, Kieran se deu conta de que estava caindo sob um influxo até então desconhecido para ele, e, incapaz de continuar com o jogo, afastou-a e, olhando-a aos olhos, comentou:

— Esta noite será melhor que durma com meus homens.

— Por que? — perguntou decepcionada.

Kieran pensou o que lhe dizer e ao final decidiu ser sincero.

— Olhe, Angela, a paixão que me demonstra eu gosto, mas não quero ataduras nem problemas.

— Mas se não te reprovei nada, e nem sequer te chamei “carinho” — se queixou a jovem.

Ela tinha razão. O que estava dizendo?

— Descansa. À alvorada virei a te buscar.

Desconcertada por sua mudança de atitude, foi agarrar-lhe de novo da mão para atrair sua atenção, mas Kieran, olhando-a sério, disse:

— Não, Angela, não quero ficar contigo.

Ao compreender suas palavras, ela retirou a mão, enquanto ele se dava a volta, abria a porta e partia.

Sentando-se no batente de sua janela, Angela olhou ao horizonte e suspirou, enquanto Kieran amaldiçoava no corredor e se dava cabeçadas contra a parede.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Capítulo 35

Essa noite, Angela não pegou olho e, à alvorada, antes que Kieran subisse a procurá-la a sua habitação, já estava no salão com a Iolanda, Aston e George. Quando ele chegou e seus olhares se cruzaram, ambos se saudaram com cortesia.

— Está preparada? — perguntou-lhe Kieran, aproximando-se.

Ela assentiu e, levantando do velho banco de madeira, agarrou com força a mão da Iolanda.

— Nós iremos saindo — comentou George, depois de olhar a seu irmão Aston.

Nenhum dos dois queria ver a tristeza da Angela ao abandonar aquele lugar. Kieran, sem tocá-la, permaneceu a seu lado enquanto observava como ela se levantava e, depois de jogar um último olhar ao salão, encaminhava-se para a porta. Ao chegar lá, parou-se, voltou-se, olhou o lar que a tinha visto crescer e murmurou com um fio de voz:

— Até logo.

Ao ver a tristeza em seu olhar, Kieran se aproximou de seu lado e disse:

— Asseguro-te que quando retornar aqui de novo, tudo estará melhor que agora.

Angela assentiu. Apesar da felicidade que sentia pela restauração, intuía que quando retornasse já não seria sua mulher. Mas sem dizer nada, deu-se a volta e partiu com o coração quebrado junto à Iolanda.

Vários guerreiros O'Hara os esperavam no pátio, já montados a cavalo. Angela tocou com carinho o focinho de sua égua, que estava junto ao cavalo do Kieran. Iolanda, desconcertada e sem saber o que fazer, olhou a seu redor e Kieran a interrogou:

— Sabe montar a cavalo? — A jovem assentiu e ele ordenou, olhando a um de seus homens: — Tragam um cavalo para ela.

Quando o trouxeram, Iolanda o acariciou e lhe falou com mimo, enquanto Louis a observava de longe. Ainda não entendia por que apenas lhe falava, por isso, embora lhe tivesse encantado que cavalgasse com ele, preferiu manter-se à margem.

Instantes depois, os três montaram e Kieran, depois de olhar a sua mulher e esta assentir com a cabeça, ficou à frente, levantou uma mão e a comitiva saiu do pátio do castelo do Caerlaverock.

Angela, que cavalgava junto à Iolanda, levantou o queixo e reprimiu as lágrimas. Não queria olhar atrás, não podia despedir-se daquele lugar ou sabia que se desmoronaria. Cruzou em

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

silêncio a ponte de madeira e, a passo lento, avançou com outros.

William Shepard, consciente de seu estado de ânimo, ficou ao seu lado e lhe perguntou:

— Moça, está bem?

Ela assentiu sem olhá-lo. Não podia falar. Se o fazia, choraria sem parar, e não queria que os homens de Kieran a vissem comportar-se de novo como uma chorona. William negou com a cabeça e soube que devia lhe dar espaço, por isso fincou os joelhos em seu cavalo e cavalgou até ficar junto ao Kieran e seus filhos.

Iolanda, ao vê-la como apertava a mandíbula enquanto cruzavam o bosque, tocou-lhe o ombro e murmurou:

— O dia que retorne, retornarei contigo.

Angela assentiu com a cabeça, mas continuou olhando à frente. Assim seguiram um bom trecho, até que, ao subir a colina, Angela soube que era sua última oportunidade de ver seu lar. Quis olhar, despedir-se de novo, mas não pôde. Continuou seu caminho com os homens de seu marido, enquanto milhares de lembranças alagavam sua cabeça. Seus pais. Seus irmãos. As noites em que seu pai lhes contava contos. O pequeno lago onde aprendeu a nadar. O claro onde ela aprendeu a dirigir a espada com o William, Aston e George.

Todo isso lhe nublou a vista e se deteve. Respirou com força e então, dando a volta, cravou os joelhos em sua égua e saiu disparada em direção contrária.

Os homens que foram atrás dela, ao vê-la se pararam também e tentaram retê-la, mas ela os sorteou com habilidade.

— Angela! — gritou Iolanda.

Kieran, ao ouvir a animação, voltou-se para olhar e então a viu afastar-se a galope. William, Aston e George se moveram para ir atrás dela, mas ele o impediu e disse:

— Continuem o caminho. Angela e eu em seguida lhes apanharemos.

E dito isto, lançou-se em sua perseguição com o coração desbocado. Sem dúvida, Angela não ia pôr fácil, mas ele não ia permitir que se saísse com a sua.

Quando a alcançou, viu que tinha desmontado e estava de joelhos. Tinha o capuz da capa posta e, ao aproximar-se, comprovou que tinha a espada no chão e que a sujeitava com as mãos entrelaçadas.

Chegou até ela, desceu do cavalo e se aproximou. Uma vez a seu lado, desejoso de seu contato, agarrou-a da cintura, levantou-a e lhe agarrou a mão. Ela o olhou, e, com o rosto banhado em lágrimas, disse:

— Minhas lembranças ficam todos aqui, Kieran...

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Ele, sem saber o que fazer ao ver seu desconsolo, estreitou-a entre seus braços e, enquanto a sentia tremer e chorar, murmurou:

— Suas lembranças sempre serão tuas, esteja onde estiver. Eu entendo a sua dor, mas você tem que ser forte e acho que agora você vai começar a valorizar experiências de outros lugares e outras pessoas. Sabe bem que aqui não podes ficar, inclusive se não fosse minha esposa, sabe, verdade?

Ela assentiu. Sabia, claro que sabia. Caerlaverock, tal como estava, era um lugar onde viver era virtualmente impossível e, quando ia responder, Kieran disse:

— Eu não gosto de ver-te chorar.

— Eu odeio chorar. É um tolo gesto de debilidade.

— E por que o faz?

— Por pena, raiva, tristeza...

Kieran a entendeu. Não era fácil passar por tudo o que estava passando e, lhe agarrando o queixo para que o olhasse, sussurrou:

— Angela, olhe à frente, seu pai assim o quereria.

— Sei... Sei.

— A Fada que você e eu conhecemos não choraria, verdade?

Tragando o nó que tinha na garganta, ela assentiu de novo. Sem dúvida Fada, a guerreira que muitos temiam, não choraria. Chorar sempre foi um sintoma de debilidade que ela utilizou para fazer acreditar todos que era uma débil dama.

Mas não era assim. Ela era uma guerreira. E, depois de desencravar a espada do chão, a guardou ao cinto. Olhou para o Caerlaverock, levou-se uma mão à boca, a beijou e, depois de passar-lhe por cima do coração, lançou o beijo.

Depois olhou ao Kieran, que, enfeitiçado por sua cara de anjo, foi beija-la, mas ela, dando um passo atrás, apartou-se.

— Acredito que devemos retornar com o grupo.

Desconcertado por que o tivesse rechaçado, assentiu e, recompondo-se, ajudou-a a montar e depois montou ele também. Deviam continuar o caminho.

Capítulo 36

Essa noite, quando acamparam, Kieran ordenou montar duas barracas. Uma para a Angela e outra para a Iolanda. Depois do jantar, durante a qual, estranhamente, as duas mulheres estiveram mais caladas que o habitual, foram cada uma a sua barraca.

Kieran observou como sua ruiva partia. Sabia que não estava bem, intuía a pena que levava em seu interior, mas decidiu não aproximar-se dela. Se o fazia, terminaria lhe fazendo amor.

Louis, ao ver a Iolanda encaminhar-se para a barraca, aproximou-se dela, e, apesar de que a jovem não lhe falava, disse:

— Que descanse.

Ela assentiu sem olhá-lo nem responder e seguiu adiante.

Angela, ao vê-los, agarrou uma pedra e a atirou em Louis para chamar sua atenção. Ao notar o golpe na perna, o highlander olhou e lhe indicou com o dedo que se aproximasse.

— Acredito que o melhor será que a deixe em paz.

— Mas por que, santo Deus? Alguém me pode explicar o que fiz? — perguntou deslocado.

Angela, depois de cruzar um olhar com o Kieran, que a observava perto do fogo, baixou a voz e, antes de dá-la volta e partir, contou-lhe baixinho:

— Ouviu-te falar com o Zac algumas coisas não muito agradáveis. E tenho que te dizer que não conheço bem a Iolanda, mas duvido que seja alguma prostituta, como você insinuou.

Ele ficou com a boca aberta. Ao fim o entendia tudo. Ao fim compreendia por que a doce e encantada Iolanda fugia constantemente e discutia com ele. Recordou o que havia dito ao Zac para evitar que este se mofasse dele e amaldiçoou consigo mesmo.

Como podia ser tão bocão?

Molesto consigo mesmo, olhou a pequena barraca onde estava Iolanda. Desejava entrar para esclarecer tudo, mas sabia que não devia invadir sua intimidade. Ofuscado, caminhou para sua manta e se tombou. Era o melhor.

Kieran, que viu a Angela falar com ele, aproximou-se e, ao ver seu cenho franzido, deu-lhe um golpe no ombro para que se incorporasse e inquiriu:

— O que te disse minha mulher?

Ao perguntar-lhe o próprio Kieran se surpreendeu. Havia dito sua mulher? Desde quando era tão possessivo?

Louis, sentando-se a contra gosto, arranhou-se a cabeça e respondeu:

— Agora já sei por que Iolanda não me fala e está zangada comigo. — Ao ver como Kieran o olhava, prosseguiu: — Me ouviu falar com o Zac dela. Ele me perguntou se eu a gostava e eu disse que não era a classe de mulher que... Bom, desqualifiquei-a. Sou um bruto!

Kieran soltou uma gargalhada. Era a primeira vez que via seu amigo tão deslocado pelo que uma mulher pudesse pensar dele e, lhe pondo uma mão no ombro, perguntou:

— E por que disse isso se não o sentia?

Ele negando com a cabeça, respondeu:

— Não sei. Falava com o Zac e, bom... já sabe como somos os homens às vezes.

— Uns bocões? — apontou, sentindo-se assim ele mesmo.

— Exato, uns bocões — conveio Louis.

Ambos olharam o fogo em silêncio. Sem dúvida, às vezes se comportavam como autênticos estúpidos e aquela era uma dessas vezes.

— Você gosta da Iolanda?

Sem necessidade de pensá-lo, Louis afirmou:

— Sim, tanto como ti da sua mulher. — E ao ver como o olhava Kieran, acrescentou: — Amigo, são muitos anos juntos, e igual sei que você não gosta dos dias extremamente calorosos e que prefere o frio, sei quando você gosta de uma mulher — Kieran sorriu e Louis prosseguiu: — Reconheço que essa pequena morena de rosto redondo e sorriso encantador me põe nervoso quando estou perto dela e mais quando a perco de vista. Ainda não sei por que falei essa tolice ao Zac. Sem dúvida da Iolanda eu gosto, e muito.

Kieran sorriu. Era o mesmo que ocorria a ele com a Angela e lhe aconselhou:

— Deveria falar com ela.

— Não sei quando — se mofou ele —. Não me deixa me aproximar dela e, se o tentar, abrirá me a cabeça com o que estiver a mão.

— Duvido-o.

— Pois não o duvide — replicou Louis — Essa pequena é de tomar armas.

— Então, a teme? Tem-lhe medo?

— Não... Não diga tolices. É só que Iolanda me desconcerta.

Ambos riram e Kieran insistiu:

— Se tanto te atrai e se crê que ela é especial para ti, segue tentando-o.

Louis assentiu. Sem dúvida o faria.

Durante um momento, conversaram de todo um pouco e quando Louis viu que Kieran se acomodava com sua manta junto ao fogo, perguntou:

— Não vais dormir com sua mulher?

— Não.

— Por que? Teme-a?

Divertido, Kieran se tombou na manta e respondeu:

— Estar com ela faz que baixe minhas defesas, e consegue me convencer de coisas das que logo me arrependo e...

— Um momento — o cortou Louis — Está aqui me dizendo que fale com a Iolanda apesar de que me possa abrir a cabeça e você... E você o que? — Kieran soprou e o outro acrescentou: — Te conheço. Levamos juntos muitos anos e sei que essa mulher de cabelo vermelho te atraía como Angela e como Fada. E agora, te olhe. Está casado com ambas e te afasta?

— É difícil de explicar, Louis — murmurou ele.

— Alguma vez recuaste, nem diante a ferozes guerreiros, nem diante campanhas difíceis — disse seu amigo, olhando as estrelas — acaso diante essa mulher o vais fazer?

— Não diga tolices — replicou Kieran e, olhando-o, burlou-se: — Desde quando é tão cultivado no amor?

— Desde que uma jovem de caráter endiabrado, em vez de me tratar com atenção, atira-me tudo o que encontra, à cabeça — respondeu Louis divertido e de novo ambos riram — Acredito que sabemos muito de campanhas ou aços, mas pouco de cortejo, amor e sentimentos, não crê?

Kieran assentiu e ao ver que não respondia, Louis acrescentou:

— Te convença, essa mulher não cabe dúvida, de que te dará dores de cabeça, mas você gosta mais do que você mesmo crê.

— Mas o que está dizendo?

— A verdade, Kieran. Digo o que acredito, como sempre faço em qualquer coisa das que falamos durante anos. E o que acredito neste instante é que, embora eu esteja encantado de que durma a meu lado, deveria te levantar e ir dormir com ela. Todos o estão observando e se quiser que aceitem a Angela como sua senhora, tem de lhes fazer ver que primeiro é tua para que também eles a sintam de sua propriedade e sejam capazes de morrer por ela como morrem por ti.

Ele fechou os olhos. Sabia que o que lhe dizia seu amigo era verdade, mas estar ao lado da Angela era muito tentador, e mais depois do ocorrido a noite anterior. Olhou a ambos os lados e se fixou nos olhares dos guerreiros. Era certo, estavam-no observando. Por isso, finalmente, levantou-se e disse:

— À alvorada retomaremos o caminho. Que descanse.

— E você também, maridinho — se mofou o outro.

— Louis! — grunhiu Kieran.

Este sorriu e se cobriu com sua manta, enquanto seu amigo se caminhava para a barraca onde pernoitava sua esposa.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Quando entrou nela, ouviu-se um clamor geral. Seus homens estavam contentes. Angela estava acordada, com uma de suas camisolas velhas. Ao vê-lo aparecer, olhou-o surpreendida e ele perguntou:

— Não dorme?

Ela negou com a cabeça.

— Não estou acostumada a dormir no chão. É duro, frio e...

Aproximando-se, Kieran estendeu umas mantas no chão, sentou-se a seu lado e disse:

— Veem aqui. Eu te darei calor.

Surpreendida por que se queria aproximar, murmurou:

— Não.

— Veem.

— Disse que não. — insistiu ela.

Kieran a olhou esticando a mandíbula e Angela esclareceu:

— Não quero me aproximar de ti.

— Por que?

— Quer saber a verdade? — ela repôs, suspirando.

— Sempre.

Tocando a trança que fez, disse, enquanto movia o braço com dissimulo, com a intenção de que lhe baixasse a manga do ombro direito:

— Estou aborrecida contigo. Ontem à noite, depois do momento apaixonado que tivemos em meu quarto, e no que ficou claro que nenhum dos dois sente nada pelo outro — mentiu — acreditava que ficaria junto a mim, mas quase fugiu. E agora, não... definitivamente, não quero me aproximar de ti.

Tinha razão. Tinha toda a razão do mundo.

— Escuta, Angela... — começou.

— Não, não vou te escutar. Quero que te cale, deite-te e me deixe tranquila e em paz.

— Está-me dando uma ordem? — perguntou molesto.

Com uma graciosa careta, ela assentiu e, com uma doce piscada, replicou:

— Pode toma-lo como quiser, sempre e quando não me tocar.

— Que não te toque?

— Exato! — respondeu, enquanto, por fim a manga da camisola lhe escorria com o efeito que ela desejava e o ombro tentador ficava ao ar.

Kieran, incapaz de não olhar aquela pele suave e atraente, tossiu e disse:

— E se quero te tocar agora porque te encontro preciosa e irresistível?

Angela sorriu, arranhou-se o pescoço, ainda arroxeado, e em tom sensual, sussurrou:

— Possivelmente te diga que não.

Ao ver a curvatura de seus lábios, Kieran intuiu que já a tinha ganho e, com cavalheirismo, murmurou com voz íntima:

— Esse "possivelmente" pode convertê-lo em um "sim".

Aproximando-se como ele fazia, Angela respondeu:

— Não sei...

O humor do Kieran mudou. Sua mulher se estava oferecendo com sensualidade, mas quando foi toca-la, lhe golpeou a mão e, subindo com decisão a manga da camisola, vaiou:

— Como vê, tenho um excelente professor e aprendo rápido a seduzir. E quando digo "não", é "não"!

Atônito por como tinha jogado com ele, tentando-o, Kieran amaldiçoou e, sem vontades de discutir, agarrou-a e, depois de deitá-la a seu lado sobre as mantas, imobilizou-a e ordenou:

— Agora, dorme.

— Me solte!

— Angela... baixa a voz.

— Baixarei a voz quando me soltar — grunhiu ela.

Sem lhe fazer caso, em um tom de voz, Kieran respondeu:

— Pode gritar quanto queira, mas te aviso que, se o fizer, gritarei eu também.

Incrédula, vaiou:

— Está-me desafiando, O'Hara?

Com um angélico sorriso, cheia de diversão ao haver-se encontrado com Fada, ele afirmou:

— Tanto como você a mim, senhora O'Hara.

— Ferguson.

O sorriso desapareceu do rosto do Kieran ao ouvir aquilo e, consciente de que tinha começado ela, Angela pôs os olhos em branco e cedeu:

— Vá... De acordo... O'Hara. Perdoa.

Sem soltá-la, Kieran esperou a que dissesse algo mais, e se surpreendeu quando ela não o fez. Quando viu que relaxava, disse:

— Descansa. Amanhã nos espera um dia duro.

Angela esteve um bom momento sem mover-se e sem falar, até que notou o calor que irradiava o corpo dele e pouco a pouco se foi inundando em um doce sono que a afastava dos

pesadelos. Era agradável sentir seu amparo.

Por sua parte, Kieran tampouco se moveu e desfrutou desse íntimo momento. Sabia que se se movia, seria para fazê-la sua de novo. Cheirou seu cabelo com deleite e amaldiçoou uma e mil vezes as marcas de seu pescoço. Pensar no Cedric tentando estrangulá-la revolvia o estômago e lhe dava vontade de voltá-lo para matar.

Quando lhe pareceu que Angela estava dormindo, atreveu-se a observar seu rosto a apenas um palmo. Sorriu ao ver as pequenas sardas travessas que tinha nas bochechas e, incapaz de reprimir seus impulsos, aproximou os lábios e as beijou. Angela se moveu dormindo e se aconchegou com gosto contra ele. Isso o fez sorrir e, desfrutando daquela doce intimidade, relaxou-se e dormiu.

Capítulo 37

De madrugada, o acampamento dos O'Hara estava em silêncio. Todos dormiam exceto dois homens que faziam guarda. Com cuidado, Iolanda correu ligeiramente o tecido de sua barraca para observar a seu redor. Olhou aos dois homens que vigiavam. Falavam olhando à frente, não para onde ela estava.

Com supremo cuidado, abriu a barraca de tudo e, devagar, saiu dela com sua pequena bolsa na mão. Sem fazer ruído, se escapuliu no bosque.

Louis, que não podia dormir, olhou-a incrédulo. O que estava fazendo?

Observou-a desde sua manta e, quando ela se esfumou, levantou-se e, com o mesmo sigilo, seguiu-a durante um bom trecho.

Aonde ia?

Sem deixar-se ver, procurou não perde-la de vista. A princípio a jovem correu e, quando não pôde mais, parou a tomar ar, momento em que Louis lhe aproximou por detrás e perguntou:

— Pode-se saber aonde vai?

Ao ouvi-lo tão perto se assustou e lhe deu com a bolsa que levava na mão. O golpe foi diretamente ao peito e Louis murmurou com ironia:

— Terá que me golpear com algo um pouco mais duro se quer me fazer dano.

Irritada por seu tom de voz, olhou-o e vaiou:

— O que faz me seguindo?

— O que faz partindo?

Contrariada por ser descoberta, respondeu:

— Não te interessa, entendido?

E, dando a volta, continuou seu caminho com passo firme. Louis a seguiu tranquilamente. A cada dois passos que ela dava, ele só tinha que dar um, por isso segui-la era fácil. Iolanda, ao ver aquilo, voltou-se de novo e grunhiu:

— Pode-se saber o que faz?

— Te seguir até que me diga aonde vai.

— Va te daqui, fora!

— Não.

— Desaparece de minha vista, idiota.

— Não e menos se me insultar.

Levando a mão ao cinto, onde levava a espada, Iolanda a agarrou e Louis murmurou:

— Se o fizer, arrepender-te.

Sem lhe fazer caso, ela desembainhou, mas antes que pudesse brandi-la, ele já a tinha tirado, tinha-a convexa no chão e sentado sobre ela. Ela esperneava.

— Aonde vai, Iolanda?

Molesta e zangada, protestou:

— Não te importa e faz o favor de me soltar agora mesmo.

Com a extremidade do olho, Louis observou que seguia sujeitando a bolsa com força. Sem dúvida, aquelas eram suas posses mais apreciadas. Optou por arrebatar-lhe e, levantando-se, disse-lhe:

— Muito bem. Já te pode ir.

— Me devolva minhas coisas — exigiu ela.

Mas sentando-se no chão com toda a parcimônia do mundo, Louis respondeu:

— Não.

— Disse que me devolva minhas coisas.

— Não se não me diz aonde vai.

Furiosa, agarrou uma pedra do chão e a atirou. Deu-lhe justo na cabeça e ele, tocando-se, sussurrou:

— Assim nunca me convencerá.

Iolanda foi protestar, mas então viu que lhe corria sangue pela testa e, horrorizada, exclamou:

— Meu Deus, te tirei sangue!

Louis assentiu.

— Isso parece. Mas, tranquila, deste não morro.

Angustiada, subiu a saia, rasgou parte da anágua que Angela lhe tinha dado e, aproximando-se dele, murmurou enquanto o limpava:

— Sinto muito... Sinto muito. De verdade que não queria te fazer isto.

O guerreiro, encantado com sua mudança de humor e sua cercania, sorriu e confessou:

— Eu tampouco, mas por te ter tão perto merece a pena.

Iolanda, ao ver seu gesto brincalhão, afastou-se, olhou ao céu e blasfemou.

— Essa língua tão suja não é própria de uma senhorita — se mofou ele.

Esse comentário a voltou a zangar e, assinalando-o com o dedo, perguntou:

— E que você me roube minhas coisas é de cavalheiro?

Levantando as mãos, Louis replicou:

— Eu não te roubei nada. Sentei-me aqui a esperar que me diga aonde vai.

— Antes me corto a língua que lhe dizer isso.

Essa resposta o fez sorrir e, assinalando o chão, indicou-lhe com tranquilidade:

— Sente-se e descansa. Acredito que falaremos melhor.

Ela, depois de dar um par de voltas enquanto pensava o que fazer, ao fim se sentou e, quando Louis a olhou, disse:

— Muito bem, já estou sentada. Sobre o que quer falar?

Ele, ao ver que conseguiu algo, sem mover-se de seu lugar comentou:

— Não são horas para que uma mulher ande sozinha pelo bosque. Se te afastar do acampamento e de nosso amparo, pode-te ocorrer algo, acaso não sabe?

Irritada pela tranquilidade com que falava, respondeu, enquanto ele limpava o sangue com o tecido de sua anágua:

— O que sei é que não quero seguir o caminho com vós. Sinto-o na alma pela Angela, a que adoro. É boa comigo e sei que me quer de coração, mas... mas...

— Mas o que?

— Pois isso... Que decidi seguir sozinha, como estava. Não necessito a ninguém e ninguém me vai sentir falta depois de passados dois dias.

Louis a olhou. Aquela jovem com cara de safada era a mais bonita que tinha visto alguma vez, e repôs:

— Equivoca-te. Eu sentiria tua falta.

Surpreendida e em certo modo adulada pelo que havia dito, replicou:

— Duvido-o. Uma vez chegue a seu destino, não acredito que lhe faltem mulheres de cabeleira larga e elegantes corpos que se ocupem de ti.

— A sério crê isso?

Iolanda suspirou. Se algo não lhe devia faltar ao Louis eram mulheres. Aquele pedaço de homem de cabelos escuros, sorriso afável e corpo escultural devia ter tudo, e respondeu:

— Não é necessário que te diga o que você mesmo já sabe. Ou é que necessita que te adule para não ferir seu ego de machão?

Ele soltou uma gargalhada e, cravando os olhos nela, disse:

— Iolanda, em relação às mulheres, dir-te-ei que há uns dias me atraem mais as mulheres de cabelo curto. — E ao ver como o olhava, acrescentou: — Sei que ouviu o que falei com o Zac e quero te pedir desculpas.

— Oh, não... Não faz falta — respondeu ferida.

— Sim, sim o faço.

— Pois eu te digo que não. — repetiu.

Louis suspirou. Irritava-o tanto como lhe dava vontade de beijá-la.

Como uma mulher que era tão pequena podia ser tão cabeçuda? Mas sem querer perder as maneiras, insistiu:

— Quando faço algo mal, sei pedir perdão.

Incrédula pelo que ouvia, Iolanda negou com a cabeça e lhe advertiu:

— Se o que está fazendo é desdobrar suas artes comigo, lhe pode economizar isso, não me impressiona.

— Ah, não?

— Não.

Sem deixar de olhá-la, e vendo quão nervosa isso a punha, perguntou:

— Nem sequer um pouquinho?

— Nada.

— Nem se te dissesse que é uma preciosa mulher, com a que eu gostaria de ter algo mais que um simples cortejo?

Assustada por suas palavras, levantou-se de repente, deu-se um tapa na perna e uivou de dor. Ainda não tinha o dedo bem.

— Maldita seja, tem-te feito mal?

— Você o que crê? — respondeu, com os olhos cheios de lágrimas.

Louis se levantou rapidamente e foi até ela para consolá-la, enquanto dizia:

— Não chore, Iolanda, por favor. Sorri. Tem o sorriso mais cativante que jamais vi e só desejo ver-te contente.

Aquele tom íntimo e sua cercania a fizeram ficar alerta e sussurrou:

— Não me toque. Afaste-te de mim.

Louis deu um passo atrás, mas ao fazê-lo, a lua iluminou o rosto da jovem e, ao lhe ver as bochechas cheias de lágrimas, aproximou-se de novo e, olhando-a aos olhos, beijou-a.

Ao princípio, ela não se moveu. Permaneceu quieta até que sua boca aceitou a dele. Sem tocá-la, Louis seguiu beijando-a, até que, desejoso de sentir sua cercania, passou-lhe um braço pela cintura para apertá-la contra ele e então, assustada, deu-lhe uma dentada na língua e, com desespero, começou a lhe dar murros no peito até que conseguiu que a soltasse.

— És bruta! — queixou-se ele, tocando-a língua dolorida.

— Não volte a me tocar! Nunca! Nunca! — gritou a garota.

Sem entender aquela reação, Louis perguntou:

— O que ocorre? Por que te põe assim? Calma, Iolanda, não vou fazer-te nada.

Ela o olhou com desespero e gemeu:

— Não volte a me tocar, entendido?

Ele assentiu e se sentou de novo no chão, junto à bolsa, enquanto dizia:

— De acordo. Entendido.

Com o coração encolhido, observou como as lágrimas escorregavam pelo rosto dela sem poder fazer nada. Desejava abraçá-la, mimá-la e consolá-la e, sobretudo, saber por que chorava, além de pela dor de seu dedo. Mas depois de sua reação não quis alarmá-la e só se dedicou a esperar. Quando ela se tranquilizou, secou-se as lágrimas e disse:

— Não necessito que te desculpe pelo que disse esse dia, eu sei quem sou e nada do que você diga me importa.

— Equivoca-te, importa-te, e por isso leva vários dias sem me falar. Sente-se, por favor, e falemos.

A jovem se sentou de novo e ao ver que se tocava o dedo machucado, perguntou-lhe:

— Dói-te?

— Não.

O guerreiro sorriu.

— Por que mente quando ambos sabemos que te dói?

Ela o olhou. Pensou lhe responder, mas ao ver seu gesto e como a olhava, desistiu.

— Faz dias, dava-me conta de que tenho uma boca muito grande — continuou Louis.

— Enorme!

— Isso, enorme — repetiu com tranquilidade — E por isso tenho que me desculpar pelo que me ouviu dizer. Foi uma tolice. Não o pensava e atuei sem pensar e sem saber que podia me ouvir e te podia fazer mal.

— Mal? — E, olhando-o, vaiou: — Te equivoca. A mim nada nem ninguém já me fazem mal.

Desconcertado pela forma em que matizou aquelas palavras, sussurrou:

— Me diga o que te ocorreu para que esteja tão doída.

Iolanda o olhou, mas não abriu a boca, e Louis, tentando chegar a ela por outro caminho, expôs:

— Ontem, quando Angela lia o convite, precavi-me de uma coisa, sabe ler, verdade? —Ela não respondeu e ele prosseguiu: — Sem dúvida, tiveste uma vida algo melhor que a que leva, não?

Iolanda seguiu em silêncio e ele finalizou:

— Tenho todo o tempo do mundo para que responda.

E assim, desafiando-se, permaneceram sem mover-se de onde estavam até que começou a amanhecer. A luz do dia lhe permitia contemplar o rosto do Louis com claridade e vice-versa, e se horrorizou ao ver o sangue seco sobre a testa dele. Como podia ser tão bruta?

Em várias ocasiões esteve tentada de lhe contar a verdade, mas logo se arrependia. Era melhor deixar quieto o passado. Ninguém devia saber o ocorrido, ninguém.

Quando amanheceu e a possibilidade de escapar se fez menor, cansada, levantou-se. Foi para sua bolsa, agarrou-a e, quando se pôs a andar, Louis, levantando-se também, disse:

— Não vou deixar que te parta. Para!

Iolanda, com os olhos cheios de lágrimas, seguiu andando.

— Disse que pare maldita cabeçuda.

Sem olhar atrás, ela continuou, até que de repente sentiu que a levantavam do chão. Furiosa, começou a espernear até que ele a soltou.

— Disse que não voltasse a me tocar! —gritou.

— Mas, Iolanda...

— Quero ir — grunhiu — Quero te perder de vista e não quero que me detenha.

Convencido de que com aquela jovem ocorreu algo terrível, ele negou com a cabeça. Nem louco a ia deixar partir. Devia leva-la de retorno ao acampamento.

Quando Angela despertou, estava sozinha na barraca, envolta em mil tartáns e mantas. Kieran a cobriu bem para que não pegasse frio. Detalhes parvos como esse, gostava muito dele e sorriu.

Ao sair da barraca, os homens de seu marido a saudaram com cortesia. Todos pareciam havê-la aceito com gosto e ela os saudou com um sorriso.

Aproximou-se do que se encarregava de cozinhar para todos, que entregou uma caneca com leite quente. Angela a estava tomando, quando viu o Kieran, Louis e Iolanda um pouco afastados deles, falando. Isso a inquietou. E mais ao ver os bruscos movimentos de mãos da jovem. Pareciam discutir e, sem duvidá-lo, deixou a caneca e foi até eles.

— O que ocorre? — perguntou ao aproximar-se.

Todos a olharam e Louis, zangado, grunhiu:

— Tentou escapar, mas a encontrei e a trouxe de volta.

— O que te ocorreu na cabeça? —perguntou ela, ao lhe ver o sangue seco na testa.

Ele, zangado, tocou-se a ferida e olhou ao Kieran, que sorriu quando Iolanda disse:

— O que ocorre a qualquer asno que me impede de caminhar.

— Iolanda — a arreganhou Angela.

Kieran ao ver a situação, e em especial que seu amigo, sempre tão tranquilo, estava começando a perder os nervos, indicou-lhe:

— Louis, vê a que lhe curem essa ferida.

— Estou bem. Não se preocupe, Kieran.

— Sei. Mas vê. Tenho que falar com a Iolanda — insistiu ele.

O highlander olhou a Iolanda com gesto sombrio e ela, em resposta, levantou o queixo com indiferença. Quando Louis partiu, Angela e Kieran se olharam e ela inquiriu:

— Por que foi?

— Sou livre. Não pertenço a ninguém e posso partir quando queira.

Sem entender o tom de sua resposta, Angela assentiu e murmurou:

— Acreditava que comigo estava bem.

— E o estou — assentiu Iolanda, que lhe começaram a encher os olhos de lágrimas.

— Então, por que vai?

— Iolanda — interveio Kieran com tranquilidade — que uma mulher vá sozinha pelos caminhos não é muito recomendável, não vê que te poderia ocorrer algo?

A jovem se desmoronou e Angela, olhando ao Kieran, pediu-lhe em silêncio que partisse e as deixasse. Ele assentiu e, uma vez ficaram sozinhas, Angela perguntou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Me diga, o que ocorre tão terrível que te faz fugir de nós?

— Não fujo de vós.

— Louis não diz o mesmo.

— Louis! — repetiu Iolanda, olhando-o de longe — Esse idiota me teve toda a noite falando, discutindo e brigando.

— Idiota?

— Sim. Idiota, presunçoso, tolo, petulante e pretensioso, por não dizer nada mais.

— Já disse bastante — se mofou Angela.

Iolanda esboçou um sorriso e ela, ao vê-la, continuou:

— Possivelmente é assim contigo porque gosta. Acaso me vais negar que ele a ti não?

— Tenho mais bom gosto para os homens.

Isso fez rir a Angela. Tinha claro que Louis gostava, mas deixando isso de lado, insistiu:

— Sabe que se equivocou com seu comentário e tenta te pedir perdão da melhor maneira que sabe.

Iolanda soprou e disse:

— Por que lhe contaste?

— Tinha que dizer — respondeu Angela —. O pobre estava se voltando louco sem saber o que fez para te ofender tanto.

Cansada da noite exaustiva que Louis lhe deu, a jovem se abanou com a mão e, com o semblante mudado, gemeu:

— Não posso ir ao Stirling.

Sem entender o que lhe ocorria, Angela a abraçou enquanto via que Kieran e Louis as olhavam.

— Calma, Iolanda — murmurou.

Quando conseguiu tranquilizá-la, agarrou-a da mão e a levou até uma grande árvore, sob o que se sentaram.

— Me conte por que não quer ir ao Stirling — pediu. Iolanda se tocou o rosto e Angela particularizou: — Mas quero a verdade.

A moça tomou ar e começou:

— Acredita-me no Stirling estão meus pais e meu irmão Ralph.

— Stirling? Mas você me disse...

— Sei — a cortou — Te menti.

Angela assentiu e Iolanda prosseguiu:

— Meu pai era dono de uma ferraria que herdou de seu pai e minha mãe, junto a sua amiga Pedra, tinha um pequeno negócio de costura. Ambas eram costureiras e se dedicavam à venda de vestidos, em especial quando chegava a grande festa anual do clãs dos Stirling. Ainda recordo estar na pequena loja com elas e ver passar às mulheres de muitos lordes por ali, com vontade de que deixassem as moedas. Mamãe e Pedra eram famosas por seus bonitos vestidos e complementos e, com o tempo, eu comecei a costurar junto a elas. — Sorriu com tristeza — Minha família era uma família querida e respeitada por todos em Stirling e nossa vida era acomodada e feliz. Mas quando eu fiz quinze anos, meu pai e meu irmão adoeceram de febre e, depois de muito sofrimento, morreram — sussurrou — Mamãe continuou com seu trabalho de costureira, mas ficamos com uma ferraria que não sabíamos levar e ela, procurando uma solução, e desobedecendo as palavras da Pedra, procurou um ferreiro que levasse o negócio e assim foi como entrou em nossas vidas Fiord Delawey. — gemeu — Durante anos, tudo funcionou, mas...

Iolanda se interrompeu. Custava-lhe falar daquilo e Angela, ao vê-lo, murmurou:

— Estou aqui, ao seu lado, hoje, amanhã e sempre, Iolanda. Conte-me o que ocorreu.

— Fiord era um bom ferreiro, e embora Pedra nunca gostou desse homem, minha mãe se apaixonou por ele, mas ele se casou com outra. — prosseguiu, secando as lágrimas — Dois anos depois dessas bodas, Sindia, que era como se chamava a mulher do Fiord, morreu junto a seu bebê em estranhas circunstâncias e um ano depois esse homem se casou com minha mãe. A princípio todo foi bem, mas logo minha mãe ficou grávida e... e...,Sean. meu irmão, nasceu faz três anos.

De novo o pranto impediu a Iolanda de seguir e, depois de que Angela a consolasse e tranquilizasse, prosseguiu:

— A partir do nascimento de Sean, tudo se voltou caótico. Fiord começou a beber, a maltratar a minha mãe e a me acossar. Insisti em falar disso com minha mãe, tentei que o visse como o víamos Pedra e eu, mas foi inútil. Mamãe estava tão apaixonada por ele que não via nada mais e... E... Uma madrugada, notei que alguém se metia em minha cama e era ele. Tentei gritar, sair da cama, chamar a minha mãe, mas Fiord me tampou a boca e... E...

Angela, ao entender o que queria dizer, murmurou:

— Oh, meu Deus...!

Secando-as lágrimas, a jovem continuou:

— À manhã seguinte, assustada e dolorida, não podia me levantar da cama e quando mamãe foi despertar-me, viu o sangue nos lençóis e lhe contei o ocorrido. Nunca esquecerei sua cara de horror. Depois me fez levantar, tirou os lençóis, queimou-os e me enviou a comprar carne a uma granja dos subúrbios do Stirling, e me disse que me levasse a Sean comigo. Quando

retornamos essa tarde, a gente se formava redemoinhos na porta de minha casa. Eu não sabia o que ocorreu e então vi o Fiord sair com gesto compungido e Pedra me disse que mamãe tinha morrido.

Horrorizada, Angela se tampou a boca e Iolanda seguiu com o relato:

— Segundo as vizinhas, ao retornar da ferraria, Fiord a tinha encontrado no chão sem vida. Disseram que uma queda a matou, mas eu sei que não foi assim e Pedra também sabe. Foi Fiord. Foi ele. Ele a matou quando lhe reprovou o que me fez. Durante um tempo, Sean e eu dormimos em casa da Pedra, porque eu me negava a dormir em minha casa com esse homem. Mas um dia, ela partiu pela manhã a entregar um vestido e Fiord chegou bêbado. Sean dormia e me pegou na casa e tentou ultrapassar-se de novo. Defendi-me como pude e ele me sussurrou ao ouvido que se não cedia me mataria como a minha mãe. Assustada, pude agarrar uma faca e o cravei na coxa. Agarrei a Sean e me dispus a fugir, mas Fiord, levantando do chão, tirou a meu irmão e, assinalando o fogo, gritou-me que se não me partia, jogaria a Sean às brasas.

"Assustada pelo pequeno, saí correndo e deixei a meu irmão ali. Ao dia seguinte retornei para buscá-lo, mas Fiord o tinha levado a ferraria. Durante um mês, retornei todos os dias com a esperança de salvar a Sean desse animal, mas foi impossível. Pedra tentou me ajudar e riscamos um plano entre as duas, mas tudo saiu mal. — E, levantando o vestido para lhe ensinar a perna, disse: — Vendo-me, Fiord agarrou um ferro quente e com ele me queimou a coxa.

Angela, horrorizada ao ver aquela feia marca, ia dizer algo, quando a jovem prosseguiu:

— Logo, Fiord me carregou em seu cavalo, ferida, e me deixou no bosque, aos subúrbios do Stirling. Disse que se voltasse a me ver mataria a Sean e a Pedra e não pude fazer outra coisa que partir. Com muita dificuldade consegui me manter com vida e me curar. A ferida me infectou, e daí seu feio aspecto, mas me afastei do Stirling tudo o que pude e cheguei até onde me encontrou, e eu... eu...

Abraçando-a, Angela a consolou. A vida da Iolanda não foi nada fácil e, sem saber o que dizer, murmurou:

— Sinto muito, Iolanda... Sinto muito.

A jovem assentiu e, olhando-a, disse:

— Sempre quis retornar por Sean e Pedra. Ele fará três anos o mês que vem, mas eu sozinha nunca poderei consegui-lo. E agora vou a caminho de Stirling e eu... eu... não sei o que fazer. Assusta-me que Fiord me veja e cumpra sua promessa e...

— Eu te ajudarei — afirmou Angela — Falarei com o Kieran e...

— Não, não, por favor. Envergonha-me que eles saibam o que me ocorreu...

— Iolanda — a cortou Angela — você não tem culpa de nada do que aconteceu. De nada.

—remarcou com ênfase — Muito foi já para ti o ocorrido e ter sobrevivido, este tempo, você sozinha no bosque e sem médios.

— Mas eles...

— Eles entenderão tudo. Estou segura de que Kieran te ajudará a recuperar a...

— Não... Não, por favor.

Angela, ao ver o medo em seus olhos, tomou ar e conveio:

— De acordo... De acordo, não direi nada, mas não chore. Procurarei uma solução. Eu te ajudarei. — E, tocando-a sobrancelha com o dedo anelar, acrescentou: — Se mal não recordo, Kieran disse que estaríamos varias noites no Stirling. Verei como podemos despistá-lo e ir procurar a seu irmão. Tranquila, vá?

— Por favor, não lhes diga nada aos homens. E menos ao Louis. Ele já pensa que eu... E se souber que Fiord me... Me...

— Mas Iolanda, ele poderia...

— O que é o que não nos tem que dizer? — perguntou Kieran, aproximando-se delas acompanhado do Louis.

As duas os olharam surpreendidas e Angela rapidamente respondeu:

— Coisas íntimas de mulheres. — E, ao ver que eles a olhavam céticos, acrescentou com mofa: — Se diz que nós somos curiosas, mas os homens não ficam atrás.

Kieran olhou a sua mulher tentando ler em sua face se era verdade o que dizia, mas sorriu ao vê-la olhá-lo com picardia, e mais quando disse:

— Vamos, Iolanda, devemos recolher nossas coisas para continuar o caminho.

Quando elas partiram, Louis olhou ao Kieran e perguntou:

— O que é que Iolanda não quer que nos conte?

Ele se encolheu de ombros e murmurou, enquanto caminhavam atrás delas:

— Coisas de mulheres.

Quando eles se foram, Zac, quem esteve todo aquele tempo sentado, ao amparo de um enorme tronco, levantou-se, olhou às mulheres que se afastavam e sussurrou:

— Iolanda, conta com minha ajuda.

Capítulo 38

Iolanda se apaziguou.

Poder falar e desafogar-se com a Angela, lhe fez muito bem, e também pôde comprovar quão amável e galante Zac foi com ela, sem saber que conhecia seu segredo.

Louis, ao ver aquela amabilidade no moço, sentiu ciúmes, mas, ao entender, depois de uma breve conversa, que Iolanda não era para ele mais que uma jovem que lhe caía bem, tranquilizou-se.

Por sua parte, Kieran e Angela tão logo se adoravam como se odiavam. Nenhum dos dois deixava ver seus verdadeiros sentimentos e, embora durante o dia, sorriam ante os guerreiros, quando se encontravam na barraca, ao anoitecer todo era diferente. Umas noites se amavam com paixão e outras não se aproximavam um do outro. Isso desconcertava aos dois, cada dia que passava, mais e mais.

Uma tarde, ao passar junto a uma pequena casa de pedra com teto de palha, ouviram um agônico grito de dor.

Outro grito fez que Angela parasse e perguntasse a um homem que os observava junto a uma menina:

— O que foi isso?

O homem, com cara de não confiar-se naqueles highlanders, respondeu:

— Minha mulher está de parto.

Ouviu-se um novo grito dilacerador e Iolanda disse:

— Alguém está atendendo a sua mulher?

Ele negou com a cabeça e Angela explicou:

— Um de nossos guerreiros é médico. Ele poderia...

— Minha mulher não necessita a ninguém — cortou o homem — É seu quarto parto.

Iolanda olhou à menina, que parecia assustada, e, sorrindo, perguntou-lhe:

— Onde estão seus irmãos?

A menina assinalou para umas árvores e, ao olhar e ver umas cruzes cravadas no chão, Iolanda, incrédula, disse ao homem:

— Pretende que sua mulher acabe aí junto a seus filhos?

Ele se desmoronou e Angela, desmontando do cavalo, informou ao Kieran, que se aproximava nesse instante:

— A mulher deste homem está parindo sozinha. Por seus gritos, acredito que necessita ajuda.

Nesse momento voltou a ouvir um dilacerador grito e Kieran inquiriu:

— Quanto tempo leva de parto?

O homem respondeu desesperado:

— Desde ontem pela tarde. Mandei chamar à parteira, mas ao que parece, tem trabalho e não pôde vir.

Iolanda, enquanto isso, chamou o Patrick, o médico, e quando este se aproximou e se identificou, o homem disse rapidamente:

— Não permitirei que outro homem, que não seja eu, veja minha mulher, neste momento.

— Sou médico. Posso ajudá-la — explicou Patrick.

Depois de várias negativas, Louis, que esperava ainda montado em seu cavalo, depois de olhar ao Kieran, ordenou aos guerreiros desmontar e descansar. Assim o fizeram.

A menina, que estava junto a seu pai, olhou ao Kieran, e ele, agachando-se ante ela, perguntou:

— Como te chama?

A cria, depois de olhar a seu pai, respondeu:

— Caley.

Com um bonito sorriso, Kieran sentou no degrau da entrada da casa e, assinalando a Iolanda e Angela, comentou:

— Te anime, Caley, minha mulher, Angela, e Iolanda vão ajudar a sua mamãe. — Logo, as olhando, acrescentou decidido: — Entrem e vejam o que podem fazer.

Sem tempo a perder, elas entraram na casa. Viram que era humilde, mas estava limpa, e Angela, agarrando a Iolanda pelo braço, murmurou nervosa:

— Nunca atendi em um parto, e você?

A jovem negou com a cabeça.

— Eu tampouco.

— Oh, meu Deus, necessitamos ao Patrick!

Iolanda assentiu, mas sem parar-se, disse:

— Sem dúvida, mas a esta pobre mulher, nossa ajuda, também virá bem.

Quando abriram a porta da habitação, encontraram-se com algo que não esperavam: a parturiente, empapada de suor, tinha as pernas cheias de sangue. Iolanda ficou paralisada e Angela, sem pensar em nada, aproximou-se dela e disse:

— Ela é Iolanda e eu sou Angela, viemos te ajudar.

A mulher deu um novo grito e se retorceu na cama.

As duas jovens se olharam e Iolanda sussurrou:

— Vou pegar água fresca para ela e porei um pouco ao fogo. Também falarei com o

Patrick. Ele nos dirá o que devemos fazer.

Assim que saiu da habitação, Angela agarrou a mão da mulher e, quando seu rosto relaxou, perguntou:

— Como te chama?

— Ebrel, me chamo Ebrel.

Retirando os lençóis ensanguentados e molhados, que tinha entre as pernas, ela afirmou com segurança:

—Muito bem, Ebrel. A partir de agora tudo ficará bem.

Sem descanso, Angela e Iolanda a atenderam seguindo as instruções do Patrick, que esperava no exterior. Secaram lhe o suor, que lhe corria pelas têmporas, retiraram-lhe o cabelo empapado do rosto, deram-lhe água fresca para que se hidratasse e umas infusões que o médico lhes indicou.

Mas o tempo passava e o bebê não nascia. Ebrel sofria dores terríveis e elas não sabiam o que fazer. Curvada e cansada, Angela saiu da habitação e se encontrou com o Kieran e o marido do Ebrel. A pequena Caley dormia em uma cama e, quando os homens a olharam, disse em voz baixa:

— Ebrel morrerá se não deixar entrar nosso médico.

O homem, incômodo, resmungou:

— Ela não o permitirá. Ebrel não quererá que um homem a veja assim.

— Tal como está agora, não pode decidir nada — apressou Angela — vai morrer, acaso quer isso?

— Não... Não — soluçou desesperado.

Depois de cruzar um olhar com o Kieran, Angela insistiu:

— Mas não vê que o que ela quer ou não, neste instante, de pouco vale? Iolanda e eu fizemos tudo o que pudemos, mas necessitamos alguém que saiba como proceder nesse momento.

Kieran, ao vê-la tão nervosa e ao homem tão confuso, decidiu tira-la da cabana. Precisava tomar ar. Uma vez fora, ela disse:

— Estou assustada. Não sei o que fazer.

— Tranquilize...

— O bebê não sai e...

— Fez tudo o que pôde.

— Mas não é suficiente — se queixou.

A lua iluminava seu rosto e Kieran, lhe retirando com carinho uma mecha que lhe caía sobre um olho, murmurou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Escuta, Angela, está fazendo tudo o que pode por essa mulher. Está-a ajudando. Não a abandonaste e isso deve te reconfortar.

— Pois não me reconforta. Ver que não posso fazer nada para aliviá-la, está me matando. Essa pobre mulher sofre, seu bebê vai morrer e eu já não sei o que fazer.

Com um carinhoso gesto, Kieran a aproximou dele.

— Me olhe. — Ela o fez — É a mulher mais valente e lutadora que conheci em toda minha vida, e estou seguro de que fará tudo o que possa por ela.

Angela tampou os olhos com a mão. Kieran a apartou e, sem dizer nada, deu-lhe um suave beijo nos lábios e murmurou, com tom embriagador:

— Sorri, minha vida...

Nesse momento, Patrick se aproximou deles e perguntou:

— Como vai tudo?

Angela ainda podia ouvir em sua cabeça aquele íntimo “Sorri, minha vida”, mas não se deixando levar por palavras açucaradas, como seu marido dizia, respondeu:

— Fizemos tudo o que você nos disse, mas não conseguimos nada.

Patrick blasfemou e, depois de olhar ao Kieran, que os observava, perguntou:

— Segue sem querer levantar-se?

Angela assentiu.

O médico começou a lhe dar indicações, até que ela, cansada de escutá-lo, soltou:

— Acabou-se! Patrick vai entrar.

Kieran foi protestar, mas Angela, abrindo a porta da casa, entrou seguida pelo médico e seu marido, e disse, olhando ao marido do Ebrel:

— Dá-me igual o que você diga e sua mulher, não vou permitir que ela morra desnecessariamente, e o médico vai entrar comigo. Falarei com Ebrel. E se mesmo assim diz que não, dá no mesmo para mim, ele vai entrar porque assim eu decidi.

Kieran, surpreso pela força que demonstrava nesses momentos, não disse nada. Simplesmente, viu como o homem assentia.

Angela entrou na habitação e, olhando Ebrel, que seguia retorcendo-se de dor, aproximou-se dela e lhe expôs:

— Ebrel, o parto está complicado e nós já não sabemos o que fazer. E se seguir assim, temo que morram você e o bebê. Sei por seu marido que não quer que outro homem entre e te veja assim, mas conosco vem um médico e...

— Não... Não... Um homem não — ofegou ela.

Iolanda olhou a Angela e esta prosseguiu com voz dura:

— Prefere morrer e os abandonar, e sós a sua filha e seu marido? — A mulher não respondeu e ela insistiu: — De verdade que não te importa que morra outro filho teu, quando que, se deixasse, poderíamos tentar salva-lo?

Derrotada, Ebrel finalmente assentiu e Angela, sem perder tempo, abriu a porta e disse ao Patrick:

— Vamos. Ela aceitou. Entra.

Ao ver o estado em que se encontrava, ele se aproximou e se apresentou com segurança:

— Olá, Ebrel, sou Patrick, o médico do lorde Kieran O'Hara. — Ela o olhou esgotada — Todos nós vamos fazer que seu bebê nasça o antes possível, de acordo?

Iolanda e Angela, mais seguras por tê-lo ali com elas, fizeram tudo o que lhes pediu. Os três levantaram a mulher, apesar de sua queixa. Patrick a apoiou contra a parede de agachou-se, olhando-a, indicou-lhe:

— Quando eu disser, empurra tão forte quanto possa.

O parto durou ainda toda a noite. Foi trabalhoso e Ebrel teve que trocar de posição continuamente, mas ao amanhecer se ouviu o vigoroso pranto de um bebê.

Entre risos e lágrimas, Iolanda deu à dolorida mãe o varão que teve e disse:

— Tiveste um menino precioso, Ebrel.

Emocionada ela o olhou e, olhando depois ao médico, que a estava costurando, sussurrou:

— Se a meu marido parece bem, chamar-se-á Patrick.

O guerreiro sorriu e comentou:

— Bonito nome.

Depois de beijar seu filho gordinho, Ebrel o entregou a Angela, que, encantada, tirou-o da habitação para mostrar-lhe ao pai. Kieran a olhou e ambos sorriram. Rapidamente, o pai da criatura se levantou e pegando a seu filho nos braços, Angela anunciou feliz:

— Parabéns, é um formoso varão.

Ele o olhou com ternura, mas rapidamente perguntou:

— E minha mulher?

— Esgotada, mas bem — disse ela — Disse que, se te parecer bem, chamarão lhe Patrick, como o médico.

O homem, encantado de que tudo houvesse passado, assentiu e lhe entregou o bebê à menina, que agora sorria nos braços do Kieran. Quando Iolanda e Patrick saíram da habitação, o homem lhes agradeceu a atenção e, com seus dois filhos, entrou para abraçar a sua mulher.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Angela ficou a sós com o Kieran e, olhando-o, afirmou com voz suave e esgotada:

— O bebê é precioso, verdade?

Ele, olhando-a fascinado, respondeu:

— Sim, muito.

Encantada após ter ajudado aquela mulher a ter a seu filho, continuou:

— Contei-lhe os dedinhos e tem cinco em cada mão e em cada pé. — E fechando os olhos de puro deleite, repetiu: — É um menino precioso, tão bonito como o filho da Davinia quando nasceu.

A inocência, a ternura e a paixão que ela demonstrava, em certos momentos, lhe chegavam ao coração, e então a ouviu dizer:

— Mas eu nunca vou ter filhos. Não nessa vida!

Kieran soltou uma gargalhada e Angela lhe perguntou:

— O que te resulta tão gracioso?

Cativado por ela, murmurou:

— Estava falando de quanto você gosta desse bebê e de repente sua atitude mudou.

— Graças a Deus, nossa união se acabará — ela comentou — porque, se não fosse assim, teríamos um grave problema com o tema dos filhos.

— Não quer tê-los?

— Parecem-me preciosos, tenros, divertidos e teria gostado de ter uma dúzia, mas depois do que vivi nas últimas horas — suspirou com humor — definitivamente não.

Divertido por seus gestos, mofou-se.

— Passa de querer uma dúzia a nenhum. É muito drástica em suas decisões.

Angela o olhou e, assinalando-o com o dedo, replicou:

— E como sei o que tenho que fazer para não ficar grávida, o primeiro é o primeiro. Não te volte a aproximar de mim nunca mais. — O sorriso desapareceu de seus lábios e acrescentou: — Por sorte para ti, não sou sua mulher definitiva; se não, contigo se acabava sua linhagem.

E sem mais, saiu da cabana deixando ao Kieran sem palavras.

Já não poderia aproximar-se dela?

Ao meio dia, depois de despedir-se de Ebrel e de seu marido, continuaram seu caminho.

Capítulo 39

Aquela noite, quando acamparam para descansar, Angela se afastou tudo o que pôde do Kieran na barraca. Aborrecido por isso, e vendo-a disposta a cumprir o que disse, tombou-se em silêncio e dormiu. Mas a meia-noite, gritos o despertaram. Era Angela, que tinha um de seus pesadelos.

Rapidamente se aproximou dela, estreitou-a entre seus braços e, lhe sussurrando ao ouvido, tranquilizou-a. Ela se deixou abraçar e, depois de recuperar a consciência e dar-se conta de que era um pesadelo, sem apartar-se dele, dormiu, enquanto Kieran desfrutava de sua cercania.

Quando Angela despertou pela manhã e se viu envolta nas mantas, soube que Kieran a tinha cuidado. Isso a fez sorrir.

Dois dias depois e sem que Angela se aproximasse do Kieran, nem por um instante, chegaram até um pequeno povoado, aonde já chegara gente de outros clãs. A caminho de Stirling, fazia que todos fossem se encontrando pelo caminho.

Kieran, depois de saudar com cordialidade a vários guerreiros que conhecia, despediu-se deles e entraram em uma das estalagens, em busca de quarto para as mulheres, para passar ali a noite. Ao entrar, várias mulheres, de duvidosa reputação, recebeu-os com especial alegria.

Angela, que levava todo o dia de um humor de cães, ao vê-las murmurou, aproximando-se de seu marido:

— Deveríamos procurar outro lugar onde dormir.

— Este está bom — disse Kieran sorrindo e piscando um olho a uma das mulheres.

Molesta, Angela vaiou:

— Acredito que o que está bem para ti, não está para mim. Não quero ficar aqui. Prefiro dormir no bosque...

— Ficaremos nesta estalagem e não se fala mais nisso — respondeu ele, cansado de suas queixas.

Angela apertou os punhos. Odiava quando Kieran ficava daquele jeito, mas após olhar Iolanda, e esta pedir que se tranquilizasse, aceitou. Passados uns minutos, William se aproximou e lhe perguntou se estava bem.

Ela suspirou e assentiu e logo, assinalando ao Aston e George, acrescentou:

— Vejo que eles estão bem.

William olhou a seus filhos sorrindo.

— As mulheres sempre gostaram deles, e são jovens.

Incomodada pela gritaria que havia a seu redor, Angela procurou o Kieran e quando o encontrou bebendo com vários de seus homens e aquelas mulheres, perguntou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Você já conhecia esta estalagem, verdade?

— Sim. De uma ou que outra — respondeu Kieran com um arrebatador sorriso e, depois de lhe piscar um olho, afastou-se para saudar uma morena de grandes peitos.

A fúria a cegou. Ver como aquele, que ela adorava, paquerava com outra mulher e lhe sorria com candura, a punha doente, e, afastando-se dele, aproximou-se da Iolanda e disse:

— Preferiria dormir no meio do bosque a estar aqui.

A garota assentiu e, olhando ao Louis, que falava com uma mulher de extraordinária beleza, respondeu:

— Eu também.

O tempo passou, chegou a noite e Kieran continuava com sua particular diversão. Angela subiu a seu quarto e se asseou e logo, acompanhada pela Iolanda, voltou de novo ao salão para jantar. Estavam esfomeadas.

Kieran as viu chegar, mas não se moveu de onde estava e Angela jantou sem pigarrear.

Quando acabaram, Iolanda, não disposta a seguir ali, partiu. Não suportava ver um segundo mais Louis rir com uma daquelas frescas. Angela, entretanto, aguentou. Queria ver até onde era capaz de chegar seu marido, diante dela e, em certo modo, gostou de ver que não passava das risadas e o flerte.

Enquanto o observava, ia pensando em suas coisas. Aquele dia era especial e doloroso para ela e, quando não pôde mais, aproximou-se dele e disse:

— Kieran, preciso falar contigo, um instante.

Fascinado pela beleza de uma daquelas mulheres, ele respondeu:

— Agora não, Angela.

Estava claro que ela ali sobrava, mas não se dando por vencida, insistiu:

— Escuta, Kieran, necessitaria que...

— Disse que agora não. — a cortou ele.

Com o sangue lhe fervendo nas veias, gritou:

— Mas se não sabe o que te vou dizer!

Kieran, ao ver que muitos highlanders o olhavam depois daquele grito de sua mulher, cravando os olhos nela, murmurou:

— Seja o que for o que quer me dizer, agora não me interessa... *meu céu*.

Os homens riram ante aquela resposta e Angela, alterada por aquele “meu céu” tão falso, respondeu, afastando-se:

— Va para o inferno... *Carinho*.

Quando os guerreiros riram de novo, Kieran também se riu, mas em seu interior sabia que não tinha feito bem. Angela não merecia aquela indiferença e, levantando-se da mesa, foi atrás dela e, agarrando-a do braço, perguntou:

— O que é o que quer?

Ela pôs cara de surpresa.

— Fala-me?

— Sim.

Com ironia, olhou-o de cima abaixo.

— Oh... Que grande honra. Lorde Kieran O'Hara me falou!

Ele pôde ver seu aborrecimento, mas sem vontade de aceitar tolices, repetiu:

— O que queria me dizer?

— Nada.

— Angela...

Ao ver que apertava a mandíbula, ela comentou:

— Sabe, meu bem?, Esta noite, espero que o quarto seja só para mim.

— Isso é o que queria me dizer?

Angela negou com a cabeça e, com um estranho sorriso, desenhado em seu rosto, respondeu:

— Disse que agora não vou mais lhe falar.

— Diga-me log mulher, não vê que estou lhe perguntando?

— Não! Não te interessa.

Kieran fechou os olhos. Angela começava a lhe desesperar e, ao abri-los, vaiou:

— Desde que te levantaste esta manhã, não sorriste nenhuma só vez. Está muito suscetível e resmungona, o que te ocorre?

Por uma fração de segundo, pensou lhe dizer a verdade, mas quando se precaveu de que piscava um olho a outra mulher, que passava atrás dela, respondeu:

— Não era nada.

— Mente!

Ela sorriu e respondeu com ironia:

— Que despachado é... Maridinho.

Essa mofa o zangou.

— Quer me esquentar, Angela?

— Oh, meu Deus! Como pode pensar isso de mim, quando quem lhe esquenta são essas

mulheres de peitos grandes?

— Eu gosto dos peitos grandes.

E ao ver como olhava os seus, que não eram excessivos, resmungou:

— É odioso, Kieran O'Hara.

Ele, ao escutá-la, mas em especial ao ver sua cara de aborrecimento, soltou uma gargalhada e disse:

— Tenho que te recordar que há dias não quer te aproximar de mim, você é capaz de entendê-lo? Sou um homem, e tenho umas necessidades. E se você não me satisfaz isso, tenha por seguro que o farei em outro lugar. — E sem vontades de entrar em uma guerra dialética com ela, acrescentou: — Agora me obedeça e vá dormir. Eu subirei logo...

— Nem te ocorra subir — respondeu molesta.

— Nem te ocorra me proibir isso

— Trancarei a porta — afirmou.

— Atirá-la-ei abaixo — replicou ele.

Segura de que o faria, deu-se a volta, mas antes de partir, disse:

— Que te divirta com suas amiguinhas... *Carinho*.

Zac, que estava brincando com uma loira muito bonita, ao ver Kieran com gesto de aborrecimento, aproximou-se dele e, lhe dando uma jarra de cerveja, cochichou:

— Digo o mesmo ao Louis com a Iolanda, o que esperas para ir com ela?

Kieran blasfemou, olhou ao Louis, que ria com os homens e, sem deixar ver seus verdadeiros sentimentos, respondeu:

— Bebamos. Esta noite nós merecemos isso.

A gritaria, que havia na parte inferior da estalagem, era descomunal. Durante um bom momento, Angela, sentada no batente da janela, observou a lua cheia que iluminava os arredores, enquanto as lembranças de tempos passados, rondavam por sua cabeça.

Pensar em sua família, em seu pai, em seus irmãos, em sua mãe, era doloroso. Sua ausência o fazia ver quão sozinha estava e chorou. Chorou de impotência.

Um bom momento depois, quando se tranquilizou, trocou-se o vestido pelas calças e pôs as botas, uma camisa e, finalmente, a capa verde para ocultar-se de olhares indiscretos, e se saltou pela janela até chegar ao chão.

Uma vez abaixo, oculta sob seu capuz, afastou-se caminhando. Foi até onde estavam os cavalos dos O'Hara e assobiou a sua égua. Como sempre, esta acudiu rápido a sua chamada.

Depois de montar nela, afastou-se a galope em direção ao bosque. Não sabia aonde ia, só

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

sabia que precisava tomar ar e cumprir com o ritual de todos os anos no dia de seu aniversário.

Cavalgou sem rumo fixo até chegar a um vale, enquanto desfrutava do ar da noite, que lhe refrescava o rosto. A lua cheia iluminava a perfeição o caminho, e quando encontrou o que procurava, sorriu. Ante ela tinha a selvagem urze escocesa. Uma flor muito valorada na Escócia e que a sua mãe adorava, não só por seus tons violeta, mas também porque a utilizava para beberagens contra a tosse, nos duros invernos das Highlands.

Encantada, desceu-se do cavalo e, recolhendo um ramalhete, murmurou:

— Esta mamãe é por ti.

De novo, uma lágrima rodou por sua bochecha e rapidamente a secou. Não queria chorar mais. Cada ano, desde que morreu sua mãe e seus irmãos, procurava aquelas flores no bosque que havia juntado ao Caerlaverock. Agarrava um ramalhete por cada um deles, beijava-os e depois os enterrava.

Esse ano, agarrou um ramalhete mais por seu pai. Seu adorado e querido pai. Beijou-o e, uma vez o enterrou junto ao resto, cravou com força a espada no chão, ajoelhou-se e, com as mãos entrelaçadas no punho, murmurou:

— Um ano a mais, mas um ano a menos para nos reencontrar outra vez. Quero-lhes e não há um só dia em que não me lembre de vós.

E dito, rezou.

Quando acabou, levantou-se com pesar, desencravou a arma, guardou ao cinto, agarrou um par de ramalhetes mais para ela e montou em sua égua para retornar à estalagem.

De repente, viu um homem correr por um claro do bosque, do que fugia? Com o olhar fixo nele, logo soube do que o fugia: lobos. Rapidamente, guardou os ramalhetes e pôs a égua ao galope para ir ajudá-lo. Se o pegavam, os três lobos que o perseguiam, o mais certo era que o matassem.

Sem tempo a perder, Angela deu um grito e o homem olhou atrás. Agarrada às crinas da égua com força, afastou um pouco os lobos, inclinou-se e estendeu a mão para que ele a agarrasse. Não podia parar ou os lobos alcançariam Briosgaid.

Ao vê-la, o homem se preparou, e quando Angela chegou a sua altura, suas mãos se uniram e, de um ágil salto, montou atrás dela.

Abandonaram a toda velocidade aquela parte do bosque, mas antes de entrar no povoado, Angela diminuiu a marcha e, quando parou, olhou ao homem e perguntou:

— O que te ocorreu?

Ao vê-la, o desconhecido murmurou assombrado:

— Incrível, é uma mulher!

Ela, ofegante e acalorada, assentiu. A carreira lhe desfez o disfarce e lhe retirou o capuz.

— Pois sim, sou uma mulher, e você ainda não respondeu a minha pergunta.

Ainda surpreso por seu descobrimento, contou:

— Retornava de uma aldeia que há não muito longe daqui, quando uns vilões me assaltaram e roubaram o cavalo. Quando os encontrar, matá-los-ei! Logo apareceram os lobos e o resto já pode imaginar isso.

Angela o olhou, devia acreditá-lo ou não?

— Meu nome é Aiden McAllister — disse ele — A quem devo minha vida?

— Angela Fer... Angela O'Hara — se corrigiu.

Beijou-lhe a mão encantado e respondeu:

— Pois Angela O'Hara, muito obrigado por sua valentia, sua destreza e por me salvar desses lobos. Não me cabe a menor dúvida de que se não fosse por ti, agora estaria lhes servindo de jantar.

Ela sorriu e o moreno de olhos negros como a noite e sorriso perfeito, perguntou:

— É destas terras, Angela O'Hara?

Ela negou com a cabeça e ele, com um arrebatador sorriso, perguntou:

— Então vai a caminho de Stirling para a reunião de clãs, verdade?

— Sim. Você também? — O jovem assentiu e lhe informou: — Nos alojamos em uma posada que há aqui, no povoado. Meus homens acampam no bosque, junto a outros muitos.

Angela sorriu e lhe perguntou com galanteria:

—E se não for excessiva a indiscrição, que fazia uma mulher tão bonita como você, esta hora da noite no meio desse bosque?

Encolhendo-se os ombros, respondeu:

— Precisava dar um passeio para pensar.

— Tanto tinha que pensar?

Divertida pelo comentário e sem saber por que, mostrou-lhe um dos ramalhetes de urze escocês e se justificou:

— Hoje é meu aniversário.

— Felicidades! — exclamou ele, sorrindo. — E, tranquilize não te perguntarei a idade para não ser descortês, mas com licença de dizer, me permita te dizer que é uma preciosidade.

Suas adulações a fizeram sorrir, e acrescentou:

— E hoje também faz anos que meus irmãos e minha mãe morreram assassinados. Quando chega meu aniversário, sempre cumpro um ritual por eles.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Ao escutá-la, o sorriso se apagou da cara. Aquilo era terrível. Com delicadeza, agarrou um dos ramalhetes de urze escocês que ela sustentava e disse:

— Sinto muitíssimo pela sua família.

— Obrigada.

— Perder aos seres queridos é duro, e mais se tratando da mãe e dos irmãos, e em um dia tão famoso como é seu aniversário.

Angela assentiu e, ao ver que levava na mão uma maleta de médica, ia perguntar, quando ele comentou, guardando-o em uma bolsa que tinha atada à cintura:

— Por sorte, os vilões não me levaram o que fui procurar nessa aldeia.

Ao ver que a olhava com intensidade, Angela confessou:

— Caso meu marido se inteire de que estou aqui, a estas horas, e falando contigo, com segurança se zangará.

Ele sorriu e respondeu:

— Se me puser no lugar de seu marido, eu também me zangaria. Uma mulher como você não deve andar sozinha de noite. — Ela sorriu e Aiden, curioso, perguntou: — Se pode saber quem é seu marido?

— O lorde de Kildrummy, Kieran O'Hara.

Ao ouvir esse nome, ele piscou e, incrédulo, disse:

— Kieran é seu marido?

Angela perguntou surpreendida:

— Conhece-o?

Aiden duvidou sobre o que responder, mas finalmente respondeu:

— No passado, encontramo-nos em algum outro lugar.

Ela sorriu e, quando ia lhe perguntar algo mais, ele disse:

— Não o farei porque isso te delataria, mas se pudesse, eu adoraria lhe perguntar, o que estava fazendo de tão importante como para não estar aqui contigo, te acompanhando.

Ambos sorriram e, desmontando do cavalo, Aiden acrescentou:

— Não acredito que seja boa ideia que nos vejam chegar juntos. Não quero te ocasionar problemas. Muitíssimas obrigado por sua ajuda, Angela O'Hara.

Depois de assentir com a cabeça, ela sorriu e se encaminhou para onde estavam os cavalos de seu clã, deixou ali à égua e, oculta sob o capuz, foi até a rua onde estava a estalagem. Ao chegar, apoiou um pé em uma pedra para escalar até a janela, quando alguém a sujeitou. Com força, Angela deu uma patada para trás e ouviu um gemido de dor. Sem perder tempo, tirou a espada para

defender-se e, ao dar a volta, encontrou-se com o Kieran.

— Sua bruta!

Ela se manteve em silêncio. Sorriu ao ver que se tocava o peito e ele, ao dar-se conta, gritou zangado:

— Levo te procurando um bom momento. Onde estava?

— Dando um passeio.

— Dando um passeio a estas horas? Tornaste-te louca?

— Precisava tomar ar.

— Isto está infestado de guerreiros bêbados, não te precaveste?

Angela o olhou e respondeu com seriedade:

— Acredito que, do que não te precaveste você, ainda, é de que eu sei me defender, e não te necessito.

Indignado por sua resposta e pela angústia que havia passado ao ir ao quarto e não encontrá-la, grunhiu:

— Podia-te haver passado algo e eu não poderia te ajudado.

— Como se te importasse o que me passasse...

— O que diz? — perguntou incrédulo.

Molesta pelo tom de voz que estava empregando, respondeu:

— Disse que, como se te importasse o que me passa...

Kieran a olhou chateado e, levantando de novo a voz, disse:

— Juro-te, Angela, que sou um homem com uma infinita paciência, mas suas respostas e sua maneira de ser, conseguem me tirar do sério como ninguém neste mundo o faz e...

— Se continua me gritando... *carinho* — o cortou ela —tirará do sério a mim também!

Atônito ante sua ousadia vozeou:

— Como disse, descarada?

Sem um ápice de temor, Angela cravou o olhar nele e respondeu com ousadia:

— O que ouviste... *Carinho*. E antes que continue com sua fingida preocupação por mim, me deixe te recordar que me disse, em várias ocasiões, sem exigências nem recriminações. A que vem agora tanta recriminação?

Nesse instante, William, Louis e Iolanda saíram da estalagem e, ao vê-la, a jovem exclamou:

— Angela, pelo amor de Deus, assustamo-nos. Onde estava?

William, que sabia o que tinha ido fazer, se aproximou e disse:

— Moça, teria que me avisar. Eu te teria acompanhado.

Kieran intuiu que William sabia algo e, molesto, perguntou:

— E se sabia onde estava por que não disse nada?

Angela olhou a seu marido e rapidamente respondeu:

— Ele não sabia onde estava. Não fale assim com o William.

Ao ver que todos a olhavam, soprou, e, antes que pudesse dizer nada mais, William se adiantou:

— Hoje é seu aniversário e o aniversário da morte de sua mãe e de seus irmãos. E, conhecendo-a, seguro que foi cumprir com o ritual que leva fazendo após, verdade, moça?

Angela, desarmada, assentiu e Iolanda murmurou emocionada:

— E por que não disse nada?

Louis e Kieran se olharam. Agora entendiam o mau dia que levava.

— Não queria falar disso. É algo meu — respondeu Angela sem querer olhar a seu marido.

Kieran sentiu que os cabelos da nuca se arrepiavam. Agarrando-a do braço, separou-a dos outros e reconheceu:

— Sinto que tenha recordado sozinha, esse doloroso dia. — Ela não disse nada e lhe perguntou: — por que não me disse que era seu aniversário?

Contemplando-o pela primeira vez em todo o dia, com olhar sereno repôs:

— Porque não é importante.

— Isso não é certo.

— A ninguém importa — insistiu Angela.

Comovido, Kieran supôs que no Caerlaverock sempre teriam tentado evitar essa data pela dor que lhes causava e replicou:

— Sim me importava saber que hoje é seu aniversário e, como vê, a Iolanda e ao Louis também.

Ela se encolheu de ombros sem querer lhe dar importância.

—Não é necessário que conheça estas coisas. Ao fim e ao cabo, dentro de uns meses, nos perderemos de vista e não precisará recordar.

Turvado pelos sentimentos estranhos que o fazia sentir, afirmou:

— Mesmo assim, já não me esquecerei.

Ao escutá-lo, quis sorrir, mas não o fez. Voltou com os outros e, quando sentiu que Kieran caminhava a seu lado, deu-se a volta e explicou:

— Tentei dizer isso antes, mas não me permitiste. Estava muito ansioso por me perder de

vista para ficar com suas amiguinhas de grandes peitos.

Ao compreender que ela tinha razão, Kieran foi desculpar se, mas Angela acrescentou:

— Estou cansada. Quero subir ao quarto e não quero companhia.

— Vamos, é tarde — disse Iolanda.

Quando as duas mulheres partiram, seguidas pelo William, Kieran olhou ao Louis e murmurou:

— Ela tem razão, não o permiti.

Quando Louis ia responder, alguém exclamou atrás deles:

— Kieran O'Hara, quanto tempo sem nos ver!

Ao voltarem-se, ambos ficaram assombrados. Ante eles estava Aiden McAllister, o grande amigo e companheiro de maldades do James O'Hara desde sua infância.

Boquiaberto por aquele inesperado encontro e diante a oportunidade de saber de seu irmão, Kieran perguntou:

— James está aqui?

Aiden baixou o olhar ao chão e, depois de tomar uma baforada de ar, tocou a bolsa que tinha pendurada a sua cintura e tirou uma adaga. Ao vê-la, Kieran rapidamente soube o que significava e, com voz apagada, inquiriu:

— Quando?

— Faz oito meses.

Louis, ao ver que seu bom amigo respirava com dificuldade ao receber a notícia, ia dizer algo, quando Kieran acrescentou:

— Como morreu?

— Uma febre o levou.

Ele negou com a cabeça. Sempre pensou que James morreria lutando e insistiu:

— E por que não me avisaram, maldito seja?

Aiden, ao compreender sua raiva, respondeu:

— James te queria e admirava muito, Kieran. Sempre que falava de ti o fazia com orgulho, embora quando, se encontrasse contigo te fizesse acreditar o contrário. Ele...

— Não quero saber mais — o cortou.

Pesaroso, pensou como dar a terrível noticia a sua mãe. Aquilo a afundaria.

— Em seu leito de morte, James me fez prometer que não lhes avisaria de sua morte para não fazer sofrer, nem a ti nem a sua mãe, e que o enterraria perto de Kildrummy. E assim o fiz. Meus homens me esperam, certamente bebendo na estalagem junto aos teus. — Kieran não disse

nada e Aiden acrescentou: — James descansa junto à pedra bruta que há no vale onde brincávamos quando meninos.

Kieran assentiu. Sabia a que lugar se referia e, alienado pela raiva e a dor, agarrou ao Aiden do pescoço e, empurrando-o contra a parede, vaiou:

— Não volte a te aproximar de Kildrummy nem da minha mãe nem de mim. James morreu e já não há nada que falar.

Dito isto, soltou-o e lhe tirou das mãos a adaga que seu pai deu de agrado a seu irmão desde pequeno e, ao fazê-lo, fixou-se em que Aiden levava nas mãos um ramalhete de urze escocês, como instantes antes levava Angela. Sem dizer nada mais, deu-se a volta e se afastou.

Louis, depois de olhar ao Aiden, seguiu-o.

No quarto, Angela não podia conciliar o sonho. Nunca esquecia que essa noite, muitos anos atrás, foi uma noite cheia de prantos e de centenas de ruídos estranhos em Caerlaverock. Estava olhando o teto quando a porta se abriu. Ao ver que se tratava do Kieran, murmurou:

— Disse que esta noite quero o quarto só para mim.

Ele não fez conta. Fechou a porta e, apoiando-se nela, escorreu-se até ficar sentado no chão. Angela, ao vê-lo, incorporou-se e, quando pôde vê-lo em meio da escuridão do quarto, perguntou:

— O que está fazendo?

Ele não respondeu. Isso era estranho e Angela se levantou. Sem aproximar-se, viu que tinha a cabeça apoiada nos joelhos e que seu corpo tremia. Ao ouvir uma espécie de gemido, sem duvidá-lo, ajoelhou-se a seu lado.

— O que ocorre, *carinho*? O que te passa?

Durante um bom momento, Kieran não disse nada. Não respondeu. Chorou em silêncio a morte de seu irmão e Angela só pôde abraçá-lo sem saber o que lhe ocorria.

Quando deixou de chorar, levantou a cara e, olhando à mulher que tinha a seu lado e que o consolava, explicou:

— Acabo de saber através, do Aiden McAllister que meu irmão James morreu, faz oito meses.

Ouvir esse nome a surpreendeu, mas mais o fez ver lágrimas nos olhos de seu feroz marido. Isso lhe pôs o pelo arrepiado e, entendendo a dor que aquela notícia lhe tinha causado, murmurou:

— Sinto muito, Kieran. Sinto-o muito.

Desejoso de seu contato, ele a abraçou e, antes que ela falasse, disse:

— Meu irmão era uma má pessoa, um vilão, um homem sem escrúpulos que viveu fora da lei e a justiça. Sei eu e sabe todo mundo, mas era meu irmão e, por estranho que pareça, queria-o.

— Claro que sim, *céu*... Claro que o queria e te entendo.

Secando-os olhos com brutalidade, prosseguiu:

— Guardo lembranças de nossa infância maravilhosas e eu... Agora...

— Chis... Cala... E não diga nada mais.

Emocionado como um menino chorou de novo e, ao notar que Angela lhe enxugava as lágrimas das bochechas, murmurou desesperado:

— Mamãe disse que não o sentia... Quando retornávamos da abadia do Dundrennan, disse que não o sentia vivo! E eu... eu... agora tenho que lhe dizer que tinha razão e que James morreu, e não sei como fazê-lo. Esta notícia a afundará. Matará de dor.

Consciente de que ia ser um momento difícil para eles, Angela sussurrou com carinho:

— Calma *carinho*. Eu te ajudarei. O diremos nós dois e a cuidaremos para que nada lhe ocorra. Você não se preocupe por isso. De acordo?

E sem dizer nada mais, voltou-o a abraçar e o acompanhou em sua dor, lhe fazendo ver que não estava sozinho. Ao cabo de um momento, obrigou-o a levantar do chão e, uma vez estiveram os dois de pé, ele, olhando-a, disse:

— Estou envergonhado por minha falta de tato contigo. É tão boa, cândida, sorridente, e eu... eu não sabia que hoje era seu aniversário e o aniversário da morte de seus seres queridos e não sei como te pedir perdão.

Angela suspirou e, esquecendo-se do que havia sentido um momento antes, respondeu:

— Eu tampouco te disse nada.

Mas lhe sujeitando a face, ele insistiu:

— Sinto que o tenha tentado e que eu não te deixasse.

— Não passa nada. Não se preocupe.

De novo o silêncio encheu a habitação. Tinham tanto que dizer-se, que nenhum dos dois falou, até que ele, ao ver o ramalhete de urze sobre a mesinha, advertiu-lhe:

— Te afaste do Aiden McAllister. Era o melhor amigo do James e as mulheres se perdem. E, por isso pude intuir e ver, ele já se fixou em ti.

Angela não respondeu e, quando se ouviu a gargalhada de uma das mulheres que havia na estalagem, Kieran deu um passo atrás e ela, sem poder evitar, murmurou:

— Kieran, não o faça. Fique.

Sem olhar atrás, soltou-se de suas mãos e saiu do quarto. O que Angela não soube é que,

uma vez fechou a porta, deixou-se cair no chão e passou o resto da noite ante sua porta.

Capítulo 40

À manhã seguinte, quando Angela baixou ao primeiro piso da estalagem, encontrou-se com o Aiden McAllister. Este, ao vê-la, se aproximou, e ela disse com sarcasmo:

— Menos mal que não foste dizer nada ao Kieran.

Aiden sorriu e, tirando-se de um bolso o ramalhete de urze escocês, o mostrou e se justificou:

— Eu não lhe disse nada, mas acredito que isto nos delatou.

Ao vê-lo, Angela suspirou. Sem dúvida, Kieran era muito perspicaz.

Nesse momento chegou Iolanda e, depois de despedir-se do Aiden com um movimento de cabeça, Angela se sentou com ela para tomar o café da manhã.

Quando Kieran entrou na estalagem e viu ali a Angela e ao Aiden, olhou-os. Cada um estava sentado em um extremo do comilão, mas mesmo assim soprou. Depois de olhar a seu antigo amigo com receio, caminhou para sua mulher, que, ao vê-lo, levantou-se rapidamente e lhe perguntou:

— Como te encontra?

Carrancudo e sem querer mostrar seus sentimentos, respondeu:

— Bem.

Angela quis abraçá-lo e beijá-lo. Por sua expressão podia ver quanto lhe doía a notícia de seu irmão, mas Kieran lhe indicou:

— Quando quiser, partiremos. Esperarei fora.

Surpreendida, assentiu com a cabeça e, uma vez terminou de tomar o café da manhã, seguiu-o fora, embora antes se despediu com um sorriso para Aiden, que a olhava.

Aquele dia, Angela se aproximou do Kieran em várias ocasiões. Precisava saber que estava bem. Louis e Zac, ao ver sua preocupação, tranquilizaram-na. Se Kieran sabia fazer algo bem, era assumir e digerir as coisas terríveis. E durante o dia ela o pôde comprovar ao ver que pouco a pouco seu gesto se foi suavizando até que o viu sorrir.

O nome do Aiden não voltou a se mencionar, até que chegou aos ouvidos de Kieran, que o jovem topou com uns lobos e que, uma valorosa mulher a cavalo, o salvou de uma morte quase

segura, no meio da noite.

Quando ouviu o que comentavam seus homens, ele soube que aquela mulher era Angela. Louis também e ambos decidiram não dizer nada. Era o melhor.

À medida que se aproximavam de Stirling, Iolanda estava cada vez mais nervosa e Angela tentou tranquilizá-la. Para isso, usou aos guerreiros de seu marido. Começou a falar com eles e isso lhes amenizou a viagem.

Ao fazê-lo, eles trocaram sua atitude distante e se surpreendeu ao ver o quão encantados, amáveis e protetores que eram com ela e com a jovem Iolanda. Se chovia, rapidamente tentavam as cobrir, se fazia sol, preocupavam-se de que bebessem água e de lhes proporcionar sombra. Dormiam-se, procuravam não fazer excessivo ruído para não despertar.

Pela primeira vez, Angela desfrutava de ter um clã que se preocupava com ela e não ao reverso e seus pesadelos pouco a pouco foram diminuindo.

Kieran, por sua parte, tentava não ficar perto dela todo o dia, mas para seu desconsolo, dava-se conta de que era impossível. Angela tinha um magnetismo que o fazia procurá-la continuamente com o olhar, e logo se precaveu de que sempre que podia, procurava coincidir com ela.

Desde que atendeu aquele parto tão complicado, Angela cumpriu sua promessa. Não tornou a aproximar dele. E o que, ao Kieran em princípio lhe pareceu algo gracioso, já não o era, e menos depois de ver quão carinhosa foi, ao lhe contar de seu irmão James.

Surpreso, recordava como ela se ofereceu a ajudá-lo a dar a notícia a sua mãe, quando o mais normal era que, dada à natureza de sua relação, não se tivesse comprometido.

Uma das tardes ensolaradas, quando pararam para descansar, Kieran, desejoso de estar com ela, uniu-se aos guerreiros e a Angela para atirar com o arco e ganhou. À tarde seguinte, voltou a se unir ao jogo e, uma vez finalizou a competição, quando Angela entrou em sua barraca para descansar, seguiu-a.

— Obrigado pelo detalhe que tiveste.

— Que detalhe? — perguntou ela.

Incapaz de estar um segundo mais sem beijá-la, agarrou-a nos braços e disse:

— Errar o último tiro... Muito torpe.

Ela não se apartou. Sentir a ardente boca do Kieran contra a sua, era o que mais desejava, desde fazia dias e o desfrutou.

Naquele íntimo momento, ele desfrutou da suavidade dos lábios de sua mulher, e mais quando ela gemeu. Aquele íntimo gemido, tão da Angela, tão deles, estava-o voltando louco,

quando o tecido da barraca se abriu. Era Louis, que, ao vê-los, desculpou-se:

— Sinto muito... Sinto muito.

Saiu dali rapidamente, mas o momento já estava quebrado.

Kieran e Angela se olharam aos olhos enquanto chegava o ruído ensurdecedor dos guerreiros no exterior. Desejavam-se, estava claro. E Kieran, ainda com ela entre seus braços, comentou:

— Necessitamos intimidade e na barraca é impossível. Vamos ao lago.

— Mas faz frio — se queixou Angela.

— Pega roupa limpa e me siga.

Sem perder tempo, ela fez conta. Kieran a pegou pela mão com força e, depois de sair da barraca, olhando ao Louis, disse com firmeza:

— Minha mulher e eu vamos ao lago nos assear. Não demoraremos.

Louis assentiu e ele, montando em seu cavalo, elevou a Angela e a sentou diante dele. Cavalgaram sem dizer nada até uma curva do lago. Uma vez ali, depois de desmontar, Kieran tirou as botas e, olhando a Angela, advertiu-lhe:

— Será melhor que tire esse traje para te banhar.

Esquecendo o frio e, tão desejosa como ele, fez o que lhe dizia e, com um pouco de pudor, tirou-se as botas e as calças de couro. Kieran, que se despiu a toda velocidade, ao ver que ela, coibida, não tirava a camisa, sorriu e, segurando-a pela mão, animou-a:

— Vamos à água.

Ambos entraram entre risadas e Angela gritou ao sentir quão fria estava. Tentou escapar de sua mão, mas Kieran não o permitiu e, segurando ela, inundou-a totalmente na água. Durante um bom momento, os dois jogaram como meninos, fazendo-a cócegas e afundaram. Riram como levavam tempo sem fazer. Quando se relaxaram, com carinho, lavaram-se as respectivas cabeleiras, enquanto falavam com tranquilidade.

Esses momentos tão íntimos entre os dois era algo novo e gostaram. Sem dúvida, passavam bem quando estavam juntos, e Kieran disse:

— Diverte-me estar contigo, Angela.

Encantada de ouvi-lo dizer isso, respondeu:

— Eu gosto de sabê-lo, Kieran.

Segurando-a entre seus braços para que não escapasse, olhou-a e, sem poder evitá-lo, perguntou:

— Você foi a mulher que salvou ao Aiden McAllister dos lobos, verdade?

Angela sorriu e inquiriu:

— O que quer saber verdadeiramente, Kieran? — Ele não respondeu. Tinha medo a perguntar mais e ela afirmou: — Sim, fui eu. Mas só fiz o que diz. Entre nós não houve nada mais e, se me conhece, sabe que sou sincera e não te minto.

Ele, atraído como por um ímã, olhando à tentadora mulher que tinha diante, afirmou:

— Sabia que foi você. Nenhuma outra louca cavalgaria diante uns lobos para salvar a um desconhecido.

Ela sorriu e ele, enlouquecido, murmurou:

— Acredito que com a camisa úmida e colada, duplica o desejo que sinto por ti.

Angela se olhou e suspirou ao ver como lhe marcavam os seios. Aquilo era uma completa indecência, mas misteriosamente, não lhe importou. Estava diante de seu marido e o que queria era lhe gostar de mil maneiras e aquela era uma delas.

— Está-me fazendo elogios, O'Hara?

Kieran sorriu. E ao intuir o que ela pensava, não perdeu tempo e, aproximando-se, começou-lhe a desabotoar os botões da camisa. Extasiada no momento, não se moveu, enquanto ele, sem lhe tirar o olho, murmurou ao lhe abrir a camisa e ver seus seios e seus duros mamilos:

— É preciosa.

— Não tenho os seios grandes.

Ao entender ao que se referia, respondeu:

— Seus seios são simplesmente perfeitos.

Encantada pelo complemento, atreveu-se a perguntar:

— Pareço-te bonita?

Ele tragou o nó que lhe fez na garganta. Acostumado como estava a desfrutar do sexo com centenas de mulheres, de repente estava nervoso como um menino. O que lhe ocorria? Angela era uma delícia e era sua mulher, dele e de ninguém mais! Esse sentimento de propriedade gostou e respondeu:

— *Meu céu*, claro que me parece isso.

— Acaba de dizer uma palavra adocicada quando não tinha por que.

Kieran sorriu e, comovendo-a, sussurrou:

— Só você é e sempre será *meu céu*.

Essa resposta a Angela gostou e em certo modo a emocionou. Estaria Kieran se apaixonando por ela? Ao levantá-la entre seus braços, sentiu seu duro pênis flutuando na água e, ofegando, confessou:

— Desejo-te, Kieran.

— E eu a ti, Angela.

Beijaram-se e, de repente, separando sua boca da dele, ela disse:

— Não quero filhos.

Kieran sorriu e, sem lhe importar o que dizia, murmurou mimoso:

— Agora não pense nisso e desfrutemos, minha vida.

Sem querer que ela se esfriasse, com uma mão lhe acariciou a parte interna das coxas e Angela se estremeceu. O desejo que sentiam era devastador, ardente, mútuo. Beijou os ombros de sua mulher com doçura e, ao ver que ela se movia em busca de mais, colocou a ponta de seu ereto pênis na entrada de seu úmido e quente sexo e, dentro do lago, a fez dele.

Aquela incursão tão apaixonada pelo interior de seu corpo a fez gemer, consumindo-a de paixão, enquanto Kieran, sem soltá-la, e com atitude possessiva, apertava-a contra seu corpo e se movia para penetrá-la uma e outra vez com movimentos lentos e prazerosos.

— Oh, Deus, carinho...

— Você gosta, verdade...? Faço-te vibrar.

— É um presunçoso, mas me volta louca — ofegou ela, jogando a cabeça para trás.

Encantado por conhecer essa loucura, voltou-a a penetrar e, com um fio de voz, murmurou:

— Quero te voltar louca. Quero te dar todo o prazer que for possível e quero que desfrute, porque se você o faz, *minha vida*, eu o faço também.

Com os braços ao redor de seu pescoço, Angela se arqueou para recebê-lo e gemeu de puro gozo e êxtase. A dor do primeiro dia estava esquecida e agora desfrutava e se movia com descaramento contra ele para recebê-lo uma e mil vezes mais.

Kieran, ao notar sua entrega, grunhiu de satisfação e, movendo os quadris, acelerou seus movimentos cada vez mais. Centenas de ondas de prazer lhe percorriam o corpo enquanto a ouvia gemer e respirar perto de seu ouvido e, quando o clímax chegou a ambos, Kieran não a soltou. Permaneceu com ela entre seus braços até que seus delirantes movimentos se acabaram e, beijando-a nos lábios, disse:

— Não vejo o momento de chegar a Kildrummy e te ter durante vários dias para mim só, em meu leito. Inclusive tomaremos o café da manhã, comeremos e jantaremos.

Divertida por suas palavras, Angela riu.

— E sua mãe não se escandalizará?

— Saberemos quando chegar o momento — respondeu ele.

O coaxar de umas rãs os tirou de sua fantasia e Kieran caminhou com ela nos braços para a

borda, onde, depois de agasalhá-la com um tartán, para que não pegasse frio, secou-a e lhe entregou a roupa limpa que tinha levado. Assim que Angela se vestiu, ele se secou também e se vestiu, e felizes e juntos retornaram ao acampamento.

Capítulo 41

A partir desse dia, a relação entre Kieran e Angela mudou radicalmente.

O lorde dos O'Hara estava em todo momento junto de sua encantadora esposa e, feliz, observava como aquela ruiva, fazia cair rendidos a seus pés, a seus guerreiros com sua audácia e sua simpatia.

Angela sabia dirigir aqueles ferozes highlanders de uma maneira que o surpreendeu e, embora em ocasiões tinha ciúmes, ao vê-la falar com eles, até altas horas da madrugada, privando-o de sua companhia, decidiu não dizer nada. Ele foi quem impôs nada de recriminações nem de exigências.

Quando chegaram a uma pequena cidade chamada Kilmarnock, Kieran, desejoso de mais intimidade com ela, antes de chegar a Stirling, decidiu passar noite em uma bonita e cara estalagem, próxima à igreja.

Angela e Iolanda entraram felizes no lugar. Era precioso. Por fim, depois de vários dias, poderiam se assear em condições. Depois de falar com o hospedeiro e este saber que era lorde Kieran O'Hara, rapidamente lhes deu três das melhores habitações. Uma para o casal, outra para a Iolanda e outra para o Louis e Zac. O resto dos guerreiros acampou nos subúrbios.

Ao entrar naquela habitação, Angela a olhou com deleite. Era mais nova e reluzente que o que tinha em Caerlaverock, e então viu algo que chamou sua atenção.

— Minha mãe, que bonita banheira.

Kieran, olhando o que ela assinalava, assentiu e murmurou divertido:

— Sim. E banhar-se nela deve ser uma explosão.

De repente, bateram na porta e Kieran, foi abrir. A mulher do hospedeiro entrou seguida por seis moços fornidos, que deviam ser seus filhos, e rapidamente encheram a banheira com vários baldes de água quente.

Assim que saiu o último moço, a mulher se dirigiu a Angela e, lhe entregando uma barra de sabão sem uso, disse:

— Minha senhora, aceite este sabão perfumado que faço eu mesma.

— Obrigada — respondeu ela, segurando-o — Cheira muito bem.

Com um encantador sorriso, a mulher cochichou:

— A banheira está impoluta. Eu mesma me encarrego de limpá-la. Por certo, amanhã é dia de mercado, e no lugar ao lado da igreja, põem uns postos muito atrativos, se por acaso querem visitá-los.

Kieran, tirando umas moedas da camisa, as entregou à mulher e, quando esta partiu feliz, fechou a porta e comentou:

— Já sabe, a banheira está impoluta.

Encantada, Angela cheirou o sabão. Cheirava a maçã e gostou disso. Sem dizer nada, aproximou-se da banheira e colocou uma mão na água quente.

— Vou tomar um estupendo banho — murmurou.

Ao ouvi-la, Kieran se sentiu excluído e, sem dizer nada mais, saiu do quarto.

Angela, ao vê-lo, não disse nada e após ele fechar a porta, suspirou. Não lhe entendia. Tão logo estava encantado com ela então a afastava. Tirou de sua bolsa uma camisola limpa e tirou a roupa. Estava suja do pó do caminho, mas não podia lava-la. Necessitava-a para o dia seguinte e não dispunha de mais.

Nua, agarrou uma cinta de couro, amarrou o cabelo e fez um coque no alto. Depois, com o sabão na mão, meteu-se na banheira e, depois de comprovar que a água não queimava muito, inundou-se nela.

Quando se sentou, um comprido e profundo suspiro saiu de sua boca e murmurou:

— Que prazer.

Permaneceu um momento com os olhos fechados, enquanto a água quente a cobria até o pescoço. Aquele luxo era algo que, em seu lar poucas vezes se pôde permitir. Só havia uma banheira e, por norma, seu pai era quem a usava.

Estava absorta em seus pensamentos, quando a porta do quarto abriu. Ao olhar, viu que se tratava do Kieran. Quando fechou ficou na porta e disse:

— Posso me banhar contigo?

Encantada, Angela assentiu.

— Nada eu gostaria mais.

Sem perder um minuto, ele começou se a despir ante o atento olhar dela e, ao lhe sorrir com descaramento, Angela murmurou:

—Segue sendo um presunçoso.

Kieran, agradado com aquele olhar, respondeu:

— Falou a chorona.

Desde que saiu pela porta, permaneceu apoiado na parede do corredor, pensando o que fazer, e ao fim decidiu voltar a entrar. Queria estar com a Angela e desfrutar da intimidade que aquelas quatro paredes lhes ofereciam.

Meteu-se na banheira e se sentou atrás dela. Sem dizer nada, Angela se deixou mover e, quando o ouviu gemer de agrado ao inundar-se na água quente, inquiriu:

— Por que partiu?

Kieran, aproximando as costas dela a seu peito, respondeu:

— Acreditava que gostava de te banhar sozinha.

Angela olhou para trás e disse com paquera:

— Pois me alegra te dizer que eu gosto mais de me banhar contigo.

Ele sorriu e, agarrando a da cintura, deu-lhe a volta para pô-la olhando para ele. Seus pequenos seios úmidos ficaram ante sua cara e, olhando-lhe sussurrou:

— A cada instante parece mais tentadora.

Excitada ao sentir entre as pernas seu duro pênis, e segura de si mesma, Angela murmurou:

— Eu gosto de ser uma tentação para ti.

Kieran, louco de desejo pelo que aquela ruiva o fazia sentir, comentou:

— Casei-me contigo, que mais pretende?

Quis dizer que apaixoná-lo tanto como o estava ela, mas em vez disso, respondeu com voz mimosa:

— Nada que você não deseje.

Kieran sorriu e, lhe passando as mãos pelas costas úmidas, disse:

— Angela, sou um homem ao que não gosta das ataduras. Sempre valorei minha liberdade e independência. Mas você me atrai e eu gosto muito.

— Você também, eu gosto muito — respondeu, incrédula ante o que acabava de lhe dizer — O amor não se planeja, Kieran. O amor surge ou não surge. Não deve forçá-lo.

Acariciando lhe o cabelo com delicadeza, absorto em sua beleza, conveio:

— Sei, *preciosa*... Sei.

Feliz por ver, pela primeira vez, um pouco de sentimentos nele, Angela expôs:

— Neste instante, se você está aqui, é porque decidiste estar, e se eu estou aqui, contigo, nesta banheira, é porque quero. Ninguém nos obriga.

Kieran assentiu e, aproximando sua boca a dela, murmurou antes de beijá-la:

— Você o diz... Ninguém nos obriga.

Com mimo, tomou seus lábios e posteriormente colocou a língua. Seu sabor era maravilhoso e, enlouquecido, devorou-a com paixão. Uma vez finalizou o doce e arrebatador beijo, que a ambos arrepiou a pele, ele agarrou a cinta, com a que ela amarrou o cabelo e, tirando-lhe, deixou que a cabeleira lhe caísse em cascata sobre os ombros.

— Te vou fazer amor — sussurrou em tom íntimo.

Enfeitiçada, ela negou com a cabeça e, aproximando sua boca a dele, beijou-o e, quando se separou de sua boca, cochichou:

— Equivoca-te.

— Equivoco-me? — Riu Kieran.

Angela, encantada com aquele bonito momento, passeou seu nariz pela dele e murmurou:

— Equivoca-te, porque serei eu quem faça amor a ti.

— É uma descarada, Angela O'Hara — respondeu ele sorrindo.

Ela riu.

—Sei, e me congratula ver que você gosta de meu descaramento.

Arrebatado pelo dito descaramento, sentiu como ficava de joelhos na banheira, agarrava-lhe o pênis com a mão e, colocando-lhe em sua úmida vagina, sem ele mover-se, pouco a pouco se foi empalando enquanto gemia e fechava os olhos.

— Volta-me louco, tesouro. Faz-me perder a razão.

Angela abriu os olhos e, depois de um novo gemido, respondeu:

— Perde a razão comigo... Só comigo.

Kieran, ao escutá-la e sentir sua estreiteza, ofegou e, parando-a, disse:

— Esta noite a vamos desfrutar você e eu. Baixaremos para jantar e depois retornaremos juntos para continuar desfrutando um do outro, entendido, muito torpe?

Angela sorriu e, movendo os quadris para lhe agradar, replicou:

— Nada gostaria mais, presunçoso.

Depois de uma tarde cheia de sexo, beijos e confissões, que a ambos tocaram o coração, baixaram para jantar e, vários dos guerreiros O'Hara que estavam ali comendo, ao vê-los fizeram deram espaço em sua mesa.

Kieran e Angela sorriam felizes enquanto se encaminhavam para lá, até que ele viu o Aiden McAllister e o sorriso se apagou. Angela, ao dar-se conta, apertou-lhe a mão com força e sussurrou:

— Te tranquilize. Ele também quererá desfrutar da festa de clãs.

Kieran assentiu e Angela, convidada pela Iolanda e vários guerreiros de seu marido, separou-se dele e se sentou. A jovem lhe aconselhou que pedisse assado.

Angela o fez e, segundos depois, começou a brincar com os guerreiros de Kieran que estavam sentados a seu redor.

Este, que estava falando com o Louis, ao ver sua mulher rodeada de seus homens, amaldiçoou em silêncio. Sabia que podia levantá-los todos para sentar-se ele, mas decidiu não fazê-lo. Se Angela não o pedia, não seria ele quem o fizesse.

Finalmente, sentou-se junto ao Louis e Zac e começou a comer conversando com eles.

Ao cabo de um momento, a porta da estalagem se abriu e entraram várias mulheres. Ao as olhar, Angela e Iolanda souberam que não eram prostitutas e se relaxaram. Não havia nada que temer.

Com curiosidade e dissimulação, Angela observou ao Kieran e viu que saudava algumas daquelas mulheres com cortesia e depois voltava com o Louis e Zac. Isso a Angela gostou. Mas o sorriso lhe apagou da boca quando entrou outro grupo de mulheres e uma delas disse:

— Kieran O'Hara... que alegria nos encontrar de novo.

Esta vez, ele não se levantou, mas sim a mulher foi até ele e se sentou a seu lado, e logo começaram a brincar.

— Se eu fosse você — cochichou Iolanda —, aproximava-me deles e arrancava os cabelos dessa desavergonhada, que ri e se pavoneia como uma galinha poedeira.

Gana a Angela, não lhe faltavam, e mais depois da tarde de paixão que havia passado com o Kieran, mas negando com a cabeça, respondeu, segura do que ia fazer:

— Não faz falta que faça isso, quando me aproximar do Kieran, ele me seguirá.

Com um aprumo que a Iolanda a surpreendeu, Angela caminhou até seu marido e, lhe passando uma mão pelo pescoço, perguntou, atraindo seu olhar:

— Já terminaste o jantar?

Kieran, ao vê-la, sorriu.

— Ainda não.

— Falta muito?

A mulher que estava falando com o Kieran, retirou da testa uma mecha de cabelo, e lhe indicou:

— Angela, vai com a Iolanda, ainda não terminei, e estou falando com a encantadora Pipa McDurton.

Encantadora?

Sem mover-se de seu lugar, ela foi recordar-lhe o que ele havia dito sobre a noite de paixão que iam ter, quando Kieran, em um tom de voz que lhe incomodou, insistiu:

— Vê com a Iolanda. Em seguida irei.

Ela assentiu com um tremente sorriso, mas aquilo a humilhou e, quando chegou à mesa, informou a Iolanda:

— Estou cansada. Retiro-me a minha habitação.

— Eu também — respondeu a jovem, levantando-se.

Com passo decidido, ambas abandonaram o comilão da estalagem e, ao chegar a suas respectivas habitações, despediram-se até o dia seguinte.

Assim que Angela fechou a porta, apoiou-se nela.

Como podia Kieran tratá-la assim diante de outra mulher? Como podia lhe sorrir à outra, diante dela? Como podia ser tão cruel?

Com decisão, começou a se despir e, quando viu a banheira ainda cheia, com a água agora fria, aproximou-se e murmurou:

— Angela, é uma parva. Deixe-te de adocicar com os contos de amor e não esqueça isso de, sem exigências nem recriminações.

Tomando ar, terminou de despir-se e finalmente se deitou.

Pensou em seu lar em Caerlaverock e em seu pai, em todas as pessoas que perdeu, e chorou. Sentia tanto a falta deles... De repente, a porta do quarto se abriu. Era Kieran e, para que não a visse chorando, afundou a cara no travesseiro e fingiu estar dormindo.

Ele entrou com sigilo, despiu-se e, quando se meteu na cama, disse:

— Sei que está acordada. Não dissimule.

Angela se moveu e Kieran, segurando-a entre seus braços, deu-lhe a volta e, ao lhe ver os olhos vermelhos, perguntou preocupado:

— O que ocorre?

— Nada.

— Por nada não se chora.

— Eu não chorei!

— Seus olhos não dizem isso, Angela. Conta-me!

Incapaz de calar o que a queimava por dentro, levantando-se da cama gritou:

— Como me pudeste tratar com tanta frieza diante dessa mulher? Nem sequer me apresentaste como sua esposa.

— Tem razão, mas...

— Prometeu que retornaríamos depois do jantar para... para... Oh, Deus, isso já não importa!

— Angela, basta já! Aqui estou. Pipa é uma amiga que...

— E por que, se é só uma amiga jogou-me de seu lado?

Essa recriminação provocou um incômodo silêncio na habitação. Kieran a entendeu. Não procedeu bem. Mas se a jogou de seu lado, era porque com Pipa, sempre que se encontravam, deitavam-se, e não queria que Angela escutasse o que tinha que lhe dizer. Mas ao ver seu gesto, explicou:

— Estava dizendo a Pipa que já tinha a noite reservada contigo.

Ao entendê-lo, Angela soprou e disse:

— Essa mulher e você foram amantes.

— Sim, Angela, sim.

Depois de um tenso silêncio, ela perguntou:

— A sério quer saber o que me passa?

— É obvio.

— Estou segura de que você não gostará de escutá-lo.

— Mesmo assim, quero sabê-lo.

Ela assentiu e, sem lhe importar nada, reconheceu:

— Estou ciumenta. Não sei como pode me dizer essas coisas tão bonitas e maravilhosas que me diz quando me faz amor, e logo sorrir como um parvo, a essa ou a qualquer outra mulher. —Kieran a olhou sem dizer nada e ela prosseguiu: — Sei que o nosso não é verdadeiro, que é um falso matrimônio. E embora às vezes me faz acreditar o contrário, por como me beija ou reclama meus cuidados, não devo seguir me enganando a mim mesma, verdade?

— Pelo amor de Deus, Angela, o que está dizendo?

— É muito simples, Kieran. Estou dizendo que estou apaixonada por ti. — E antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, continuou: — Você não me quer, deseja-me porque sou uma descarada, mas nunca me quererá. E nunca me quererá porque não sou como a Sinclair, que com sua beleza, como você diz, poderia ser “o capricho de qualquer highlander”.

— Angela, não siga.

— Oh, sim. Tenho que seguir. Já não posso parar. Tenho-te aberto meu coração e, me esquecendo de sem exigências nem recriminações, apaixonei-me por ti, e agora o que fica é sofrer por amor, como anteriormente o fez meu pai e minhas irmãs.

— Angela...

— Mas a diferença entre eles e eu, é que eu sim conseguirei te esquecer.

Deslocado e sem saber o que dizer, acima de tudo o que lhe acabava de revelar, tocou a cama e lhe ordenou:

— Veem aqui.

— Não!

— Veem aqui, Angela.

— Disse que não. Não quero dormir contigo. E deixa de me veja assim. Envergonho-me de meu descarado comportamento, cada segundo que estou contigo, e me morro de calor do que acabo de confessar, e mais quando eu aceitei as condições de nossas bodas. E... e... aqui estou, te reprovando coisas que não deveria e... e... Oh Deus! Mas o que estou te dizendo?

Sem saber por onde começar, Kieran quis lhe dizer que ele também sentia algo muito especial por ela, mas ao ver seu desespero, levantou-se da cama e, enquanto se vestia, disse:

— Angela, para. Não siga.

Ela o olhou, desesperada e, levando as mãos à cabeça, prosseguiu:

— Sorri-me, adula-me, busca-me e me beija com autêntica paixão e logo, quando aparecem outras mulheres, se esquece de mim e...

— Não sabe o que diz — vaiou — Estou aqui contigo, não com ela.

— Tenho que entender que quando está com elas a sós, as trata igual à mim? É isso, Kieran?

— Te cale, Angela... Cale-te.

Com gesto impassível, ela se aproximou dele e disse:

— Sempre gostou de minha sinceridade, por que agora não quer escutá-la?

Quando terminou de vestir-se, incapaz de aguentar um segundo mais, Kieran explodiu:

— Eu também fui sincero contigo desde o começo. Disse-te que sem exigências nem recriminações. Deixei claro o que queria, mas você, como sempre...

— É mau dizer a alguém que te apaixonaste por ele? Ou o problema é que te incomoda saber que eu sinto por ti algo que você em sua vida não sentirá, nem por mim, nem por ninguém?

Ver a dor em seus olhos, enquanto lhe mostrava seus sentimentos, deslocou-o. Claro que ele sentia algo especial por ela, mas era incapaz de reconhecê-lo.

— Cada dia eu lamento mais te obrigar a te casar comigo.

— Não me obrigou — replicou ao escutá-la.

Angela, com um sorriso que não gostou, afirmou:

— Em certo modo, sim o fiz e... E já não posso mais. Quero ir. Quero me afastar de ti. Me

repudie e...

— Não diga tolices — a cortou — Como vou fazer isso? Está louca?

— Kieran, estou apaixonada por ti e preciso te esquecer ou me voltarei louca.

Ele negou com a cabeça. Não podia repudiá-la nem afastá-la e ao ver a determinação em seus olhos, expôs:

— Quando nossa união de mãos acabe, deixar-te-ei partir. Enquanto isso, não volte a falar disso. É minha mulher, Angela. Não o esqueça.

E, sem dizer nada mais, ofuscado, Kieran partiu. Angela ficou olhando a porta e com raiva resmungou:

— Esquecer-me-ei de ti.

Capítulo 42

À manhã seguinte, depois de uma noite em que Angela não pôde dormir, baixou ao comilão, onde Iolanda estava tomando o café da manhã perto do Louis. Quando o highlander a viu chegar, sorriu-lhe e, rapidamente, cedeu-lhe seu assento.

— Bom dia, Angela — a saudou Iolanda.

— Bom dia — respondeu ela, olhando ao redor. Ali não estava Kieran.

— Graças a Deus que vieste — exclamou a garota — Hoje tentei ser mais amável com o Louis e já não se separou de mim. Quer me levar ao mercado e, embora lhe disse mil vezes que não, ele não para de insistir.

Cansada do empurra e puxa daqueles dois, tão parecido ao que em certo modo ela tinha mantido com seu marido, respondeu:

— Iolanda, este homem está tentando desculpar-se de todas as formas possíveis, quando o vais perdoar?

— Bom dia, Angela.

Ao voltar-se, encontrou-se com o Aiden McAllister. Nesta ocasião não lhe aproximou e ela o agradeceu.

Kieran entrou instantes depois e perguntou:

— Terminaste que tomar o café da manhã? — Angela negou com a cabeça e ele disse com gesto sério: — Termina, ainda fica um dia duro por diante.

Quando Iolanda e ela saíram fora, os guerreiros O'Hara as esperavam. Depois de receber alguns sorrisos por parte deles, prosseguiram seu caminho.

O dia foi em efeito duro e devastador. Kieran não parou a descansar nem um segundo, e quando levavam grande parte do dia sobre o cavalo, Angela murmurou a Iolanda:

— Tenho as nádegas doídas.

A jovem sorriu e comentou de repente:

— Olhe, parece que seu marido te ouviu e por fim ordena parar.

Encantada ao ouvir isso, Angela desceu de sua égua e, depois de deixar-lhe com um dos guerreiros do Kieran, disse olhando a Iolanda:

— Em seguida volto. Tenho que ir depois das árvores um instante.

A moça assentiu e Patrick, o médico, aproximou-se dela e começaram a falar.

Desejosa de um pouco de solidão, Angela se afastou a grandes passos até um pequeno rio, onde se lavou as mãos e a face e, quando se levantou, ouviu dizer ao Kieran:

— Pode-se saber o que faz tão longe?

— Tranquilize não me escapava. Só procurava um pouco de intimidade.

Ele respondeu molesto:

— Não posso estar todo o dia junto de ti. Acaso não sabe?

— Pedi-te que esteja junto a mim? — replicou, lhe sustentando o olhar. E ao ver que ele não respondia, com um frio sorriso murmurou: — Que te dissesse que sentia algo por ti não significa nada. Não me faz tola, nem torpe. Portanto, que posso continuar vivendo e respirando sem ti.

— Está claro que seu pai não te ensinou educação.

— Educação não me falta — vaiou ela com raiva.

Kieran, com gesto áspero, retirou-se o cabelo da cara e replicou:

— Angela, sou um homem paciente, e sabe, mas não jogue com isso ou a paciência me acabará e terei que tomar medidas que possivelmente você não goste.

Sem amedrontar-se, ela gritou:

— Possivelmente eu deseje que tome essas medidas, para que deixe de contar os dias que faltam para que finalize nosso enlace!

— De que falas?

Cansada de dissimular, olhou-o de frente.

— Me repudie. Se o fizesse, poderia partir agora mesmo. Afastar-me-ia de ti e seus problemas comigo se teriam acabado. Você seria livre de novo e poderia unir sua vida a da

encantada Susan Sinclair.

— Não me tente, Angela... Não me tente.

Desesperada por sua frieza, gritou:

— Não me quer, não me necessita! Sou uma carga e um problema para ti. Por que estar juntos quando ambos podemos refazer nossas vidas em separado?

De repente, de maneira inesperada, quatro homens saíram da escuridão e um deles disse:

— Angela Ferguson, estávamos-lhe procurando.

Sem entender nada, ela os olhou. Aqueles quatro homens, de aspecto sujo e desagradável, levavam uma espada na mão e Kieran, ao ser consciente do perigo que corriam, agarrou a Angela, pô-la detrás dele para protegê-la e perguntou:

— O que querem?

O que parecia o líder, pondo a espada no peito do lorde, respondeu:

— A ela. Alguém a busca em Edimburgo.

— Quem quer levar a minha mulher? — vaiou Kieran, furioso.

Os vilões se olharam e outro dos homens respondeu:

— Rory Steward, conhecem-no?

O rosto da Angela se decompôs e Kieran, ao recordar ao esbirro do Cedric Steward que escapou, levando a mão à espada, ameaçou-os:

— Se puserem uma mão em cima da minha mulher, vos mato.

O líder soltou uma gargalhada, ao tempo que Kieran desembainhava a espada e empurrava a Angela para trás para lutar com eles. Ela só levava a adaga de sua bota, mas quando foi tira-la, um dos homens a agarrou por detrás e a imobilizou, enquanto lhe tampava a boca para que não chiasse.

Esbaforida, observava como Kieran lutava com galhardia por ela sem descanso. Defendeu-se do ataque implacável até que um deles lhe fez um corte no flanco que o dobrou. Mas sua dignidade e a fúria que sentia não o deixaram ceder, e seguiu combatendo com todas suas forças.

Angela olhava-os aterrorizada e sem poder fazer nada. Kieran estava ferido gravemente. Bastava que ver como a camisa branca, que levava debaixo da guerreira negra, ia empapando de sangue. Tentou escapar do que a sujeitava, mas só conseguiu que este a golpeasse com dureza.

Kieran, ao ver aquilo, blasfemou e sua angústia redobrou suas ânsias de luta. Assim esteve um bom momento, até que ele perdeu força e caiu ao chão. Ao vê-lo, o líder levantou a espada para cravar-lhe diretamente no coração, mas Angela, mordendo a mão do homem que a sujeitava, gritou:

— Não o faça!

O que tinha a espada em alto, olhou-a e perguntou:

— Por que? Por que não tenho que matá-lo?

Imobilizada por outro dos homens, olhou ao Kieran e respondeu:

— Irei com vós. Não oferecerei resistência. Prometo-lhe isso.

— Não, Angela — murmurou Kieran com gesto de dor.

O outro, não muito convencido do que ela dizia, levantou de novo a espada e Angela voltou a gritar:

— Rory não sabe que em Edimburgo estão as joias de minha mãe. Levar-lhes-ei até elas antes que me levem diante ele e não lhe direi nada. Mas só o farei em troca de que nos partamos agora mesmo e não o matem.

Os homens gostaram daquilo e, depois de lhe fazer um sinal ao que a sujeitava, este a soltou e ela correu para o Kieran, ajoelhando-se junto a ele.

— O que está fazendo, Angela?

Consciente de que devia afastar aqueles homens de seu marido para que não o matassem, com toda a firmeza que pôde, respondeu:

— Íamos separar-nos de todas as formas, que mal há!

Ele murmurou do chão:

— Isso é mentira e nunca o permitiria. É minha mulher e não quero me separar de ti, maldita seja.

Emocionada, pelo mais parecido a uma declaração de amor que ele nunca fez, beijou-o. Muito tarde, mas ao fim escutou aquelas bonitas palavras do Kieran O'Hara. Com dissimulação, tirou-se o bracelete de sua mãe e o colocou no bolso da camisa dele. Preferia que o tivesse Kieran a que caísse em mãos daqueles malfeitores e, lhe aproximando a boca ao ouvido, disse:

— Quero-te, Kieran O'Hara, e não vou permitir que morra por minha culpa.

— Angela — sussurrou ele, desesperado por não poder mover-se — Não o faça. Não te mova daqui.

Um dos vilões deu a Angela um tapa nas costas que a atirou sobre o Kieran e resmungou:

— Devemos partir. Vamos, levanta e nos guiem até essas joias.

Preocupada em deixá-lo assim, mas ansiosa por separa-los dele, Angela se levantou. Um deles lhe amarrou uma corda pelo pescoço e deu um puxão. Ela tropeçou e caiu de bruços. Kieran amaldiçoou ao ver o sangue em sua boca, mas com um gesto, ela o tranquilizou.

Sem deixar de olhá-lo, Angela se levantou do chão, levou uma mão aos lábios, depois a levou a coração e finalmente lhe atirou um beijo, enquanto, com os olhos alagados de lágrimas, dizia:

— Adeus.

Kieran tentou mover-se, tentou levantar-se, mas caiu de novo ao chão. Furioso, chamou-a. Não podia permitir que a levassem. Era sua mulher. Sua responsabilidade. Desesperado, gritou seu nome, enquanto ela, sem deixar de chorar, caminhava e o ouvia bramar com fúria:

— Encontrar-te-ei... Sempre te encontrarei.

Capítulo 43

Louis, molesto ao ver a Iolanda falando com o Patrick, não lhes tirava a vista de cima. Adoraria ser ele quem a fizesse sorrir daquela forma, mas não lhe perdoava seu tolo engano.

Entrada a noite, Louis se precaveu de que nem Kieran nem Angela andavam pelo acampamento e, aproximando-se do Patrick e Iolanda lhes perguntou:

— Sabem onde estão Kieran e Angela?

— Não. — respondeu Patrick.

Iolanda ia dizer algo, quando de repente ouviram que Zac os chamava. Ao aproximar-se, viram horrorizados que vários highlanders traziam o Kieran ferido gravemente.

— Deus santo — murmurou Louis, ao ver o sangue.

Todos se olharam incrédulos e Patrick, que foi correndo para ele, ordenou-lhes pô-lo sobre uma manta e, olhando ao Louis, disse:

— Me ajudem a lhe tirar a camisa.

Com cuidado, fizeram-no entre todos e, ao tirar-lhe, o bracelete da Angela caiu ao chão. Iolanda, ao vê-lo, agarrou-o e, enquanto os homens falavam e tentava entender o ocorrido, olhou ao Louis e perguntou:

— E Angela?

Willian Shepard e seus filhos se aproximaram alertados pela gritaria, e ao ver o Kieran daquela maneira, Aston inquiriu:

— Onde está Angela?

— Não sabemos — respondeu Zac preocupado.

A tensão subia por momentos. Todo mundo especulava e Iolanda, ao escutar certas coisas, gritou com dureza:

— Não foi Angela quem o feriu!

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Claro que não. — a apoiou Louis.

— É obvio que não. — afirmou William, ainda com a espada na mão.

Louis, uma vez tranquilizou aos guerreiros O'Hara, ordenou-lhes procurar a Angela pelos arredores, logo se aproximou da Iolanda e com voz doce murmurou:

— Tranquilize, a encontraremos.

Patrick, depois de pôr uma cataplasma de ervas sob o nariz do Kieran, conseguiu que este reagisse e, depois de beber um copo de água, murmurou:

— Louis, Angela...

— O que ocorreu?

Incorporando-se a pesar da terrível dor da ferida, explicou:

— Uns homens nos atacaram quando estávamos no bosque... Levaram Angela.

William suspirou aliviado e, olhando a alguns highlanders, disse:

— Sabia que minha moça não te tinha feito isso.

— É obvio que não o fez — replicou Kieran — Me salvou a vida inventando uma loucura de que, lhes diria onde estão as joias de sua mãe em Edimburgo.

Ao ouvir isso, William o olhou e contou:

— Anos atrás, para sobreviver, o pai da Angela me fez levar a um prestamista de Edimburgo as joias de sua mulher. Sempre disse que retornaria para busca-las algum dia. Mas... Bom... Nunca foi possível.

Desesperado, Kieran tentou mover-se. A dor era aguda e insuportável, mas mais terrível era a dor que sentia no coração.

— Sabe quem eram esses homens? — perguntou-lhe Louis.

— Enviados do Rory Steward — respondeu ele furioso.

Iolanda, ao recordar aquele nome, tampou-se a boca e Kieran, que conseguiu levantar-se, resolveu:

— Devemos partir imediatamente para procurá-la.

Louis, preocupado, sussurrou com voz suave:

— Kieran, não está em condições.

Ele olhou a seu amigo e afirmou:

— Irei procura-la, mesmo no inferno.

Zac, aproximando-se dele disse:

— Descansa. Prometo-te que a traremos.

Estirando-se com o semblante enrugado pela dor, Kieran O'Hara bramou:

— Disse que irei por minha mulher e matarei a esses homens.

Iolanda, que até o momento permaneceu calada, ao ver sua determinação, aproximou-se dele e, lhe entregando o bracelete da pedra verde da Angela, sussurrou:

— Traga-a de volta, meu senhor.

Kieran assentiu, levou-se o bracelete aos lábios, beijou-o e, olhando ao Louis, ordenou:

— Traz meu cavalo.

Instantes depois, após de montar, mesmo sendo um autêntico calvário, todos esporearam seus cavalos e saíram a galope, enquanto Kieran só pensava em sua mulher e em encontrá-la sã e salva.

Capítulo 44

A metade de caminho, uns homens interceptaram aos que levavam a Angela e, sem mediar palavra, atacaram-nos e lhes deram morte. Ela, sem saber quem eram, olhou-os e um deles, aproximando-se, saudou:

— Olá, Angela... Não via o momento de voltar a ver-te.

A luz da lua iluminou seu rosto e pôde ver que se tratava do Rory Steward. Ele, ao precaver-se de seu desconcerto, sorriu e, aproximando-se mais, tocou-lhe a coxa e vaiou:

— Esta vez não escapará.

— Não me toque! — gritou ela, movendo-se.

Rory, ao ver a corda que levava no pescoço e a dificuldade que tinha para mover-se, riu e disse:

— Harper e Otto morreram por ti, e eu me vingarei por eles.

— Meu marido te matará, Rory, asseguro-lhe isso!

— Seu marido? Acaso não está morto?

Com um sorriso gelado, ela negou com a cabeça e respondeu:

— Encontrará nos e te matará.

O homem blasfemou. A ordem era matar ao Kieran e sequestrar a Angela, por isso, sem tempo a perder, montou no cavalo, subiu-a e fugiram ao galope. Deviam afastar-se dali.

Angela, com o coração encolhido, tremia de frio e preocupação. Saber que deixou ao Kieran ferido gravemente, no meio do bosque, e não poder fazer nada por ele, a mortificava.

Só dispunha da adaga que levava na bota para defender-se, mas com as mãos atadas lhe era

impossível alcançá-la.

Cada vez que desciam uma colina e começavam a subir outra, era consciente de quanto se afastava do Kieran e estava mais angustiada.

Amanhecia, o céu se esclarecia e a paisagem que se estendia frente a eles fez que Angela ao fim pudesse respirar. De repente, o cavalo no que foram caiu ao cruzar um arroio e se rompeu uma pata.

Depois de rodar pelo chão, Rory se levantou e vaiou:

— Maldito cavalo.

O animal relinchava com força e, de um puxão da corda, apartou a Angela dele. Dolorida pelo golpe blasfemou e tentou tirar a adaga da bota, mas não o conseguiu.

Durante um bom momento, aqueles sujos homens falaram de roubar outro cavalo em alguma das aldeias, pelas que haviam passado. Uma vez tomaram uma decisão, um deles, chamado Dreslam, olhando-a disse:

— Vão vós. Eu ficarei com ela. Seguro que encontro com o que me entreter.

Rory, ao escutá-lo, negou-se.

— Nem pensar. Se alguém vai possui-la, o primeiro serei eu.

— Ou eu — afirmou outro, chamado Alec.

Indignada, mas não assustada, Angela os olhou enquanto pensava o que fazer. Dreslam e Rory Steward começaram a discutir e os outros dois rapidamente entraram na discussão. Nenhum queria retroceder em busca de um cavalo e todos tinham o mesmo pensamento: a mulher.

Sem mover-se de seu lugar, Angela os observou, consciente de que o tempo que estivessem ali parados corria a seu favor. Se encontraram ao Kieran, ao menos William, Aston e George teriam saído em sua busca.

O homem maior, ao que chamavam Ogar, depois de olhar a Angela, sentou-se no chão e comentou:

— Podeis possuir primeiro vós à mulher. Eu a desejo sem forças e quieta. E, por isso vejo, forças tem ainda.

Os outros a olharam e ela, tremendo de frio, levantou-se do chão e vaiou:

— Se me puserem uma mão em cima, meu marido lhes matará.

Rory olhou a seus homens e os apressou. Teria que ir por um cavalo com urgência para afastar-se de O'Hara.

Ao vê-los desaparecer a galope, riu e, olhando a Angela, murmurou:

— Você e eu vamos passar um bom momento juntos.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Desesperada, olhou a seu redor. Os dentes lhe tirlintavam e, tentando distrai-lo, perguntou:

— Como sabia que ia a Stirling?

— Foi fácil. Se Kieran O'Hara ia, sua mulher o acompanharia.

Nada mais dizer disso, Rory a agarrou por braço com brutalidade e a arrastou até uma árvore.

— Me solte, verme asqueroso, me solte! — gritou ela.

Divertido, ele a amordaçou com um lenço e disse:

— Assim deixará de tagarelar.

Angela se moveu, tentando lhe dar uma patada, mas com a larga corda que tinha atada ao pescoço, Rory rodeou a árvore e, imobilizando-a, vaiou:

— Agora tampouco te moverá.

Zangada, blasfemou. Mas seu insulto ficou apagado pelo lenço que lhe rodeava a boca. Ele sorriu e lhe passando uma mão com lascívia por cima do vestido, murmurou:

— Te vou fazer entrar em calor.

E aproximando-se mais a ela, posou as mãos sobre seus seios e, tocando-lhe por cima do vestido, sussurrou:

— Veem-se apetitosos e tenho fome, crê que me saciarão?

Aterrorizada pelo que lhe dizia, tentou mover-se, mas foi impossível. As mãos do homem lhe apertavam os peitos, até que de repente ficou quieto olhando-a e caiu de joelhos ao chão.

Angela viu a flecha que o atravessou pelas costas e olhou à frente. Mas o sol lhe dava diretamente nos olhos e só ouvia o trote dos cavalos. Ela ficou alerta. Se forem outros ladrões, atada como estava não poderia se defender.

O ruído dos cascos dos cavalos era ensurdecedor. Deviam ser muitíssimos. E quando chegaram a ela e o cavaleiro baixou, Angela deu um mudo grito de alegria ao ver que se tratava do William.

Sem perder um segundo, ele a começou a desatar.

— Moça... Moça... O quão preocupado estava por ti...

Ainda amordaçada, ela assentiu e, ao soltá-la de todo, William a abraçou.

— Pelo amor de Deus, Angela, está congelada! — E olhando a seu filho, disse: — Aston, traz um tartán.

Tirando-se com urgência o lenço da boca, ela perguntou:

— William, Kieran está bem? Diga-me que sim, por favor... Por favor... Deixei-o ferido gravemente e não pude fazer nada e eu...

— Agora que te encontrei, estou muitíssimo melhor.

Sua voz foi o bálsamo que ela necessitava e, ao voltar-se e vê-lo desmontar torpemente do cavalo, sorriu. Esquecendo-se do William e de todos os homens que a rodeavam e olhavam, correu para ele e, com todo seu ímpeto e jogou nos braços.

Sua efusividade fez que Kieran se encolhesse de dor e, ao dar-se conta disso, Angela o soltou e murmurou com comedimento:

— Ai, meu Deus... Ai, Meu Deus.

— Já estamos com isso? — perguntou Kieran divertido.

Angela se desculpou:

— Tenho-te feito mal, sinto muito!

Ele sorriu. Ainda recordava o que lhe disse ao ouvido antes de partir e, agarrando-a pela mão, aproximou-a dele e, abraçando-a com desespero, murmurou, enquanto ouvia o clamor de seus homens:

— Me abrace e a dor sanará.

Zac, que estava junto ao Louis, sorriu ao ouvi-lo e murmurou divertido:

— Eu acho que o guerreiro feroz caiu na magia do amor.

Todos riram e, a um sinal do Louis, afastaram-se um pouco para lhes dar intimidade. Sem dúvida, necessitavam-na.

Angela e Kieran continuaram abraçados até que ele, ao ser consciente de tão gelada que estava, pegou um tartán de seu cavalo e o jogou por cima. Angela sorriu e, depois de envolver-se bem, ele a voltou a abraçar.

Em sua vida passou a angústia e o desespero, que a perda da Angela o fez sentir e, lhe beijando a testa, murmurou:

— Va aonde vá... Sempre te encontrarei... Sempre.

Aliviada e feliz, ela assentiu e, olhando-o aos olhos, disse:

— *Carinho*?

— O que?

— Vou te beijar.

Kieran sorriu e, negando com a cabeça, murmurou, ao ver o corte que ela tinha na boca:

— Não, *meu céu*, vou beijar-te eu, e com cuidado.

Fez. Beijou-a com doçura e, quando seus lábios se separaram, Kieran, sem soltá-la, advertiu-lhe:

— Vai tirando dessa cabeça a ideia de te afastar de mim, porque não vou permitir.

Entendeste Angela?

Ela sorriu e seus lábios se voltaram a encontrar de novo. Foi um beijo curto, mas ardente, possessivo e necessitado. Kieran sugou sua língua com cuidado de não lhe fazer dano, enquanto o desfrute os fazia entrar ambos a cada segundo mais em calor.

Quando o beijo chegou a seu fim, as mãos dele baixaram até seu traseiro e, ao apertar-lhe para aproximá-la a ele, Angela deu um coice.

— O que te ocorre? — perguntou ele.

Vermelha como um tomate, soprou e respondeu:

— Dói-me horrores.

Ele a olhou com gesto sério e ela continuou:

— Tenho-me cansado o traseiro por montar várias vezes o cavalo.

— Todos os homens que ousaram te afastar de mim já estão mortos.

Sem um ápice de pena, Angela assentiu. Kieran a pegou pelas mãos e ela deu outro coice. Sem perguntar, olhou-lhe as mãos e, ao vê-las avermelhadas pelo frio e esfoladas pelas quedas, ia dizer algo, mas ela, levantando o vestido até os joelhos, revelou:

— Os joelhos estão iguais.

Horrorizado pelas condições em que estava, negou com a cabeça e sentenciou:

— Ninguém te voltará a fazer mal, prometo-lhe isso.

Louis, ao ver que se aproximavam, sorriu. Ao Kieran, o via mais relaxado e inclusive a cor tinha voltado para seu rosto. Assim que Angela agradeceu a todos sua ajuda, montaram em seus cavalos e retornaram ao acampamento.

Ao chegar a ele, ela suspirou. Apesar de que Kieran lhe pôs vários tartáns sob as nádegas, a dor foi insuportável. Ao vê-la chegar, Iolanda correu para ela e, quando desceu do cavalo, rapidamente a abraçou.

— Está bem?

— Sim. Estou bem.

— Sabia que não tinha sido você. Você nunca faria isso ao Kieran.

Com um sorriso, Angela olhou a seu marido, que as observava, e murmurou:

— Embora às vezes sinto a necessidade de afogá-lo, tem razão, nunca lhe faria nada mal.

Kieran sorriu ao ouvi-la.

Enquanto Patrick curava de novo as feridas do Kieran e Iolanda desinfetava as mãos e os joelhos da Angela, esta disse:

— Deve estar dolorida, cansada e esgotada, mas já sabe, um highlander nunca deixa ver

sua debilidade. — Ambas sorriram.

Vários guerreiros O'Hara se aproximaram da Angela para interessar-se por seu estado e ela os tranquilizou. Kieran olhou a sua mulher e, ao vê-la rodeada por todos aqueles homens, torceu o nariz, levantou-se e se afastou. Iolanda, ao dar-se conta, aproximou-se da Angela e cochichou:

— Anda, vê e obriga-o a que deite e descanse.

Angela assentiu e, quando o alcançou, agarrou-o pelo braço e perguntou:

— Posso te acompanhar?

Com gesto carrancudo, Kieran a olhou.

— Estava muito entretida com tanto admirador ao redor.

Ela sorriu e, ficando nas pontas dos pés, beijou-o nos lábios.

— O único admirador que me interessa é você — afirmou.

Ele a olhou encantado e ela propôs:

— O que te parece se formos descansar um pouco à barraca? Estou esgotada.

Tão cansado como ela, Kieran assentiu e, sob o atento olhar de muitos olhos, encaminharam-se para a barraca. Uma vez dentro, Angela, depois de colocar várias mantas no chão, indicou-lhe ao ver seu gesto esgotado:

— Veem, deite aqui.

Ele negou com a cabeça e se sentou em uma espécie de tamborete.

— Tenho sede — comentou — dá-me um pouco de água?

Angela agarrou uma jarra e o serviu prestativa. Ele bebeu e quando lhe entregou a caneca, ela o olhou. Ao ver que a observava divertida, ficando de joelhos ao seu lado, esclareceu:

— Estou acostumada a não desperdiçar a água. Em Caerlaverock estávamos tão escassos de tudo que...

— Ama-me tanto para te entregar sua vida por mim?

A pergunta pegou de surpresa e, instintivamente, olhou para cima.

— Não olhe ao teto e responde — insistiu Kieran.

Acalorada, olhou-o e, ao ver que esperava uma resposta, disse:

— Só um parvo como você não saberia que te quero. — E ao ver que levantava as sobrancelhas, rapidamente acrescentou: — Mas não te angustie, ainda recordo isso de sem exigências nem recriminações. Tenho muito claro que... Oh, pelo amor de Deus! Quer deixar de me olhar assim?

— Não posso. — Riu ele.

— Por que não pode?

— Porque sou um tolo apaixonado por ti, que gosta de seu descaramento, sua sinceridade, como te acalora, como sorri e como te zanga.

— Kieran... — murmurou.

Sem apartar o olhar do dela, ele perguntou:

— O que sou para ti, Angela?

Ao ouvi-lo, se arrepiou e, sem poder mentir em algo que, para ela era tão importante, respondeu:

— É tudo, Kieran.

Comovido por essas palavras, pegou-lhe a mão, sentou-a sobre ele, beijou-a com ternura e, a escassos centímetros de sua boca, murmurou:

— Eu sinto quão mesmo por ti. Quero-te, mas não me atrevia a confessá-lo. O dia que você se justificou comigo, fiquei tão paralisado que não soube reagir e reagi mal. Não sei se o fiz por pudor ou por não deixar que visse que é minha debilidade. Mas me arrependo. Arrependo a cada segundo que passa e um pouco mais.

— Kieran...

— Reconheço que ao princípio contava os dias que ficavam para que finalizasse nosso enlace, porque não queria estar apegado a ti, mas de repente tudo mudou e os contava para me recordar, a mim mesmo, os dias que tinha para te dizer que estava apaixonado por ti. Cada vez que discutia contigo, desejava te beijar, quanto mais me empenhava em te esquecer, mais desejava estar ao seu lado, e quando esses homens te afastaram de mim, dava-me conta de que, definitivamente, foi tudo para mim. — A respiração de ambos se acelerou. — Sempre senti amor por minha mãe, por meus guerreiros, por meus amigos, mas o que sinto por ti é inigualável, porque me corta a respiração quando você não está, tenho ciúmes se sorri a outro homem e só estou tranquilo e feliz quando te tenho juntado a mim e te vejo sorrir.

Pasmada por aquela incrível declaração de amor, que superou todo o imaginável, piscou. Tivesse-lhe encantado lhe dizer que repetisse tudo outra vez, palavra por palavra, olhar por olhar, mas sabia que não devia fazê-lo. De modo que negou com a cabeça, sorriu e Kieran, consciente de tudo o que saiu de sua boca, perguntou:

— Não tem nada que dizer?

— Acaba de dizer que você também me quer? — expôs ela.

Aproximando sua boca a de sua mulher, Kieran assentiu:

— Sim, *meu céu*. Isso disse. Beije-me.

Capítulo 45

Três dias depois, as feridas do Kieran, depois dos cuidados e mimos de Angela, estavam melhor. Quando entraram em Stirling, Iolanda, paramentada com uma capa que Angela lhe deu, observava com curiosidade o lugar que a viu nascer e experimentou um estranho regozijo ao ver os negócios e às pessoas que conhecia de toda a vida.

— Está bem, Iolanda? — interessou-se Angela.

A jovem assentiu e, embora não se deixava ver por ninguém, ao passar por uma rua disse com um sorriso:

— A terceira porta à direita é a casa da Pedra, onde tem a loja de vestidos. Minha casa é a quarta porta à direita.

Angela olhou.

Os guerreiros O'Hara se encaminharam por volta do lugar onde pernoitaram outros anos e Kieran, depois de lhes ordenar montar as barracas, dirigindo-se para sua mulher e a jovem Iolanda, indicou-lhes:

— Me acompanhem. Procuraremos um lugar onde comprar algum formoso vestido para vocês.

Elas se olharam e Angela perguntou:

— Kieran, te importa se formos sozinhas?

Surpreso, respondeu:

— Impossível, Stirling está cheio de guerreiros e não quero que vos passe nada.

— Sei me defender, já sabe.

Kieran, convencido disso, mas não disposto a apartar-se dela, disse:

— Vamos, eu lhes acompanharei.

Eles três, junto com dois guerreiros, afastaram-se do acampamento e, quando chegaram ao centro do Stirling, Kieran parou em várias ocasiões a saudar lordes que conhecia e amaldiçoou ao encontrar-se de novo com o Aiden McAllister.

Finalmente, chegaram à rua onde Iolanda disse a Angela que estava sua casa e a da Pedra, e, parando-se, Angela disse:

— Acredito que aí vendem bonitos vestidos.

Kieran olhou e, ao ver um pequeno letreiro de madeira, perguntou:

— Quem lhe disse isso?

Encolhendo-se de ombros, ela respondeu rapidamente:

— O letreiro indica que vendem vestidos.

O highlander, divertido pelo gesto de sua mulher, assentiu.

— Então, vamos. Seguro que encontram algo que vocês gostem.

Temerosa, Iolanda olhou a sua amiga e Angela lhe indicou que os seguisse. A jovem o fez, enquanto o coração lhe pulsava a toda velocidade. Voltar a ver Pedra e a seu irmão era o que queria e estava a ponto de fazê-lo.

Vislumbrou Pedra através da janela. A mulher costurava, trabalhava em excesso no interior e, ao vê-la, deu-lhe vontade de chorar. Quanto ansiou aquele momento.

Kieran, uma vez desmontou de seu impressionante cavalo, ajudou a Iolanda a fazê-lo e logo foi ajudar a sua mulher a descer do dela, mas ela não o esperou. De um salto e com agilidade, desmontou ela sozinha. Kieran, ao ver seu gesto de autossuficiência, agarrou-lhe pela cintura e, olhando-a aos olhos, murmurou:

— Você sabe que eu sou completamente apaixonado por você, certo?

Isso lhe chegou diretamente ao coração e, encantada, respondeu:

— Tanto como eu por ti. Posso te pedir algo? — acrescentou então ela.

— Diga.

— Eu gostaria que não visse meu vestido até a festa. Quero que seja uma surpresa.

Isso lhe resultou cômico, mas não riu. Depois de olhar pela janela e certificar-se de que só estava a costureira, acessou:

— De acordo. Aproveitarei o tempo que vocês estão aqui para fazer alguns recados, mas não se movam daqui até que eu retorne entendido?

Angela não disse nada e Kieran insistiu:

— Entendido, Angela?

Finalmente, ela assentiu e, depois de pegar a Iolanda pelo braço, entraram juntas na loja.

Kieran montou em seu cavalo e, olhando aos dois homens que os acompanhavam, ordenou-lhes:

— Fiquem aqui de guarda. Eu retornarei logo.

Quando a porta se abriu, Pedra elevou a vista e, ao ver duas potenciais clientes, levantou-se. Esses dias em Stirling se vendiam muitos vestidos e, com um encantador sorriso, saudou:

— Bom dia.

Iolanda oculta ainda sob o capuz, não se moveu: parecia-lhe incrível estar no lugar onde

tinha vivido momentos tão bonitos com sua mãe. Angela respondeu:

— Bom dia.

Pedra, ao ver que aquela jovem ruiva olhava a seu redor, disse:

— Suponho que deve buscar um bonito vestido, verdade? — Angela assentiu e a mulher perguntou: — São de que clã?

— Do clã O'Hara. Sou a esposa do lorde Kieran O'Hara.

A mulher sorriu e, olhando a jovem encapuzada, esperou sua resposta, mas esta tirou o capuz e murmurou com os olhos cheios de lágrimas:

— Olá, Pedra...

A expressão da mulher trocou por completo e, sem hesitar um instante, correu para a porta, trancou-a para que ninguém pudesse entrar e depois abraçou a Iolanda. Angela as olhava enquanto elas se estreitavam com carinho e, quando se separaram, ouviu a Pedra perguntar:

— Mas, minha vida, onde estiveste todo este tempo?

— Longe... Longe de vós para lhes manter a salvo. Como está? Como está Sean?

Emocionada, a mulher teve que sentar-se em uma cadeira e, sem soltar as mãos da Iolanda, respondeu:

— Tanto Sean como eu, estamos bem. E você está bem?

— Sim, Pedra.

De novo se abraçaram e Pedra, comovida, murmurou:

— E seu cabelo, minha vida? O que passou a seu bonito cabelo?

Iolanda sorriu e secando as lágrimas respondeu:

— Não se preocupe, o cabelo cresce. Tive que me fazer passar por um homem todo este tempo e a melhor maneira era cortando isso Mas agora estou com a Angela e seu clã e tudo mudará.

Quando Angela ouviu isso sobre seu clã lhe pôs o pelo arrepiado. Realmente aquele clã só seria algo dela durante um ano, mas sem lhe contar a Pedra a verdade de seu destino, sorriu.

— Onde está agora meu irmão? — perguntou Iolanda.

— Com o Fiord — vaiou Pedra — Esse mal nascido nunca tornou a confiar em mim. Fez uma troca com um jovem amigo dele e trocou a casa de seus pais pela deles, que está ao lado da ferraria, frente ao maior prostíbulo do Stirling, e...

— Minha casa já não é minha? — perguntou Iolanda, causar pena.

Pedra negou com a cabeça e, finalmente, a jovem murmurou:

— A verdade é que essa casa deixou de ser meu lar o dia que esse homem entrou nela.

Durante um bom momento, Pedra e Iolanda falaram de suas coisas e ficaram ao dia, até

que Angela as cortou e, nervosa se por acaso Kieran aparecia, indicou a sua amiga que deveriam provar os vestidos enquanto falavam. Não queria que seu marido suspeitasse daquela visita.

Pedra rapidamente lhes mostrou vários vestidos confeccionados em distintas tonalidades e as duas mulheres começaram a prova-los Angela, incrédula, olhava-se em um espelho. Nunca estreou um vestido. Ao ser a menor das três irmãs, e com a penúria que tinham em Caerlaverock, sempre os herdou. Por isso, ao tocar o tecido e sentir seu tato suave, emocionou-se.

Depois de provar-se um em cor terra e outro verde, apaixonou-se por outro vermelho vivo. Ajustava-se a sua figura de uma maneira colossal e estava quase segura de que a seu marido adoraria, apesar do escandaloso que era.

Quando Kieran chegou, olhou às três mulheres e, aproximando-se delas com um grato sorriso, interrogou-as cavalheiresco:

— Já encontrastes algo bonito para a festa?

Iolanda e Angela assentiram, e Kieran, ao ver vários vestidos, saias e camisas sobre uma espécie de mesa de madeira, perguntou a Pedra:

— E a minha esposa o que mais desejou?

Encantada pelo comentário, a mulher ia responder, quando Iolanda disse:

— Nunca imaginei que uma jovem como você, que viveu em uma fortaleza, nunca teve o prazer de desfrutar de um objeto novo.

Kieran, ao ouvir isso, olhou-a surpreso e inquiriu:

— Iolanda o diz a sério?

Angela amaldiçoou para si mesma.

— Papai sempre me deu tudo o que necessitei e...

— Sei Angela — a cortou Kieran, consciente de seus sentimentos. — Sei que seu pai foi um bom homem.

Angela assentiu e ele, desejoso de lhe dar todos os caprichos, declarou, olhando a Pedra:

— Minha mulher necessitará algo mais que um vestido. — E ao ver que ela ia protestar, acrescentou: — Não tem roupa e não pode te apresentar com a que leva ante o resto dos clãs. Comprem ambas, algo mais e joguem fora esses estragados vestidos que levam. Não posso lhes levar a passear assim ante os lordes.

Iolanda se negou:

— Não... Não, por favor, meu senhor... Não...

— Como dama de companhia de minha mulher — a interrompeu Kieran — quero que te veja elegante e feliz. Entendido?

Ao ouvir isso, Pedra sorriu. Aquele era um bom lorde e sem dúvida aquela seria uma boa venda. Angela e Iolanda, depois de ceder, decidiram comprar umas saias em tons areia e umas camisas. Pedra lhes tirou também sapatos e botas e, ante o alegre olhar do Kieran, as jovens se provaram e escolheram muitas coisas mais, enquanto riam pelas ocorrências dele.

Assim que acabaram, Kieran, depois de pagar à mulher, deu a ordem a seus homens de que carregassem com a roupa e a levassem até o acampamento. Ver a Angela tão bonita com aquele novo traje gostou, e ainda mais ao ver seu sorriso de satisfação. Sua mulher estava esplendorosa e as cores vivas lhe embelezavam de uma maneira espetacular.

Ao sair da loja, Iolanda se voltou a pôr o capuz, o que chamou a atenção do Kieran, mas não disse nada. Por que se ocultava?

Quando os três montavam a cavalo, Kieran viu a costureira olhar emocionada pela janela. Com dissimulação, olhou a sua mulher e a Iolanda e viu que ambas a saudavam com um sorriso mais que carinhoso. Não perguntou, mas soube que se conheciam e cedo ou tarde se inteiraria do por que.

Capítulo 46

Faltam duas noites para a grande festa dos clãs e todo mundo se divertia no acampamento, enquanto a música soava. Os clãs que foram chegando, reunidos ao redor de um grande fogo, falavam, dançavam, riam e bebiam.

Kieran, desejoso de que Angela e Iolanda os acompanhassem, animou-as a ir à festa, mas Iolanda se negou e Angela aceitou. Estava feliz de poder estar com ele.

Embelezada com um dos vestidos novos que lhe comprou, pôde ver que Kieran a apresentava com certo orgulho a vários amigos e viu que estes a observavam com gesto de satisfação.

Angela era preciosa para ele, e seu sorriso lhe pareceu pouco cativante.

Mas sob toda aquela segurança, a jovem estava ansiosa, enquanto olhava a seu redor. Sabia que em qualquer momento apareceria o clã da Susan Sinclair ou a mãe do Kieran e pensar nisso a punha nervosa.

Depois de dançar, Zac se aproximou da Angela, enquanto Kieran falava com uns homens. Entregou uma jarra de cerveja e exclamou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Ainda não posso acreditar que seja a Fada!

— Disso se tratava — Riu ela.

Zac a olhou e prosseguiu:

— Igual nunca imaginei que Sandra fora uma das encapuzadas.

— Disso se tratava também.

Sorriu ao ver o interesse que o jovem mostrava por sua amiga e, disposta a colaborar, disse-lhe:

— De acordo, Zac, o que quer saber dela?

Ele sorriu e, sentando-se junto à Angela, manteve com ela uma séria conversa.

Depois de jantar, ela tentou escapulir-se. Tinha planos com a Iolanda, mas Kieran não a soltou. Queria tê-la a seu lado todo o momento. Por mais que tentava desculpar-se, foi impossível, e ao final decidiu conformar-se. Estava junto ao Zac e seu marido, quando uma voz de mulher perguntou:

— A sério te há desposado Kieran O'Hara?

Zac, rapidamente reconheceu a voz e sorriu ao ver sua irmã Shelma junto a Cã fila McDougall.

—Olá, irmãzinha — saudou Zac a Shelma, beijando-a.

Kieran agarrou a Angela da cintura e com atitude possessiva, disse:

— Apresento-lhes a Angela O'Hara, minha mulher. Meu céu, elas são Shelma e Cã fila. Duas boas amigas e esposas de dois excepcionais amigos.

Elas duas se olharam incrédulas, aquela delicada mulher de cabelo vermelho era a mulher do Kieran? E ele a tinha chamado "meu céu"? Após olharem divertidas, Shelma a cumprimentou:

— Prazer em conhecê-la, Angela.

— É um prazer — acrescentou Cã fila.

— O mesmo digo — respondeu ela, com um coquete movimento de cabeça.

Lolach e Axel, os maridos delas, aproximaram-se e olharam a seu amigo com curiosidade, até que o primeiro, com seu sorriso de sempre, perguntou:

— Tenho que tomar a sério o que ouvi Kieran?

Ele assentiu e, depois de dar um beijo na cabeça a sua mulher, apresentou-os:

— Meu céu, ele é lorde Lolach McKenna, marido da Shelma e cunhado do Zac. E ele lorde Axel McDougall, marido de Cã fila.

Este último, aproximando-se rapidamente a Angela, beijou-lhe a mão e, com galanteria, disse:

— Encantado de conhecer a mulher que foi capaz de fazer passar pelo matrimônio ao Kieran. — E em tom divertido, acrescentou: — Já nos contará como conseguiu tal proeza.

Ela respondeu, também divertida:

— Mais que matrimônio foi uma união de mãos. E em relação ao que perguntas, só direi que lhe pedi matrimônio e ele muito gentilmente aceitou. Foi fácil!

Todos riram e Kieran, sem soltá-la, asseverou:

— As ruivas sempre foram minha debilidade.

Axel soltou uma gargalhada, a que lhe uniu Zac e posteriormente Lolach. Que mulher não gostava ao Kieran O'Hara?

Shelma, incapaz de calar, ao ver essa atitude nos homens, grunhiu:

— A que vêm essas risadas?

— Shelma... — advertiu-a a sempre precavida Cã fila.

Angela, consciente de por que eles riam, sorriu e calou. Devia comportar-se como Kieran desejava.

— Sabem quando chegam Megan e Duncan? — perguntou Zac.

— Chegarão com Gillian e Niall, certamente amanhã — respondeu Lolach.

— Que bom! — Riu Angela, agarrando o braço de seu marido. — Por fim vou poder conhecer todos seus amigos. Esses dos que tanto me falaste.

Durante um bom momento, todos falaram e Angela viu o bom humor constante que tinham. Sem dúvida eram muito amigos e isso gostou. Desejava conhecer o resto.

Já de madrugada, Shelma e Cã fila se retiraram a descansar e seus maridos decidiram as acompanhar. Depois retornariam junto ao fogo. Angela viu chegado o momento de voltar para acampamento e Kieran, como bom marido, acompanhou-a também.

— Não faz falta que venha comigo, posso retornar sozinha.

Ele, depois de saudar uns guerreiros com os que se cruzaram, disse:

— Estaria louco se te deixasse sozinha enquanto isso. Dê-me a mão.

Divertida por seu instinto de amparo, deu-a e, quando este a agarrou, comentou ao ver como os homens olhavam a sua esposa:

— Tinha razão. Devemos ir diretos a Kildrummy.

Angela sorriu e, com um gesto muito feminino, estirou o pescoço e cochichou:

— Disse-lhe isso. Mas não me quis escutar.

Kieran assentiu e de repente murmurou para fazê-la rabiar:

— Trezentos e dezessete.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Surpreendida por que ele continuasse contando os dias, ia protestar, mas ao ver seu gesto pícaro, soltou uma gargalhada.

Entre risadas e brincadeiras chegaram ao acampamento e uma vez ali, Angela viu a Iolanda sentada só junto a sua barraca e ao Louis não muito longe, apoiado em uma árvore.

Sua expressão e como a olhava lhe doeram. Sem dúvida, o highlander queria aproximar-se dela, mas a jovem não o deixava. Tinha muito medo dos homens. Quando os viu chegar, depois de uma saudação com a cabeça da Angela, Iolanda se tampou os olhos com as mãos e pôs-se a chorar.

— Importa-te se esta noite durmo com a Iolanda em sua barraca? — perguntou Angela, olhando ao Kieran.

— Sim. Claro que me importa — replicou este.

Ela sorriu e, mimosa, sussurrou:

— Iolanda está mal e necessita que a console.

— Estar com ela me privará de ti.

Encantada por sua resposta beijou-o.

— Só será uma noite, *carinho*.

— Uma noite é muito.

— E se prometer que te ressarcirei por esta noite perdida?

Kieran sorriu e, aproximando-se dela, murmurou:

— Seu descaramento me convence. Vai com a Iolanda.

Angela, depois de beijá-lo com paixão, esboçando um sorriso, deu um passo para a Iolanda, mas ao ver que vários highlanders a observavam, piscou um olho ao Kieran e disse:

— Te leve bem... *Carinho*.

Quando chegou junto à Iolanda, abraçou-a e murmurou:

— Vamos, entremos na barraca. Quanto antes nos perca esses dois de vista, antes partirão.

Uma vez entraram, Kieran se aproximou de grandes pernadas até o Louis, que estava muito sério, e, contrariado por não estar com a Angela, propôs:

— Vamos. Acredito que ambos precisamos tomar um gole junto ao fogo.

Capítulo 47

No interior da barraca, Angela e Iolanda se tiraram a toda pressa os novos vestidos e puseram as calças de couro e as botas.

— Até quando vais seguir martirizando ao pobre Louis?

— Não sei, mas já me começa a dar pena.

— Fala com ele e não seja tola. Ambos o estão desejando.

A jovem soprou e, olhando a sua amiga, replicou:

— Para que? Ele tem muito claro que com uma mulher como eu nunca terá nada e...

— E se lhe dá uma oportunidade, comprovará o arrependido que está de haver dito essas desafortunadas palavras.

Assim estiveram vestidas de homem, colocaram umas saias em uma bolsa que penduraram, e Angela perguntou, enquanto se recolhia o cabelo em uma larga trança:

— Descosturou a barraca, como disse?

Com gesto pícaro, Iolanda levantou uma lateral do chão e Angela a apressou:

— Vamos, não percamos tempo.

Ocultas sob sua indumentária masculina e os capuzes, saíram com cuidado pela parte traseira da barraca. Uma vez fora, afastaram-se dos O'Hara e passaram rápido, mas sem correr, entre centenas de guerreiros. Nenhum reparou nelas. Para eles, eram dois guerreiros mais.

Uma vez se afastaram do centro, onde se reuniam os clãs, e entraram pelas ruas de Stirling, Angela disse:

— Guia-me você. Eu não conheço a zona.

Iolanda caminhou com segurança pelas escuras ruelas, até que chegaram à ferraria e então parou em seco. Ali, a escassos passos, Fiord estava trabalhando, junto a quatro homens de aspecto nada tranquilizador. O coração da Iolanda se acelerou.

Angela, ao ver os homens, agarrou o braço da jovem com força e sussurrou:

— Não pare. Continua caminhando.

Sem precaver-se de nada, Fiord seguiu falando com os outros, enquanto elas passavam por seu lado; o bulício do prostíbulo se ouvia ensurdecedor. Uma vez dobraram a esquina e não via ninguém, Iolanda se apoiou na parede e, tremendo, murmurou:

— O homem de cabelo escuro era Fiord.

— Que casa disse Pedra que era agora a de seu irmão? — perguntou ela, assentindo.

Separando o corpo da parede, Iolanda deu a volta e murmurou:

— Esta.

Angela olhou a casa que assinalava e, dando a volta, observou o prostíbulo que tinha

diante.

— Este não é um bom lugar para criar a um menino — sentenciou.

Iolanda assentiu e, olhando para uma janela, ela sussurrou:

— Veem, vamos ver se podemos entrar por aí.

Depois de forçar a janela, conseguiram meter-se na casa. O lugar se via sujo e frio. Caminharam com cuidado de não fazer ruído, até que Angela viu um menino dormido e encolhido no chão e, detendo sua amiga, assinalou-o.

Ao vê-lo, Iolanda levou as mãos à boca. Aquele pequenino sujo, que chupava o dedo enquanto dormia, era seu irmão Sean; os olhos se encheram de lágrimas. Com cuidado, aproximou-se dele para olhá-lo mais de perto. O bebê que deixou agora era um menino de formosos cabelos escuros e olhos rasgados como os dela e sua mãe. Sem tocá-lo, sorriu emocionada, e cochichou:

— Parece-se muitíssimo a mamãe. Muitíssimo.

Nesse momento, o menino tremeu de frio e Iolanda, disposta a cuidá-lo, levantou-se e procurou com o que tampá-lo. Agarrou um tartán que encontrou e o agasalhou com mimo.

— Pobre Sean... Pobrezinho, meu menino — murmurou.

Angela lhe pôs uma mão no ombro para lhe dar força e quando Iolanda se incorporou, esta a olhou com desespero e anunciou:

— Não posso deixá-lo aqui.

— O que?!

— Não posso partir sabendo que vive nestas condições. Fiord não o quer, não o cuida e...

— Iolanda, entendo-te — cortou Angela — Mas agora mesmo não podemos leva-lo. Retornaremos a noite antes de partir de Stirling, prometo-lhe isso!

Mas a garota negou com a cabeça: não estava disposta a separar-se de seu irmão. Nessas estavam quando de repente ouviram que a porta que comunicava a ferraria com a casa se abria.

Iolanda se paralisou, mas Angela olhou para a janela que entraram e a apressou:

— Vamos! Devemos sair.

— Não. — murmurou a jovem.

Desesperada, Angela a olhou e, com uma mão no punho da espada, pronta para atacar, insistiu com fúria:

— Pelo amor de Deus, vamos! Se Fiord te pegar aqui as consequências serão nefastas.

Mas Iolanda não podia reagir, por isso Angela empurrou dela com força, justo quando se ouvia a voz de um homem que gritava:

— Alto aí!

— Terá que saltar — disse Angela, levantando o capuz e colocando também o da Iolanda — Vamos!

A luz de um candelabro iluminou totalmente a estadia. Fiord, ao ver duas figuras encapuçadas, gritou e correu para a ferraria para lhes cortar o passo.

Angela e Iolanda saltaram por fim pela janela e já se dispunham a pôr-se a correr, quando umas mãos fortes as agarraram e, ao voltar-se, viram que era Zac.

— Me sigam, rápido! — ordenou-lhes este.

Sem tempo a perder, ambas entraram com ele pela porta traseira do prostíbulo. Uma mulher rechonchuda sorriu ao ver o jovem, ao que sem dúvida conhecia, e Zac, com um bonito sorriso, disse-lhe que necessitava um lugar para ele e seus dois amigos. Depois de lhe dar umas moedas, ela os deixou entrar e Angela, ao ver uma porta aberta, correu para ela e, uma vez entraram os três, fechou-a.

Zac viu que naquela habitação não havia janela pela que escapar em caso de que os descobrissem e amaldiçoou em voz alta. Rapidamente abriu a porta: deviam procurar outra habitação. Mas em seguida a fechou. Acabava de ver os homens da ferraria no corredor, buscando-os com gesto feroz.

Sem tempo de fazer nada, olhou às mulheres e sussurrou:

— Se coloquem na cama.

— Como? — exclamaram elas desconcertadas.

— Façam! — insistiu Zac.

— Ah, não... Isso sim que não. — grunhiu Angela.

— Isso é indecoroso — se queixou Iolanda.

Zac se tirou a camisa e as botas a toda pressa e, com cara de poucos amigos, vaiou:

— Maldita seja, se joguem em cima de mim em atitude carinhosa ou daqui não saímos vivos.

Conscientes da confusão em que estavam, fizeram o que Zac lhes dizia.

— As mãos quietas — exigiu Angela.

Ele sorriu com picardia e disse:

— Não é minha intenção lhes tocar, mas devemos fingir que o passamos bem quando entrarem, para que não pensem que nós somos os que perseguem.

Nervosa, Angela, soltou-se a trança e se revolveu o cabelo, e logo se aproximou do Zac para pegar seu peito ao dele, que murmurou:

— Se seu marido se inteira disto, matará nos.

— Não o duvido — afirmou Angela.

De repente, a porta se abriu de par em par e Zac, retirando o cabelo da Angela da cara, protestou com gesto de aborrecimento:

— Que demônios querem?

Fiord e os homens que o acompanhavam se pararam ao ver aquele trio e partiram por onde tinham chegado. Quando a porta se fechou, os três ficaram muito quietos na cama e ao ouvir que suas pegadas se afastavam, Zac disse:

— Devemos sair daqui imediatamente. Vamos!

Sem mover-se de onde estava, Angela olhou ao jovem que lhes tinha salvado a pele e perguntou:

— Como sabia onde estávamos?

— Estive lhes vigiando desde que lhes ouvi faz dias no bosque.

— Ouviu o que falamos? — perguntou Angela.

O jovem, olhando a Iolanda, murmurou com carinho:

— Tenho uma irmã chamada Megan que sempre lutou por mim, por minha irmã Shelma e por ser feliz na vida e, embora não padeceu o que esse dia ouvi que ocorreu a ti, parece-te com ela. É forte, Iolanda. Mais forte do que crê. É uma incrível guerreira que alguma vez se rendeu e agora tampouco o vais fazer, verdade?

A jovem negou com a cabeça e Zac acrescentou:

— Conta comigo para o que necessite, tanto você como seu irmão, de acordo?

— Obrigada — murmurou ela emocionada.

Angela sorriu. Estava conhecendo gente maravilhosa.

Os escandalosos gemidos da mulher da habitação ao lado, lhes devolveram à realidade e se levantaram velozes. Deviam sair dali.

— Levo todo o dia lhes observando e sabia que íeis atuar de noite.

— Kieran sabe? — inquiriu Angela preocupada.

Zac se colocou a espada à cintura e respondeu:

— Não. Se soubesse, asseguro-lhes que matava aos três.

Isso fez sorrir a Angela, que, olhando a Iolanda, que continuava com gesto sério, sussurrou:

— Tranquilize, retornaremos por seu irmão.

— Não irei do Stirling sem ele — afirmou Iolanda.

Angela e Zac se olharam. Não ia ser fácil levar-se um menino de qualquer jeito e, olhando

a Iolanda, ele adicionou:

— Já pensaremos o que fazer, mas recordem, a vez que retornem aqui, me avisem. Acompanhar-lhes-ei.

Quando estiveram preparados, Zac abriu a porta, viu o caminho espaçoso e os três saíram da habitação. Com cautela, foram para a porta traseira, pela que entraram, e uma vez ali, saíram fora e correram para uma ruela, onde Zac tinha deixado seu cavalo. Montaram os três nele e se afastaram, o mais depressa possível do lugar.

Ao chegar à zona onde estavam os clãs, desmontaram e puseram-se a andar para as barracas. Zac, depois de falar com elas, adiantou-se para lhes abrir caminho e avisa-las de se deviam parar.

Kieran, que estava com o Louis e seus amigos conversando ao redor do fogo, ao olhar para trás viu o Zac e sorriu. Mas seus movimentos e os gestos que fazia com as mãos despertaram a curiosidade e, ao olhar com mais atenção, ficou sem fala com ver a Angela e Iolanda atrás do jovem.

Louis, ao precaver-se de que Kieran olhava para trás, voltou-se para ver o que olhava e murmurou:

— O que fazem esses três?

— Não sei — respondeu ele molesto.

Sem lhes tirar a vista de cima, viram como as jovens chegavam até um ponto no que as perdia de vista, para logo Angela colocar a cabeça pela parte dianteira da barraca da Iolanda e sorrir ao Zac.

Este assentiu e seguiu seu caminho e Louis, confuso, murmurou:

— Elas não se foram a dormir?

— Isso mesmo acreditava eu — afirmou Kieran — mas está visto que não era assim.

Pouco depois, Zac se uniu ao grupo e, pegando uma jarra de cerveja, brindou com Lolach e brincou. Kieran, sem lhe dizer o que tinha visto, se aproximou e, lhe tocando o ombro, perguntou:

— Onde estava?

— Dando um passeio — respondeu o jovem.

Lolach, que conhecia muito bem a seu cunhado, acrescentou:

— Com alguma jovenzinha, verdade?

Zac soltou uma gargalhada e, com gesto pícaro, respondeu:

— Com duas, para ser mais exato.

Os highlanders aplaudiram e começaram a dizer toda classe de burradas, enquanto Kieran

dissimulava seu mal-estar e Louis sorria sem vontades.

— Tive bons professores e lhes asseguro que o hei passado muito... muito bem — brincou Zac.

De novo, os homens riram ante seu comentário e Kieran, contendo-se com muita dificuldade, riu com todos e quando se voltou para retornar junto ao Louis, encontrou-se de frente com o Aldo Sinclair, o pai da Susan, junto com sua mulher e vários de seu clã.

Durante uns segundos, ambos os homens se olharam. Sem dúvida as notícias voavam e Aldo não parecia contente. Kieran, disposto a falar com ele, deu um passo adiante, mas então Susan saiu de trás de seus pais e saudou os pressente:

— Boa noite, cavalheiros.

Os homens se levantaram e sorriram. Susan Sinclair era uma jovem bonita e elegante que não deixava indiferente a ninguém. Tudo nela era perfeito — seu rosto, sua cútis, seu sorriso, suas mãos, seu corpo... — e Kieran, ao vê-la, sorriu. Como sempre, estava fantástica, perfeita. Aproximando-se dela, pegou-lhe a mão e a beijou com cavalheirismo.

— Como sempre, sua beleza me fascina.

Susan sorriu e, depois de um par de piscadas, fez uma graciosa careta e disse:

— Essas não são minhas notícias.

Nesse momento, lady Augusta, a mãe dela, interveio:

— Agora é um homem casado, Kieran O'Hara, parabéns.

— Obrigado, lady Augusta.

Susan perguntou:

— Quando poderei conhecer sua mulher?

Incômodo, ia responder, mas Gavin Fincai, o filho do Morador Fincai, aproximou-se da Susan e, depois de lhe dizer algo ao ouvido que a fez sorrir, a jovem se despediu:

— Até manhã, Kieran.

Augusta sorriu e seguiu a sua filha. Não era decoroso que passeasse sozinha do braço de um homem de noite. Aldo Sinclair, ao ver como Kieran olhava à moça, disse com voz rouca:

— Parabéns por seu enlace, O'Hara.

— Obrigado — respondeu ele, estreitando a mão que o homem lhe estendia.

Sem soltar-lhe Aldo acrescentou:

— Imagino que a mulher que ganhou seu coração deve ser muito especial para que a tenha preferido a minha adorada filha.

E dito isto, afastou-se deixando ao Kieran com a boca aberta. Não lhe cabia a menor

dúvida de que aos Sinclair seu enlace não fez muita graça.

A vários metros dele, Susan olhou ao Kieran e lhe sorriu e lhe piscou um olho. Lolach, que junto com o Axel presenciou o encontro, ao ver como Kieran seguia à bela jovem com o olhar, disse:

— Se não te desposou com ela é porque não era para ti, não crê?

Kieran assentiu e quando foi dizer algo, Axel, levantando-se, comentou:

— É tarde. Vou descansar.

Todos assentiram e, instantes depois, encaminharam-se para suas lonas. Kieran, aproximando-se de Zac, que estava falando com umas jovens, fez um gesto ao Louis e, agarrando-o ambos dos ombros, anunciou-lhe com um sorriso nada tranquilizador:

— Temos que falar contigo.

Capítulo 48

Ao amanhecer, Angela notou movimento a seu lado. Ao abrir os olhos, viu a Iolanda vestindo a calça de couro e sentando-se rapidamente, perguntou:

— Aonde vai?

Com um triste sorriso, a jovem respondeu:

— Quero ir levar umas flores à tumba de minha mãe.

Levantando-se apressada, Angela agarrou sua calça e disse:

— Acompanhar-te-ei.

Uma vez vestidas e com suas espadas ao cinto, saíram pelo descosturado da barraca. Com cautela, chegaram até onde estavam os cavalos, sem montar, agarraram-nos das rédeas e procurando não fazer ruído se afastaram do lugar. Pelo caminho, Iolanda foi recolhendo flores. Não havia muitas. O inverno estava a ponto de chegar às Highlands, mas não queria ir com as mãos vazias.

Já mais longe do acampamento, ambas montaram e Angela seguiu a Iolanda, que sabia onde estava o cemitério. Ao chegar, ataram os cavalos ao ramo de uma árvore e Angela, pegando o braço de sua amiga, acompanhou-a.

Iolanda se dirigiu para a direita do cemitério e se deteve frente a uma cruz rota e uma descuidada tumba.

— Olá, mamãe. Retornei.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Com o coração encolhido de dor, Angela viu como aquela moça de eterno sorriso se enfraquecia e caía de joelhos enquanto falava com sua mãe morta. Sua dor lhe fez recordar o que ela sentiu ao perder a seu pai e se emocionou. Ajoelhou-se junto a ela e, as duas, tentaram limpar a tumba da mãe cheia de ervas.

— Esta cruz não há maneira de arrumá-la — murmurou Iolanda — Nem sequer põe seu nome.

Angela assentiu e, tentando ser positiva, disse:

— Encarregaremos uma. Viremos antes de ir e a poremos. Como se chamava sua mãe?

— Mary Anne. Chamava se Mary Anne.

Ela assentiu e guardou silêncio. Durante um bom momento, estiveram ali sem falar, até que começou a chover e, levantando-se, Iolanda propôs:

— Retornemos.

Saíram do cemitério e, montando de novo nos cavalos, empreenderam a volta.

Mas esta não foi tão fácil como a ida. A chuva aumentava, mas antes de chegar ao acampamento principal, nos subúrbios de Stirling, parou. Rodeadas de centenas de highlanders, encaminharam-se para sua barraca enquanto viam homens e mulheres falar com afabilidade. Mas de repente, um homem fez um ruído ensurdecedor e a égua da Angela se assustou, encabritando-se. Quando conseguiu tranquilizá-la, o capuz lhe escorreu e todos os pressente viram que se tratava de uma mulher.

— Maldita seja — murmurou ela, ao ver como a olhavam.

Iolanda, ao ver aquilo, tirou-se também seu capuz e os guerreiros, ao precaver-se de que era outra mulher, gritaram encantados, enquanto algumas das mulheres, finas damas, contemplavam-nas horrorizadas.

Como podiam ir vestidas desse modo?

Os toscos homens das Highlands começaram a lhes dizer fanfarronadas e Angela, ao comprovar que lhes cortavam o passo, vaiou:

— Isto eu não gosto de nada.

Iolanda assentiu. Uns vinte jovens as olhavam e não precisamente com olhos doces e cavalheirescos.

— Temo-me que seu marido vai se inteirar de nossa escapada — sussurrou.

— Não o duvido — respondeu Angela.

Vários guerreiros agarraram as rédeas de seus cavalos e as retiveram. Em um princípio, ambas tentaram ser corteses, mas ao ver que os comentários e as insinuações cada vez eram mais

obscenas, Angela decidiu acabar com isso e, lançando uma patada ao que tinha mais perto, gritou:

— Solta a minha égua já!

O homem deixou ir a rédea rapidamente e, olhando-a, disse:

— Vá...vá... a ruiva tem gênio.

Esse comentário fez sorrir a Angela, que replicou:

— E valor, assim não te aproxime!

Mas ele, sem lhe fazer caso, aproximou-se mais e ousou lhe pôr uma mão na coxa. Angela lhe deu um tapa e, desembainhando a espada, gritou:

— Se voltar a me tocar, marco-te a cara!

A gargalhada foi geral e Iolanda, olhando ao que estava a seu lado, que pensava fazer o mesmo, sussurrou:

— Nem te ocorra tocar a mim tampouco.

Essa valentia a muitos lhes pareceu muito divertida, e quando outro deles, foi roçar a perna da Angela, esta, com um rápido movimento, fez-lhe um leve corte na mão e falou:

— Disse que apartem suas mãos de mim.

A pesar do corte, o homem sorriu, mas com gesto rude, puxou o pé da Angela e a desmontou com força, derrubando-a sobre o chão enlameado. Iolanda, ao vê-la, desmontou rapidamente e correu para sua amiga com a espada na mão, preocupada. Mas não fez falta que a ajudasse a levantar-se, porque Angela o fez como uma mola e, zangada, tirou-se o barro da cara, das mãos e do cabelo e, tirando a adaga da bota, equilibrou-se contra o que a tinha puxado e, depois de lhe dar uma patada no peito que o fez cair ao chão, sentou-se sobre ele e, com a espada em seu pescoço e a adaga no estômago, vaiou:

— Se fosse um animal como você, matar-te-ia pelo que acaba de fazer. Dá obrigado a que penso antes de atuar ou, se não, já seria um homem morto.

De repente, ouviu o ruído do aço e ao olhar atrás viu a Iolanda tirando-se de cima a um homem. Soltando ao que tinha no chão, Angela foi em sua ajuda e outro homem mais, divertido pela situação, uniu-se a eles.

— Parem! — gritou Iolanda.

— Vamos — disse um daqueles — Vamos no divertir, valorosas Guerreiras.

Zangada por aquele ataque gratuito, Angela soltou um grito e se lançou à luta. Sem descanso e com destreza, tirou-se a dois homens de cima, mas o que começou como um jogo para eles, momento a momento se voltava mais feroz. Surpreendidos por sua mestria na luta, cada vez lhes uniam mais, até que Angela, agarrando a Iolanda, gritou com a espada em alto, ao ver-se

encurralada:

— Parem se não quiserem se colocar em uma boa confusão com meu marido.

— Ruiva, merece um bom corretivo e se seu marido não lhe der isso, eu estou disposto a...

— Fecha seu bocaça ou te salto os dentes! — gritou ela ofuscada.

Os homens soltaram uma gargalhada. Aquela mulher tinha marido? E, de repente, detrás das jovens se ouviu uma voz de mulher que dizia:

— Vá... Vá... Vá... Quanto homem valente reunido.

Ao olhar, Angela viu duas mulheres que se aproximavam delas vestidas também com calças e espada nas mãos. Uma morena e a outra loira. Não as tinha visto em sua vida, mas pelo simples feito de sair em sua ajuda já gostou.

— Thomas e Jefrey McDougall — gritou a loira — envergonha-me lhes ver acossando a estas mulheres. Thomas, quando contar a meu irmão, sua brutalidade com ela, desmontando-a do cavalo, asseguro-te que te cairá uma boa.

O mencionado agachou a cabeça e então a morena vozeou:

— Fraser, Conrad e Mauled Shuterland, parte daqui antes que lhes dê seu castigo, como ocorreu o ano passado por outra ousadia igual, ou acaso o esquecestes?

Os guerreiros protestaram, mas finalmente se deram a volta e partiram. A gente começou a dispersar, mas a morena, olhando a uma mulher que as observava, perguntou com gesto sério:

— Ocorre algo, Agnes Shuterland?

A interpelada levantou o queixo e respondeu:

— Se mal não recordar, o ano passado a seus maridos não gostou que lhes enfrentassem aos Shuterland e...

— O que goste a nossos maridos ou não, querida Agnes — a cortou a outra com segurança — não é teu assunto.

Sem mais, e com gesto áspero, a tal Agnes se recolheu as saias e se afastou com os de seu clã.

Nesse instante, Iolanda soltou a espada com gesto de dor.

— O que te ocorre? — espetou-lhe Angela, preocupada.

— Tornei-me a fazer mal no dedo, maldita seja!

— Estão bem? — interessou-se a mulher loira, aproximando-se delas.

Angela se retirou o cabelo enlameado da cara e expôs:

— Iolanda tem um dedo quebrado, mas muito obrigada por sua ajuda — acrescentou sorrindo — Queiramos reconhecê-lo ou não, esses brutos eram muitos para nós duas.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Embainhando a espada, a outra sorriu também e respondeu:

— Se voltarem a aproximar-se de ti, lhes diga que é amiga da mulher do Falcão e te asseguro que partirão. — E logo acrescentou: — Sou Megan. Meu marido é lorde Duncan McRae e...

— É a irmã do Zac? — inquiriu Angela ao recordar os nomes. E olhando à loira, disse: — E você é Gillian?

As mulheres, surpreendidas de que as conhecessem, foram responder quando Kieran, aproximando-se por detrás da Angela, agarrou-a pelo braço e, com gesto preocupado, perguntou:

— Está bem?

— Sim.

— Iolanda, está bem? — insistiu então, olhando à garota.

— Sim. Ambas estamos bem.

Ouviu falar, com alguns homens, de uma ruiva vestida de homem, e que, espada em mão, enfrentou-se a vários deles. Em seguida soube que era Angela e, seguido do Zac, correu até onde lhes disseram que estava. Agora, sem precaver-se da presença de ninguém mais, interrogou-as, ao ver o estado penoso em que as duas jovens se encontravam:

— O que fazem vestidas as duas assim?

Angela e Iolanda se olharam e a primeira respondeu:

— Saímos a dar um passeio.

— Não foi isso o que ouvi. O que ocorreu com estes homens? — E, olhando ao redor, gritou com voz rouca aos highlanders que os observavam: — Onde estão esses néscios? Matá-los-ei!

Angela ia dizer algo, quando Megan, divertida, vendo seu bom amigo tão alterado, interveio:

— Pelo amor de Deus, Kieran, o que te ocorre?

Este se deu a volta e, ao ver ante ele a umas sorridentes Megan e Gillian, blasfemou e murmurou:

— Não posso acreditar nisso...

Gillian, divertida por aquele comentário, replicou:

— O que é o que não te pode acreditar?

Zac olhou ao Kieran e comentou:

— Como diria o velho Marlow, “Deus as cria e elas se juntam”.

Megan, feliz ao ver seu irmão, abraçou-o e, depois dela, Gillian, enquanto Angela os

observava. Notava-se o carinho que se tinham e, quando se separaram, Megan olhou ao Kieran, que não abriu a boca, e disse:

— Inteirei-me de uma coisa que me surpreendeu, e muito.

Ele pôs os olhos em branco. Por que todo mundo lhe dizia o mesmo?

— Se referir a seu enlace — interveio Zac — sim, é certo!

— Santo Deus! — sussurrou Gillian, fazendo rir a Iolanda.

Megan baixou a voz e, aproximando-se do Kieran, perguntou:

— Não te terá casado com a melindrosa da Sinclair?

— A insossa, Megan, a insossa! — Riu Gillian ao ouvi-la.

Megan, ao ver o gesto sério do Kieran por seu comentário, divertida, acrescentou:

— É insofrível, Gillian, e não diga que não! Recorda o que organizou quando Kieran a levou de visita o Eilean Doam e se inteirou de que eu tinha sangue inglês. E já não te digo quando saiu a cavalo conosco.

Gillian explicou divertida como Susan Sinclair choramingou ao cair sobre a lama e sujar a roupa.

— Isso é difícil de esquecer — se mofou, rindo.

Kieran amaldiçoou ao as escutar. Recordava daquele episódio e lhes reprovou:

— Levaram-na por um caminho nada fácil para seus arreios.

Ambas as mulheres se olharam e Megan replicou:

— Por Deus, Kieran... Empenhou-se em nos acompanhar, ou não o recorda?

Recordava-o. Claro que o recordava, e calou.

Angela teve vontade de rir pelo que escutava. A tal Susan não era tão perfeita como ela acreditava, e isso gostou. Olhou às duas mulheres que estavam falando com seu marido e, sem as conhecer, pensou que já lhe caíam bem. Seus gestos, sua naturalidade e sua forma acalmada de explicar, lhe pareceram incríveis.

— Minha irmã Shelma não conhece a Susan Sinclair — prosseguiu Megan — mas me disse que sua mulher viu muito bem e que é muito delicada.

— Delicada? — murmurou Angela olhando a Iolanda e ambas riram.

— Kieran, pelo amor de Deus — lhe rogou Gillian —, me diga que não te casaste com essa insossa...

— Bom dia — saudou uma voz.

Ao voltar-se, os que a conheciam viram que se tratava da Susan Sinclair, a insossa!, Acompanhada de sua mãe, lady Augusta. A jovem ia a lombos de um imponente cavalo branco e,

como sempre, perfeita em seu traje. Kieran lhe sorriu e a Angela esse gesto doeu, mas não disse nada.

— Susan, Augusta, que alegria ver ambas — exclamou Megan com um falso sorriso.

— O prazer é nosso — respondeu a mãe da Susan.

Esta as olhou. Megan e Gillian não gostavam, mas piscou com delicadeza. Sabia que os olhares de muitos homens estavam postos nela e, desmontando do cavalo, caminhou por volta das duas mulheres e disse:

— Congratula-me saber que vos alegra minha presença.

Angela a olhou. Por fim conhecia a Sinclair. Pôde comprovar com seus próprios olhos que era uma autêntica beleza e suspirou ao entender por que seu marido dizia que era o capricho de qualquer highlander. Aquela jovem era perfeita.

Gillian tossiu com gesto divertido, deixando claro que a antipatia era mútua. Angela, ao ver seu sorriso e sua cara de circunstâncias, fez esforços para não rir. Sem dúvida ali havia passado algo e esperava saber o que era.

A mãe da Susan desmontou também e, depois de saudar o Kieran, olhou às jovens vestidas com calças e, enrugando o nariz, murmurou:

— Nunca entenderei às mulheres que se vestem como os homens.

Kieran, ao ouvi-la e ver a cara da Angela, para impedir que esta dissesse algo inapropriado, aproximou-se da jovem e bela Susan e, depois de lhe beijar a mão com galanteria, disse:

— É tão encantada que não alegrar-se de sua presença seria um pecado.

Megan e Gillian se morderam a língua e Angela o olhou incrédula.

— Kieran como sempre tão cavalheiresco — se congratulou lady Augusta.

— Isso nunca terá que perdê-lo, encantada Augusta — comentou ele — e menos ante uma bela mulher como sua filha ou você mesma.

— E nós quatro não somos belas mulheres? — perguntou Gillian com ironia.

— Seremos cavalos possivelmente? — resmungou Angela, furiosa.

Kieran as olhou e ia responder, mas Megan o cortou com secura:

— Obrigada, Kieran. Nós também lhe apreciamos.

Susan, encantada por ser o centro de atenção, sorriu e piscou com paquera. Estava molesta pelas bodas dele, mas saber que seguia atraindo-o gostou. Aproximou-se da Angela e da Iolanda com parcimônia e, depois das observar, inquiriu:

— São as criadas dos McRae?

Megan e Gillian se olharam divertidas e Angela respondeu:

— Não.

Susan, sem lhes tirar a vista de cima, inquiriu:

— O que lhes ocorreu, moças?

Iolanda não sabia o que dizer e Angela, depois de olhar ao Kieran com fúria, respondeu:

— Nada importante. Só é um pouco de barro.

— E sujeira — apostilou lady Augusta.

Angela suspirou. Ver-se naquela situação, ante aquelas mulheres, a incomodou. Nunca tinha desejado ser a mulher mais bonita de nenhum lado, nem voltar loucos aos homens, mas naquele momento lhe tivesse gostado de ser mil vezes mais bonita que a Sinclair.

Lady Augusta, ao ver que aquela enlameada criada não ia dizer nada mais, evitando às McRae, disse:

— Estamos impacientes por conhecer sua bela esposa — e olhando a sua filha perguntou: — Sua mãe está à corrente dessas bodas? — Kieran não respondeu e ela acrescentou: — Lhes asseguro que se desgostará, e muito, quando se inteirar. Edwina quer tanto a minha Susan...

— Mamãe, não siga — protestou esta.

— E não está de mais dizer — continuou entretanto a mulher — que tanto a ela como nós tivéssemos gostado de outro enlace diferente. Que levamos planejando faz anos.

Molesto por aquela conversação, Kieran, que não pestanejou, respondeu, ao sentir o olhar da Angela:

— Entendo o que dize, lady Augusta, mas sou dono de minha vida e nem você nem minha mãe me têm que dizer com quem tenho que me desposar.

Ao ouvir isso, a mulher rapidamente adoçou seu gesto e afirmou:

— É obvio... É obvio, e lhes dou os parabéns pela decisão.

— Obrigado, lady Augusta.

Uns meninos que brincavam, correram perto delas salpicando barro. Susan, ao vê-los, empurrou a um deles, atirando-o ao chão, e vaiou:

— Imundo, te afaste de mim.

Incrédula, Angela olhou ao Kieran, que tampouco dava crédito e juntos ajudaram ao menino a levantar-se. Megan e Gillian rapidamente o reprovaram a Susan, que se defendeu. Quando o pirralho partiu, Angela a olhou e declarou:

— É incrível que alguém como você, que pode ajudar a outros, não o faça. Esse pobre menino só estava brincando.

— Fala-me?

— Sim, claro que te falo.

Megan e Gillian soltaram uma gargalhada, mas Susan, sem lhe importar o que ela disse, fez-lhe um gesto depreciativo com a mão e, voltando-se para o homem que lhe interessava, insistiu:

— Eu gostaria de conhecer sua esposa, onde está?

Incômodo pela situação, olhou a Angela e viu que esta sorria. Sem dúvida, ia desfrutar com o que estava a ponto de ocorrer. Não havia pior momento para apresentá-la, com ela suja, molhada e cheia de barro, mas após compreender que devia fazê-lo, com decisão a pegou pela mão, aproximou-a dele e disse:

— Apresento-lhes a Angela O'Hara, minha mulher.

A cara das quatro mulheres foi de absoluta surpresa. Aquela suja jovem era sua mulher?

Ela as olhou com um encantador sorriso e, dirigindo-se a Susan, soltou:

— Se me chegar a empurrar junto mim, ou algum menino de meu clã, asseguro-te que já estaria empanada em barro.

— Angela... — reprovou lhe seu marido.

— Kieran... o que diz sua mulher?

Ele olhou a Angela e, levantando as sobrancelhas, murmurou:

— Te comporte, pelo amor de Deus.

Angela suspirou e, olhando a Megan e Gillian, que riam, aproximou-se delas e as abraçou. Não as conhecia, mas já sabia que iam ser muito boas amigas.

Lady Augusta agarrou do braço a sua filha e, com gesto sério, repreendeu-a por aquela má ação. Quando acabou, Susan, um pouco recuperada da surpresa inicial, aproximou-se da Angela e disse sem tocá-la:

— Sinto o do menino. Não devi fazê-lo.

Ela assentiu ao escutá-la e Kieran interveio:

— Honra-te dizê-lo, Susan.

— É um prazer lhe conhecer, Angela O'Hara — acrescentou a jovem.

— O mesmo digo, Susan Sinclair — respondeu ela com cautela.

— Sinto lhes haver falado assim faz uns instantes — se desculpou lady Augusta, sem mover-se de onde estava — mas não esperava encontrar à mulher do Kieran neste estado. — Angela sorriu e a mulher adicionou: — Espero lhes conhecer melhor em Kildrummy, em circunstâncias mais favoráveis, e vos rogo que desculpem minha sinceridade, mas como mãe da Susan, eu havia...

— Mamãe, te cale! — protestou a jovem.

— Mas, filha...

— Disse que te cale — vaiou.

Depois de um incômodo silêncio, no qual ninguém sabia o que fazer, nem o que dizer, Susan, com gesto altivo, montou em seu cavalo e se afastou. Angela, ao ver que Kieran a olhava, sem lhe importar seus próprios sentimentos, aconselhou-lhe:

— Acredito que deveria ir falar com ela.

— Seguro, *minha vida*?

Angela sorriu e lhe deu um doce beijo nos lábios, depois do qual ele montou e, acossando a seu cavalo, foi detrás da Susan.

Lady Augusta disse:

— Obrigada por este bonito detalhe. Em meu nome e de minha filha lhes agradeço isso. — E, com os olhos cheios de lágrimas, prosseguiu: — Susan não o está recebendo bem. Tinha postas suas ilusões no Kieran, mas ele conheceu você, e, embora entenda que as coisas do amor são assim, dói-me vê-la tão triste.

— Compreendo-o — murmurou ela.

A mulher, depois de secar os olhos com um lenço que tirou da manga, sorriu e comentou:

— Algo que necessite, não duvide em pedi-lo, de acordo, bonita?

Angela assentiu com um sorriso e, depois de dizer isso, lady Augusta agarrou as rédeas de seu cavalo e, atirando dele, afastou-se caminhando.

As quatro olharam como se afastava e Gillian murmurou:

— Kieran há dito “minha vida”?

Angela sorriu e Megan, divertida, perguntou:

— Por que anima ao Kieran a ir atrás dessa brega?

— Insossa — a retificou Gillian.

Angela, encolhendo-se de ombros, respondeu:

— Tem que falar com ela e lhe dar explicações.

— Explicações? — exclamaram ao uníssono Megan e Gillian.

Ela sorriu e, não disposta a lhes mentir, depois de olhar a Iolanda, disse:

— Não deveria lhes contar isto, mas se me acompanham e prometem que não o dirão a ninguém, explicar-lhes-ei motivo de nosso enlace.

Capítulo 49

Durante toda a manhã, Angela não voltou a ver o Kieran e um nervoso estranho lhe retorcia o estômago.

Fez bem ao animá-lo a falar com a Susan?

Passou grande parte do tempo conversando com Megan e Gillian, até que os maridos delas, foram ao acampamento para busca-las.

Rapidamente, elas a apresentaram a seus maridos e o doce sorriso de Angela, unido a seu jeito despachado e sua simpatia, cativou-os. Embora ficaram atônitos ao saber que aquela jovem, com calças como suas mulheres, foi quem fez sentar a cabeça do mulherengo Kieran O'Hara, a quem sempre atraiu as damas elegantes e refinadas.

Quando elas duas partiram com seus maridos, Angela trocou de roupa e pôs um de seus velhos vestidos. Logo pensou na carinhosa mãe da Susan e isso lhe causou pena. Sem dúvida, a mulher sofria ao ver sua filha triste. Pensou em seu pai e em quão mal ficava ao ver a Davinia infeliz.

Absorta em seus pensamentos, de repente, ouviu:

— Oh, meu Deus... Oh, Meu Deus...

Angela viu ante ela a Edwina, a mãe do Kieran, de pé na entrada da barraca, e rapidamente levantou-se do chão.

—Não posso acreditar nisso. Me diga que não é certo que o descerebrado de meu filho se casou contigo.

— Escute, senhora, eu...

— Louis! — chamou ela — me diga que não é certo o que Augusta Sinclair acaba de me contar.

Louis se aproximou e, depois de soprar, murmurou:

— Milady, acredito que deveriam esperar e falar com seu filho.

Com a mão tampando a boca, Edwina voltou a olhar a Angela e, sem poder evitá-lo, espetou:

— Eu não gosto de você para meu filho.

— Milady... — interveio Louis ao ver sua dureza.

Mas à mulher, sem lhe dar importar, olhou-o e exclamou:

— Pelo amor de Deus, como se pôde casar com ela? Esta... esta moça é uma chorona e uma queixosa insofrível, que teme até a um cavalo e não sabe nem sujeitar uma espada. O que viu nela? Oh, Meu Deus, que desgraça!

Angela, ao ver que todos paravam para escuta-la, compreenderam a imagem que a mulher

tinha dela, sem lhe importar o que pensasse, agarrou-a pelo braço e a obrigou a entrar na barraca. Uma vez dentro, soltou-a e disse:

— Edwina...

— Edwina? Como que Edwina? — gritou esta.

Louis entrou também, acompanhado da Iolanda: Angela o agradeceu com o olhar. Lady Edwina prosseguiu zangada:

— Eu não te dei permissão para que me chamar por meu nome, moça.

— Sei... Mas...

Mas a mãe do Kieran, levando-se com dramatismo a mão à boca, sem deixá-la prosseguir, contou:

— Em Edimburgo chegaram notícias do ocorrido a seu pai e sua gente e o sinto muito, moça. Acreditava que te teria partido a Glasgow com sua irmã Davinia e seu marido.

Edwina ouviu algo, mas não exatamente a verdade, e Louis interveio:

— Se me permitir, milady, explicar-lhe-ei o ocorrido...

— Oh, não, agora não! — E, com semblante mudado, murmurou: — Oh, Meu Deus! Não estará grávida?

Cansada de suas hipóteses, mas com uma terrível ganha de chorar, Angela negou com a cabeça e gemeu:

— Não, senhora. Não estou grávida.

Louis, que conhecia os sentimentos de seu amigo e senhor, sem lhe importar o que opinasse a mãe deste, falou:

— Milady insisto em que deveria falar com o Kieran.

— E quando se supõe que eu ia me inteirar? — perguntou Edwina — Chego a Stirling e, assim que vejo Augusta, dá-me um desgosto. — As lágrimas da Angela lhe corriam pelas bochechas; a mulher disse: — Pelo amor de Deus, moça, já está chorando?

Iolanda foi rapidamente consolá-la, quando a porta da barraca se levantou e apareceram Duncan e Niall. Tentaram falar com a Edwina, mas ela não lhes escutava e Angela, cansada, revelou:

— Kieran poderá casar-se com a Susan. Só tem que esperar a que passe o...

Edwina, levando uma mão à cabeça, olhou aos dois bons amigos de seu filho e sussurrou:

— Que desgosto... Que desgosto tenho. Como o parvo de meu filho pôde se casar com esta moça?

Duncan sorriu e Niall respondeu:

— Sem dúvida alguma, porque não é tolo.

A mulher, desconcertada por aquela resposta, ia falar, mas Niall continuou:

— Edwina, se Kieran se casou com ela é por algo importante.

A mulher não disse nada, e Duncan, aproximando-se da Angela, explicou:

— Conheço o Kieran há anos, e estou seguro de que as coisas importantes não as faz sem pensar. Lhe dê um voto de confiança e espera para falar com ele. Tenha por seguro que Angela é uma boa moça.

Depois de olhá-la, Edwina respondeu:

— Eu não digo que seja má, só digo que não é a mulher ideal para o Kieran. — E, sem querer escutar nada mais, perguntou: — Louis, onde está meu filho?

— Não demorará a retornar, milady.

Sem lhe importar o que aquela chorona tivesse que dizer, ela acrescentou:

— Lhe diga que estou alojada com os Sinclair. — E após olhar a Angela de cima a baixo, murmurou: — Sem dúvida, equivoquei-me em respeito a Susan. Ela era sua opção.

Ao ser tão magoada, Angela secando-as lágrimas com raiva, bramou fora de controle:

— Sim, senhora. Susan seguro que é sua melhor opção, para que os homens o invejem e você se vanglorie da incrível beleza da esposa de seu filho. Dá igual que seja fria, caprichosa e desumana.

— Angela, não — sussurrou Iolanda.

Mas cansada de aguentar as contínuas comparações com a Sinclair, Angela prosseguiu:

— Sem lugar a dúvidas, se comparar a Susan comigo, eu tenho tudo a perder. Não sou bonita, não sou perfeita, não tenho um cabelo cor de ouro, não tenho clã nem bens e, por isso, quase nem tenho família, mas sabe o que? Dá-me igual. E me dá igual porque tenho muito claro quem sou e o que quero nesta vida. E sei por que meu pai não teria riquezas, nem exército, mas me ensinou umas coisas que poucos aprendem e que se chamam “valores” e “coração”, algo que a maravilhosa Sinclair não aprenderá em sua vida e que, sem dúvida, algum dia, você e seu filho sentirão falta.

Edwina, surpreendida que a jovem já não chorasse e foi capaz de lhe dizer na cara, ia falar algo, mas sem permitir-lhe Angela acrescentou:

— Que Susan é melhor esposa que eu para seu filho? Isso só o tempo o dirá. Mas que fique muito claro a você e a ele que o carinho, o respeito e o amor que eu lhe tenho não têm nada que ver com os que ela terá e mais após conhecê-la e ver por mim mesma que classe de mulher é. E agora, faça o favor de sair desta barraca e ir-se com os Sinclair. Sem dúvida, elas lhe tratarão como eu nunca serei capaz de fazer.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Edwina a olhou pensativa. Aquela jovem não tinha nada que ver com a chorona que em Caerlaverock a tirava do sério, mas quando foi abrir a boca, Angela vaiou:

— Não, senhora. Não quero escutá-la. Va!

Edwina, depois de olhar ao Duncan e Niall e estes não moverem-se nem dizer nada, olhou ao Louis, que lhe levantou a porta da barraca. A mulher saiu sem dizer nada e quando caminhava junto ao Louis, parou-se e, com incredulidade, perguntou:

— Essa jovenzinha é a mesma que choramingava em Caerlaverock?

Louis sorriu e disse:

— Milady acredito que deve saber algo mais.

Capítulo 50

Na hora do almoço, Angela, convidada por Duncan e Niall, partiu com eles e suas esposas, embora sentindo a falta de Kieran que não apareceu. Isso a fez supor que continuava com a Susan.

Durante a comida, riu e relaxou com os novos amigos. Só bastou aquele momento com eles, para ver quão especiais eram todos e quanto bem queriam ao Kieran.

Ao terminar de comer, sentou-se junto a eles ao redor do fogo a conversar. De repente, Susan Sinclair se aproximou deles e disse:

— Sei pela Edwina que veio a te saudar.

— Assim é.

Com um olhar brincalhão, a jovem a olhou e a interrogou:

— E tudo bem? Tudo bem?

Megan e Gillian, que estavam ao lado da Angela, iam responder, mas esta lhes pediu silêncio com o olhar e respondeu:

— O que eu falei, ou não, com a mãe de meu marido, não te incumbe.

Susan soltou uma gargalhada e olhou ao Duncan e Niall, que não riam.

— Onde está Kieran? — perguntou então, ficando séria.

— Não sei — respondeu Duncan.

— Preciso falar com ele.

— Pois então, o procure — soltou Niall.

Ao ver que nenhum deles pensava ajudá-la, Susan exigiu:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Que alguém me diga onde está, imediatamente!

Todos se olharam e Gillian cochichou a Angela:

— Minha paciência tem um limite.

— A minha também.

— Angela! — gritou a jovem Sinclair — É sua mulher, busca o!

Ela, que brincava com sua adaga, replicou:

— Não me dê ordens, Susan. — E ao ver sua cara ao fixar-se na adaga, perguntou: — Se pode saber para que o necessita?

— Não é teu assunto. Mas eu se fosse você, buscá-lo-ia!

Angela fechou os olhos e, tentando acalmar-se, insistiu, guardando a adaga na bota:

— Quer vê-lo sua mãe?

— Isso não te incumbe.

— Pelo amor de Deus, Susan — grunhiu Duncan — Está-me zangando. É realmente urgente o que pede?

— Meu pai quer falar com ele — respondeu a jovem finalmente.

Angela sorriu ao ouvi-la e se mofou:

— As maneiras da Sinclair são incríveis.

— Falas de modos? — replicou ela — Porque se deles falas, já me contou Kieran, que em seu lar, isso não sobressaía.

— De que falas? — vaiou Angela, levantando-se.

Todos o fizeram. As coisas ficavam feias e a odiosa a Susan repôs:

— Kieran me contou a penosa situação em que te encontrou. Ao que parece, seu pai de maneiras não sabia muito e...

Angela se aproximou muito zangada e, com atitude intimidante, resmungou:

— Volta a mencionar a meu pai nesses termos mentirosos e te corto a língua. E quanto ao Kieran, você foi a última que o viu esta manhã. Se tanto te interessa, procura-você.

Encantada pelo alvoroço que estava organizando, a jovem deu um passo atrás e disse:

— Deixei-o perto do rio, algo dúbio atrás de nossa interessante conversação. Possivelmente ainda está pensando como pôde casar-se contigo e rechaçar a mim ou, talvez, ao dar-se conta de seu engano, fugiu longe de ti.

Megan blasfemou. Se lhe dizia isso, arrancava-lhe a cabeça, mas consciente de que Angela devia tratar o tema com delicadeza, murmurou aproximando-se desta:

— Não lhe dê o gosto de conseguir o que quer. Tranquilize-te.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Angela tomou ar. Megan tinha razão. Desejou atirar a Susan ao chão por suas palavras envenenadas, mas em vez disso respondeu convencida:

— Meu marido não foge de mim, e te coloque em sua cabeça que, se ele se casou comigo, foi precisamente para fugir de mulheres como você.

Susan sorriu e Duncan, cansado de escutá-la, agarrou-a do braço com força e, afastando-a do grupo, disse zangado:

— Retorna com seu clã se não querer ter problemas, não só com a Angela.

Assim que partiu, Gillian murmurou:

— Insuportável é pouco!

— Se morder a língua, envenena-se — comentou Niall.

Angela, alterada por aquele ataque tão inesperado diante de todos, suspirou e anunciou:

— Irei a minha barraca para descansar.

— Está bem? — perguntou-lhe Megan preocupada.

Angela assentiu e, com um carinhoso olhar a todos eles, afastou-se. Mas ao chegar a sua barraca, desviou-se e foi até sua égua.

Quando saiu do acampamento, fincou os joelhos e empreendeu o galope. Precisava desafogar-se e o fazia dessa maneira. Correu pelos campos, saltou arroios e fez as maiores loucuras que nunca tinha feito a lombos de sua égua, até que o esgotamento lhe fez saber que tinha que retornar.

Capítulo 51

Quando retornou de seu passeio, Iolanda suspirou aliviada. Angela perguntou se Kieran tornou e lhe disseram que não. Sem entender sua tardança ou onde estava, entrou na barraca, tombou-se sobre uma manta e tentou dormir, mas foi incapaz de fazê-lo e se levantou.

Ao sair da barraca, Aston a viu e, ao vê-la aproximar-se preocupada, em sua montaria, perguntou:

— O que ocorre?

— Vou procurar ao Kieran. Aldo Sinclair quer falar com ele.

William, que estava falando com o Louis e com seu filho George, ao vê-los junto aos cavalos, aproximou-se preocupado e repetiu a mesma pergunta que Aston:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— O que ocorre?

— Angela vai procurar Kieran — respondeu seu filho.

George sorriu e disse:

— Sente falta de seu marido, senhora O'Hara?

Angela o olhou com gesto áspero e respondeu:

— Lorde Sinclair quer falar com ele.

— Já irei eu buscá-lo — interveio Louis — Você fique aqui, Angela. Para aonde foi?

Ela se encolheu de ombros.

— Segundo Susan, que foi a última que o viu, diz que o deixou pensativo perto do rio — contou ela — Eu quero ir buscá-lo também.

— Fique aqui — insistiu Louis — Deveriam...

— Irei, entendido?

Louis, depois de cruzar um olhar cúmplice com o William, deu-se por vencido e, instantes depois, todos eles saíram em busca do Kieran.

Ao chegar ao rio se separaram e, de repente, Angela viu umas mulheres sair de entre umas ramagens. Riam, e suas pintas proclamavam o que eram: prostitutas. Sem apartar a vista, viu um par de homens caminharem atrás delas. Seus sorrisos o diziam tudo. Haviam-no passado muito bem.

Aston chamou e todos acudiram. Ao aproximar-se, Angela viu duas mulheres mais afastar-se dali com urgência e ao Kieran sentado no chão, com a roupa deslocada. Desmontando do cavalo, aproximou-se dele de maus modos, enquanto William, sujeitando-a, dizia-lhe:

— Tranquilize moça.

Soltando-se dele, furiosa e irritada, encarou-se com o Kieran e lhe perguntou molesta:

— Passou bem com essas prostitutas, marido?

Ele, confuso, retirou-se o cabelo da cara e, com voz pastosa, murmurou, tocando-a cabeça:

— De que falas?

Quando ele a olhou e Angela viu seu rosto cinzento e seu olhar um pouco perdido, soube que não o havia passado nada bem. Olhou para trás e, sem perder um minuto e sem fazer caso do William, montou em sua égua e a açulou até alcançar às prostitutas.

Bloqueando- lhes o caminho, desmontou e inquiriu:

— O que fizeram a meu marido?

As duas mulheres se olharam e Angela desembainhou a espada e a pôs na garganta de uma delas.

— Pagaram-nos para acompanhar ao homem até que alguém o encontrasse — respondeu

esta. — Quando chegamos, ele já estava dormitado e...

— Quem lhes pagou? — vaiou Angela.

Elas, tremendo, olharam-se entre si e alguém explicou:

— Era... era um homem alto que...

— De que clã? — interveio Aston, que chegou fazia um momento.

A mulher se encolheu de ombros e Angela, disposta a tudo, disse:

— Aston, que alguém cavalgue contigo, a outra virá comigo. — Logo, as olhando, ordenou: — nos acompanhe.

Assustadas, elas deram um passo atrás e Angela resmungou:

— Ou vêm por bem ou por mal, vocês decidem!

Sem poder fazer outra coisa, montaram com eles e Aston e Angela retornaram ao acampamento. Ali, depois de dar um par de voltas, a que ia com o Aston sussurrou:

— Aquele homem é quem nos pagou.

Angela assentiu. Nunca viu aquele indivíduo de aspecto sujo e desarrumado. Depois de baixar às mulheres dos cavalos, Aston disse:

— Segui-lo-ei e tentarei ver...

— Foi Susan — cortou Angela — Sei que foi ela.

E, com decisão, encaminhou-se para o homem, mas Aston, parando-a, perguntou:

— Aonde se supõe que vai?

Zangada, Angela, deu um puxão, recuperou as rédeas de sua égua e respondeu:

— Vou falar com ele.

— Tornaste-te louca?

— Acaso crê que vai ocorrer me algo rodeada de gente? — expôs-lhe sorrindo — Te recordo que ainda sou a mulher do lorde Kieran O'Hara.

Aston ia protestar, mas ela foi até o homem, que estava sentado no chão. Desceu do cavalo e, aproximando-se dele, espetou-lhe:

— Como te chama?

Ele a olhou de cima abaixo e respondeu:

— E você?

— Sou a mulher do lorde Kieran O'Hara, soa-te algo esse nome?

A expressão dele trocou e Angela, sem lhe dar tempo a reagir, tirou a espada e, colocando-a no pescoço dele, vaiou:

— Sei que você golpeou a meu marido e que pagou a duas fulanas para que o

acompanhassem, até que eu mesma ou algum outro, o encontrasse. Por que fez isso?

A feroz fachada dele se veio abaixo em décimos de segundo e respondeu:

— Tinha fome e essa mulher me...

— Mulher? Que mulher?

O vagabundo, tremendo com a espada na garganta, respondeu:

— Não sei. Deu-me umas moedas e me pediu que fizesse isso.

E, nervoso, olhou para os lados. Angela lhe apartou a espada de seu pescoço e sentenciou:

— Não o mato porque meu marido está bem. Mas tenha por seguro que se lhe tivesse ocorrido algo, agora mesmo seria um homem morto. Ninguém toca a minha gente. E minha gente são os O'Hara. Deixa-o claro entre seus conhecidos ou as pessoas que lhe pagam. Se a alguém meu ocorre algo, voltarei por ti e dessa vez não terei clemência.

Ao voltar-se, Angela viu o Louis, William e Kieran sobre seus cavalos. O aspecto dele melhorou algo. Ao menos recuperou a cor.

— O que se supõe que está fazendo? — perguntou ele.

Angela, guardando a espada, repôs:

— Simplesmente, o mesmo que você faria por mim.

Kieran, gostou da sua atitude possessiva, mas não disse nada.

O vagabundo, que ainda seguia no chão, ao ver o Kieran se assustou mais e, ajoelhando-se, rogou-lhe:

— Suplico-lhe clemência, senhor. Castigue-me pelo que tenho feito, mas não me mate.

Kieran o olhou desde seu cavalo e inquiriu:

— Quem te pagou para que o fizesse?

— Uma mulher — respondeu Angela — E já imagina quem é não?

Incrédulo, Kieran disse:

— Não pensará que foi Susan, verdade? — O olhar da Angela foi resposta suficiente, e ele murmurou: — Esquece-o. Susan não foi.

— Ela veio perguntando por ti. Interessava-lhe que eu te visse como te encontramos. Está furiosa por nosso enlace, como não vou pensar que foi ela?

— Tranquilize moça... acalme-se — a aplacou William.

Kieran olhou ao vagabundo e disse com voz calma:

— Procura não voltar para cruzar-te comigo, nem te aproximar de nenhum dos meus ou te prometo que não serei tão benevolente contigo a próxima vez. — Logo acrescentou: — Vamos, retornemos junto aos nossos.

Com gesto de aborrecimento, Angela guio a sua égua, e Kieran, aproximando-se dela, sussurrou, ao recordar o ocorrido a noite anterior:

— Temos que falar muito seriamente.

— Oh, é obvio — replicou ela — Sem dúvida falaremos da Sinclair.

— Não, Angela... Dela precisamente não quero falar.

Nesse instante, Louis se aproximou deles e anunciou:

— Lady Edwina veio.

Kieran blasfemou. Os problemas se multiplicavam e, ao olhar a sua mulher, esta adicionou com mofa:

— E contente, o que se diz contente, não está.

Kieran pôs os olhos em branco. Só lhe faltava ter a sua mãe ali para terminar de voltá-lo louco.

Quando chegaram ao acampamento, Angela, sem que Kieran a visse, separou-se do grupo. E, depois de passar por sua barraca e recolher a Iolanda, continuou até a barraca de Megan e Gillian. Precisava desafogar-se com elas.

— Está mais tranquila? — interessaram-se.

— Sim. —E, depois de lhes contar o ocorrido, grunhiu: — Mas o que mais me irrita é que Kieran não crê que foi a idiota da Susan quem orquestrou tudo isto.

— A beleza em ocasiões os cega — refletiu Gillian.

— Homens! — protestou Megan.

Nesse momento entraram Duncan e Niall e, ao ver todas reunidas, perguntaram:

— O que ocorre?

Megan, com um sorriso que cativou a seu marido, aproximou-se dele e respondeu:

— Angela e Kieran tornaram a discutir e a convidei a ficar em nossa barraca esta noite.

— Não será pela Sinclair? — sugeriu Duncan.

Angela assentiu e o homem disse:

— Fique. Não cabe dúvida de que Kieran não sabe o que faz.

O tempo passava e Kieran era consciente de que Angela não retornava.

Antes do jantar já não pôde mais e foi para a barraca dos McRae. Louis lhe disse que ela estava ali.

Ao chegar, na porta encontrou ao Duncan e Niall ante o fogo. Estes ao vê-lo saudaram e Kieran perguntou:

— Está aqui?

Ambos assentiram e Duncan afirmou divertido:

— Acredito que é melhor que a deixe tranquila.

— Não quer ver-te — apostilou Niall.

Kieran negou com a cabeça, olhou a seus amigos e perguntou furioso:

— Pode-se saber do que riem?

— O que faz casado com uma mulher como Angela? — perguntou-lhe Duncan — Não dizia que as Guerreiras não eram para ti?

— É verdade — riu Niall — Ainda recordo aquilo que disse: “Eu gosto das mulheres dóceis”.

— Ou aquele outro — se mofou Duncan — “Nunca me casaria com uma mulher tagarela e desafiadora”.

Escutar suas brincadeiras o fez sorrir. Durante anos, apesar de querer muito a Megan e a Gillian, ele fugiu de mulheres com caráter e, escutá-los agora, o fazia entender que, em ocasiões, nada é como se deseja.

Escutou-os durante um momento. Merecia tudo aquilo pelo muito que ele riu quando eles se apaixonaram, até que a paciência lhe acabou e resmungou:

— Querem fechar essas boconas antes que as feche eu?

Os irmãos McRae soltaram uma gargalhada e Duncan replicou:

— De acordo, calarmo-nos. Mas você dê a volta e retorna a sua barraca. Angela fica esta noite conosco.

— Nem pensar! — bramou ele — Me dá igual se quer ou não me ver. Ela é minha mulher e retornará comigo a minha barraca.

Os dois se levantaram e Niall, com um sorriso fanfarrão, sussurrou:

— Amigo, há coisas que ainda não sabe das mulheres e...

Já não pôde mais. Kieran levantou o punho e lhe soltou um soco de esquerda. Niall se tocou o olho dolorido e, olhando-o, repreendeu-o:

— E isto a que vem?

Sem falar, Kieran soltou um soco de direita, que foi impactar na maçã do rosto esquerdo do Duncan, e ao ver que este o olhava com gesto furioso, explicou:

— Devia isso aos dois. E agora, se apartem de meu caminho para que possa falar minha mulher.

Mas não fez falta. Ante a gritaria que tinha armado, Angela já estava diante dele, gritando:

— Pelo amor de Deus, Kieran, o que está fazendo?

Sem lhe responder, agarrou-a pela mão e disse:

— Você vem comigo.

— Nem pensar. Não irei.

Kieran a olhou como um louco e vaiou:

— Não me desafie, e menos diante de meus amigos.

E, sem mais, agarrou-a, a jogou ao ombro e, sem lhe importar o que lhe dizia nem os murros que lhe dava, levou-a.

Megan e Gillian, que os observavam junto a seus maridos, sorriram, e Duncan, tocando a maçã do rosto dolorido, comentou:

— Apaixonado é pouco!

Capítulo 52

Quando chegaram a sua barraca, Kieran a soltou. Durante vários segundos, esperou que ela dissesse algo e quando viu que não tinha intenção de fazê-lo, disse:

— Nunca mais volte a fazer o que tem feito.

— O mesmo digo — vaiou furiosa.

Kieran, com a respiração acelerada, perguntou:

— O que fazia ontem à noite vestida de homem, com o Zac e Iolanda? E da onde conhecem a mulher que lhes vendeu os vestidos?

Essas perguntas a surpreenderam. Estava preparada para tudo menos para responder aquilo e, tentando desviar do tema, contra-atacou:

— O que fazia você com essas prostitutas no bosque?

— Foi uma emboscada, acaso você mesma não o comprovaste?

Angela assentiu. Enquanto, Kieran, desesperado por que ela o olhava e não dizia nada, estalou:

— Pelo amor de Deus, Angela, quer dizer algo?

A jovem o olhou e, depois de uns segundos de tensão, soltou uma gargalhada.

— A sério socaste ao Duncan e Niall por mim?

Kieran, ao escutá-la, e em especial ao vê-la rir, esqueceu-se de tudo o que queria falar com ela e, abraçando-a, sussurrou:

— Por ti socaria, mataria e faria as maiores atrocidades que um homem pode cometer, *minha vida*.

Quando deixaram de rir e ambos se tranquilizaram, inquiriu:

— O que ocorreu com minha mãe?

— Nada especial — respondeu ela, abrindo as mãos — Me insultou, disse que eu não sou tão maravilhosa, bonita e incrível como Susan Sinclair e eu disse o que pensava dela, de ti e da Sinclair.

Sem surpreender-se, Kieran a olhou e ela continuou:

— Não sou bonita, não sou rica, mas tenho dignidade e valor. E, *carinho*, sinto muito, mas não vou permitir que ninguém me menospreze, nem sequer sua mãe.

Comovido, Kieran se aproximou dela.

— Ninguém te menosprezará diante de mim. — E lhe agarrando o queixo para que o olhasse, acrescentou: — É minha preciosa, encantadora e valorosa mulher e, antes de qualquer coisa, me deixe te agradecer, por enfrentar a esse vagabundo por mim.

Encantada, ia dizer algo quando Kieran a beijou. Introduziu a língua no interior de sua boca e, apertando-a contra ele, tomou-a com - paixão com que sempre o fazia e, quando a soltou, murmurou:

— Sinto o ocorrido com minha mãe e com a Susan. E antes que me volte a enganar, quero falar do que passou ontem à noite. Vi-te chegar com o Zac e...

Angela, lhe pondo um dedo na boca para que se calasse, pediu:

— Volta a me beijar. É o único que me interessa.

— Angela, devemos falar.

— Me beije — insistiu.

Ele sorriu, mas quando seus lábios foram se juntar, ouviu-se animação e gritos no exterior da barraca. Ambos se olharam e, rapidamente, Kieran saiu. Angela o seguiu, e fora se encontraram com a Susan Sinclair e Edwina.

— Kieran, pelo amor de Deus, está bem? — perguntou Susan.

— Filho de minha vida, o que te ocorreu?

— Tranquilize mãe, estou bem — respondeu ele ao vê-la tão preocupada.

— Isto é incrível — grunhiu Angela, exasperada, olhando a Susan — Como tem a pouca vergonha de vir perguntar por algo que você mesma ordenaste?

— Como diz?

Evitando o olhar da mãe do Kieran, aproximou-se da bela Susan e insistiu:

— Você ordenou tudo. Foi você!

As pessoas rapidamente se juntaram a eles, e Kieran gritou:

— Angela, basta!

Susan, assustada, colocou-se junto à Edwina e, levando as mãos ao peito, perguntou:

— Do que me acusa?

— Filho — interveio Edwina — diga a sua mulher que não se pode acusar sem ter provas.

— Oh, claro — riu Angela ao escutá-la — Como não ia pôr-se ao seu lado? Faltaria mais! Olhe senhora, essa angélica donzela, que está ao seu lado, está furiosa por minhas bodas com seu filho, e pagou um vagabundo para que o golpeasse, e a umas prostitutas para que ficassem com ele até que alguém o descobrisse, e assim me envergonhar ante todos os clãs.

Edwina, ao ouvir isso, olhou a Susan, que disse:

— Não a faça conta, Edwina. Eu nunca faria algo assim ao Kieran.

Angela soprou, enquanto a mãe do Kieran parecia desfrutar com aquilo e Susan choramingava em atitude de vítima. Kieran, desconcertado pelas palavras de sua mulher, rapidamente começou a consolar a Susan.

— Que horrível! Que horrível é isso do que me acusa sua mulher!

Cansada de sua atitude e com uma arrogância, muito da Fada, Angela sorriu.

— Não me venha com choramingões insossa, que te conheço. E, por favor, tire essa cara de mosca morta, que te peguei.

— Oh, meu Deus — murmurou Edwina incrédula.

— Angela, faz o favor de conter sua língua — disse seu marido.

— Impossível Kieran. Em um momento assim e ante essa parva que te faz de bobo, impossível!

Susan não deixava de chorar e Angela, divertida e ganhando um curioso olhar da Edwina, murmurou:

— É chorona e má pessoa, Susan Sinclair...

A mulher soltou uma gargalhada e Susan gritou:

— Não me chame assim!

— Oh... Claro que não! Com o doce e carinhosa que é você até com os meninos — se mofou Angela — Que parva sou. Como posso pensar algo assim de ti?

Kieran, bloqueado pelos acontecimentos, olhou a sua mulher e vaiou:

— Angela, basta já! Deixa de culpar a Susan.

Boquiaberta, reprovou lhe:

— Por que não acredita que foi ela?

— Isso filho, esclarece-o! — insistiu-o Edwina.

Ele a cada segundo mais zangado, agarrou a Susan do cotovelo e a sua mãe e, as afastando dali, disse:

— Vamos, acompanharei a sua barraca.

— Kieran! — gritou Angela alterada — O que está fazendo?

Zangado com a situação, ele olhou a sua mulher e respondeu diante todos os presentes:

— Susan é uma boa amiga, que nunca, nunca — chiou — faria o que você está dando a entender. E me incomoda ver quão descortês está sendo com ela.

— Mas, Kieran...

— Te cale, mulher, e não me zangue mais! — bramou colérico.

E, sem mais, afastou-se deixando a Angela só e desesperada diante a barraca.

Todos os que presenciaram o ocorrido, depois de olhá-la se dispersaram. Iolanda murmurou:

— Vamos.

Furiosa e irritada, Angela se meteu em sua barraca e quando Iolanda entrou também, disse chateada:

— Foi ela. Sei. E... E... O idiota de meu marido é...

— Baixa a voz — sussurrou Iolanda — Se alguém te ouvir falar assim dele, pode te meter em uma confusão.

Consciente de que o que lhe dizia era certo, fechou os olhos e calou. Era o melhor.

Capítulo 53

O tempo passava e Kieran não retornava.

Em várias ocasiões, Angela mandou a Iolanda para ver se continuava com os Sinclair, e assim era. Estava desesperada por não poder aparecer por ali e saber do que estavam falando.

De madrugada, ouviu uns homens que passavam perto de sua barraca, falando sobre a morte do James O'Hara.

Ao escutá-los ficou alerta. Como tinham se informado?

Nervosa porque Edwina não se inteirasse por outro que não fosse seu filho, decidiu ir

buscá-lo. Com passo seguro, encaminhou-se para onde estava Kieran e suspirou aliviada ao vê-lo vir para ela. Isso evitaria ter que entrar na barraca dos Sinclair.

Ele a olhou com gesto carrancudo e, agarrando-a do braço, vaiou:

— Pode-se saber o que faz caminhando sozinha de noite pelo acampamento?

Ela se soltou de seu braço e disse:

— Ouvi uns homens falar sobre a morte do James.

Kieran assentiu e Angela, ao ver que não se surpreendia, olhou-o e Kieran explicou:

— Disse a minha mãe.

— O disse?

— Sim. Como viu, a notícia se estende rapidamente.

— Como o tomou Edwina?

Kieran se tocou o cabelo e, baixando a vista, sussurrou:

— Desgostou-se, mas por estranho que pareça, está bem. Diz que já o intuía. Que, como mãe já imaginava, e fazia ideia.

Angela assentiu e Kieran continuou:

— Susan e sua mãe me ajudaram para lhe dar a notícia e...

— Eu acreditava que o diríamos você e eu. Nunca pensei que Susan Sinclair seria quem te ajudaria nesse momento.

Com um frio olhar, Kieran assentiu e replicou:

— Aprende a te comportar e, quando o fizer, possivelmente então conte contigo para certas coisas.

E dito isto, prosseguiu seu caminho, mas Angela não o seguiu.

Desolada chegou a sua barraca, sentou-se na cama e, levando-as mãos à cara, chorou. Por que, por que Kieran tinha que ser assim com ela?

À manhã seguinte, depois de uma noite em que estranhamente pôde dormir, quando Angela despertou e saiu da barraca, não se surpreendeu ao ver que Kieran não estava. Patrick, que estava falando com a Iolanda, ao vê-la aparecer a informou:

— Meu senhor se foi com os homens a caçar.

Ela assentiu e, convencida de que era melhor não se mover do acampamento, dirigiu-se para o guerreiro que preparava a comida de seu clã. Este, ao vê-la, entregou uma parte de assado e Angela lhe sorriu, lhe agradecendo.

Comia placidamente, sentada debaixo de uma árvore, quando viu a mãe do Kieran passear. A via séria e, sem duvidar, levantou-se para ir lhe dar o pêsames.

— Senhora — a chamou.

Edwina se voltou e, ao vê-la, saudou-a com tranquilidade.

— Bom dia, senhora — respondeu ela e, depois de um tenso silêncio, disse: — Queria lhe dar os pêsames pela morte de seu filho James. É muito triste perder a um ser querido.

A mulher assentiu e, com um sorriso de causar pena, respondeu:

— Obrigada, Angela.

Esta se deu a volta para retornar, mas incapaz de não dizer nada mais, voltou-se de novo e, ao ver que a mulher a seguia olhando, acrescentou aproximando-se:

— Compreendo a dor que sente diante esta triste noticia, mas embora chore ao James, deve continuar vivendo, por você e pelo Kieran. Seu filho a quer muito, adora-a, e o que mais temia era o se sofrimento, quando soubesse, e que adoecesse de tristeza. Por isso, peço-lhe que, por favor, por favor... por favor, cuide-se e não permita que o descuido entre em sua vida, como aconteceu com meu pai ante a morte de minha mãe e meus irmãos, e que continue vivendo para que Kieran siga sendo feliz.

Comovida por essas palavras, Edwina sorriu e, assentindo, disse:

— Chorei tanto por meu filho James, que agora já não tenho lágrimas. James sempre foi mais revolto que Kieran, e embora seu pai o castigasse por suas travessuras, eu sempre as desculpava. Kieran nunca se queixou. Sempre observava, sorria e calava. Quando ambos cresceram, James tomou um mau caminho e se afastou de mim. Esqueceu-me. E Kieran, embora nunca disse nada, nunca o perdoou e sempre esteve junto a mim. Amo aos meus dois filhos, mas agora tenho que pensar no Kieran. Ele nunca me abandonou e merece ter a mãe que sempre quis, cuidada e respeitada. Obrigada por sua preocupação e por suas palavras, Angela.

Com um sorriso, esta assentiu e, dando a volta, retornou a sua barraca sem precaver-se de como Edwina a olhava e sorria levemente.

O resto da manhã passou sem pena nem glória. Quando Kieran retornou, saudou-a o passar por seu lado, mas a frieza que viu nele martirizou-a. Pouco depois, depois de se assear, aproximou-se dela e lhe informou que iriam comer com os Sinclair.

— Por que me faz isto, Kieran?

Sem querer entendê-la, ele a olhou e respondeu:

— São nossos vizinhos em Kildrummy. Deve começar a tratar com eles, e o primeiro que fará será pedir desculpas a Susan diante de todos e...

— Tornaste-te louco?

— Não, Angela.

— Pretende me envergonhar então?

Ao escutá-la, sorriu com frieza e murmurou:

— Recordo-te que ontem me envergonhou você.

Ela não respondeu. Mordeu-se a língua, segura de que Susan tinha que ver algo naquilo.

— Angela, sou judicioso e penso em minha gente e em meu clã — continuou ele. — As relações com os Sinclair sempre foram boas e quero que sigam sendo-o, entende-o? — Não entendê-lo seria idiotice — e, depois dela assentir, Kieran insistiu — Quando chegarmos, te desculpe pelas acusações de ontem e tenhamos a festa em paz.

Ela não se moveu e ele, olhando-a, ordenou-lhe:

— Vamos, me acompanhe.

Sem poder negar-se, Angela o acompanhou cabisbaixa. Aquilo doeu ao Kieran, mas Aldo Sinclair os tinha convidado a comer e não pôde dizer que não. Ao chegar à barraca dos Sinclair, estes estavam sentados a uma bonita mesa, junto a sua mãe Edwina. Aldo, ao vê-los chegar, levantou-se e os convidou rapidamente:

— Sentem-se e comam.

Mas quando o foram fazer, Susan se levantou e, enfurecida, vaiou ante todos:

— Se ela se senta a esta mesa, eu vou.

— Susan, basta já! — repreendeu-a seu pai.

— Não penso compartilhar a mesa com uma mulher que me acusa de algo tão terrível, como ter feito que atacassem ao Kieran. Ao Kieran nada menos! — replicou ela.

Ante aquela reação, Angela viu sua oportunidade de afastar-se dali quanto antes e, sem mover-se de seu lugar, disse:

— Peço-te desculpas, Susan, não devia te acusar ontem, diante de todo mundo.

Augusta, sentada junto à Edwina, respondeu com voz molesta, depois de olhar a sua filha:

— Aceitamos suas desculpas, mas procura refrear suas acusações e sua língua daqui em diante.

Edwina olhou a seu filho e, ao ver o gesto sério deste, afirmou, olhando a jovem:

— Seu gesto te honra, Angela.

Ela assentiu. Pensou em partir dali imediatamente e quase fez gesto de fazê-lo, mas se refreou. Devia comportar-se ante eles e, voltando-se para o Kieran, olhou-o e perguntou com voz pausada:

— Importa-te se volto à barraca? Não tenho apetite.

Ele, olhando-a com intensidade, pensou um momento. Sem dúvida, era mentira que não

tivesse apetite, mas entendia que não queria seguir ali. Odiava o que acabava de lhe fazer, mas aquele tipo de desculpas, era necessário, para as boas relações com seus vizinhos. Por isso, com delicadeza, inclinou-se, beijou-a nos lábios com doçura e disse:

— Va e descansa.

Sem olhar atrás, Angela pôs-se a andar para sua barraca. Uma vez chegou, meteu-se dentro e não saiu em todo o dia. Não desejava ver ninguém.

Capítulo 54

Pela tarde, enquanto Angela se lavava antes de vestir-se para a festa dos clãs, entrou Iolanda. Ela a olhou e a jovem disse:

— Kieran me pediu que leve sua roupa à barraca do Louis. Deseja vestir-se para reunir-se com o resto dos lordes no castelo Stirling, antes que comece a festa.

Com gesto duro, Angela assentiu e, tentando que seu gesto não a traísse, respondeu:

— Leve. Eu tampouco quero vê-lo.

Ao ficar só na barraca, quis vestir suas calças e esfumar-se. Mas sabia que não devia fazê-lo. Devia terminar o que começou e, depois de se lavar, pôs o formoso vestido vermelho, que comprou para o Kieran.

Com os olhos fechados, tranquilizou-se e quando Iolanda entrou, já embelezada com seu vestido novo, Angela sorriu e disse:

— Está preciosa.

— Obrigada — sorriu ela e, olhando-a, acrescentou — Você está escandalosamente bonita.

Encolhendo-se de ombros, Angela sussurrou:

— Seguro que não tanto como a Sinclair.

— Me deixe te arrumar o cabelo — ofereceu Iolanda, agarrando um pente.

— Dá igual, Iolanda. Dá-me igual como o leve.

A jovem olhou a sua amiga e, sem soltar o pente que tinha nas mãos, replicou:

— Não, não dá igual. Vais demonstrar a seu marido, e ao resto dos clãs, que se essa Susan Sinclair é bonita, você é mais. Não te deixe esgotar por ninguém e menos por essa insossa!

Ambas riram e Angela, encolhendo-se de ombros, acessou:

— De acordo.

Ao acabar, as duas saíram da barraca e Louis e Zac, ao vê-las, ficaram boquiabertos. Eram duas preciosidades.

— Não quero estar na pele do Kieran esta noite — murmurou Zac.

Louis assentiu.

— Acredito que esta noite não vai passar nada bem.

Depois, levantou-se de onde estava sentado e se aproximou da Iolanda. Estava preciosa com aquele vestido muito azul e aquele outro penteado.

— Creem que vamos bem para essa festa?

Zac soltou uma gargalhada e logo confessou:

— Não quero perder a cara do Kieran quando te ver. Acredito que vais ser uma grande surpresa para ele.

Angela, com um falso sorriso, afirmou:

— Isso espero surpreendê-lo.

Iolanda, ao sentir a presença do Louis a seu lado, e ver que Zac e Angela falavam e se afastavam uns metros, animou-se a olhá-lo.

— Está muito bonita vestida assim — sussurrou ele.

— Obrigada. Você também está muito bonito.

Emocionado por aquelas amáveis palavras da parte dela, disse:

— Iolanda, queria falar contigo, se me permitir isso.

— Diga.

Atônito por sua mudança de atitude, não desperdiçou o momento.

— Quanto a aquela fanfarronada da minha parte, queria te pedir perdão. Já não sei como te dizer, que nunca pensei que fosse uma prostituta, embora minhas palavras lhe fizessem acreditar assim. Sinto-me muito parvo por isso. É uma moça encantadora e merece ser feliz e...

— Está perdoado — lhe cortou ela nervosa — Esqueçamos o ocorrido.

Incrédulo por ter conseguido, por fim, seu perdão, ele quis falar mais disso, mas Iolanda lhe pediu que o deixassem correr.

— Poderei te pedir algum dança esta noite? — perguntou então ele, sorrindo.

— É obvio que sim, Louis. Estarei encantada de aceitar.

Ao ouvi-la, ele esboçou um amplo sorriso, a primeira em muitas semanas: por fim parecia que a jovem o tinha perdoado, lhe oferecendo o braço, e disse:

— Seria tão amável de ser minha acompanhante, esta noite na festa?

Iolanda, animada, agarrou-se a seu braço e puseram-se a andar rumo ao castelo.

Zac, ao vê-los, suspirou divertido e exclamou:

— Por fim deixarei de escutar os lamentos do Louis!

Angela sorriu contente. Sem dúvida, Iolanda queria desfrutar da noite.

De caminho ao castelo de Stirling, passaram pelo acampamento onde estavam Gillian e Megan e quando estas viram a Angela, ficaram sem palavras.

Ao entrar no castelo, ela estava nervosa. Seguia zangada com o Kieran, mas ao mesmo tempo, desejava que só se fixasse nela. Pela primeira vez em sua vida, queria estar mais bonita e atrativa que ninguém, e os olhares de muitos guerreiros lhe confirmaram que ia por bom caminho.

Gillian, que ia a seu lado, divertida, ao ver como muitos não lhe tiravam a vista de cima, cochichou:

— Se qualquer homem me olhasse assim na presença do Niall, asseguro-te que a festa não terminaria bem.

Megan soltou uma gargalhada e apontou:

— Duncan já lhes teria talhado o pescoço.

— Eu também o cortaria — grunhiu Zac, olhando com gesto áspero, aos que se paravam a olhar às mulheres que foram com ele.

— Acredito que esta noite vais ser a sensação — comentou Megan.

— Isso espero. — sussurrou Angela.

— Não se preocupe pelo ocorrido com a Sinclair — riu Gillian — Assim que Kieran te veja com este vestido, só terá olhos para ti.

— Kieran e todos. — resmungou Zac.

Quando chegaram ao começo de uma escada, que desembocava em uma enorme estadia, pararam para olhar. Ali havia já um bom número de gente e o ambiente era alegre e animado.

Duncan, o marido do Megan, que aguardava da chegada de sua mulher, ao vê-la aparecer lhe sorriu. Aquela morena de cabelo azulado era sua grande debilidade, e ao vê-la tão bonita, com aquele vestido rosa pau, murmurou:

— Tão formosa como sempre.

Niall, ao ouvir seu irmão, voltou-se e sorriu. Junto a Megan estava Gillian, sua louca e intrépida mulher, embelezada com um vestido azul céu, e ele, orgulhoso, murmurou:

— Minha preciosa gata, está muito bela.

— A que vai junto ao Louis e Zac é Angela? — perguntou Edwina, que estava com eles.

Niall assentiu e, divertido, cochichou:

— Se eu fosse Kieran, já teria a espada na mão.

Este, que estava falando com o pai da Susan, e com sua mulher, lady Augusta, ao ouvir um murmúrio coletivo, olhou para a escada, e ficou sem fala quando se precaveu de que, a muito bela mulher do vestido vermelho, e o cabelo solto que ia junto ao Louis, era sua esposa. Estava impressionante.

— Imagino que a ruiva que vai junto a seu homem de confiança é sua mulher, não é assim? — perguntou Aldo.

Lady Augusta se surpreendeu ao ver a jovem. Vestida assim, nada tinha que ver com a moça que conheceu.

Edwina se aproximou de seu filho e lhe sussurrou ao ouvido:

— Acredito que o vestido que leva sua mulher é algo escandaloso, mas não posso negar que está muito bela.

Kieran, ainda pasmado, assentiu. Angela era bonita, sempre soube, mas embelezada com aquele impressionante vestido, que se ajustava às curvas de seu corpo, de uma maneira excepcional, estava arrebatadora.

Sem importar o que Aldo ou sua mulher pensassem, separando-se de sua mãe, se encaminhou para a escada para recebê-la e, quando Angela chegou ao último degrau, agarrou-a pela mão e, olhando-a aos olhos, disse:

— Assombrosa.

Com um fingido sorriso, que escondia seu mal-estar, olhou-o e respondeu com mofa:

— Seguro que não tanto como Susan Sinclair.

Esse comentário, e seu tom de voz, incomodaram ao Kieran, que se amaldiçoou por não ter falado com ela e esclarecido situação antes da festa. Sem soltá-la, caminhou com ela pelo salão, e ao ver como os homens os observavam, dispostos a deixar claro que aquela era sua mulher, agarrou-lhe a mão com força e, aproximando-a a ele, beijou-a nos lábios e, ao ver que Megan os observava, murmurou:

— Está preciosa, *meu céu*.

Angela o olhou e, entrecerrando os olhos, sorriu. Gostava de lhe dar com algo na cabeça, mas não era o momento nem o lugar.

— Tornaste a dizer “meu céu”, Kieran? — sussurrou Megan.

Ele, sem apartar os olhos de sua extraordinária mulher, respondeu:

— Sim. Disse.

Megan e Gillian, olharam-se incrédulas, e esta última murmurou divertida:

— Incrível. Ele, que se burla sempre de nós por utilizar palavras doces e enjoativas com

nossos maridos...

Todos sorriram exceto Angela.

Kieran, consciente do estado em que se encontrava, sem soltá-la, olhou-a aos olhos e, em tom íntimo, perguntou:

— Por que te puseste este vestido?

— Você não gosta?

Ele, sem deixar de olhá-la, comentou:

— É um pouco escandaloso. — E, tirando o tartán que levava a ombro, o jogou por cima e disse: — Assim está melhor.

— Mas *carinho* — se mofou ela — Se você gosta das mulheres com vestidos escandalosos.

— Angela... — vaiou Kieran.

Devolveu-lhe o tartán e ao ver que uns highlanders os observavam, disse:

— Obrigada, mas não tenho frio.

Sem solta-la da mão nem um instante, Kieran viu seu gesto sério e lhe reprovou:

— Não pensa sorrir esta noite?

Angela o olhou. Estava muito bonito, embelezado com aquelas calças de couro negro a jogo com a guerreira escura. Desejosa de voltá-lo louco, sorriu e respondeu:

— Claro que sim, *carinho*. Asseguro-te que não vou parar de sorrir o resto da noite.

Kieran não gostou do seu tom e, aproximando a boca a seu ouvido, disse:

— Angela, conheço-te, o que pretende fazer?

Sem apagar o sorriso de sua boca, ela respondeu:

— Simplesmente o mesmo que faz você diante de mim.

Ele ficou alerta. O que trazia nas mãos?

Em seu caminho pelo salão, vários highlanders, inteirados de seu enlace, aproximaram-se e, junto a suas mulheres, felicitaram-nos. Angela o agradeceu com um arrebatador sorriso e Kieran sorriu também. Era boa dissimulando.

Mas quando vários dos solteiros, com os que ele mesmo se correu suas boas farras, se aproximaram, sentiu um estranho desconforto ao ver que ela seguia sorrindo.

Com dissimulação observou como aqueles depredadores olhavam a sua mulher, e não lhe fez nenhuma graça. Ouvir como a elogiavam o incomodou e entendeu muitas das atitudes de outros highlanders casados quando ele aparecia nas festas. De repente, ele tinha uma mulher que lhe importava e por nada do mundo ia permitir que nenhum daqueles se ultrapassasse.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Quando terminaram de falar, sem lhe soltar a mão, Kieran caminhou com ela para onde estavam seus amigos, logo lhe perguntou em um à parte:

— Diverte-te?

Ela, fervendo de fúria por dentro, olhou-o e logo olhou a um dos homens que Kieran lhe tinha apresentado e, depois de comprovar a que olhava, respondeu:

— É obvio, e mais o que penso é me divertir.

Kieran, ao dar-se conta de como olhava ao Ramsey Maitland, amaldiçoou em voz baixa e, aproximando sua boca a dela, murmurou:

— Te afaste dele, entendido?

Surpreendida, Angela cravou seus bonitos olhos verdes nos de seu marido e, sem que ninguém a ouvisse, replicou:

— *Carinho*... Estarei tão longe dele como você está, continuamente, do capricho da Susan Sinclair.

Kieran lhe revolveu o corpo, e já esteve seguro de que Angela tramava algo. Quis protestar, mas em troca perguntou com a maior galanteria possível:

— Gostaria de beber algo?

Ela, que estava pendente de ver a Susan Sinclair, respondeu distraída:

— Uma jarra de cerveja não estaria mal.

Kieran assentiu, mas antes de ir lhe indicou inseguro:

— Não te mova daqui. Retornarei em um instante.

Com um mais que fingido sorriso, Angela assentiu e, assim que ele partiu, afastou-se uns metros de seus amigos e se apoiou em uma das paredes de pedra, mas, ao cabo de breves instantes, vários homens a rodearam, dispostos a falar com ela.

Louis, que observava a situação de pé junto à Iolanda, depois de beber um sorvo de sua caneca, comentou:

— Que trama Angela?

Iolanda olhou a seu amigo, bebeu também e disse:

— Não sei.

— Segura? — insistiu Louis.

Com uma graça que o fez sorrir, a jovem piscou e afirmou:

— Sim. Mas tenha por seguro que se soubesse não lhe diria isso.

Instantes depois, quando Kieran retornou com as bebidas, amaldiçoou ao ver sua mulher rodeada de falcões. Com um mais que forçado sorriso, aproximou-se dela e lhe entregou sua bebida,

à espera que ficasse a seu lado. Mas ao ver que não se movia e continuava rindo com aqueles homens, fez-se a um lado e se retirou.

Duncan, que observava tudo com atenção, sorriu. Ver o Kieran naquela situação era algo novo para ele, e ao observar que bebia de sua caneca a toda velocidade, com gesto incômodo, lhe aproximou.

— Disse-me Megan que tornaste a discutir com sua mulher pela Sinclair. Inclusive que tem feito que se desculpe ante ela.

Zangado, Kieran assentiu e, olhando a seu amigo, vaiou:

— Angela a acusou diante de todos.

— E você, com seus atos, pôs-te ao lado da Susan, verdade?

Ele o olhou sem responder e Duncan lhe aconselhou com um sorriso:

— Nunca, nunca, ponha do lado de outra mulher que não seja a tua.

— Nem sequer quando não tem razão?

— Acaso sabe a verdade do acontecido? — Kieran negou com a cabeça e o outro prosseguiu: — Pois então, o melhor é não decantar-se por nenhuma e permanecer ao lado de sua esposa. —Kieran amaldiçoou e Duncan, divertido, acrescentou: — Querido amigo, sobre mulheres sabes muito, mas sobre esposas e como as tratar, acredito que tem muito que aprender. E, por certo, esse murro que me deu, ainda me dói.

Kieran amaldiçoou em silêncio enquanto observava a sua preciosa esposa rir a gargalhadas com aqueles guerreiros. Incomodava lhe que ela fosse o centro de atenção de outros, mas ante isso pouco podia fazer, a não ser que se comportasse como um animal e a levasse a força, coisa que não ia fazer.

— Por que está tão concentrado, *meu céu*?

Para ouvir a voz divertida do Megan e ver que Duncan sorria, murmurou:

— Você gosta de ver-me nesta situação, certo?

— Por que, meu céu? — voltou a mofar ela.

— Megan... — repreendeu-a Duncan.

Mal-humorado e sem querer responder, Kieran terminou sua jarra de cerveja. Megan, ao ver quão zangado estava, disse:

— Sinto muito.

Ele resmungou, olhou de novo aos homens que havia ao redor de sua mulher e, decomposto, viu que alguns pareciam abstraídos, outros atordoados e outros lhe sorriam com autêntico deleite. Não quis imaginar o que pensavam. Se o fazia, zangar-se-ia muito mais.

— Irei por outra bebida.

Duncan o agarrou por braço e sussurrou:

— É sua esposa. Leve-a contigo.

Kieran o pensou, mas não disposto a fazê-lo, sem dizer nada partiu.

Com a extremidade do olho, Angela viu que se afastava e respirou aliviada. Para ela, tampouco estava sendo fácil aquela situação. Sentir seu olhar reprovador a inquietava, mas queria zangá-lo e lhe fazer sentir o que ela sentia quando ele sorria a outras.

Quando chegou onde estavam as bebidas, sua mãe se aproximou:

— O que ocorre a ti e a sua mulher?

— Nada.

Com um sorriso que lhe fez saber que não acreditava, Edwina disse:

— Reconheço que eu não gostava de Angela, porque acreditava que era uma jovenzinha pateta, mas, filho, a cada instante que passa, eu gosto mais.

— Mãe... — soprou ele.

— Esta garota sim que sabe te dar seu castigo — riu a mulher, afastando-se.

Ramsey Maitland se aproximou da Angela. Era alto, moreno e com uns olhos escuros, incrivelmente inquietantes, e por como as mulheres o olhavam, ela intuiu que era tão desejado como seu marido. Conversaram durante um momento, até que lhe perguntou se queria dançar. Angela o pensou, mas ao ver Susan Sinclair descer a escada e observar como seu marido lhe sorria e se aproximava a saudá-la, aceitou.

Começou a dançar com o Ramsey junto a outros casais. Ali estavam Iolanda e Gillian com o Louis e Niall, divertindo-se. Quando eles a viram, acompanhada daquele homem em vez de Kieran, olharam-se surpreendidos, mas continuaram dançando sem dizer nada.

Angela sempre gostou de música, era algo que a alegrava, e quando começou a dançar e viu que Ramsey era um bom bailarino, entregou-se encantado à dança, sem dar-se conta de que Kieran a observava.

— As pessoas começam a murmurar — disse Duncan, aproximando-se dele.

— Que murmurem, todos bem sabem que nunca me importou — respondeu Kieran.

— Nem sequer se disserem coisas que não são verdade?

Ao ver que Kieran não respondia, Duncan olhou a sua mulher, calada a seu lado, para variar, e conveio:

— De acordo, Kieran. Só te direi que eu não gostaria de estar na tua pele.

Ele, de um gole, acabou-se de novo sua bebida e, deixando a jarra sobre uma mesa, com

um arrebatador sorriso resmungou:

— Se minha mulher quer jogar, jogaremos!

Ato seguido, deu-se a volta deixando a seus dois amigos preocupados, e convidou à filha dos Carmichael a dançar. Ela aceitou encantada. Depois dançou com a filha dos Jones, a neta dos Campbell e muitíssimas mulheres mais. Todas aceitavam, sorridentes e deslumbradas pelo cavalheirismo do Kieran.

Capítulo 55

Angela, ofuscada porque Kieran não demonstrasse seu aborrecimento, soprou, até que o viu unir-se a uma dança chamada “o moinho”. Kieran saudou com graça às damas com as que coincidiam no baile, até que chegou a Angela e, ao tê-la perto, disse-lhe:

— Passa-o bem, esposa?

Com um falso sorriso, ela respondeu enquanto dançava:

— Maravilhosamente bem, e você, marido?

Não lhe deu tempo a responder, porque a dança continuou e Angela se afastou ao braço de outro guerreiro. Depois de dar uma nova volta, voltaram a coincidir.

— Pretende me zangar, Angela?

Dando um tropeção por culpa do Kieran, olhando-o com inocência murmurou:

— Não, carinho.

De novo a dança os separou e, quando os voltou a unir, a música se retardou e, enquanto caminhavam agarrados da mão, ela perguntou sem dissimulação:

— Sente-se bem sentindo que outros homens me desejam?

Com gesto carrancudo, Kieran respondeu:

— O que faz é escandaloso.

Angela riu e com uma voz nada angélica, murmurou:

— Não faço nada que você não faça... *Tesouro*.

— Angela...

— Com a diferença de que eu ainda não me deitei com nenhum deles, e você sim, com muitas das que estão neste salão.

Kieran ficou com a nuca arrepiada e, quando ia responder, a música os voltou a separa-los.

A partir desse instante a tensão entre os dois subiu. Cada um passava em distintos grupos, enquanto o resto de seus amigos, os observavam, conscientes de que aquilo não ia terminar bem.

Louis e Iolanda, que não se separaram em toda a noite, ao ver o que faziam, olharam-se e ela disse:

— Temo o aborrecimento da Angela.

Ao ver que Kieran dava um tropeção por uma rasteira da Angela, Louis negou com a cabeça e respondeu:

— Deveria temer mais a fúria do Kieran.

Edwina, que como o resto das pessoas, via o que acontecia com seu filho e a mulher deste, aproximou-se de Angela quando esta foi para uma mesa de bebidas, e lhe perguntou:

— Passa-o bem, querida?

Olhando-a com o maior dos descaramentos, a jovem respondeu:

— Certamente que não tão bem como você, Edwina. Tranquilize, depois desta maravilhosa noite, seu filho não quererá voltar para perto de mim.

— Oh, filha, não diga isso!

Angela sorriu: miúda falsa era aquela mulher... Entretanto, quando ia dizer algo mais, ela se aproximou e cochichou:

— Continua com o que faz. Não sabe quanto estou me divertindo.

Quando se afastou, Angela amaldiçoou em voz baixa. Aquela bruxa se divertia ao ver como ficava em evidencia diante de todo mundo. Sem dúvida, estava desfrutando de vê-la cair.

A cada instante mais zangada, caminhou com urgência para uma terraço, mas ao chegar, viu ali Kieran rindo com a Susan Sinclair.

— Maldita seja — vaiou.

— Preciosa Angela, o que te ocorre?

Ao voltar-se, encontrou-se com o Aiden McAllister e resmungou:

— Só me faltava você.

Ele se aproximou dela sorrindo e murmurou:

— Essa Sinclair não é como você, e Kieran sabe. Mas agora deixa de flertar com todos ou ele se zangará.

Dito isto, afastou-se, deixando a Angela ainda mais confusa. Mas pouco depois, enquanto Kieran continuava junto à Sinclair, aproximou-se do Ramsey Maitland furiosa e, com uma caneca na mão, começou a conversar com ele.

Um momento depois, a música acabou. Megan olhou a Angela, que ria com o Ramsey

Maitland. Aquilo ia trazer problemas. Kieran, por sua parte, caminhava com a Susan Sinclair do braço. Ficando nas pontas dos pés, Megan disse a seu marido:

— Eu não gosto nada disto.

— Eu tampouco — soprou Duncan.

Curvada pelas contínuas proposições nada honestas do Ramsey, Angela se afastou com a desculpa de que ia procurar a Iolanda. Necessitava uns segundos a sós. Ao ver que ninguém a seguia, agarrou uma jarra de cerveja e se escondeu depois de uns barris.

— Kieran O'Hara é tão galante...! —ouviu que dizia uma voz de mulher.

— E descarado. É um descarado com as damas — apontou outra.

— Seu irmão era pior — apostilou uma terceira mulher — Graças a Deus que morreu esse vil descarado.

— Não é à toa que eles são assim. Você sabe que Edwina, a mãe dos meninos foi uma anfitriã de Edimburgo. Acaso esperavam que os educasse como cavalheiros? — As mulheres murmuraram algo e aquela prosseguiu: — lembro que ganhava a vida servindo aos homens e soube enganar e enrolar ao lorde Ferdinand O'Hara. Voltou-se louco de amor por ela, recorda? — As outras disseram que sim e a primeira assegurou: — Sempre quis seu dinheiro e quando ele morreu na Irlanda, ela e seus filhos herdaram uma grande fortuna.

Aquela voz soava familiar para Angela. Ela olhou furtivamente e ficou surpresa ao ver que a que falava era lady Augusta, a mãe da Susan. Mas como podia ser tão bruxa? Não obstante, sem dizer nada, seguiu escutando:

— Conte-te outra — asseverou outra mulher — Minha irmã Betty caía de amor pelo Ferdinand, e quando se inteirou do enlace deste com essa mulher ingressou em uma abadia.

Todas as mulheres falaram de uma vez, até que outra disse:

— E o que me dizem da esposa do Kieran?

— Escandalosa! Viram o vestido dela?

Várias riram e, consciente de que agora tocava a ela, Angela apurou o ouvido e escutou a Augusta dizer:

— Outra aproveitadora, como a mãe dos moços. Minha filha era quem tinha que ser sua mulher e meus netos, os herdeiros dessa grande fortuna.

— Pobre Susan. Que desgosto terá.

Augusta disse que sim e, aproximando-se das outras, cochichou:

— Já nos ocupamos ambas de que Kieran se aborreça de sua mulherzinha. — Riram as três e Augusta prosseguiu: — Conforme me contou Susan, Kieran lhe comentou que essa jovem

procedia de um clã em decadência, os Ferguson em Caerlaverock.

— É filha do Kubrat Ferguson, que se voltou louco quando mataram a sua esposa?

— Efetivamente — respondeu lady Augusta — Essa jovem é inexperiente em muitas lidas e, depois de dar umas moedas a um vagabundo e a umas prostitutas, minha filha e eu conseguimos que essa pateta acusasse a minha filha ante o Kieran. E o muito tolo, ante uma boa atuação de minha Susan, afastou-se de sua mulher para consolar minha Susan.

Todas riram e alguém comentou:

— Augusta, que dissimulada é.

— Dissimulada não, simplesmente, não estivemos toda a vida suportando a essa estalajadeira, para que agora venha uma aproveitadora, e arrebate da minha filha o que virtualmente era já dela. Kieran é um sedutor com as mulheres, isso já sabemos todos, mas também sabemos que é um homem rico, generoso e todo um cavalheiro, e isso é o que eu quero para minha filha, e ela também. Além disso, seu enlace foi um handfasting. Tenho um ano para fazer ver ao Kieran, e à parva da Edwina, que minha filha é o que necessitam e não essa pobretona da Ferguson, sem classe nem maneiras.

— Calem, que vem Edwina — ordenou uma.

Segundos depois, Angela ouviu rir à mãe do Kieran com elas.

Augusta, aquela bruxa com sorriso e cara de boa mulher, era o pior que conheceu em sua vida. Além de ser uma falsa com a mãe do Kieran, ajudou a Susan a orquestrar todo o ocorrido.

A festa continuou, mas o humor da Angela já não era o do princípio. Ver como a mulher ria e falava com a Edwina, estava tirando do sério. E embora ela fosse desaparecer de suas vidas, Edwina merecia saber, que classe de amiga era aquela bruxa.

Por isso, bem entrada a madrugada, Angela se aproximou do Kieran. Precisava esclarecer certas coisas. Com um bonito sorriso, ficou junto a este, Susan e outras mulheres e, agarrando-o do braço, perguntou:

— Kieran, tem um segundo, *carinho*?

Ele a olhou e, com gesto altivo, inquiriu:

— Para que?

Ante a espera dos pressente, Angela respondeu:

— Queria falar contigo. Será só um momento.

Disposto a ser tão desagradável como ela foi toda a noite, disse:

— Querida, sem dúvida o que tem que me dizer pode esperar. Logo o falamos. Agora estou com estas encantadoras damas.

Molesta por aquele desplante ante elas, Angela trocou o peso de pé e voltou para a carga:

— Insisto. Preciso falar contigo.

Não disposto a consentir que lhe falasse assim, ele a agarrou do braço e vaiou:

—Segue passando-o bem e me deixe desfrutar da noite.

Incrédulas, as mulheres se levaram a mão à boca, e mais quando ela resmungou:

— Va pro inferno, Kieran O'Hara.

— O que disse, esposa?

— O que ouviste, marido.

E, sem mais, deu a volta e se afastou, deixando ao Kieran mais que furioso. Mas o que estava fazendo Angela?

Susan, surpresa com isso, quando eles estavam sozinhos perguntou:

— O que ocorre, Kieran? O que acontece a sua mulher?

Não demonstrando o molesto e zangado que em realidade estava, sorriu e disse em tom lisonjeador:

— Nada, está divertindo-se, como eu.

— E não te importa que leve esse escandaloso vestido e que te desafie com o olhar ante todos?

Kieran olhou para onde Susan olhava. Ali estava Angela, observando-os, e respondeu:

— Nada me diverte mais.

Encantada por essa resposta, a jovem assentiu e saiu a dançar de novo com o Kieran. Angela, do outro lado do salão, olhava-os enquanto lhe retorciam as tripas. Como pôde rechaçá-la assim ante todas aquelas mulheres?

De repente, alguém lhe agarrou a mão. Ao dar a volta, viu que se tratava de Megan e, afastando uns metros de onde estava todo mundo, esta a interrogou:

— O que está fazendo?

— Simplesmente, o mesmo que faz ele — respondeu ela.

Ramsey se aproximou, saudou-as com cortesia e convidou a Angela a dançar de novo. Ela, depois de lhe dedicar um cândido sorriso, pospor o baile e quando ele partiu com a esperança de retornar pouco depois, Megan comentou:

— Ramsey e Kieran nunca se levaram bem. Se esse presunçoso highlander te convidar a dançar e te acossa é só para incomodar a seu marido.

Angela olhou a este e, ao vê-lo rir com a Susan, respondeu:

— Então dançarei duas ou três peças mais com ele.

Aquela resposta fez sorrir a Megan, mas continuando com o que tinha ido lhe dizer, perguntou:

— Tão zangada está com o Kieran?

Ela ia responder, mas Megan, cortando-a, acrescentou:

— Me escute, Angela. Não te conheço e não quero te julgar, mas quero que saiba, se por acaso não o pensaste, que neste lugar centenas de olhos a estão observando. Todos os presentes sabem que é a mulher do Kieran e estão vendo que dança, bebe, sorri e paquera com todos menos com ele e...

— Faço o mesmo que faz Kieran — repetiu e logo disse: — Acaso não vê que ele está com todas também? Faz um momento tentei me aproximar para lhe falar, mas foi impossível.

— Aceitar-me-ia um conselho?

— É obvio — afirmou Angela, cansada daquela situação.

— Quando conheci o Duncan, nunca pensei me casar com ele. Ele era o temível Falcão! Arrogante, mulherengo e um homem não muito fácil de trato. — Megan sorriu e prosseguiu: — Eu, por minha parte, tampouco era fácil de levar, mas as circunstâncias fizeram que acabássemos casados por um ano e um dia.

Surpresa por ouvir isso, Angela murmurou:

— Está dizendo que...?

— Sim, Angela. Estou dizendo que eu também me casei como você, sem conhecer o homem que tinha diante, e por um handfasting. Nem imagina o que discutíamos, mas quanto mais o fazíamos, quanto mais nos desafiávamos, mais nós gostávamos, e terminamos nos apaixonando. — Sorriu — E agora não podemos viver um sem o outro.

Angela sorriu e a outra acrescentou:

— Com isto quero dizer que se quer chamar sua atenção, faça, mas sem que sua moralidade, vulnerabilidade e honestidade fiquem pelos chão como está ficando.

Consciente de que ela tinha razão, levou-se a mão à têmpora e o reconheceu.

— Tem razão. Não deveria desafiá-lo assim.

Megan, com um cândido sorriso, contou:

— Eu desafiei ao Duncan em tudo o que possa imaginar, e o sigo fazendo, e isso em certo modo gosta. Só terá que ver como te olhe Kieran e como te busca continuamente para saber onde está. Sem dúvida, está zangado pelo que está ocorrendo e, lhe conhecendo, não acredito que tarde muito em explodir.

— E merecerei — afirmou isso Angela com uma graciosa careta.

Divertida, Megan sorriu.

— Asseguro-te que se algo gostar de ti é sua personalidade. Nem você nem eu somos como muitas das que vê aqui. Não somos delicadas mulherzinhas que só pensam em seus penteados e nos vestidos de moda, e intuo que você também prefere cavalgar e saltar arroios a estar costurando diante a lareira, verdade? — Angela assentiu e Megan prosseguiu: — Se realmente o quer apaixonado, não faça o que está fazendo, ou sofrerá mais do que nunca chegaste a imaginar.

Angela sabia que Megan tinha razão. Durante um bom momento, esteve falando com ela e se desafogou. Contou-lhe do James, o que ouviu dizer a Augusta, e Megan blasfemou ao conhecer a verdade.

— Então, crê que devo tentar me aproximar outra vez dele?

— Sem dúvida alguma —assegurou Megan — Kieran é seu marido, não o da Susan, nem de nenhuma outra que se ache por aqui. Não esqueça.

Disposta a desprezar seus planos e tentar aproximar-se do homem que amava, foi mover se, quando a música se deteve e um homem pôs no centro do salão um *clarsach*.

De repente, todos os presente começaram a fazer coro o nome de uma mulher e Kieran, encantado, acompanhou a Susan Sinclair até onde estava o instrumento.

— Não me diga que também sabe tocá-lo — cochichou Angela.

— Sinto te dizer que sim e, além disso, embora seja muito tola, o faz muito bem — respondeu Megan.

— Insossa — sussurrou Angela, e ambas riram.

Susan, encantada de ser o centro de todos os olhares, sentou-se com paquera em um tamborete que lhe puseram, e retirou o cabelo do rosto. Sua beleza era tão impressionante, que a força de Angela se desvaneceu. Que fazia tentando competir com ela? Não tinha seu porte, tampouco seu cabelo como os raios do sol, nem sua cara angélica.

Ao compreender o que pensava, Megan sussurrou:

— Você tem outras qualidades. E se Kieran se casou contigo, e está tão apaixonado, como está, é porque as tuas são imensamente melhores que as dela. Isso nunca o esqueça.

— Obrigada por suas palavras — disse ela, sorrindo e voltando a respirar.

Alheia à conversação, Susan se esquentou as mãos, aquelas finas e delicadas mãos sem um só arranhão e, depois de piscar com picardia e graça, aproximou a pequena harpa celta ao corpo e, depois de uns toques, começou a cantar uma bonita canção.

O highlander e a plebeia

encontraram-se na feira
aos olhos se olharam
e já não se esqueceram.
Nobreza e cortesia
são suas armas e seu espinho
e o amor pela plebeia
destroçou sua vida inteira.
buscavam-se e encontravam
de noite e a manhã
e a esposa do highlander
inteirou-se daquele romance.
E se amaram em silêncio
até que se inteirou o povo
a plebeia foi expulsa
de seu clã e de sua casta.
E o cantam trovadores
aldeãos e senhores
o romance da plebeia
que ao highlander matou de pena.

Todo mundo a escutava encantado. Angela reconheceu que tinha uma bonita voz e, ao notar o olhar do Megan, sussurrou:

— Tem razão. Faz muito bem.

— Mas é insossa — apontou brincando a outra.

Cada vez que Susan terminava uma canção, as pessoas a animavam para que cantasse outra e outra e outra mais. Quando Megan retornou ao lado de seu marido, Angela decidiu falar com o Kieran e, aproximando-se dele, disse:

— Kieran, preciso falar contigo.

— Agora não. — respondeu sem olhá-la.

Angela suspirou. Sempre a mesma história... Quando ela queria falar, ele não queria fazê-lo, mas insistiu:

— Tenho que me desculpar contigo por...

— Chisssssss.

Molesta por sua atitude, perguntou:

— Importa-te se parto ao acampamento?

Kieran continuou sem olhá-la. Esforçou-se por não fazê-lo por mais que o desejasse. Claro que lhe importava que se fosse, deixaria de vê-la, mas sem apartar a vista da Susan, respondeu:

— Pode fazer o que te dê vontade, como leva fazendo toda a noite.

Angela se sentiu fatal. Megan tinha razão. Não devia ter feito aquilo. Foi ela quem começou e, aproximando-se dele, murmurou:

— Kieran, eu...

— Chiss, cala!, Susan está cantando e quero escutá-la.

— Mas...

— Pelo amor de Deus, te vai calar de uma vez? — grunhiu.

— Se tivesse uma espada, juro-te que te dava com o punho na cabeça, besta! — resmungou ela, zangada.

Os que estavam perto a ouviram e Kieran, consciente de como os outros homens o olhavam, vaiou com brutalidade:

— Te afaste de mim. Retorna ao acampamento se quiser e já falaremos quando voltar.

— Disse para me afastar de ti?

— Sim — resmungou Kieran, fora de sua razão.

Ela olhou-o furiosa e lhe reprovou:

— Prometeu-me que ninguém me faria mal está fazendo isso você.

Kieran a olhou e Angela, esquecendo-se do que falou com Megan, deu a volta e se encaminhou para a saída. Sem apartar a vista dela, Kieran amaldiçoou pelo que acabava de fazer. Ele tampouco estava bem. Ia mover se, mas a mãe da Susan, junto à Edwina, se aproximaram dele para consolá-lo pelo que ocorreu com a Angela. Kieran as escutou e, em silêncio, convenceu-se de que tornava a trocar os pés pelas mãos com sua mulher.

Megan, ao ver aquilo, foi atrás a Angela, mas seu marido a sujeitou pelo braço e sentenciou:

— Não é nosso assunto.

— Mas, Duncan, ela...

— Disse que não é nosso assunto.

Sem mover-se de seu lado, Megan soprou e, assim que viu a Iolanda, se aproximou e lhe comunicou que Angela partiu.

Ao inteirar-se, a jovem se angustiou e, olhando ao Louis, comentou:

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

— Acredito que é melhor que vá com ela.

Louis assentiu e, depois de olhar ao Kieran, que falava com gesto sério com a mãe da Susan, disse:

— Irei contigo.

Fora do castelo, vários highlanders olharam a Angela surpreendidos. Que fazia aquela bonita mulher só, de noite?

Sem reparar em seus olhares nem em seus obscenos comentários, ela prosseguiu seu caminho, afastando-se dali, até que ouviu dizer atrás dela:

— Preciosa Angela, por que te parte da festa?

Ao reconhecer a voz, parou-se e olhou para trás e, ao ver o Ramsey, respondeu com um meio sorriso:

— Estou cansada e prefiro me retirar.

Ele passeou seu olhar luxurioso sobre ela e murmurou:

— E seu marido não te acompanha e te deixa sozinha por este caminho escuro?

Consciente do olhar dele, Angela se alertou e respondeu:

— Kieran prefere desfrutar da festa um pouco mais.

— Ou possivelmente prefere desfrutar de outras, como Susan Sinclair.

— Isso não te incumbe — grunhiu molesta.

Ramsey deu um passo adiante e Angela para trás. Não havia quase ninguém a seu redor que a pudesse proteger e o homem disse:

— Se eu fosse ele, não te deixaria sozinha nem um instante. E mais — prosseguiu, rodeando-a — estaria desejoso de chegar a nosso leito para desfrutar de ti, de seu corpo e de sua doçura.

Incrédula por sua falta de decoro, olhou-o aos olhos e, pese ao aborrecimento que levava, repôs com tranquilidade:

— Meu marido não gostaria de escutar o que disse.

Ramsey sorriu e, agarrando-a da cintura para aproximá-la a ele, respondeu:

— Conheço bem a seu marido e sei o que gosta ou não.

— Me solte imediatamente.

— Está segura de que isso é o que quer, bela Angela?

Confusa e zangada consigo mesma pelo que deu a entender a aquele e a outros homens durante a noite, com um rápido movimento lhe golpeou com força na entre perna e, quando ele uivou de dor e caiu ajoelhado a seus pés, vaiou:

— Cuidado comigo, Ramsey Maitland. Eu não sou como outras mulheres.

E, sem mais, continuou seu caminho furiosa, enquanto Aiden McAllister, que via tudo, sorria.

Iolanda, que assistiu à cena de longe correu para ela e perguntou:

— Está bem? — Angela assentiu — Louis e eu te acompanharemos.

E, em silêncio, retornaram os três ao acampamento.

Capítulo 56

Quando chegaram ante a barraca, Angela, ao ver a boa harmonia da Iolanda com o Louis, sorriu e se desculpou. Logo comentou:

— Estou tão zangada por todo o ocorrido, que quando dormir vou dormir como um urso.

A jovem lhe sorriu e ela, depois de lhe piscar um olho, desapareceu depois do tecido da barraca.

Louis, não disposto a que a noite acabasse, disse, olhando a Iolanda:

— Gostaria de ver as estrelas?

Ela assentiu e o highlander, feliz, levou-a até um lugar de onde podiam admirar o firmamento. Durante um bom momento conversaram de coisas diversas, até que ele anunciou:

— Quereria te ensinar uma coisa.

— O que?

Louis, atirando dela, encaminhou-se para os cavalos, subiu ao dele e, lhe estendendo a mão, sussurrou:

— Para vê-lo tem que me acompanhar.

Iolanda parou a pensar. Devia confiar-se nele?

Duvidou uns segundos, mas finalmente, consciente de que Louis não lhe faria nada que ela não desejasse, deu-lhe a mão e se sentou diante dele. Logo açulou a seu cavalo.

Enquanto cavalgavam, Iolanda olhou a seu redor. Stirling, engalanado para a festa dos clãs, estava precioso. Sempre foi uma cidade muito bonita.

Uma vez a atravessaram, ela viu surpreendida, que foram a caminho do cemitério. Por que foram ali?

Ao chegar, Louis desmontou, depois de baixá-la e deixá-la no chão, perguntou:

— Dá-lhe medo os cemitérios?

Iolanda negou com a cabeça.

— Como dizia minha mãe, terá que temer mais aos vivos que aos mortos.

— Sábia mulher sua mãe — respondeu Louis sorrindo e, lhe agarrando a mão, acrescentou: — Veem comigo.

Entraram juntos naquele lugar onde reinava a paz e o silêncio e Iolanda, ao ver que se dirigiam para a tumba de sua mãe, inquietou-se, mas quando viu o que Louis lhe queria ensinar, as lágrimas se deslizaram por suas bochechas.

Ante ela viu a tumba de sua mãe limpa e arrumada. Toda ela estava coberta de flores e em uma cruz reluzente de madeira clara, tinha gravado seu nome: “Mary Anne”.

— Segui a Angela e a ti quando vieram. — Iolanda o olhou e ele prosseguiu: — E te ouvi dizer que era a tumba de sua mãe e seu nome. Tentei arrumar a sepultura tudo o que pude. Só espero que você goste.

Emocionada, Iolanda assentiu enquanto as lágrimas brotavam de seus olhos sem cessar. Aquele detalhe tão bonito e tão cheio de amor, lhe chegou ao coração e não podia falar, só chorar emocionada.

Louis, ao vê-la, não se moveu de seu lugar. Não queria abraçá-la para não assustá-la, mas então foi ela quem procurou proteção entre seus braços e murmurou:

— Obrigada... Obrigada... Obrigada.

Enternecido, o highlander a rodeou com seus braços e, depois de respirar aliviada ao ver sua aceitação, beijou-a na testa e murmurou:

— Embora saiba que Zac sabe e eu não sei o que te passou para que esteja sempre tão assustada, não sei como morreu sua mãe, nem por que estava sozinha naquele bosque, mas me deixe te dizer que, seja o que for, me pode contar e eu te escutarei e te ajudarei.

A jovem assentiu. Sem lugar a dúvidas, Zac guardou seu segredo, Louis era um bom homem e, lhe agarrando a mão, disse:

— Saiamos daqui.

Caminharam em silêncio e uma vez chegaram até o cavalo do Louis, Iolanda, olhando ao jovem aos olhos, murmurou tremendo:

— Me beije.

Ele a olhou confuso e não se moveu. Tinha ouvido bem?

Iolanda, ao ver que não se movia, insistiu:

— Me beije, Louis.

Esta vez, depois de esboçar um encantador sorriso, o guerreiro não o duvidou. Aproximou sua boca a dela, passeou os lábios por cima dos seus e, quando o calor e o tremor de seus corpos assim o exigiram, beijou-a com autêntica paixão.

Depois daquele primeiro beijo, chegaram outros, até que Iolanda, com um carinhoso gesto, beijou-o na ponta do nariz e sussurrou:

— Eu te gosto e sinto haver me comportado contigo com tanta dureza.

Incrédulo que aquilo estivesse passando, Louis a abraçou nervoso, disposto a defender a aquela jovem de tudo o que lhe pusesse por diante, e repôs:

— Você também eu gosto; sabe, verdade?

Ela assentiu e, sentando-se ambos sobre um tronco, disse-lhe, depois de lhe acariciar a bochecha:

— Pedi-te que me beije, se por acaso, depois do que te vou contar, não deseja voltar a fazê-lo.

— Por que diz isso? — perguntou ele, assombrado.

Iolanda, depois de tragar o nó que tinha na garganta, sem pressa, mas sem pausa, contou-lhe todo aquilo que sempre ocultou e que Angela e Zac conheciam. Ele a escutou sem trocar seu gesto e, quando acabou, o bravo highlander afirmou:

— Prometo-te que não sairemos de Stirling sem o pequeno Sean, e te exijo, se você assim o desejar, seguir recebendo seus beijos o resto de minha vida.

Emocionada, Iolanda se tampou a boca. Nunca pensou que um homem como Louis pudesse se fixar nela, e menos ainda, lhe dizer aquelas coisas.

— Quero te beijar o resto de minha vida — respondeu.

Capítulo 57

Quando Angela ouviu que Louis e Iolanda se afastavam, rapidamente trocou de roupa. Atirou o vestido ao chão e calçou suas botas, vestiu sua calça e a capa. Com rapidez, amontoou sobre sua manta a roupa que Kieran lhe deu e a moldou para que parecesse ela dormindo. Uma vez o teve tudo preparado, sussurrou:

— De acordo, Kieran. Afastar-me-ei de ti e de sua vida.

E, em silêncio, saiu da barraca. Essa noite, com a festa e a bebida, os highlanders não

estavam muito atentos. Assim, depois de pegar sua égua, afastou-se o mais depressa que pôde.

Encantados o um com o outro, Louis e Iolanda retornaram ao acampamento. Ao longe viram o grupo de amigos do Kieran com suas mulheres e, aproximando-se deles de mãos dadas, ele perguntou:

— Kieran segue na festa?

— Sim — respondeu Duncan, depois de cruzar um olhar com o Lolach.

— Conseguistes alcançar a Angela? — inquiriu Megan.

— Sim. Está descansando em sua barraca — respondeu Iolanda.

Nesse instante apareceram os Sinclair e Kieran com sua mãe: retornavam tranquilamente da festa. Megan, incapaz de ficar calada, gritou:

— As duas Sinclair são umas bruxas.

— Megan! — grunhiu Duncan, tentando segurá-la.

Mas ela se soltou de um puxão e acrescentou:

— Sei o que pensam ambas da Edwina O'Hara e só espero que tenham a decência de dizer-lhe à cara, em vez de cochichar a suas costas, como sempre fazem.

Ao ver que todos as olhavam, Augusta, levando as mãos ao peito, murmurou, vendo que Edwina sorria:

— Pelo amor de Deus, do que está falando?

Edwina, aproximando-se da jovem, com as mãos na cintura e disse:

— Tranquilize, Megan, estou inteirada de que me chamam "estalajadeira" e sei muito bem o que pensam de mim. Nunca me enganaram, embora assim acreditassem.

Augusta a olhou surpreendida e Edwina acrescentou:

— Nunca permitiria que meu filho se casasse com sua filha.

— Mãe! — gritou Kieran, que não entendia nada.

Megan, mais segura e convencida de que o que lhe contou Angela era verdade, prosseguiu:

— E também sei que o ocorrido com o Kieran no bosque, organizaram as duas. Pagaram ao mendigo e às prostitutas para...

— Mas o que está dizendo? — defendeu-se a mulher.

Kieran, surpreso, ia falar, mas Edwina, ao ouvir aquilo, amaldiçoou como um homem e vaiou:

— Isso sim que não lhes vou permitir, bruxas!

Susan, ao ver-se descoberta, olhou a sua mãe e a do Kieran, enquanto Duncan e Niall

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

falavam com o lorde e este assentia. Mas incapaz de ser sincera, a jovem perguntou:

— Mamãe, de que fala?

— Isso — disse Megan, pondo também as mãos na cintura — segue você assim. Mentirosa!

Ao se sentir o centro de atenção de todos, Augusta se tocou o pescoço e balbuciou:

— Não te-tenho nada... Nada que dizer — se defendeu.

Aldo Sinclair, ao cruzar um olhar com a furiosa Edwina, olhou a sua mulher e a sua filha e, com gesto sombrio, bufou:

— O que fizeram, pelo amor de Deus?

Molesta pela pouca vergonha daquelas mulheres, Megan olhou à delicada Susan e explicou:

— Ambas planejaram o que ocorreu ao Kieran, para que Angela culpasse a Susan diante de todos, e Kieran se zangasse com ela.

Incrédulo este olhou aquelas mulheres às que tinha tanto consideração e, baixando o tom de voz, vaiou:

— Fizeram isso?

— Mentira!

— Eu acredito — afirmou a mãe do Kieran — Sempre foram que atirar a pedra e esconder a mão.

Susan, nervosa, espetou:

— Mamãe, você disse que ninguém se inteiraria e...

— Susan, cala! — bufou Augusta.

— Como diria a mulher de meu filho — mofou Edwina — já podem tirar essas caras de insossas, que acabamos de pegá-las.

— Mãe!

Edwina sorriu e, assentindo com a cabeça, reconheceu:

— Filho, Angela é o melhor que te pôde desposar.

— Aldo, pelo amor de Deus, não acreditará o que insinuam? — choramingou Augusta.

— Olhe, senhora — prosseguiu Megan — procurarei o homem ao que pagou umas moedas e o demonstrarei.

— Eu sei quem é esse homem — afirmou Aston, aproximando-se.

— Estupendo! — exclamou Megan e, com gesto sério, acrescentou: — Asseguro que vão ficar diante de todos como o que são, umas más pessoas.

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Kieran, furioso pelo que acabava de descobrir, olhou ao Aldo Sinclair e expôs:

— Igual fez minha mulher, agora eu espero uma desculpa por parte de sua mulher e de sua filha para ela. — E olhando a Susan, acrescentou: — Nunca esperei isto de ti. Confiei em ti pondo em dúvida o que dizia minha mulher, e agora vejo que me equivoquei.

— Kieran, escuta, eu...

— Não, Susan. Não vou escutar-te, nem agora nem nunca — sentenciou ele, furioso.

Edwina, desfrutando com aquilo, olhou à mãe da moça e, com um gesto do mais arrogante, disse:

— Augusta, espero não voltar a ver nem a ti nem a sua filha por minhas terras nunca mais.

Aldo Sinclair, indignado pelo que elas duas fizeram, de maus modos, as agarrou pelos braços e, as olhando, resmungou:

— Vamos. A festa acabou.

Uma vez se foram, Megan olhou ao Kieran e este murmurou:

— Acredito que tenho que me desculpar com a Angela, verdade?

— Oh, sim, *meu céu*... Vais ter que fazê-lo — respondeu Megan com um sorriso.

Edwina, aproximando-se de seu filho, olhou-o com carinho.

— Alguma vez te disse que é tolo?

— A que te refere, mãe?

Edwina, lhe dando um suave tapa, respondeu:

— Não te ocorra perder a Angela por uma dissimulada como a Susan nem por nenhuma outra. Ao fim encontraste à mulher que te convém e que sabe te pôr em seu lugar.

— Já era hora — riu Gillian.

Ao ver o gesto de todos, finalmente Kieran sorriu. Angela era a única que importava nesse momento e precisava falar com ela urgentemente.

Quando entrou na barraca, e a viu, tombada na cama, ficou de joelhos e perguntou:

— Está acordada?

Ela não se moveu e, sentando-se no chão, Kieran se desculpou:

— Va, não atuei bem. Não te acreditei e ainda por cima te fiz pedir desculpas. — Ao ver que não respondia, prosseguiu: — O sinto, Angela. Sinto muito, *minha vida*. Quando vi a Susan me comportei como um parvo e agora entendo seu aborrecimento e o que me quiseste demonstrar na festa. De verdade está dormindo?

Esperou durante um momento e, ao ver que seguia sem responder, decidiu deixá-lo para o dia seguinte. Conhecendo a Angela, era o melhor.

Em silêncio, saiu da barraca e se sentou com seus homens junto ao fogo. Só desejava que amanhecesse para que ela despertasse e pudessem falar.

Capítulo 58

Angela galopava sem descanso.

Durante um bom momento não parou, até que a égua, cansada, diminuiu a marcha.

Na escuridão do vale onde estava, sentou-se no chão e, enquanto pensava no Kieran, olhava as estrelas.

Uma lágrima escapou de seus olhos ao pensar nele. E olhando o anel que ganhou dele e que usava, beijou-o e murmurou:

— Papai, tentei, mas não foi possível. Eu não sou seu amor.

Enquanto pensava para aonde dirigir-se, descartou a ideia de voltar para a Caerlaverock ou ir a Glasgow. Seriam os primeiros lugares onde Kieran, em caso de que a buscasse, iria. E disposta a afastar-se o máximo que pudesse dele, pensou em Newcastle, ali ninguém a buscaria.

Quando se levantou para prosseguir sua marcha, uma voz perguntou:

—Passeando pelo bosque outra vez?

Ao voltar-se, Angela se encontrou com o Aiden McAllister e sorriu. Este, desmontando do cavalo, aproximou-se dela e disse:

— Acredito que Ramsey Maitland ainda segue atirado no caminho.

— Mereceu, sem dúvida — afirmou Angela.

Isso fez rir aos dois e Aiden acrescentou:

— Além de bonita e tentadora, é perigosa.

De novo Angela sorriu e Aiden, aproximando-se dela, inquiriu:

— O que volta a fazer uma mulher tão bonita como você sozinha de noite?

— Dando um passeio.

Convencido de que mentia, respondeu:

— Angela, não deveria te afastar tanto do acampamento. — E ao ver que não respondia, sussurrou: — Não me diga que está fugindo do Kieran O'Hara.

Pensou em lhe mentir, mas já dava igual, por isso assentiu. Aiden, depois de soltar uma gargalhada excessivamente escandalosa, exclamou:

— Tornaste-te louca?

Molesta respondeu:

— Vamos ver, Aiden. Desde quando eu conto a ti meus planos?

— Kieran te buscará.

— Duvido-o, deixei-o muito feliz escutando cantar a Sinclair.

Ele voltou a sorrir e augurou:

— Kieran te encontrará.

— Suas últimas palavras foram que me afastasse dele.

Durante um momento falaram sobre o ocorrido na festa e Aiden lhe deu sua opinião. O que lhe dizia era o mesmo que Megan lhe disse, e quando Angela se cansou de escutar, cortou-o:

— Basta, Aiden. Não quero ouvir nada mais. O meu casamento com o Kieran se acabou.

Ele, aproximando-se um pouco mais a ela, sussurrou:

— Sabe? Eu adoro as mulheres.

— Sei. Kieran me disse isso.

— Disse-lhe isso?

— Sim, e inclusive me disse que te fixou em mim.

— Muito observador seu marido.

— Para o que interessa — se mofou molesta.

Sem apartar o olhar dela, Aiden assentiu e quando viu que Angela olhava as estrelas, disse:

— Agora que estamos aqui você e eu, e que me jura e perjuras que o teu casamento com o Kieran se acabou, quero que saiba que me parece uma mulher preciosa, uma mulher tentadora...

— Aiden McAllister — ela interrompeu — se não quiser ter problemas comigo como teve Ramsey Maitland, contém sua língua.

Ele soltou uma gargalhada e, com comicidade, cochichou:

— Angela... Assusta-me!

Aquele tom de voz tão baixo a Angela não gostou e quando foi desembainhar a espada, ele a agarrou e, lhe atando as mãos com uma rapidez que a deixou sem fala, disse:

— Não, preciosa, não. Não me vais atacar.

— Maldito seja, Aiden, me solte!

—Não.

Zangada, vaiou:

— Quando se inteirar Kieran te matará!

— E como vai se inteirar se acabar de dizer que não vai te procurar? — perguntou

divertido.

Zangada por ter sido sincera com ele, resmungou:

— Devia deixa-lo morrer aquele dia ante os lobos.

— Certo. Devia.

Depois de atar sua égua a seu cavalo, Aidan subiu a Angela e, quando ele montou ela também tentou golpeá-lo, sujeitando-a de novo, expôs-lhe:

— Tem duas alternativas, preciosa Angela: ir com dignidade sobre o cavalo ou ir sem dignidade de barriga para baixo. Você decide!

— Não te atreverá.

Aiden assentiu com gesto malicioso e Angela sussurrou:

— Quando me soltar, juro que te matarei!

— Volta a me assustar, preciosa Angela.

Divertido e sem lhe preocupar os impropérios que saíam da boca dela, lançou-se ao galope. Gostava daquela mulher, e devia empreender a marcha o quanto antes.

Capítulo 59

Kieran estava pensativo, junto ao fogo, depois de todo o ocorrido. Não encontrava quietude. Precisava falar com a Angela, desculpar-se com ela uma e mil vezes e saber que entre eles tudo estava bem. Por isso, levantando-se, caminhou para sua barraca e ao entrar disse:

— Angela, acordada.

Não viu que se movesse e, aproximando-se um pouco mais, insistiu:

— Angela... Tenho que falar contigo.

Nada. Nem um movimento.

— Angela...

Essa quietude o alertou e ao agachar-se e tocar o que supostamente era seu quadril, blasfemou, ao descobrir que aquilo era um fardo de roupa, e que ela não estava ali.

Saiu como um louco de sua barraca e correu para a dos McRae.

Niall e Duncan, que estavam junto ao fogo, ao ver que se aproximava se levantaram. Kieran lhes perguntou:

— Onde está?

Esta tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis

Os dois irmãos se olharam e soltaram uma gargalhada.

— Não me diga que tornaste a perder a sua mulher — se mofou Duncan.

E Niall, sorrindo, murmurou:

— Kieran... Kieran... Acredito que...

Sem vontade de rir, este os empurrou e exigiu nervoso:

— Me digam. Está aqui minha mulher?

Os McRae negaram com a cabeça e com desespero Kieran vaiou.

— Deus, partiu!

Duncan e Niall se olharam e Kieran, ao entender que ali não estava, foi correndo até onde estavam os cavalos. Não podia ter ido muito longe. Mas de repente, o galope de um cavalo chamou sua atenção e ficou duro ao ver o Aiden McAllister com sua mulher amarrada.

Sem entender nada, Kieran cravou a vista neles até que Aiden deteve a montaria diante dele e falou:

— Acredito que perdeste algo, verdade, O'Hara?

— Você o que crê? — perguntou ele, olhando a Angela.

Esta, zangada por estar ali de novo, olhou ao Aiden e vaiou:

— Idiota... Como te ocorre me trazer aqui?

Ele, com um sorriso brincalhão e sem lhe fazer caso, explicou:

— Encontrei-a longe daqui e imaginei que não quereria perdê-la, não é assim?

Kieran assentiu e o outro baixou, com delicadeza, a Angela do cavalo.

Ela, ao pôr os pés no chão, olhou-o e gritou zangada:

— Aiden McAllister, juro que te buscarei e te matarei!

— Esperar-te-ei ansioso, preciosa Angela — respondeu, rindo divertido.

Logo desatou a égua da Angela de seus arreios, entregou as rédeas ao Kieran e, quando deu meia volta para ir-se, este o chamou:

— Aiden.

Ele se voltou e Kieran, olhando-o com avaliação, disse:

— Obrigado. Muito obrigado por me devolve-la sã e salva.

O jovem sorriu e, depois de assentir com a cabeça, afastou-se a galope.

Assim que ficaram sozinhos, Kieran olhou a Angela e lhe perguntou:

— Quando vais deixar de fugir de mim?

Ela não respondeu e ele insistiu:

— Aonde foi?

Sem vontades de responder a suas perguntas, estendeu-lhe as mãos e pediu:

— Me desate, por favor.

Ele o fez rapidamente. Quando ela teve as mãos livres, agarrou as rédeas de sua égua e Kieran, sujeitando-a, reconheceu:

— Quero-te, não vá.

Ouvir isso a fez dar um coice, mas sem olhá-lo, repôs:

— O nosso casamento nunca funcionará, Kieran. Somos muito diferentes. Seu lugar está junto à Susan Sinclair ou qualquer mulher da festa.

— Angela...

— Não quero falar contigo.

— Angela — insistiu. — Me olhe.

De costas a ele, ela fechou os olhos. Ao vê-lo novamente, diminuía-lhe a força que ela estocou para partir. Ir agora seria mais difícil, mais complicado. Kieran insistiu com voz pausada:

— Por favor, *meu céu*, me olhe.

— Não... Não... Não... Não me diga isso — gemeu.

— Só você, é e será sempre meu céu, já esqueceste?

Ela se tocou a testa com mão tremente.

—Suplico-lhe isso, Angela, me olhe.

Incapaz de não fazê-lo, finalmente deu a volta e enfrentou seu olhar. Kieran, sem perder um segundo, aproximando-se dela com delicadeza, emoldurou lhe o rosto com as mãos e murmurou:

— Quero-te, *minha vida*. Necessito-te a meu lado, e o fato de te perder faz que me rompa o coração. Necessito-te. Meu exército, minha força, é você.

— Kieran, não... não me diga isto agora. Agora não.

— É a luz de minha vida, sei que não lhe disse todas as vezes que o quiseste escutar, mas necessito que saiba que é assim.

— Não, Kieran... não siga.

— Escuta, *meu céu*, não me posso permitir te perder. Eu sou seu *carinho* e você é *meu céu* e aonde você vá eu irei. Meu lugar está junto a ti, ainda não te deu conta?

Perdendo-se em seu olhar, Angela negou com a cabeça. Mas ainda furiosa por todo o ocorrido, protestou:

— Isso o diz agora. Mas amanhã, quando Susan o...

— Já sei que foram ela e sua mãe que orquestraram o que me ocorreu no bosque. Peço-te

perdão por não te acreditar e por te obrigar a se desculpar. E te juro por minha vida que as duas lhe pedirão, agora, desculpa a ti e não voltarei a desconfiar de sua palavra.

Surpreendida, abriu muito os olhos, mas negando de novo com a cabeça, disse:

— Isso já dá igual, Kieran. Você me disse que é um homem que não quer ataduras, que você gosta de sua liberdade e... E... Amanhã, quando vir a outra bonita mulher, voltará a pensar nela e a te esquecer de mim e eu não quero sofrer mais por amor.

— Não, carinho, isso não ocorrerá nunca mais — insistiu doído — Porque já me dei conta de que só você, tem o sorriso mais bonito que verei em minha vida, que só você, tem os olhos mais espetaculares que jamais me olharão, que só você, sabe me voltar louco de paixão e que só você, é a mulher com a qual quero passar o resto de minhas noites e meus dias.

Os olhos da Angela se encheram de lágrimas, sem dúvida Kieran sabia convencê-la, e quando estas começaram a rodar por suas bochechas, confessou:

— Odeio chorar.

— Sei, *minha vida*. Sei.

— Odeio me sentir feia ante as mulheres com as que estivera.

Ao ouvir isso, Kieran se sentiu um parvo e replicou:

— Você é muito mais bonita que todas elas, tão por dentro como por fora.

— Mente. Vejo como olha a Susan e... E...

Agarrando a pela cintura, para tê-la mais perto, ele sussurrou, aspirando ao aroma da única mulher que queria a seu lado.

— Nenhuma delas me importa, porque só tenho olhos para ti, meu amor, e se não tivéssemos seguido esse tolo jogo no baile dos clãs, teria te dado conta. — Angela o olhou e ele murmurou: — Te olho com mais intensidade porque te quero. Olho-te com adoração, porque te adoro. Olho-te com ternura, porque não posso viver sem ti, e te asseguro que a partir deste momento, meus olhos, minha vida e meu coração são somente teus e poderá fazer com eles o que queira.

Boquiaberta, Angela sorriu e disse:

— Não me tente, O'Hara... não me tente.

Kieran, ao ver seu sorriso, cheio de amor como nunca em sua vida, afirmou:

— Sou teu. Não me deixe nunca e faz comigo o que queira.

Secando as lágrimas, Angela sorriu e perguntou:

— O diz a sério?

— Totalmente a sério, *meu tesouro*.

Apaixonada por aquelas palavras, aproximando-se de seu marido, beijou-o. Aquele tenro momento e aquela doce declaração de amor, eram o que precisava escutar. Kieran, a sua maneira, a seu modo, dizia-lhe sempre impressionantes palavras, para fazê-la se sentir especial e uma vez mais conseguiu.

Encantado, ele a beijou uma e mil vezes e quando se separou dela, sem olhar atrás, disse, ao ver a face divertida de sua mulher:

— De acordo, Megan, Gillian, já podem lhe falar.

— Pelo amor de Deus, Kieran — riu Megan — Acaba de terminar com o açúcar de toda Escócia.

— Incrível, Kieran... Incrível! — aplaudia Gillian.

Edwina, que também presenciou tudo, disse emocionada:

— Seu pai era igual. Por isso me apaixonei. — E, olhando Angela, acrescentou: — Querida nora, é um prazer te abrir as portas de minha casa e de meu coração e, como diz meu filho, não nos deixe nunca.

Duncan e Niall não paravam de rir, acima de tudo, pelo que tinham ouvido. Seu bom amigo *caiu na magia do amor* como ele sempre dizia quando ria deles, e Iolanda e Louis, felizes, aplaudiam conscientes de que, por fim, aquilo era o princípio de uma nova vida para todos.

Kieran, depois de piscar um olho a sua mais que feliz mãe, apaixonado, enfeitiçado e louco por sua mulher, levantou-a entre seus braços a pesar de todos os que os olhavam e a levou a sua barraca em busca de intimidade. Sem solta-la de seus braços, murmurou fazendo-a rir:

— Sou teu. Faz comigo o que queira.

Angela, feliz e encantada, depois de passear sua boca pelos fabulosos lábios do homem que amava a cima de tudo e que disse as coisas mais maravilhosas do mundo, murmurou:

— Kieran O'Hara, me beije.

Epílogo

Kildrummy, um ano e meio depois

Angela acabava de abrir uma carta e o que leu a zangou.

Precisava contar ao Kieran e foi em sua busca. Ao entrar no salão, Edwina, que estava ali

com o pequeno Alex, ao vê-la perguntou:

— Ocorre algo, filha?

Com um sorriso forçado para não preocupá-la, aproximou-se até seu pequeno filho e, agarrando-o, beijou-o enquanto perguntava:

— Como está meu gordinho? — O pequeno sorriu e ela acrescentou: — Mamãe vai te encher de beijos.

Alex era ruivo como ela, com os olhos azuis de seu pai. Era um menino gordinho e divertido, que estava acostumado a passar grande parte do dia sorrindo. Depois de lhe fazer várias bajulações mais, Angela se voltou para sua sogra e inquiriu:

— Onde está Kieran?

— Ouvi que estava com o Zac nos estábulos.

Sem perder um minuto, Angela recolheu as saias e correu para lá. Ao chegar, cruzou-se com o Louis, que, ao vê-la, comentou lhe:

— Iolanda quer que vá lá em casa. Fez seu famoso bolo de arándanos.

Angela lhe acenou e, lhe tocando a cabeça ao pequeno Sean, disse:

— Diga a sua irmã que me guarde uma boa parte.

Louis, subindo ao pequeno aos ombros, correu com ele para a casa. Iolanda e o menino eram toda sua vida.

Ao entrar nos estábulos, Angela sorriu ao ver o Kieran. Ali estava, junto ao Zac.

Ao vê-la, seu marido lhe piscou um olho e, abrindo os braços para recebê-la, exclamou:

— Que agradável visita, *tesouro*.

Angela o abraçou e, depois de beijá-lo, deixou a carta sobre uma mesa e disse:

— Estou muito zangada.

Zac, olhando a seu amigo, levantou as sobrancelhas. Kieran murmurou:

— Isto cheira a problemas.

Angela assentiu e, com as mãos na cintura, anunciou:

— A carta é da Sandra.

Ante a menção desse nome, Zac sorriu e disse:

— Morro por ler essa carta.

— Sandra vem de visita a Kildrummy no final de ano — explicou Angela sorrindo.

— Bem! — aplaudiu Zac.

Ver aquela jovem era o que mais queria no mundo.

Mas Kieran, pelo gesto de sua mulher, sabia que isso não era tudo e, efetivamente,

acrescentou:

— Ao que parece se comprometeu!

— Como? — perguntaram ao uníssono Zac e Kieran.

Tão incrédula como eles pela notícia, prosseguiu:

— Conforme conta na carta se trata de um endinheirado lorde inglês que sua avó lhe impôs...

— Quando disse que vem? — perguntou Zac com gesto sério.

— Para o final de ano.

O jovem assentiu e, sem dizer nada mais, saiu do celeiro.

Kieran, ao vê-lo, olhou a sua mulher e comentou:

— Muito desgosto acaba de lhe dar...

— Sei, mas quanto antes saiba, antes o digerirá.

— Ou antes fará algo para evitar esse enlace — se mofou Kieran.

Angela sorriu. Sem dúvida o que pretendia era o segundo e seu marido, olhando-a, disse divertido:

— *Meu céu*... te conheço. — Continuando, abraçando-a murmurou, afundando o nariz em seu pescoço: — Eu gosto que ponha as joias de sua mãe.

Ela se tocou o pescoço sorrindo. Levava um dos colares que Kieran conseguiu resgatar dos prestamistas de Edimburgo.

— Esta noite te quero nua em minha cama só com esse colar posto.

Divertida, assentiu e cochichou:

— *Carinho*, se me faz elogios, não posso te dizer não.

E se beijaram. Depois de retornar da festa dos clãs de Stirling, sua vida melhorou e, completo o prazo da união de mãos, Kieran organizou uma festa por todas as Hailanders, que as Sinclair ainda deviam estar lamentando.

Depois de vários beijos, que não só esquentaram o coração de ambos, Angela, querendo voltar para tema que a levou ali, perguntou:

— Crê que Zac fará algo para impedir essas bodas?

Aspirando o doce perfume de sua mulher, Kieran assentiu.

— Pressinto que para final de ano, ou possivelmente antes, vamos ter festa.

Angela aplaudiu pelo que podia supor para sua amiga Sandra e ele, divertido por aquele sorriso tão bonito, murmurou quando lhe propôs, com gestos, ir ao fundo dos estábulos:

— Mas que descarada é *meu carinho*.

Fascinada pela paixão que viu em seu olhar, Angela sorriu e deixando-se beijar com todo o amor que aquele maravilhoso homem lhe demonstrava, afirmou:

— Sei e eu adoro saber que você gosta.

Incentive os revisores contando no nosso blog o que achou da história do livro.

http://twtalionis.wordpress.com/

Todos os arquivos aqui postados são para leitura pessoal.

É proibido postar e/ou anexar nosso conteúdo em outros blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.

Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.